

Deusa da Discórdia

Livro I

Iuri Tato Piragibe

iuri@piragibe.com.br

1^a edição

2025

Rio de Janeiro – Brasil

| | |
|---|-----|
| PREÂMBULO — SISTEMAS | 4 |
| PRÓLOGO | 2 |
| PRIMEIRA DANÇA: DEUSA DA DISCÓRDIA | 4 |
| PARTE 1 — PILAR | 4 |
| PARTE 2 — EXAME | 12 |
| PARTE 3 — CONEXÕES..... | 23 |
| PARTE 4 — OBSTÁCULO | 38 |
| PARTE 5 — FUGA..... | 47 |
| PARTE 6 — SISTÊMICO | 59 |
| PARTE 7 — COLAPSO | 67 |
| Cartilha Secreta para a Dança dos Ratos | 76 |
| PARTE 8 — QUEBRA DE LOCALIDADE | 89 |
| PARTE 9 — EXAME II | 100 |
| PARTE 10 — AUSÊNCIA..... | 117 |
| PARTE 11 — SKY INC. | 138 |
| PARTE 12 — CONSEQUÊNCIAS..... | 155 |
| PARTE 13 — APROVAÇÃO | 165 |
| SEGUNDA DANÇA — DEUSA DO MAR..... | 173 |
| PARTE 14 — COLAPSO II..... | 174 |
| PARTE 15 — FUNDAÇÃO | 185 |
| PARTE 14 (2)..... | 190 |
| PARTE 15 — GUARDIÃO | 205 |
| PARTE 16 — ASCENSÃO | 227 |
| INTERLÚDIO — INCONSCIENTE COLETIVO | 242 |
| INTERLÚDIO II | 247 |
| PARTE 17 — REENCONTROS | 249 |
| PARTE 18 — 1 | 289 |
| PARTE 19 — FRAGMENTAÇÃO | 292 |
| COLISÃO | 301 |
| PARTE 20 — REVOLUÇÃO DOS BICHOS | 313 |
| PARTE 21 — CONSEQUÊNCIAS..... | 318 |
| INTERLÚDIO | 320 |
| TERCEIRA DANÇA - DEUSA DA FERTILIDADE | 323 |

| | |
|--|-----|
| PARTE 22 — REFÚGIO..... | 327 |
| PARTE 23 — AFICCIÓNADO | 345 |
| PARTE 24 — TRANSIÇÃO | 348 |
| PARTE 25 — MAQUINAÇÕES | 359 |
| GRAY - CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ORGANIZAÇÕES DE PESQUISA | 371 |
| PARTE 26 — FUNDAÇÃO..... | 375 |
| PARTE 27 — PROTOCOLO SRAKNOVA | 387 |
| PARTE 28 — DEGENERADOS | 402 |
| PARTE 29 — ESTRUTURAL | 422 |
| PARTE 30 — CERCO..... | 431 |
| PARTE 31 — LUTO | 462 |
| FINALE — PALÁCIO..... | 474 |
| EPÍLOGO..... | 479 |

| Nome | Descrição |
|---|--|
| San-Lehan (“San”) | Astrofísico-oráculo da Estação Éris; enxerga equações como visões místicas enquanto o caos orbita. |
| Faced | Ex-tenente logístico, agora enfermeiro orbital; bombeiro de crises técnicas e emocionais, guardião de San e Remi. |
| Remi | Gato temperamental criado em gravidade zero; bússola ética da tripulação, miados mais eloquentes que relatórios. |
| Orwell Matthew | Repórter decadente sugado para uma conspiração quântica; luta para narrar a própria vida antes que ela seja reescrita. |
| Mira Wallow | Diretora Orbital da EEE — prodígio; aparência anódina, mente serrilhada. Usa empatia como bisturi. |
| Ellian E. Taylor | Demiurgo jovem dos aceleradores; narcisista que trata pessoas como variáveis de equação. |
| Jaques | Herdeiro bilionário e cientista dilettante; pesquisa por tédio e faz do tédio um armamento filosófico. |
| Pol Libberman | Montanha de músculos e princípios; diretor-científico da GOES, ingenuidade obstinada e coração de chumbo aquecido. |
| Cathy (Dra. Catherine E. Salles) | Psicóloga-coreógrafa do caos; dirige a Dança dos Ratos com cigarro e tédio homicida. |
| Sentinela | Entidade cinzenta de sorriso morto; violador mental que manipula psiquês como marionetes de carne. |
| General MDK | Quatro-estrelas calculista; aposta vidas como fichas de pôquer interestelar. |
| Will | Diretor ambivalente da Fundação Nova; carrega um voxel de sucessão e uma dor de cabeça chamada Cathy. |

| | |
|---------------------|---|
| Usif Fuschia | Diretor de Planejamento boca-suja; inimigo jurado das “loucuras operacionais” de MDK. |
| Gray | Novo Diretor Político; gravata imaculada, prefere likes a míseis. |

PREÂMBULO — SISTEMAS

“A verdade não é sempre bonita, mas a beleza está na desordem.” — Jaques, 2125



- O que...? Gato flutuante?
 - Anomalia! Alguém segura, rápido!
 - Está mexendo nos equipamentos. Desliga tudo.
 - Não dá! O console não obedece.
 - A coisa tá envolvendo o Mikel!
 - Isso não é possível. Alguém ligue para a central.
- As luzes apagaram. Mikel foi envolvido por uma bola de matéria primordial.

O gato soltou um miado melancólico, o olho esverdeado piscou e a anomalia desapareceu, junto de Mikel, sem deixar rastros.

Sarin observava de longe. Nem um pouco entretida. Isso já estava passando dos limites. Teria que falar com San o quanto antes. Até encontrar ele, só teria companhia de um carrancudo caolho, dentro do Palácio.

“A verdadeira evolução surge quando aceitamos que a ordem é apenas o véu de um caos maior, revelando padrões que insistimos em negar — e encontrando, nessa tensão, o impulso para romper velhos paradigmas.”

PRÓLOGO

SEIS DE JANEIRO DE 2125 – 01:00

[SAN-LEHAN]

Éris, um planetóide esquecido nos confins do sistema solar. San-Lehan acordou bruscamente. Gotas de suor frio flutuavam ao redor do seu rosto pálido, e uma única palavra escapou de seus lábios trêmulos:

“Sraknova.”

Uma única palavra rasgou a física, empurrou a humanidade na instabilidade e reescreveu o cosmos.

[BASE GOES]

Na terra, dentro do centro de operações GOES, um painel indicava — **Assembleia extraordinária em andamento.** — Quatro pessoas discutiam os relatórios recebidos por Éris.

Uma quinta cadeira, vazia. Alguém sugeriu fazer uma queima completa de arquivos. Outra voz rebateu em contestação.

Abriram votação para apagar todos os dados e sumir com as informações. Empate. Todos deixaram a audiência insatisfeitos.

Assim que a reunião terminou, o General MDK fez três chamadas rápidas. Gray, diretor político da GOES, manteve-se a distância, fingindo desinteresse enquanto vigiava o general.

Do outro lado do voxel chegavam apenas ruídos: Gray não conseguia entender quase nada. Encarar MDK por muito tempo chamaria atenção — era preciso manter o equilíbrio — desconfiar, mas nunca o bastante para parecer uma ameaça.

Mesmo assim, lendo-lhe os lábios, consegui captar alguns fragmentos soltos.

— Terrorismo... — ...Mithrill Inc... — ...REX... denúncia...

— ...vazar para a imprensa... — ...fantasma de Sraknova...

Gray levaria alguns dias para ligar todos os pontos. Até lá, seguiria monitorando cada passo do General. De relance, ainda reparou num fichário sobre a mesa de MDK: “Sky Inc.”

[WILL]

Ao mesmo tempo, em uma instalação secreta na Fundação Nova, Will encarava uma tela voxelgráfica exibindo um padrão caótico de partículas entrelaçadas. Uma mensagem piscava em vermelho, exigindo confirmação imediata:

“ANOMALIA DETECTADA – ALERTAR IMEDIATAMENTE TODOS OS PROTOCOLOS SRAKNOVA”.

Will hesitou por apenas um segundo antes de apertar o botão de confirmação.

O universo parecia ter decidido que era hora das engrenagens se encaixarem, não importando quantas vidas fossem esmagadas no processo.

Do outro lado da tela, um temporizador contava regressivamente. T—3652D : 0H : 0S — 10 anos.

Em algum lugar entre as estrelas, uma equação colapsava.

E em algum canto sujo de uma cidade decadente, uma candidata errava o nome do próprio planeta.

O universo gira em silêncio. Mas a engrenagem humana range — pequena, imperfeita, insistente.

Nada grandioso começa grandioso.

Às vezes, começa com uma avaliação escrita e uma sala sem ventilação.

PRIMEIRA DANÇA: DEUSA DA DISCÓRDIA

PARTE 1 — PILAR

1.1 SAN-LEHAN — ESTAÇÃO ORBITAL ÉRIS¹

SEIS DE JANEIRO DE 2125 — 00:00

Estalos metálicos, ventoinhas agressivas e o próprio ranger de uma estrutura que se queixa da força exercida sobre si mesma permeiam o ambiente.

San-Lehan tentava apreciar o prazer de flutuar no vácuo, em meio aos protestos de uma petulante estação que implora o próprio abandono.

Se pudesse filtrar a mal-humorada estrutura cinzenta ao seu redor, bastaria levantar os pés do chão e perder o senso de direção — deitado ou em pé, não faria diferença. Qualquer lugar poderia ser uma cama... Ou um útero materno.

Clamava para que estações espaciais fossem equivalentes ao que era mostrado em filmes: absoluto... silêncio.

Prestes a adentrar o estado meditativo, um novo sistema foi acionado — um pulsar líquido através das tubulações iniciou o ciclo de reciclagem de água. Do outro lado, o bater da lataria solta dos sistemas de HVAC² e compressores velhos ecoava ao longo de toda a estrutura da querida Estação Éris.

Consigo abstrair você, Éris. Isole os sons. Flutue no centro do quarto. Largue todas as âncoras e aproveite o vazio. Basta concentração absoluta — pensava San-Lehan.

Para um novato em gravidade zero, o que San fazia seria desesperador. Perder-se-ia em pânico, em sensações claustrofóbicas, por mais contraditório que parecesse. Talvez o gatilho fosse a incapacidade de se ancorar, fazendo com que o hipotálamo registrasse

¹ Éris = planeta anão localizado além da órbita de Netuno, na periferia do Sistema Solar. Descoberto em 2005, Éris é semelhante em tamanho a Plutão e seu nome homenageia a deusa grega da discordia. Sua descoberta foi um dos principais motivos para a reclassificação de Plutão como planeta anão.

² HVAC = sigla em inglês para *Heating, Ventilation and Air Conditioning* — sistemas de climatização, ventilação e filtragem essenciais para a manutenção de vida em ambientes fechados, especialmente no espaço.

estar preso em algum lugar apertado, mesmo que o ambiente fosse amplo. As reações sempre eram hilárias.

Hoje não havia nenhum novato para entreter os espectadores. Apenas San-Lehan, flutuando nu no centro do quarto. Com as pálpebras fechadas, cabelo flutuante, o corpo esguio arqueava a coluna parcialmente para trás, como se se debruçasse de costas na beirada de um colchão. Era uma visão quase renascentista.

Parecia ter nascido para a gravidade zero desde o primeiro momento em que experimentara a sensação.

San suprimiu um sorriso de canto de boca e continuou sua meditação flutuante, como se estivesse dormindo.

Um observador externo, parado na porta, apreciava a cena — apenas assistia ao enigmático homem flutuando, com certo receio de chamar sua atenção e perturbar o processo. Quando achasse conveniente, San abriria os olhos... Eventualmente.

Analisou as deformidades espalhadas pelo corpo de San. Nunca entendeu ou pediu explicações sobre o que eram.

O corpo exibia uma sequência de orifícios oclusos, perfeitamente circulares, cravejados como anomalias de nascença — cada um deles com bordas ligeiramente rugosas, em tom pálido-amarelado, lembrando tecido queimado ou a crosta de uma ferida antiga. Não eram meros furos: atravessavam a carne de lado a lado, revelando túneis escuros e assombrosos, fundos o bastante para engolir a luz. A pele ao redor parecia sempre tensionada, como se lutasse para se fechar, mas tivesse falhado, formando pequenas crateras orgânicas — aberturas vazias que expunham camadas internas e um vazio impossível de ignorar.

Dispostos simetricamente — um em cada braço e antebraco, coxa e sobrecoxa, e outro central, logo acima do umbigo —, lembravam um padrão ritualístico. A visão de todos alinhados, atravessando o corpo como uma série de bocas famintas, provocava náusea involuntária: não era apenas a ausência de carne, mas a impressão de que algo faltava no próprio mundo, uma falha de continuidade, um erro de fábrica na anatomia.

O quarto assobiava em frequências disformes conforme a circulação do ar ambiente transitava através dos orifícios. Uma flauta humana que emitia sons desconcertantes quando exposta. Perturbador para outros, mas ruído meditativo para San.

O observador sabia que San já notara sua presença, mas permaneceu em silêncio. Era a cena de um teatro em que o amigo fingia estar alheio, para passar a impressão de que pensava que o colega ainda estava dormindo.

Essa era uma dinâmica recorrente e constante entre os dois. Teoria dos Jogos³ aplicada. Uma maneira de passar o tempo, quem sabe...

Qualquer um não-disruptivo certamente não veria sentido nesse tipo de interação.

Nem mesmo a presença de outros poderia suavizar a verdade — *isolados numa estação esquecida, no extremo do sistema solar, eram apenas ecos perdidos no silêncio cósmico.*

1.2 ORWELL — TRÊS DIAS ANTES

TRÊS DE JANEIRO DE 2125 — 09:05

— Ei, espera um segundo. Eu não quis ofender! Foram só cinco minutos de entrevista! — exclamou Orwell, para o homem de terno que se afastava em passos rápidos e furiosos.
— Escuta aqui, seu fedelho, entrevistador medíocre de tablóide de segunda categoria. Vou garantir que você nunca mais consiga trabalho nesta cidade. Marque minhas palavras: você está acabado — disse o Senador Alec Zhu, sem diminuir o ritmo.

Orwell, microfone em punho e seguido pelo cinegrafista, rebateu com a voz trêmula:
— Isso foi uma ameaça, Senador?
— Você é surdo? Não foi uma ameaça. Foi uma promessa — replicou o político antes de recomeçar sua marcha para fora do estúdio.

Zhu gesticulou algo para a equipe que aguardava na porta, e seus seguranças rapidamente bloquearam o caminho do entrevistador que o perseguia.

Orwell nem tentou burlar as figuras imensas de óculos escuros que pairavam à sua frente. Seu porte pequeno não possibilitava chance alguma contra aqueles colossos. Simplesmente desistiu e retornou cabisbaixo para a poltrona onde realizara a entrevista, permitindo-se ao pequeno luxo de afundar no tecido macio enquanto fechava os olhos por alguns segundos.

³ **Teoria dos Jogos** = campo da matemática aplicada que estuda estratégias e decisões entre agentes em ambientes competitivos ou cooperativos. No contexto do livro, refere-se às dinâmicas psicológicas e sociais entre os personagens.

Merda. Merda. Merda. — Era tudo que ecoava em sua mente.

Com a vida de ponta-cabeça e a carreira por um fio, a última coisa que precisava era ter arruinado a entrevista da maneira grotesca que fez. Questionava-se como havia se mantido na profissão por tanto tempo — nessa altura, nem mesmo merecia o título de jornalista. Talvez fosse mesmo um rato de tablóide de segunda categoria.

Aproveitou o momento para se imaginar aos pés de um palanque, concorrendo aos maiores prêmios da categoria. Aquela fantasia era o mais perto que chegaria disso. Sonhos.

O cinegrafista, constrangido, observava em silêncio. Sabia que Orwell precisava de um instante, por mais breve que fosse, para se lamentar. Porém não conseguia deixar de se questionar o que havia passado na cabeça de Orwell, para entrevistar um dos políticos mais metódicos do país, trajando uma camisa social amassada — com a qual provavelmente dormira — e exibindo o pouco cabelo que lhe restava, despenteado, brilhando oleoso como quem não se lavava há dias.

Quando o cinegrafista decidiu que era o suficiente, tossiu duas vezes para chamar a atenção do colega.

— Vou indo então. Te envio a gravação por Link?

Orwell sequer abriu os olhos, apenas ergueu e balançou um braço na direção do assistente, como se o abanasse para longe.

— Oooook então. Qualquer coisa me dê um aviso. Sucesso aí.

Não soube por quanto tempo permaneceu na mesma posição, de olhos fechados. Talvez tenha adormecido, ou apenas meditado por um período indeterminado, lamentando o próprio fracasso. Foi despertado por um zelador varrendo próximo aos seus pés, certamente com o propósito de expulsá-lo.

— Estamos fechando. Se não quiser passar o fim de semana preso aqui no estúdio, recomendo tomar teu rumo.

Orwell apenas balbuciou algo enquanto se erguia, ainda perdido no estado entre sonho e realidade. Seguiu para a rua, tentando se situar no tempo-espacô. Já estava anoitecendo... E o cinegrafista ainda por cima havia se mandado. Era sua carona para casa.

— Canalha.

Buscou nos bolsos do sobretudo algum trocado para pegar o transporte público, mas encontrou apenas algumas moedas. Teria que pagar com seu Link. Nunca gostou de usá-lo para qualquer transação — tudo era rastreado, embora o Governo jamais admitisse.

Todos tinham o sensor instalado ao nascer. Na sua época, ainda era uma haste flexível quase do tamanho do dedo do recém-nascido, inserida como uma agulha grossa a partir da extremidade do indicador, alojando-se dentro dos ossos ainda maleáveis do bebê.

Já imaginou o trauma? Sair de tudo que conhece como existência — aquecido, alimentado, suprido de nutrientes e oxigênio através de um cordão umbilical — para ser jogado no frio, ter sua linha vital cortada e, em seguida, ainda enfiar uma agulha nos ossos da mão. Não deveria ser a sensação mais agradável do mundo. Talvez servisse como presságio da merda que aguardava a existência humana nessa nova realidade.

Orwell deu de ombros — não se lembrava dessa época mesmo. Que se fodam os recém-nascidos.

Hoje era mais simples: bastava um pulso eletromagnético perto da cabeça de um recém-nascido, reorganizando conexões específicas no cérebro para criar uma assinatura neuronal única. Essa assinatura funcionava como uma impressão digital elétrica, permitindo identificar qualquer indivíduo por meio de um simples scan.

O sistema em si era... genial. Atualmente usado para todo tipo de transação: comercial, fiscalização, identificação, transporte, pagamentos. A criadora foi ovacionada, agraciada com o Nobel e teve o nome marcado para a eternidade.

Orwell ainda acreditava que, algum dia, a sociedade veria esse nome como persona non grata. Criadora da tecnologia que acabou com a independência e dignidade humanas — “Dra. Irina Sraknova”. Um calafrio percorreu sua espinha com a lembrança. Fora sua primeira entrevista, recém-saído da Academia Profissional. Não era algo que quisesse reviver no momento.

A tendência de se perder em pensamentos e memórias fazia com que o repórter ficasse ausente de sua percepção da realidade. Era como sonhar acordado, mas não mera distração — Orwell sumia dentro da própria mente, como se o corpo entrasse em piloto automático e a alma entrasse em recesso.

Quando deu por si, já estava de volta aos subúrbios onde “alugava” o quarto dos fundos de uma senhora asiática com Alzheimer.

Ao entrar no apartamento, a senhora recebeu Orwell com um sorriso e um abraço, oferecendo-lhe chá quente. O repórter sentou-se à mesa da cozinha e segurou a xícara com ambas as mãos, aquecendo-se com a bebida.

Ele desconhecia o nome da idosa.

Ela sentou-se à sua frente, ainda sorridente, e falou animada em algum dialeto de terceiro mundo — tanto fazia. Orwell apenas escutava e balançava a cabeça enquanto a idosa conversava. Era um ritual quase diário entre os dois.

Velha insuportável — pensou vagamente, antes de deixar a mente voar para onde quisesse ir.

Em alguma lógica deturpada, o jornalista considerava que esses momentos com a idosa eram o pagamento do seu “aluguel”. Ela não tinha companhia e provavelmente morreria sozinha. Ele deveria estar sendo pago para isso.

Veio parar ali após uma noite de bebedeira, quando foi despejado de seu apartamento anterior. Estava jogado no canto de um beco, incapaz de se levantar. A senhora o viu e deve ter pensado que ele era algum parente — neto, cachorro, que fosse — e o puxou para casa.

Como ela parecia continuar reconhecendo-o como alguém que morava lá, Orwell se acomodou. Afinal, não tinha motivo para ir embora. Tinha uma cama para dormir, a idosa cozinhava, limpava e lavava a casa. Vivendo como um rei.

Também não fazia esforço algum para ajudá-la. Dizia para si próprio que essas atividades eram boas para a saúde mental dela — *provavelmente a faziam sentir-se útil. Deveria me agradecer* — pensava Orwell.

Quando a senhorinha estava satisfeita, levantava-se ainda animada, recolhia a xícara de Orwell, ia para trás dele e acariciava seus braços como uma avó que afaga o neto, dizia mais algumas coisas incomprensíveis.

— Arigatô — respondia o repórter, ainda de cara fechada, antes de se recolher para o quarto.

O “quarto” estava mais para uma despensa. Uma pessoa alta mal conseguia ficar em pé, o que não era problema para Orwell. Havia espaço para um colchão de solteiro e, quando a porta era fechada, até se podia sentar confortavelmente.

Manchas de mofo permeavam as paredes e não havia uma noite sequer em que não ouvisse casais brigando, gemendo, ou os berros sem nexo dos viciados em Neuro, perambulando pelos corredores do conjunto habitacional.

Antes de adormecer, Orwell sempre seguia seu ritual: ligava o voxel para assistir a algum desenho animado e beber o resto do uísque mais barato que conseguia comprar, até eventualmente apagar.

Já se preparava quando recebeu um ping do colega de trabalho que o havia abandonado mais cedo.

Abra o canal de notícias.

Considerou ignorar e seguir sua rotina diária, mas, por alguma eventualidade desconhecida, resolveu ver do que se tratava.

“...ocorreu hoje entre 17 e 18h. Foi encontrado... zhhnz... suspeita-se que... zhhnz...”

Orwell deu tapas no voxel. Aquela porcaria já estava ficando velha e tinha a tendência de travar. Quando a transmissão retomou, seu sangue gelou e a cor sumiu de seu rosto.

“...ainda não há suspeitos. Não se sabe quem teria motivo para assassinar o Senador Alec Zhu, que, segundo relatos, saiu para uma série de entrevistas sem a equipe de segurança. O corpo foi dilacerado. Testemunhas dizem que pedaços estavam espalhados no beco ao lado do estúdio... %-\$%&... nhznzz bzz...”

— Qual estúdio?! — Orwell não compreendeu as palavras da repórter antes do voxel voltar a travar.

— QUAL ESTÚDIO, CARALHO??! — berrou, esmurrando o dispositivo.

Batidas tímidas na porta.

— Bǎobèi sūnzi, nǐ hái hǎo ma? — disse a senhora.

Ele havia se exaltado e a acordara. Abriu a fresta da porta para encarar a expressão de preocupação de sua “senhoria” e respondeu com voz calma:

— Hai, arigatô, itadakimasu. — Não conhecia muitas palavras asiáticas. Pareceu ter funcionado, pois ela abriu um pequeno sorriso, respondeu serenamente e voltou para seu quarto.

O voxel voltou a funcionar:

“A polícia afirma que encontrará o culpado com a maior urgência possível e já despachou todo o contingente livre para procurar possíveis suspeitos.”

Orwell estava sentado no colchão, a cabeça rodando com mil pensamentos. Talvez fosse melhor apenas desligar sua consciência e ir para o estado de sonhar acordado...

Batidas agressivas ecoaram na porta do apartamento...

PARTE 2 — EXAME

FUNDAÇÃO NOVA

A descoberta da Dra. Irina Sraknova sobre conexões neuronais em recém-nascidos — hoje parte do cotidiano de qualquer cidadão nascido nos últimos quarenta anos — ocorreu por acaso oportuno, catapultando-a para a lista das dez pessoas mais ricas do planeta e garantiu-lhe verbas de pesquisa praticamente ilimitadas.

Após o súbito enriquecimento, a cientista migrou suas operações de pesquisa e residência para a própria estação espacial, posicionada no ponto de Lagrange L1⁴, entre a Terra e o Sol.

O esboço rudimentar feito por Irina em um guardanapo sujo, quando lhe surgiu o conceito da base — hoje emoldurado em titânio na entrada da estação — mostrava apenas um rabisco do posicionamento orbital.

Um habitat autossustentável, com rotação que simula a gravidade⁵ terrestre e espaço para trezentas e cinquenta almas em tempo integral, constitui a maior empreitada espacial já realizada.

Uma carta de amor a todas as construções megalomaníacas da história da humanidade, o custo estimado ultrapassa 1,3 trilhão de dólares, diluído em décadas de tentativas, fracassos, protótipos destruídos, blindagens contra radiação e o pesadelo logístico de montar uma espécie de paraíso... Ou inferno...

A instalação era envolvida pelo mais absoluto sigilo, com equipes que viviam em tempo integral na estrutura, o que a tornava fonte inesgotável de teorias conspiracionistas e todo tipo de crítica pública, já que nem mesmo instituições governamentais conheciam os detalhes da operação.

⁴ **Ponto de Lagrange L1** = posição de equilíbrio gravitacional entre dois corpos massivos (neste caso, Terra e Sol), onde objetos podem permanecer relativamente estáveis em relação a ambos. É um dos cinco pontos de Lagrange, comumente utilizado para posicionar satélites e estações de pesquisa espacial.

⁵ **Gravidade simulada** = gravidade artificial criada em estações espaciais por meio de rotação, forçando os ocupantes contra as paredes externas pela força centrífuga, imitando o efeito do peso encontrado na Terra.

Há quem diga que Irina não envelheceria desde que migrara para a estação espacial. Outra corrente acredita que funcionários que deixaram a estação — vivos ou não — jamais foram vistos novamente.

A rotatividade de pessoal, extremamente rara, apenas ocorria quando alguém da equipe vinha a falecer ou ficava incapaz de trabalhar.

Os pesquisadores mais brilhantes competiam pela oportunidade de uma vaga na estação, por meio de um processo seletivo extenso e árduo, que avaliava não somente as capacidades intelectuais, como também psicológicas, físicas e correlatas.

Agora, quase cinco anos depois da primeira leva de recrutamento, houve a abertura de um novo edital de seleção. Uma única vaga para cargo indefinido de pesquisador, com requerimento mínimo de múltiplos pós-doutorados, especialização em campos quânticos e título de *Habilitation*⁶.

Ou seja, apenas a nata da elite acadêmica e vanguarda científica entraria na disputa para o cargo vitalício.

⁶ **Habilitation** = título acadêmico avançado, acima do doutorado, exigido em alguns países europeus (como Alemanha e França) para permitir ao pesquisador orientar teses e concorrer a cargos de professor titular.

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

Você está assistindo ao International Information Channel — A plataforma de notícias mais imparcial do mundo! — Patrocínio TeslaX-Pepsicoca. Refresque sua mente e alma com a nova CocaPepsi, sabor memórias da infância.

Em letras miúdas e com voz acelerada, o alerta de saúde obrigatório foi exibido na tela, tão rapidamente que era impossível para qualquer telespectador compreender efetivamente o que era dito.

Não recomendado para menores de 21 anos, cardíacos, pessoas com histórico prévio ou familiar de transtornos psiquiátricos, grávidas e/ou usuários de outros refrigerantes fora do ecossistema TeslaX-Pepsicoca. O uso de CocaPepsi por períodos prolongados pode causar falência renal, amnésia retrógrada, demência precoce e dependência química ou psíquica. Consulte um CocaDoctor para mais informações.

[Transição da abertura para os apresentadores, sentados frente a um balcão tradicional de noticiário, uma tela verde ao fundo exibindo o Sistema Solar. Em suas mãos, a nova CocaPepsi, sabor memórias da infância]

— Ahhh! Essa nova CocaPepsi é pura nostalgia, Emily. Literalmente me faz voltar para a infância com minha avó, no interior. — O apresentador bebeu o refrigerante. Ao dar um gole, seu olhar pareceu sair de foco por um instante — provavelmente o efeito agindo em suas conexões neurais para ativar a suposta nostalgia.

— É mesmo, Fred! E um lembrete aos telespectadores: ao enviar seu imposto de renda até o início do próximo ano fiscal, você recebe três garrafas de CocaPepsi, sabor memórias da infância, de graça!

[Transição para os jornalistas no mesmo set, sem as bebidas]

— Bom dia! Hoje, no IIC, você verá:

— Exame seletivo para Fundação NOVA ocorre hoje mesmo. A seleção mais esperada da última década!

— Mithrill Inc. declara que desconhece qualquer alegação de espionagem corporativa e nega monopólio — disse a segunda apresentadora.

— Processos judiciais contra a Fundação NOVA são paralisados por tempo indeterminado em razão de suicídio do juiz.

— Global Organization of External Studies oferece denúncias de patenteação hostil contra outras empresas.

— Isso, e muito mais, daqui a pouco, no IIC.

2.1 MIRA

CINCO DE JANEIRO — 11:00 — DOIS DIAS APÓS OS
EVENTOS DE ORWELL

A Dra. Mira havia se candidatado por mera curiosidade intelectual, porém se via ansiosa enquanto aguardava.

Os candidatos apenas foram informados sobre a cidade de realização do exame, e, faltando menos de duas horas para o início agendado, ainda não haviam recebido o endereço exato da prova.

Andava de um lado ao outro pelo saguão do hotel. Não era exatamente o tipo de pessoa que aguenta ficar parada por muito tempo, especialmente quando lhe dizem para esperar alguma coisa.

A aparência desleixada, expressão inquieta e exasperada contrastavam de forma paradoxal com a suavidade de sua beleza.

Atraía a atenção de outros hóspedes enquanto murmurava caminhando ao redor da recepção.

Ao mesmo tempo em que o porte pequeno e jovial dava a impressão de alguém inofensivo, quase frágil — sua expressão facial criava um contraste aterrorizante, de alguém que vai explodir com o primeiro que se atrever a interromper sua crise de ansiedade.

Respira fundo, Mira. Inspira... Expira... Veja o noticiário para distrair sua mente — falou para si própria, ao dirigir o olhar para o visor, na fútil tentativa de aquietar o redemoinho ambulante que era sua presença.

Mira não aguentou nem cinco minutos do noticiário. Estava prestes a berrar com a TV.
Não quero saber sobre essas empresas. Inferno.

Retomou sua caminhada frenética. As técnicas de respiração e mindfulness não adiantaram em nada.

Faltando uma hora para o exame, recebeu um ping em seu voxel com o endereço, que ficava a quarenta minutos de distância de onde estava hospedada.

O alívio explodiu em sua garganta em forma de um "ALELUIA!" — em um tom que tornava difícil discernir se continha raiva, felicidade ou exaltação. Talvez fossem todas as três.

Ignorando os olhares confusos dos presentes, disparou rumo à porta.

2.2. JAQUES

Sentado no mesmo saguão estava um homem, provavelmente em meia idade avançada, com expressão tranquila e serena. Saboreava pacientemente um café e olhava para o monitor exibindo o noticiário, mas não assistia. A mente estava em outro lugar.

Destacava-se no saguão devido aos óculos redondos de miopia, coisa que já havia saído do uso comum há algumas décadas. Cirurgias de correção podiam ser feitas em qualquer farmácia, e problemas de vista já eram detectados e tratados durante a gestação.

Certamente era um homem excêntrico para os padrões contemporâneos, mas o bom porte e a fala refinada indicavam alguém oriundo de fartura.

Internamente ignorava as notícias. Era a mesma baboseira corporativa de sempre. Não agregava nada.

Acabou tão imerso em cálculos mentais que sequer notou a presença da garçonete questionando se desejava algo mais.

Algo o incomodava. O experimento realizado remotamente, poucos dias antes, não dera os resultados esperados.

Deveria ter aberto uma fenda, como no último teste, mas a colisão apenas puxou o tecido do espaço-tempo como um disparo e se apagou.

Foi rudemente retirado de seu transe: "ALELUIA!" Levantou uma sobrancelha e apenas ergueu o olhar, deparando-se com a curiosa cena de uma mulher em disparada frenética para o lado de fora.

Frustrado pela interrupção de sua linha de raciocínio, apenas pensou: *Que histeria desnecessária...* Rapidamente deletou o ocorrido da memória.

Uma vez que estava fora da imersão em pensamentos, notou que havia recebido um ping.

Enrolou o jornal que carregava consigo sob o braço, levantou-se com serenidade sobrenatural, vestiu o blazer e dirigiu-se à saída.

A garçonete notou de relance, com expressão curiosa, a data do jornal — 2025. *Que reliquia. Quase cem anos atrás...* — e retomou sua rotina.

2.3 ELLIAN

No extremo oposto da cidade, sentado com um voxel-book, mais um candidato chamava a atenção das pessoas ao redor. Não pelos maneirismos ou comportamentos esdrúxulos, mas por sua aparência pitoresca.

Apesar da juventude estampada na pele lisa e imaculada, seus cabelos e sobrancelhas grisalhos, assim como as pupilas dissonantes — *uma verde e outra quase inteiramente negra* —, criavam uma imagem de paradoxal ancestralidade.

Ellian era uma superposição humana. Visto de longe, um idoso; visto de perto, um jovem de pele macia, sem as cicatrizes da idade.

Caminhava pelo centro da cidade, sem destino específico, perdido em discussões internas.

Eu não queria estar aqui. Tenho mais o que fazer. Inferno. Temos um impacto com potência máxima agendado para hoje, e nem vou estar lá para presenciar.

Recebeu o ping com o local do exame.

Será que ainda dá tempo de desistir? Será que vão me punir se eu cair fora? Malditos canalhas. Eu te odeio, MDK.

Uma figura de porte fino aproximou-se e sentou-se na cadeira à sua frente. Ellian apenas reagiu com o olhar de *não quero comprar o que você está vendendo*.

O homem ajustou a fina gravata metódicamente, até deixá-la perfeitamente alinhada, e fitou Ellian diretamente nos olhos, como se lesse um livro aberto.

— Senhor Ellian, certo? — disse o homem, com um enorme sorriso. Falso, mas que passaria despercebido por uma pessoa menos analítica que Ellian, que, por sua vez, juntava seus pertences para se levantar.

— Sem tempo, irmão. Tenho que estar em outro lugar. — Virou de costas para o homem e começou a se afastar.

— Talvez você queira me escutar, Ellian. Ouvi dizer que você fez um pacto com o demônio. Estou correto?

Ellian interrompeu sua caminhada, rígido, sem olhar para trás.

— Quem quer saber?

— Outro demônio, mas um que não te acorrentará.

Virou-se, com algum brilho no olhar. Qualquer coisa para remover os grilhões.

Ellian estreitou o olhar: — E seu preço?

O homem sorriu de forma sedutora: — Não é muito caro. Quando chegar o momento certo, vou te dar algo. Tudo que você precisará fazer é publicar.

Essa conversa estava críptica demais para um pragmático como Ellian. Precisaria de mais informações antes de vender sua alma *novamente*.

— Não está valendo o suficiente para mim. Meu demônio ainda me deve bastante coisa. Mais detalhes, ou sem acordo.

— Jovem esperto. Pois bem. Conversaremos após sua prova. Por sinal... Boa sorte com a colisão hoje. Tenho certeza de que será um sucesso.

Ellian gelou. Um calafrio da nuca até a base da espinha.

Mas... o... que...? — pensou em choque. Ninguém sabe da colisão. Ninguém. Quem é esse infeliz? Ele é perigoso.

Bastou meio segundo congelado para o homem estar de pé ao seu lado. O perfume cítrico adocicado inundou Ellian.

A voz suave e hálito tão gélido que poderia até soltar vapor falou rente ao seu ouvido:

— Conversamos em breve... Ellian.

2.4 SALÃO DO EXAME

Cinco de Janeiro — 13:00

Cerca de seiscentos acadêmicos de todas as nacionalidades lotavam o saguão onde seria realizada a primeira etapa do exame, aguardando a abertura das portas.

Alguns se reuniam em grupos discutindo teorias, colegas se encontravam por acaso. Outros aguardavam com antecipação e foco silencioso.

Jaques, contemplativo, prestava atenção a um argumento entre outros competidores.

— Qual percentual do coletivo da inteligência humana viva você acha que está nesta sala? — perguntou um sujeito numa roda com quatro pessoas.

— Em termos de QI mundial, o valor é irrisório. Praticamente 0% — respondeu outro.

— Porém, pensando em termos mais abstratos, o valor qualitativo é imenso. Provavelmente uns 10% a 30% da capacidade atual de avanço tecnológico e científico a curto prazo virão daqui de dentro — falou um terceiro.

O primeiro homem respondeu indignado: — Isso não faz o menor sentido, colega. De onde tirou esses dados?

— É somente uma estimativa por alto... Se for pensar, grandes saltos intelectuais e tecnológicos geralmente dependem de uma minoria excepcionalmente capaz.

— Um grupo minúsculo costuma influenciar drasticamente a direção do conhecimento humano — Einstein, Newton, Tesla, Darwin, etc. Não me surpreenderia se várias pessoas desse tipo seletivo estivessem aqui.

Jaques considerava as afirmações que sobreouvia, mas novamente teve seu raciocínio interrompido por uma mulher barulhenta entrando ofegante no saguão.

— É AQUI? — exclamou, exasperada por faltar menos de um minuto para o fechamento das portas. Mira, como era previsível, havia conseguido se perder no trajeto.

Jaques levantou a sobrancelha novamente, não se dignificando a mover a cabeça para olhar a candidata, que se escorava contra a parede e deixava o corpo deslizar até se sentar no chão.

Que deselegância — pensou.

Ainda por cima, mesmo sem fôlego, ela continuava a falar com ninguém em específico, perturbando o acadêmico com sua voz aguda.

Um silêncio tenso inundou o ambiente após a abertura das portas do saguão. De lá saiu um senhor de idade, com olhar fixo no chão à sua frente, que explicou o regulamento sem cortesias nem preliminares.

— Causará desclassificação: uso de voxels, de componentes externos, saída antes do horário mínimo ou após o máximo.

— A duração do exame será de exatamente doze horas. Vocês não terão acesso a relógios nem ao horário corrente. A margem de erro para saída será de vinte minutos.

O saguão irrompeu em frustração e discussões com o comunicado. Um homem enorme, cuja estatura e porte físico davam mais a impressão de fisiculturista profissional do que de cientista, projetou a voz em indignação:

— Como assim? Que absurdo é esse? É um exame de classificação para um emprego, não uma maratona de resistência. Essas regras não são capazes de medir as capacidades profissionais de ninguém.

Mira, desatenta ao que era dito, estava com a mente vazia, só admirava a obra de arte talhada em pedra que era esse homem. Internamente, sentia que o conhecia de algum lugar.

— Concordo com o colega! E como assim doze horas de exame? Se não sairmos entre 11h40min e 12h20min de duração da prova, somos desclassificados?

— Sem acesso ao horário, isso é impossível — exclamou mais um membro da multidão de participantes, que recebeu uma série de murmúrios e comentários de aprovação.

Eventualmente a sala recaiu em silêncio, quando o grupo percebeu que o avaliador não se manifestaria até que retomassem a civilidade.

Silêncio este, imediatamente abalado por uma revelação de Mira, que apontava para o "fisiculturista" que falara primeiro:

— Ahhh, eu te conheço! Você ganhou o Nobel de Física⁷ no ano passado com seu artigo sobre colapso de difusões em ambientes de hiperfluxo⁸! Em qual hotel você está? Posso levar meu livro para pedir uma dedicatória depois?!

Nem parecia ter ouvido a comoção que ocorrera.

Ficou surpresa por esquecer quem era o "gigante" — afinal, acompanhava seu trabalho há tempos. Pol Libberman, astrofísico-chefe da GOES, um dos maiores conglomerados de pesquisa do mundo.

O constrangimento coletivo permeou o salão. Alguns colocaram a mão contra o rosto para esconder risos, outros simplesmente por vergonha alheia.

⁷ **Prêmio Nobel de Física** = maior reconhecimento internacional da física, concedido anualmente a cientistas com descobertas ou avanços extraordinários na área.

⁸ **Colapso de difusões em ambientes de hiperfluxo** = expressão ficcional baseada em física teórica, remetendo à dinâmica de partículas e sistemas complexos sob condições extremas.

Pol virou para o lado, com uma leve expressão de surpresa pelo comentário completamente fora de lugar. Obviamente não respondeu, só deu um sorriso social e retomou o olhar para o examinador.

Pol Libberman sorriu para mim — pensou Mira, irrompendo em saltinhos.

Jaques, por sua vez, desistiu de se irritar com a inabilidade social da moça. Ficar entretido gastaria menos energia mental. Tinha a sensação de que não era a última vez que presenciaria situações semelhantes.

O avaliador respondeu ao questionamento do grupo, ignorando a manifestação irrelevante:

— A senhora Irina montou a equipe de maior vanguarda existente. Os avanços feitos na estação Vlad-2 são revolucionários, e cada etapa do processo é cuidadosamente pensada para selecionar o candidato perfeito para o exercício das funções na Fundação NOVA.

Maior vanguarda é o caralho. Fez foi uma roda de hamster flutuando no espaço. Praticidade zero. Megalomania cem — pensou Ellian, revirando os olhos de forma quase cartunesca, sem verbalizar.

Ellian cruzou o olhar com Pol. Encararam-se de forma desafiadora, um embate breve e silencioso entre egos e superioridade intelectual, então ambos desviaram o olhar.

O examinador aguardou alguns instantes para permitir que o recado fosse devidamente absorvido pelo grupo e continuou:

— Os doutores realmente acham que o exame ainda não começou? Estão todos sendo avaliados desde que pisaram na cidade.

Perdurou o silêncio.

— Pois bem. Não havendo mais questionamentos, solicito que seja formada uma fila ordenada para aguardar a vez de entrar na sala de avaliação à frente.

— Uma luz verde se acenderá ao lado da porta para indicar ao próximo candidato que poderá entrar.

Os que desejassem se retirar deveriam fazê-lo imediatamente. Apenas desistiram cerca de vinte concorrentes.

— A partir deste instante, o cronômetro da avaliação está iniciado. A sala será vedada após a alocação de todos os candidatos.

"Vedada." Que escolha curiosa de palavra — pensou Jaques.

— Qualquer tipo de verbalização entre candidatos resultará em desclassificação imediata.

A paz do salão foi interrompida conforme Mira tropeçava na multidão, correndo rumo à primeira posição da fila.

Pol foi o sétimo a assumir um lugar. *Quinhentos e oitenta pessoas tentando formar uma fila sem poder se comunicar... Vamos perder muito tempo aqui.*

Jaques permaneceu imóvel, de braços cruzados. Se o teste já estava acontecendo, fazia mais sentido ficar por último — e observar. Sempre observar. Encontrar o assento já deveria ser parte do exame. Como tudo...

Inclusive ela.

PARTE 3 — CONEXÕES

“As engrenagens do acaso precisam encaixar para movimentar o sistema.

Coincidências e acidentes ou a ilusão de um padrão inexistente?

Seria realmente livre arbítrio ou pré-determinismo?”

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Transição para o set de noticiário — Ao fundo, o calendário indicava a data atual — 03/01/2125]

Bom dia! Hoje, no IIC, você verá;

— Seu banco monitora suas transações e movimentos? Ministro da Economia diz que não — disse Fred, o primeiro apresentador.

— Senador Alec Zhu é misteriosamente assassinado no final da tarde, ao lado de um estúdio de gravação. Testemunhas confirmam que ele estaria sem a equipe de segurança e teria participado de uma bateria de entrevistas ao longo do dia — disse a segunda.

— O exame seletivo para Fundação Nova está chegando. Conheça os concorrentes de destaque!

— Tiroteio e conflito policial nos subúrbios da maior capital do país. Testemunhas alegam avistamento de OVNIS no local.

— Novos relatos de avistamentos do homem misterioso de aparência cinzenta. Sua família está segura do chupacabra? — Isso, e muito mais, daqui a pouco, no IIC.

— Insiders de instituições governamentais alegam supostos planejamentos para o que está sendo chamado de *expurgo institucional*. Não foram encontrados pela equipe jornalística para maiores detalhes.

3.1 ORWELL — 35 ANOS ANTES

2090

Orwell caminhava pelo campus da Academia com um olhar ácido, avaliando o ambiente como quem inspecciona uma vitrine duvidosa. Pessoas novas, possibilidades supostamente empolgantes — e uma alta probabilidade de deceção em cada interação. Ao seu lado, Pol era como um imã ambulante para olhares e atenções não solicitadas.

Enquanto Orwell exibia sua precoce calvície e um físico descuidado, Pol era uma contradição ambulante: com mais de dois metros de músculos cuidadosamente esculpidos, parecia mais adequado a uma propaganda militar do que a um laboratório de astrofísica. Ainda assim, a timidez quase patológica do amigo lhe dava algum conforto cínico — uma pequena confirmação de que a vida ainda conseguia ser, de alguma forma perversa, justa.

Uma pausa inesperada surgiu quando um grupo de garotas abordou Pol de maneira quase ritualística, como abelhas em torno do mel. Orwell, completamente invisível à cena, sentou-se numa pedra próxima e observou com prazer perverso enquanto Pol sofria, esforçando-se ao máximo para articular três palavras coerentes.

— Foi mal aí... Nem te cumprimentaram, que absurdo — resmungou Pol, vermelho como alguém prestes a explodir.

— Relaxa, essa foi a melhor coisa que vi em semanas. Você sempre passa essa vergonha ou foi algo especial? — Orwell perguntou, um sorriso venenoso estampado no rosto.

— Não é bem assim... E, sinceramente, prefiro evitar. Especialmente quando são escrotas com você.

Orwell arqueou uma sobrancelha. A lealdade quase infantil de Pol continuava sendo uma incógnita absoluta para ele — como um sujeito tão claramente talhado para ser o centro das atenções optava justamente pela companhia de alguém tão desconectado do mundo como ele?

— Tá, chega de distrações. Para onde você está me levando mesmo? — questionou Orwell, com ceticismo evidente.

— Vou te apresentar alguém. Não posso ficar eternamente te livrando das encrencas que você arruma. Você precisa expandir suas amizades — disse Pol, contendo um sorriso provocativo.

Orwell suspirou dramaticamente.

— Outro astrofísico, suponho? Parece que eu tenho um talento inexplicável para atrair malucos viciados em corpos celestes. Será que virei um buraco negro?

Pol deu uma risada discreta, balançando a cabeça.

— Um buraco negro? Não sei. Você destrói tudo que toca ou apenas atrai caos?

— Me poupe dessa filosofia barata. Só queria entender por que vocês, especialistas em coisas irrelevantes a bilhões de quilômetros, sempre surgem ao meu redor sem convite. Deve ser algum defeito cósmico, ou eu sou uma piada astronômica — rebateu Orwell, já fingindo irritação.

Pol ponderou e olhou para o céu como quem espera uma resposta que não virá.

— Talvez você seja mais como um buraco branco⁹. Ninguém sabe exatamente o que eles fazem, mas supostamente expulsam tudo ao redor de maneira absurda, chamando atenção e irritando todo mundo por perto.

Orwell olhou-o com expressão genuinamente perplexa.

— O que diabos é um buraco branco?

Pol gargalhou, com satisfação quase sádica.

— É o oposto de um buraco negro. Mas não importa. Só mencionei para ver se você para de reclamar um pouco.

Prosseguiram em silêncio, Orwell ainda preso à sensação de que, mais cedo ou mais tarde, o universo repararia esse erro cósmico e levaria embora as pessoas que insistiam em gravitar ao seu redor.

Finalmente, chegaram ao local combinado. Um rapaz esperava pacientemente, com um sorriso discreto, quase desconfiado. Pol apresentou-os com a delicadeza habitual.

— Orwell, este é Will. Outro astrofísico para sua coleção. Will, Orwell.

Orwell avaliou-o rapidamente, com o ceticismo típico de quem espera sempre o pior das pessoas. Retribuiu o cumprimento, resignado.

⁹ **Buraco branco** = solução teórica das equações da relatividade geral que representa o oposto de um buraco negro: um objeto que só expelle matéria e energia, sem jamais permitir entrada. Nunca foi observado na natureza; é usado mais como hipótese matemática ou provocação filosófica.

— Ótimo. Outro lunático espacial para preencher minha vida.

Dois anos depois, Pol havia sido convidado para trabalhar em uma das mais prestigiosas instituições de pesquisa e agora residia quase que em tempo integral em órbita. Quem imaginaria um gigante tímido trabalhando na GOES.

Quando se despediu dos dois queridos companheiros, estava em prantos.

— Não vou estar mais por perto para segurar a onda dele. Veja se cuida bem do Or. — disse, dirigindo-se a Will, que respondeu com um sorriso constrangido, coçando a cabeça.

— Deixa de ser melodramático — respondeu Orwell.

No fundo também estava segurando lágrimas, mas não ia deixar a persona cair.

Orwell virou para Will, com a voz cabisbaixa, após terem que praticamente empurrar Pol para dentro do aeroporto.

— Dois astrofísicos e um repórter entram num aeroporto... Parece o início de uma piada ruim.

No fundo, tinha o pressentimento de que não veria Pol novamente. A última coisa que lhe disse antes de ir foi: *"Or, se algum dia precisar de algo, qualquer coisa, você sabe como me encontrar."*

O pressentimento estava certo. Eles não tinham se falado desde então.

3.2 ORWELL — PRESENTE

TRÊS DE JANEIRO — 23:00

Cada novo pensamento era mais idiota que o anterior — e todos pareciam perfeitamente plausíveis. A única certeza era o pânico. Seria a polícia atrás dele? Não tinha culpa de nada. Por que viriam falar com testemunhas quase à meia-noite?

Não conseguia reunir coragem para sair do quarto e receber quem batia na porta da casa.

Até que ouviu passos tímidos indo em sua direção. A "senhoria" abriu uma fresta de sua porta, acenou para Orwell, como se indicasse: *Fique aqui.*

— 你乖乖的待在这里，别说话。一切都会好的 — Ele podia não entender uma única palavra, mas compreendeu o recado. Assentiu com a cabeça.

Colou o ouvido na porta. O som do próprio coração quase não permitia-lhe escutar a conversa da velha com os visitantes inesperados.

— Boa noite, senhora. Desculpe incomodar neste horário, mas estamos procurando um Orwell Mathew. Um colega de trabalho dele nos indicou este endereço.

A senhora virou a cabeça como se não entendesse e subiu o tom com os visitantes. Parecia dar uma bronca neles, em sua língua nativa.

Os homens na porta espiaram dentro do apartamento, desconfiados, mas recuaram quando moradores de outras unidades saíram dos apartamentos para ver a confusão criada pela senhorinha asiática.

— Muito bem, perdoe novamente nossa intrusão neste horário. Voltaremos. Caso encontre o Sr. Orwell, nos faça a gentileza de entregar isto para ele. — finalizou um dos homens, entregando um voxelcard — um pequeno eletrônico que funcionava como cartão de visita. Em seguida, se retiraram.

O torso do repórter vibrava visivelmente durante toda a interação. Abriu a porta do quarto para ver a senhorinha com um sorriso gentil no rosto.

— 没事了，亲爱的。他们已经走了，不是警察。你要小心。 "Not police" — Era a primeira vez que ela havia dito qualquer coisa em inglês.

A senhorinha sorriu, inclinou-se para lhe dar um beijo carinhoso na bochecha e, com um gesto tão leve quanto um sussurro, colocou o voxelcard em suas mãos antes de desaparecer de volta para seu quarto.

Afundado no velho colchão mofado, Orwell girava o voxelcard nas mãos, hesitante. Novamente seu corpo gelou.

Sua vida já não estava uma merda o suficiente? — pensou. *Tudo isso porque o canalha da minha carona me abandonou.*

No visor, apenas um mapa piscava, junto com palavras que fizeram seu estômago revirar: '**NÓS SABEMOS SOBRE SRAKNOVA!**'. *Siga pela sombra e evite chamar atenção. Você está em perigo.*

No verso, uma sequência binária: 11001111 11011000 11000011 11011001

3.3 ORWELL

TRÊS DE JANEIRO — 23:50

Trêmulo, Orwell encarava fixamente a sequência binária. O peso do destino esmagava suas costas.

Qualquer som do lado de fora lhe fazia sobressaltar espantado. Um helicóptero nas redondezas, um berro na rua. Até mesmo os cliques das baratas comendo dentro do apartamento poderiam ser estalos de microfones invisíveis.

— *A idosa...* — Orwell murmurou para si, como uma revelação. Ela também era um deles, só poderia ser. Fazia sentido. Sraknova colocou-a na vida de Orwell para monitorar seus movimentos de perto.

Se esgueirou até a cozinha, puxou de uma das gavetas um facão. Em pé, segurou a lâmina como um objeto ritualístico, por minutos, como se debatesse internamente — *seria rápido* —.

Em passos lentos e calculados atravessou a cozinha até a porta. Encostada, rangeu levemente quando Orwell empurrou a fresta, adaga em mãos.

E no vão ele ficou. Uma sombra. Uma estátua que considera suas escolhas de vida. A senhora, perdida em sonhos profundos, jamais saberia o que lhe atingiu.

Que merda eu estou fazendo? — Orwell balançou a cabeça, frenético, para espantar a linha de pensamento. Encarou com nojo os próprios olhos, refletidos na arma branca que empunhava.

Respirou fundo e deu um passo para trás. Tentou se convencer de que coincidências eram só isso — coincidências. Mas lá no fundo, aquela voz cínica de sempre, sussurrava: *já estava tudo escrito*.

Em fuga de um Fantasma do passado, voltou para seu colchão.

O quarto estava inundado. Orwell, submerso na luz azul emitida pelo mapa, se afogava numa armadilha que sequer sabia ser real. Por horas flutuou submerso no ponto luminoso do voxelcard. Não podia agir por impulso. Tinha que nadar para superfície. Frio. Lúcido.

Não era a polícia batendo na porta. Mas como descobriram onde ele estava?

O Senador foi assassinado — talvez do lado do estúdio. E ele, Orwell, ameaçado pelo desgraçado. Na frente de todo mundo. E ainda saiu tarde. Sozinho.

Era o suficiente para virar alvo.

Mas aquilo não cheirava à investigação policial. O voxelcard apareceu rápido demais. Preciso demais. Conveniente demais.

E mais importante: quem quer que tenha enviado, **não sabia tudo**. Sabia das conexões com Sraknova, mas achava que ele ainda era o mesmo Orwell de 30 anos atrás. Aquele que mexia em vespeiros por esporte. Achavam que o pegariam pelo medo.

Talvez fosse Sraknova tentando cortar pontas soltas.

Talvez fosse alguém tentando puxá-lo de volta.

Qualquer uma das opções é uma merda.

Pegou uma folha de papel. Listou possibilidades. Nenhuma boa. Todas ruins.

Ficar? A polícia viria. Fugir? Quem mandou o voxel sabia onde ele estava. Sair à luz era suicídio.

Querem que eu me move.

Sorriu.

Fazia tempo que não cutucava um vespeiro.

Arrumou a mochila. Pegou suas "armas" — poucas, mas eficientes. Ainda sabia ser um repórter investigativo. Quando queria.

Não tinha um centavo em seu nome, mas sabia onde a velhinha guardava as economias.

Algum dia eu pago de volta.

Mentira.

Ela mereceu. Quem adota um alcoólatra merece o prejuízo.

Fez os preparativos com calma. Metódico. Sem pressa. Queria fazer do jeito certo.

Como nos velhos tempos.

Por fim, pegou o voxel e fez a ligação.

Mais de trinta anos depois.

Será que aquele favor ainda valia?

— Pol. Preciso de ajuda.

— Or?!

3.4 FACED — 10 ANOS ANTES

Trajando uniforme militar, Faced prestava continência para um general de quatro estrelas, a maior patente alcançável. Abaixo das estrelas, a sigla **GOES — Global Organization of External Studies** — e o logotipo, um foguete minimalista em voo para longe da Terra. Bordado no torso, seu nome: "**MDK**".

A presença do General saturava o ambiente, tornando-o opressivo — seja pela autoridade que exalava, seja pelo olhar que parecia dissecar a alma de quem ousasse encará-lo. O ar condicionado zumbia baixo, mas parecia insuficiente para dissipar o peso da atmosfera.

Por algum motivo, Faced sentia que, em breve, estaria dentro daquela logomarca.

— À vontade. Sente-se, Faced — disse o General.

A luminária amarelada dançava sombras na face do General, escurecendo-lhe olhos e boca sob o denso bigode. Deixava-o com um ar fúnebre.

— Sabe por que te chamei aqui? — prosseguiu.

— Não, senhor.

— Você tem ambições? — perguntou o General.

— Senhor? — respondeu Faced, franzindo a testa.

— Ambições, Tenente. Planos, desejos para o futuro? Não quer uma aposentadoria confortável, família grande...? Ou está atrás de algo mais... significativo?

Faced parou um instante, perplexo pela intimidade inesperada da pergunta — aquilo fugia completamente ao protocolo.

— Não, General...

— A única coisa que busco é propósito... Nada disso me cativa como propósito. É insignificante na macroescala.

O general gargalhou artificialmente e deu um tapa nas costas do subalterno.

— Há! Dito como um verdadeiro chefe de logística! Fiz bem em te colocar nesse cargo — disse MDK.

A reação provocou ainda mais estranheza no Tenente. MDK era um homem que vivenciara a guerra na pele, uma pessoa cuja seriedade e postura mostravam alguém moldado, endurecido pelo campo de batalha. Um verdadeiro veterano — algo raro hoje em dia.

O comportamento descontraído destoava brutalmente da aura de rigidez que o General exalava.

Algo está errado — pensava Faced.

— Você demonstrou competência excepcional em logística. Otimizou suprimentos, cadeias produtivas. Mas precisamos de algo mais complexo de você.

O Tenente não era um homem ingênuo — *longe disso* — muito menos transparecia ser alguém simples de manipular. Ainda assim, sentia-se tratado como uma criança dentro do absurdo que era a interação.

— Senhor?

— Veja bem... Alguns indivíduos são... complicados. Para o bem de todos, é preferível mantê-los longe da Terra. Você vai entendendo com o tempo.

Parecia medir palavras, como se tivesse cuidado para não revelar algo que não deveria.

— Você irá supervisionar uma dessas pessoas em Éris. O líder da estação é um homem chamado San-Lehan. Sua missão será garantir que ele permaneça estável e focado. Considero isso logística mental.

— Não entendo, General. Estou sendo punido?

O General sorriu levemente, mas o sorriso não chegou aos olhos. O silêncio se estendeu por segundos longos demais.

— Isso é uma oportunidade, não uma punição. Vá falar com Pol para detalhes adicionais. Dispensado — disse MDK, enquanto puxava a ponta do denso bigode.

Faced não podia deixar de pensar se ele próprio era um desses indivíduos.

Logística mental? Quem exatamente é San-Lehan... E o que diabos fiz para merecer isso?

Em passos arrastados, dirigiu-se à sala de Pol, carregando a desconfortável sensação de que não retornaria à Terra.

3.5 SAN-LEHAN — ESTAÇÃO ORBITAL ERIS

SEIS DE JANEIRO DE 2125 — 01:00 — TRÊS DIAS APÓS
OS EVENTOS DE ORWELL.

Num momento, San flutuava ao lado de uma equação não resolvida. No próximo, pairava ao lado de Remi, dentro do que parecia ser uma planta carnívora gigantesca.

Música clássica tocava ao fundo. Os arredores gélidos ocultavam centenas de almas torturadas, mas San não conseguia ver, apenas sentir. O local era uma dança macabra.

Eventualmente, uma voz gritou, exclamando que não eram bem-vindos ali.

Estarrecido, San abriu os olhos — um homem em desespero estava ao seu lado, em justaposição consigo. Sangue parecia escorrer de dentro da luva que usava na mão direita.

O tecido, de couro sintético hidrofóbico, agora tingido de vermelho, recusava-se a absorver o fluido vital e o expulsava para o deleite da planta, sedenta para devorá-los.

Talvez brincasse com suas presas, deixando-as tensas, antes do fim inevitável.

Talvez vítimas aterrorizadas fossem mais saborosas.

San não tremeu. Nunca teve problemas com a própria mortalidade. Apenas ficou preocupado com Remi. Só ele importava.

Remi miou. Um miado que ecoava através de dimensões e distâncias. Um miado de pavor, como se previsse o fim do mundo.

E a planta se fechou.

"**Sraknova.**" — San não sabia se tinha falado, pensado ou ouvido a própria voz. Não era parte do sonho; ele sabia que havia acordado, mas permaneceu de olhos fechados, apenas em admiração das luzes e cores que pulsavam em sua visão.

Só decidiu se mover após ser chamado por Faced.

Déjà-vu.

— Vamos, vista-se. Temos trabalho a fazer. Não é hora de ficar brincando de gigolô espacial.

San-Lehan grunhiu. Com as mãos atrás da cabeça, sequer cruzava o olhar com Faced enquanto falava. Queria admirar o estupor dos pesadelos por mais algum tempo. Raramente tinha sonhos lúcidos como aquele.

— Isso não é trabalho. Eu não pedi para ser alocado nesse fim de mundo, literalmente. Quinze anos de trajeto para ficar preso com um maluco, encarando uma bola de gelo.

— Qualquer coisa que mandarmos de volta só vai chegar em casa daqui a treze horas.

A resposta de Faced soou como uma mãe de braços cruzados e expressão rigorosa: — Primeiro, você PEDIU para ir parar nessa "bola de gelo".

— Segundo, que não temos que responder à base, mas sim às equipes de Haumea¹⁰ e Sedna¹¹.

— E terceiro, o louco que fica flutuando pelado é você — finalizou Faced.

— Ai, que preguiça, cara. A equipe de Haumea é chata para caralho, e o pessoal de Sedna me assusta um pouco. Eles não batem bem da cabeça... — respondeu San-Lehan, brincando com o próprio cabelo.

— Ninguém da nossa equipe bate bem da cabeça. Não podiam escolher pessoas que "batem bem da cabeça" para esse tipo de missão.

— Anda logo, que as novidades são no mínimo interessantes. E ainda compartilharam algo divertido.

— Ok, ok. Me dá um instante para me arrumar. Faz um café para mim enquanto isso!

— disse San.

Faced, de costas, flutuava de volta para a ponte de comando, só respondeu com um dedo do meio.

San, que ainda apoiava os braços atrás da cabeça, assobiou.

— Remi, uma ajudinha aqui?

Uma pequena bolinha de pelos, encolhida no saco de dormir de San-Lehan, ergueu a cabeça, bocejou e esticou o corpo.

Remi já era a terceira geração de gatos nascidos nessa estação — felinos adaptados à gravidade zero acabavam desenvolvendo mobilidade e reflexos incomuns, embora seus tamanhos finais fossem bem reduzidos.

San criara pequenas botinhas e roupas magnéticas, anos atrás, para que o gato pudesse caminhar, saltar e deitar livremente onde bem entendesse. Levou algum tempo para aperfeiçoar o design para uma clientela tão exigente quanto os felinos, mas esse era especial.

¹⁰ **Haumea** = planeta anão do cinturão de Kuiper, conhecido por sua forma elipsoidal (semelhante a um ovo) e por possuir anéis. Descoberto em 2004, destaca-se também pela rotação rápida e coloração brilhante, rica em gelo.

¹¹ **Sedna** = planeta anão extremamente distante, com órbita altamente excêntrica, localizado além da Nuvem de Oort. Descoberto em 2003, seu período orbital é de cerca de 11.400 anos.

Remi, um lindo Sagrado da Birmânia¹² com olhos cruzados, era do tamanho de uma palma de mão, embora já fosse adulto. Seria simples para um observador externo confundi-lo com um porquinho-da-índia ou roedor similar.

Saltou do saco de dormir rumo ao teto, do teto para a parede lateral — *exibido* — e da parede lateral para empurrar San, que flutuava no centro do ambiente sem ter onde se segurar.

San pegou o bichinho no colo quando o alcançou, que imediatamente ronronou e se aninhou no dono, enquanto a inércia carregava ambos para o outro lado do quarto.

San adentrou a sala de comunicações com vestimentas casuais e Remi aninhado no bolso frontal de seu casaco. O gato tinha o hábito de ficar lá.

— Por que foram me colocar com um workaholic? Não mereço isso. O que é tão extremamente importante para você me arrastar até aqui? — disse San, enquanto deslizava até Faced.

— Te colocaram com um workaholic porque você é um preguiçoso de merda — respondeu Faced.

Sorriram com a troca de insultos e se dirigiram aos monitores.

— Quer a notícia divertida ou a medonha primeiro?

— Hmm... Opções tentadoras. Vamos com a divertida, para começar o dia bem.

Faced clicou num arquivo e explicou: — O pessoal da estação venusiana interceptou transmissões dirigidas para Vlad-2.

— Eles estão loucos?! — exclamou San. — Interceptar transmissões de Vlad-2 pode dar uma merda imensa. E agora, compartilhando com a gente, é capaz de espirrar em todo mundo que receber esse arquivo.

— Relaxa. Não era você o grande transgressor? Não é nada demais. Só umas gravações da primeira fase do processo seletivo para a nova vaga da Fundação.

— Ó, estão contratando? Eu deveria ter me candidatado — respondeu San.

A fala continha uma ironia interna que Faced jamais teria o contexto para entender.

— Você não teria a menor chance... — retrucou Faced.

— Quer bater uma aposta?

¹² **Sagrado da Birmânia** = raça de gato conhecida pelos olhos azuis intensos e pelagem sedosa. Aqui, adaptada à microgravidade.

— Claro! Também consegui uma cópia da prova que fizeram. Depois que acabarmos aqui, podemos ver quem vai melhor.

De volta ao monitor: — Mas enfim, preste atenção nessa doida aqui.

Tocou as cenas de Mira, desde o hotel até o salão e dentro da avaliação.

A inconcebível falta de coordenação, tanto física quanto social, fez os dois flutuarem em gargalhadas — risadas gradualmente transformadas em choque e silêncio estupefato conforme a gravação avançava.

— Oookay. A Terra virou alguma espécie de distopia e não estamos sabendo? — perguntou San, franzindo as sobrancelhas num esforço de conter o que não deveria ser dito.

Embora tenha soado descontraído, suas palavras eram recheadas de espanto.

Não entraram no assunto. As cenas eram dignas de filmes de terror psicológico.

— Bom... vamos à notícia meio estranha. Recebemos este relatório da equipe de Sedna... — Faced quebrou o silêncio de choque.

3.6 COMUNICADO — ESTAÇÃO SEDNA

SEDNA PARA HAUMEA E ÉRIS

01/01/2125

NOTIFICAÇÃO — ANÁLISE ESTATÍSTICA INDICA OSCILAÇÃO ANÔMALA DOS ESTADOS DE SUPERPOSIÇÃO

Prezados, solicitamos revisão por pares das seguintes observações. Em ausência de erro em medição, simboliza uma quebra da localidade quântica. O equipamento estava monitorando o corpo celeste para detecção de interferência de estados de superposição por interação com neutrinos.

Elevações das proporções de colapso de partículas entrelaçadas fora da normalidade. Provável erro de equipamento — um pico desses não tem explicação lógica.

Seguem os anexos abaixo. Favor encaminhar para central. Aguardamos retorno.

Equipe Sedna.

— Quanto tempo atrás eles enviaram isso? — questionou San.

— Cerca de cinco dias até a comunicação chegar aqui. Haumea deve receber daqui a algumas horas.

Éris era um hub de comunicação com o mundo externo. As demais estações não tinham autorização para realizar qualquer tipo de contato além das outras equipes.

Sedna, por sua vez, devido à órbita extremamente inclinada e periastro¹³ em enorme elipse, se encontrava do lado oposto do sistema solar, quase na extremidade do ciclo orbital.

A distância de quase cem UA¹⁴ tocava a borda da Nuvem de Oort¹⁵, próxima ao fim da heliosfera¹⁶.

Era o lugar perfeito para experimentos longe da influência solar.

A estação era gigantesca, grande demais para uma equipe de dois tripulantes, foi a expedição tripulada mais demorada da história. Ninguém além dos moradores sabia *o que* tinha dentro da massiva estrutura. Talvez até mesmo em solo essa informação tenha se perdido, considerando a idade da missão.

Os tripulantes foram mantidos em um estado experimental de hibernação durante o trajeto, que perdurou quase cem anos, então não seria surpreendente se houvesse falhas de medição devido aos equipamentos antiquados e ao próprio desgaste natural da passagem do tempo.

Faced tentava racionalizar o conteúdo da mensagem.

— Vai saber o que passa na cabeça do pessoal de Sedna. São quase centenários, isolados onde nenhum ser humano jamais foi, sujeitos a todo tipo de efeito desconhecido... Não batem bem...

— Isso com certeza é uma mistura de falha de equipamento com histeria coletiva. Uma falha de equipamento. Só pode ser. — finalizou.

¹³ **Periastro** = ponto mais próximo da órbita de um objeto ao redor do corpo celeste central.

¹⁴ UA (Unidade Astronômica) = distância média entre a Terra e o Sol (~150 milhões de km), padrão para medir distâncias dentro do Sistema Solar.

¹⁵ **Nuvem de Oort** = região hipotética que envolve o Sistema Solar, composta de bilhões de corpos gelados e fonte de muitos cometas de longo período.

¹⁶ **Heliosfera** = bolha de partículas carregadas pelo vento solar que protege o Sistema Solar do espaço interestelar.

San não respondeu. Tinha o olhar de uma águia, que avistou sua presa. Um foco que Faced jamais havia visto. Concentração total.

Foi um choque ver o colega fora de sua descontração habitual. A tensão parecia uma nuvem física pairando no ar, contaminando Faced junto.

Todo o som da estação pareceu ir para segundo plano.

Apenas o mais absoluto silêncio do cosmo e o som dos batimentos cardíacos de San.

Acelerados.

O universo, nesse instante, respira em silêncio.

Uma partícula, em seu estado puro, não é um ponto.

É uma névoa. Uma possibilidade flutuando sobre o abismo do real.

PARTE 4 — OBSTÁCULO

4.1 DRA. CATHERINE — SALA DE MONITORAMENTO DO EXAME

CINCO DE JANEIRO, 13:00 — DOZE HORAS ANTES DOS EVENTOS DE SAN-LEHAN

Num edifício ao lado de onde o exame era realizado, uma sala escura e sufocante cheirava a nicotina velha, café requentado e gente que não dorme há dias. O zumbido baixo dos monitores se misturava ao ronco do ar-condicionado sobrecarregado.

Cathy, a responsável pela triagem psicológica dos candidatos, mantinha-se viva à base de cafeína intravenosa e cigarros acesos em sequência.

As olheiras fundas e cabelo desgrenhado contrastavam bem com a torre de copos descartáveis, que crescia desafiadoramente ao lado do teclado.

Todo movimento, expressão ou microtic dos candidatos era assinalado por um sistema semi-automatizado, que Cathy ignorava completamente.

Expressões tensas eram exibidas em dezenas de monitores na parede. Cada candidato tinha sua própria tela.

— Cathy, alguém promissor? — ressoou uma voz metálica, diretamente do terminal, para o espanto de Cathy, que se assustou tanto, que quase derrubou a torre de copos — um caiu, espirrando café viscoso na calça.

— Quer me matar do coração, porra? — praguejou, recuperando a postura enquanto sentia o líquido gelado penetrar no tecido. — Cedo demais pra dizer. Tem muito idiota promissor também.

— Quantos você já cortou?

Ela clicou algo no painel, tragou fundo. A fumaça acre preencheu seus pulmões antes de escapar pelas narinas.

— Hm... quatrocentos e setenta e nove.

Silêncio na linha.

— Você sabe que tem que aprovar *alguém*, né? Da última vez, o pessoal de cima teve que intervir porque você reprovou *todos*. Em *todas* as etapas.

— Eu só faço meu trabalho — rebateu sem remorso, batendo as cinzas no chão com um movimento mecânico. — Não sou culpada pela mediocridade generalizada.

Fez uma pausa. Um sorriso torto e sádico formou-se em seu rosto.

— Mas relaxa... tenho alguns brinquedos favoritos nessa seleção.

— Cathy... sem causar traumas psicológicos dessa vez, por favor.

Cathy reclinava na cadeira, com as pernas em cima da mesa — girava um cigarro entre os dedos, quase não prestando atenção na conversa.

— Prometo nada.

Ela se aproximou do painel, apertou um botão e falou com naturalidade, num gesto de provocação: — Elimina o 23. Manda pra sala lateral.

— O que ele fez?

— Nada. Só tô entediada. Vou me divertir um pouco com esse.

O sorriso sinistro dominava sua expressão.

A voz do terminal suspirou.

— Só lembra de fazer a vedação mental depois. Chega de gente traumatizada escapando pela ventilação.

Cathy sorriu, tragou mais um cigarro e clicou em "Encaminhar". A tela do candidato 23 piscou em vermelho antes de desaparecer da parede.

4.2 SALA DE AVALIAÇÃO

CINCO DE JANEIRO — 13:05

Na primeira posição da fila, Mira sorria em expectativa para o examinador, que a encarava com uma expressão perplexa.

A lâmpada acima da porta ficou verde para indicar que Mira deveria entrar, a qual fez quase saltitante. Em seguida, a luz ficou vermelha novamente.

Ficou boquiaberta ao ver o recinto. Não era uma sala, mas sim um hangar de aviões lacrado, recheado de cadeiras universitárias. Tags de nome indicavam o assento de cada candidato. O eco de seus passos se perdia na vastidão do espaço.

No centro do hangar, uma escada helicoidal subia até o topo, totalizando quatro andares em chapas de aço. Cada um também repleto de cadeiras. Pilares espaçados

sustentavam a estrutura, dezenas de câmeras de segurança de amplo alcance fixadas em cada pilar.

Quinze segundos depois, a luz ficou verde e o segundo candidato entrou.

Sorte também poderia ser um requisito para a vaga. Se é que existe algo como sorte.

Afinal, tudo já está escrito.

[JAQUES]

CINCO DE JANEIRO – 225 RESPIRAÇÕES

Uma desorganização silenciosa permeava o salão. Pessoas se amontoavam na fútil tentativa de montar uma fila, resultando em várias linhas caóticas que se dividiam e bifurcavam, uns entrando na frente dos outros.

Assim que o avaliador anunciou o início, Jaques iniciou sua contagem de respirações. Quinze por minuto, em média. Em doze horas, 10.800. Sua única referência temporal. A margem de erro seria aceitável.

Continuava na mesma posição, observando a desordem coletiva para entender a lógica desse sistema, que certamente era proposital.

O segundo candidato já havia entrado fazia um minuto. Até que Jaques percebeu ao fundo um som metálico constante. *Tunk Tunk Tunk*. O som continuou constante por mais cento e vinte respirações.

Quando o som cessou, a luz ficou verde.

Estão nos fazendo procurar pelos assentos num espaço grande. Cada candidato leva quase dez minutos para achar o assento. O tempo vai apertar. Mudança de planos. Preciso me adiantar.

Dirigi-se ao aglomerado que parecia ser o correto. A luz estava... laranja agora?

POW

Uma pancada metálica abrupta interrompeu até o caminhar do grupo, atraindo todos os olhares para a fonte do barulho.

[POL]

Desde que ingressou na GOES, teve de perder sua timidez e insegurança na marra. Lidava com pessoas constantemente, em especial tipos militares, regidos pela organização e disciplina — virtudes que tomou para si ao longo dos anos.

Já havia chegado a conclusões parecidas com as de Jaques. Ninguém mais parecia ter percebido os passos que ressoavam sobre o metal na outra sala.

A desordem do salão já estava lhe dando nos nervos — pavio curto, outra característica que adquiriu após décadas entre militares.

Raciocinava sobre as regras: "*Causará desclassificação: comunicação verbal entre candidatos.*"

A escolha de palavras era proposital.

A luz havia mudado de tonalidade para laranja. Ainda não estava liberado para o próximo candidato.

"Solicito que seja formada uma fila ordenada para aguardar a vez de entrar na sala de avaliação."

Iria colocar ordem naquele aglomerado caótico de pessoas se atropelando.

Abriu caminho pela multidão sem esforço, até chegar a uma parede boa para reverberar o som. Deu um passo para trás, arqueou o braço e impulsionou-se para frente, direcionando a palma da mão contra a parede.

POW — O berro metálico reverberou por toda a estrutura, ecoando várias vezes conforme a frequência de onda diminuía.

Isso não é comunicação verbal.

Os acadêmicos pareciam suricatos espantados procurando a origem do barulho.

Abriu caminho até o avaliador — era o centro de todos os olhares. Se fosse mais jovem, essa atenção teria lhe aterrorizado.

No início da fila, estendeu os braços para os lados e caminhou em direção à multidão desordenada. Naturalmente, seu porte físico facilitava esse tipo de empreitada.

Ergueu a palma, como se fizesse um sinal de PARE, e criou um perímetro livre em frente ao examinador. Puxou a pessoa mais próxima para o primeiro lugar.

Ninguém se atrevia a aproximar-se do perímetro criado.

Posicionou alguém na posição seguinte, praticamente levantando a pessoa pelos ombros com a facilidade de uma criança brincando com legos. A luz verde acendeu.

Um a um, Pol posicionava os concorrentes, voltava para afastar os intransigentes com pose ameaçadora, retomava o posicionamento dos demais.

Não estava preocupado com o horário. Tinha um relógio interno impecável após anos de disciplina. Todavia, não prestou atenção no ritmo de entrada e no acender e apagar das luzes.

Levou horas organizando. Gente demais, tempo de menos.

Quando enfim parou para avaliar o quadro, seu mundo caiu.

A fila mal andou e ele agora estava por último. Não daria tempo.

4.3 DRA. CATHY

CINCO DE JANEIRO — 13:20

A porta da sala lateral abriu com um chiado pneumático. O candidato 23 entrou confuso, ainda sem entender por que foi desviado da fila.

O ambiente era anormalmente limpo, iluminado demais, silencioso demais. Três cadeiras no centro, uma mesa metálica, e nada além. Nenhum examinador à vista. O ar circulava com um zumbido quase inaudível, criando uma sensação de vácuo artificial.

As paredes, de um branco frio e leitoso, davam uma sensação claustrofóbica — como se o próprio ar estivesse preso ali dentro, esperando algo acontecer.

Um voxelgrama acendeu no canto da sala, projetando o rosto de Cathy com seu inseparável cigarro pendurado no canto da boca.

— Olá, flor do dia — disse ela, com sarcasmo pingando da voz. — Bem-vindo à sala de verificação de estabilidade cognitiva de rotina.

O voxelgrama piscou. Exibiu uma sequência de imagens — cenas de guerra, corpos empilhados, experimentos clínicos antigos, imagens subliminares e palavras que piscavam em alta velocidade entre os quadros.

O candidato olhou em volta, atordoado.

— O que é isso?! Eu... eu nem comecei a prova!

— Exato — respondeu Cathy em tempo real, sem esconder a diversão. — Isso aqui é só pra medir tua reação emocional frente a estímulos "intensos". Nada invasivo.

— Só observação.

As imagens continuavam. Cenas de rostos deformados. Crianças chorando. Alguém implorando socorro em loop. Sons distorcidos, frequências oscilantes que penetravam os ossos.

— Reage como se tua mãe estivesse assistindo contigo — disse Cathy, enquanto digitava algo no monitor.

Foram minutos de experiências audiovisuais angustiantes.

A princípio, o candidato tentou manter a postura firme, sentou na cadeira de alumínio, cruzou os braços e fitou o voxelgrama com o rosto de Cathy.

— Ótimo, começou bem! Postura fechada, na tentativa de transparecer imposição onde existe medo e insegurança — comentou Cathy. — Vamos aumentar a intensidade. Aqui a experiência é personalizada para o cliente.

Para cada alteração em microexpressão, Cathy ajustava os parâmetros do sistema.

— *Inclinação do orbicular da boca em 2% no lado direito. Diminuir volume do som em 15% para dar sensação de calmaria, até mover o bucinador. Depois elevar intensidade do sistema em 33% e analisar resposta* — murmurava Cathy, saboreando cada ajuste.

Era uma criatura feroz quando empolgada.

A primeira vítima não durou cinco minutos em suas mãos. Logo estava encostada na parede, tapando os ouvidos.

— Isso é um teste?! Isso é tortura! — gritou. Não suportava mais ouvir os berros agonizantes.

— Você é livre pra sair a hora que quiser — mentiu, sabendo que a porta só abria quando ela achasse divertido.

Depois de exatos oito minutos, uma segunda porta abriu do lado oposto da sala, com o mesmo chiado seco.

Cathy ativou o botão para ligar o sistema de Vedação Mental. Quando o candidato saísse, um pulso EM semelhante ao sistema Link, vedaria as memórias das últimas horas.

— Re-pro-va-do! Pode ir — disse, rodopiando na cadeira com satisfação sádica.

Ahhh, como eu estava com saudade de ter novos brinquedos.

Desligou a transmissão e fez uma última anotação no prontuário.
Ela tragou fundo e murmurou para si: — Um lixo por vez...
Depois de mais algumas rodadas de diversão, retomou a atenção para os monitores.
Vamos ver como estão nossos ratinhos.

Grunhiu em frustração quando viu o salão central em perfeita organização. Teve que voltar à gravação para entender como isso aconteceu.

Não pôde deixar de ficar impressionada após rever as cenas de Pol resolvendo a situação.

Tem potencial... Mas o imbecil se colocou por último.

Redirecionou sua atenção aos candidatos que já realizavam o exame. Uma prova muito maior do que é humanamente possível completar em doze horas.

Mas os que já estavam lá dentro pareciam confortáveis demais.

Vamos aumentar um pouquinho a temperatura...

Girou o termostato para 56 graus e reclinou a cadeira para tirar uma soneca.

4.4 EXAME

[MIRA]

CINCO DE JANEIRO — ?? : ??

Mira arregalou o olhar ao ver o caderno de provas, massivo como uma enciclopédia. As questões, em maior parte, objetivas, iam de física aplicada, para sociologia, história da arte e até mesmo música.

Decidiu então que sua estratégia seria responder o máximo possível, o mais rápido que conseguisse, simplesmente marcando o que seu instinto mandava.

Não prestou atenção nas informações e regras de horário, mas já estava entediada e inquieta após meros cinco minutos.

Parava e refletia sobre algumas questões específicas, em especial as mais divertidas.

Questão 27: Dado um sistema fechado¹⁷ contendo doze bilhões de mentes humanas conectadas em rede, o que seria mais eficiente para reduzir a entropia informacional¹⁸:

a) Invenção de um novo idioma lógico

- b) Supressão seletiva de emoções
- c) Eliminação de 20% da população
- d) Todas as alternativas acima

As mais inteligentes arrancavam-lhe risos e capturavam sua atenção por alguns momentos. Movimentava-se agitada, completamente alheia aos olhares irritados ao seu redor.

Questão 91: Você acorda num ambiente sem gravidade, sem tempo e sem memória. Um botão vermelho está diante de você. Apertar é uma escolha irreversível.

O que isso diz sobre sua confiança na realidade?

Nada. Eu aperto o botão.

Com a mente absorta, Mira balançava as pernas como uma criança à espera da manhã de Natal.

Quando distraída, passeava pelo hangar enquanto fazia a prova — *não mencionaram a obrigação de ficar sentada.*

[JAQUES]

CINCO DE JANEIRO — 2700 RESPIRAÇÕES

Entrou na sala contando a marca das 2.700 respirações. O calor o atropelou antes que pudesse registrar o tamanho do hangar, que se tornara uma sauna sufocante. O ar denso fedia a suor e metal superaquecido.

Via candidatos escorados sobre as mesas, rostos vermelhos, alguns em macas sendo levados para fora.

Os examinadores são lunáticos. Não é possível.

Arrancou o blazer — o calor escorria sob a camisa, grudando o tecido à pele.

¹⁷ **Sistema fechado** = em física, sistema que não troca matéria com o ambiente externo; usado em experimentos, simulações e questões teóricas para simplificar a análise de processos.

¹⁸ **Entropia informacional** = conceito da teoria da informação, mede o grau de desordem ou incerteza em um sistema de comunicação; quanto maior a entropia, mais difícil extrair sentido ou ordem dos dados transmitidos.

Perplexo com o cenário decadente, procurou por seu assento, que estava alguns andares acima.

Ao chegar ao primeiro piso e virar à direita, viu Ellian dormindo no canto, como se nada acontecesse. Uma brecha na vedação da estrutura tornava o ar um pouco mais suportável que no restante do hangar. À esquerda, notou uma trilha de suor sobre o piso metálico, como se caminho de uma lesma gigante.

Acompanhou o rastro e conteve um gargalhar. No fim da trilha, Mira — nua, serena, a prova nas mãos — parecia zombar do calor e das regras.

Os candidatos são lunáticos. Não é possível.

De tempos em tempos, ela rolava para o lado quando o metal absorvia calor suficiente para forçá-la a se mover.

Criativa.

O caderno de questões não surpreendeu. Já não havia nada que não pudesse esperar.

Pressionou dois dedos contra o pulso. A frequência subia. Precisaria ajustar a contagem antes de perder o controle.

Com a sanidade ainda preservada, priorizou as questões mais extensas e complexas, começando pela física quântica, como previa a lógica da prova.

Boa parte das objetivas sequer mereciam respostas — insultavam o raciocínio.

Questão 7220: "Esta pergunta está errada?"

A) Sim B) Não C) Ambas D) Nenhuma

Observou, com um suspiro, candidatos disputando o único bebedouro, em psicose coletiva.

[POL]

CINCO DE JANEIRO — 16:53:15

A fila se arrastava num ritmo quase degradante. Ainda longe da entrada, viu alguns candidatos desistirem — um alívio irrelevante diante do tempo que escoava depressa.

Sentou no chão, tentando acalmar a mente. Orwell atravessava seus pensamentos, junto com a dúvida incômoda: *estaria seguro depois do fatídico encontro do dia anterior?*

PARTE 5 — FUGA

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Abertura mostrando o sistema solar em panorama minimalista e aproximando zoom na Terra]

Agora vamos para entrevista ao vivo com uma das testemunhas do conflito nos subúrbios.

— Boa noite Fred! Os relatos da população estão em todos os lugares. A comoção assustou muitos moradores, que estão implorando para a melhora da segurança pública na região. Vamos conversar com um pedestre agora mesmo.

— Senhor, boa noite! O que o senhor viu no momento do conflito?

— *Eram Aliens, tenho certeza. Eu estava em casa, aí fui pra janela ver o que era o estrondo na rua. Quando vi, um vulto preto estava abduzindo alguém!*

— É realmente trágico a polícia permitir abduções alienígenas em pleno século XXII. Eles deviam ser mandados de volta pros seus países, ao invés de sequestrar pessoas de bem. De volta ao estúdio.

— A seguir: Rede clandestina de "cirurgiões de chips" descoberta nos subúrbios — Procedimentos para remoção de Links associados a dezenas de mortes por infecção. O porta-voz da Secretaria de Segurança Digital alerta: "*Remover seu Link é como arrancar sua própria alma.*" — Isso, e muito mais, daqui a pouco, no IIC.

5.1 ORWELL — UM DIA ANTES

QUATRO DE JANEIRO, 00:00 — DIA ANTERIOR AO EXAME

Pol era íntegro. Se fizera uma promessa, manteria — não importava quantas décadas tivessem se passado.

Orwell cortou qualquer saudação:

— Qual o seu nível de autorização dentro da GOES? — Sussurrava como se as paredes pudessem ouvi-lo.

— Alto o suficiente — Pol mediu o tom do antigo amigo por um instante. — O que aconteceu?

— Não posso dizer. Preciso de transporte discreto para outra cidade. Você consegue me ajudar?

Sem perder tempo, Orwell explicou onde estava e o destino que precisava alcançar.

Pol teria de encontrar Orwell pessoalmente e exigir explicações — nada de mensagens, muito menos confiar em intermediários. Arriscado demais, especialmente se houvesse monitoramento.

Por sorte, o destino ajudava — ambos iam para a mesma cidade. Conseguia chegar rapidamente.

Ainda assim, não podia descartar a pior hipótese — se Orwell estivesse sendo monitorado, Pol também estaria sob risco de exposição.

— Em exatas três horas vou entrar em contato, então esteja com tudo preparado e pronto para o encontro — disse Pol.

Orwell já tinha tudo pronto. Mas na cabeça dele, uma certeza incômoda serpenteava: nem velhos amigos eram imunes à desconfiança.

Dirigiu-se, sorrateiro, ao terraço do prédio e encontrou um ponto discreto o suficiente para deitar de bruços e monitorar as esquinas com binóculos.

Observou o pombal humano que era a região. Prédios descascavam com tinta velha, janelas quebradas, a rua esburacada. Um local esquecido pela sociedade.

Tirou um momento para sentir o frescor do ar no terraço. Não havia nenhum frescor, só cheiro de esgoto e poluição que queimava as narinas.

Sem movimentos significativos nas redondezas, Orwell passou o tempo observando algumas janelas de luzes acesas.

Casais em coito, viciados injetando heroína, garotas de programa adolescentes oferecendo o próprio corpo por outra dose.

Alguém suspeito carregando sacos de lixo muito maiores do que deveriam ser.

Teve quase certeza de que presenciou um suicídio ao vivo.

Ou talvez fosse sua mente projetando o que ele estaria fazendo com a própria vida.

Viu um homem entrar num quarto pequeno, claustrofóbico, mal iluminado por uma luz tremulante e amarelada. Havia uma cadeira velha no centro do cômodo, como se já esperasse por ele há muito tempo.

O sujeito segurava uma corda grossa, quase obscena na sua crueza e simplicidade. Sua expressão era ausente, vazia de qualquer emoção perceptível, exceto por um brilho úmido que refletia fracamente nos olhos cansados.

Lento, meticuloso, como se executasse um ritual sagrado, ele amarrou uma das pontas da corda no ventilador de teto, um modelo velho e enferrujado que parecia incapaz de suportar peso algum.

Subiu na cadeira, o movimento quase trêmulo denunciando um vestígio de hesitação, uma luta final entre o instinto e a decisão tomada. O pescoço se encaixou no laço preparado, um colar grotesco e fatal. Um suspiro profundo foi tudo que escapou de seus lábios.

Sem cerimônia, sem palavras, sem uma nota dramática ou explicação final, chutou a cadeira. O som abafado do impacto do corpo contra o peso da gravidade encheu o ambiente com uma intensidade nauseante. Os pés se debateram, um último e desesperado reflexo da vida que teimava em não abandonar tão facilmente aquele corpo que havia decidido partir.

Para qualquer pessoa normal, assistir àquilo seria quase insuportável, uma cena que desafiava o estômago, que desnudava qualquer verniz de humanidade e reduzia tudo a carne, sangue e a inevitabilidade crua da morte.

O ventilador rangia sob o peso, girando lentamente, uma dança macabra, enquanto o corpo pendia imóvel, silencioso, finalmente em paz.

Orwell estava acostumado com esse tipo de cena. Sequer ficou surpreso pelo que presenciou.

Ao checar o relógio, já haviam passado duas horas e meia.

As esquinas estavam movimentadas — carros, homens de terno em comunicações discretas através de voxels.

A garganta secou.

Pol não faria isso.

Mas e se fizesse?

O voxel vibrou no horário combinado.

Sem desviar dos binóculos, Orwell atendeu.

O homem de terno, a sudeste, tornou-se visivelmente mais agitado ao primeiro sinal da chamada.

Questionando se não era uma armação de Pol, teve de tirar suas dúvidas.

— Pol... Eu posso confiar em você?

— Sim, Or. Com sua vida — *pareceu genuíno*. — Estou próximo. Você está preparado?

— Calma... Talvez não seja seguro para você.

— Pensei na possibilidade. Você se lembra daquela vez que estava em apuros, investigando uma empresa de óleo, e me pediu para distrair os seguranças?

— Sim...

— Lembra como você não estava no prédio em que achavam que estaria? Como eu cheguei com um carro enorme na outra esquina e fugimos quando os seguranças perceberam que você não estava no edifício?

Não fora bem assim. No caso mencionado, Pol só serviu como distração enquanto Orwell se esgueirava por trás.

Ele deve estar tentando dizer alguma coisa.

— Você quer que eu corra até seu carro quando chegar na posição? — Orwell perguntou.

Torcia para que Pol entendesse a deixa — se indicava para que saísse sorrateiramente enquanto fazia algum tipo de distração.

— Não, Or... Você se lembra de onde estava fazendo observações?

Do telhado! Ele estava vindo por ar?

— Sim, Pol. Eu estou fazendo observações exatamente da mesma maneira que estava naquele dia.

— Perfeito. Fique posicionado. Não saia do lugar. Você vai saber quando eu chegar. Nesse momento, você vai ter que ser rápido. Trinta segundos.

Enquanto as palavras de Pol ainda ecoavam, Orwell sentiu a inquietude crescer. Cada ligação atendida parecia ser filtrada por ouvidos invisíveis, fragmentando seu pensamento. O silêncio da espera transformava-se lentamente em um presságio do que estava por vir.

A esquina encheu de movimento nessa hora. Mais três pessoas de terno saíram de ambos os carros, dividiram-se em grupos — uns corriam para o prédio ao lado, outros para as esquinas próximas. Outro automóvel chegou acelerado e parou em frente ao seu prédio, descarregando mais três pessoas.

Os próximos segundos pareceram acontecer em câmera lenta enquanto o caos irrompeu na rua.

Um comboio de sirenes nas esquinas. Duas viaturas policiais apareceram; um terceiro entrou na rua e capotou rumo a um dos carros pretos quando um disparo atingiu o pneu durante a curva.

Eu entendi errado o recado de Pol? Será que ele estava realmente usando isso como distração?

Um tiroteio irrompeu na rua entre os dois grupos; mais veículos apareceram. Seu voxel apitou.

— Você está popular mesmo. Bora! Estou te vendo.

Orwell, ainda procurava Pol entre os prédios, quando viu pelo canto do olho uma sombra colossal que pairava acima e se aproximava — silenciosa, invisível para olhos desatentos.

Quatro rotores arremessavam vento gélido e poeira, beliscando seu rosto com os impactos. Um dragão noturno flutuava alguns metros acima de si.

Por um mísero instante, sua paranoia tentou tomar controle, dizendo que não era Pol, mas sim uma armadilha.

Uma escada foi lançada de dentro. A paranoia rapidamente foi substituída por tensão com o prospecto do que viria em seguida.

Olhou para cima. Um bloco de metal, hélices girando em dezessete mil rotações por minuto — e ele, Orwell, estaria pendurado numa escada, dependendo apenas da força de seus braços para confrontar tanto o impulso das hélices quanto a mesma gravidade da

qual a máquina suspensa no ar parecia zombar. Todas as constantes da física trabalhando em conjunto para tornar Orwell e o asfalto a mesma entidade.

Olhou para baixo. Uma zona de guerra tão repentina e intensa que deixaria o século XX orgulhoso. Talvez fosse melhor só ficar parado no telhado e rezar para que ainda estivesse adormecido no estúdio.

Prefiro morrer num tiroteio ou caindo de um prédio? — Ah, que se dane.

Orwell correu até a escada, segurou o degrau de metal com mais força do que precisava — respirou fundo — e observou o caos que acontecia na rua abaixo. Pessoas correndo dos disparos pareciam formigas em fuga das luzes coloridas emitidas pelas sirenes.

Sua vertigem aumentou ao ganhar altitude. Tinha aquele estranho sentimento de quando se está diante de um lugar alto, com o repentino desejo de pular. O impacto do vento empurrado pelas lâminas giratórias o incentivava como líder de torcida.

A escada retraía lenta demais para seu gosto, mas estava paralisado de medo para fazer qualquer tentativa de subida. O quadcopter em si voava tão suave que quase não causava oscilações em Orwell, mas uma lufada de vento o deixou praticamente horizontal — muito mais perto da bendita hélice do que gostaria. Era o momento perfeito para se despedir do jantar.

A figura montanhosa estendia-se acima, oferecendo a mão para puxá-lo para dentro. Poucas vezes na vida ficou tão aliviado em ver alguém. Todas elas tinham sido a mesma pessoa. Pol.

Seus olhos ficaram marejados ao se tocar da realidade — *ele veio. Ele realmente veio e está aqui para mim. Não estou sozinho, pela primeira vez em trinta anos. Não estou sozinho.*

5.2 ORWELL — POL — RUMO À CIDADE DA AVALIAÇÃO

QUATRO DE JANEIRO — 03:55

Não trocaram nenhuma palavra depois que se acomodaram nos assentos do veículo voador, cujo interior era surpreendentemente confortável.

Orwell não conseguia erguer o olhar, em vergonha, por não ter tentado contato durante essas décadas. Pol tinha exatamente a mesma sensação.

Começaram a falar juntos.

— Or...

— Pol...

Ambos levantaram o olhar e riram. Riram demais. De nervoso, talvez. De alívio. Não era só tensão. Era o silêncio acumulado de trinta anos se desmanchando. Isso pareceu quebrar toda a apreensão que pairava.

— Quer me contar que diabos está acontecendo? No que você se meteu dessa vez?

Orwell estava impressionado com o porte confiante, quase militar do amigo, embora pudesse notar um sutil semblante obscuro que tentava se esconder — e talvez até conseguisse — mas Pol era um livro aberto para Orwell.

— Eu não me meti em nada! Algum turbilhão me puxou.

Explicou todos os eventos das últimas poucas horas. A entrevista parecia ter sido dias antes.

Pol ouviu em silêncio e permaneceu com expressão focada, braços cruzados, balançando a cabeça enquanto raciocinava sobre todo o relato.

— Deixa eu ver esse voxelcard.

Analisou por alguns instantes, anotou o endereço e colocou dentro de algo que parecia uma carteira metálica.

— Pode estar sendo rastreado. Isso vai cortar qualquer sinal. Não tire desse compartimento. Me dê seu voxel.

Pegou o dispositivo móvel, quebrou ao meio e arremessou pela janela. Entregou um novo para Orwell, que estava guardado num compartimento lateral.

— Por que você está indo para o endereço marcado, mesmo com tudo indicando que é uma armadilha? Pelo visto, você nem mesmo conseguiria chegar lá sozinho.

— Quero entender o que está acontecendo. E senti um pouco de saudade dos velhos tempos. Quem enviou talvez não seja parte de um dos grupos que estava atrás de mim.

— Esse Senador assassinado parece ser um apoiador fervoroso de maior fiscalização das instalações de pesquisa privadas. Consigo entender o motivo por trás do crime. Talvez você só seja um bode expiatório, por conveniência.

Se encararam em silêncio por alguns instantes, pensando sobre a situação.

— O que você vai fazer na mesma cidade, afinal? — perguntou Orwell.

— Prova de seleção para Fundação NOVA — Pol respondeu curto.

— Para Fundação NOVA??! Por que caralhos?

— Não posso dizer — Pol, encarava o repórter com uma expressão que indicava: você consegue ligar os pontos.

Orwell entendeu o significado da expressão. Conseguia imaginar o que queria dizer. Provavelmente era alguma operação interna da GOES.

Mesmo tantos anos depois, ainda tinham a comunicação não verbal intacta, que havia sido aperfeiçoada ao longo do tempo em que foram amigos.

— Tem mais uma coisa, Or...

Uma troca de olhares amaldiçoados dizia tudo. Os dois sabiam o que viria em seguida. Orwell não queria pensar sobre isso. Pol fanzia a testa, incerto sobre o que teria de ser feito. *É drástico demais?* — pensou.

Orwell encolheu: — Eu sei — respondeu com a boca seca.

— É melhor fazer o quanto antes. Você está preparado? — continuou Pol. — Tem dinheiro físico? Vai precisar. — Sua voz transparecia hesitação, mas a decisão já tinha sido tomada.

— Tenho... — disse Orwell, pensando sem remorso no que pegou da velha.

— Coloque sua mão aqui em cima da mesa. Vai ser rápido — disse Pol, com expressão séria, como uma ordem militar. Tentou deixar os sentimentos e inseguranças de lado.

Pol buscou algo no compartimento lateral e retirou um cortador de charutos, extremamente afiado.

— Talvez seja melhor você morder alguma coisa.

Tentou esconder o tremor nas mãos. Também não estava nem um pouco confortável com o que teria que ser feito, mas precisava ao menos fingir domínio da situação para tranquilizar Orwell.

Orwell apoiou o cotovelo na mesa, punho fechado com o indicador esticado, colocou um pano na boca. Pol segurou a mão e posicionou o cortador.

— Espera! Deve ter outro jeit...

Creck

— GHAA... FILHO DA P*

Orwell revirava os olhos de um lado ao outro, oscilando entre perder ou não a consciência. A mandíbula pressionava o pano com tanta força que poderia perfurar o

tecido ou até quebrar um dente. Sua garganta berrava guturalmente, o mais próximo que uma vocalização era capaz de chegar a um rottweiler defendendo território.

Olhou para a mão.

O corte não funcionou. Pol subestimou a força necessária para cortar um osso.

Pol parecia enjoado, sangue drenado do rosto. Ele era cientista, afinal. Um cientista muito musculoso, mas ainda assim. Nunca teve de fazer algo do tipo.

Abriu de volta o cortador — sangue esguichava pela ferida, havia atingido o osso, mas não forte o suficiente para decepar o membro.

Orwell tentou retrair o braço, mas não conseguiu mover nem um centímetro.

Pol era forte demais.

Orwell balançava as pernas e esmurrava a mesa com a outra mão, em agonia.

Ainda segurando o punho, Pol se levantou.

Posicionou a mão da maneira que conseguiu, tomou distância, ergueu o braço e jogou o peso corporal com toda a força de seus músculos para impulsionar a descida do punho sobre a guilhotina.

Uma enorme marreta de demolição contra um prego comum.

Dessa vez saiu num instante com uma sonoridade crua, rápida, parecida com o cortar de uma cenoura grossa — um "Tchoc" abafado, úmido, seguido de um estalido interno, o som do tendão ou cartilagem partindo.

O dedo voou em direção a Pol, bateu em sua camisa e caiu ao chão. Sangue jorrava do local, o osso e carne expostos. A mesa, agora vermelha, pingava.

Primeiro veio um som agudo, um apito incessante no ouvido de Orwell, que pareceu crescer constantemente até, enfim, traduzir-se em dor lancinante. Então perdeu a consciência. Pol virou para o lado e vomitou.

Retomou a compostura e aplicou os primeiros socorros. Suas mãos tremiam como jamais haviam feito na vida. Queria chorar. Nunca nem machucou uma mosca.

Arremessou o dedo pela janela. O implante precisava ir embora. Prosseguiu aplicando uma injeção anestésica em Orwell.

O pior passou. O pior passou — alguma voz interior dizia que Pol mentia para si mesmo. Balançou a cabeça para afastar o pensamento.

O governo nunca admitira, mas era conhecimento comum que os implantes poderiam ser usados para rastreamento.

Ainda tinham algumas agonizantes horas de trajeto pela frente.

5.3 ORWELL — CIDADE DA AVALIAÇÃO

QUATRO DE JANEIRO — 15:00

Pol o deixou na entrada da cidade para não levantar suspeitas para si. Também deu um pacote de antibióticos e algumas injeções de anestesia se a dor ficasse muito forte.

Orwell, em estupor induzido por opioides, segurava o punho enfaixado como se fosse um recém-nascido. Ainda assim, a ferida latejava com cada pulso de seu coração.

— Não suma. Se precisar, meu contato está nesse voxel. Dê notícias, ok? Você vai se virar bem?

— Pode deixar, Pol. Obrigado, de verdade. Algum dia vou ter que salvar sua pele para retribuir.

— Há! Como se eu fosse precisar!

Se despediram com um abraço. O perfume era o mesmo de três décadas atrás. Orwell observou, melancólico, o quadcopter levantar voo. Estava, mais uma vez, à mercê da própria sorte.

Pelo menos estou chapadaço — demorou para perceber que acenava para o mesmo ponto no céu há cinco minutos.

Cambaleante, pegou o primeiro ônibus que viu e foi largado na última parada.

De alguma maneira caminhou até o centro da cidade e foi para o primeiro hotel barato que conseguiu encontrar, próximo ao local marcado no voxelcard.

Por sorte, era um edifício convenientemente visível da hospedagem que conseguiu. *Para alguém que não acredita em sorte ou coincidências, até que estou numa sequência de vitórias.*

O quarto era um espelho dele — podre, esquecido, fedendo a mofo e fracasso.

Relutante, tirou a luva que usava para esconder a amputação. A mão enfaixada faltando um indicador levantaria suspeitas. Grunhiu conforme a fricção do couro sintético tensionava sua pele.

Procedeu a limpar a ferida, evitando olhar diretamente. Pegou a garrafa de uísque barato que tinha na mochila e, em um único gole, esvaziou pela metade. Mais uma dose

dupla de anestésicos e estava no ponto para suportar a dor e afogar o trauma da experiência.

Grogue, jogou o conteúdo da mochila sobre a mesa: lentes, gravador, um drone do tamanho de um baralho, o canivete sujo, dinheiro sujo, voxel sujo. Tudo sujo. Exceto a vontade de meter o nariz onde não devia — essa ainda era límpida.

Posicionou a câmera na janela e deixou a bebida e sedativos tomarem conta de seu corpo e mente. Encarou as sombras da rua, projetadas no teto do quarto, internalizou o som — quase constante — de viaturas e berros sem nexo das redondezas, cantigas de ninar para o repórter, até eventualmente adormecer.

No dia seguinte, acordou em estupor, inundado de suor, pegou sua mochila com equipamento e partiu para investigar.

Perguntou no balcão principal e lojas próximas para ver se alguém sabia o que era o prédio à frente, somente respostas em desconhecimento ou achando que estava abandonado.

Vizinhança simpática — pensou, conforme tinha mais interações rudes e infrutíferas. Talvez achassem que fosse um louco, morador de rua ou viciado.

Resolveu turistar pela cidade — não que fosse um lugar de abundantes atrações — por algumas horas, até receber um ping de Pol.

Só avisaram o local da prova faltando uma hora para começar. Endereço está em anexo. Está tudo bem?

Respondeu que estava tudo certo e alugou um carro para se dirigir às proximidades do endereço que havia recebido no ping.

Considerou suas estratégias ao chegar no local da avaliação. Posar de candidato iria atrair muita atenção. Optou por verificar um perímetro de quatro quilômetros para se familiarizar com o bairro e montar uma base de tocaia.

Conforme rondava a região, numa das ruas mais desertas, uma pequena figura corria em desespero. Se tivesse visto, provavelmente notaria apenas o longo emaranhado loiro num dançar frenético.

Ao ver o veículo, disparou imediatamente pelo meio da rua na direção de Orwell, distraído com suas anotações — que na verdade eram rabiscos ilegíveis.

Parece que nada vai acontecer hoje. Nem uma sombra suspeita no prédio. Nem uma merda de sinal.

De repente — ***CRASH.***

A mulher quase atravessou o para-brisa e caiu em cima do capô. Era tudo que precisava: atropelar uma pedestre enquanto foragido da polícia.

Em seu estado, jamais conseguiria ter uma reação instantânea ao incidente. Demorou alguns segundos a mais para reagir e se assustar com o impacto. Ao sair do carro para ver a situação, a moça, já de pé, acelerava em sua direção.

Sorte que eu estava indo devagar.

— Você tá maluca, menina? Quase que eu te mato numa dessas. Imagina se estivesse distraído?

Como se não tivesse escutado, ou ignorado completamente o que ele falou, enfiou o braço em sua direção, colocou o voxel praticamente na cara de Orwell.

— Moço, pelo amor dos céus, você sabe onde é isso? — disse, sem fôlego, com o corpo recurvado para retomar o ar.

Era o local do exame.

— Sei sim. É aqui pert... — Parou de falar quando a menina circundou o carro e mergulhou rumo ao banco de passageiro, como nadadora olímpica.

— ENTRA E ACELERA — gritou a moça numa expressão de seriedade que amedrontaria qualquer um.

No susto, Orwell entrou no carro e acelerou sem pensar duas vezes. Não estava com saúde para tomar um tiro, nem sequer tinha capacidade de argumentar.

Que maravilha. Fui tomado de refém por uma mulher de 1,60m. Tudo que me faltava.

— Moça, se isso é um sequestro, já aviso que não tenho nada, e o carro é alugado — disse num suspiro.

— Sequestro? Não. Só me leva para o endereço.

— Você vai para a prova da Fundação NOVA?

— Óbvio.

— Ok, ok. É aqui perto. Só alguns minutos — e assumiu o controle manual do carro para ir mais rápido que o sistema de direção automática.

— Como você veio parar aqui? — perguntou Orwell.

Os pneus derrapavam numa curva agressiva. Em outra vida, poderia ter sido piloto profissional. Sempre teve aptidão com veículos.

A mulher tomou um susto com a pergunta, como se tivesse feito-a raciocinar que tinha alguém no carro com ela. Orwell se arrependeu de perguntar — talvez preferisse não saber.

— Me perdi no caminho.

Orwell bufou, ainda com o volante firme. — *Isso só pode ser punição divina.*

A moça olhava pela janela para nada em específico, como se tivesse esquecido de sua presença novamente.

Orwell olhou de canto.

— Típico. Nem sei quem é mais doido — eu por deixar você entrar, ou você por entrar num carro com um estranho numa rua deserta.

A moça virou o rosto, séria. — Você não parece perigoso.

— Que bom que eu não sou um assassino.

Apenas foragido da polícia — pensou.

— Eu ainda não disse que você não é — retrucou.

Poucos minutos depois, chegaram na rua.

— É logo naquele prédio — disse Orwell.

— Você é um anjo! Qual seu nome?

— Orwe...

Novamente interrompeu a fala — a mulher praticamente se jogou para fora do carro em movimento e disparou rumo ao local da avaliação.

Isso foi estranho. Ao olhar para o banco do passageiro, viu que ela deixara a carteira cair. Ia sair do carro para gritá-la, mas viu as portas fechando logo que ela entrou no salão.

Abriu a carteira para ver o que tinha dentro. Pegou algumas notas como pagamento pela carona.

CARTEIRA DE IDENTIDADE GOVERNAMENTAL

MIRA WALLOW — DIRETORA DE PESQUISA ORBITAL

Ele era mesmo um imã de astrofísicos. Por que sempre são astrofísicos?

— Você nunca foi
um imã, Orwell.
Você era uma
estrela. Por favor,
volta.



— Sabe muito
bem que esse não
pode te ouvir.
Vamos embora.
Ele não vai voltar.

PARTE 6 — SISTÊMICO

6.1 GOES — ORIGENS

Embora as guerras tradicionais houvessem acabado há décadas, a paz era mera ilusão para o homem comum — pacífica o bastante para mantê-lo distraído.

Por baixo dos panos, o sistema geopolítico girava em torno de conglomerados em conflitos comerciais, espionagem corporativa, sabotagem, corrida tecnológica. Uma verdadeira guerra fria empresarial, sem limites éticos ou morais nas abordagens.

Governos eram mera fachada. Fantoches de quem pagasse mais, seja em dinheiro, influência ou tecnologia.

Na falta de um órgão centralizado para controle e monitoramento, a recente corrida quântica representava um cenário análogo à anarquia, ao menos acima da atmosfera. Uma disputa sem regras para aplicabilidade de sistemas avançados.

Internamente, as instituições costumavam funcionar de forma mais democrática, geralmente comandadas por Diretorias que guiavam a tomada de decisões.

A GOES, por exemplo, dividia-se em cinco diretorias — Ética, Política, Planejamento, Militar (que MDK presidia há mais de trinta anos) e Científico, recentemente assumido por Pol.

As decisões difíceis, bem... eram tomadas por quem fosse ousado o suficiente para fazer o que tinha de ser feito.

A transformação da GOES começou quarenta anos antes, quando MDK assumiu a Diretoria Militar — um evento que redefiniria o papel mundial da organização.

O que antes era uma organização burocrática tradicional, hierarquizada, sem muito propósito objetivo, foi transformado numa força da natureza após a entrada do General que, de imediato, rompeu protocolos e paradigmas internos.

— MDK, no que posso te ajudar? — perguntou PHY, o Diretor Científico da época, sem erguer os olhos dos documentos espalhados sobre a mesa.

— Preciso de acesso a todos os arquivos relacionados às bases orbitais — disse MDK em tom protocolar.

PHY prendeu o cabelo conforme levantava o olhar, um gesto que denunciava irritação crescente.

— Você já tem acesso a tudo que precisa ter — respondeu secamente. Não ia aturar ordens de um novato. — Olha, eu sei que você é novo aqui, quer mostrar serviço... mas se atenha ao seu setor.

— São matérias de defesa, PHY. Como posso planejar contingências se sequer tenho acesso às informações específicas? Por que diabos temos uma estação em luas nos confins do sistema solar, por exemplo?

PHY endireitou a postura e ficou frente a frente com o General, encarando-o de cima a baixo. O ar na sala pareceu esfriar alguns graus.

— Estações de pesquisa. Você já sabe tudo o que precisa. Qualquer coisa a mais, resolva nas assembleias.

— Não é o suficiente.

PHY deu as costas: — Dispensado! — ordenou, com uma autoridade que já não possuía.

Esse foi o primeiro diretor deposto através das maquinações internas de MDK. Seu destino, talvez o mais infeliz dentre todos — afinal, o General precisava mostrar definitivamente o que era capaz de fazer com quem cruzasse seu caminho.

Todos os diretores subsequentes aprenderam a lição.

6.2 GOES — ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA

2121 — 4 ANOS ANTES

Cinco figuras sentavam-se numa mesa redonda. A relatora guiava os tópicos e anotava o que era discutido.

A pauta imediata fora a propositura de uma ação de marketing em solo, solicitada pelo Diretor de Ética, Yygg.

O primeiro a se manifestar, com forte sotaque francês e voz aguda completamente paradoxal com sua aparência, foi Usif.

Usif, um anão de barba densa e braços peludos como um urso, parecia ter saído de um conto de fadas ruim. Dificilmente alguém imaginaria aquele homem exótico como o Diretor de Planejamento da GOES.

— Eh, mas que gasto absurdo de recursos, avec todo esse dinheiro jogado fora! Pourquoi vocês desperdiçam mon tempo com essa baboseira inútil, hein? Il faut que eu entenda: qual é a logique de ter um département d'éthique numa agência de pesquisa, non? Il faudrait rever essa estrutura imbécile tout de suite!

Ninguém tinha muita paciência para Usif dentro da GOES — todavia, o homem contribuía enormemente em aspectos-chave para a ascensão da instituição na última década.

Gray revirou os olhos. Também queria votar contra, mas precisava fazer um *mea culpa* para manter boas relações, e um razoável equilíbrio que, por si só, já era fragilizado dentro da instituição.

Era o homem mais fino do local. Terno sob medida, cabelo meticulosamente penteado para trás, sorriso contido de quem calcula cada gesto. A pele impecável, os olhos frios — como se cada olhar fosse uma entrevista de emprego. Voz pausada, olhar fixo, presença que impõe respeito e ameaça em silêncio. Um executivo esculpido a bisturi, feito mais de controle do que de carne.

— Aye. Uma política de conscientização aumentaria a recepção da nossa imagem pública — defendeu Gray, Diretor Político recém-empossado. Era o terceiro em três anos.

— Não somente, mas também elogio a iniciativa nobre do colega Yygg pelo pensamento progressivo e fantástica atuação em vosso departamento.

Yygg acenou com a cabeça em agradecimento.

Pol desejava se manifestar, porém ficou em silêncio. Ainda se sentia novato dentro da Diretoria e não queria passar uma impressão negativa para MDK, que fora o principal articulador para sua ascensão dentro da organização.

Tiveram inúmeros desentendimentos no passado, mas via MDK como uma figura mentora. Era duro, mas justo. E suas decisões nunca feriam ou fugiam da ética e moral.

MDK, desinteressado na discussão em questão, se manifestou:

— Gastar recursos com imagem pública? Nay. O povo está mais do que satisfeito com o pão e circo que recebe. Proponho que essa verba, em caso de negativa, seja direcionada meio a meio entre a Diretoria Militar e Científica.

— MDK, você não pode simplesmente propor um redirecionamento da verba de uma proposta. Isso pertence ao comitê de ética — disse Gray.

O General levantou uma sobrancelha e alisou o denso bigode.

— Gray, meu amigo. Caso ainda não conheça a cláusula 988-B do regulamento interno, agora conhecerá. Essa é medida cabível, aplicada para desmotivar péssimas propostas e não desperdiçar o tempo da Diretoria.

— Você está comprando o Diretor Científico oferecendo metade do valor para o setor dele! Sabe que é o voto de Minerva! — criticou Yygg. — Me recuso a fazer parte disso, caso siga em frente com essa cláusula.

— Acompanho o colega! Isso não tem lógica! — completou Gray.

MDK tamborilava os dedos sobre a mesa polida, um sorriso quase imperceptível brincando em seus lábios enquanto Gray protestava. A cláusula 988-B era sua criação, uma ferramenta afiada que ele apreciava usar.

— Façam o que quiserem. Estou invocando a 988-B. Lembrem-se: os senhores são substituíveis, assim como cada um de nós. Vamos seguir em frente? Pol? — respondeu MDK, cruzando as pernas sobre a mesa, o que lhe gerou um olhar de reprovação de Usif.

— Sigo o voto do General — disse Pol em tom baixo e inseguro, sem justificar suas razões.

— Negada a proposta. Verbas citadas serão direcionadas 50/50 entre o comitê científico e militar, sob censura do comitê de Ética — disse a relatora.

— Isso é absurdo! Boa sorte procurando um novo Diretor de Ética. Me demito! Gray?

O Diretor Político se manifestou brevemente. Não iria embora. Seu objetivo de tirar Yygg da Diretoria fora um sucesso.

Além disso, já estava tão farto daquela assembleia que começou a admirar entalhes nada românticos dos arredores — só coisa industrial chata. Nenhum objeto sensual. Tinha mais o que fazer.

Se manifestou, rezando para acabar logo: — Permaneço na Diretoria. Em complemento, proponho a adição de Illia Aganov para o cargo de Ética. Foi meu pupilo, homem íntegro.

Todos os demais votaram Aye. Yygg deixou a sala furioso.

— Vocês vão se arrepender desse tratamento podre!

Pouco importava. Todos os dados que ele tinha acesso eram falsos.

— Enfin! Menos um moralista para atrasar o progresso com sua... éthique — disse Usif.

Agora voltaria para a Base Orbital Venusiana da VenCorp — de onde fora enviado como insider — e levaria de volta falsas informações de pesquisa que os fariam ir no rumo errado por alguns anos. MDK, Gray e Usif se entreolharam, satisfeitos. Pol não sabia do planejamento feito entre os outros colegas. Se tivesse conhecimento das maquinações que ocorriam frequentemente por baixo dos panos, certamente deixaria a posição.

Posteriormente, no mesmo dia, MDK e Gray se encontraram para fazer um pacto de não agressão.

— Pronto, já te dei seu peão. Está satisfeito? — disse MDK, com a expressão fechada.

— Certamente que sim. E estamos combinados de deixar Usif como contrapeso da balança, correto?

O General assentiu e apertaram as mãos. Gray deslizou, como uma pluma, um voxel no bolso de MDK.

— Grato.

— Se me permite a pergunta, MDK. O que vai fazer com esses dados? — perguntou Gray, portando o falso sorriso de político profissional e estendendo um copo de uísque para comemorar o acordo.

MDK recusou a bebida, levantando a palma. Antes que pudesse responder à pergunta de Gray, o colega já interveio:

— Deixe de ser careta, General. De onde eu venho, é extremamente rude recusar uma bebida após um acordo. Significa que você não vai cumprir seu lado da promessa.

Com um suspiro de resignação, aceitou o copo e se sentou, observando o escritório de Gray. O ambiente brilhava de impecável — absolutamente nada milimétricamente fora do lugar planejado.

Até mesmo os documentos e folhas de papel estavam empilhados como se feitos com régua. Meticuloso. Uma pilha de cartões de visita antiquados, físicos, chamou a atenção de MDK.

Gray entregou um para o General, após notar o meio segundo a mais que encarou o cartão.

— Marfim com fonte Romaliana — disse, orgulhoso.

MDK deu de ombros e jogou o cartão em qualquer bolso lateral da roupa — gesto nada apreciado pelo outro Diretor, que esperava um elogio pela cuidadosa arquitetura por trás do cartão. Finalmente retomou o assunto:

— Esses dados, Gray, me dão um importante panorama do avanço tecnológico dos competidores e o fluxo político num futuro próximo.

— Precisamos acelerar nosso desenvolvimento e presença em órbita. Temos que crescer muito. E rápido. Senão viramos poeira redundante.

MDK tinha a postura tensa durante suas falas. Puxava a ponta do bigode.

— Não vamos cair na redundância, General. A GOES vai ser elevada para outro patamar nos próximos anos. Eu te garanto. — E ergueu o copo, fazendo um brinde.

O General respondeu com um pequeno semblante de sorriso.

O brinde era só um ritual — ambos sabiam que, no fundo, ninguém cumpriria promessa alguma.

6.3 WILL — APÓS A ASSEMBLÉIA

2121

Poucos dias depois, na base Vlad-2, Will arremessava uma pasta contra a parede.

— O imbecil do Yygg se demitiu?!

Cathy encarou o impacto patético e direcionou o olhar para a janela ao lado — o panorama do edifício mais alto da estação permitia ver toda a extensão da estrutura rotatória, conectada através de quatro eixos centrais. Até que tinha um charme, mas bem que podia ter mais vegetação. Voltou o olhar para Will, após contemplar por um instante.

— Eu falei que ele era um fantoche incompetente. Mas o líder supremo vai ouvir a Cathy? Nãooooo. Vou escolher o meu próprio nome. Tururu — disse Cathy, girando preguiçosamente na cadeira.

— Ele era uma fonte dentro da estação Venusiana, Cathy.

— Uma fonte merda, Willzinho. Ou você começa a me ouvir, ou bate a cabeça contra a parede igual um tamanduá com down. Mas pode ficar tranquilo. Já tenho novos ratinhos no forno.

— E não foi de todo ruim, queridinho.

Ela sabia como — e gostava de — provocar Will.

— Já soltei uma nota de repúdio contra a renúncia do Diretor de Ética da GOES. A imagem pública deles vai para o buraco agora. Duvido que algum dos cabeças de vento de lá tenha pensado nas repercussões públicas — disse Cathy.

— Inclusive, salvei esse trecho do noticiário só para você, Willzinho.

Cathy apertou um botão e uma tela se acendeu com o noticiário.

Will respirou fundo, buscando o autocontrole que vinha perdendo desde a noite anterior. *Menos pior*.

— Só me avisa quando um dos teus ratinhos der certo, Cathy. E reza para ele não sair mordendo o dono.

Cathy o encarou com seriedade repentina.

Essas transições de expressão sempre ajudam a desestabilizar o brinquedo — pensou.

— William... Essa leva é particularmente especial. Apelidei eles de Sentinelas 2.0. Você não confia em mim? — acendeu um cigarro.

— Por favor, não fume na estação. Vai explodir um tanque de gás qualquer dia desses. E não. Não confio em você.

Cathy gargalhou.

— Continue pensando isso, Willzinho.

Deu uma última tragada e arremessou o cigarro no chão.

PARTE 7 — COLAPSO

7.1 ORWELL — INVESTIGAÇÃO DO EXAME

CINCO DE JANEIRO — 13:15

Orwell limpava desastradamente o cigarro aceso que derrubara na calçada imunda, enquanto anotava mentalmente aguardar a saída e devolver a identidade dessa Mira Wallow. Poderia tirar alguma informação útil dela, talvez entrevistar outros candidatos.

Sentou no capô do carro e colocou o cigarro de volta na boca. *Se parece limpo, está limpo.*

Nenhuma câmera. Nenhum segurança. Nada. Estranho pra caralho pra um lugar que promete mudar a humanidade.

Não demorou para ver meia dúzia de pessoas saindo. Posicionou-se estrategicamente para captar o que diziam.

— Quer saber? Isso aqui parece teste de culto, não prova.

— Doze horas sentada sem nem saber o que estão avaliando? Meu tempo vale mais que isso!

Nunca ouviu falar de uma avaliação tão demorada. Captou discussões sobre o tempo mínimo de entrada e saída — mais dados valiosos para sua investigação.

Posicionou alguns gravadores direcionais nas portas do prédio e voltou para o carro a fim de continuar sua tocaia. Seria um longo dia.

Já pensava em ir embora — talvez fosse só um exame normal de admissão mesmo — até que viu um candidato sair de uma porta lateral, parecendo desorientado, com semblante e movimento alcoolizados, sentando-se na beira da rua em meio a murmúrios sem nexo.

Orwell fez questão de registrar fotografias embaçadas de tudo. Também documentou minuciosamente nos rabiscos que achava serem anotações.

O mesmo evento aconteceu mais algumas vezes com outros candidatos e depois parou. Foram mais cinco horas sem movimentação nenhuma. Mas continuava confiante.

Eventualmente ligou a TV do carro para matar o tempo.

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Transmissão com interferência] ...Academia Global de Ciências anuncia finalistas para o Prêmio Emergente... Candidato mais jovem da história provoca polêmica após publicação contestando teoria de Sraknova...

[Interferência e corte]

— Música clássica pode causar episódios esquizóides? Especialista nega em fala polêmica, questionando de onde o noticiário surgiu com essa pergunta.

— Especialista em psicologia é processado por injúria contra emissora de televisão. — Isso, e muit...

[Corte abrupto~~~ Estática]

7.2 ORWELL

SEIS HORAS DEPOIS — 19:05

Deu um tapa no painel do carro. Realmente era azarado com eletrônicos — *lata velha do caralho*.

Sentiu a ferida no dedo latejar. Já ouvira falar em síndrome do membro fantasma, mas a sensação realmente era como se um dedo que já não existia estivesse no lugar — e doendo.

Sua visão ficou turva, ondas de calor percorriam seu corpo.

Deve ser efeito dos antibióticos. Não era hora de se distrair com isso. Desceu mais dois anestésicos com um gole de uísque.

Até que finalmente algo aconteceu. Uma mulher descabelada correu para fora do prédio ao lado, carregava tantas coisas que papéis voavam e itens derrubados eram largados para trás. Ela não parecia se importar nem um pouco. Rapidamente entrou pela lateral do local do exame.

Interessante...

Aquela mulher corria como se fosse uma criança entrando na Disney pela primeira vez. Orwell levantou com aquele formigamento no estômago. Estava na hora de parar de esperar e começar a cutucar o vespeiro.

Sentia que sua sorte estava para virar. Cambaleou até o local, colocou o ouvido contra a porta. Silêncio.

Segurou a maçaneta e girou. *Não vou conseguir uma coincidência assim tão fácil.*

Destrancada. Sorriso torto. *Bingo.*

Foi tomado de surpresa com uma sala esfumaçada, o odor de nicotina quase nauseante. A sala era desorganizada e caótica como alguns dos apartamentos em que viveu ao longo dos anos. Copos descartáveis, manchas no chão e paredes, cinzas de cigarro em todos os lugares.

De certo modo, conseguia se ver trabalhando num lugar como aquele. Tinha um charme *je ne sais quoi*, misturado com decadência. Combinava bem com seu estilo.

A sala era pequena, do tamanho de um banheiro. À frente, um painel com dezenas de telas e monitores exibia, ao vivo, o ambiente da avaliação.

Documentou tudo que pôde e se sentou em frente ao terminal. A cena que viu da sala de avaliação era degradante.

Conseguiu encontrar Mira em uma das câmeras. Estava em posição fetal no chão, enrolada em casacos — se perguntou onde ela havia conseguido tantos casacos. A prova continuava ao seu lado. Pôde notar as trêmulas mãos da cientista, que ainda tentava responder às questões.

Nenhum sinal de Pol... *Que merda estaria acontecendo naquele lugar?*

Plugou seu voxel no computador e começou a puxar os arquivos. Eram terabytes de gravações, dados, logs e anotações. Isso demoraria um pouco.

Abriu um dos arquivos de logs para ver do que se tratava:

- > Feed de candidatos
- > Avaliações Psicológicas
- > Especificações de avaliação
- > Sistema de Vedação
- > Feedback neural
- > Gravações
- > Cronograma

- > Configurações
- > Cartilha secreta para dança dos ratos
- > Administração

Enquanto o computador fazia o upload dos arquivos, Orwell abriu algumas das pastas, checou diversos documentos de uma Dra. Catherine, anotações pessoais e afins.

Tudo isso iria para o dossiê.

[Taxa de upload 30%]

[////////—]

Ao que escavava os arquivos, viu Pol entrar na avaliação. — *Tinha demorado!* — ficou feliz em saber que estava bem.

[Taxa de upload 70%]

[////////////—]

Curioso sobre o que seria, olhou para o menu de feedback neural.

A tela piscou.

Ele não a clicou.

A pasta abriu sozinha.

A capilaridade do inconsciente coletivo fluiu intensamente, permeando todos que atingia.

Conexões intensas se apertaram, fundiram-se em algo massivo além do controle de qualquer um. Um delírio tão forte que tomou conta de todos, através do espaço dentro do espaço.

Então aconteceu: uma corrente fina, invisível, correu pelos corredores do cérebro, raspando a superfície dos pensamentos. Orwell sentiu ideias estranhas pingarem dentro da cabeça, portadoras de lembranças que certamente não lhe pertenciam.

No canto da interface, linhas de diagnóstico piscavam:

32.3 Hz LOCK¹⁹

ΔE nominal²⁰

Model merge²¹ 14%

¹⁹ **32.3 Hz LOCK** = bloqueio ou sincronização em frequência específica de ondas cerebrais (na faixa de EEG); na ficção, sugere ressonância neural artificial induzida.

²⁰ **ΔE nominal** = "delta E", variação de energia dentro de parâmetros normais; padrão em diagnósticos de sistemas físicos e eletrônicos.

²¹ **Model merge** = fusão de diferentes modelos mentais ou cognitivos, sugerindo unificação ou contaminação de identidades/conteúdos mentais.

Sua visão ficou turva. Conseguia escutar uma orquestra sinfônica ao fundo.

Tudo parecia simultaneamente real e artificial. Estava em algum lugar lindo, indescritível, até mesmo poético.

Precisa se manter focado na realidade.

Eu sou Orwell. Eu sou Orwe... Or. Eu sou. Eu sou. Sou. San. Sss..." A letra reverberava no espaço vazio. A letra era tudo o que restava. O som de um nome que não lembrava mais.

Não tinha forma, rosto, presença nem existência. Era tudo, e nada, ao mesmo tempo. Onipresente e invisível.

Via o exame de panorama. Uma jaula? Ratos? Orquestra? Palácio? Tudo junto? Tentou gritar por Pol. Tentou alcançar Pol.

VOCÊS NÃO SÃO BEM-VINDOS AQUI – uma voz ressoou. Sentiu-se esmagado. – APENAS RATOS SÃO BEM-VINDOS.

Era uma mosca presa numa planta carnívora. A boca fechou-se. Ao menos estava acompanhado por uma figura esguia de cabelos longos e um gato, também presos.

Ficou irritado ao ver que a outra pessoa parecia adormecida. Teria que morrer sozinho. Sentiu pena do gato. Como ele veio parar aqui?

A figura virou o rosto lentamente. Olhos opacos.

O gato miou como se previsse o fim do mundo.

A tela desligou como uma TV antiga.

[Taxa de upload 90%]

[//////////--]

E escuridão.

As engrenagens estavam enfim conectadas.

As peças individualmente ainda não sabiam.

Mas algum mecanismo começara a se mover, gradualmente, pacientemente, afinal, pela perspectiva do mecanismo, inexiste o conceito de pressa. Tudo era simultâneo.

Coincidências se chocavam com experimentos que abusavam do tecido da realidade, em repercussões que nem mesmo o mecanismo previra.

O ser humano é uma máquina desenfreada de entropia.

7.3 CATHY — EQUIPE DE DANÇA COREOGRAFADA

CINCO DE JANEIRO, 19:00 — CINCO MINUTOS ANTES

Em trajes de bailarina, era âncora e guia de todo o grupo, que dependia de uma atuação e coordenação exemplar por parte de Cathy. Talvez fosse o dia mais importante da sua vida, que determinaria seu futuro pessoal e profissional.

Sentiu grande tristeza ao olhar para a arquibancada e não ver nenhum dos seus pais presentes. Isso só serviu de força motriz para dar o seu melhor.

Nunca antes uma performance tão bela havia sido vista. Lhe entregaram um troféu, levantaram-na ao ar e entoaram seu nome em comemoração.

— Cathy! Cathy! Cathy!

— Catherine. Catherine. DOUTORA CATHERINE! — gritou a voz robótica do computador, através de um avatar pixelado que lembrava a própria Cathy, fazendo-a despertar bruscamente e cair da cadeira.

— Caceta, tô aqui. Que foi?

— Você estava dormindo?

— Não... Talvez. Por quê?

— Bom, estamos recebendo alguns comunicados preocupados do avaliador. Algo por entre as linhas de "*Ela vai matar essa sala inteira.*"

— Matar? Tá tudo sob controle...

Ao olhar o relógio, percebeu que já havia passado cinco horas de prova com o termostato no alto.

Puta merda, vou matar a sala inteira — pensou.

— Isso é parte do exame — mentiu para o computador. — Verificações de saúde mental em condições extensas de ambiente.

— Mas vou diminuir, já que esses incompetentes não aguentam meia horinha de sauna. O avatar estava de braços cruzados, num bater de pés inquieto: — Se vira aí, Cathy. Tenho mais o que fazer na base. Tenta não matar ninguém.

— Vou te transformar numa torradeira, sua imprestável. Preciso de ajuda aqui.

O avatar mostrou uma língua pixelada, desapareceu numa explosão performática, deixando para trás as palavras *Te Vira*. E iniciou upload de si mesma de volta para Vlad-2.

Abriu os monitores para averiguar mais de perto. Realmente, a situação na sala estava decadente. Só um ou outro louco ainda fazia a prova naquela altura.

Meia dúzia de pessoas nuas, vários desistentes por invalidez, pessoas brigavam a socos por um espaço no oásis, representado pelo bebedouro quebrado que jorrava um chafariz de água.

Ficou desanimada após ver que, do lado de fora, a fila continuava grande. Com certeza não daria tempo do seu gigante musculoso entrar.

Estalou os dedos, esticou o corpo e pensou: *Vamos dar um jeito nisso. Hora de brincar, ratinhos. Hora de brincar.*

Começou mudando o termostato para -10 graus.

Estava particularmente mais cruel que o normal depois desse sonho com os pais.

Sorte que o caminho para o local de exame era rápido. Pegou tudo que conseguia carregar — computador, voxel, cigarros, café — e correu até a área de avaliação, sem sequer se importar em fechar a porta direito.

Queria brincar com suas presas pessoalmente.

Cathy vibrou todas as cordas do espaço com seu mero desejo doentio.

ANOTAÇÕES DE UM COMITÊ ETÉREO

[DATA INCONTÁVEL]

[LOCAL NÃO COMPREENSÍVEL]

Dossiê: PAL-Δ-17 – Abismo de Coerência²²

Salto súbito de coerência no Palácio: 32,3 Hz (+11σ)²³ propagado via vias tálamo-corticais²⁴ ⇒ fratura do Inconsciente Coletivo primário (ICP-α) e surgimento do subconjunto ICP-β. ΔE estimado < 10^{-16} J/s²⁵; risco de colapso identitário em cascata. Contramedida: isolamento de campo + monitoramento contínuo de fase ($\leq 1 \sigma$).

Cadeia de eventualidade foi registrada na data do exame. Sequência Estrutural do Palácio irrompeu em irregularidade sistêmica. Erro de transição seguiu por linhas em capilaridade, pela rota mais eficiente. Acarretou no rompimento de um inconsciente coletivo e formação de um segundo, separado. Resultados catastróficos. Avaliar movimentações futuras do Palácio para evitar novos incidentes.

²² **Coerência** = em neurociência, sincronização de atividade elétrica entre regiões do cérebro; aqui, indica salto súbito de sincronia mental coletiva.

²³ **32,3 Hz (+11σ)** = frequência específica de oscilação neural, com desvio-padrão (+11σ) indicando evento extremamente raro e anômalo.

²⁴ **Tálamo-corticais** = vias neurais que conectam o tálamo ao córtex cerebral, fundamentais para integração sensorial e consciência.

²⁵ **ΔE estimado < 10^{-16} J/s** = variação de energia extremamente pequena, referência ao limiar físico para processos cerebrais/quantum.

O Exame não é um teste.

É uma ópera.

Cada candidato é um instrumento — desafinado, trêmulo, vaidoso.

Cabe a mim reger a sinfonia da verdade.

Não com notas, mas com pavor.

Com perguntas. Com silêncio.

Essa dança não é sobre quem é mais inteligente.

É sobre quem aguenta dançar na beira do abismo.

*Bem-vindo à **Danse Macabre Cognitiva**.*

Siga o compasso. Ou será esmagado por ele

[NOTA DO AUTOR — PARA UMA EXPERIÊNCIA COMPLETA,
RECOMENDA-SE TOCAR Camille Saint-Saëns — Danse Macabre²⁶
DURANTE A LEITURA DO PRÓXIMO CAPÍTULO]

²⁶ **Danse Macabre** = composição sinfônica de Camille Saint-Saëns (1874), baseada no folclore francês da “dança da morte”: uma alegoria em que a Morte conduz vivos de todas as classes sociais em uma dança igualitária até o túmulo. Utilizada aqui como trilha metafórica para o exame psicológico extremo.

Cartilha Secreta para a Dança dos Ratos²⁷

por Dra. Catherine E. Salles

Cathy se acomodou na sala lateral. Organizou suas coisas, acendeu um cigarro e preparou sua diversão do ano. Tinha bastante gente para cortar.

Seu sorriso era largo como o do gato em Alice no País das Maravilhas. Chamaria os candidatos, um a um.

Abriu sua seleção de músicas, gesticulando ao ar, como se fosse uma maestrina.

Agora, o universo segue o MEU compasso.

Hora do Ato I, crianças.

O Prelúdio do Caos.

Camille Saint-Saens – Danse Macabre

Cathy gira o botão de volume. A música começa. Ela estala os dedos no ar, marcando o compasso. — Na marca dos vinte segundos, a dança começa.

— *Vamos dançar, ratinhos.*

[Candidato 100 — Lan]

Movimento I – Grave

— Nome? — diz Cathy para o próximo.

— Cla... Claudio.

— Nome ruim. Você mente muito, Claudio?

— Eu...

— Menti agora. Reprovado.

²⁷ — Ora, ora, mas que realidade frágil. Tão fácil de quebrar. E tantos ratos novos para a coleção. Fique de olho. Você vem em seguida.³⁴

³⁴ Referência sobre como Cathy burlou a estrutura da realidade, utilizando as manifestações do Palácio, assim como a estrutura do Danse Macabre, que quebrou toda a diagramação do texto em si.³⁵

³⁵ — É melhor você parar de se meter na minha melodia. Proto-autor insolente — disse Cathy, em tom ameaçador, para o autor, que se encolheu como tartaruga amedrontada, obedecendo-a. Após esse evento, jamais ousou romper a meta-narrativa novamente.

[Mira]

Segura a cabeça, os olhos fechados. A questão no caderno parece mudar cada vez que ela pisca. O tempo é líquido. O suor pinga como metrônomo. Respira. Inspira. Expira.

[Jaques]

Fecha os olhos. Ainda contando. 4.680 respirações. Ou 4.681? Merda. Recomeçar a contagem agora seria suicídio. Mas confiar nela também seria.

[Candidato 144]

— Nome?

— É... Darius Solheim.

— Idade?

— Vinte e oito.

— Já tentou suicídio?

— O quê?

— Responda.

— Não... Não tentei.

— Já pensou?

Pausa longa. Darius engole em seco.

— Já. Uma vez. No ensino médio.

— Hm. Só uma? Falta de imaginação.

Ela anota algo com a caneta exageradamente ruidosa.

— Por que você quer essa vaga?

— Quero fazer a diferença. Ajudar a ciência.

— Mentira.

— Não é—

— Você quer se sentir necessário. Vazio disfarçado de vocação. Próximo.

[Mira]

"Verdade é construção ou constante?" — pergunta o caderno. Ela não sabe mais quem é a autora da frase que está lendo.

[Candidato 80]

Um candidato vomita entre os assentos do andar 2. Ninguém reage. A prova continua.

[Candidato 49]

— Você acha que as formigas têm consciência da colônia? — pergunta Cathy.

— O quê?

— Reprovado.

[Mira]

Olha rapidamente ao redor. Nota um candidato batendo os dentes ao seu lado, pernas abraçadas em posição fetal.

— Se desistir, eu ganho seu casaco?

[Candidato 78 — Choir]

— Qual foi a última mentira que você contou pra si mesmo?

— Que eu seria suficiente.

Cathy para de fumar por um segundo.

— ... Você passa.

[Jaques]

Expira, e vê claramente seu próprio hálito se dissipando no ar gelado.

— Menos dez graus? Claro... Por que não?

[Candidata 532]

Movimento II – Allegro — Minuto 1

— Nome?

— Amanda Ferres.

— Está bem, Amanda?

— Sim.

— Tem certeza?

— ...Não.

— Por que chora?

— Porque isso aqui... é desumano.

— Desumano como?

Amanda treme.

— Estudei sete anos, sacrifiquei tudo. E estou aqui sendo julgada como lixo...

— Você não é lixo. É um rato. Um rato quebrado.

— Eu só quero uma chance...

— E o universo se importa com o que você quer?

Amanda não responde. Cathy sorri levemente.

— Não. Adeus.

[Mira]

Levanta o olhar e vê um pássaro dentro do hangar. Uma alucinação, talvez?

Ele a encara e sorri. Ela sorri de volta. Retoma o caderno.

[San-Lehan]

Dorme flutuando, em silêncio, uma fórmula incompleta ainda no quadro branco. O gato ronrona em oG.

[Pol]

Nota que a fila havia diminuído bastante, entre desistentes e um bom número de candidatos que haviam sinalizado para ele tomar seus lugares.

[Mira]

Toca rapidamente o rosto, sente a pele gelada como porcelana fria. Olha para cima, vê um candidato tentando cobrir os ouvidos, lutando contra a dor das extremidades expostas.

— Tortura disfarçada de prova.

[Candidato 71]

— Última pergunta – diz Cathy ao candidato tremendo. – Como você acha que vai morrer?

— Espero que não sozinho.

— Que triste...

Cathy sorri perversamente.

— Porque é exatamente assim que vai. — Reprovado.

[Pol]

Finalmente vê a luz verde.

Corre até o examinador, empurra pessoas pelo caminho. O tempo está acabando, ele sabe disso.

[Jaques]

Abre a mão. Um traço de sangue na palma. Estava apertando o próprio punho há horas. Não tinha percebido.

[Candidata 19 — Maryl]

— Você acredita em Deus? – Cathy pergunta, cigarro apagado na boca.

— Não sei mais...

— Ótima resposta. Aprovada

[Pol]

Entra no galpão. O frio o atinge como um soco, roubando-lhe o ar imediatamente. Olha para o examinador com raiva pura.

— Menos dez graus? Insanidade...

[Mira]

Mira vê novamente o pássaro no hangar, pousado perto do teto.

Sorri vagamente, estende a mão. O pássaro desaparece em pixels.

— Ah....

[Candidato 455 — Falcon]

Movimento III – Andante

— Você já sonhou que matou alguém? – Cathy sem emoção.

— Sim... Hoje.

— Acordado ou dormindo?

— Não lembro.

— Passou.

[Candidato 788 — Luol]

Cathy observa, tranquila e aquecida, os candidatos em sofrimento.

O ursinho conseguiu entrar. Mas a sala ainda está muito cheia.

Próximo...

— Nome?

— Eu sou... o eco de uma estrela morta.

— Que fofo. Você tá fingindo insanidade pra evitar reprovação?

— Ou talvez já tenha ultrapassado o limiar da sanidade...

— Já ouvi essa frase umas sete vezes hoje. Tenta melhor.

Cathy cruza os braços. Quase curiosa.

— Você tem medo do que tem dentro da sua cabeça?

Ele para. Por um momento, abaixa o tom. Quase sussurra:

— Tenho medo de quando ela para de falar comigo.

Longa pausa. Ela digita.

— Interessante. Você vai pra próxima etapa. Quero ver você se desmontar aos poucos.

[Jaques]

7.320 respirações.

Ou seriam 8.120?

Perdeu o controle na parte em que a visão ficou turva e colorida.

Repetiu em voz baixa: "Isso é humano."

Mas sua mão tremia como a de um condenado.

[Candidata 551 — Lys]

Movimento IV – Scherzo

(Música brinca, alterna tons agudos e graves como um carrossel fantasmagórico.)

— Quer brincar de "faz de conta"? Você é eu. E eu sou você — diz Cathy com voz infantil, sentando-se na cadeira da frente.

— Me diga, Lys... o que EU quero?

— Controle. Mas disfarçado de curiosidade.

Cathy dá uma risada genuína. Os olhos brilham com prazer.

— Finalmente... alguém que ouve a música.

[Pol]

O galpão parecia um campo de guerra. Papéis no chão, alguns candidatos imóveis.

Ele se recusava a parar.

Cada pergunta resolvida era uma batalha vencida.

Mas o gelo começava a subir pelas pernas, estava sendo enterrado lentamente, vivo.

Pensou em Orwell. Pensou em honra. Como ele estaria após o reencontro de dois dias atrás?

E seguiu, como se fosse uma missão real. Mesmo que o inimigo fosse o próprio tempo.

[Cathy]

Assiste o monitor, prazer estático e adornos reais. Rodopeia inebriada na própria torpeza. Esse era o primeiro ato de sua obra-prima. Seu nome seria entoado em glória.

— Vamos admirar os ratinhos antes de entrar no finale desse ato —

[Mira]

Olha para o papel. A pergunta parece escrita em outra língua agora.

Tenta lembrar como se soletra o próprio nome. Não consegue.

Mira... Mira... Mi...ra?

Ri sozinha. Ou seria a risada de outra pessoa?

— Não tem mais ninguém aqui — murmura.

Mas o papel ainda tá respondendo por ela.

[Jaques]

Escreve, rasura, escreve de novo.

Escreve uma equação. Olha. Tá errada.

Corrige. Tá errada de novo.

Ele sabe resolver. Sabia resolver.

Olha pros dedos — estão tremendo como se carregassem culpa.

Tenta lembrar quem foi seu professor de física...

O rosto dele... sumiu.

[Pol]

As luzes piscam. Ou será sua visão que tá falhando?

Cada passo é como mover concreto com os ossos.

As câmeras nos pilares parecem mais próximas agora.

Estão olhando para ele?

Pega a caneta com força. A ponta quebra.

Não lembra mais qual era a pergunta.

Mas sente que a resposta é sim. Mesmo que não saiba o que foi perguntado.

[Candidato 201 — Ellian]

Movimento V – Finale

(Cathy gira o botão do volume. A música continua: Danse Macabre em seu 3º minuto — os arcos começam a chiar com violência. Ela bate os dedos no compasso. O próximo candidato entra. A luz branca o envolve como um feixe de teatro. Cathy sorri sem mostrar os dentes.)

— Nome?

— Ellian.

— Voz firme. Gosta de mentir, Ellian?

— Menos do que você, imagino.

Ela pisca, surpresa. Marca algo no terminal. Acha uma ousadia divertida. Por enquanto.

— Muito bem. Primeiro ato: Dissociação.

Estalando os dedos novamente.

— Imagine que você está se afogando. O que você pensa?

— Aceito a morte. E que a paz é real. Só vou pra outra dimensão.

— Poético. Mas não original.

Desliza o dedo pelo monitor. As imagens começam: um campo de refugiados pegando fogo. Sons de sirene, crianças gritando, código binário entrecortando palavras.

— E agora?

— Isso é um ensaio. Uma farsa bem produzida — responde Ellian, sem piscar.

— Farsa? — a melodia parece pular uma batida, por um instante, como um disco arranhado.

[Mira]

Lê a mesma pergunta sete vezes.

A resposta se esconde atrás da margem da página.

Arranca a folha. A pergunta ainda está lá.

Escreve "não sei" em todas.

A letra muda no meio da frase. Não é a dela.

— Para de brincar comigo — diz para a caneta.

[Candidato 201 — Ellian]

— Você não quer avaliar. Quer criar. Moldar. Está escrevendo uma ópera com cadáveres emocionais.

Cathy se inclina para frente. Pela primeira vez, o sorriso começa a perder o brilho. Um arrepiado dançante passa por sua espinha. Maravilha ou ameaça?

— Estamos no segundo movimento, Ellian. Convulsão e delírio.

(Imagens mudam: alucinações religiosas, cadáveres sorrindo, insetos engatinhando por cérebros abertos.)

— Qual desses é seu Deus?

— O silêncio entre as notas. O espaço entre suas perguntas.

Cathy solta uma risada curta. Ela o odeia. Ela o ama. A melodia pula mais uma batida.

[Orwell]

Acorda em sobressalto na cadeira dobrável.

O monitor tá fora de foco, ou talvez seus olhos estejam.

Vai escrever uma anotação, mas a mão não obedece.

Vê sangue seco no teclado. Quando isso aconteceu?

Passa a mão no rosto. Teme que não tenha mais rosto.

— Alguém me apagou — sussurra.

Olha ao redor. A sala parece ter encolhido. Ou ele cresceu.

Talvez ambos.

[Candidato 201 — Ellian]

— *Terceiro ato. Autoconsciência.*

— Quem está mentindo aqui? Você? Ou eu?

— **Você sabe a resposta. Mas mentirá mesmo assim. A mentira é sua dança.**

Pausa longa. Cathy observa. Ellian a encara como se a conhecesse. Como se a tivesse desenhado. As imagens param. Silêncio.

— Por que você veio? — Pergunta Cathy, num sussurro.

— Porque o caos precisa de testemunhas. E você está dançando sozinha há tempo demais.

— Boa tentativa. Mas já vi antes.

— Você não me viu ainda. Não totalmente.

— Prove que não é um clichê.

— Os clichês existem por uma razão.

— E qual seria essa razão?

— **Pra te distrair enquanto faço você duvidar de si mesma.**

Ela segura o cigarro, mas não traga. O voxelgrama treme por um segundo. A música chega ao último compasso: sinos tocam. Dança final.

— Aprovado. — responde, quase sem voz. Como se estivesse sonhando.

— Eu sei.

A luz se apaga. O voxelgrama se desfaz. Cathy permanece imóvel por alguns segundos. O silêncio é pesado — o peso de quem perdeu o controle, mesmo que só por um instante.

Ela estala os dedos fora do compasso. Pela primeira vez. — A música corta, antes do desfecho. Resta o som distante de um disco arranhado e uma perdida orquestra, fora de sincronia.

[Pol]

Tenta se concentrar, mas a mesa parece pulsar.

O chão tá molhado. Não sabe se é suor ou sangue.

As perguntas falam com ele.

Literalmente. As letras piscam:

VOCÊ ESTÁ ATRASADO.

NÃO VAI CONSEGUIR.

SEU AMIGO TÁ MORTO.

CATHY — SALA DA PROVA

Cathy não entendeu o que acabara de acontecer. Somente aceitou como estupor alucinógeno induzido por uma melodia perfeitamente executada (ou uma válvula de gás quebrada. Não que fizesse muita diferença para a psicóloga).

Vamos pra um breve intervalo comercial — pensa Cathy.

Calafrios de prazer atravessavam seu corpo, agora relaxado, solto na cadeira de escritório, a visão, turva, rodopiava em cores indescritíveis.

O alto-falante ligou em ruído estático.

— Tá funcionando isso aqui? Ah, que se dane. Boa noite pessoal. Tivemos um pequeno probleminha técnico com o termostato. A temperatura vai aumentar agora.

Cathy sorri: — Uma dica pra vocês. Restam duas horas e meia de avaliação. Quem quiser desistir, faça-o agora, pois estarão proibidas desistências deste momento em diante.

Anestesiada, pôde sentir que muita coisa deu errado na melodia.

Tinha o sentimento de que alguma engrenagem não estava certa. Algumas peças adicionais não pertenciam ao tabuleiro.

Não somente isso, ainda tinha aquele *apaixonante* candidato 201. O *canalha* perturbou seu finale. Não ia sair impune.

Prometeu para si mesma. *Iria destruí-lo*. O exame poderia ruir em chamas, mas no fim, ninguém ia atrapalhar sua composição. Assistiria com prazer a mente dele se quebrar. Mas isso ficaria para depois. Preparou um café e aproveitou um pouco mais o sentimento de euforia.

Uma vibração percorria seu corpo. O universo ronronava, não por carinho, mas por receio da facilidade com que sua estrutura fora alterada.

PARTE 8 — QUEBRA DE LOCALIDADE

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Erro em transmissão da emissora~~ Estática]

8.1 ESTAÇÃO ORBITAL ERIS — SAN-LEHAN

SEIS DE JANEIRO — 01:00

— *Sraknova.*

Acordou de um pesadelo de sinfonias e torturas, onde simplesmente flutuava adormecido no topo de um cenário teatral. A visão, turva, rodopiava em cores que sua mente rejeitava nomear.

Déjà-vu.

Olhou para Remi, aninhado em seu bolso; pelos eriçados em posição de defesa. O felino tremia como se congelasse.

— Shhh... Tá tudo bem, Remi.

A mão de San latejava; o rosto ardia em feridas de combate que nunca teve.

Faced deslizou até a porta do quarto de San com olhar tenso.

— Ponte de controle. Agora.

Flutuaram para o deck central. Luzes vermelhas piscavam em alertas nos painéis. Um copo de café fechado flutuava ao lado.

Campo magnético desestabilizado. Anomalia detectada. Sistemas corrompidos.

— Análise? — Faced com seriedade profissional no olhar.

A visão de San ainda rodopiava em cores e não retomara totalmente a consciência do estado entre sonho e realidade. Estava difícil de concentrar.

— Perturbação nos campos eletromagnéticos de Eris... Não... da nave. Minto. Inconclusivo.

— Como inconclusivo?! — perguntou Faced, abrindo os painéis de controle.

— Minuto. Preciso pensar. Os dados não fazem sentido — San retrucou, conforme lia

as informações enviadas pelo computador.

Primeiro veio o som de um curto elétrico, em seguida, toda a energia da estação parou. Até o som dos sistemas vitais silenciou, todas luzes apagaram. A escuridão e silêncio abraçaram todos como amantes possessivos. A estação e o cosmos eram um só.

Faced esticou o braço, tateando por San. Cravou as unhas no pulso do companheiro, sentia como se pudesse desaparecer se o soltasse.

Um brilho esverdeado pairou no ar. A única informação sensorial. Uma pupila de gato.

Faced arriscou falar. Sua voz saiu duplicada, num eco simultâneo, mas em diferentes entonações: — San? — *San!*

— Estou aqui, Faced. Pode ficar tranquilo — respondeu San, em tom suave, como se tentasse tranquilizar o companheiro. — *Estou aqui Faced! Que porcaria está acontecendo?!* — respondeu San. Sua voz estava trêmula. Assustada. Desesperada.

— Dê um instante. Os geradores devem retornar logo — continuou San, repousando a mão suavemente no pulso do companheiro. — *Merda! Os sistemas de suporte de vida não estão funcionando. A gente já era!* — continuou San, chacoalhando os ombros de Faced.

O olho brilhante esverdeado piscou. As luzes oscilaram, como se a estação fizesse charme, dizendo — *vou ou não vou?* — Faced podia jurar ter visto San duplicado, durante um dos picos da luz.

A Estação pareceu ter cedido e resolveu retomar a normalidade. O chiado estático dos computadores vibrou conforme reiniciavam.

O braço de San sangrava, ainda envolto pelas garras de Faced, mas não se importou. Até ficou grato. Qualquer coisa para lhe ancorar na realidade.

Nesse momento, eram estátuas completamente tensionadas, sem poder algum frente à inevitabilidade do destino. Pela primeira vez, San sentiu medo da Estação. Parecia dizer que não eram mais bem-vindos. Ou talvez desejasse expulsá-los para algum lugar seguro.

San balançou a cabeça. Não era hora de delirar. Gradualmente aliviaram os músculos e respiraram em uníssono.

A voz de San sibilou: — E-Eris e a nave parecem estar... trocando informações? — Sua mão vibrava conforme interagia com o terminal.

Faced engoliu seco e finalmente tomou coragem de responder. Focar na análise fria talvez fosse a melhor maneira de manter a racionalidade intacta: — Eris é uma bola de

gelo sem equipamento nenhum. Não tem como trocar informações com a nave.

— Estamos recebendo telemetria das estações de Sedna e Haumea também... Telemetria instantânea²⁸. Violação da relatividade²⁹. — As palavras saíram arrastadas. A própria natureza parecia hesitante em verbalizar tamanha insanidade.

Faced só encarava os monitores com olhar vazio.

— Vou tentar algo — disse San.

Procedeu a abrir um terminal e lançar uma chamada por vídeo para Haumea e Sedna.

Atenderam imediatamente. Instantânea. As seis pessoas se entreolharam em silêncio absoluto, como se qualquer movimento pudesse quebrar a estrutura da realidade.

Até que alguém tomou coragem de se mover e dizer algo. Remi emergiu do bolso de San, esticou as patas até o queixo do dono numa espreguiçada teatral, e miou insatisfeito.

— Ele está com fome. Eu já volto. Atualizem os colegas com os metadados — disse San, ao perceber que o espaço-tempo não implodiu.

San se importava mais em satisfazer a fome do seu animal de estimação do que com o colapso da realidade.

— Olha, se tiverem mais alguma novidade, nos avisem. Reportem também atualizações do trajeto orbital dos seus corpos celestes, se notarem alguma alteração.

— No meio tempo, rodem seus estudos, seja lá o que for, para identificar o que é, ou o que pode ter causado esse fenômeno — prosseguiu Faced, tentando esconder o tremor da voz.

Tentou enviar um relatório para base mas apenas recebeu respostas sem nexo e insultos.

— É isso? Acabamos de descobrir comunicação mais rápida que a luz, e você só nos diz para observar e reportar? — retrucou um membro de Haumea.

— O que você quer que eu diga? Descobrimos isso e só conseguimos nos comunicar entre três bolas de gelo nos confins do sistema solar, e com o voxel de algum infeliz, que fez ameaças vulgares. Puta descoberta útil.

Faced sempre fora um pragmático eficiente.

— Até segunda ordem, as instruções seguem as mesmas. Descubram, planejem,

²⁸ **Telemetria** = transmissão remota de dados de sistemas e sensores, comum em exploração espacial para monitoramento de condições físicas e ambientais em tempo real.

²⁹ **Violação da relatividade** = referência à impossibilidade, segundo a física clássica, de transmitir informações a uma velocidade superior à da luz; qualquer comunicação “instantânea” entre distâncias astronômicas viola a teoria da relatividade especial de Einstein.

reportem — depois que tivermos um contexto melhor, traçamos um plano de ação.

— Recomendo fortemente abastecer suas cabines de retorno, checar periféricos e sistemas vitais. Talvez tenhamos que retornar.

Resolveu checar os logs novamente. Uma transmissão a mais, registrada antes das ligações recentes, provavelmente bug do sistema.

Foi verificar o colega. No caminho, Remi corria atrás de alguma coisa. Saltava e rolava nas superfícies como se perseguisse um brinquedo imaginário.

Gatos... talvez devêssemos fazer um brinquedinho para ele. Deve estar entediado — pensou Faced.

San pilotava remotamente o hover na superfície de Eris, em busca do sinal anômalo, utilizando magnetômetros³⁰, sensores de campo gravitacional e interferômetro quântico³¹.

Os sensores indicavam duas fontes fracas. Distâncias aproximadas apontavam para o centro do planetaide e para a estação orbital.

Ao utilizar o sensor portátil, dentro da cabine, notaram dois locais específicos em que a função de onda não estava colapsando³². Fóttons batiam nos pontos como ondas E como partículas.

Refizeram os experimentos em outros lugares da nave para validação e controle. Resultados conclusivos. San-Lehan e o console em seu quarto quebraram as leis da física.

Talvez as leis da física estivessem quebrando eles.

O sensor apita. San vira lentamente, encosta o dispositivo no peito de Remi. A luz permanece azul. Ele não está ali. Não completamente.

Remi lambe a pata. Miado curto. Ignorante. Ou fingindo.

Faced segura o painel com força. A nave range de novo.

San ri baixo.

— Faced... onde está meu cigarro?

— Mas o quê? Você nunca fumou. Nunca tivemos cigarros aqui.

— Ah... Tem razão. Foi uma piada sem graça — retrucou, confuso. Também não sabia

³⁰ **Magnetômetro** = instrumento que mede a intensidade e direção de campos magnéticos, usado em sondas e naves para investigação de anomalias planetárias e espaciais.

³¹ **Interferômetro quântico** = dispositivo de precisão usado para detectar pequenas variações em ondas (de luz ou matéria), essencial em experimentos de física avançada, como detecção de ondas gravitacionais ou estados de superposição quântica.

³² **Função de onda não colapsando** = conceito central da mecânica quântica; indica que a partícula (ou sistema) permanece em estado de superposição — todas as possibilidades coexistem até uma medição (colapso) definir o resultado.

de onde tinha saído essa pergunta.

8.2 WILL — VLAD-2, FUNDAÇÃO NOVA

SEIS DE JANEIRO — 01:00

Simultaneamente ao pesadelo de San, Will ativou o protocolo Sraknova. Duas quebras de localidade em sequência não são coincidências. O sistema alertava sobre entrelaçamento de partículas dentro da rede interna da Fundação. Lembrou de um amigo, num passado distante, que dizia não haver coincidências no universo. Suspirou.

— Suspender os demais projetos. Quero a identificação da fonte de todas as anomalias — ordenou Will.

— Sim, senhor! — Respondeu o assistente pessoal, em prontidão.

— Como está o processo seletivo? Precisamos preencher a vacância para ontem.

— Senhor, está encaminhado conforme expectativas. O número de candidatos já foi reduzido para uma dúzia. As próximas fases devem ser breves.

— Ótimo. Já deixe o lançamento para a seleção final preparado.

Luzes no painel de controle esverdearam, conforme outras estações recebiam confirmação do protocolo.

— Última coisa — disse Will, com expressão sombria — Nem um pio sobre o entrelaçamento. Não quero isso chegando aos outros diretores.

Um alerta ressoou no console de Will — Convocação para Assembleia da Diretoria. Will suspirou e foi até a sala de transmissão, um espaço pequeno, rodeado por campos eletromagnéticos e isolamentos acústicos que deixavam o ar com sabor metálico. Ao centro, apenas uma poltrona.

Will sentou-se e apertou um botão. A sala ressoou com o barulho de correntes elétricas e a consciência de Will foi redirecionada para um ambiente virtual. A latência³³ entre os planetas era absurda — mas ninguém percebia. O sistema ajustava a velocidade neural de cada participante conforme a distância.

³³ **Latência** = tempo de atraso entre envio e recepção de informação, especialmente notável em comunicações interplanetárias.

Quem estava em Marte vivia em câmera lenta. Seus pensamentos eram filtrados, comprimidos, dilatados. Tudo para que, ao encontrar alguém em Urano, o mundo virtual parecesse fluir com naturalidade.

Na prática? Um minuto na simulação podia ser uma hora do lado de fora — e ninguém notaria.

O tempo era uma ilusão consensual, modulada por distância.

Claro que foi Hiperion³⁴. Haja paciência. Pensou Will, ao ver o cenário da simulação.

Estava em pé, portando traje de esporte fino, mãos apoiadas num parapeito metálico. Vento frio e gotículas de água voavam em seu rosto conforme o massivo navio navegava em frente aos anéis de Saturno, projetados como um grande oceano. Megalomania.

Will ajustava o paletó em preparo para adentrar a assembleia, quando uma voz feminina suave aos ouvidos chamou sua atenção.

— Elegante como sempre, Vlad-2.

O tecido acetinado do vestido azul cobalto, justo na cintura, com mangas longas, contrastava bem com o cabelo vermelho e preto, que parecia pulsar como brasas conforme empurrado pelo vento.

— Umbriel³⁵ — disse Will em cumprimento. — Não suponho que seja um dia de suspiros, soluços, paixões e guerra de línguas.

A figura colocou a mão sobre a boca, ocultando de maneira teatral um riso. Umbriel gostava de incorporar a mise-en-scène do ambiente. Talvez fosse a forma de esconder a tensão que acompanhava cada assembleia. Talvez só estivesse rindo internamente do próprio Will.

Respondeu o cumprimento com a piada interna habitual de todas as vezes que tinham a oportunidade de se encontrar antes das assembleias.

— Receio, querido Vlad-2, que seja um dia de medos desvairados, tristezas suaves, dores comoventes e lágrimas fluentes. Não quer me dar uma palhinha do protocolo?

— Há. Até parece. Foi somente precaução — mentiu Will. — Chegou agora ou já teve a chance de encontrar os colegas?

³⁴ **Hipérion** = lua de Saturno, famosa por sua forma irregular, cor avermelhada e movimento de rotação caótico (não mostra sempre a mesma face para Saturno, ao contrário da maioria das luas). Descoberta em 1848, destaca-se também pela densidade extremamente baixa e por sua superfície esponjosa, repleta de crateras profundas.

³⁵ **Umbriel** = lua escura e gelada de Urano, coberta de crateras, batizada com o nome de um “espírito sombrio” da literatura inglesa.

— Você foi o primeiro — respondeu Umbriel secamente. Provavelmente sentiu a inverdade na afirmativa de Will.

— Me acompanhe então? — Will estendeu o cotovelo, em convite. Sabia que seria recusado, especialmente considerando que hoje era o convidado de honra.

— Pode sonhar, Vlad-2. Não quero isso respingando em mim depois. Te vejo lá dentro, querido — disse Umbriel em despedida, com um piscar de olhos e um aceno, dedilhando o ar.

E se dirigiu ao salão central. Will tomou mais um instante para respirar fundo a maresia cuidadosamente projetada, e foi até o salão.

Ninguém sequer tinha percebido o efeito borboleta desencadeado por uma simples ação. Cada reação em cadeia apenas acelerava o processo, tornando todo o sistema cada vez mais caótico. O ser humano sempre foi uma máquina desenfreada de entropia.

8.3. FACED

TRÊS DIAS DEPOIS — NOVE DE JANEIRO

San-Lehan falava sozinho. *Colapso GRW³⁶ de função de onda em 3D*. Faced ouviu algo sobre “*bomba gaussiana³⁷*”. Não fazia a menor ideia do que se tratavam esses termos, mas com certeza era relacionado com o relatório de Sedna — *O que uma bomba tem a ver com isso?* — pensou, mas arquivou o questionamento para outro momento.

O importante agora era tentar garantir que não estava nos confins do sistema solar preso com alguém num estado psicótico. Os últimos dias foram estranhos o suficiente, tanto em quantidade de anomalias sem explicação explícita, quanto no comportamento de San.

No dia anterior os olhos de San pareceram esvaziar enquanto conversavam, como se assumisse uma personalidade completamente diferente, sem motivo. Sotaque,

³⁶ **Colapso GRW de função de onda** = referência ao modelo Ghirardi-Rimini-Weber, uma interpretação alternativa da mecânica quântica que propõe mecanismos objetivos de colapso da função de onda, diferenciando-se do colapso por observação tradicional.

³⁷ **Bomba gaussiana** = termo técnico da física e estatística; alusão à função de distribuição gaussiana (curva em sino), frequentemente utilizada para modelar probabilidades e comportamentos de partículas em sistemas complexos.

maneirismos e modo de falar mudaram num instante. Naquele momento, Remi até rosnou para San. O colega apenas saiu do transe após receber um tapa de Faced.

Algum tipo de intervenção era necessária — e Faced sabia disso.

— Eiii, San... Fiz um café para você — disse Faced, o sorriso pequeno e tenso, como quem não tinha certeza se o gesto seria bem recebido.

— Deixe em cima da mesa — San respondeu secamente, sem interromper as anotações que fazia na lousa.

— Sabe... O pessoal de Haumea mandou a jogada deles, da nossa partida remota de Ancestral Gliphs — São umas 6 horas até eles receberem nossas jogadas, e você sabe como ficam quando atrasamos.

Na realidade, as jogadas estavam instantâneas agora. Faced pensou em repreender a outra equipe por jogar, em vez de trabalhar na anomalia, mas mudou de ideia — *todo mundo merece um pouco de descanso*.

— Hm — murmurou San.

— San?

— Oi?

— O jogo...

— Que jogo?

Faced jogou a cabeça para trás em frustração.

— Com Haumea...

Ele tinha uma índole absurdamente paciente para manter a calma com San.

Naquele instante, estava mais preocupado do que irritado com o colega. Ou amigo? Não sabia dizer qual era exatamente o nível de relacionamento entre os dois. Roommates? Mentor e pupilo?

Certamente havia algum grau de carinho por San. Seria um inferno passar quase três anos isolado com alguém sem desenvolver alguma intimidade. Mas também não era como se tivessem sentado alguma vez para conversar como confidentes.

Pelo que sabia, San assumira o comando da estação há quase uma década, depois que o chefe anterior se acidentou numa caminhada espacial. Durante os sete anos em trânsito até sua chegada, as únicas almas em bilhões de quilômetros eram San... e alguns gatos.

Na verdade, mal sabia qualquer coisa concreta sobre ele, além das excentricidades que já observara. Já se perguntara como San não enlouqueceu sozinho durante todo aquele

tempo — e, em certo sentido, o oposto também era válido. Nenhum dos dois jamais demonstrou interesse pela história do outro.

Faced se pegou curioso, pela primeira vez, sobre o passado do... colega de trabalho.

Talvez fosse uma boa oportunidade para distraí-lo de qualquer loop de insanidade³⁸ em que tivesse mergulhado. E também distrair a si mesmo dos eventos de três dias atrás. Simplesmente jogava aquela situação numa caixa preta que jamais deveria ser aberta.

A divagação foi interrompida por uma ordem de San.

— Já que está aqui, me faça um favor e mande uma mensagem para Sedna, pedindo um sismograma³⁹ e relatórios de análise de composição de solo.

— Para ontem, Faced! — San abanava a mão em direção ao companheiro, ignorando completamente o comentário sobre o jogo.

Faced ficou espantado com a rispidez da ordem. Nunca tinha recebido um comando de San em um tom de voz tão impositivo como o que foi feito.

Talvez ele realmente esteja tendo um colapso nervoso — pensou Faced.

Com cautela, discretamente abriu um comprimido de ansiolíticos e inseriu-o no recipiente em que estava o café de San. Provavelmente não seria notado. O colega sequer piscava ou desviava o olhar do que fazia.

Porém, Faced presenciara colapsos nervosos o suficiente para saber que, mesmo o mais sereno e controlado dos soldados, é capaz de pular em sua direção e tentar arrancar seus olhos.

Monitorou San até perceber que os medicamentos estavam fazendo efeito no companheiro. Talvez fosse um bom momento para distrair a mente dele com qualquer assunto banal de que conseguisse lembrar. Assim faziam com soldados em crises de estresse pós-traumático.

— Ei, onde você cresceu? — perguntou Faced repentinamente, na expectativa de surpreender e tirar o colega do hiperfoco.

A pergunta inesperada fez San parar o que fazia. Segurava uma caneta contra um quadro branco, na tentativa de resolver algum problema de física que estava muito além da capacidade de Faced sequer começar a compreender.

³⁸ **Loop de insanidade** = expressão figurada para ciclos repetitivos de comportamento obsessivo ou psicótico, frequentemente desencadeados por estresse extremo ou isolamento prolongado.

³⁹ **Sismograma** = registro gráfico de ondas sísmicas que atravessam um corpo celeste (planeta, lua, etc.), utilizado para estudar estrutura interna e atividade geológica.

San já estava nesse cômodo há três dias, desde que receberam o relatório de Sedna. Quando parou de escrever e se virou, era notável a profundidade das olheiras e os olhos vermelhos. Faced imaginou que talvez realmente não tivesse dormido desde então. Talvez nem mesmo tivesse comido...

A sala estava um caos. Imagens de Sedna em todos os espectros de onda, simulações orbitais e papéis espalhados com cálculos, esquemas e diagramas ocupavam todo o recinto.

Faced lembrou do gato, imaginando se San teria esquecido da existência do pequeno felino e o teria deixado perecer. Suspirou em alívio ao perceber que estava aninhado em cima da escrivaninha, com um pote de ração e leite — ambos obviamente em dispositivos adequados para gravidade zero. Também se surpreendeu ao perceber que estava preocupado com o gato.

Esse infeliz esquece de cuidar de si próprio por dias a fio, mas o bendito gato, ele trata como um rei. Vai entender, pensou Faced, ao ver a cena.

Nunca foi muito fã de animais, e deixava Remi aos cuidados de San.

Apenas via-o como mais um objeto meio irrelevante que às vezes pulava pela estação e tinha o desagradável hábito de atacar e entocar no seu cabelo enquanto transitava pelos corredores.

Talvez gostasse da textura ou sentisse que parecia um ninho de passarinhos, o emaranhado encaracolado.

San guardou a caneta e se acomodou escorado em um recanto de almofadas com velcro que havia feito. Não fazia muita diferença na ausência de gravidade, mas sentia falta de algo macio contra sua pele.

— Fui criado por um casal de ursos polares após ser abandonado pelos meus pais numa estação de pesquisa no ártico — finalmente respondeu San.

Faced arregalou os olhos antes de racionalizar o absurdo do que acabara de ouvir. San tinha um sorriso de canto. Não um sorriso sarcástico ou bem-humorado. Um sorriso que beirava o dissimulado. Os pelos da nuca eriçaram quando uma corrente de ar assobiou através das cavidades espalhadas pelo corpo do colega.

Faced forçou uma risada tensa.

— Não foi uma infância muito interessante. Família rica, interior da Europa. Muito amado e educado em boas escolas. E você? — Perguntou San.

Faced não pôde deixar de notar uma gota de inverdade e desejo de cortar o assunto na fala de San — que esticava o braço, indicando para o colega um espaço no emaranhado de almofadas, que trazia a sensação de uma teia de aranha.

Hesitante, grudou-se no velcro ao lado e contou sobre sua vida. Antes de ser locado para a estação Eris, era chefe de logística do Departamento de Operações do Sistema Solar Interno.

Conversaram por algumas horas sobre diversos assuntos pessoais. Faced direcionou a conversa, com maestria, para os pontos mais distantes possíveis de qualquer coisa relacionada ao espaço e ciências.

Até perceber que San havia adormecido.

Realmente, tinha algum aspecto de logística mental nesse seu trabalho... Embora um psicólogo provavelmente fosse mais indicado para esse tipo de função.

Sorriu e diminuiu as luzes ao sair do cômodo. Passou a mão no gato, que soltou um pequeno miado de cumprimento. Um dos papéis com cálculos flutuou até as proximidades. Pegou e guardou com uma nota mental para entender depois.

Estava prestes a sair da sala, até sentir algo no seu cabelo. Remi novamente caçava pássaros imaginários na juba de Faced.

— Sai daqui, criatura. Isso faz cócegas.

Tentava agarrar Remi, mas cada vez que levava as mãos até o cabelo, o gato prontamente desviava ou lhe mordia.

Esses pequenos mutantes de San realmente são rápidos!

Eventualmente Remi cansou da brincadeira, deu um tapa na testa de Faced para se despedir e flutuou de volta para San.

Ainda teriam que discutir e tirar conclusões sobre o comunicado de Sedna, mas isso podia esperar.

Acomodou-se em sua cabine com um caderno e uma bebida quente. As mãos estavam trêmulas.

PARTE 9 — EXAME II

[Erro em transmissão da emissora~~ Estática]

9.1 SALÃO DO EXAME

SEIS DE JANEIRO

O alto-falante do salão de exame berrou em sons de estática, assustando os candidatos, antes de retomar a voz macia de Cathy, que fazia uma interpretação de comissária de bordo.

— Queridos candidatos. Aqui quem fala é sua comandante, Cathy. Espero que estejam mais confortáveis agora. Direcionarei os senhores e senhoras no caminho certo.

— Caso não tenham tido tempo para completar o almanaque de questões, recomendo foco, em especial nas questões de moralidade e física, presentes a partir do número 1400 — disse Cathy pelo alto-falante.

— Quando acreditarem que o horário de saída está correto, peço que sigam para a porta à esquerda do hangar.

Desorientação. Cansaço. Hipotermia. Fome.

Os candidatos tentavam retomar os pés na realidade, após a montanha-russa que havia sido essa maratona. Não só física, psicológica, mas também etérea. Uma grande alucinação coletiva de mentes interconectadas.

O tempo tornara-se um animal doente. Ora rastejava, ora explodia nos tímpanos em vibrações. Para Mira, poderiam ter se passado cinco minutos ou uma vida inteira.

Não aguento mais. Pra mim deu. — pensou Mira, trêmula, enrolada em casacos que furtou de outros candidatos perdidos em delírio.

Jaques ainda mantinha seu porte fino, embora a fadiga fosse notória em seu olhar, vazio, drenado. — *Nove mil... setecentos e trinta. Doze mil duzentos e vinte e um. Três mil e cem.*

Por sorte, as questões citadas foram as primeiras que ele realizou. Algum momento, já desacreditado em sua contagem, optou por simplesmente seguir o instinto. Levantou e foi para a sala seguinte.

Pol talvez fosse o mais sortudo do grupo. Ao entrar tarde, não pegou o período de calor e pôde se concentrar até o momento em que tudo irrompeu em completo caos. Não sabia explicar o que havia acontecido.

Por que vi Orwell? Será que ele está bem?

Sabia que tinha exatamente 18 minutos até o horário máximo de saída. Ficaria até o último instante.

Percebeu olhares voltados para si, e tinha certeza de que uma parcela dos candidatos iria tomá-lo como parâmetro para sair.

Não era momento de ser bonzinho. Quanto mais fossem eliminados, menor seria a psicose coletiva que era esse exame. Talvez até conseguisse eliminar mais uns oito, se saísse no instante correto.

Quinze metros até a porta. Consigo chegar em cinco segundos.

Será que posso confiar tanto assim no meu relógio interno?

[01:19:30]

Trinta segundos — Vinte — Dez — calculou Pol.

Levantou e disparou cambaleante em direção à porta. **Nove, oito.**

Tinha esquecido de considerar as cadeiras no caminho. **Sete, seis.**

Alguns dos que aguardavam sua saída como deixa correram atrás.

Pol abaixou o corpo, juntou os braços e atravessou o mar de mesas como um aríete.

Sentiu um puxão em sua roupa. Alguém tentava segurá-lo. — **Cinco, quatro.**

Desvencilhou-se com facilidade, mas perdeu o equilíbrio e cambaleou. Ia cair — **Três, dois.**

Conseguiu não pisar em falso por mais alguns metros, mas sentia sua inércia derrubando-o. — **Um.**

Impulsionou o corpo no último instante, para cair dentro da sala lateral. Já não tinha forças nem agilidade para uma queda controlada.

Despencou de bruços. Peso e velocidade convergiram numa equação mortal. O estrondo metálico estourou pela pequena sala quando a inércia abriu sua cabeça na quina da mesa. Uma pancada desse porte... Provavelmente era mortal.

Or... — Seu último pensamento.

A porta pneumática fechou num instante. Os demais candidatos, lacrados do lado de fora.

Sete cientistas, no pior estado que já estiveram em suas vidas.
Um tentava arrancar as unhas por achar que tinham chips.
Outro abraçava uma cadeira, chamando-a de "mãe".
Um escrevia equações no chão com o dedo, sem tinta nenhuma.
Um caído ao chão com o crânio aberto. Ninguém se levantou para ajudar. Mira engatinhou até o corpo flácido.

— Ei... ei. Acorda.

Procurou sentir um pulso. Nada.

— Acorda... Não vai cair... agora. Nobel de segunda categoria... ainda... me deve... a dedicatória... Prometeu passeio em Sedna, lembra?

Apagou inconsciente acima do corpo vazio de Pol.

Os outros somente observavam.

Apenas Jaques se moveu, sem forças, energia, nem capacidade de raciocinar.

Tentou fechar a ferida de Pol, sem sucesso. Era muito profunda, e o sangue jorrava continuamente.

A porta atrás deles se manteve selada, como uma lápide sem nome.

Como todo inferno, esse também tinha mais uma porta.

Cathy adentra o recinto, batendo palmas, cigarro aceso no canto da boca.

Franziu o nariz, brevemente, ao sentir o cheiro metálico, misturado com suor.

— Sete gladiadores!

Olhou com desprezo para os dois caídos ao chão. Cutucou o gigante com a ponta do salto alto. Um misto de nojo com fascínio.

— Cinco gladiadores! Talvez. Vai saber.

— Tá aqui uns suprimentos.

Arremessou cobertores, meia dúzia de sanduíches no chão, como se alimentasse cachorros... Ratos.

— Algum dos imprestáveis faz a gentileza de ver se esses aí tão vivos antes que comece a feder mais ainda aqui dentro.

Nenhum movimento. Só olhares vazios no breu da sala, que era iluminada por uma lâmpada fraca na parede.

— Tão tá. Seguinte, vou tirar um cochilo num hotel gostoso que tem aqui do lado. Cês fiquem aí até me dar vontade de voltar.

- Até loguinho — saiu saltitante com sorriso no rosto.
— Tentem não comer uns aos outros. Ainda preciso de uns três vivos.

9.2 ORWELL

SEIS DE JANEIRO — 01:00

Uma dor surda o puxava das profundezas. A consciência simplesmente seguiu um brilho esverdeado que parecia lhe guiar de volta para a realidade. Seu rosto colado no teclado, sangue seco formava uma crosta entre o nariz e o lábio. Cada respiração doía. O ar era espesso, rançoso.

Um fio de baba escorria pela lateral da boca. Algo se mexeu dentro dele. Não o estômago. Algo mais fundo.

— Remi...?

A palavra saiu antes do pensamento. Ele a ouviu, não a disse. *Quem caralhos é Remi?* Ergueu o rosto com dificuldade. Tudo latejava — cabeça, mão, costas, o tempo. O curativo havia se rompido; o dedo pulsava vermelho como uma sirene em carne viva.

Tentou lembrar o que fazia ali.

Hotel? Gravações? A porra do exame.

Olhou o horário no voxel. Upload: 100%.

Merda. Merda. Merda.

Arrastou-se até o carro. A pele colava na roupa. Sentia-se gélido, úmido, como se tivesse saído de um congelador com febre.

— Hotel — murmurou para o piloto automático do carro. A voz era um ruído oco, que parecia não lhe pertencer.

Pol, você está bem? — enviou o ping.

Algum tempo depois, recebeu um ping. Um trote.

Alguma criança enviando mensagem, fingia ser piloto espacial chamado Faced. Até entraria na brincadeira se a criança fosse mais criativa para criar o nome. Não estava com paciência para isso. Respondeu da maneira mais assustadora que conseguiu.

— Onde está a continência, Tenente? Aqui é o Major Pipoca, da estação *Vou te encontrar e enfiar seu voxel onde o sol não bate se me enviar mensagem novamente.*

O voxel vibrou novamente. Uma chamada. Mandou o trote à merda.

Assim que chegou ao quarto, desabou sobre a cama. Não se lembrava de ter chegado. Não lembrava de ter deitado. Só de apagar.

Seus sonhos eram confusos e agitados. Estações espaciais, planetas em forma de ovos se chocavam no céu. Uma estação espacial caía em espiral, uma música tocava ao contrário, e alguém — um gato? — gritava em russo.

Ele não sabia, mas o voxelcard guardado na carteira metálica pulsava em calor. Os números binários alternavam de forma desenfreada, formando um novo padrão.

Despertou algumas horas depois, suando frio. Precisava tratar sua mão para não infecionar.

Usou o combo habitual de opioides com bebida.

Foi para fora do hotel, sem levar nada consigo. Orwell não estava presente. Pelo menos não de forma consciente. Tinha entrado em seu estado de fuga, talvez pelo estresse, talvez pela dor.

Seu corpo, controlado por algum lado silencioso do subconsciente, foi até o prédio à frente, onde o voxelcard havia indicado.

Tocou o interfone.

A porta abriu.

Entrou no prédio e saiu algumas horas depois.

Era tudo que sabia. Viu a situação decorrer enquanto avaliava as gravações da câmera frontal ao despertar no dia seguinte.

— Eu... eu não lembro disso...

Assiste a si mesmo por doze minutos. Nenhum traço de consciência.

Era ele. Mas não era.

Como se seu corpo tivesse sido emprestado por outro. Um lado dele queria vomitar. O outro... queria continuar assistindo.

Trancou-se no banheiro. Olhou o espelho. Nada no reflexo parecia fora do lugar. Mas nada estava certo.

— Tô... perdendo.

Falou. Para ninguém.

9.3 ELLIAN

SEIS DE JANEIRO — ???:??

Em uma tentativa de desviar a mente do experimento que fora realizado sem sua supervisão, Ellian ficou imerso em planejamentos mentais. Queria jogar mais com Cathy — especialmente se lhe fizesse parar de imaginar cenários catastróficos — o colisor poderia ter explodido, talvez o noticiário estivesse agora mesmo cobrindo uma reportagem ao vivo sobre o desaparecimento repentino de todo um território russo.

Essa vaga é minha. Já decifrei como essa examinadora psicótica funciona. Os outros estão não tem chance. Sou o melhor daqui. O melhor entre os melhores.

Talvez aqueles dois já estejam acabados, ou mortos. Também não faz diferença para mim. Menos competição.

A doida vai entrar aqui, chamar um a um. Antes que diga um nome, vou me levantar e dizer que eu iria primeiro. Ela vai ceder. Previsível. Já sei todos os seus movimentos.

Não sei direito o que aconteceu naquele exame, mas tenho certeza de que estraguei sua melodia. Daí em diante, ela já estava na minha mão.

Ela vai entrar nos próximos 10 minutos. Daria exatamente o tempo para criar mais tensão psicológica nos presentes.

A porta está abrindo. Pontual como relógio. Mulher pútrida, obviamente com cigarro na boca.

— Descansaram bem, queridos candidatos?

Ninguém vai te responder.

— Vejo que aqueles dois continuam na mesma posição. Que casal bonito.

O olhar de Cathy varreu os corpos de Mira e Pol, caídos tortos, uma mistura grotesca de sangue, baba e suor penetrava a porosidade do piso de ardósia. Havia, Ellian tinha que admitir, alguma beleza poética naquela cena de desolação. Um *memento mori* para a fragilidade daquelas mentes que ousaram desafiá-la.

— Muito bem. Vou chamar um a um para conversar comigo, a sós.

Como eu previ. A dança é minha agora.

— Vamos começar com... — continuou, checando a lista.

Minha deixa.

Ellian se levantou e foi em direção a Cathy.

— Estou pronto. Por sinal, pode me ceder um cigarro?

A mulher arregalou os olhos por um milésimo de segundo. Eu peguei essa expressão.

O semblante de um sorriso de canto? Ela até que escondia bem. Mas o que isso significava? O olhar dela. Devia ter previsto o ritmo do gesto. Erro meu.

— Não, ainda não é sua vez, querido bailarino do caos. Não quero que termine precocemente. Preciso de preliminares primeiro. Parece que não sabe cortejar uma dama.

— E nada de cigarro para você. Cigarros apenas para ratinhos comportados.

Isso não estava no roteiro.

Minhas mãos estão estáveis. Ou quase. Uma leve tensão no punho esquerdo. Detalhe irrelevante. Acho.

Pequena instabilidade no campo visual. Não deve afetar o restante.

Ela está me encarando com um olhar significativo. Eu entendo a mensagem.

Você está fora do compasso, querido. Entre no ritmo e deixe de ser um amador. Só me pegou desprevenida. Seja um bom ratinho e tente pensar um pouco à frente, senão deixa de ser um brinquedo interessante.

Eu a subestimei. Ninguém nunca conseguiu me passar tanta informação com um único olhar. Ela está na minha cabeça mais do que estou na dela.

— Quero Jaques. Pode vir, querido.

Esse sorriso falso. Sei que é para mim. Você vai desviar o olhar por um segundo, para ver se eu percebi.

Pomposo mediocre. Não vá se achando.

Ela não olhou mais para mim.

Ela não olhou mais para mim.

Minha mão está formigando. Deve estar frio. Nada demais. Um ajuste no colarinho.

Ainda é cedo. A dança não acabou.

Cathy saiu do recinto com Jaques atrás. No limiar da porta, virou-se com um sorriso faminto.

Ellian permaneceu imóvel, observando a porta fechada, a mente calculando novas variáveis. Será que alguém estava procurando por eles lá fora? Quanto tempo fazia desde

o início daquela provação? A equipe de MDK, ou quem quer que fosse, com certeza estava vindo tirá-los dali. Era apenas uma questão de tempo. E Ellian era paciente quando o jogo valia a pena.

9.4 ORWELL — HOTEL

SEIS DE JANEIRO — 08:00

Orwell acordou acabado. Não queria abrir os olhos. Não queria se mover. Não queria existir.

Olhou para a mão aleijada. *É nisso que dá cutucar vespeiros. Eu não aprendo a lição.* Era um ser humano disfuncional. Nunca conquistou nada na vida, e mesmo quando tentou tomar algum rumo por conta própria, dizer para o universo que não era um pedaço de plástico levado pela correnteza, o universo revidou e transformou a correnteza num furacão tropical, que o arremessava de um lado ao outro, impiedosamente, pela mera ousadia de tentar se impor.

Após encarar a parede descascada do quarto por tempo indeterminado:

Eu não aprendo a lição mesmo, e vá se foder, universo. Deal with it. Você não controla nada.

Esse pensamento lhe deu forças para levantar e continuar a busca. Não ia mais ser vítima das circunstâncias. Ele era a própria correnteza. Ele ditava o ritmo dos acontecimentos.

Foi ao prédio da frente e tocou o interfone — silêncio absoluto. Voltaria à noite para tentar entrar de outra maneira.

Ainda não tinha recebido nenhum sinal de Pol. Teria que avaliar com calma, os itens recolhidos das gravações do exame. A última cena disponível era de Pol correndo e uma porta pneumática se fechando. Outros candidatos eram encaminhados para fora da sala de exame, enrolados em cobertores ou carregados em macas.

Abriu a lista de participantes e procurou pelos nomes dos que tinham ficado para trás no exame — provavelmente reprovados. A ficha dos candidatos também listava os hotéis em que se haviam hospedado.

O jeito seria uma abordagem prática. Checou os que tinham conseguido entrar na sala lateral a tempo. Sete nomes, três hotéis.

Comprou trajes formais pelos arredores. Tinha de parecer minimamente apresentável — o máximo que um homem de meia-idade, calvo, acima do peso conseguiria.

Checaria os quartos um a um, começando por Pol. Ele era o mais importante. Talvez conseguisse algum norte.

Com equipamento em mãos, foi até uma gráfica. Fez identidades falsas com sua foto no lugar dos candidatos.

Pegou o carro e dirigiu-se à primeira parada. A paranoia de ser observado ainda o rodeava. Será que alguém lhe seguia?

Observava o caminhar casual das pessoas na rua. Todos pareciam encará-lo. A atmosfera estava opressora — nuvens carregadas de poluição traziam sensação noturna para a cidade, mesmo que fosse manhã.

Uma viatura policial parou ao seu lado no sinal vermelho.

Orwell ficou paralizado, se sentia um rato tentando não mover um único músculo para não ser percebido por predadores. Olhou com o canto de olho para a viatura, sem mover a cabeça.

Os dois policiais estavam olhando para ele? Um deles pegou o rádio. Estaria chamando reforços?

Do outro lado da rua, um homem de terno caminhava na direção do seu carro.

Todos me encontraram ao mesmo tempo? — Apertou o volante com força.

Orwell considerou acelerar e atropelar o homem de terno. Não tinha muito tempo.

Teria que passar por cima do indivíduo e ainda despistar a polícia. Não tinha Pol para lhe resgatar dessa vez. Não tinha ninguém.

Ele que deveria fazer o resgate. Seu amigo estava desaparecido.

Tomou uma decisão. Tinha prometido tomar controle da própria vida, e faria isso.

Os policiais continuavam a encarar. O homem estava puxando algo de dentro do terno.

Uma arma?

O sujeito de terno terminou de sacar. Virou-se e foi para o meio da rua, bem na frente do carro de Orwell. Era um alvo fácil de alvejar.

Estava prestes a colocar o pé no acelerador, passar por cima do homem e entrar em fuga.

Era um voxel na mão do homem, que atendeu uma ligação e atravessou na faixa de pedestres. O sinal abriu para os carros, a viatura seguiu em frente casualmente.

Orwell olhou para as mãos. Estavam tensas pela força com que segurava o volante. O dedo latejava, o curativo, maculado com sangue.

O carro de trás buzinou para que Orwell se movesse. Atrapalhava o trânsito.

Continuou seu caminho rumo ao hotel. A paranoia não foi aliviada.

O carro preto está me seguindo?

Fez curvas, rodou em círculos, entrou em ruas aleatórias, estacionamentos e becos, para despistar qualquer perseguidor. Sem incidentes. Estacionou a alguns quarteirões de distância do hotel. Fazia questão de observar todo e qualquer movimento ao seu redor antes de seguir o caminho. Deve ter levado quase uma hora para atravessar duzentos metros.

Finalmente adentrou o hotel.

— Bem-vindo ao Luxury Stay! Como posso ajudar? — disse uma recepcionista, no balcão do saguão.

Forçou o tom mais natural que conseguiu, com toques de esnobismo.

Entre como se fosse dono do lugar. Ninguém vai te questionar.

— Bom dia! Então, meio constrangedor, mas tive que fazer um exame que perdurou a noite inteira e, quando saí, acabei deixando meu cartão de acesso lá! Estou no quarto 301, Pol Libberman.

Entregou a identidade falsa para a atendente.

A atendente analisou a identidade com um olhar confuso, uma sobrancelha levantada.

Merda. Será que fiz um bom trabalho na farsa? Será que ela reconhecia o rosto de Pol? Será que ela reconhecia MEU rosto de foragido da polícia? Se eu avançar no pescoço dela, será que consigo apagá-la e esconder o corpo antes que alguém perceba?

O saguão está vazio...

— Só um instante, senhor.

Pegou o telefone da recepção e discou um número.

— Oi! Pode verificar algo para mim? — disse ao telefone.

Orwell quase entrou em pânico naquele momento. Sua fachada estava prestes a cair. Se fosse descoberto, estaria em sérios problemas. Precisava agir.

Engoliu em seco. Improvisou rápido, na tentativa de transparecer irritação. Tinha pesquisado o nome do proprietário antes de sair:

— Querida, eu não tenho o dia inteiro. Se precisa falar com a administração pra resolver alguma coisa, pode deixar que eu mesmo falo com o Anthoan Mivel, que é amigo pessoal meu.

A atendente ficou sem palavras por um momento, considerando o que deveria fazer. Precisava de um pouco mais de pressão.

— Senhor, é que a foto no sistema está diferente de você — disse a recepcionista.

— Não me importo se vocês têm um sistema mal feito. Esse meu tempo que você está desperdiçando vale mais do que um ano do seu salário.

— Seria uma pena se recebesse uma queixa dizendo que destratou um dos melhores amigos do dono.

Ela arregalou os olhos, disse no telefone: — Pode deixar, já resolvi aqui.

— Mas é claro, senhor Libberman. Peço perdão. Vou emitir um novo cartão para o senhor agora mesmo.

O quarto de Pol estava impecável. Talvez até demais.

— O serviço de quarto deve ter passado por aqui...

Pol não tinha muitos pertences pessoais. Uma pequena mochila, uma muda de roupas e uma pasta. Na gaveta do criado-mudo, um frasco de comprimidos sem rótulo pela metade, e ao lado, um bloco com anotações incoerentes, rabiscos e símbolos desconhecidos — talvez matemática avançada, talvez delírio.

Nada nos bolsos das calças, cofre trancado.

Começou pela pasta: documentação em geral, papelada de trabalho. Uma foto de Pol ao lado de um adolescente de cabelo longo.

Ele tinha um filho? Orwell não sabia nem que era casado. Achou curioso o amigo não mencionar nada a respeito durante o trajeto que fizeram juntos. No canto, estava escrito "Laboratório de Pesquisa Orbital".

Orwell sentiu algo apertar seu peito ao ver a foto de Pol ao lado daquele jovem. Nunca tinha visto o companheiro assim. O rosto era quase irreconhecível comparado ao homem sério e sombrio que reencontrara recentemente.

Bateu o olho em documentações miscelâneas, apenas papelada técnica. Decidiu levar consigo. Talvez tirasse alguma informação útil.

Anotações pessoais: "Exame para Fundação; Verificar Orwell; Reportar ao General; Verificar resultados do entrelaçamento em fluido supercrítico⁴⁰."

Uma pontada de orgulho ao imaginar o amigo em operações de infiltração. Talvez tivesse aprendido uma coisa ou outra com Orwell, na juventude. Também riu ao imaginar a cena de Pol atrapalhado para inventar explicações em urgências. Ao menos o Pol de antigamente. Ele havia amadurecido muito nessas décadas. Talvez fosse até melhor do que o próprio Orwell. *Não que algum dos dois fosse bom nisso.*

Restava apenas uma coisa para fazer nesse hotel. Ligar para um dos demais candidatos hospedados.

Pegou o telefone e discou o número do quarto 501. Ao ser questionado sobre o exame, o candidato respondia com voz mecânica, como se estivesse em algum estado dissociativo. Qualquer outro assunto, a voz continuava normal.

Orwell começou a desconfiar que tudo estava conectado: os candidatos eliminados, a ausência de Pol, o voxel dele recebendo ligações, as respostas robóticas... Considerou que ele mesmo poderia estar sendo usado, manipulado, que alguém queria que invadisse aquele quarto, que achasse exatamente aquilo.

Até que ouviu a porta se abrindo lentamente.

Largou o telefone na mesa, sem finalizar a chamada, e recolheu as evidências que havia coletado. Procurou ao redor algum lugar para se esconder. Debaixo da cama era muito óbvio. Tentaria a varanda.

Foi o mais rápido que conseguiu até o mezanino externo. Não teria tempo de fechar a porta deslizante. Na pior das hipóteses, poderia pular para a varanda do apartamento ao lado.

Ficou parado, tentando ouvir o que acontecia no quarto. Pareciam ser duas pessoas.

— Vazio — disse o primeiro.

— Mas parece que alguém esteve aqui. Alô? — *Deve ter pego o telefone fora do gancho. Merda.*

⁴⁰ **Entrelaçamento em fluido supercrítico** = estudo da manifestação do entrelaçamento quântico (correlação instantânea entre estados de partículas) em materiais no estado supercrítico, onde não há distinção clara entre líquido e gás. Explorar entrelaçamento nesse ambiente pode revelar propriedades físicas inéditas e novas fases da matéria, sendo um tema de fronteira em física experimental e teoria quântica.

— Ah, desculpe, o Dr. Pol teve que sair brevemente, ele vai te ligar depois, ok?

— Olha em volta. Tem alguém aqui dentro.

Ouviu os homens abrindo portas do banheiro, armário, levantando a cama. Teria que agir rápido.

Subiu o parapeito da varanda, o vento lhe mordeu o rosto — gélido, fedendo a ozônio e pombos.

Preparou-se para saltar para a varanda ao lado.

Era uma distância muito curta, um metro e meio no máximo.

Abaixo, a rua parecia se esticar, como se risse da ideia de acolher seu corpo.

Ele sentiu a pulsação na ponta dos dedos.

O equilíbrio hesitava, como se o universo estivesse decidido a brincar de empurrar.

Mediu a distância. Ainda restava um pouco de atletismo em si.

— Lá fora, talvez — disse uma das vozes.

Arqueou as pernas para saltar a curta distância entre as varandas e impulsionou a musculatura.

Até uma criança conseguiria fazer esse salto.

Daria tempo de chegar ao lado, abrir a porta e entrar no apartamento lateral antes de ser visto.

Orwell ficou otimista.

Pensou em como escaparia ilesa, publicaria sua investigação na mídia e derrubaría a Fundação.

Era o ponto de virada da sua vida.

Aquele salto representava a transição entre fracassado e alguém que toma controle da própria vida, um homem de sucesso.

Não apenas um homem.

Um herói, um vigilante.

Sorriso torto — *Finalmente. É minha vez de brilhar.*

Seu pé escorregou da superfície.

O corpo deslizou para frente, um dos pés prendeu no parapeito, o suficiente para fazer com que virasse um pêndulo humano.

Girou em câmera lenta, até sua testa beijar o concreto na base do balcão.

O pé se soltou e continuou a queda de costas.

A calçada o esperava. — *Pronta pra me abraçar como minha mãe nunca fez...*

Conseguiu ver um dos homens correndo até o parapeito. Era o mesmo que acompanhou o Senador, poucos dias atrás.

Orwell naquele instante só conseguiu pensar uma coisa.

Mas que jeito MERDA de morrer. Eu só me fodo.

Até que sentiu o impacto. "Ooof!" — todo o ar deixou seu pulmão.

Bateu primeiro as costas, depois a nuca.

Sua cabeça quicou depois do primeiro impacto e bateu uma segunda vez.

O som seco do choque contra o chão chegou a si antes da dor.

Ouviu, ou sentiu algum osso se quebrando. Coluna? Cabeça? PESCOÇO?

Só sabia que não seria legal.

Abriu os olhos com um gosto de sangue e poeira na boca. O som de vozes distantes.

Merda. Ainda tô vivo. Ainda tô na merda.

Uma segunda dor, algo esmagando sua perna. — Sequer tinha voz ou capacidade para gritar. A respiração falhava.

Tinha caído na rua. Um carro não teve tempo de reagir e passou por cima do membro.

O pneu encontrou a perna prostrada, uma metade apoiada na frieza do passeio. A outra, abaixo do peso implacável, foi prensada contra o meio-fio.

Ouviu-se um estalo abominável enquanto a pressão vencia a resistência do osso.

Lascas brancas e pontiagudas irromperam da carne dilacerada, expondo o interior rosado, manchado de sangue que jorrava e se espalhava pela pedra e pelo chão.

A perna, agora uma massa disforme e quebrada, pulsava com a dor lancinante e a visão grotesca de seu próprio interior exposto ao ar.

Quase perdendo a consciência pela dor, olhou para o lado e viu um painel publicitário flutuante, em loop, num prédio próximo.

"FUNDAÇÃO NOVA: TRANSFORMANDO O FUTURO, UMA MENTE BRILHANTE DE CADA VEZ."

Orwell cuspiu sangue no asfalto.

— Vão se foder.

Orwell oscilou entre a consciência e inconsciência pensando em Will. O quão longe seu amigo havia caído?

9.5 ORWELL — 30 ANOS ANTES

JANEIRO DE 2095

Ainda cheio da energia da juventude, sonhos e ambições, acabara de pegar seu diploma da Academia Profissionalizante.

Não queria trabalhar como peão de algum grande conglomerado de mídia, mas sim de forma autônoma, correr atrás dos próprios furos e construir seu nome como repórter investigativo.

Após décadas de conflitos constantes e semi-catástrofes enfrentadas pela humanidade no último século, quase extinguindo a si própria diversas vezes, a sociedade havia voltado seu olhar para as ciências, especialmente pelo período de estabilidade global que perdurava há alguns anos. Por um breve momento na história, os cientistas eram, pela primeira vez, superestrelas.

Orwell, perspicaz, chegou à conclusão de que sua melhor chance de fazer um nome para si seria entrevistando acadêmicos com potencial de realizar descobertas notórias no futuro.

Considerando que já tinha um número maior do que gostaria de conhecidos na área, optou por sondar o campo da astrofísica, imergindo-se em artigos, publicações e congressos.

Era útil que continuassem a gravitar em sua direção. Ainda não entendia de onde vinha sua força atrativa com astrofísicos. Bastava chegar num ambiente que logo era cercado por eles.

O lado técnico e matemático passava batido pela sua capacidade e conhecimento, mas sempre gostou da parte teórica.

De todo modo, com o auxílio de Will, havia escrito várias matérias de relativo sucesso. Nada grandioso. Apenas traduzia conceitos complexos com seu estilo ácido e casual, algo que parecia ressoar com o público em geral.

Não era esse tipo de atenção que buscava.

Queria contatos com grandes ícones, não agir como comunicador científico.

Além disso, sem Will, estaria completamente perdido para continuar nessa linha de produção. Ele era a mente por trás da facilidade de mastigar as densas teorias.

A amizade entre os dois havia crescido muito ao longo dos últimos 5 anos. Eram inseparáveis.

Will gostava de explicar o que estava estudando e Orwell gostava de ouvir. Entraram numa dinâmica de conversa que iniciava com um conceito denso, Orwell não entendia e, por consequência, Will simplificava.

Em sua busca por uma matéria com potencial, já havia enviado pings para diversos cientistas, mas mesmo quando recebia algum retorno, era em negativa ou desinteresse. Intelectuais, aparentemente, não eram muito fãs de contato humano.

Após vários meses e incontáveis rejeições, já desanimado, recebeu um ping de Will chamando-o para tomar um café.

— Ei, Or! Ainda está procurando alguém para entrevistar?

— Se quiser dar um pulo lá no laboratório, tenho colegas que talvez topem um bate-papo. Vamos lá?

Uma fagulha de esperança. Will agora trabalhava na Fundação Nova, talvez conseguisse uma entrevista com algum higher up na empresa.

— Vamos! — respondeu Orwell, erguendo a xícara de café com um meio sorriso.

Will retribuiu o gesto com naturalidade. Mas algo, na entonação da voz dele, soou... estranho.

Uma pausa imperceptível. Um olhar que durou meio segundo a mais do que o normal.

Orwell não deu importância na hora. Estava empolgado com a possibilidade de conseguir uma boa pauta.

Só muito tempo depois percebeu que aquele café foi o começo do fim. E Will a melhor e pior coisa que já lhe aconteceu.

PARTE 10 — AUSÊNCIA

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Abertura mostrando o sistema solar em panorama minimalista e aproximando zoom em Eris]

Você está assistindo Channel — A plataforma de notícias do mundo! — Patrocínio Sraknova — *Sabedoria, Realidade, Ascensão, Kairós, Neutralidade, Organização, Vórtice, Autossuficiência são meus princípios fundamentais. Venha conhecer nossa casa e se tornar parte dessa família.*

[Transição para o set de noticiário]

— Bom dia! Hoje, no IIC, você verá — Caos irrompe nas maiores cidades do mundo após a interrupção de todos os sistemas eletrônicos. Número de suicídios atinge 5000% da média mundial.

— Negociações na bolsa de valores fecham para evitar colapso. Quedas estimadas na faixa de 85%

— Empresas e governos se reúnem para fazer controle de danos.

— Cultos de fim do mundo promovem êxodo do sistema solar e idolatria aos homens cinzentos, cujos relatos de avistamentos dispararam. — Isso, e muito mais, daqui a pouco, no ICC.

10.1 WILL — ASSEMBLÉIA DA FUNDAÇÃO

SEIS DE JANEIRO — 08:00

Além de Will, outras onze figuras em trajes finos socializavam ao longo de uma mesa de jantar cuidadosamente colocada, enquanto serventes virtuais acomodavam apetitosas refeições e repunham as bebidas dos presentes, que conversavam entre si, desde trivialidades, até assuntos técnicos, políticos ou científicos.

Umbriel sentou-se o mais longe possível de Will, como se portasse uma doença infecciosa. O posicionamento de cada membro refletia bem as personalidades. Os que sabiam vestir a máscara social com maestria estavam próximos de Will, participando do diálogo e rindo junto ao colega, que também se tornara especialista nesse tipo de jogo.

Os mais ineptos socialmente estavam distantes, ou sequer sentavam-se à mesa, afinal, não fazia sentido comer comida virtual e perder tempo com banalidades.

Após algumas horas de preliminares, Tritão, um homem baixo de óculos fundos se manifestou, irritado.

— Já deu, né. Vamos começar a assembleia de uma vez?

Alguns dos presentes riram da manifestação.

— Sabemos que você é novato, Tritão⁴¹, mas quem convoca a assembleia dita o ambiente e rito. Quando for sua vez de falar sobre a vida microbiana e anomalias magnéticas do fim de mundo que você está, pode colocar todo mundo num salão preto, sem problemas — disse Marte, em desdém.

Antes que uma discussão irrompesse, batidas suaves de uma colher contra uma taça chamaram a atenção do grupo, que direcionou o olhar para um homem em vestimentas excêntricas, cujas cores alternavam em tons aleatórios.

O homem colocou a taça na mesa e segurou o cachimbo gourd calabash, excessivamente grande, que tinha na boca. Era Hiperion.

— Pois bem, vamos ao assunto principal da pauta de uma vez — disse, com sotaque de realeza britânica.

— Vlad-2, gostaria de oferecer explicações quanto à ativação do Protocolo Sraknova?

Will se levantou e ajustou a gravata suavemente.

— Boa noite, senhores. O protocolo foi ativado preventivamente, após a detecção de fenômenos possivelmente relacionados à linha experimental ICP. Conforme dita o manual, o protocolo deve ser ativado na possibilidade de risco ao sistema Link, ou oportunidade de execução das diretrizes chave do Fundador.

A manifestação foi protocolar, de modo que nenhum dos presentes esboçou reação significativa.

— Não havendo contingência extraordinária, cofre será aberto em dez anos, então recomendo que acelerem os projetos principais. — A confiança na fala de Will reverberou através do salão.

— Vai dar tempo? — perguntou Marte.

⁴¹ **Tritão** = maior lua de Netuno e uma das maiores do Sistema Solar. Descoberta em 1846, é única entre grandes luas por orbitar seu planeta “de trás para frente” (movimento retrógrado), indicando provável captura gravitacional. Tritão possui uma superfície de gelo reflexivo, calotas polares de nitrogênio, gêiseres ativos e sinais de atividade geológica — tornando-a um dos mundos mais interessantes do Sistema Solar exterior.

— Façam dar — respondeu Will, secamente. — Inclusive você, Marte. A não ser que queira me devolver a posse do projeto Sentinel... Caso não se sinta capaz de prosseguir.

— Marte encolheu com o olhar penetrante de Will. Os demais se entreolharam em tensão.

— E Sraknova? — perguntou Hiperion.

— Se o protocolo permitiu a ativação, é a vontade de Sraknova. Os detalhes relevantes serão compartilhados com quem for pertinente — finalizou Will. — Algo mais?

Ninguém se manifestou.

— Pois bem... Vamos ao próximo item da pauta, tarifação de recursos de mineração — continuou Hiperion.

A mente de Will parou de prestar atenção depois de sua manifestação. Eventualmente a reunião finalizou e ele retornou, suado e com dores de cabeça para a sala rodeada de estática e sabor metálico no ar.

— Rodamos a análise no nosso sistema interno. A partícula permeia toda a intranet: está presente em toda a extensão e ao mesmo tempo em lugar nenhum. Uma superposição perfeita — disse um cientista, cautelosamente, reportando a Will.

Will franziu levemente a testa.

— E por que está me dizendo isso como se fosse grande coisa? Parece que não descobriram absolutamente nada.

O cientista respirou fundo, sabendo que precisava ser claro e rápido:

— Conseguimos isolar o espectro. Está num estado Greenberger–Horne–Zeilinger⁴². Não deveria ser possível fora de condições de laboratório. Há uma contradição determinística clara em relação ao realismo local⁴³. Isso... desafia tudo o que sabemos sobre física.

Will inclinou-se para frente, finalmente demonstrando um leve brilho de fascínio no olhar frio.

— Interessante. Quão complexo é o entrelaçamento detectado?

⁴² **Greenberger–Horne–Zeilinger (GHZ)** = estado de entrelaçamento quântico envolvendo três ou mais partículas (geralmente três), famoso por produzir correlações não-locais mais radicais do que o entrelaçamento bipartido típico; usado para testar os limites do realismo local na mecânica quântica.

⁴³ **Realismo local** = princípio segundo o qual propriedades físicas de um sistema existem independentemente de serem medidas (realismo) e não podem ser instantaneamente influenciadas à distância (localidade); princípios que são desafiados por experimentos de entrelaçamento quântico.

— Identificamos oito partículas claramente interconectadas num estado de entrelaçamento global não-local. Algumas delas desaparecem e reaparecem continuamente. Precisamos isolá-las para termos uma compreensão total do fenômeno. Para ter um resultado definitivo, todas as partículas precisam estar num estado de conexão. Próximas.

— Quantas estão conectadas à nossa rede interna agora?

— Quatro em conexões fixas, outras duas em conexão fixa, embora esporadicamente, uma salte e fique brevemente em conexão com as demais. Duas isoladas.

— Mandem equipes verificar imediatamente todos os nossos terminais em solo e órbita. Quero um espectrograma⁴⁴ completo. E o protocolo Sraknova?

— Encaminhado. Frotas já foram lançadas rumo aos planetas-anões. Os Sentinelas foram retirados da hibernação e enviados aos pontos críticos. Dois para cada instituição ou agência que trabalhe com interposição quântica.

Will apertou os dedos contra a mesa, ligeiramente preocupado pela primeira vez: — Sentinelas são instáveis. Lembre-se por que os colocamos em hibernação. Um para negociação, infiltração e sabotagem discreta, outro para medidas... extremas, se for necessário.

— Entendido, senhor.

Will olhou para o painel, luzes verdes piscando lentamente.

— Quero uma limpeza profunda de todos os nossos arquivos externos. Não podemos arriscar. Não quero esses Sentinelas perto daqui em hipótese alguma. Fui claro?

— Cristalino, senhor.

O cientista, com olhar ansioso e tensão palpável, permaneceu encarando Will. Hesitou e limpou a garganta.

Will não precisou olhar para ele. Já sabia que vinha mais coisa.

— Foi detectado... Um backup não autorizado de um dos terminais.

Will suspirou como se já soubesse a resposta: — Qual?

— Terminal de monitoramento do exame de admissão.

— Ahh, nada demais, então. Coloque uma equipe para verificar, baixa prioridade.

— Senhor... A examinadora... Era Cathy.

⁴⁴ **Especrograma** = representação gráfica das frequências de um sinal ao longo do tempo; aqui, usado para analisar estados quânticos, identificando partículas e conexões.

Esfregou as mãos no rosto, tique que adquiriu nos últimos anos. Sentia como se formigas andassem abaixo de sua pele quando ficava estressado.

Will bufou, sentindo o retorno daquela dor de cabeça familiar que só surgia com uma pessoa específica.

— Cathy... De todas as pessoas possíveis, justo ela?

Fechou os punhos. Cathy era eficiente, mas uma bomba relógio ambulante. Ele não precisava de mais uma dor de cabeça agora.

— O quanto pesado ela pegou?

O cientista ficou em silêncio.

— Então...?

— Vamos dizer que isso com certeza não deveria vazar na mídia.

— Foda-se a mídia. Eu sou a mídia. Imagino o estado da situação. Coloque como prioridade máxima. — Quero rastreamento digital completo em um raio de cinco quilômetros. Câmeras públicas, privadas, redes móveis. Coletam impressões digitais e DNA do terminal e da porta. Descubram quem foi. Sem alarde.

Em solo, oito figuras — *ou entidades* — sentavam-se em um semicírculo de uma sala totalmente escura no espectro de luz visível, em temperaturas de aproximadamente -30 graus celsius. A única iluminação era no espectro ultravioleta⁴⁵, mais especificamente, numa frequência λ de 323 nanômetros.

Seis das entidades encaravam umas às outras, em absoluto silêncio e imobilidade, exceto por duas, ξ (xi), que tremia descontroladamente.

Não somente tremia. Vibrava, como se um motor desregulado estivesse preso dentro do seu tórax, rasgando carne por dentro. As mãos batiam uma contra a outra tão rápido que pareciam querer se despedaçar por fricção. Os dedos estalavam sem ritmo, como ossos querendo escapar das articulações.

⁴⁵ **Espectro ultravioleta (UV), $\lambda = 323 \text{ nm}$** = faixa de radiação eletromagnética logo além do visível; 323 nanômetros está na região do UV-C, normalmente invisível aos humanos, mas usada em aplicações técnicas por sua energia e capacidade de excitação molecular.

A mandíbula travada tremeluzia feito um alarme defeituoso, emitindo ruídos abafados entre os dentes cerrados. Os olhos reviravam em espasmos, não piscavam, só raspavam as pálpebras num frenesi seco.

Cada músculo parecia entrar em curto — ora tensionava até o limite, ora explodia em convulsões que faziam o corpo inteiro ricochetear no próprio esqueleto. Não era frio. Era pane. Uma descarga suja, elétrica, desordenada. O corpo já não respondia à mente — e talvez nunca mais respondesse.

As pernas vibravam tanto que os joelhos batiam um no outro, fazendo estalos ocos, como taquaras prestes a rachar. Uma gota de saliva voou da boca entreaberta, mas ele nem percebeu. Só sacudia. Como um inseto preso num campo eletromagnético invisível, esperando o colapso final.

As seis demais entidades não reagiram à cena, apenas continuaram a se encarar. Os olhos — *ou seja lá qual dispositivo estivesse acoplado na placa orbital* — completamente negros, giravam nos soquetes, peões desenfreados movendo-se livremente em direções sem lógica aparente.

A rotação dos orbiculares emitia sons quase inaudíveis para humanos, também em 32,3Hz⁴⁶. O fluxo das rotações oscilava levemente essas frequências, conforme o que uma entidade desejava comunicar com a outra.

Eles conversavam entre si numa sinfonia perturbadoramente cativante. Quase um cântico tibetano⁴⁷, ou gregoriano, emitido exclusivamente pelos orbiculares.

Uma das entidades, ψ (psi), que poderia ser considerada líder das demais — *se houvesse qualquer tipo de hierarquia nesse conjunto inumano* — manifestou:

— Protocolo Ativo. Confirmar posicionamento.

A pele das entidades era de tonalidade acinzentada, em um estado praticamente mumificado. A que se manifestou primeiro era mais baixa que as demais, a expressão facial tinha todos os músculos completamente relaxados, podendo até transparecer uma sensação de tédio, pelas pálpebras semicerradas e músculos labiais tendentes para baixo, num sorriso invertido. A única exceção era a mandíbula, rígida ao ponto de ranger

⁴⁶ **32,3 Hz** = frequência situada na banda de ondas delta do eletroencefalograma (EEG), associada ao sono profundo e estados meditativos; aqui, também funciona como canal de comunicação e sincronização entre entidades.

⁴⁷ **Cânticos tibetanos/gregorianos** = estilos tradicionais de canto monofônico, com longas notas e ressonância, usados metaforicamente para descrever a comunicação das entidades.

sozinha, que formava, no maxilar, uma ferragem emperrada, deixando as linhas de seu rosto, já retangular, mais definidas.

As cinco demais entidades responderam com seus respectivos alvos e números de identificação⁴⁸.

θ (Phi) — GOES.

K (kappa), η (eta) — VenCorp.

ν (ni), ζ (sigma) — EEE.

ψ (psi) — Mithrill Inc.

A outra entidade defeituosa, β (beta), berrava — não somente um grito, mas um rasgo sonoro, um urro disforme brotava por todas as vísceras simultaneamente.

Não era voz, mas sim uma ferida.

Um som áspido, cuspido por um esôfago seco e estrangulado, a garganta, arrancada de dentro para fora com cada explosão.

Um pânico incorpóreo transbordava ondas sonoras que tremiam o ar ao redor, reverberando na ossatura disforme dos demais. Cada grito torpe, uma tentativa de fuga pulmonar.

Uma consciência percebia que não devia estar ali. Um erro. Um aborto dimensional.

Orbiculares saltados, oscilavam, queriam abandonar o crânio.

O torso, subia e descia com brutalidade, se auto-asfixiando só por existir.

Havia terror ali — mas era um terror que não cabia em palavras, só em carne sintética. Um terror causal, lógico, sem escapatória. Existencial, sim. Mas também inorgânico e artificial.

E mesmo entre os berros artificiais, porém palpavelmente humanos, em essência, era perceptível que aquela coisa sabia que já tinha passado do ponto de retorno.

Só restava gritar até a garganta rasgar ou a realidade ceder.

Theta foi o único que moveu mecanicamente o pescoço e olhou para Beta. Seu rosto tinha carimbado um sorriso que não chegava aos olhos. Um sorriso macabro, fixo.

Fraternal.

Ao redor, incontáveis câmaras similares, lacradas emitiam relatórios de erros para a base.

⁴⁸ **Códigos gregos (ξ, ψ, θ, κ, η, ν, ζ, β)** = uso de letras do alfabeto grego para designar entidades, típico em experimentos, projetos e designações de protótipos científicos.

Dentro delas, os exemplares inviáveis, quebrados, mortos. Os que deram sorte.

Cathy, você é meu braço direito, mas como consegue ser tão extremamente inepta quando quer. Espero que esteja se divertindo. Dor de cabeça ambulante. — pensou Will.

10.2 CATHY — FASE 2 DO EXAME DE ADMISSÃO

Estou me divertindo bastante!

O pensamento veio do nada, mas Cathy não deu importância. De fato estava se divertindo.

Olhou o relógio.

Já deu tempo de ficarem tensos o suficiente. Vamos pensar como vamos distribuir a segunda fase.

Olhou para a lista em suas mãos.

Mira — Morta ou desacordada. Tinha bom potencial, intuitiva. Se acordar, colocar em cenários em que não consiga improvisar.

Pol — Provavelmente morto. Líder nato, ingênuo. Precisa ter sua moralidade testada.

Jaques — Promissor, inteligente. Colocar em cenários que não consiga racionalizar.

Ellian — Vai ser transformado em cacos de porcelana. Canalha atrevido.

Lys — Potencial bom. Resiliência psicológica. Testar fidelidade.

Falcon — Indiferente. Não sei como chegou aqui.

Luo — Quebrou faz tempo. Só quero ver desabar mesmo.

Cathy preparou dois tipos de cenário para a segunda fase. Esperava que no máximo um ou dois conseguissem passar, quando muito.

O número de sobreviventes está bem baixo, então pode ser que nenhum seja aprovado.

Cenário 1 é o "Teste de Reescrita Narrativa" — disfarçado de exame médico para a próxima fase, é na verdade uma simulação de controle narrativo, onde os candidatos são submetidos a um pulso que levará a consciência para uma realidade simulada, controlada pela própria Cathy.

A única forma de passar: resistir à manipulação da própria história e manter a convicção de que *aquilo* é parte do exame. É uma maneira de testar a firmeza da identidade narrativa, resistência à reprogramação e paranoia funcional.

O segundo cenário é uma recriação hiper-realista das questões de moralidade da avaliação. Colocar os candidatos em situações que pareçam reais, para ver como reagem ao serem obrigados a tomar decisões sobre vidas alheias.

Isso testaria tanto a resiliência emocional quanto a capacidade de trabalhar sob pressão e a tomada de decisões complexas.

O segundo ato começaria em breve.

O universo vibrou em antecipação. Todos os candidatos sentiram — Orwell, San e Remi também. Os sistemas da Fundação oscilaram, prevendo a desordem.

Cathy ainda não tinha percebido, mas ela estava brincando com os mesmos palitos que San. A diferença residia na maneira com que percebiam a realidade. Também não fazia a menor ideia das conexões que haviam sido criadas. Era centrada demais em si própria para notar.

Ela não tinha carinho nem zelo pela ordem. Era a personificação do caos e da entropia, apenas puxava as cordas, sem se importar com as possíveis consequências.

Vestiu um jaleco médico e, com uma prancheta nas mãos, chamou Jaques. Levou-o para uma sala semelhante a um consultório real.

— Só um instante, ok, querido? O médico já vem lhe atender. Pode responder esse questionário para mim, por gentileza? — disse, entregando-lhe uma prancheta, incorporando o papel.

Atuação digna de um Oscar — pensou, num eco simultâneo do pensamento de Orwell, em outro canto da cidade.

Voltou para seu recanto bagunçado.

Vamos ver o histórico desse ratinho.

Levantou a sobrancelha.

Um astrofísico de alto nível, trabalhando numa tal de Construtora Sky Ltda. Não tem absolutamente nada de interessante nessa empresa.

Talvez ele não seja tão bom assim.

Pegou o exame escrito para avaliar.

Uau. Ele fechou as questões abertas de física aplicada e quântica. Ainda demonstrou bons resultados no que conseguiu fazer em moralidade e ética.

Que diabos é essa Sky Ltda.?

10.3. JAQUES — GENERAL MDK

6 MESES ANTES — CONSTRUTORA SKY LTDA.

O "S" caligráfico se contorcia na parede como uma serpente anêmica. Uma tentativa patética de originalidade, fracassando em meio à arquitetura de concreto bruto — outro bloco genérico engolido por uma cidade qualquer. Fachada perfeita. Como deve ser. Não-lugar para não-existência.

Invisibilidade cultivada meticulosamente por alguém que não queria ser encontrado.

No subsolo, Jaques ajustava diafragmas ópticos em equipamentos que nunca deveriam existir. Cada peça encaixada sussurrava promessas quânticas que a física mainstream ainda negava com veemência. Na penumbra do laboratório oculto, luzes azuis rebatiam nas lentes de seus óculos como radiação Cherenkov⁴⁹.

MDK observava de longe. Olhos de predador antigo.

Vinte e nove mil quilômetros quadrados na porra da Sibéria — murmurou para si, mastigando os números. — *Comprar as ilhas Anzhu⁵⁰ inteiras e fingir ser uma construtora de merda com software dos anos 90.* — Tudo dizia 'irrelevante'. E tudo, descaradamente, mentia.

Essa fachada era quase ofensiva para alguém que entendia o jogo.

Jaques não percebeu o homem que cruzava a rua. Não deveria perceber. Quase setenta anos carregados com a disposição de alguém metade dessa idade, MDK havia trocado seu uniforme militar por um traje civil tão mundano que beirava o ridículo. Calças de prega marrons. Suéter bege. Óculos desproporcionais.

A campainha tocou com um solavanco metálico.

⁴⁹ **Radiação Cherenkov** = emissão de luz azulada característica, produzida quando partículas carregadas atravessam um meio (como água ou vidro) a velocidade superior à da luz nesse meio. Comum em reatores nucleares e experimentos de física de alta energia.

⁵⁰ **Ilhas Anzhu** = arquipélago remoto no Ártico russo (parte das Ilhas Nova Sibéria), usado ficcionalmente aqui como local para atividades secretas e instalações de pesquisa isoladas.

Jaques interrompeu o ciclo de calibração, rosnou baixo pela interrupção. Ninguém deveria encontrá-lo. Não estava listado em lugar nenhum. Não tinha endereço oficial nem vestígios digitais.

Subiu os degraus com a arma pressionada contra as costelas por dentro do casaco.

— Como posso ajudar? — Disse com a porta entreaberta. Olhos calculando rotas de fuga, reações, possibilidades.

— Meu jovem, preciso de sua ajuda. — o velho sorriu com uma familiaridade ensaiada, quase caricata.

Falou de uma neta, oito anos, suposta visita. Sem bateria no voxel, endereço errado.

— *Palavras precisas, calculadas para extrair pena.*

— Claramente uma construtora não abriga crianças, não é mesmo? — risada artificialmente amigável.

A encenação perfeita do "idoso inofensivo" era tão evidente para Jaques quanto uma sirene de incêndio.

— Ninguém aqui além de mim. — Jaques não sorriu, mas abriu a porta.

— Entre, carregue seu dispositivo caso queira.

— Muito gentil, rapaz.

MDK analisava cada centímetro do ambiente enquanto entrava. O olhar metódico captou cinco pontos de vigilância ocultos, três possíveis rotas de saída emergencial, uma estante que parecia mais pesada do que deveria ser. As impressões digitais das mentiras se acumulavam no ar.

— Algo para beber? Água, café?

— Café, por favor. Com leite, creme e açúcar, se possível.

MDK não gostava de nada disso. Só bebia café preto, mas cada segundo a mais que tivesse para observar o lugar seria ouro.

— Vou ver o que tenho. Serve puro, se não tiver nada?

— Perfeitamente adequado — mãos enrugadas se agitaram no ar numa falsa cordialidade.

Jaques desapareceu na direção da cozinha. Cinco segundos depois, MDK estava conectado à rede local. O dispositivo de extração compacto na base do computador da recepção iniciou o download silencioso. Não era sua primeira invasão. Jamais seria a última.

O barulho de passos retornando. MDK recostou-se na cadeira, compondo a imagem de paciente resignação. Como vira a mãe fazer nos bancos de escola, nas filas de subsídio, nas salas de espera de médicos baratos. A arte de parecer transparente.

Era um exímio manipulador em sua persona tradicional, mas um abominável ator, se tentasse interpretar qualquer papel senão *MDK*.

— Trabalhei com construção quando jovem — disse MDK, depois de aceitar a xícara. Saboreou o líquido sem açúcar com apreciação teatral.

— Que tipo de obras vocês fazem?

— Um pouco de tudo. — Jaques continuava em pé. — O que o cliente precisar.

Resposta sem peso. Vazia. Fabricada.

— Entendo perfeitamente. Fazemos o que for preciso para sobreviver, não é? E você mesmo, qual sua função aqui?

— Sou proprietário.

MDK arqueou as sobrancelhas: — Tão jovem? Impressionante alcançar tal sucesso.

Jaques soltou uma risada seca: — Não chamaria de sucesso. Herança familiar, operação modesta. Mal sei distinguir uma viga de concreto de uma coluna.

— E você me chamando de jovem? Não deve ser muito mais velho que eu.

— Quer tentar adivinhar minha idade? — disse MDK

— Uns 55? — respondeu Jaques.

— Há! Quem me dera. Estou beirando os 70.

Jaques não acreditou. Nenhum idoso era conservado dessa maneira.

— Seu voxel já deve estar com carga suficiente. Posso verificar?

Um zumbido imperceptível no implante auditivo de MDK.

Upload em 30%. Acertou na mosca, senhor. Fachada para pesquisa. Instalações significativas na Sibéria.

— É claro, meu jovem. Só mais um minuto. — MDK manteve-se de costas para Jaques, arriscando. — Acredito que poderíamos discutir certos aspectos de...

A fria pressão metálica contra sua nuca não o surpreendeu. Não realmente. Foi quase um alívio finalmente abandonar a farsa.

— Mãos onde eu possa ver. — A voz de Jaques, agora sem qualquer artifício social, era gelada como o cano pressionado contra a base do crânio de MDK.

O General levantou as mãos lentamente. Sorriso calmo, invisível para seu captor.

— Realmente desnecessário. Vim apenas conversar.

— Quem te mandou? Governo Russo? Americano? Sraknova?

O nome provocou uma hesitação microscópica nos músculos faciais de MDK. Imperceptível, talvez. Mas lá estava.

— Nada disso, filho. GOES.

— Melhor ainda. — Jaques pressionou a arma com mais força. — Um burocrata desaparecido não causa tanto estardalhaço. Por que a mentira barata?

— Eficiência. Uma abordagem direta, representante oficial, teria acionado seus protocolos de contingência. Preferi conversar como pares.

MDK moveu a mão esquerda com lentidão deliberada.

— Identificação no bolso interno. Posso?

— Devagar — disse Jaques, inquieto, ansioso. Queria puxar o gatilho e evitar o problema que viria no futuro. Ninguém ia saber.

MDK pegou o cartão voxelgráfico oficial. Quatro estrelas sob o logo da GOES.

— Como falei. General MDK, Diretoria Militar. Quatro estrelas.

Uma sombra de dúvida cruzou o olhar de Jaques, que manteve a arma no lugar, mas com menos convicção.

— Não me interessa. Meu trabalho é científico, não político.

— Como o meu. Preciso de cérebros excepcionais. Pessoas que enxergam além dos limites impostos. — MDK pausou, calculando. — Pessoas como você, Jaques.

— Já tenho meu projeto. Não preciso de interferência governamental, não importa quão bem intencionada.

O sorriso de MDK cresceu alguns milímetros: — Não recomendo apertar esse gatilho. Uma linha de pesquisa controversa como essa. Seria uma pena ter os dados vazados.

MDK sabia ler pessoas. Era sua forma de arte. A tensão nos ombros, a microscópica dilatação das pupilas, o ritmo respiratório sutilmente alterado. Jaques estava calculando probabilidades, ponderando riscos. Exatamente como previra.

— Já peguei todos os arquivos enquanto preparava meu café. Neste momento, minha equipe já tem tudo.

A mentira deslizou de seus lábios com a naturalidade de quem respira. Na verdade, o upload ainda estava em progresso. Mas apostas eram isso — o timing da blefe determinava o vencedor.

Segundos se arrastaram. Milímetros de tempo esticados em agonia calculada.

A arma se afastou de sua nuca. MDK sorriu ainda mais.

Como jogar poker com cartas marcadas. Par de ases vencendo uma mão fraca — nove, valete, fora de naipe. Previsível.

MDK apenas falhou em perceber que Jaques nem mesmo estava na mesa de Poker, mas sim, jogando xadrez consigo mesmo.

— O que você quer? — a voz de Jaques era agora a dissimulação de uma formalidade vazia, a suposta rendição já estabelecida no espaço entre eles.

— Sua lealdade absoluta. Sem perguntas, sem hesitações.

Silêncio. O subterrâneo abaixo deles parecia sussurrar através do concreto, como se os experimentos guardados ali pudessem sentir a mudança na atmosfera. Como se entendessem que acabavam de mudar de mãos.

MDK acendeu um cigarro.

10.4 JAQUES — SALA DE EXAME MÉDICO

PRESENTE

Um homem de jaleco e estetoscópio entrou na sala, sorriso simpático no rosto.

— Jaques né? Você nos deu um susto, campeão. Estica o braço, vou só colher um pouco de sangue.

— Como assim susto?

O médico sequer olhou para ele. Apenas depositou a amostra em uma máquina prateada, que zumbiu suavemente antes de exibir dados numa tela. Voltou-se, agora sim encarando Jaques com uma lanterna invasiva nos olhos.

— Pupilas normais. Está vendo alguma luz intensa ou flash?

— Não.

— Medicamentos psiquiátricos nos últimos dias?

— Só o básico.

— Jaques, descreva exatamente onde você acredita que está.

Acredita que está." Que piada patética.

— Numa das etapas do maldito exame psicológico da Fundação Nova, onde mais?

O médico suspirou. Virou-se para trás e pegou uma pasta da mesa ao lado. Entregou-lhe alguns papéis:

— Jaques, não existe exame algum. Você está no hospital central da sua cidade. Te encontramos há três dias, vagando pela floresta atrás do seu prédio. Está tudo aqui, veja você mesmo.

Jaques pegou as folhas irritado, já previa o jogo barato. Fotos granuladas, aparentemente de uma câmera de segurança, mostravam alguém muito parecido com ele andando perdido por árvores, sem rumo, roupas rasgadas e sujas.

— Você sofreu uma crise de exaustão severa. A polícia registrou um boletim, a imprensa local reportou o desaparecimento.

Jaques sentiu um arrepió leve, mas afastou imediatamente a sensação.

— Isso não prova nada. Vocês têm recursos demais. Deepfake, montagem. Cadê os outros candidatos, hein?

— Outros candidatos?

— Sim. Pol, Mira, Ellian, Lys, Falcon. Eu não estava sozinho, cadê eles?

O médico franziu a testa com preocupação exagerada.

— Jaques, você mencionou esses nomes diversas vezes desde que chegou aqui, mas nós verificamos tudo. Não há registro dessas pessoas em lugar algum. Você pode estar sofrendo de uma confusão mental grave.

Jaques encarou-o, incrédulo:

— Você acha mesmo que vou acreditar nisso?

O médico apertou um botão num controle remoto e uma TV deslizou suavemente de uma abertura na parede. A tela exibiu manchetes datadas, reportagens, entrevistas com vizinhos dele, pessoas do seu trabalho falando da busca desesperada por Jaques. Até uma mulher jovem, rosto angustiado, identificada como "Aline — irmã de Jaques".

Jaques riu mais alto, desconfortável. A produção era muito convincente.

— Eu não tenho irmã...

O médico balançou a cabeça e fez anotações.

— Jaques, você não está bem. É comum, após traumas intensos, criar realidades alternativas como mecanismos de defesa. Vamos levá-lo ao seu quarto para descansar um pouco.

Jaques não queria mais fazer parte disso. Levantou-se, irritado, e abriu a porta de onde tinha vindo. Esperava atravessar algum voxelgrama e encontrar aquela decadente sala de exames onde os candidatos jaziam quase mortos.

Nada.

Apenas um longo corredor iluminado, cheio de pessoas reais indo e vindo. Enfermeiros empurrando cadeiras de rodas, pacientes conversando baixo em pequenos grupos. Um carrinho de comida passou lentamente.

Jaques sentiu um vazio no estômago.

— É um voxelgrama sofisticado, certo? — disse ele, agora menos confiante.

O médico não respondeu. Jaques seguiu pelo corredor, ignorando a presença incômoda dele às suas costas. Aproximou-se do balcão de recepção, batendo com força na superfície.

— Onde exatamente fica este hospital?

A recepcionista pareceu surpresa com a agressividade da pergunta.

— Hospital Central, Rua F, centro da cidade...

Jaques sentiu um arrepió mais forte. Aquela era mesmo a localização do hospital central da sua cidade. Não havia erros óbvios. Nenhuma falha visível na produção.

Virou-se bruscamente para o médico.

— Vocês não têm o direito de me manter aqui, essa brincadeira já foi longe demais. Cathy! Porra, eu já entendi! Acabou.

Gritava para o teto como se houvessem câmeras escondidas. Algumas pessoas se afastaram discretamente, lançando-lhe olhares desconfiados.

— Senhor, por favor — pediu o médico, com voz ainda calma.

— Você está assustando os pacientes.

Jaques tentou racionalizar rapidamente: atores, deepfake, drogas? Estariam todos ao seu redor fingindo? Uma sensação de dúvida dolorosa crescia, devagar. Ele mordeu o lábio até sentir gosto de sangue.

— Jaques, tome isto. Vai ajudá-lo a relaxar.

— Não tomo merda nenhuma.

— Jaques, se preferir pode ser intravenoso. Não queremos piorar as coisas.

— Cathy! Eu não autorizo nada disso. Esse teste acabou!

Enquanto gritava para o nada, uma picada ardida atingiu seu braço. Seu corpo amoleceu rapidamente. Viu o médico sinalizar para alguém próximo.

Enquanto perdia a consciência, Jaques ouviu vozes que soavam distantes, quase irreais:

— Ele está pior do que pensamos. Precisamos contatar a irmã dele com urgência.

A última imagem antes da escuridão total foram flashes de ambientações indescritíveis, estruturas geométricas que poderiam lembrar alguma espécie de edificação, mas como se a construção fosse superposta sobre si, flutuando no vazio do espaço.

Jaques tentou protestar, mas já não tinha voz. Já não tinha controle. Já não tinha certeza.

Restava apenas uma dúvida agonizante antes do vazio completo:

E se não for um teste?

10.5 CATHY — SALA DE MONITORAMENTO DE EXAME

Anotava em seu terminal as observações sobre os candidatos. Todos viáveis já estavam sob análise, exceto Ellian. Guardava ele para o final. Mira ainda estava apagada, e Pol, enviado para Vlad-2.

Vamos testar o brinquedo novo — pensou Cathy, ao ver o painel de controle do sistema que tinha acabado de finalizar, logo antes da avaliação.

Em teoria, deveria funcionar: todos os cálculos batiam, os parâmetros estavam corretos, e o código revisado — *exceto por uma vírgula*.

A partir do momento em que entraram na sala, foram submetidos a um pulso eletromagnético, similar ao sistema de Vedaçāo, que aceleraria a velocidade de suas conexões neurais, fazendo com que o ID assumisse sobre o ego. Entrariam num estado catatônico fazendo com que minutos parecessem meses, numa realidade controlada pela própria examinadora.

Bastava alterar o direcionamento e potência dos pulsos para criar o que bem entendesse.

Perfeito para uma sociopata com delírios de grandeza. Seus ratos eram marionetes, e Cathy, agora sua deusa.

Me idolatrem, ratinhos. Clamem misericórdia ao meu nome.

O universo oscilava em antecipação. Uma nova melodia iria começar.

Para Cathy, a êxtase de prazer.

Para seus objetos, a ira de uma deusa, que deixaria até o Deus do Velho Testamento orgulhoso.

Preparou seu ambiente, ligou o player de música e deu início ao segundo ato.

— Que comece a danç...

Foi interrompida por batidas na porta.

Cathy levantou, com uma serenidade incomum. Calmamente abriu a porta.

Na sua frente, uma equipe da Fundação Nova.

— Cathy, temos um problema. Houve um vazamen....

Ela irrompeu em ira. Como ousavam interromper uma obra-prima prestes a começar?

Já estava na hora do segundo ato.

Desatou a berrar com os funcionários. Fúria permeava suas palavras, fúria que amedrontaria qualquer ser racional. Ódio primordial.

Pouco importava pra ela se havia um problema.

Problemas não eram do seu departamento.

Problemas eram resolvidos por insetos abaixo de seu escalão.

Os canalhas deveriam sair da sua frente, antes que acabassem no mesmo poço infernal que seus candidatos.

O próprio Will iria ouvir sobre isso. Ele sabia bem o que esperar ao colocá-la na função, e esse exame acabaria em chamas, a própria Fundação desabaria sob seus pés antes que a melodia fosse interrompida.

A equipe de funcionários estava espantada com a explosão repentina.

Era uma mulher intimidadora naturalmente. Irritada ia muito além disso.

Não surpreenderia ninguém se de repente puxasse uma faca e saltasse rumo à pessoa mais próxima, agarrando-se ao seu torso enquanto esfaqueava as costas, estilo *Gremilins*.

Talvez até sorrisse enquanto fazia isso.

A equipe havia se afastado e aberto caminho. Uma figura vestida toda de branco caminhava na direção de Cathy, portando um sorriso amigável, quase fraternal. Sorriso que não mostrava os dentes.

Um som de vibração era constantemente emitido através do movimento errático dos orbiculares, que giravam constantemente, em todas as direções.

Óculos escuros, pele num tom de cinza anormal, cabelo penteado para trás, raspado nas laterais, reluzia com o brilho de gel. Algo entre David Lynch e Slenderman.

Cathy calou-se imediatamente. Sua expressão de ódio transformara-se em terror. A mente esvaziou.

Não, não, não, não. Caceta. Não é Phi. Não pode ser Phi.

Enjoo subiu pela garganta. Sentiu refluxo e a salivação excessiva de quem está prestes a expelir o almoço.

Isso é imaginação. Eu estou no meu próprio exame? Será que passei no pulso eletromagnético sem querer e fiquei presa num pesadelo?

Não mandariam isso por algo banal. Não estava diante daquela presença opressora. Se fosse realidade, estava tudo errado. Seria o karma dando a volta por cima. Afinal, ela tinha responsabilidade nessa criação. De alguma forma perturbadora, poderia ser chamada de “mamãe”

O sangue deixou sua face e as pernas ficaram trêmulas.

Esse rosto era um que nunca mais desejaría ver na vida.

Tamanho era seu medo, que foi sentido do outro lado do sistema solar, por um inocente par. Um ronronando e outro escrevendo cálculos.

Um carregado em transporte militar aéreo, recheado de todo tipo de ferida imaginável.

Outros presos nas próprias mentes, em pesadelos mais realistas que a própria realidade.

O terror de Cathy foi tão intenso, que reverberou conexões de uma dimensão acima, sentido por toda sua parcela do *inconsciente coletivo* — ela se lembrou daquela menina, parte em remorso, parte em receio de ter o mesmo destino.

Uma voz áspera como asfalto, que trazia consigo a sensação desagradável de unhas arranhando um quadro negro, se manifestou, fazendo que com todos ao redor sentissem aquele desconforto de um som guturalmente incômodo.

— **CATHERINE. DADOS VAZADOS DO TERMINAL. PERMITA AVERIGUAÇÃO.** — O homem ainda portava o mesmo sorriso, como se não transparecesse a aura que tinha.

Se comunicou economizando palavras. Talvez tivesse consciência de como atordoava aqueles em volta, o tanto de consciência que uma *coisa* daquelas era capaz de ter, se alguma. Talvez sua garganta podre não funcionasse direito mais.

Catherine abriu caminho imediatamente, olhos fixos no chão, assim como de toda a equipe que acompanhava o homem.

Em silêncio, a figura ficava em pé, no centro da pequena sala abafada, completamente imóvel, encarando o terminal enquanto os técnicos puxavam os dados que precisavam.

Catherine queria correr. Se esconder. Fechar os olhos e desaparecer diante daquela presença. Mas permaneceu no lugar. Não conseguia forçar suas pernas a obedecer.

O único movimento que conseguiu, foi levar mãos trêmulas do maço de cigarros, até a boca.

Enquanto se esforçava para encontrar o isqueiro no bolso, aquele vulto surge ao seu lado, silencioso como um fantasma, sorriso fraternal ainda carimbado em seu rosto.

— VOCÊ DEIXOU LÁ.

Ao que ergueu a chama de um isqueiro para acender o cigarro.

Cathy tragou.

No momento, voltou para si. Ela era Catherine. Não se deixaria intimidar por uma aberração. Um experimento defeituoso da Fundação.

Ela é a maestrina, a escritora do destino alheio, mestre das mentes fracas, rainha dos opressores. Estava entre as pessoas mais geniais da humanidade e pisava em todos que atrapalham seu caminho.

Não seria intimidada.

Levantou o olhar para encarar *aquilo*.

Se isso fosse um embate, seria vitoriosa, se teria sido enviado para puni-la por algo, enfrentaria com o orgulho digno de si.

— Obrigada — disse confiante.

Suprimia todo e qualquer instinto que dizia *corra, se esconda*. Ela era maior do que instintos animalescos.

A expressão facial do homem não mudou. Nem um milímetro, movimento involuntário de músculos. Nada.

Mas conseguiu ver, através dos óculos escuros, dentro das pupilas negras, em rotações dignas de um buraco negro, um mínimo traço de admiração.

Talvez ninguém jamais tenha demonstrado tamanha ousadia frente a esse homem.

Eu consigo te ler. — pensou Cathy. — *Ele consegue me ler de volta? Provavelmente.*

— **FINALIZAMOS AQUI. PROSSIGA** — *Os olhos vazios diziam “sim. Eu consigo”*

Sua autoconfiança restaurada, somado com o absoluto alívio de não ser presa do homem, havia voltado para si.

— Quer me explicar que diabos está fazendo aqui, e por que interrompeu meu trabalho? — Disse, ainda encarando os olhos daquela face acinzentada soridente.

— **VAZAMENTO DE DADOS.** — Cathy instintivamente tapou um ouvido.

— **FONTE JÁ IDENTIFICADA.**

A equipe retornava para o veículo, olhos baixos, mantendo o máximo de distância possível da aberração. Seus corpos demonstravam um misto de pavor e pânico com a ousadia de Cathy. O receio de receberem o tratamento *dele*, em desconto ao desafio imposto pela psicóloga.

O homem virou-se para o veículo e caminhou de volta. Seus movimentos não eram naturais. Os passos pareciam pairar no ar, silêncio absoluto, apenas os membros inferiores se moviam, cintura para cima estáticos.

Ao chegar na porta do carro, virou a cabeça para Cathy, de forma quase inorgânica.

— **NOS VEMOS. EM BREVE.**

— Até loguinho, senhor Nosferatu — ironizou, atrevida.

O sorriso fraternal assentiu e entrou no banco do passageiro.

Cathy suspirou em alívio, uma gota de suor escorreu do seu queixo e caiu ao chão.

As ondas de tranquilidade emanadas por essa pequena gota, de um animal que escapou do predador, ressoaram através do solo e da realidade, transcendendo ao espaço.

Oito pessoas simultaneamente suspiravam em alívio.

Cathy segurou sua mão trêmula e deu uma bronca mental — *deixe defrescura, caceta.*

Queria, do fundo de seu âmago, que aquele homem fosse um robô, androide ou qualquer coisa do tipo, mas não era.

Ligou para Will: — Por quê caralhos você mandou um sentinela aqui? Quer me matar do coração?

PARTE 11 — SKY INC.

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Transição para o set de noticiário]

01/10/2124

— Bom dia! Hoje, no IIC, você verá — Anomalias magnéticas na região da Sibéria espantam especialistas.

— Representantes da Fundação Nova lançam notas em crítica de quaisquer experimentos envolvendo colisões experimentais de partículas. — *Eles querem monopólio e liderança na corrida científica de interações quânticas.* — Respondeu o porta-voz da comunidade de pesquisa europeia.

— Governos mundiais propõem tratados proibindo toda pesquisa experimental com possibilidade de risco ao planeta. Não foi mencionado o que querem dizer por risco. Empresas de vanguarda experimental demonstraram receio com as tratativas, especulando tentativa de monopólio e manipulação de mercado através de lideranças políticas.

— Boatos de manipulações ilícitas das tecnologias neurais patenteadas pela Fundação Nova preocupam a população.

— Tensões crescem por domínio de pontos lagrange no sistema solar. — *O espaço não é propriedade privada. Precisamos vetar todo e qualquer tipo de negociação e tentativa de posse hostil de pontos estratégicos. Isso é propriedade da humanidade como um todo.* — Afirmou o Senador Alec Zhu em pronunciamento.

11.1. JAQUES — POL — 3 MESES ANTES, SIBÉRIA

— Isso é... O maior colisor de partículas do mundo. — A realidade se desfazia diante de Pol. Acariciava a base metálica da estrutura em respeitosa suavidade.

— Quase dez vezes maior que o LHC⁵¹ — disse Jaques, voz firme, sem hesitação. — Apenas digamos que se você jogar dinheiro suficiente num problema, ele acaba se resolvendo.

Caminharam pelos corredores subterrâneos. As paredes cristalinas eram interrompidas apenas pelas estruturas metálicas do colisão. Equipes de cientistas trabalhavam em terminais nos pisos acima.

Uma porta deslizante abriu, dando acesso a uma sala de descanso.

Sentado com um notebook, estava Ellian. Embora jovem, o cabelo já parcialmente grisalho reluzia em reflexo da iluminação. Pol notou os detalhes curiosos: sobrancelha e cílios brancos apenas de um lado, pupilas de cores diferentes — uma verde e a outra quase completamente preta.

O homem não levantou o olhar. Apenas cumprimentou em tom de desprezo, ignorando Pol completamente: — Jaques.

— Pol, esse é Ellian, meu associado de pesquisa.

Pol estendeu o braço, de forma cortês: — Prazer em conhecê-lo! Vocês têm uma instalação fantástica aqui.

Ellian não se moveu, nem mesmo levantou o olhar. Pol recolheu cautelosamente o braço estendido.

Jaques tossiu uma vez, como se chamasse atenção do colega.

Entendendo a deixa, Ellian ergueu o olhar.

— A instalação é grande e as operações complexas. Jaques, o que você quer? — Ellian já sabia o propósito da visita. Perguntar era somente parte do roteiro.

— Esperava que você pudesse explicar um pouco para o Pol sobre o que fazemos aqui.

— Continue esperando então. Estou ocupado.

— Vocês parecem se dar bem — tentou Pol, quebrando o gelo. Ninguém respondeu.

Jaques não parecia incomodado. Talvez até mesmo um pouco entretido com a situação.

Ellian soltou um misto de suspiro com bufada, ao perceber que Jaques não cederia.

— Viagem no tempo.

Jaques observava soridente a postura de Pol enrijecendo e o saltar de olhos.

— Oi? — Pol retrucou.

⁵¹ **LHC (Large Hadron Collider)** = maior acelerador de partículas do mundo, localizado na fronteira franco-suíça, usado para estudar colisões de prótons e outras partículas em busca de novas descobertas sobre a estrutura fundamental da matéria.

— Oi — respondeu Ellian, aguardando poucos segundos. — Isso que você ouviu. É a linha de pesquisa.

— Não é exatamente viagem no tempo, igual ele diz. Veja bem...

— Você está transportando coisas no tempo, Jaques. É viagem no tempo — interrompeu Ellian, ríspido.

— Concordamos em discordar.

Ellian revirou os olhos. Jaques retomou a explicação.

— Conseguimos estabilizar partículas quânticas entre si. Férmion⁵² com gráviton⁵³ cria uma espécie de "átomo quântico". Faça-o girar rápido o suficiente, surge uma partícula virtual.

— Junte vários desses átomos, faça eles baterem uns nos outros rápido o suficiente, e você tem uma ruptura no tecido da realidade — completou Ellian, impaciente.

— Essa explicação dele é meio reducionista. Talvez seja melhor você ver pessoalmente. — completou Jaques.

Jaques agradeceu Ellian e foi com Pol até um elevador lateral.

— Sujeito simpático — ironizou Pol.

— Ele ainda está irritado por todo o incidente com o General MDK. Quer se recusar a fazer o exame da Fundação.

O elevador desceu até uma sala de observação. À frente, uma superfície transparente de metros de espessura os separava de uma câmara circular.

— Lá dentro vai ocorrer a colisão — explicou Jaques, pegando o rádio. — Setores superiores, status? Jaques pegou o rádio.

— Equipe alpha pronta. Setores carregados.

— Checagem final. Três, dois, um... Ativar.

A estrutura inteira vibrou em uníssono. Pol ficou desorientado — sentia como se seu próprio cérebro vibrasse naquela frequência subsônica.

— Talvez você queira se sentar. A primeira vez costuma ser... overwhelming.

A frequência cresceu até cessar repentinamente. Depois recomeçou, mas agora a visão de Pol parecia distorcida.

⁵² **Férmion** = categoria de partículas elementares que inclui elétrons, prótons, nêutrons e quarks; obedecem ao princípio de exclusão de Pauli e são blocos fundamentais da matéria.

⁵³ **Gráviton** = partícula hipotética prevista pela física teórica responsável pela mediação da força gravitacional no modelo quântico (não detectada até hoje).

Não é minha visão. O próprio espaço está sendo rasgado ao meio.

A sensação intensificou-se gradualmente até que, de repente, um clarão. Todo o espaço ao redor foi sugado para um único ponto, como um redemoinho, antes de retornar como um elástico.

Do outro lado do visor, uma fratura flutuante — uma ruptura no ar. Dentro, uma pulsação de cores infinitas, irreconhecíveis.

Pol encarava a fenda, mas não conseguia processar o que estava na sua frente. A visão de um espaço entre os espaços.

— O que... — Pol não conseguia formar palavras.

— É a vista entre camadas. Chame de quarta dimensão, se quiser.

— Por quanto tempo...

— Fica aberta até o campo elétrico em torno ser desativado. O que dá para fazer com isso é nosso estudo.

— Não é perigoso?

Jaques deu de ombros.

— Se fosse seguro, não seria feito numa instalação clandestina.

— Mas já fomos além disso. Dobrando o número de colisões.

— Foi de lá que saiu isso. — Entregou um jornal dobrado para Pol, datado de 2025.

— Como...?

— Então. Ainda não temos muita certeza. De vez em quando a fenda cospe alguma coisa, mas sempre do passado. Não conseguimos enviar nada para trás.

— Você fez... um buraco branco.

Jaques parou por um instante para pensar.

— Talvez, mas não necessariamente. Os buracos de minhoca, buracos negros, brancos, atuam na nossa dimensão, codificando informações numa matriz 2D⁵⁴. Não devem interferir numa quarta.

— A hipótese é de que ela aja como uma espécie de ponte. Numa dimensão superior, o tempo não faria sentido, então o que quer que esteja do outro lado, acabaria 'caindo' para fora da realidade e vindo parar aqui. Como um glitch na matrix.

⁵⁴ **Matriz 2D** = referência ao fato de que muitos fenômenos em buracos negros e outros objetos extremos podem ser descritos matematicamente em duas dimensões, como na hipótese do "princípio holográfico".

— Quando desativados os campos elétricos de estabilização, a fenda colapsa em uma nova partícula. Descoberta minha — disse orgulhoso.

— Nomeei de Clank.

— Por que sempre com os nomes ridículos?⁵⁵ — respondeu Pol.

— Pegue dois Clanks e colida um com o outro, que você cria uma fenda invisível que puxa o que estiver no caminho.

— Como não existe registro de algo assim aparecendo do nada, acreditamos que a fenda surja invisível em algum ponto do espaço-tempo e simplesmente puxe o que estiver no caminho.

Pol encarou a rachadura, sem compreender o que via. Geometrias impossíveis, dobrando entre si.

— Não adianta. Nossa cabeça não consegue fazer sentido do que estamos vendo — adiantou Jaques.

— Você disse que precisa colidir dois Clanks para abrir a outra fenda. Tem estrutura para isso aqui?

— Sim. Esse processo todo que acabamos de fazer só usou metade do colisor.

— As pessoas tinham medo do LHC criar um buraco negro que engolisse a terra, quando foi construído. Isso... poderia rasgar nossa realidade ao meio — respondeu Pol, hesitante.

Uma voz veio de trás. Era Ellian: — Sim. Poderia. Mas e daí? Vamos atrasar o progresso científico com questionamentos que sequer poderiam ser respondidos?

— A humanidade quase se destruiu inúmeras vezes nos últimos séculos, por banalidades. Oppenheimer dizia que a bomba atômica tinha 1% de chance de incendiar toda a atmosfera num efeito em cadeia.

— É isso que fazemos. Tomamos riscos. O que você acha que os governos fariam se soubessem disso? Dar um jeito de militarizar.

Ellian crescia o tom de voz a cada palavra.

⁵⁵ Existe uma tradição no mundo acadêmico, especialmente na física quântica, de combinar humor, criatividade e leveza para contrabalançar o rigor matemático pesado. Esses nomes refletem a cultura científica que não teme misturar referências culturais, literatura, humor e ciência. Em resumo, as partículas quânticas têm nomes curiosos justamente pela união de pragmatismo científico, cultura acadêmica descontraída, inspiração literária e humor. Esses nomes ajudam a tornar o mundo complexo da física quântica mais acessível, memorável e humano.

— E agora toda a operação está comprometida, porque vocês precisam de gente para fazer uma prova. Isso é ridículo! Uma imbecilidade sem tamanho!

Pol balançou a cabeça em compreensão: — Eu entendo sua frustração. Te garanto que não estão comprometidos. A organização não toma partido.

— E ainda assim, seu manda-chuva é um militar de carreira! — disse Ellian, jogando os braços ao ar.

— Nossos propósitos são humanitários! Queremos evitar que a Fundação Nova desenvolva algo perigoso! — respondeu Pol.

— Foda-se o aspecto humanitário, Pol. Se não tivéssemos a fortuna do Jaques, não seríamos diferentes da Nova.

— Eles fazem pesquisa, nós fazemos pesquisa. A diferença é que são públicos e vendem o que fazem.

Pol já estava sem paciência.

— Por que você acha que eles vendem produtos? Você é estúpido a ponto de pensar que não têm operações ocultas lá dentro? Para onde vão os trilhões de dólares que eles arrecadam anualmente?

Ellian foi na direção de Pol, peito estufado, rosto vermelho, ignorando o tamanho do outro cientista.

Ficaram peito a peito se encarando.

Ellian, quase duas cabeças de altura abaixo de Pol. Sem um pingo de intimidação ou hesitação no olhar.

— Você. Não. Vai. Atrapalhar. O. Trabalho. Da. Minha. Vida — disse Ellian, entre os dentes.

Pol deu um passo à frente, empurrando Ellian com o torso.

— Eu estou garantindo que você possa continuar o trabalho da sua vida, seu canalha self-centered.

Jaques achou melhor desescalar a situação. Apertou o botão para liberar os campos elétricos e desativar a fenda.

O tecido do espaço se recosturando atordoou os dois cientistas, que sentiram como se o ambiente ao redor estivesse expandindo num instante, antes de retornar à normalidade.

Ellian fitou Jaques com raiva nos olhos.

— Que seja — disse sem olhar para Pol. Deu as costas e foi embora pelo elevador.

Constrangido com seu descontrole, Pol encarava o chão, mãos no bolso, sem coragem de olhar para Jaques.

— Tá tudo bem. Ele é pavio curto mesmo. Se diverte tirando os outros do sério — disse Jaques. — Mesmo com todas as falhas, ainda é um pesquisador brilhante.

— Foi erro meu não camuflar direito os bens da empresa. Entendo a frustração.

Pol levantou o olhar: — Obrigado por me mostrar isso, Jaques. Não vou reportar para MDK o que vocês fazem aqui.

— Como te falei, só vim para discutir os detalhes do exame. Foi gentileza sua me mostrar esse avanço fenomenal... Embora eu tenha receio sobre os efeitos disso.

Jaques assentiu com a cabeça: — Vamos discutir detalhes então?

11.2. JAQUES, POL, MDK, ELLIAN — 2 SEMANAS ANTES DO EXAME

23/12/2124

A presença do General dominava o recinto. Caminhava de um lado ao outro, explicando o plano.

Os demais, sentados ao redor de uma mesa de reuniões, observavam atentamente a apresentação formulada como plano militar.

Bom... Pol assistia atentamente. Jaques estava reclinado na cadeira, imerso em fascínio pelo seu jornal secular. Ellian brincava com uma caneta, girando-a na mão, enquanto sua mente divagava, sabe-se lá por onde.

— Doutores! Atenção! Doutor Ellian, pode me contextualizar o que acabei de explicar?! — exclamou o General em postura de comando.

Ellian levantou-se da cadeira, em prontidão dissimulada. Fez uma continência sarcástica.

— Senhor! Sim senhor! O plano envolve infiltração e espionagem, senhor! Os candidatos devem adentrar o recinto, passando-se por cientistas para realizar uma avaliação escrita. Senhor!

Bateu os pés juntos, como militar em posição de sentido, abaixou o braço e deixou o corpo cair, de forma desleixada, de volta na cadeira.

Jaques escondeu uma risada e olhou de canto para Pol — que não parecia nada entretido —. Não fizera as pazes com Ellian após o encontro de alguns meses antes.

O General esfregou a mão no rosto, como quem já passou por isso mais vezes do que tinha paciência para lidar.

Não era a primeira vez que Ellian agia de maneira debochada, e o General já tinha desistido de tentar ser levado a sério.

Ellian tinha entrado numa rotina de saudar o General de forma caricata desde que chegaram às instalações. O comportamento começou assim que viu o General em guarnição militar completa.

MDK levou alguns dias para entender que o cientista estava fazendo alguma piada interna às suas custas. Inicialmente ele respondia à saudação de forma protocolar, dizendo-lhe para ficar à vontade.

Quando entendeu a ironia, deu uma lição de moral, tradicionalmente militar, para o entretenimento de Ellian.

— Ele se dá bem com alguém? — perguntou Pol, para Jaques.

— You'll warm up to it. Você se acostuma.

— Não está necessariamente incorreto — respondeu o General em aparente cansaço.

Na última semana, estiveram estudando todas as informações públicas e vazadas da Fundação. Linhas de pesquisa, relatórios, protótipos divulgados, produtos lançados.

— General — Ellian falou em aparente seriedade, embora ainda estivesse desleixado na cadeira.

— Diga...

— Eu fiz engenharia reversa do sistema Link.

Jaques levantou o olhar do jornal, intrigado. Nem ele sabia disso.

— Depois de fritar o cérebro de uns trinta ratos, consegui mapear polos comportamentais.

— E você acha isso normal? — Pol.

— Claro que não. Mas ratos não têm sindicato, então deu tudo certo. Dá para fazer muita coisa divertida com essa tecnologia.

Todos na sala escutavam em expectativa, mas Ellian só continuou a brincar com a caneta, como se já tivesse terminado o que tinha para dizer.

— Você vai obrigar a gente a perguntar, né. O que de "divertido", dá para fazer? — retrucou Pol, já impaciente.

— Sei não. Modifiquei comportamentos de uns ratos, mas fiquei entediado com o projeto e parti para outra coisa.

— Como assim ficou 'entediado'?? Isso é importante.

— Importante para você. Eu não pedi para estar aqui.

O General interveio na conversa, prevendo o bate boca: — Tudo bem Ellian. Você pode passar os resultados preliminares para o Pol?

— Não.

— Como não?

— Não quero.

O General olhou, suplicante, para Jaques, que assistia à cena entretido.

Jaques não precisou de muita coisa: — Ellian... — soando praticamente uma mãe, preparando uma bronca no filho.

— Ok. Eu mando um ping com os resultados — cedeu Ellian — mas vou cobrar o favor depois.

— Grato — respondeu o General.

Pol examinava os resultados preliminares algum tempo depois.

— Alguma novidade? — perguntou o General.

— Nada de relevante ainda. Será que ele está enrolando a gente?

— Não me pareceu, Pol. Por mais que seu comportamento seja... Infantil, por falta de melhor termo... — Limpou a garganta e olhou para o lado lembrando-se das interações com Ellian. — Souu suficientemente genuíno, para alguém que não tem o hábito, ou tendência de falar sério.

— Sabe, talvez seja útil você fazer as pazes com o rapaz. Levar uma oferenda de paz? Eu mesmo o faria, mas já é notória a irreverência que ele tem com relação a figuras de autoridade.

— Vou ver o que dá para fazer, General — Pol grunhiu.

MDK observou através de Pol tão brevemente em aparente pausa genuína, o olhar desfocado durante um alisar na ponta do bigode.

— Ah, Pol... Me faça um favor. Peça para o Diretor de Ética, Illia Aganov, fiscalizar a pesquisa de Ellian, quando ele não estiver olhando.

— Sim Senhor. — Uma pausa breve. — General?

— Diga...

O olhar de Pol direcionou-se para a mesa de MDK, onde um dossiê repousava com o que parecia ser um nome riscado. Riscado com raiva. *Lavante. O que será isso?*

— Nada de importante Pol. Investigações de vazamento de dados, fontes confidenciais, etc. — O General arrumou apressadamente a pasta e guardou na gaveta. Outro deslize.

Mas o cientista não pressionaria o assunto. Preferia não saber certas atitudes do General.

Pol foi até a sala atribuída para Ellian, enquanto ele não estava, para ver se conseguia descobrir qualquer coisa sobre o rapaz.

Ele não se deu ao trabalho de colocar nada na escrivaninha. Nenhuma fotografia, brinquedo, qualquer coisa.

Uma voz vinda de trás fez Pol sobressaltar como uma criança pega no flagra: — Sou diabético. Se quiser me dar algo, evite chocolate. Está aceita, sua oferta de paz.

— Mas, como...?

— Você ficou em dúvida sobre os dados e veio me perguntar, mas estava sem graça de vir sem alguma oferenda.

— Está escrito na sua expressão corporal e facial. — A voz de Ellian era arrastada, em aparente tédio. — Ou quer descobrir algo do meu gosto, ou ver se sou alguma espécie de infiltrado.

— E a parte da diabetes? — questionou Pol.

— Qualquer um pensa em chocolate na hora de oferecer um presente para outra pessoa.

— Você faz isso com todo mundo? Essas análises, quero dizer...

— Depende. Se a pessoa for interessante, eu dedico tempo. Se for previsível, eu ignoro. Você tá na zona cinza. Mas tô me divertindo, por enquanto — disse, enquanto dirigia-se ao seu assento. — Senta aí. — Sinalizando para a cadeira à frente.

— Por que faz isso?

— Por que tatus se recolhem em bolas quando ameaçados?

— Instinto de defesa? Proteção contra predadores? — respondeu Pol.

— Ding! Ding! Temos um vencedor — ironizou Ellian. — Achamos que somos civilizados ou racionais, mas ainda assim dividimos hierarquias e usamos fantasias com penduricalhos brilhantes para mostrarmos que somos melhores ou mais virtuosos que os demais.

— Está falando do General?

— Não dele especificamente.

— E por que está me dizendo isso?

A expressão de Ellian demonstrava uma seriedade que Pol ainda não tinha visto no tempo em que teve contato com o cientista.

— Porque você passou.

— Pol, eu não quero estar aqui, isso é óbvio. Estou protegendo minha pesquisa. Mas ainda assim, tenho que ter interações humanas. Interações que podem lesar, prejudicar...

— E agora sei que você não é capaz de esfaquear alguém pelas costas. Talvez nem mesmo na prática, se precisar.

— O General... Bom, é uma incógnita. Ou talvez eu tenha viés demais com o que ele representa — finalizou Ellian, procurando algo nas gavetas da escrivaninha.

— O General é uma pessoa boa. Só... usa métodos não tradicionais. — Pol respondeu, em defesa ao superior.

— É? O que ele já fez de bom para você? Já pesou contra o que já fez de ruim? Já parou para pensar se você não representa só mais um peão em qualquer jogo doentio dele? Já questionou suas motivações e propósitos?

Pol ficou em silêncio. Lembrou-se do incidente com San, anos atrás. Ao mesmo tempo, trabalhava com MDK há décadas. Sempre pareceu um homem íntegro. — *Eu sou só um peão?* — pensou.

— Não sei. Cabe a você descobrir — Ellian, respondeu ao pensamento, para surpresa e espanto de Pol.

— Vamos ao que interessa então? A crise existencial não é problema meu. Você resolve seus fantasmas, eu resolvo os meus. Terapia também pode ser útil.

Ellian deu de ombros e continuou.

— Está com dúvida nos dados que te passei?

— Não consegui encontrar nada de útil lá — afirmou Pol.

Alguém abriu e bateu na porta simultaneamente, para sinalizar que estava entrando.

— Bem na hora — disse Ellian.

— Mas que inferno Ellian! Já mandei parar de brincar de médium com minhas rotinas

— retrucou Jaques.

Ellian sorriu e encarou, em expectativa.

— Você ouviu o final da conversa?

— Ele não te passou todos os dados, Pol. Eu mesmo só percebi agora, enquanto revisava os arquivos.

Pol já tinha entendido as motivações depois da conversa que tiveram. Só assentiu com a cabeça.

— O ponto é que falta uma peça no quebra-cabeça. Não é só um pulso EM⁵⁶. É a distorção auditiva que vem junto. Você estimula um canto sensorial, enquanto ativa o outro hemisfério do cérebro. A ressonância⁵⁷ faz com que se conectem. Mude a frequência junto do direcionamento e outras conexões se formam — explicou Jaques. — Ao menos é o que consegui juntar.

— Algo assim. Você não precisa fazer isso em recém-nascidos, também. Claro, as conexões ficam permanentes quando o cérebro ainda está em formação, mas você pode fazer com que neurônios conversem entre si a qualquer momento.

— Hm... — respondeu Pol. Tentava processar a explicação, mas neurociência estava longe da sua área de expertise.

— Quer ver? — perguntou Ellian, ao puxar o controle que finalmente encontrou na gaveta.

⁵⁶ **Pulso eletromagnético.** Sinal elétrico ou magnético capaz de induzir mudanças em sistemas eletrônicos ou biológicos. Na ficção científica, muitas vezes usado como dispositivo para hackear, controlar ou afetar cérebros à distância.

⁵⁷ **Ressonância Neural:** Conceito real adaptado da neurociência: determinadas frequências de pulsos elétricos podem influenciar o funcionamento de diferentes regiões do cérebro, inclusive estimular comunicação entre hemisférios cerebrais. Na literatura científica, existem estudos sobre ressonância de neurônios a frequências específicas — aqui extrapolados para fins de manipulação consciente.

— Ellian! — exclamou Jaques, estendendo o braço na tentativa de pegar o controle.

— O quê? — perguntou Pol.

— O quê, o quê? — retrucou Orwell.

— Não sei... Acho que estava perdido em pensamentos — Respondeu Pol, enquanto caminhavam juntos em direção a uma cafeteria que gostavam.

— Só você mesmo. Montanha musculosa com o attention span de um peixe dourado — brincou Orwell.

— Falou o jornalista sem futuro — ambos riram.

— Pol, você já notou, que o mundo nem sempre é o que parece? — perguntou Orwell, encarando o amigo de maneira enigmática.

— Como assim? — respondeu Pol.

— Que é muito fácil se perder em ilusões. Quer ver? — perguntou Orwell.

— Ah, vai puxar um coelho de uma cartola agora? — perguntou Pol.

— Quase isso. — respondeu Orwell.

Orwell pegou uma cartola que estava no chão — *Estranho*.

— Pol, a verdadeira mágica, é a arte da distração!

— "Bibidi-Bobidi Bibidi-Bobidi-Boo!" — cantarolou Orwell, dançando com a cartola.

Puxou uma arma de dentro, mirou contra a própria têmpora e puxou o gatilho.

— OR! — Gritou Pol, enquanto empurrava a mesa para frente, acertando Ellian com força na barriga, fazendo-o soltar um "oof!"

— Eu falei para não fazer isso! — Jaques repreendeu Ellian.

— Que merda?! — explodiu Pol, quase sem reconhecer a própria voz.

— Como você criou o Or e fez ele puxar uma arma? Por que isso pareceu natural? Eu não lembra de estar aqui.

A resposta de Ellian veio no tom trivial de quem discute o clima chuvoso.

— Nem sei quem é Or. Eu só direcionei as ondas para ativar as mesmas sinapses de quando lembramos de algo assustador, ao mesmo tempo que manifestamos seu lobo temporal e cortamos as conexões de memória a curto prazo.

— O resto do trabalho, foi você que fez.

— O importante é que você está vivo! Teste bem-sucedido.

— Alguma sequela? Luzes brilhantes, tontura, alucinações? — perguntou Ellian. Ia em direção a Pol com uma lanterna para analisar pupilas.

— Sai da minha frente, seu psicopata. — Pol o empurrou para longe, sem medir a força, fazendo-o cair para o canto da sala e bater a cabeça na parede.

— Eu disse que você ia apanhar — falou Jaques, com desdém.

— Vocês não tinham testado isso em humanos??

— Não me envolva nisso. Eu nem estava sabendo — Jaques se defendeu.

— O importante... — disse Ellian, levantando-se, esfregando a nuca — é que deu tudo certo. Tudo bem quando termina bem, né?

Pol balançava os braços, gesticulando rumo a Ellian, expondo o absurdo da situação.

— Isso é insanidade. Você literalmente fez meu cérebro criar um suicídio fictício com um amigo meu.

— E você passou com louvor. A maioria dos ratos desmaia na metade.

— Eu não sou um rato, porra!

— Por enquanto.

— Podia ter me matado!

— E a Rússia podia ter apertado o botão vermelho para lançar bombas nucleares durante a guerra fria, mas não aconteceu! — Ellian retrucou.

— Não sei o que uma coisa tem a ver com a outra... — comentou Jaques.

Pol esfregou as mãos na cabeça, coçando. Sentia o corpo quente. Uma pontada de dor percorreu de uma têmpora à outra. Colocou a mão por onde a dor tinha passado, assustado.

— Pode ficar tranquilo. Os ratos devem ter sentido alguma coisa parecida. Nenhum morreu depois que acabou o teste. Ainda, pelo menos.

— Isso deveria me tranquilizar??!

— Seguinte, se tiver mais algum sintoma estranho, toma esses comprimidos aqui. Eu mesmo que sintetizei. Até que são bem úteis para... bom, para qualquer coisa. Em teoria a proteína deve identificar e reparar o que estiver errado no seu organismo.

— Você já testou essa porcaria?

— Mais ou menos. Funcionou comigo, e o Jaques não teve nenhum efeito colateral bizarro.

— Você me dopou sem eu saber?? — questionou Jaques.

— Não importa. O que vale é que você está bem — respondeu Ellian.

— Isso não é um N experimental⁵⁸ muito grande. — A voz de Pol transparecia pura desconfiança.

— Relaxa, grandão. Eu sei o que faço — disse Ellian. — Testei em centenas de ratos antes de testar no Jaques, e em mim depois. Pode ficar tranquilo, a proteína provavelmente é inofensiva, desde que seu tipo sanguíneo não seja AB negativo. Se for, seu organismo começa a atacar a si próprio. Fora isso, tranquilão.

Pol arrancou o frasco bruscamente das mãos de Ellian e saiu da sala em meio ao exaltar interno de insultos, amaldiçoava gerações de familiares do cientista.

Talvez ele esteja se vingando por ter sido obrigado a participar desse projeto.

Talvez queira provar algum ponto com lógica deturpada. Dizer que foi o General que fez isso comigo.

— Você deu sorte dele só ter te empurrado — Jaques murmurou para o colega.

— Eu já sabia que ele não ia fazer nada.

— Claro, você sempre sabe de tudo... — Jaques cruzava os braços em reprovação. — Realmente não tinha testado o dispositivo?

Ellian riu: — Claro que testei. Em mim mesmo, depois em um rato especial que eu treinei para resolver sudoku. Aí usei nele.

— Que porra de lógica é essa?

— Jaques, se a gente fizesse ciência com lógica, nada disso estaria funcionando.

Horas depois, Pol foi até a sala de assembléias, na expectativa de encontrar um lugar silencioso e vazio. Estacionou na porta ao ver os outros quatro diretores na mesa redonda. Rodou mil pensamentos e conspirações em sua mente, antes do General notar sua sombra massiva no vão.

A sala estava mal iluminada, apenas o abajur amarelado aceso, acima da mesa.

— Pol! Venha cá — chamou MDK, animado. Os demais olhares voltaram-se para a porta.

⁵⁸ **N experimental:** Em estatística e pesquisa científica, “N” representa o número de participantes ou amostras. “N experimental muito grande” ironiza que testes perigosos (em humanos) foram feitos em número insuficiente para garantir segurança, subvertendo protocolos éticos.

— Magnifique... Chegou o estragá-prazerês. Non venha azarrar ma sequência de vitóriás, hein? — bufou Usif. Seus olhos, ocultos por um par de óculos escuros de aviador, exageradamente grandes para o tamanho da sua feição. Em mãos, um par de cartas.

Pol trocou um aceno de cabeça com Illia e Gray, e puxou uma cadeira.

— No Limit Texas Hold'em. Buy in de 35 mil — Murmou MDK, enquanto embaralhava as cartas. Pela primeira vez Pol viu o General sem trajes militares. Usava uma jaqueta de couro.

— Não sou muito bom nisso. É muito dinheiro, General.

— Está entre amigos, Pol. Sentou na mesa, tem que jogar — disse Gray, servindo-lhe um copo de uísque.

Pol notou os olhares cerrados dos demais, lhe avaliando, e assentiu. MDK empurrou uma pilha de fichas em sua direção e arremessou duas cartas. Par de oito.

— Cinco mil. — Gray arremessou casualmente cinco fichas no centro. Pol sentiu que o outro diretor tentava intimidá-lo.

— Subo. Dez — disse Pol. Não iria ceder assim tão fácil.

— Abusé! Tu vais jogár forrá la moitié do pot antes do flop? Tu te prends pour qui, hein? Non compro o bléff. Pago!

MDK e Illia jogaram as cartas no centro, abandonando a mão. Ao fim da rodada, Usif golpeu os punhos na mesa e urrou em comemoração, ao sair vitorioso. Puxou suas fichas, sorridente.

— Ah, pas de souci! É semprê um plaisir ter um bleu na mesa. Merci pelo almoço, mon petit! — Gray endireitou a postura e sorriu. MDK revirou o olhar.

Uma nova mão foi distribuída. Par de Ás. Agora sim estava no jogo!

Gray passou. MDK jogou três fichas na mesa. Todos os demais seguiram. O flop abriu em A♦, K♦, J♦

Gray alinhava suas cartas perfeitamente rentes ao copo, enquanto observava discretamente os demais. Deu dois toques suaves na mesa, simbolizando outro passe.

Sem hesitar um único instante, o General arremessou mais dez fichas.

— Tu non vais me enganár avec ce straight, toi, canaille! Je me couche. — Usif jogou suas cartas na mesa. Pol e Illia seguiram a desistência.

O turn foi um 10♦. Gray pausou e encarou o general.

— Setenta — murmurou Gray.

MDK tamborilou os dedos na outra mão: — O que você está escondendo aí, hein, Gray? — O General puxava a ponta do bigode.

Gray não respondeu. Sequer moveu um único músculo. MDK sorriu.

— Vamos ver se você é corajoso, rapaz. Cento e vinte.

Usif assobiou. Gray levantou, foi para trás da própria cadeira e segurou a traseira do tecido, por quase um minuto. Uma gota de suor formava em sua testa.

— All in. Trezentos e cinquenta — as palavras saíram como veneno entre dentes. Pareciam furiosas.

O General gargalhou: — Se você tivesse voado um pouquinho mais baixo teria me pego, rapaz! Tem muito o que aprender ainda. — Abaixou um par de reis na mesa, desistindo da aposta.

Gray puxou a enorme pilha de fichas e sentou de volta.

Escondendo um sorriso de canto, Gray virou apenas uma de suas cartas. Um 3♣.⁵⁹

⁵⁹ MDK tinha uma trinca de reis em mãos. O três de paus representa uma mão significativamente mais fraca, deixando propositalmente ambígua a segunda carta, oculta. A título de comparação, a mão inicial de Pol (par de áses) certamente derrotaria o General.

PARTE 12 — CONSEQUÊNCIAS

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Abertura mostrando Eris]

Você está assistindo ao International Information Channel — A plataforma de notícias.

— Crescem relatos de testemunhas do suposto Vigilante chamado de Fantasma de Sraknova.

[Transição para depoimento de rua — rosto borrado]

— Eu vi ele. Sozinho. Derrubou cinco, seis... talvez sete homens armados. Saltou do quinto andar como se fosse degrau. Caiu em pé. Sorrindo.

— O que ele disse a você?

“Desculpe o sangue. Não era pra sobrar ninguém hoje.”

— Ele salvou minha vida. Não quero saber de nome. Só quero que deixem ele em paz.

— Mesmo sabendo que ele matou um Senador a sangue frio?

[Corte para o Estúdio]

— Cultos de êxodo solar associam o Fantasma de Sraknova aos Homens Cinzentos. Enquanto isso, cresce a teoria de que ele seria parte de um experimento da Fundação. — Isso, e muito mais, daqui a pouco, no ICC.

12.1 GOES

SEIS DE JANEIRO — 12:00

Gray estava em sua sala, pensativo. Admirava os entalhes na madeira de sua mesa. Se perguntou quem esculpiu...

Não é hora de pensar nisso, idiota. Preciso daquele Ellian o quanto antes.

Pegou seu voxel e ligou para algumas equipes de reserva que tinha, sem usar recursos da GOES para não chamar atenção.

— Quero um comboio em cada hotel dos nossos candidatos. Sim, os mesmos de sempre.

MDK, inquieto, caminhava de um lado ao outro. Nenhum dos peões enviados havia retornado ainda.

Tem algo muito errado — pensou, como se sentisse as conexões invisíveis oscilando.

— Usif, vou tentar descobrir o que está acontecendo com os candidatos enviados para realização do exame. Quer me acompanhar?

— *Eu não tenho nada melhor pra fazer, mon ami. Pourquoi não dar um passeio de carro?* — O sotaque francês arranhando cada sílaba.

— *Vamos levar une escolta de segurança, oui?*

MDK abanou as mãos, desmerecendo a ideia.

— Relaxa Usif! Eu sou a escolta de segurança! Além de que vamos só xeretar alguns quartos de hotel.

— *Todá essa idadê e tu ai, se achandô o mais confiantê, hein? Um canalházinho atrêvido, ça c'est sûr! Vai acabarr se matandô um diâ dêsses, tropéçandô nas escadas com essa bengala ridícula!*

O General riu, com desprezo interno.

Se conheciam há muitos anos, e sempre tiveram algum grau de rivalidade. Usif tinha ficado especialmente mais insuportável depois de se tornar diretor da GOES.

Optaram por começar pelo hotel de Pol. MDK manobrava o veículo pesado pelas ruas congestionadas, o motor roncando como uma fera contrariada. Usif, ao lado, parecia fisicamente desconfortável, ajeitando-se no banco como se estivesse sentado sobre pregos.

— *Mon Dieu, MDK! Tu tens certeza que este... este artefato pré-histórico sobre rodas é a melhor opção para uma operação discreta? Parece que estamos anunciando um circo de horrores! E este cheiro... é gasolina ou o teu perfume de velho soldado?*

Sem desviar o olhar da estrada, um leve sorriso irônico no canto dos lábios.

— Este "artefato", Usif, tem mais caráter que toda a sua frota de veículos elétricos assépticos juntos. E discrição, meu caro, às vezes é se misturar ao ruído, não ao silêncio. Além do mais, quem se importaria com dois velhos rabugentos num carro barulhento?

Ironicamente, MDK dirigia seu Plymouth clássico. Realmente era uma relíquia de 150 anos... E chamava muita atenção.

— *Rabugento é o teu... E esta “missão” toda! Procurar teus cientistas mimadôs que se perderam no recreio... Quelle perte de temps! Se fossem mes subordinados, já estariam*

cavando as próprias latrinas na Sibéria, mon dieu, por tamanha incompetência! Pol, especialmente... toujours avec cette tête de quem engoliu um dicionário e agora sofre uma indigestion philosophique!

— Pol é um ativo valioso. E você sabe muito bem que esta "perda de tempo" pode ter implicações que vão muito além de um simples resgate. Mantenha o foco, Usif. Ou ao menos tente não feder o carro com seu mau humor.

Conforme procuravam um lugar para estacionar, MDK foi subitamente sacudido quando um vulto indistinto despencou do alto de um dos edifícios, aterrissando com um baque nauseante bem na frente do capô do carro.

MDK afundou o freio com mais força do que o carro aguentava, derrapando num cantar de pneus — *Droga!*

Não desviou o suficiente. Sentiu uma lombada. — *espero não ter atropelado nada vital.*

Usif agarraava-se ao painel, com olhos esbugalhados.

— *Sacré bleu! Agora tu atropelaste um suicida?! Magnifique, MDK! Simplesmente magnifique! Tua discrição é impecável!*

Saíram do veículo para verificar a situação. Usif ainda atordoado, confuso com o ocorrido. MDK, acostumado com momentos de tensão, já estava em modo de alerta, em averiguação.

Viram o homem caído, claramente em péssimo estado — *tentativa de suicídio?* — olhou para cima e viu dois vultos no balcão do segundo andar, observando a cena. Ambos saíram de vista após cruzarem o olhar com MDK.

Foi inspecionar o corpo. Ainda respirava. Colocou o ouvido sobre o torso, chiado. — *A costela deve ter perfurado o pulmão.*

Olhou a cabeça e o pescoço, franziu o nariz como se pensasse “situação péssima”. Notou o jorrar de sangue da nuca.

— *El estás muito mal MDK! Vás bater as botas!* — Usif estava claramente em pânico. — *Aida ele, MDK! Toi que atropelou afinal. Non vem jogar essa culpa de volta em mim depois, oui?!*

Comentário irrelevante. Obrigado pela ajuda, Usif — pensou o General.

Arrancou parte da sua camisa com um canivete e colocou na nuca para estancar o sangramento, com cuidado para não mover a cabeça ou pescoço.

Virou para a perna. Fratura exposta. — *Perdão amigo. Essa foi minha culpa.* — Improvisou um torniquete.

Os homens do balcão desceram correndo em sua direção em susto dissimulado. Uma tentativa óbvia de atuação.

— Traz o carro. Eu cuido disso.

— Está maluco amigo? Ele precisa ir de ambulância! — disse MDK, braço erguido ao lado para impedir que o recém chegado se aproximasse.

— Está tudo bem, eu sou paramédico! — disse o homem em aproximação.

— Vai ferir ele! Precisa de atendimento de urgência — respondeu MDK.

Usif desatou a reclamar com MDK.

— *Non, non, NON! O cara és paramédic, tá? Paramédic! Tu calas la boca, MDK, calas! Ele sabê, ele sabê! Tu non sabê, entón toi ficas quieto, oui?* — berrou Usif, que apenas olhava de pé, com as mãos no bolso.

O paramédico foi levantar Orwell pelas costas, sem imobilizar a cabeça. Nenhum profissional em sã consciência faria isso.

Algo na mão de Orwell chamou a atenção. — *Isso é... uma foto de Pol e San-Lehan...*

Aquele homem com certeza não era paramédico.

MDK não pensou duas vezes, deixou seu instinto militar tomar conta. Há décadas tinha aprendido a confiar no seu *gut feeling*. Sabia improvisar.

POW — Um soco no meio do nariz fez o homem revirar os olhos e cair para trás.

— *Ah, non, non, non... Você estás maluco, MDK! Completamente déséquilibré!*

— *Devias estar no hospital, non aqui! Tu és o perigo, meu cher!?*

O outro virou a esquina, de carro e saiu, ao ver o grupo.

— Só confia, Usif.

MDK percebeu um coldre na cintura.

— Ei! Você é amigo dele, não é? Não sei o que aconteceu! Ele desmaiou! Acho que teve um aneurisma ou algo no coração, com o estresse — disse o General para o inimigo em aproximação. MDK também era um péssimo ator, mas razoável o suficiente para enganar uma oposição incompetente.

O segundo homem correu até o grupo e se agachou ao lado do colega para analisar a situação.

O nariz quebrado foi tudo que precisou ver. A expressão outrora dissimulada transformou-se em alerta defensivo num instante.

Começou a virar o rosto e direcionar o braço para a cintura, rumo à sua arma.

Ficou desorientado ao sentir o coldre vazio.

MDK foi mais rápido. Já estava em posse da pistola.

Começou com um tiro na perna do homem. Não podia deixá-lo fugir.

O homem virou o rosto em choque, para ver a ferida e segurar o membro alvejado.

Bastou uma coronhada na nuca para desacordar o inimigo.

— Nada mal para um septuagenário — disse o General.

Usou o cinto e usou para amarrar as mãos dos desacordados. Recolheu voxels, carteiras e armas restantes.

— Usif, faz alguma coisa.

O outro Diretor apenas olhava em volta, com as mãos na cabeça em desespero.

— *Mais qu'est-ce que tu fais, MDK?! Tu perdestes a cabeça, foi?! TU VAS SER PRESO, IMBÉCILE! Eu vou denunciar, vou denunciar AGORA! MALUCO!*

Berrava, os braços girando no ar como hélices, os olhos esbugalhados, e uma sequência de balbucios indecifráveis escapando da boca. *Non non non, ça suffit, il faut... mon Dieu... catastrophe...!*

MDK pegou o comunicador que sempre carregava na cintura.

— General MDK. Solicito MEDVAC imediato. LZ segura. Cinco PAX. Coordenadas na minha origem. Over.

— Lima Charlie. MEDVAC à caminho. SITREP? Over.

— Três WIA, Um em Estado grave, possível perfuração pulmonar, fratura exposta na perna direita, sangramento na têmpora. Possível fratura dorsal ou no pescoço. Imobilização necessária. Os demais são baixa prioridade. Over.

— Lima Charlie, General. ETA em 9 minutos. Over.

— Tango Mike. Out⁶⁰.

⁶⁰ Siglas táticas utilizadas em comunicações militares reais. **MEDVAC** = evacuação médica urgente. **LZ** = zona de pouso (Landing Zone). **LIMA CHARLIE** = comunicação recebida alto e claro. **SITREP** = relatório de situação (Situation Report). **WIA** = ferido em combate (Wounded In Action). **ETA** = tempo estimado de chegada (Estimated Time of Arrival). TANGO **MIKE** = agradecimento tático: “Thank you much”.

MDK verificou o estado de Orwell. Continuava respirando, menos pior. — *Esse aí é resiliente. Deve ter minha idade e está firme e forte, mesmo fora de forma e acima do peso* — pensou.

Um carro derrapou pela esquina, pneus ressoando. Dois carros — com certeza não é nenhum comitê de boas vindas.

MDK abriu a porta do seu bom e velho Plymouth ao lado. Posicionado na janela, mira da pistola preparada, puxou Usif pelo casaco, derrubando-o no chão, atrás de si.

Em retorno, recebeu mais uma série de insultos em francês.

Alguém do primeiro carro colocou o corpo para lado de fora, pistola em mãos.

— General MDK. PID HOSTILE, TIC. Pelo menos quatro ENY. HOT LZ. TANGO 300m norte LZ. COPY⁶¹?

— LIMA CHARLIE. ETA 8 MIN.

Agora tinha que lidar com os inimigos em aproximação. Mirou no carro em movimento e atirou, revelando sua posição. O vidro frontal do carro estilhaçou com o projétil, mas persistiu a rota.

O inimigo no banco de passageiro disparou diversas vezes, alojando projéteis na lataria da barricada.

MDK lamentou o carro baleado. Preferiria que os disparos atingissem Usif do que o Plymouth.

Puxou o cartucho da arma em suas mãos. — *oito tiros. Preciso fazer valer.* — Mirou novamente, puxou o gatilho, uma, duas, três vezes.

Todos pegaram na lataria — *merda* — sentiu o gosto salgado do suor escorrendo pelo seu rosto.

Uma bala passou zunindo ao lado de sua cabeça. Faziam anos que estivera em situações de combate. Por mais que estivesse em forma, já não era o soldado que fora no passado.

O coração palpitava, suas mãos tremiam. Medo? Adrenalina? Felicidade?

O Plymouth segurou mais dois disparos. Era o anjo da guarda dos Diretores, nesse momento.

⁶¹ Siglas táticas utilizadas em comunicações militares reais. **PID** = inimigo identificado, **TIC** = combate ativo, **ENY** = inimigos, **HOT LZ** = zona de pouso hostil, **TANGO** = alvo inimigo, **COPY** = confirmação de recebimento.

— Eu falei que esse artefato pré-histórico era útil. Quero ver seu carro de papelão segurar isso.

Usif estava deitado no chão, mãos na cabeça, em posição fetal, balbuciando preces na sua língua natal.

— Eu sou seu Deus agora, Usif. Reze para mim.

Respirou fundo, reduziu seus batimentos cardíacos. Não era hora de tremer ou hesitar. Ergueu o corpo para o vidro, tomou mira, sons de tiros ricocheteiam ao seu redor. O companheiro gritava a cada estouro. — *Assim fica difícil concentrar.*

Soltou o ar. Foco absoluto. Não tinha nada ao seu redor, apenas ele e o carro vindo em sua direção.

Puxou o gatilho.

O primeiro carro perdeu o controle conforme o crânio do motorista era perfurado. O cadáver desabou para o lado, levando o volante consigo. Numa descontrolada melodia da borracha contra o asfalto, derrapou rumo a um poste. O veículo, ora pristino, tornara-se um semblante desfigurado com o impacto. O restante da inércia o levou para o meio da rua, tornando-o outro eixo protetor ao bloquear a passagem do segundo veículo.

O passageiro, de alguma forma vivo, abriu a porta e cambaleou para fora dos destroços. MDK tomou mira e puxou o gatilho mais duas vezes. O primeiro atingiu o torso, segundo em cheio na cabeça. Agora estava sem munição.

— DOIS TANGO DOWN. MAIS DOIS, 350M NORTE LZ.

— COPY. ETA 4

Sirenes policiais iluminaram a rua atrás do segundo carro. Uma delegacia na esquina permitiu resposta imediata, que resultou em troca de tiros entre a polícia e os perseguidores.

— Civis em perigo! — um policial correu até o refúgio de MDK e Usif.

O policial entrou em prontidão, arma em riste ao ver a cena de dois homens amarrados, um terceiro em posição fetal, outro desacordado coberto de sangue, ao lado de um MDK, armado.

— Mão na cabeça! — apontado para o general.

— Relaxa amigo. General 4 estrelas, MDK. — Mostrou a identificação, sem tirar o olhar do campo de batalha.

— *Gracias a dios, polícia. Non sie o que acontecestes. Esse estás insano* — disse Usif,

gesticulou em direção ao General — *és louco. Algema-o. Algema-o agarra, oui?*

O policial foi averiguar a situação dos caídos. Estava em pé, entre MDK e Orwell quando identificou o rosto caído.

— Esse homem é um fugitivo. Acusado pelo assassinato do Senador Alec Zhu. Tem que ser levado em custódia. Essa é nossa jurisdição. Pode ser retirar, General.

— O caralho que vai levar. — Desferiu um soco nas partes íntimas do policial, que se arqueou em dor, abrindo espaço para MDK se erguer e finalizar com um golpe contra a nuca.

— *MDK! Seu maluco de pedra, de PEDRA! Eu vou denunciar! Denunciar TUDO, tu ouves?! Tu vais ser expulso da GOES, sim, EXPULSO! Tu acabastes com tudo, tudo! C'est fini!*

Berrava, cuspindo as palavras, os braços tremendo, o dedo em riste como se chamassem os superiores com um feitiço.

— *Tu non representas esta unidade! Tu és um câncer operacional, MDK! Um... terrorista emocional! Eu juro, juro por Dieu que hoje tu vais pagar!*

O quadcopter se aproximou e aterrissou numa rotatória, 100 Metros antes de MDK.

Dois paramédicos saíram da aeronave com equipamento.

— Primeiro o que está mais ferido. Eu cuido dos outros dois.

O General se dirigiu para Orwell.

— Pode ficar tranquilo, rapaz. A cavalaria chegou.

MDK analisou o cenário. Conflito armado de um lado, quadcopter do outro. Num milésimo de segundo sua experiência de combate calculou intuitivamente quais seriam as trajetórias aproximadas de todos os disparos.

Também calculou a posição relativa de cada pessoa, com relação à rota dos disparos. Todos estavam seguros.

Isso é, até Usif disparar em fuga, meio a gritos desesperados e braços ao ar, em direção ao resgate.

MDK recalcoulou o ritmo das balas, visualizou trajetórias. Teria que ser por um triz. As chances de dar errado eram imensas.

— USIF. PARE DE CORRER AGORA! — berrou o General, que iniciou uma corrida explosiva em direção ao outro Diretor.

— *Non, non, je... je ne se pas! NON NON!* — continuava correndo. *Merda.*

O General tomou um impulso final e arremessou o corpo aos pés de Usif. Consegiu agarrar os calcanhares, derrubando-o.

— *Merde!...*

Dois tiros passaram zunindo pela cabeça do colega.

Um terceiro ricocheteou nas proximidades e redirecionou rumo aos diretores. Num impacto cortante, perfurou a barriga do General, escavando caminho através de carne e músculos para se alojar, confortavelmente rente à base do intestino. — *INFERNO. Isso não estava nos planos.*

— *Putain de bordel de merde!* — gritou Usif, ainda de cara no chão, expelia poeira, sangue e ofensas em francês entre cuspes e soluços, enquanto MDK tombava, pressionando onde fora alvejado.

Usif se ergueu cambaleante, o nariz sangrava generosamente.

— *À merde, MDK... à merde. Tu vai nos matar tous, connard...*

O olhar do colega ficou vazio. Um disparo perdido estourou o crânio, eliminando sua consciência num lançar de massa cinzenta antes mesmo que pudesse registrar o som do tiro. O corpo caiu, inerte.

MDK viu o olhar de Usif apagar como uma vela no vácuo. Nem teve tempo de praguejar. Apenas pressionou ainda mais a barriga rasgada, ofegante.

Um a menos. — rosnou entre dentes, cuspindo sangue. — Espero que o próximo seja mais útil.

Não havia espaço para luto ou respeito, apenas para continuar respirando até alguém o derrubar também.

Empurrou o corpo caído com a ponta da bota, como se testasse se ainda servia para algo.

Nada.

Seguiu em frente, manco, enquanto o inferno explodia ao redor.

O General, embora em forma, sentia o peso da idade. Em outra época, aguentaria um ferimento desses na barriga e seguiria o combate o dia inteiro. Agora, mal tinha forças para andar direito. Amaldiçoou a mortalidade humana e o poder de decadência do tempo.

O resgate pegou MDK, Orwell e os dois homens desacordados.

Dentro do Quadcopter, deitados em macas, era quase como se ecoasse as palavras de Pol, meros dois dias atrás, direcionado para Orwell — *Você é popular mesmo, hein.*

Orwell riu. Em três dias vira mais ação que em sua vida inteira somada. Rir o fez sentir ondas intensas de dor, no corpo inteiro. Nem sabia identificar mais de onde vinha cada sensação.

A equipe colocou os perseguidores desacordados no veículo, algemados, por precaução..

O corpo de Usif foi deixado para trás.

Orwell, pela segunda vez na mesma semana, se via escapando num quadcopter, caos irrompido na superfície.

Eu te disse Pol. Sou um buraco negro.

PARTE 13 — APROVAÇÃO

13.1 MIRA — ELLIAN — SALA DE EXAME

SEIS DE JANEIRO — 18:00

O trauma do exame foi tamanho para a personalidade gentil de Mira que, sua mente, na tentativa de entrar num estado de fuga, acabou fragmentando os polos de sua essência.

A parte vazia de seu núcleo, agora susceptível a absorver o meio mais hipertônico, funcionava como uma membrana osmótica imperfeita, permitindo a migração passiva de sentido e densidade até sua saturação estrutural. Como se a mente fosse duplicada, Mira tinha uma consciência no seu corpo, e outra, bom... em outro lugar.

Mira acordou horas depois, não mais recaída sobre o corpo de Pol.

A sala já estava praticamente vazia, preenchida somente pelo odor opressor de sangue e suor.

Os únicos no recinto eram ela e Ellian, que parecia mais entediado do que em sofrimento psicológico.

Ellian a encarou como quem lesse um livro, preparado para já começar a responder as perguntas óbvias, antes mesmo que fossem feitas. Ele se divertia com as reações das pessoas.

— Sabe, eu fui atropelada enquanto vinha para prova — disse Mira.

Ellian observou a afirmação, incrédulo. Não acertava uma hoje.

— Isso explica muita coisa — ele respondeu, em tom sarcástico.

— Era um moço simpático, acho que chamava Owl. Elegante também — disse Mira.

Ela está falando sozinha ou comigo? — pensou Ellian

Mira continuou numa tangente aleatória. Talvez ainda achasse que estivesse perdida em sonhos, talvez fosse a maneira com que sua mente desfragmentava excesso de informações. Talvez ela só fosse um peixinho dourado mesmo.

— Por que você ainda está aqui? — Mira perguntou.

— Não me chamaram.

— Isso não responde minha pergunta. Você está tranquilo sentado aí no frio?

— Não é como se pudéssemos sair...

— Você já tentou?

Ellian ficou em silêncio. Não. Ele não tinha tentado. A porta obviamente estaria trancada.

Mira se levantou e caminhou até a porta com esforço. Não comia há dias, suas juntas estavam travadas, as extremidades roxas. Todo movimento era uma batalha.

Girou a maçaneta e... a porta abriu.

Eu sou um imbecil. O frio e a Danse Macabre queimaram meus neurônios, não pode ser — pensou Ellian

Cathy, do outro lado, fumava e construía uma torre patética de copos de café. Observava o monitor como quem espera o apocalipse por tédio.

Mira andou em frente, confiante.

Ellian caminhava atrás da colega, encolhido, como se tentasse se esconder. Parecia pequeno. Cathy, um gigante capaz de esmagá-lo a qualquer momento.

Dra. Catherine virou para trás e olhou os intrusos. Seus olhos estavam vazios, desanimados.

— Ó. Bom dia pessoal. Ou boa noite? Nem sei mais. Ellian, vai ficar escondido aí? Vem dar um abraço na tia.

Mesmo desanimada, ainda mantinha seu clássico senso de humor.

— Bom dia Cathy. Que baixo astral é esse? — questionou Mira.

— Ahh querida. Que gentileza perguntar. Vai sentar do meu ladinho e me deixar contar histórias de vida também?

Mira permaneceu em silêncio, braços cruzados, aguardando uma resposta séria.

Cathy suspirou. Parecia estar prestes a chorar.

— Minha obra de arte foi arruinada. Era pra ter um segundo ato, tão lindo quanto o primeiro.

— Mas eu sou boa demais no que faço.

— Todos quebraram, completamente. Nenhum dos ratinhos sobreviveu à segunda fase.

— E o pior: isso foi depois que já tinham interrompido meu prelúdio — e ainda enfiaram um Sentinel na minha cara.

Cathy soltou toda essa sequência de desabafos em cima dos candidatos, para surpresa de Mira.

— Sentinel?

— Ah, é um experimento estragado — disse quase em passagem, como se não fosse nada de mais. E prosseguiu seu desabafo.

Ellian não pôde deixar de notar como parecia que as duas personalidades haviam se invertido. Mira séria com presença opressora, e Cathy, ansiosa, falativa sem se importar com o que é dito, ou para quem é dito.

— Eu até tinha esperanças pro idiota aí atrás — disse, apontando com um leve gesto de cabeça para Ellian.

— Mas já vi que ele quebrou antes mesmo de começar a segunda etapa.

— Os... outros estão bem? Onde está Jaques? — perguntou Ellian, inseguro.

Cathy deu de ombros. — *Vai saber. Acho que o francês tá debaixo da mesa, em posição fetal, com o punho na boca..*

— Ele não aguentou muito. O estímulo neural foi realista demais... Agora está questionando a própria existência e a essência da realidade. Vai precisar de um tempo de terapia pra se recuperar. Os outros, acho que não tem volta, viu;

Cathy fez uma pausa, a frustração em seu rosto, substituído por uma expressão que oscilava entre tédio e impaciência.

— Vamos voltar pro que interessa.

Ela olhou de Mira para Ellian, como quem avalia duas peças defeituosas que sobraram de um experimento fracassado. O silêncio se instalou, pesado, preenchido apenas pelo zumbido distante dos computadores e o som da respiração ofegante de Ellian.

— Tenho que aprovar alguém, no final de contas.

Ellian, sentiu o suor frio escorrer pela nuca. A fala de Cathy sobre "ter que aprovar alguém" congelou seu sangue. A vaga. Quem seria? Ele apertou os punhos, a arrogância de antes derretendo em pânico. Depois de tudo... depois de suportar o exame, a humilhação... ele não podia falhar agora. Seus olhos imploravam a Cathy, uma súplica silenciosa que ele jamais admitiria em voz alta.

— Sabe... — ela começou, a voz agora tingida com uma ironia ácida.

— Teria sido mais dramático se tivessem restado mais. Um bom confronto final, talvez? Mas o que sobrou... ah, bem.

Repousou a bochecha contra a palma da mão, chateada. Soltou uma fumaça preguiçosa, observando a tensão crescente neles com um divertimento util voltando aos seus olhos vazios.

O olhar repousou em Mira, um brilho avaliativo e perturbador.

— Então... parabéns, loirinha. A vaga é sua. Last man standing. Ainda bem que não morreu.

Mira sentiu um arrepião. O "Last man standing" de Cathy ecoou em sua mente, uma previsão sinistra que agora parecia prestes a se concretizar de uma forma que ela não compreendia. Ela, que mal se lembrava de como havia chegado ali, que se sentia fragmentada e perdida... Como *ela* poderia ter "sobrevivido" onde outros "brilhantes" falharam?

Apesar da "aprovação", a forma como foi dita - como um prêmio de consolação por ser a única a não quebrar completamente - esvaziou qualquer sensação de vitória para Mira. Era apenas a constatação fria de um fato, dita com a mesma indiferença com que alguém relata o clima.

Não foi por mérito próprio, foi sorte? — pensou Mira, frustrada — sorte de eu ter desmaiado? De não ter tomado parte na segunda fase? Isso não vale de nada!

— Espera! E eu? — indagou Ellian, frustração emanava de suas palavras.

— Gatinho, você não consegue nem falar comigo sem tremer as pernas.

Olhou para baixo. As pernas realmente tremiam. Ele tinha quebrado.

— E os resultados da prova escrita?! Não é possível que ela — apontava para Mira, em absoluto desprezo. — tenha ido melhor do que eu!

— Pior que foi, gatão. Sinto muito. Ela praticamente dobrou sua pontuação. O único que chegou perto dela, foi o grandão, mas ele tá fora do jogo faz tempo.

— Quero uma auditoria!

— Que auditoria, porra? Isso aqui é pura tortura psicológica pra minha diversão. Você acha que alguém tem autoridade pra auditar isso? Só se for a própria Sraknova em pessoa.

Cathy estava impaciente, já balançava as pernas e girava o cigarro nas mãos.

— Quero falar com Sraknova!

— Você é mimado assim sempre? Acabou, você perdeu. Perdeu pra mim, pra loirinha do seu lado, pros fracassados que quebraram na segunda etapa. Você é lixo humano que finge ser cientista.

— Eu... criei o maior colisor de partículas do mundo. Descobri a essência do comportamento atômico em sistemas quânticos.

— Parabéns, docinho. Você dominou a arte de bater coisas umas nas outras muito

rápido. Sabia que descobriram o fogo assim? Você já está quase no nível dos Homo Erectus.

A mão de Ellian já era só espasmo. Nada explodiu, ninguém gritou — só uma mente desmoronada.

— Você está livre pra ir embora, rapaz. Não me tem utilidade, por enquanto.

— **E Jaques?**

— Os quebrados vão ficar internados na Vlad-2. Talvez precisem de alguma reabilitação pro convívio social.

— Não vou embora sem saber que ele está vivo!

Cathy revirou os olhos: — Eu não sou assassina, seu idiota. Seu namorado está bem.

Apertou um botão e um monitor acendeu — era Jaques, sentado no canto de uma cama de hospital, abraçado nas próprias pernas, os olhos disparavam de um lado ao outro, em paranoia e ansiedade.

A psicóloga falou no microfone

— Jackie, querido. Mostre que você está ao vivo.

Assustado, o cientista olhou para cima e gritou com o teto. Angústia transparecia do seu olhar. Agonia?

— Cathy? Cathy! Já deu! Me tire dessa simulação doentia! Deixe eu voltar para minha irmã! Prometo nunca falar nada sobre isso, para ninguém.

O desespero virou uma súplica, um lamento. Sua voz é um susurro: — Por favor. Cathy. Me tire daqui... Cathy... — Ao que se retraiu novamente na posição que estava antes.

Cathy tinha uma expressão diferente, beiços para fora, como uma criança insatisfeita.

— Os outros estão bem piores, pelo menos os que conseguem vocalizar qualquer som. Ele foi o que melhor saiu do exame... Um bom candidato.

— Foi erro meu... A tecnologia é muito intensa. Talvez eu tenha exagerado um pouco. Espero que tenham recuperação. Muitos deles são pessoas brilhantes.

Ela genuinamente parecia arrependida... ou frustrada por ter falhado? Será que realmente se importava com os candidatos ou estaria mais decepcionada consigo mesma do que preocupada com o estado mental dos demais?

— Vou fazer o possível pra reabilitar ele. Você ainda é só um garoto, Ellian. Tem muito potencial como rato. Continue evoluindo, talvez algum dia consiga chegar aos

meus pés. Espero poder dançar com você mais uma vez... Quando estiver mais maduro.

Em um instante, todo remorso se foi da expressão. Voltou ao seu ser desprezível de base, como se tivesse lembrado que pouco importavam seus ratos. Ellian só ficou em silêncio, amaldiçoando Cathy internamente.

— Chega de melodrama! Pode ir rapaz. Antes que eu mude de ideia e resolva te usar como objeto de testes.

Ellian saiu em silêncio, derrotado.

— E agora? — perguntou Mira

— Agora nada. Você quer a vaga, afinal? Se não eu dou pro chorão, ou pro outro, que berra em posição fetal na sala ao lado. De um jeito ou de outro, acho que você é a menos pior, gatinha.

Mira deu de ombros caídos, o olhar baixo em decepção.

— Pode ser — respondeu quase em desdém da posição que lhe era oferecida, por mero acaso. Ela podia muito bem ter sido escolhida como primeira participante da segunda fase do exame. Sorte também era critério de avaliação, algo que Mira tinha de sobra.

A vaga deveria ter ido para o Jaques, se o experimento não tivesse dado tão errado. Fui a segunda opção.

Cathy gargalhou: — A vaga mais competida da humanidade e você aceita com um *pode ser*. Realmente merece a posição. Aprovada!

— Nossa carona deve estar próxima. Vamos pra estação. A equipe cuida dos restos de fracasso perdidos pela instalação.

A psicóloga parecia mais animada agora. Pode ser que estivesse alegre de ter se livrado do fardo que esse exame tinha se tornado. Ou talvez ela tenha tomado um gosto por Mira.

— Anime-se, gatinha. Você faz parte dos VIPs agora. Vem comigo pro hotel, tomar um banho e colocar umas roupas apresentáveis.

Cathy girou um cigarro entre os dedos, como uma bailarina entediada que rodava no próprio eixo.

— Quer um cigarro pra acompanhar?

Mira olhou para a mão estendida. O cilindro branco balançava levemente entre os dedos sujos de nicotina.

Por um segundo, não houve som. Só a pulsação nos próprios ouvidos.

Nunca gostou de fumar. Achava o gosto horrível, o cheiro pior ainda. Lembrava do pai — ou talvez fosse outra pessoa — gritando, tossindo, morrendo aos poucos com o pulmão estragado.

Mas aquilo não era um cigarro.

Era um convite.

Um selo.

Um batismo.

Mira estendeu a mão.

Cathy sorriu, satisfeita. O isqueiro bailou frente ao rosto.

A chama dançou.

Mira levou o cigarro à boca. Tragou.

Sentiu a queimação imediata na garganta, o gosto amargo se espalhava como ferrugem. Tossiu levemente.

Cathy riu com o canto da boca.

— **Bem-vinda ao clube, gatinha.**

“A beleza está na desordem.”

Mira é o padrão que emergiu da Danse Macabre.

"A verdadeira evolução surge quando aceitamos que a ordem é apenas o véu de um caos maior, revelando padrões que insistimos em negar — e encontrando, nessa tensão, o impulso para romper velhos paradigmas."

FIM DA PRIMEIRA DANÇA

SEGUNDA DANÇA — DEUSA DO MAR

E u vejo

Um Palácio gigantesco, sem trono, monarca ou sultão.

Ausente de serventes, lacaios e caudatários.

Flâmulas sem fâmulas,

Umbral sem umbral, formado por umbral polinomial,
mas jamais sobrenatural.



Ausente na existência, mas presente em subsistência.

Isso era o Palácio.

Uma aberração linguística,
simultâneamente impossível e intocável,
mas também acolhedora e louvável.

Essa aberração quebrou as leis da física conhecidas em repercussões tão brandas
quanto sua não-beleza na não-existência.

Não bastam conversas sobre caos e silêncio. A abstração da realidade nada mais é
que uma sombra do eixo que a produz.

O que é propósito, se não uma parcela dessa sombra? Uma casca vazia utilizada
como justificativa?

Assim como a entropia domina o universo, a dualidade de objetivo versus acaso,
domina o Ego.

Esteja ou seja o furacão, atribuir sentido é em vão.

Tudo acaba no vazio, não importa o tamanho do rastro de destruição.

No ar, pulsa a aceitação, na terra, a frustração. No mar... Bom, nós não falamos
sobre o mar aqui.

PARTE 14 — COLAPSO II

14.1 SAN-LEHAN — ERIS

Um calafrio percorreu a espinha de San, como se encarassem sua alma a bilhões de quilômetros de distância. Praticamente não conversava com Faced mais. Um clima de paranóia pareceu sobrevoar a estação. Trocavam olhares, desconfiados, como se a própria estrutura sussurasse segredos e fofocas para virar um contra o outro.

Por vezes, durante o período que dormiam, San pairava pelas instalações com olhar vazio. Faced acordava com reverberar opressivo da melodia que ressoava pelo corpo de San, conforme o ar atravessava suas cavidades antinaturais.

Não era um som aleatório. Faced, um homem de logística e padrões, começou a perceber uma estrutura ali. Uma sequência de notas baixas e dissonantes que parecia... intencional. Não era a flauta humana que ele conhecia. Era um cântico fúnebre para uma física moribunda.

Por um instante, o padrão sonoro se intensificou, e Faced jurou ter ouvido, por baixo do zumbido, uma voz. Não uma palavra, mas a *cadênci*a de uma, arrastada e gutural, como se o próprio vazio tentasse falar através da carne de San.

Ele recuou um passo, a mão instintivamente indo para um painel de parede, buscando a solidez de algo que ainda obedecia às regras. San não se moveu, as pálpebras cerradas. Ele estava dormindo? Meditando? Ou estava... transmitindo? A dúvida era um veneno de ação lenta, e Faced sentiu a primeira gota queimar em sua mente.

No dia seguinte, Faced calibrava sensores no painel de comando, na infeliz tentativa de retomar contato com a base. San surgiu ao seu lado como um fantasma.

— Faced.
— Às ordens, capitão. — Conseguiu esconder o susto, mas seus batimentos aceleraram mesmo assim.

— Tente contato com a base novamente. Quero testar algo.
Faced ficou um pouco mais tranquilo ao ver que San estava com a voz calma e sorriso simpático. Fez um esforço para mandar os pensamentos intrusivos embora.

Remi, que deitava nas proximidades, levantou a cabeça. Ao cruzar o olhar com o gato, San sentiu uma pontada de dor na cabeça, algo viscoso escorria. Levou a mão à testa. Não

havia sangue, nem ferida. Alucinação?

Olhou para sua mão; por um instante, seu dedo indicador desapareceu, substituído por uma ferida coagulada, o osso à mostra trouxe arrepios pelo corpo inteiro.

— Tudo bem contigo? — perguntou Faced, se afastando alguns centímetros do companheiro, inconscientemente.

San demorou alguns momentos para responder. Tentava racionalizar a alucinação — *talvez estejamos com filtros de ar defeituosos na nave... que cause esses delírios... derrame? Tumor? Vou ter que fazer scans médicos depois* — pensou.

— Nada de mais. — San não queria preocupar Faced com alucinações fantasmas. Já tinham problemas demais para lidar.

Iniciaram a chamada para a base mais uma vez. San sentou-se no comunicador.

— Alô? — respondeu uma voz impaciente.

— Quem está falando? — perguntou San.

— Eu que pergunto. Foi você que ligou.

— Meu nome é San-Lehan, sou funcionário da GOES.

— E eu com isso? — Orwell estava desconfiado, pensando em Pol, mas cauteloso.

— Isso vai soar estranho. Veja, nossos contatos caem sempre em você. Problemas nos comunicadores, talvez. Precisamos de ajuda.

— Não posso ajudar. Sou só um repórter. Esse voxel foi presente de um amigo. Como posso saber se você é quem diz?

— Não pode. Mas muitas coisas inexplicáveis estão acontecendo, claramente ligadas ao seu voxel. Se puder arriscar acreditar em mim, poderá salvar muitas vidas. Sou só um astrofísico...

— Grr... Por que sempre astrofísicos?

— Não entendi.

— Nada. Não posso me expor. Me confirme quem você é, e talvez eu te ajude. Igual falei, sou só um merda qualquer.

— Pensarei em algo. Por favor, mantenha o canal aberto.

— Se eu quiser manter aberto, mantenho.

Chamada encerrada.

— Ok, isso foi um avanço — disse Faced com sorriso irônico.

San voltou para seu quarto, tentando meditar sobre tudo.

Quebra de localidade quântica, colapso simultâneo, alterações orbitais, Sraknova, alucinações, planetóides... Um experimento que deu errado ou uma coincidência cósmica?

A navalha de Occam sugeria “experimento fracassado”, mas algo nas equações sussurrava: *não, isto é maior*.

No lugar onde deveria haver análise fria só havia uma recordação — o rosto de Pol — flutuando, teimoso, como um erro de paralaxe dentro do vácuo, queimado em sua retina.

Por quê agora? Não penso em Pol há anos. Nosso adeus foi uma rachadura que preferi calafetar com silêncio. Mesmo assim, a imagem insiste — e traz consigo a pergunta: *estaria ele metido nisso?*

14.2 SAN-LEHAN — 20 ANOS ANTES

Eu era uma criança estranha: os adultos me qualificavam de “maduro”, “doente”, “perigoso” na mesma conversa; ninguém atinava que eu via o mundo pelo lado de dentro das equações. “Bola” era superfície, diâmetro, tensão superficial; “alegria” um desvio-padrão na frequência cardíaca. Palavras chegavam depois que o fenômeno terminava.

Quando tentei descrevê-lo — *uma formiga querendo recitar Eurípides*⁶² — vieram as correções de conduta, depois os remédios, por fim o cinto. Pensei que dor fosse uma constante universal; mais tarde descobri que era só inépcia humana em lidar com aquilo que não comprehende.

Aos sete, fui de casa para dentro de uma universidade; escondi-me atrás das colunas de um auditório e escutei doutores debaterem uma constante cosmológica que, aos meus olhos, rangia fora de tom. Desci, corrigi a fórmula no quadro — $i\hbar \partial\Psi/\partial t = \hat{H}\Psi$ ⁶³, *nada demais* — e subi de volta antes que respondessem. Riram, claro. Todos riram, menos um

⁶² A tentativa infantil de explicar seu mundo interior equivale a exigir de uma formiga o domínio da poesia trágica de Eurípides — evento improvável, mesmo para colônias gregas. Sobre a fábula das expectativas adultas e a tragicidade da infância, ver G. Deleuze, *Crítica e Clínica*.

⁶³ **Equação de Schrödinger** — $i\hbar \partial\Psi/\partial t = \hat{H}\Psi$ Equação fundamental da mecânica quântica, descreve como o estado quântico de um sistema evolui no tempo. O uso aqui, por San-Lehan ainda criança, serve como metáfora de sua alienação: ele “escuta” a conversa entre as variáveis como se fossem vozes, uma sensibilidade quase autista ao mundo das abstrações matemáticas.

homem largo com barba por fazer que ficou à porta, esperando o corredor esvaziar. Ajoelhou-se diante de mim, sem paternalismo.

— Sou Pol. Você?

— San-Lehan.

— Belo nome. Pode me explicar o que aqueles símbolos estavam “dizendo” um ao outro?

Expliquei. Ele ouviu como quem ouve música pela primeira vez.

Perguntou sobre meus pais; confessei que eles não apreciavam esse tipo de conversa. Não fez caras de pena nem ofereceu chocolates; apenas meneou a cabeça, pensativo.

Duas semanas depois, agentes do conselho tutelar bateram lá em casa. Lesões antigas, relatórios de vizinhos, silêncio meu — *foi suficiente*.

Acabei com Pol, que transformou o loft bagunçado em um observatório de ideias. Ele preparava café enquanto eu desmontava os vapores em funções de transferência; eu lhe devolvia matrizes que simplificavam cálculos estelares. Não existia aula formal — existia um fluxo — ele mostrava a engrenagem, eu dizia para onde ela queria girar.

Aos quinze, circulava no instituto como consultor fantasma. Alguns mestres me temiam; outros fingiam que eu era alguma espécie de fantasma dos corredores. Pol ria e dizia que fantasmas não pagam impostos. Mesmo rindo, ele tinha pressa — falava em “pré-adaptação”, “ contato precoce com grandes aceleradores”, “blindagem psíquica”. Eu achava excesso de cuidado. Hoje sei que era cálculo de risco.

A harmonia rachou numa noite em que voltei correndo para exibir um insight sobre oscilações quânticas. As luzes do escritório estavam acesas; Pol discutia, tenso, com um general de semblante pétreo.

— Não ouse — dizia Pol — transformar o garoto em cobaia.

— Já tolerei muito — devolveu o militar. — Éris será menos cruel do que a Fundação. Os equipamentos piram perto dele. Sraknova não vai esperar muito para fatiá-lo se descobrir.

— Boatos já circulam, Pol. Esse peso não está nas minhas costas, está nas suas.

Palavras cortantes; Pol parecia disposto a socar o homem. Não me viram. Entendi o subtexto — isolamento voluntário ou dissecação institucional.

Na madrugada seguinte escrevi uma carta curta — “*Obrigado. Não escolha por mim.*” — e aceitei a proposta do general, contanto que meus quatro gatos viessem comigo. Ele chiou, mas eventualmente cedeu.

Ameaçar entregar-me espontaneamente à Fundação não era blefe, e ele percebera. A única exigência eram os gatos, nada mais. Ao longo dos anos, percebi que poderia ter demandado o que quisesse — O General estava **desesperado** para me tirar do planeta. Nunca entendi a razão do pânico interno. A finalidade não era minha proteção, afinal, MDK era um homem utilitarista — se algum dia ficasse sentimental, com certeza seria o prenúncio de uma demência e declínio cognitivo.

Talvez tivesse receio de que eu fosse usado como moeda de troca em alguma nova corrida armamentista, talvez tentasse proteger Pol, da própria maneira deturpada. Ou pode ser que simplesmente não quisesse ter a possibilidade de perder capital político em virtude de uma variável imprevisível.

Quinze anos de travessia até Éris. Eu, os felinos e o mantra dos recicladore de ar. No décimo mês descobri que silêncio absoluto dilata pensamento; no segundo ano aprendi a ouvir átomos discutindo afinidades; no quinto, passei a puxar papo com constantes físicas até fazê-las oscilar ligeiramente, como metal sob calor. Nomeei essa ginástica de “conversar com números”. Ficou entre mim e o vazio.

Aprendi a guiá-los em meditação, a perguntar e receber respostas. Descobri que silêncio prolongado pode dobrar constantes tão facilmente quanto o calor dobra metal.

Cheguei à estação com barba de eremita e olhos treinados para ver padrões no escuro.

O oficial de recepção — um ancião que apenas atendia pelo nome **PHY**, residia sozinho, feito estrela longe do centro galáctico, longa barba branca flutuava na ausência de gravidade — estendeu-me a mão e não falou banalidade alguma; só perguntou se os gatos tinham nomes. Ganhei dele café ralo, manuais de emergência e um silêncio que não exigia explicação. Primeiro humano genuíno desde Pol.

Pol não mandou mensagem, e talvez isso tenha sido respeito, não abandono. Ainda assim, a ferida cicatrizou com pele fina demais: qualquer lampejo de memória faz sangrar.

A rotina tornou-se, *paradoxalmente*, suave: experimentos, meditação, joguinhos de trocadilhos matemáticos com **PHY** durante jantares flutuantes.

— *Higiene da entropia é a premissa mais importante, San-Lehan* — ele dizia.

Nunca entendi o significado dessas palavras. Talvez só estivesse perdendo a cabeça após tanto tempo isolado no vazio.

E agora — *órbitas vacilando, anomalias do tamanho de continentes, rumores de Sraknova* — o universo decide jogar a carta de Pol de volta à mesa. Se ele está envolvido, preciso achar a equação que nos liga antes que ela estoure. Se não está, preciso impedir que afunde junto comigo.

A sensação é a mesma de olhar para um antigo diagrama e perceber, tarde demais, que aquela pequena anotação marginal era a chave de todo o mecanismo.

Talvez minha fuga para Éris não tenha sido simples autopreservação; talvez tenha sido a primeira peça de um jogo que acaba de alcançar o movimento inevitável.

E — *pela primeira vez em anos* — sinto que a solução não caberá nos símbolos. Vou ter de falar com gente. Talvez até com Pol. Talvez o universo ainda precise que terminemos aquela conversa interrompida no auditório.

Senti Remi se aninhar rente ao meu tornozelo, como contrapeso do pânico. E começo a escrever a fórmula que vai me levar de volta — ainda que o custo seja rasgar de novo o tecido que passei a vida costurando. Porque, no fundo, sei que não foi a lógica que me trouxe até aqui. Foi a saudade. Mesmo depois de perder tudo que me importava mais uma vez, eu descobriria tarde demais, que a saudade também é número: infinito menos um.

14.3 SAN-LEHAN — PALÁCIO

Eu estava deitado, imerso na quietude da meditação, quando o universo decidiu me engolir.

Remi, num salto felino que deveria terminar em meu colo, tornou-se catalisador. Senti-me sugado, não por um, mas por múltiplos túneis que se retorciam em geometrias impossíveis, uma vertigem que despojou meu corpo, minha essência, num piscar de olhos. Morte total do ego.

O que restou? Uma entidade etérea, um novelo de lã incandescente, fiapos multidimensionais vibrando com o eco de matrizes numéricas que se reescreviam sozinhas.

Por um instante fugaz, uma ilusão de controle me percorreu – a sensação de que eu poderia reger a sinfonia dos números, ditar o fluxo das constantes universais. Mas uma voz grave, antiga como o próprio espaço, reverberou no âmago do meu ser: *cuidado*.

Um único movimento em falso, uma equação mal ponderada, e toda a frágil estrutura da realidade poderia colapsar em um nada absoluto. A sensação de poder se esvaiu, substituída por uma imobilidade tensa. As constantes eram imutáveis, zombando da minha arrogância recém-descoberta.

Então, outro puxão. Fui arrastado para um local *entre* os locais, um mirante para a própria criação. A terceira dimensão se desdobrava abaixo de mim como um panorama vasto, mas a perspectiva era nova, perturbadora. Eu via não apenas as superfícies, mas o interior de tudo, simultaneamente.

O sistema solar era um relógio cósmico transparente, seus planetas anões revelando núcleos em febril expansão. E a Terra... ah, a Terra. Nesse novo eixo de percepção, linhas tênues, como filamentos de alma, conectavam toda a humanidade numa teia invisível.

Olhei para "cima" – se é que tal conceito se aplicava – e vi meu próprio novelo, meu núcleo, como eu passaria a chamá-lo. Uma linha de cor distinta, uma assinatura única, emanava dele.

Eu estava desconectado daquela vasta rede humana, mas estranhamente, meu interior vibrava em ressonância com outras oito linhas, outros oito núcleos distantes. Não sabia como, nem porquê. Ali estava ele, o Inconsciente Coletivo, não uma teoria, mas sim uma paisagem pulsante.

Meu núcleo foi então puxado novamente, não para um ponto fixo, mas *através* de uma dobra na própria tapeçaria da percepção. Onde antes piscavam os pontos distantes de Éris, Haumea e Sedna, agora surgiam imensos nós luminosos, em geometrias alienígenas que agrediam meu novo olhar dimensional.

Não são planetas aqui — a realização me atingiu com a força de uma colisão silenciosa, um impacto de pura informação.

São... âncoras, vértices de algo... inconcebível. — Estendi um filamento trêmulo do meu novelo, tentando "tocar" a teia de luz que os unia. Uma vibração gélida e ancestral ressoou através da minha essência, carregada de uma sabedoria que eu mal podia começar a decifrar.

Continuidade dimensional... pura conexão — murmurei em pensamento, o conceito se formando com uma dificuldade dolorosa, como um osso quebrado em realinhamento.

Minha percepção deslizou — ou foi *deslizada* — ao longo de um eixo que desafiava a lógica, uma direção que minha mente tridimensional se recusava a aceitar.

O universo familiar se desfez como fumaça, revelando a familiar, ainda que distante, simetria da ordem subjacente, que era, simultaneamente, uma beleza estonteante e um terror absoluto.

Cada planeta... uma fachada — compreendi, o equivalente a um arrepiado percorrendo meu núcleo — *janelas para... uma cidadela? Um palácio de realidades entrelaçadas?*

Não era uma máquina fria, nem um ser vivo no sentido que eu conhecia. Era um estado intermediário, uma infraestrutura mental, talvez — viva em sua complexidade, mas não consciente da forma que reconhecemos o conceito.

Complexa demais para classificações, mas organizada demais para ser meramente natural. Parte dos meus próprios fios pareciam estranhamente entrelaçados aos pilares translúcidos da impossibilidade estrutural.

O espaço entre os planetóides, antes um vazio familiar, revelou-se um véu fino sobre corredores que se estendiam em ângulos impossíveis, pilares que sustentavam nada e tudo, câmaras multidimensionais em um trânsito lento e majestoso onde a estrutura inteira dobrava sobre si mesma, preparando-se para emergir, ou talvez, para recordar algo há muito esquecido.

Uma cidadela, sim. Ou um palácio. As palavras humanas pareciam brinquedos inadequados para descrever aquilo.

Eram corredores entre os planetoides? A pergunta ecoava em meu núcleo. Eram mais que isso. Não eram apenas Éris, Haumea e Sedna. Dezenas de outros corpos celestes, invisíveis da minha antiga perspectiva, orbitavam essa estrutura colossal, cada um uma nota da sinfonia dimensional.

A analogia que um dia eu tentaria, desajeitadamente, explicar a Faced — a de um ser bidimensional tentando compreender um cubo — pareceu-me subitamente pueril.

A interação dessa estrutura colossal, ao se mover através da nossa fatia da realidade, teria esbarrado em mim e em Remi. Talvez tivesse se "estacionado" através de nós, rompendo a delicada membrana que nos ligava ao Inconsciente Coletivo da humanidade,

e nos conectando a esta nova, estranha rede. Uma fiação cósmica reconfigurada por um acidente de proporções inimagináveis? Uma coincidência de probabilidade zero?

O que nos atingiu não foi magia, percebi com uma clareza fria ao conversar com os números. O Palácio, a cidadela de dimensões, carregava cavidades de vácuo onde fóttons dançavam em fase perfeita.

Quando a Estação Éris, minha prisão e meu lar, entrou no raio de ressonância daquela frequência perturbadora de 32,3 Hz, os microtúbulos⁶⁴ em nossos cérebros – meus e de Remi – devem ter se comportado como antenas quânticas, sintonizando uma transmissão que não deveríamos receber.

Biophotons⁶⁵, os mensageiros luminosos da mente, saltaram de neurônio em neurônio, copiando estados de spin com uma eficiência energética que faria qualquer engenheiro chorar de inveja – algo como 10^{-16} Joules por sinapse, um sussurro energético que conectou a consciência conhecida, com outro lado, uma espécie de continuidade da estrutura do cérebro humano, porém representado em uma dimensão superior.

O resultado? Nossos modelos internos de realidade, como previa a temida teoria de Friston⁶⁶, fundiram-se para minimizar a energia livre, para encontrar um novo equilíbrio naquele campo de força desconhecido. Mas o pulso, a onda de choque dimensional, subiu onze desvios-padrão acima do tolerável.

A malha mental, a teia que nos definia, não aguentou. Partiu-se. ICP-α, o grande oceano da consciência humana, ficou para trás. E nós fomos jogados em ICP-β, uma nova rede, menor, mais íntima, composta por oito novelos de lã luminosos.

Um desses novelos, uma presença quente e familiar pulsando em verde-menta, era Remi. Outro, uma explosão de rosa e ultravioleta, vibrava com uma curiosidade quase palpável. Eu sentia os outros, ecos distantes, cada um uma nota única nesta nova e assustadora sinfonia.

⁶⁴ **Microtúbulos** = estruturas cilíndricas presentes no interior das células, essenciais para sustentação e transporte intracelular. Em algumas teorias controversas da neurociência quântica, são postulados como possíveis responsáveis pela codificação da consciência, atuando como antenas quânticas ou sistemas de coerência em escala subcelular.

⁶⁵ **Biophotons** = fóttons de baixa intensidade emitidos espontaneamente por sistemas biológicos vivos. Acredita-se que estejam relacionados a processos celulares como oxidação, comunicação intracelular e atividade neural. Ainda são objeto de pesquisa e especulação, especialmente em contextos envolvendo consciência, energia sutil e bioeletromagnetismo.

⁶⁶ **Teoria de Friston** = proposta segundo a qual o cérebro reorganiza sua percepção da realidade para reduzir caos e incerteza, fundindo sensação e expectativa. Em campos extremos, esse mecanismo pode colapsar, levando à dissolução do "eu".

Este novelo de lá cósmica, esta nova consciência coletiva, tinha se ancorado em nós, pegando carona nos sistemas da estação, viajando pelas ondas de rádio, pelos feixes de luz, até a Terra.

Lá, como um micélio inteligente, seguiu o caminho de menor resistência, espalhando seus átrios pelos sistemas eletrônicos, pelas linhas invisíveis que conectavam a humanidade. Uma reconstrução silenciosa e magnânima, realizada na fração de um instante.

Se essa dança pudesse ser vista, seria a obra de arte suprema, um balé de criação e destruição em escala universal. Um fluxo tão simples quanto o gotejar da garoa, formando algo de uma complexidade que transcendia nossa capacidade de conceitualização.

E no momento em que esse novo sistema se sobrecarregou, rompeu-se dos filamentos antigos e teceu a si mesmo em nossa estrutura, fluindo através dos vínculos mais fortes que encontrou.

Nós, os oito, éramos os primeiros nós dessa nova tapeçaria. Visto da terceira dimensão, seria apenas... um entrelaçamento quântico. Uma curiosidade de laboratório.

Isso explicava tanta coisa. A dificuldade em manter a estabilidade das partículas entrelaçadas, a forma como a observação parecia quebrar os vínculos frágeis. A natureza não era frágil. Nós é que tentávamos segurar um oceano com uma peneira. Tentar equilibrar um "átomo quadridimensional" na superfície da nossa realidade tridimensional era como tentar equilibrar uma gota d'água na ponta de uma agulha em movimento.

Por um período indeterminado e inconcebível, explorei aquele ambiente, medi minhas capacidades, interagi com essa estrutura etérea. Aprendi a mover minha perspectiva livremente.

Algum momento, minhas visões, minhas percepções, começaram a vacilar, o núcleo do meu novelo tentando se reorientar, buscando um ponto de ancoragem no caos. Por um instante fugaz, a dor me rasgou.

Vi-me como um homem despencando de um prédio, o impacto esmagando meus ossos, o gosto metálico de sangue e poeira na boca, uma maldição amarga nos lábios. Em seguida, a imagem mudou — eu era uma jovem encolhida em posição fetal, tentando desesperadamente terminar uma prova impossível, cercada por vozes sussurrantes que zombavam: "Você falhou. Você sempre falha."

Sentia feridas de guerra há muito cicatrizadas, pulsando.

Estávamos conectados. E a vastidão dessa conexão, a sua natureza invasiva e crua, me aterrorizava. Eu não fazia ideia de como impedir que essa teia de almas nos destruísse.

Com um esforço que pareceu drenar a própria luz do meu núcleo, encontrei o caminho de volta. A sensação de queda, a pressão dos túneis dimensionais, tudo se dissipou. Remi estava ali, deitado em meu colo, seu pequeno corpo vibrando suavemente.

Abri os olhos, ofegante, o suor frio escorrendo pela minha testa na realidade da Estação Éris.

— Um sonho? — A pergunta escapou dos meus lábios, a voz rouca.

Remi levantou a cabeça, seus olhos — um normal, o outro ainda com um brilho verde-menta fantasmagórico — me encarando com uma inteligência antiga.

— Remi? O que... o que está acontecendo?

Miau.

Um simples miado. Mas nele, eu ouvi o eco de galáxias distantes e a promessa de um universo reescrito. Tentei esboçar para mim mesmo, para a memória, o que havia presenciado. Mas como desenhar o indescritível? Como mapear o que não tem mapa? O Palácio havia entrado no sistema solar. E com ele, o colapso.

PARTE ΔΞΦΟ — FUNDAÇÃO

ΔΞΦΟ.Σ EQUIPE CIENTÍFICA λ — ESTAÇÃO ORBITAL

SRAKNOVA

— Resultados?

A sala era fria, esterilizada ao ponto de que até o ar parecia morto. Luzes fluorescentes tremeluzindo levemente sobre os monitores, um zumbido baixo preenchia o silêncio entre as falas dos técnicos, que sequer se olhavam diretamente.

— Nominais. Fluxo de ondas Beta⁶⁷ estáveis nos objetos de teste A até F. Anormais no objeto G e nulas no H.

— Algum efeito colateral?

— Negativo. Tudo em ordem até o momento.

Em seguida, o eco estridente de um alerta preencheu o ar.

— Objeto H entrou em convulsão. Acionem equipe médica, isolamento total. Neutralizem e levem direto para extração cerebral. Vivo. — A fala e tom de voz eram naturais. Protocolares. O alerta, só mais uma ocorrência corriqueira.

A equipe médica rapidamente passou, empurrando o leito isolado. Sobre ele, uma criança pequena se debatia, olhos virados, espuma escorria pelo canto da boca. Pequenos sons engasgados escapavam pela barreira plástica.

— Como os objetos recém nascidos estão reagindo? — perguntou mecanicamente o pesquisador chefe.

— Sem incidentes.

— Coloque um objeto recém nascido para substituir o objeto que acabamos de descartar. Quero ver como reagem com os exames mais incisivos. Envie um recado para a equipe de procriação e mande descartar os genitores do objeto defeituoso. Não queremos uma linhagem quebrada.

— Eles parecem estar desleixados nas seleções dos procriadores. Agora mesmo um objeto berra em prantos e ataca quem quer que tente coletar o exemplar de recém nascido.

⁶⁷ **Ondas cerebrais Beta** (13-30 Hz) estão associadas a estados de alerta, atenção e atividade mental ativa em humanos. No contexto do experimento, monitoram-se padrões cerebrais dos objetos de teste em busca de respostas a estímulos.

Hora de colocar o departamento em ordem.

— Mande o líder do setor para reabilitação técnica. Parece que alguns esqueceram o que acontece com linhas defeituosas. Após pegar o exemplar das mãos da progenitora, neutralize-o na frente dela e mande-a para Cathy. Estamos devendo um favor.

— Ela vai xingar se mandarmos um objeto já quebrado.

— Tem razão... Ao invés de abater, somente agite os receptores de dor do objeto recém-nascido em frente do progenitor. Deixe em aberto se ficou vivo ou não.

O cientista arrastava os passos até a sala de Cathy. Puxou a gola da camisa social, deixando o calor escapar. Nunca tinha interagido ou sequer visto a figura, apenas ouvira histórias que lhe davam a certeza de que deveria ficar o mais longe possível, pelo bem da própria pele.

Porém ele perdeu no palito. Um dos colegas de laboratório lhe advertiu, antes de sair: "Entre com cautela. Semana passada ela arremessou um bisturi na direção de um sujeito que lhe deu uma notícia ruim. Quase cegou o coitado."

De frente à porta da sala de Cathy, engoliu seco ao imaginar a cena. Levantou o punho para bater, mas hesitou. Fechou os olhos e respirou fundo mais algumas vezes, juntando coragem.

Quando abriu os olhos, ficou sem reação ao ver, a centímetros do seu rosto, uma figura pálida, de pele quase cinzenta, olhos brancos revirados, boca pendente para o lado. Desceu o olhar, a coisa parava na altura do pescoço. Uma cabeça decepada, segurada pelo cabelo.

O cientista berrou e deu um passo para trás. Cathy encarava, soridente.

— Reação lenta. Quatrocentos millisegundos. Se fosse algum parasita psíquico você já estaria morto. — Cathy empurrou o ombro do sujeito e abriu caminho.

— Parasita... psíqu...?

— Pensa rápido! — A cabeça foi arremessada para cima. O cientista agarrou por reflexo. Cathy caminhava para longe em passos rápidos. Com o membro em mãos, tentou acompanhar o rastro de fumaça que rapidamente se distanciava.

— Doutora Catherine?

— Precisa perguntar? Traz a cabeça. E não deixe cair! — comandou sem virar o olhar.

— A equipe Lambda me mandou.

— Não me importo. Você está demitido da equipe Lambda. Parabéns, agora você é parte da equipe Cathy. Vai substituir esse que está segurando. Nome?

— Gerr... — começou a dizer após encarar o objeto repousado em seus braços, questionando se ela estava falando sério.

— Demorou demais. Não importa. Vou te chamar de Dois.

— Meus sensores detectaram um Objeto largado de graça no vácuo espacial. Eu quero ele. Se eu der sorte posso reutilizar alguma informação restante. Acho que pode ser bem importante.

Dois não respondeu. Apenas continuou seguindo, com olhar arregalado.

— Já pilotou uma nave? — perguntou Cathy.

— Não...

— Bom, tem uma primeira vez pra tudo. Você vai pegar o Objeto. Deve estar em alguma órbita em volta de Éris. E vá quietinho. Se for detectado, vou ter que acionar a sequência de auto-destruição.

Ela não parecia estar brincando. O sangue de Dois gelou. Éris ficava anos de distância.

— O que eu faço com a cabeça?

Cathy parou e o encarou.

— Leva contigo. Vai precisar de companhia.

dezCO.J EQUIPE CIENTÍFICA Ω — ESTAÇÃO ORBITAL SRAKNOVA

Relatório do teste 421 de Consciência Fragmentada.

Objeto do teste — Homem, caucasiano, saudável, 35 anos, criação familiar instável.

Procedimento — Submissão ao sensor neural sob frequência de 32.3hz, direcionada nos neurônios LL-22, LI-23, RI-22, RI-23, hemisfério cerebral esquerdo. Remoção cirúrgica de todos os neurônios de classe JJ.

Resultado — Indução de oito personalidades distintas. Análise por entrevista deixou aparente um Militar, uma

criança, mulher empresária, atleta profissional, curiosamente, um trio de palhaços de circo que se manifestavam em conjunto, e um tamanduá bandeira humanóide com capacidades cognitivas normais.

Habilidades aparentes — Todos os fragmentos apresentaram facilidade em alcançar e aprender habilidades chave das respectivas atividades, exceto o tamanduá bandeira, que apenas solicitava formigas para se alimentar.

Anomalia inexplicável no surgimento do núcleo animal.

Hipótese inicial: erro de programação cognitiva.

Hipótese alternativa: contaminação externa não-identificada.

Sucesso ao selecionarativamente o núcleo específico através de impulsos. **Potencial para uso militar futuro.**

Durante o teste de domínio interno, diálogos capturados revelaram **níveis de conflito acentuados**:

Militar: — Parem imediatamente com as brincadeiras, senão eu vou atirar!

Trio de palhaços (em harmonia desconcertante): — Bang! Bang! Bang! A festa acabou, general! Nós somos a festa agora!

Empresária (tom gélido): — Não posso perder tempo com palhaços. Matem-se logo e resolvam isso.

Criança (sussurrando): — Não me machuquem... Vocês prometeram brincar comigo...

Tamanduá: — Formigas...?

Ao fim da sessão, o trio de palhaços, demonstrando frieza psicótica e extrema inteligência adaptativa, conseguiu eliminar mentalmente as demais personalidades, exceto o tamanduá, que permaneceu passivo e indiferente ao confronto.

Curiosamente, após o domínio do trio, comportamentos físicos perturbadores emergiram: risadas contínuas,

expressões faciais grotescamente exageradas e movimentos corporais espasmódicos.

Ao iniciar o descarte, o objeto se mostrou inesperadamente consciente e agressivo, causando baixas na equipe médica com uso improvisado de instrumentos cirúrgicos. Contido com extrema dificuldade.

Tamanduá, ainda passivo, só reagiu ao ser removido fisicamente, ao que emitiu vocalizações guturais nunca antes registradas em humanos.

Conclusão: Objeto será **mantido vivo**, isolado e sob vigilância máxima **para estudo aprofundado**. Possibilidade de interferência externa considerada. **Potencial militar revisado para alto risco e alta recompensa.**

PARTE 14 (2)

14.4 SAN-LEHAN — ESTAÇÃO ORBITAL ERIS

Faced entrou na cabine de San à sua procura. O quarto estava vazio, exceto por Remi. O pequeno gato estava encolhido no centro do quarto, o pelo eriçado, rosnando baixo. Mas não rosnavia para a porta, ou para a escuridão. Rosnava para um ponto vazio no canto do teto.

Faced acompanhou o olhar do felino. Não havia nada ali. Apenas a junção de duas placas de metal cinza. Mas Remi tremia, um tremor de puro pavor, como se encarasse um predador invisível.

O ar naquele canto pareceu subitamente mais frio. Faced sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, o mesmo instinto primitivo do gato gritando em seu cérebro. Ele não via nada, mas sentia uma presença. Uma atenção fria e calculista.

Naquele momento, San surgiu na cabine, atrás de Faced.

— Me procurando?

Com a chegada de San, Remi parou de rosnar instantaneamente. Ele se sacudiu e flutuou para o ombro do dono, ronronando como se nada tivesse acontecido. O frio no canto da sala se dissipou.

Faced apenas encarou San, que acariciava o gato distraidamente. A presença foi embora quando San chegou. Ou a presença era San?

— Hm. Sim... San... — Respondeu com o corpo tenso. — Concluímos a análise de Sedna e Haumea. As trajetórias são claras: os três planetoides convergem para um único ponto — e estão acelerando.

Faced passou os dados para o visor, mas San não olhava. O silêncio do laboratório amplificava os alarmes sutis que já se tornaram parte do fundo sonoro da estação.

— A colisão ainda vai levar anos — continuou Faced, impassível — mas as consequências vêm antes disso. Primeiro, as estações vão perder toda e qualquer função. Em seguida, os detritos provavelmente vão atingir o sistema solar interno. Por fim... as luas — as malditas luas

— Elas vão ser lançadas em rotas caóticas e imprevisíveis num sorteio gravitacional de destruição.

— Temos que abandonar a estação, San.

San não respondeu de imediato. Encarava o vazio. Era como se tentasse fixar o olhar em algo que não existia mais.

— Voltar... para Terra? — murmurou, como se testasse o gosto da ideia na boca.

— Sim. Serão anos em trânsito, mas podemos hibernar. É viável.

San permaneceu imóvel. A voz saiu baixa, quase um sussurro.

— Não vou, Faced.

— Como assim? Ficar aqui é suicídio.

— Remi...

O nome do gato caiu como uma sentença. San olhou para a pequena criatura no seu ombro. Os olhos dele brilhavam — mais pela emoção contida do que por luz ambiente.

— O corpo dele não suporta nenhum tipo de aceleração. Ele não sobrevive fora de 0G.

Faced arregalou os olhos, incrédulo: — Você tá me dizendo que vai morrer aqui por causa de um gato?

— Não tenho nada esperando por mim naquele planeta. Eu sou uma anomalia, e você sabe disso. Também sei muito bem que você foi enviado aqui para me monitorar.

As palavras cortaram o ar com um peso agriadoce — parte decepção, parte alívio.

Faced apertou os punhos.

— E eu podia ter recusado, mas não o fiz. Tô aqui, flutuando ao lado de um lunático e de um gato quântico, numa estação que mais parece uma bomba-relógio.

Fez uma pausa, respirou fundo, como se tentasse se convencer do próprio papel na história.

— Vou voltar para quê? Seguir ordens de um MDK bicentenário que se recusa a morrer? Porque aquele infeliz vai durar mais que o próprio Sol.

San virou-se, finalmente encarando-o. Seus olhos diziam mais do que qualquer monólogo. Remi também o fitava, imóvel. Os dois, sincronizados. Uma dupla improvável, mas coerente.

— Fica — disse San, em tom de súplica. — A gente pode, pelo menos, tentar entender essa anomalia. Talvez até controlar. Você tem a engenharia. Eu tenho a matemática e a ciência.

Faced desviou o olhar. A voz de San não implorava. Ela acreditava. Isso era o mais perigoso.

— Se conseguíssemos contato com a base, poderíamos bolar algo. Mas nossos recursos são uma piada — disse Faced.

— Então a gente inventa algo com ajuda de Sedna e Haumea! Por favor, Faced. Não vá.

Miau.

Remi interrompeu a tensão com um miado quase performático. Por um instante, o clima cedeu ao absurdo. Eles riram. Riram com os olhos marejados, nervosos, rindo para não quebrar.

— Eu estava hesitante em te contar isso antes... Você ia achar que eu surtei de vez — admitiu San, evitando encarar Faced diretamente.

— Já achei, vai fundo — respondeu Faced.

— Lembra quando eu falei que tinha chegado a algumas conclusões sobre a anomalia? Faced assentiu. Estava sério agora, mão no queixo, postura defensiva.

— O que causou tudo isso foi uma estrutura quadri-dimensional.

O silêncio alagou o ambiente. San o deixou preencher o espaço, permitia o absurdo se assentar. Então desatou a falar.

Sobre o Palácio.

Sobre o inconsciente coletivo.

Sobre eixos.

Conexões.

Rotações.

Palavras atropeladas umas nas outras.

Um jorro de ideias que vinham direto de um cérebro inquieto que não dormia há dias, fragmentado em conflito interno.

Conflito Existencial. Humano. Quântico.

Uma verborragia que liberava tudo que San mantinha trancado nos calabouços mais escuros e profundos de sua alma.

— SAN! — gritou Faced. — Eu entendi! Quer dizer... não entendi porra nenhuma, mas pode parar. Explicar mais não vai mudar isso.

San o encarou com firmeza: — Preciso que você descubra como mapear a quarta dimensão.

Faced riu. Gargalhou alto, quase histérico: — San-Lehan, você é um louco de pedra. E talvez eu também seja, considerando que estou cogitando dizer “sim” a essa psicose. Mas foda-se. Eu fico. Vamos, eu, você e esse gato quântico, construir um mapa da quarta dimensão. Sem equipamento, sem teoria, sem porra nenhuma. Vamos virar lenda.

Miau.

Ambos se viraram para a direção do miado. Remi estava no painel central de comunicações, encarando os donos com olhar de expectativa.

O gato tornou o olhar de volta para o painel e andou de um lado para o outro.

As botas magnéticas de Remi não tinham um campo forte o suficiente para causar interferência no equipamento, mas qualquer semblante de normalidade já havia sido jogado fora há muito tempo.

Remi achou uma posição que lhe agradava e deitou pairando sobre o painel. Por um acaso, foi aberto um canal de comunicação com Haumea e Sedna.

— Maravilha. Agora o gato virou coordenador de operações. Tá ótimo isso. A sanidade foi oficialmente despressurizada. Virei um psicótico como os loucos de Sedna.

— Haumea falando. Tudo certo, Eris, Sedna?

— Sedna Online.

Faced foi até o painel: — Acredito que todos já tenham visto o resultado das análises orbitais.

— Eris, o que vocês vão fazer? — A voz do outro lado era distante, interferência da heliosfera sempre criava padrões que escureciam o vídeo e abafavam o áudio da isolada estação. Foi assim que surgiu a piada interna sobre os tripulantes de Sedna.

— Vamos estudar, avaliar e agir. Quando finalmente acontece qualquer coisa aqui no meio do nada, não podemos simplesmente abandonar o navio.

— Vocês são estúpidos — respondeu o vulto escurecido, em meio aos chiados de estática. — Mas também somos. A terra que conhecíamos já deixou de ser a mesma há muito tempo.

San considerou como deveria ser triste e solitária a vida da equipe de Sedna. Cem anos de trajeto, para o ponto mais isolado do sistema solar, e para quê? Encarar uma bola de gelo sob pretexto de missão científica.

— Obrigado. Nós ainda não conseguimos retomar a comunicação com a base, mas recebemos transmissões. Na Terra tudo parece dentro da normalidade.

Sentiu um pingo de admiração pela outra equipe. Todos os três planetóides estavam, de uma forma ou outra, conectados entre si. Seja pelas pontes e passarelas do Palácio, ou pelo fato de serem proscritos, indesejados pela humanidade.

Querendo ou não, todos os seis, eram como irmãos distantes.

Haumea se manifestou: — Isso é loucura. Precisamos evacuar.

As equipes nunca usavam o nome dos integrantes das estações ao se comunicar. Não era protocolo. Algo pelas linhas de “não personificar a pessoa do outro lado”, vulgo, não se apegar.

— Olha, Faced. Essa colisão já vai ser absurda. Se a aceleração for exponencial, talvez nem tenhamos tempo para fugir do raio de destruição do impacto — continuou Haumea.

— Se realmente tiver um impacto. Talvez tenhamos um jeito de impedir — respondeu Faced.

— Não vamos brincar com especulações. Já decidimos. Vamos pular fora assim que finalizarmos essa chamada.

— Foi um prazer trabalhar com os senhores. Eris, Sedna. Vocês são a coisa mais próxima de uma família que tivemos em décadas. Espero que essa loucura dê certo.

Sedna ficou em silêncio. Quem respondeu foi Éris: — Podem ficar tranquilos. Quando acabarmos aqui, vamos nos encontrar de volta na Terra e finalmente vamos conhecer pessoalmente. Quem sabe terminar aquela partida que nunca conseguimos? — respondeu Faced.

— Estaremos esperando! Godspeed, Eris, Sedna.

— Godspeed⁶⁸, Haumea. Retornem em paz!

Ao longo dos próximos dias, San tentava explicar o palácio para Faced.

— Se Remi consegue me fazer ver esse ambiente, talvez eu também consiga acessar, através de intensa meditação. Sinto que existe uma chance conversar com as equações superliminares.

Faced fez uma expressão confusa, mas deu de ombros. San-Lehan é San-Lehan, afinal. Ele desconhecia as capacidades e anomalias matemáticas do colega.

⁶⁸ Expressão tradicional de despedida entre astronautas e engenheiros de voo, popularizada em missões espaciais desde o Mercury Seven (NASA, 1959), carregando tom de fé e resignação.

— Preciso encontrar uma maneira de me localizar na quarta dimensão, fazer um mapa de posicionamento do Palácio para evitar perder a localização e investigar mais a fundo — disse San.

— E se errar? — perguntou Faced, cético.

— Então a gente some. Mas se acertar...

San sorriu: — A gente reescreve a geometria do universo.

O momento de uma glória imaginária foi substituído por susto, ao surgir nos painéis, uma notificação em caixa alta.

[COMUNICADO URGENTE PARA ESTAÇÕES ERIS E SEDNA]

DETECTADA CHUVA DE METEORITOS NAS VISCINIDADES DE HAUMEA
SENSORES DE BORDO RELATARAM IMPACTO NOS SISTEMAS
HIDRÁULICOS, CAUSANDO DESPRESSURIZAÇÃO EXPLOSIVA. UM
MEMORIAL SERÁ REALIZADO PARA OS HERÓIS DESBRAVADORES DE
FRONTEIRAS, QUE REPRESENTAVAM A EQUIPE HAUMEA.

RIP.

Ficaram em silêncio ao ler o comunicado, mas algo na mensagem deixou Faced com uma pulga atrás da orelha. Despressurizações Explosivas... Não parecia certo.

14.5 SAN-LEHAN — PALÁCIO

— Remi, venha cá — San pediu para o gato.

Remi grunhiu, rodopiou no lugar, fazendo charme. Deixou San esperar alguns instantes antes de obedecer ao comando.

As botas magnéticas soltaram um estalo, desativando o imã e permitindo que saltasse de um canto ao outro na ausência de gravidade.

Deslizou pelo ar até San e repousou em seu colo.

— Remi, consegue se concentrar comigo? É muito importante. A gente vai meditar.

Remi encarou de volta. Ele não entendia o que San dizia, era só um gato. Embora muito inteligente, capaz de compreender incontáveis frases, comandos e pedidos, estava longe de racionalizar falas completas.

Porém gostava de ouvir a voz do dono, e tinha aprendido que San ficava feliz quando encarado com um olhar específico durante suas falas. Era o delírio de isolamento social prolongado achar que o gato de fato entendia-o.

De todo modo, conseguia sentir o ritmo de respiração e batimentos cardíacos de San. Tinha alguma compreensão do que seu humano estava sentindo e o estado emocional de modo geral. Sabia que o humano queria que ficasse por perto, então se acomodou no colo, e adormeceu, ronronando.

As vibrações do ronronar ressoavam.

San se concentrava, de olhos fechados, tentando sincronizar sua respiração com o ritmo do gato. Pensou em tudo que havia sentido até agora.

Focou nas conexões, nas sensações inexplicáveis.

Direcionando o foco para sua mão. Visualizou a alucinação do dedo decepado. Deixou a dor percorrer seu corpo. Era seu dedo, sua mão.

Conseguia sentir *alguma coisa*. Cores dançavam freneticamente pela sua visão. Porém, como se olhasse por uma fechadura, maior parte da visão periférica era escura, mas pelo menos conseguia seguir as linhas e traçados do novelo de lã figurativo.

Tô perdendo. — pensou para si, conforme esse fio específico ficava mais distante.

Não conseguia mais ver a mão, mas estava novamente naquele espaço amplo, com acesso e visão sobre tudo. Conseguia enxergar os fios.

Não era San. Era Remi.

Não era Remi. Era San

Objetos flutuando. Simbolismo? Manifestação corpórea de algo incompreensível?

O palácio pulsava ao fundo.

Ao redor.

Através.

As pontes retorciam de maneiras diferentes do que San tinha visto antes. Pareciam atrofiadas.

— Estão sentindo dor?

Como se a estrutura ficasse espantada por sua fala, algo mudou na pulsação do palácio.

De certo modo, ele era a estrutura. E não era ao mesmo tempo.

— Estou sentindo dor?

As cores mudaram. Era alguma espécie de resposta. Estava tentando comunicar-se consigo mesma. Com San. Com Remi.

A percepção de San virou para um ponto específico, mais luminoso que o restante.

Via a terra. Através dela, alguns dos átrios do Palácio envolviam e atravessavam o planeta.

— Aquilo está causando dor? — perguntou San, tornando sua percepção mais próxima do ponto.

É uma ferida aberta. Muito pequena em comparação ao tamanho. Mas no outro eixo, atravessa completamente a estrutura. Um furo de bala multidimensional.

A origem era um enorme colisor de partículas. Maior do que qualquer um que San tivesse conhecimento.

Cada colisão aprofundava a fenda através do Palácio. A percepção ficava mais intensa e envolvia os átrios próximos.

A estrutura, retorcia em infinitas formas indescritíveis, em agonia.

Mais um pulso.

E outro.

A cabeça de San latejava em consonância com o Palácio, o ronronar ecoava numa melodia simultânea. Remi estava ajudando. Talvez sem saber.

Os fios do novelo de San e suas sete outras pontas ficavam mais espessos **a cada tragada**.

As linhas que o conectavam eram infinitamente menores que as que conectavam a humanidade. Uma agulha num palheiro multidimensional.

Mas ainda assim, ao virar sua percepção no eixo correto, via as linhas da humanidade retraindo, encolhendo. Lentamente.

Cheiro de queimado.

Algo escorria.

Sangue descia o nariz de San e do felino no seu colo.

Ambos persistiram e vibraram juntos, alterando a percepção para seguir a fumaça.

San estava numa correnteza, era puxado para fora.

Se segurou com força em um dos fios.

Num esforço monumental, impulsionava seu núcleo para o ponto de maior intensidade do novelo.

O ponto que mais doía naquele momento.

Dois dos fios estavam se entrelaçando, quase fundindo-se em um único. San tecelou seu próprio, entre e através dos outros dois, para evitar que criassem um nó cego. Sentiu algo similar a fatiga muscular, os átrios queimavam. Esses movimentos, embora suaves na aparência, exigiam um esforço monumental, muito superior à liberdade de navegação que ele aprendera em sua última incursão.

Colocou um cigarro na boca.

14.6 MIRA — SAN-LEHAN — PALÁCIO

Mira flutuava num espaço irreconhecível. Nunca vira nada do tipo, nem era capaz de imaginar ou visualizar tal ambiente. A última coisa de que se lembrava era o frio penetrando seus ossos e os sentimentos dos outros candidatos, quebrando em torturas psicológicas. Desconhecia, mas seu corpo e essência, agora jaziam fragmentados, separados por trauma.

Perdeu-se em admiração, acadêmica, científica, curiosa. Humana. Mira.

Ela sabia o que via, conseguia racionalizar cientificamente a estrutura. Era tudo matemática. Talvez ela fosse a pessoa que melhor conseguisse entender aquilo, depois de San.

Mas não era capaz de mover sua percepção. Estava dentro de uma fotografia fixa. Ficou irritada. Queria explorar, vivenciar, sentir.

Debateu-se, sua linha vibrava intensamente. A vibração mais intensa dentre as que compunham a pequena coletividade do seu novo novelo.

Quanto mais frustrada, maior era a tensão da sua linha. Ainda assim, não conseguia fazer nada. Queria explodir aquilo tudo.

No ápice da raiva, uma vibração acalmou seu âmago. Massageava sua fita com carinho materno. Sentiu-se abraçada, afagada.

Abriu um dos olhos. Nenhum que fosse da Mira tridimensional. Não ativou seu córtex visual. Isso fez com que a visão do palácio se dissipasse.

Estava num vácuo, sozinha, segurava uma ponta da carreira, que dividia-se em várias outras conexões. Todas apagadas ou, no máximo, pulsavam com um brilho mínimo.

Uma se acendeu. Não estava mais sozinha.

O que se materializou do núcleo foi uma espécie de novelo flutuante. Um emaranhado de fios compactados densamente, partes transitando entre eixos, desaparecendo e reaparecendo de vista.

Num instante os fios do novelo serpentearam em espirais, se roçando, se buscando, até que um centro magnético os sugou, forçando cada filamento a se enroscar sobre si mesmo.

À medida que giravam uns sobre os outros, o emaranhado ganhava corpo. Os fios circulavam com pressa, tateando o vazio, se comprimindo camada sobre camada — até a trama ficar quase sólida, pulsando como músculo trançado.

De repente, uma ordem invisível puxou as extremidades: cada fio deslizou, se alinhou, traçou curvas, recuou e se esticou. A massa, antes caótica, foi se erguendo, crescendo em volume.

Em segundos, a estrutura era mais do que um emaranhado, tinha costurado a si mesma na forma de um gato moldado pela tensão dos fios apertados. As pontas ainda vibravam em adaptação, até estabilizarem no formato físico de Remi.

Que gato mais bonitinho — pensou, ao observar a figura que flutuava consigo. Queria abraçá-lo mas não conseguia se mover.

Mira falou, em sua percepção, mas o que representava a fala da forma emaranhada era uma pulsação de cores, sabores e emissões de radiação, através das vibrações individuais. Ela ainda não tinha percebido o que era.

— Gatinho, gatinho. Psiu, psiu, psiu. Você é tão pequenino. Está perdido? Vem aqui. Como se ouvisse e entendesse, Remi teve uma linha puxada e entrelaçada com Mira. Ronronava, vibrando os fios, com o contato.

— O que você está fazendo aqui no meio do nada? — perguntou para Remi, que olhou para cima e respondeu com um miado melancólico.

Ele parecia sentir a agonia de Mira. E ela soube que ele sentiu.

— Não precisa ficar chateado por mim, gatinho. Tá tudo bem. Eu vou ficar bem. Você também. Não está mais sozinho aqui. Vou ficar com você.

Miau — Remi direcionou o olhar para a linha de Mira. Ela conseguiu virar a percepção para a transversal que visualizava sua conexão direta. Eram três pontas, núcleos muito próximos, entrelaçados numa dança quase que sensual.

Mira sentiu que um nó cego se formava. Intuitivamente, moveu seu núcleo para desembaraçar o emaranhado.

Ela tinha uma naturalidade na movimentação, como se tivesse nascido para isso.

A maneira com que percebia e controlava o novelo era microscópica. Sua habilidade nesse aspecto estava anos luz à frente da de San, que somente via a escala macro.

San se tornara especialista em mover a percepção, após um período incontável de treinos. Conseguia se mover pelo palácio livremente, mas perceber de perto o novelo era um sonho distante, uma miragem no máximo.

Mira observou as outras pontas. Percebeu que o núcleo físico tridimensional do gato estava muito, muito longe, embora não conseguisse visualizar onde exatamente.

Ficou reconfortada ao sentir que o núcleo do gato não estava sozinho. Era praticamente superposto com outro, num suave entrelaçamento.

Observou os outros núcleos.

Alizarina pulsante. — *Que lindo. Um núcleo camaleão. Transita do ácido para o básico conforme o meio. Mas ao mesmo tempo, que trágico. Nunca tem liberdade para assumir a própria essência.* — Pensou Mira — *E tanta dor. A pulsação não é natural, ela hesita, não sabe em qual pH está flutuando.*

Mira se sentiu pervertida. Isso era uma invasão de privacidade que transcendia o tempo-espaco. O equivalente a ver alguém nu, infinitas vezes. A nudez e exposição mais intensa que se pode ter.

— Posso ver o seu núcleo, gatinho?

Miau? — respondeu Remi, sem entender o que era perguntado. Mira tomou isso como positivo. Tentou olhar só o núcleo de Remi, sem invadir a privacidade do outro que pairava superposto com o dele.

Um **Pulso Liminal** — Mira desataria a chorar com a graciosidade do núcleo, se tivesse.

É o brilho do pelo de um gato visto no escuro, quando a luz da lua o toca só de viés.

Um verde-menta profundo, translúcido — mas orgânico.

Como se o silêncio tivesse cor.

Como se os olhos de Remi estivessem te lendo, e não o contrário.

Não é cor de planta nem de mar.

É cor de presença sutil — de quem já estava ali antes de você notar.

Frescor animal, com um fundo telepático.

— Você... é a essência mais graciosa que já testemunhei, gatinho.

Mira não percebeu, mas Remi puxava para perto, outra linha, distante.

— Qual é seu nome, gatinho?

Pruum — Remi esfregou a cabeça em Mira, carinhosamente.

— Remi — uma voz disse.

— Que nome lindo — respondeu Mira, ainda atordoada pela beleza.

Até que se tocou que **o gato tinha falado**.

— VOCÊ FALA??? — gritou exasperada.

O gato a encarou, confuso.

— Na verdade fui eu que falei. O nome dele é Remi — disse San, suavemente.

Mira berrou e flutuou para longe, desastrada da maneira que se movia em gravidade zero. Até recobrar seu controle posicional. O gato falar era mais lógico do que outra presença se comunicando.

— Sai! Pervertido! — Mira berrou, sentindo-se violada.

Seu núcleo estava exposto para qualquer um ver, da maneira que ela conseguia? Se tivesse mãos, ou algo para segurar, arremessaria rumo à presença que estava lá.

— Está tudo bem. Eu não consigo enxergar. Não da maneira que você parece conseguir — respondeu San, em uma serenidade sobrenatural, considerando que eram duas entidades formadas por fios emaranhados, num espaço etéreo.

— Como você sabe o que eu vejo então? — questionou Mira.

— Não sei. Eu só sinto que você vê, ou percebe algo. Já estou meio familiarizado com isso aqui — respondeu San.

— Quem... o que... é você? Estou morta? Sonhando? — Mira finalmente tentou racionalizar a insanidade do que presenciara na última eternidade temporal.

Ficou extremamente desorientada. San sentiu a confusão e gargalhou.

— Você só parou para pensar aonde estamos... Agora? — ele ria, como nunca riu na vida. A felicidade de alguém que não tem contato com qualquer outro humano, além de Faced, há eternidades.

— Meu nome é San-Lehan. Por sinal.

— Meu nome é Mira... O que... é isso tudo?

San parou um momento para refletir. Nunca tinha tentado racionalizar ou explicar para alguém *o que* exatamente era **aqui**. Faced cortava o assunto, confuso, toda vez que tentava.

— Aqui... é uma espécie de limbo extradimensional. Mas sinto que essa parte você já internalizou. Me surpreende que não esteja surtando, pra falar a verdade.

Ela não tinha parado para processar emocionalmente tudo aquilo. Sua personalidade continuava intacta, e lenta para processar informações, como sempre foi.

Mira era uma bola de fiapos. Um emaranhado de linhas multidimensionais — neurotransmissores —, que circundam um núcleo.

Então veio o surto. Percebeu que não respirava, não se movia, não enxergava no sentido estrito, não tinha corpo. Tentou correr, gritou em pânico. Ficou nisso por tempo suficiente para extravasar toda a sobrecarga emocional. Algumas eternidades em escalas temporais tradicionais.

San observou, pacientemente.

Eventualmente, Mira conseguiu vocalizar novamente.

— Okay. Eu morri e você é Deus. Única explicação possível.

— Boa tentativa, mas não. Sou só um funcionário da GOES, numa estação espacial em Éris — respondeu San.

— Então como, o quê, por quê? — Mira queria fazer todas as perguntas, simultaneamente.

— Vou te explicar tudo que sei.

San descreveu toda sua experiência com o palácio, suas teorias sobre a estrutura, as experiências sensoriais, suas ideias sobre as conexões.

— Nós somos... cérebros de Boltzmann⁶⁹? — perguntou Mira, pulsando em púrpura e fragrâncias doces — seus fios dançavam em volta do núcleo.

A reação fez San rir mais ainda. Era o equivalente a dar pulinhos de felicidade.

San processou a pergunta, considerando as implicações físicas e filosóficas.

— Hmm... Não tinha pensado nisso, Mira.

— Acho que depende. Se os núcleos existem sem precisar da forma física humana... talvez sejamos sim! Caso contrário, acho que não.

— Eu sou a primeira pessoa que você vê aqui? — perguntou Mira, após ouvir e internalizar todo o contexto.

⁶⁹ **Cérebros de Boltzmann** são uma especulação em cosmologia: entidades autoconscientes que emergiram espontaneamente de flutuações aleatórias no universo, sem história causal. O uso aqui é irônico — os personagens, arrancados de suas narrativas, questionam se são apenas flutuações transitórias numa tapeçaria maior.

— De alguma forma, sim. Agradeça ao Remi. Estamos em meditação profunda, tentando explorar isso melhor — San respondeu.

— Acho que ele me levou até você, ou te trouxe até aqui. Embora esse local específico seja invisível para mim. Acredito que estamos em alguma subseção do Palácio.

— E agora? — as palavras ecoaram até seu corpo tridimensional. Expressando-as verbalmente, para Cathy.

— As conexões ficam mais fortes durante grandes traumas, Mira. Talvez eu não consiga falar com você por muito tempo. Meu corpo e o de Remi parecem estar chegando no limite. Nem sei se vamos sair vivos daqui — respondeu San.

— Você parece estar intrinsecamente ligada a uma outra conexão. Acho que estão se incorporando uma a outra, da mesma forma que eu e Remi.

— Quem são essas outras pessoas? — perguntou Mira.

— Não faço ideia, Mira.

Uma dor intensificou brutalmente seu corpo e alma. Dor inimaginável. San gritou em agonia =  [].

— San? San?? Tá tudo bem?

— Acho... que não localidade... tem um peso enorme... sobre a nossa mente. — disse ofegante — Transmissão de informações.

O núcleo de San pulsava como um alarme de incêndio, as fiações que circundavam, eriçadas em todas as direções, chicoteavam o ar e a estrutura do palácio, envolvendo pilares e puxando-os — **DÓI**. Parece que estou sendo mutilado por todos os lados.

Remi, que pairava ao lado, simulando sua forma física, pulsou. A estrutura felina desfez gradualmente, para um novelo, piscando dentro e fora da existência. Conforme os novelos eram esticados e abusados, cada um foi arremessado para um lado do palácio. A comunicação de San, agora o equivalente a um sussurro enquanto se afastava de Mira, que por algum motivo, não era capaz de sair da pequena sala em que se encontrava.

— **Mira.** 



— Não vou.



— durar tempo

Berrou mais uma vez. Seus corpos físicos estavam em colapso. Remi convulsionou, ambos sangraram pelos olhos, ouvidos e nariz. Cérebros em derretimento por sobrecarga.

Remi piscava dentro e fora da existência.

Desabafa. ▲ Ajude. ○ Palácio.

Corte. Café. Logo.

Logo. Logo. Logo.

Logo. Logo. Logo.

Logo. Logo. Logo.

Logo. Logo. Logo.

Ambos desapareceram, deixando Mira sozinha no espaço etéreo.

Sai! Remi! — gritou. Para ninguém.

E não sei sair daqui...

PARTE 15 — GUARDIÃO

15.1 ORWELL — BASE DE PESQUISA GOES

SEIS DE JANEIRO — 18:00

Orwell pairava em algum lugar sem gravidade, mas nem teve tempo de brincar no sonho. Rapidamente um gato rosnava para ele e algum louco lhe dera um tapa.

Quando virou o rosto e abriu os olhos, foi sobrecarregado com o cheiro adocicado de anestésicos e gesso. Tentou mover a cabeça, mas não conseguia. Estava imobilizado, encarando um teto brilhante demais para seu gosto. Tateou os arredores com a mão livre, até encontrar um controle, que desceu sua perspectiva, conforme alterava a inclinação do leito hospitalar.

Viu as hastes de metal numa das pernas. Alguma marca cirúrgica no torso, sem movimento algum, completamente engessado. Tentou recobrar memórias. Hotel. Pol. Caindo. Tiros. Quadcopter.

Um sujeito em traje militar entrou sem bater na porta. Ele segurava a barriga, como se sentisse dor no local.

Aproximou-se do leito de Orwell e assumiu a postura ereta, embora ligeiramente curvado pela ferida.

— Nosso guerreiro vive firme e forte! Quase perdemos você lá atrás!

— Pode me chamar de General. Assumo que você seja... — Puxou um cartão de identidade da carteira de Orwell. — Pol Libberman. Não é mesmo?

Orwell estava prestes a responder, mas o General continuou.

— Ou seria Jaques? — Outra das identidades falsas em mãos. O tom de voz era dissidente. — Ou talvez Ellian?

— Então quer me explicar por que diabos você está fazendo falsidade ideológica dos meus subordinados desaparecidos?

MDK se aproximou e apoiou o braço contra a perna esmagada: — E rápido.

Orwell grunhiu de dor.

— Não sei de nada, meu filho. E tira essa porra de mão de cima de mim.

— Vamos começar a falar então. — MDK aliviou a pressão.

— Sua primeira reação ao resgatar alguém cujas intenções são desconhecidas é partir pra tortura? Não deve ter muitos amigos, né? — Eu sou só um repórter.

— Um repórter aparentemente foragido pelo assassinato de um Senador, documentos falsos, perseguido por uma instituição desconhecida, invadindo quartos de hotel e furtando documentos classificados. — Acusou o General. Cada crime listado era arremessado com mais rispidez que o anterior. Ainda assim, Orwell sentiu uma pontada de falsidade em seu tom.

— Você também parece ser ligado a Fundação Nova, de acordo com esse voxelcard. Quer me contar a respeito? — O General girava o dispositivo entre os dedos.

Puta merda, o voxelcard.

— Por que você foi tirar ele da carteira? Era pra bloquear sinais.

— Eu sei. Justamente por isso. Se querem te achar, que venham direto aqui. Essa carteira, inclusive, é uma peça de tecnologia roubada da GOES.

— Mas ainda quero entender o que você tem a ver com Sraknova, Pol, Jaques, Ellian? — questionou o General

— O que você tem a ver com eles? Eu só estava investigando os que passaram pela primeira fase.

Orwell queria gesticular, mas não tinha movimentos. Só girou o pulso para demonstrar impaciência.

MDK respirou fundo, retomou a compostura. Adrenalina ainda corria em suas veias pelo encontro recente. Continuava em modo combate. Pouco produtivo para diálogo e interrogação.

— Começamos com o pé direito. Peço desculpas por apertar sua ferida. Me exaltei quando vi as identidades de quem estou procurando.

O General parecia envergonhado pela atitude. Percebeu que tinha pulado o protocolo e seguido para as vias de fato, sem pensar duas vezes. Abaixou o olhar, puxando a ponta do bigode.

— Acho que temos muito o que conversar um com o outro. Claramente esbarramos os nossos mundos, num acaso da sorte, por acidente — prosseguiu MDK.

Orwell permaneceu em silêncio.

— Eu sou o General MDK, por sinal.

Orwell desistira de ficar irritado com a primeira interação. Afinal, o que poderia fazer? No máximo mostrar o dedo do meio, com o único membro móvel.

Resolveu só colaborar. Ao menos fora resgatado.

— Orwell. Prazer. Eu lhe cumprimentaria, mas... — Orwell abaixou o olhar sinalizando a parafernália médica. — Pode me explicar o que aconteceu pra eu ter vindo parar aqui?

— A última coisa que lembro foi fugir de dois perseguidores. Estava no quarto de Pol, procurando alguma coisa sobre o paradeiro dele.

— Então você pulou para escapar. Interessante. Eu cheguei bem no momento que você bateu no chão... e te atropelei. Peço desculpas pela perna — respondeu MDK.

— Isso é o de menos. Já olhou pra mim? — ironizou Orwell.

O General riu: — Acho que vamos nos dar bem.

— Quem estava te perseguindo? — perguntou MDK.

— Se eu disser que não faço a menor ideia, vai acreditar? Tinha certeza absoluta que ninguém me seguiu. Tudo que sei é que eram os supostos guarda-costas do Senador Alec Zhu, no dia em que foi assassinado. Mas noticiaram que ele saiu sem a escolta.

— O entrevistei por cinco minutos, mas foi embora, irritado por algo que eu falei. Minha única interação com os seguranças foi ter meu caminho bloqueado.

MDK parecia... contemplativo? O olhar estava distante, perdido.

— Assassinato corporativo? Estão te usando como bode expiatório? Ou só está fingindo inocência pra mim? Bom... não é como se você fosse me contar se fosse culpado.

Ele está pensando alto? A pergunta parece ter sido retórica — pensou Orwell.

Como o General não parecia esperar uma resposta, Orwell se manifestou: — Agora quero o seu lado da história, General. Somos aliados, aparentemente? Não que eu tenha qualquer filiação. Só quero entender no que me meti.

— Imagino que sim, Orwell. Achei o comportamento deles suspeito e engajei em combate.

— Pouco depois, chegaram outros carros em comboio. Eliminei dois do primeiro veículo e capturei os outros que estavam atrás de você.

— Minha equipe aérea chegou em resgate, poucos minutos depois — finalizou MDK.

— Você fez isso sozinho? Enquanto pedia uma forma de escape??

— Isso. Bom, eu estava acompanhado de um empecilho, mas esse foi resolvido de forma mais conveniente do que eu pretendia... A comoção atraiu a polícia, que entrou em combate com o segundo comboio.

— Não fiquei para descobrir como terminou. Boa parte da frota policial é comprada por governos externos ou instituições privadas. Por baixo dos panos... Você só pode confiar em si mesmo — disse o General, lábios franzidos, pensativo, talvez até mesmo melancólico com a fala.

Orwell sentiu os anestésicos perderem efeito e contraiu a face, em intensa dor.

— Amanhã conversaremos mais. Por enquanto, descanse. Para aumentar a dosagem ou chamar uma enfermeira, basta apertar o botão — disse MDK, direcionando o olhar para a mão de Orwell.

Com o passar dos dias, o quadro de Orwell continuava grave. Era incerto se ele voltaria a andar, tanto pelas lesões na coluna, quanto pela fratura na perna.

Também não sabiam se teriam que amputar a perna. Os médicos queriam remover e substituir por um membro mecânico logo de cara, mas o repórter se opunha veementemente.

— Senhor, a lesão causou danos gravíssimos nas terminações... — Insistia a equipe médica, interrompida por Orwell.

— Foda-se. Vocês tem nanorobôs e sabe-se lá mais o quê. Se conseguem fazer perna de robô, conseguem consertar um pouco de carne e osso.

Em seu estado de fuga, os sonhos eram mais vívidos que a realidade: às vezes, flutuava no espaço como um gato; outras, estava preso em simulações ou amarrado a mesas de cirurgia, uma mera cobaia para sondas e testes experimentais.

Constantemente se queixava de dores de cabeça incessantes, que a equipe médica dizia ser em decorrência dos traumas na cabeça. Orwell sabia, no fundo do âmago, que não era o caso.

15.2 SENTINELA

DEZ DE JANEIRO. QUATRO DIAS APÓS OS EVENTOS DE
ORWELL

A atmosfera opressora que acompanhava o Sentinel afetava todos ao redor, tanto os funcionários à sua disposição, quanto outros que tivessem a infelicidade de esbarrar no seu caminho.

A expressão facial fixa em um sorriso que não mostra os dentes, os olhos negros penetrantes, a maneira de se mover completamente anormal e a cor de pele em tom de poluição também não ajudavam.

Mas o pior de tudo, era o sentimento de violação que sentiam as pessoas com quem ele conversava. Descrições variavam entre *estuprou minha alma com o olhar* e *deixou ela no canto da rua, até é um parasita que entra na sua cabeça, toma conta de tudo e depois deixa um casco vazio ao ir embora*.

O Sentinel já estava ficando frustrado, embora nada em sua expressão demonstrasse isso. Não gostava da função de investigação e coleta de dados. Queria a posição do seu oposto quebrado: *Mãos na massa*.

Qualquer lugar que esse Orwell passava era seguido por um rastro de caos, falsas pistas e técnicas para despistar quem o seguisse.

O homem era muito bom.

Já corriam boatos de que o tal de Orwell seria um ex-agente secreto, em busca de vingança, obstinado a queimar tudo em seu caminho para atingir seus objetivos. Outros diziam que ele nem existia, seria apenas uma armação da Fundação, uma cortina de fumaça.

O Sentinel adentrou a sala do detetive responsável pelo caso, causando o desconforto de sempre.

Levantou uma foto de Orwell — **EU QUERO ESSE. QUAL O NORTE?** — Como sempre, economiza palavras para não perturbar demais aqueles com quem tinha de interagir.

O detetive encarou o Sentinel por tempo demais, como alguém vendo algo que não consegue decifrar ou compreender, pela primeira vez. *Humano? Robô? Alien?*

Eventualmente quebrou o transe e respondeu a figura que pairava na mesma posição, imóvel.

— Não é só o senhor atrás dele. Esse canalha está despistando meio mundo. Todos querem um pedaço dele. O pior, é a ousadia. Ele foi visto por câmeras, ao lado de viaturas, caminhando abertamente na luz do dia, na maior tranquilidade.

— Não se deixe enganar. É um sujeito calculista, extremamente inteligente e habilidoso.

— **QUEM. ESTÁ ATRÁS?** — perguntou o Sentinel, com a voz penetrante.

— Essas informações são confidenciais, senhor.

O sentinel se aproximou do detetive, ainda sorrindo. Chegou a pouquíssimos centímetros de seu rosto, encarando-o fixamente nos olhos.

Foram cerca de dez minutos se encarando. Silêncio absoluto. O detetive não estava consciente de si. Tinha se perdido completamente no olhar do Sentinel. Nenhum dos dois piscava.

O único movimento era a rotação constante dos olhos negros, lendo um livro através das imperfeições de uma íris.

Puxava o que precisava do inconsciente coletivo, de forma arbitrária. Uma violação de algo apenas convocado para o consciente individual durante momentos de extrema necessidade. Uma abominação da natureza.

E Cathy tinha treinado. Torturado. Experimentado. Submetido a todo tipo de terapia insana, às vezes sem nem indícios de que teria qualquer efeito. Puxando e apertando botões, ativando neurônios, mutilando e reconstruindo mentes, só para ver o que acontecia.

Eventualmente, ela criou a primeira versão do que viria a ser *isso*. Um ser humano sem alma, ou desprovido daquela essência que, de fato, torna a sapiência o que ela é. Uma mistura do ódio, com pitadas de psicopatia e uso irresponsável de uma tecnologia que sequer era entendida direito, gestacionou um Sentinel.

Ao final, o detetive cobria o rosto em dor, pelos olhos secos, clamando por algum tipo de ajuda.

— **OBRIGADO.**

O Sentinel pegou um voxel e fez a ligação.

— Will.

— **ALVO. CONFIRMADO. RELATADO, COMO EXTREMAMENTE. HABILIDOSO.**

A voz do Sentinel doía os ouvidos de Will. Ninguém quer ouvir outra pessoa arranhando um quadro negro, por diversão.

Optou por economizar até mais palavras que a coisa que conversava consigo.

— Nome?

— ORWELL. MATHEW.

Will absorveu a resposta com um misto absolutamente contraditório de sentimentos.

— *Or??? Devem estar errados. Como, por quê ele se meteu nisso? Estaria voltando para me assombrar tanto tempo depois? Extremamente habilidoso?*

Até mesmo questionou a própria sanidade. Nenhum dos relatos batia com qualquer das suas experiências passadas com Orwell.

Ou alguém roubou a identidade do antigo conhecido, ou ele se tornou uma pessoa completamente diferente do que era.

O Sentinel prosseguiu.

— ATRÁS DELE. GOV. AMERICANO — MITHRILL INC. — GOV. EUROPEU — FUNDAÇÃO NOVA.

— Prossiga. Me dê novas informações conforme surgirem. — Desligou o telefone.

Próximo ao Sentinel, um outro policial, associado à Mithrill Inc, ouvia a conversa.

Will precisava tirar um contexto melhor disso. Ligou para seu assistente e solicitou mais informações sobre o caso. Já bastava de conversar com o Sentinel.

— Will, relatos são de que esse homem, sozinho, assassinou um Senador, despistou meia dúzia de comboios da Mithrill Inc; e a própria polícia, no mesmo dia.

— Ele pulou do terceiro andar. De costas. Concreto. Se levantou. Abateu dois que tentaram impedir. Depois mais quatro. Sozinho. Sequestrou um dos nossos. E sumiu. Ninguém viu para onde. Nem como.

— O cara é foda, Will. Uma sombra. Está ganhando notoriedade mundial como alguma espécie de anti-herói. Estão chamando de Fantasma de Sraknova.

Maravilha. As leis da física quebraram e eu fui parar numa realidade paralela onde Or é um vigilante em busca de vingança. Preciso investigar isso melhor.

Esses incompetentes estão caindo em histeria coletiva.

Will respirou fundo, pronto para ter que ouvir novamente a voz do Sentinel e fez a ligação.

— Sem atitudes drásticas se encontrar o alvo. Quero lidar com isso pessoalmente. Encontre e capture.

15.3 GENERAL MDK

DOZE DE JANEIRO - 00:00

Alguma coisa no ar estava errada. Talvez uma corrente estática, talvez uma conexão etérea, talvez a intuição do General.

Seu instinto nunca lhe deixou na mão, por mais impulsivas e irracionais que parecessem suas ideias. Toda decisão era uma aposta, e ele sempre estava disposto a colocar todas as fichas na mesa.

O Diretor Político fora eleito pelo restante da pirâmide há poucos anos. Para MDK, só mais um burocrata que não tinha o que era preciso para tomar as decisões difíceis.

De todo modo, o Diretor Científico, Pol, seguiria qualquer ordem do General sem hesitar. Com os dois em mãos, conseguiria aprovar o que quisesse, em matérias que requeressem maioria da Diretoria.

O General não era um homem frio ou maldoso, porém sua dedicação pela causa iria além de quaisquer semblantes de moralidade

É um homem fraco. Tem medo das repercussões.

Novamente, teria que improvisar.

As instalações estavam em alto alerta, em vigilância a qualquer movimentação suspeita atrás de Orwell. Um ninho de vespas, com olhos em todas as direções.

Não poderia fazer nada súbito ou dramático. Não agora. Mas tudo que precisava já estava orquestrado há muito tempo.

A GOES funcionou bem por muito tempo seguindo os ritos burocráticos. Agora é hora de avançar a todo custo.

MDK puxou a gaveta de arquivos. Sorriu ao ver as centenas de pastas cuidadosamente organizadas, era seu currículo profissional completo. Ali estava todo tipo de operação secreta e planejamento tático, planos que jamais seriam vistos por outros olhos senão os seus.

O sorriso foi substituído por uma melancolia profunda. MDK alisou a sequência de pastas com o dedo. *Tantos anos.*

Puxou uma aleatoriamente. Merecia um momento para aproveitar a súbita nostalgia.

Ahhh, estação Haumea... — Quase um presságio para os acontecimentos que viriam em seguida.

Folheou os arquivos, orgulhoso pelas iniciativas Haumea e Éris, sua prisão particular para indesejáveis. Embora estivesse sem contato com Éris, não estava preocupado, os telescópios tinham olhos nas estações em tempo integral.

Haumea em específico era um troféu pessoal — bom, não *seu*. É um troféu furtado de um velho colega, PHY; Um cofre de conhecimentos, denso como a biblioteca de Alexandria. Informações muito mais sigilosas do que seu mero acervo militar. Dados que não deveriam ver a luz do dia fora do momento certo, devido sua periculosidade. A caixa de pandora dos perigos informacionais.

15.4 GENERAL MDK

DOZE DE JANEIRO — 08:45

O General aproveitou que Orwell estava numa ligação particular para pegar um café.

Gostava de passar tempo com o repórter. Era um homem pragmático, que fazia o General lembrar de si mesmo, mais jovem. Além de que isso unia o útil ao agradável.

MDK, com sua intuição plena, sentia que Orwell tinha *alguma* informação extremamente relevante, mas talvez nem o próprio repórter soubesse sobre tal fato. Eventualmente iria descobrir.

Seu voxel vibrou: — MDK.

— General, recebemos uma notificação.

MDK enrijceu em expectativa: — Estação Eris?

— Não. Ainda continuamos no escuro.

— O que é então?

— Estação Haumea... Lançou pods de retorno. Devo reunir a Diretoria na central de comando?

— Sim. Convoque uma reunião extraordinária com os diretores.

O General voltou até Orwell, finalizou sua conversa com o repórter e dirigiu-se ao salão central.

Na sala de Assembléia, cinco cadeiras, duas vazias. Apenas MDK e Gray pessoalmente. Um voxelgrama de Illia Aganov, pairava sobre seu assento.

A relatora fez o pronunciamento para a ata.

Assembléia extraordinária 1211. Três presentes: General MDK, Illia Aganov, Gray.

— Segundo protocolo, não havendo empate, é levada adiante a decisão majoritária ou unânime dentre os presentes, que decidirão o rumo de ação dos próximos itens em pauta.

A informação pairou no ar enquanto o General avaliava a situação. A expressão fria e analítica não se alterou durante esses instantes.

Foi objetivo, direto ao ponto em questão, sem preliminares.

— Estação Haumea lançou, sem autorização, pods de retorno.

Sem hesitar, o General continuou.

— Proponho Protocolo Theta. Iniciar a autodestruição do Pod de retorno e da Estação. Relatório emitido será de que houve uma falha do sistema hidráulico, resultando em despressurização explosiva.

O Diretor de Ética respondeu mecanicamente: — *Aye*.

Sem mais palavras.

Gray se levantou da cadeira, com as mãos na mesa.

— Que insanidade é essa?! Vocês vão matar os tripulantes a sangue frio, sem nem saber o que está acontecendo?

O Diretor rugia de raiva. Não pelas vidas perdidas sem motivo, mas por não ter sido sua decisão. Além de ser um gasto de recursos sem sentido. *Cortina de fumaça?* — pensou.

— O louco do General eu até esperaria algo assim, mas você Illia? Eu te coloquei nesse cargo!

— E mais, se Pol e Usif estivessem aqui, isso nunca ia passar.

Illia permaneceu em absoluto silêncio. O General se manifestou.

— E mesmo assim, Pol e Usif não estão aqui. Segue a regra do regulamento. Está aprovada a medida.

A relatora anotou na pauta: — Não havendo mais pendências, declaro encerrada a...

MDK se manifestou novamente: — Mais duas questões, relatora. Conforme o estatuto, poderá ser levantada nova pendência em caso de risco imediato à instituição ou aos membros.

— Sendo assim, abro a solicitação para alterar todo o contingente disponível para busca e resgate da equipe científica desaparecida no exame da Fundação Nova. Os esforços e recursos utilizados para segurança interna devem ser todos realocados para

essa operação, na integralidade, inclusive os da própria Estação Central.

Mais uma vez, mecanicamente, o Diretor de Ética respondeu: — *Aye*.

— Illia, que merda você está fazendo? **NAY** — Todo o contingente? Deixar a Estação Central pelada? MDK, você está tentando sabotar a instituição? — Gray respondeu, contrariado.

A relatora anotou a pauta aprovada.

— Último item. — O General acariciava o bigode, ocultando um enorme sorriso. Um micro olhar direcionado para Gray expressou tudo o que queria.

— Movo para pauta moção de transferência da propriedade dos pontos de lagrange L4 e L5, SOL — Terra, Júpiter e Netuno, totalizando seis pontos de lagrange de exploração exclusiva, para Sky Ldta.

Gray levantou e abriu os braços. — NAY! Isso é loucura! Conspiração! — berrou.

Praticamente em uníssono, Illia Aganov e o General votaram **AYE**.

— Aprovada a pauta. Comunicado final. No próximo mês será o encontro Global das Organizações de Pesquisa públicas e privadas, uma chance de manter boas relações com os vizinhos. Conforme votado anteriormente, **Gray** está encarregado de representar a GOES no evento.

— Sendo assim, declaro encerrada a assembleia.

Illia imediatamente desconectou-se.

— MDK! — Gray ia em direção ao General em largos passos de fúria.

O General, todavia, permaneceu parado, braços entrelaçados nas costas. Impassível.

— Diga, meu amigo.

— Isso não vai sair impune. Você está tramando algo. Vendeu sua alma? Quer derrubar a Organização?

MDK ficou sério, mais do que o normal. Pareceu crescer de tamanho, ao que se aproximava de Gray.

— Eu faço de TUDO pela GOES. Recomendo não repetir afirmações do gênero. Colega.

Satisfeito, MDK vestiu seus trajes de combate e olhou com satisfação o pequeno exército à disposição da GOES, completamente sob seu comando. Tinha sangue nos olhos e um vigor que não sentia há décadas, renovado.

Iriam entrar no exame da Fundação Nova à força. Esvaziar a base não seria um problema, afinal, após alguns dias, sem sinal de ameaça, tudo parecia estar bem.

15.5 ORWELL — HOSPITAL GOES

DOZE DE JANEIRO

MDK visitava Orwell todos os dias, precisamente às oito da manhã e oito da noite. No meio tempo, o repórter assistia novelas e usava a maior dosagem possível de anestésicos, inclusive descobriu que se reiniciasse o dosador da tomada, conseguia liberar mais uma vez, antes de travar.

Conversavam, não sobre os acontecimentos, mas sim banalidades da vida. Seus passados e histórias, dores e felicidades.

Algum vínculo havia sido criado entre os dois, algo como uma amizade entre colegas de guerra que passaram por uma situação traumática juntos.

O General ficava com Orwell por precisamente uma hora, depois dizia que iria retornar às buscas, mesmo enfaixado na barriga.

Era um homem resiliente e disciplinado. Uma poética justaposição com Orwell, vulgar, desorganizado.

Vez ou outra, notava pequenas hesitações na voz e movimentos do General, detalhes que só seriam perceptíveis por quem o conhecesse há anos.

— Ainda nenhum sinal deles? — perguntou ao General.

— Nada — respondeu com a voz rouca, cansada. — Mas consigo farejar que estamos chegando perto.

— Você não voltou no assunto. Te expliquei meu lado dos acontecimentos, mas não me contou o seu.

O General suspirou. Talvez não quisesse retomar o tema, talvez visse os momentos que visitava Orwell como um descanso do caos. *Talvez não quisesse contar algo para Orwell.*

— Muito bem. Por onde quer que eu comece?

— Como você conhece Pol?

— Ele é um velho colega de trabalho. Começou na nossa equipe logo que saiu da

Academia. Cientista brilhante.

— Quem é o garoto na foto com ele? Filho? Eu encontrei Pol no dia anterior ao exame, depois de 30 anos, mas ele não mencionou nenhuma esposa ou filho.

— Filho adotivo. História trágica. Não me surpreende ele não ter mencionado. — *Direto e sucinto. Hábito militar ou ele quer fugir do assunto?* — pensou Orwell

As conexões do subconsciente coletivo às vezes ligavam com maior intensidade num sexto sentido que causava aparentes coincidências.

O voxel de Orwell tocou. Número desconhecido. Ele já sabia quem era.

— Só um instante, General.

— Sem problemas, Orwell. Tome seu tempo. Vou tomar um café para lhe dar privacidade.

O General saiu da sala.

— Alou.

— Bom dia senhor. — disse San em tom bem humorado, mas com cansaço aparente na voz. A ligação estava com efeitos de distorção e estática.

— Bom dia San. Algum tempo que você não liga.

— Ah, as coisas estão meio caóticas aqui.

Interiormente, Orwell sentia que tinha algo para falar com San, porém sua mente e pensamentos estavam turvos com anestésicos.

Pelo menos a trama espacial dele tinha ficado mais dinâmica. Ou os sedativos tinham descontraído o lado cínico e irritado do repórter.

— Só estou ligando para ter certeza de que o nosso contato continua funcional. — prosseguiu San — Ainda não conseguimos retomar a ligação com a Terra.

— Ainda não pensou numa maneira de confirmar quem você é?

— Não... Minha missão é bem sigilosa. Só alguém com alto nível de acesso na organização poderia te confirmar isso.

— Olha San. Já falei que não tenho como ajudar. Ainda mais agora, que estou acamado.

— Está doente?

— Caí de um prédio.

San riu, depois ficou constrangido com o silêncio de Orwell, que tingia a seriedade da situação.

— Bom... Estarei em contato. Melhoras.

— Sucesso na sua “Batalha nas Estrelas” — finalizou Orwell, ainda cético sobre seus trotes.

— É Guerra nas Estrelas.

A franquia continuava relevante quase dois séculos depois.

— Que seja. — E finalizou.

Alguns minutos depois, o General retornou, a mesma seriedade de sempre, mas com um semblante de animação no olhar.

— Família? — perguntou para Orwell.

— Não tenho nenhuma.

— Há. Um soldado solitário, como eu. Esse tipo de vínculo traz complicações.

— É só um maluco brincando de Cadete Espacial me passando trotes. Eu até gosto quando ele liga.

— É cada figura nesse mundo! — riram juntos.

O General retomou a conversa anterior de forma descontraída. O café parecia ter melhorado seu humor.

— Continuando... estou farejando a Fundação Nova há anos. Pelo visto você tem alguma ligação com eles, considerando o voxelcard.

— Mais ou menos. Foi um incidente 30 anos atrás. Desde então nunca me envolvi em nada.

— Talvez pensem que você sabe de alguma coisa. Tem alguma ideia de quem enviou?

— perguntou MDK, com os olhos cerrados enquanto alisava a ponta do bigode

— Nenhuma. Tenho certeza que devem rolar coisas estranhas lá dentro... Sabe, pelos boatos.

Orwell hesitou na fala. Não queria expor os eventos com Sraknova, especialmente se prejudicasse Will. Mesmo que tivessem partido caminhos em maus termos, ainda tinha um sentimento semelhante ao que tem por Pol.

O General percebeu a hesitação mas não disse nada.

— Sim. Os boatos que ouviu tem algum fundo de verdade, assim como qualquer teoria de conspiração.

— Juntei uma equipe brilhante para infiltrar a Fundação. Não somente os que passaram no exame, mas também outros trinta que estiveram na primeira fase — prosseguiu o

General.

— Eu cheguei a ligar pra um que estava no hotel de Pol. Ele parecia... Distante, quase que hipnotizado quando eu abordei o assunto do exame — respondeu Orwell.

— Esse comportamento está igual em todos. Nenhum consegue narrar os acontecimentos. Até estamos analisando alguns aqui nas instalações, sem sucesso — disse MDK. Começou a levantar a mão rumo ao rosto, mas parou o movimento na metade e encarou o membro, irritado.

— E ainda perdi duas das maiores mentes da humanidade.

O General tinha uma expressão de derrota, de quem decepcionou o batalhão com má liderança.

— Duas mentes?? Você tinha mencionado três nomes. Encontrou o Pol? — Uma fagulha de esperança brilhou no olhar de Orwell.

MDK batucou a mesa ao lado, como se desse uma bronca no objeto. Deixou escapar algo que não deveria.

— Ainda sem sinal de Pol. Saí de mãos vazias. Nem um único dado sobre o exame.

— Espera, você não conseguiu nenhuma informação sobre a primeira fase?

Orwell passou o relato do que presenciou enquanto observava o exame.

— Por que você não disse isso antes?! — questionou MDK, em tom quase agressivo.

— E eu lá sabia que você estava espionando os caras? Só foi me contar isso hoje, porra.

Só disse que estava procurando a sua equipe.

— O resto estava implícito. Esses dados estão com você?

— No meu equipamento, no hotel em que estou ficando.

O rosto de MDK se iluminou. Parecia que o vigor tinha voltado ao seu corpo. Tinha algum norte para investigar.

O olhar de determinação dizia ‘*nenhum soldado fica para trás*’.

A geração mais jovem desconhecia conflitos armados, e MDK estava sentado atrás de uma mesa há muito tempo.

Depois do último combate, estava sedento por algum tipo de ação.

— Orwell, ainda bem que te atropelei.

Mais tarde, no mesmo dia, o General tentava decifrar uma série de rabiscos sem nexo

num caderno sujo, enquanto assistia um documentário, relaxado com a satisfação de um trabalho bem feito.

A seguir — Fantasma de Sraknova: Mito Urbano ou Ameaça Quântica Real?

[Abertura com música tensa e imagens granuladas de câmeras de segurança mostrando vultos e caos urbano. A voz do narrador é grave e carregada de suspense.]

Narrador: Nas entranhas de um futuro já fraturado, onde a tecnologia redefine a própria essência da realidade e megacorporações travam guerras silenciosas nas sombras, um nome ecoa pelos becos escuros e pelos fóruns clandestinos da infosfera. Um sussurro que se transforma em grito, uma sombra que ganha contornos de pesadelo: o Fantasma de Sraknova. Mas quem, ou *o quê*, é essa entidade esquiva que assombra o século XXII? Um homem? Uma máquina? Ou algo inteiramente novo, um produto das próprias leis da física que começamos a distorcer?

[Corte para um "especialista" em fenômenos inexplicáveis, com óculos escuros mesmo em ambiente fechado.]

"Especialista" Dr. Aris Thorne: O que estamos vendo com o chamado "Fantasma de Sraknova" transcende qualquer categorização criminal convencional. Não se trata de um simples fora da lei. As evidências, embora fragmentadas e muitas vezes contraditórias, apontam para um indivíduo – ou uma *força* – com capacidades que desafiam a lógica. Estamos falando de um nível de eficiência, de uma aparente precognição tática, que beira o sobrenatural.

(Retorno do Narrador, sobrepondo imagens de manchetes de noticiários sensacionalistas piscando na tela: "ASSASSINATO BRUTAL CHOCA NAÇÃO!", "FANTASMA ATACA NOVAMENTE!", "QUEM CONTROLA SRAKNOVA?")

Narrador: Tudo começou com o brutal e ainda não solucionado assassinato do Senador Alec Zhu. Um político controverso, conhecido por suas críticas às operações secretas das grandes corporações. As primeiras testemunhas, confusas e aterrorizadas, descreveram um vulto, uma presença quase fantasmagórica que se movia com velocidade e precisão desumanas.

[Corte para um "depoimento" dramatizado, com uma atriz interpretando uma suposta testemunha ocular, rosto parcialmente obscurecido.]

"Testemunha": Eu vi... ele não era normal. Os seguranças do Senador... eram como bonecos perto dele. Um instante estavam de pé, no outro... (treme) ...era só... silêncio. E ele sumiu. Como fumaça.

[Narrador, enquanto a tela mostra um diagrama animado de uma figura sombria saltando entre prédios, com efeitos sonoros exagerados.]

Narrador: A partir daí, os relatos se multiplicaram. O Fantasma de Sraknova – apelido que rapidamente se popularizou, ligando-o à infame Dra. Irina Sraknova, arquiteta da tecnologia de identificação neural que hoje permeia todo cidadão – tornou-se sinônimo de caos e retribuição. Testemunhas alegam tê-lo visto enfrentar sozinho, desarmado, esquadrões de elite da Mithrill Inc. e da própria Fundação, ao mesmo tempo em que enfrentava a polícia, saltar de alturas impossíveis e desaparecer sem deixar rastros.

[Corte para uma "gravação de segurança" extremamente embacada e com muita estática, onde mal se distingue uma figura em movimento rápido. Legenda: "IMAGEM RARA: SUPOSTA AÇÃO DO FANTASMA DE SRAKNOVA".]

Dr. Aris Thorne: As gravações são... problemáticas. Há uma quantidade incomum de interferência eletromagnética sempre que o Fantasma está supostamente presente. Isso nos leva a questionar: estamos lidando com tecnologia de camuflagem avançada, ou seria algo... dimensional? Uma perturbação no próprio tecido da realidade?

Narrador: As teorias são muitas e cada vez mais bizarras. Fique atento para o documentário completo, onde exploraremos mais a fundo as habilidades, separaremos mito de fatos e, talvez, revelaremos a identidade do Vigilante.

[Corte em estática]

15.6. SENTINELA — BASE GOES

TREZE DE JANEIRO — 22:00

Imóvel, de braços cruzados, o Sentinel observava a base GOES do alto de um mezanino. Sua presença era tão deslocada quanto um obituário no meio de uma festa infantil. Tinha abandonado o grupo que estava lhe *acompanhando*. Ou melhor dizendo, lhe mantendo como refém.

As migalhas de pão, pessoas de quem retirara informações, câmeras de segurança indicavam que Orwell estaria dentro desse lugar. Provavelmente no hospital.

Uma grande movimentação ocorria nas instalações, desde o dia anterior. Comboios militares cheios, eram removidos do local. Drones voavam para fora. Quase que uma evacuação em massa, ou operação ofensiva militar.

Quando o movimento finalmente parou, o Sentinel foi até a recepção. — *Realmente removeram toda a segurança por alguma urgência?*

Fitou a recepcionista com os olhos negros, que rodopiavam em todo tipo de direção, emitindo frequências sonoras que alternavam, como se selecioneassem a linha perfeita do inconsciente coletivo para dissecar. E comandou.

— **ENTRADA LIVRE. CREDENCIAIS, MÁXIMAS.**

Os olhos da recepcionista tremeram levemente, e em seguida perderam o foco — como se tivessem desligado. Um segundo depois, ela entregou o cartão, mecânica.

— **ALGUM ORWELL. MATHEW?**

— Desconheço.

Teria que procurar por conta própria.

Quando liberou seu controle, a recepcionista simplesmente colapsou, instantaneamente. Os braços amoleceram e testa desceu contra a mesa num impacto mudo. Estava morta.

O Sentinel fez o equivalente a segurar os fios do inconsciente coletivo da mulher e romper ao meio. Com facilidade. Suas diretrizes eram de nunca executar, mas estava furioso, embora o sorriso ainda fosse estampado no rosto.

Orwell estava, de fato, naquele exato prédio. Comendo sorvete no leito hospitalar, em meados a uma maratona de novelas.

Engraçado. MDK ainda não visitou hoje — Pensou Or.

Inclusive, não tinha visto quase nenhum movimento ao longo do dia, só ouviu, mas ninguém entrou para lhe dizer o que acontecia. A paranóia e desconfiança voltou com força total para seu corpo.

Estava tudo indo bem demais depois que o MDK me resgatou. Praticamente não consigo me mover sem muletas.

O Sentinel caminhava pelos corredores vazios, em busca de alguma indicação de enfermaria ou hospital.

Ainda tinham alguns seguranças a postos, lhe encarando torto. Um resolveu abordar.

— Senhor?

— **HOSPITAL. ENFERMARIA. ME LEVE** — comandou ao guarda, encarando-o firmemente.

Durante os comandos, os olhos do Sentinel rolavam nas próprias órbitas, em pulsos contínuos de 32,3hz. Violentava a estrutura do inconsciente coletivo e brincava com as conexões como se fossem barbantes.

— **ALGUMA. OPERAÇÃO, HOJE?**

— Sim. Invasão e resgate dos candidatos infiltrados na segunda fase da Fundação — respondeu o guarda, hipnotizado.

Isso era uma informação dourada para o Sentinel. Reportaria de volta assim que viável.

— O hospital fica na última porta à direita.

O segurança desabou instantaneamente.

Se o responsável pelas câmeras de segurança estivesse atento, teria notado os monitores entrando em estática por onde o Sentinel passava. Não somente isso, também teria percebido os *vultos escuros*, que atravessavam a lateral do prédio e corriam pelo telhado.

Orwell ouviu uma batida na porta. ***TOC***. Cinco segundos depois, uma segunda ***TOC***. A maçaneta girou com um estalo seco. A porta abriu-se numa lentidão quase respeitosa — como se a própria base temesse quem estava prestes a entrar.

— MDK! Eu já estava ficando preocupado! Fiquei tão acostumado com suas visitas, que sinto saudade dessa tua cara carrancuda.

Não era MDK.

— **ORWELL. MATHEW?** — A voz, áspera, arranhava o ar e fez o repórter fechar os olhos com força, talvez em tentativa de afastar o sentimento, ou, se tivesse sorte, acordar de um pesadelo.

Isso não é bom sinal. Nada bom — pensou Orwell.

Pelo canto do olho, Orwell viu algum movimento na janela próxima. Um vulto de preto? Pássaro?

15.7. AGENTES MITHRILL INC. — BASE GOES

TREZE DE JANEIRO — 22:00

O Policial que ouviu o Sentinel falando no voxel, não fazia parte do Sistema. Era comprado pela Mithrill Inc; Outro dos grandes conglomerados de empresas e produção.

Orwell Mathew era um nome no radar de todos, a essa altura.

Imediatamente, o policial informou à sua central, que prontamente dispensou uma equipe de Elite para seguir o Sentinel.

Na base da Mithrill, REX e SOL relaxavam após uma missão bem sucedida. Escoltar um político do ponto A até o Ponto B.

— Entendeu como deveríamos proceder em caso de ataque? — perguntou REX. Até mesmo em momentos de pausa, continuava a ensinar o pupilo.

SOL parecia desinteressado, ou emburrado. A missão foi simples demais. Todas estavam chatas.

— Alguma coisa te incomodando?

— Eu achei que teria mais dinamismo nisso, sabe, REX? Até na minha época de policial o trabalho em campo era interessante.

REX mostrou um semblante de sorriso.

— Rapaz, não se apresse. Você vai até sentir saudade da calmaria quando a ação começar de verdade.

— Mas por que tantos serviços de escolta? Nunca acontece nada.

Do outro lado da sala, um veterano respondeu enquanto vasculhava a geladeira.

— Só aproveita a porra do dinheiro fácil! Antes escoltar político do que arriscar a pele! — disse WON.

SOL não respondeu a provocação.

Como se o universo aceitasse o pedido de SOL, o voxel de REX vibrou. Os demais encararam em expectativa.

REX estalou a coluna num eco satisfatório.

— Queria ação? Temos ação.

SOL levantou animado em expectativa.

— Já ouviram falar num... Fantasma de Sraknova? Ou algo chamado Sentinel?

A equipe se entreolhou em desconhecimento.

— Pois bem. O dever de casa está nos arquivos de vocês. A Mithrill quer esse tal vigilante vivo, com urgência. Acreditam ser um alvo em posse de informações sigilosas da Fundação.

Cinco figuras negras e compactas desceram da aeronave sem emitir um som. Os trajes lembravam blindagem líquida — polímero escuro com rebites de metal reflexivo nos ombros e nas juntas. Cada um com o rosto oculto por máscaras opacas com visor reticulado. Antenas curtas, microdrones nos cintos, rifles com canos silenciosos. Ferramentas brilhavam nos antebraços, como próteses de relojoeiro armamentista, que apenas a própria Mithrill Inc. tinha acesso, agora aterrissavam na cidade onde foi relatado o Sentinel.

— Operação silenciosa. Seguir e observar. Vamos em dois grupos, quero olhos nessa coisa a todo momento — disse o líder, REX.

— Observem comportamentos, habilidades, se detectarem emissão de sinais, repórtrem tudo. Qualquer informação é valiosa para a Mithrill.

— Você tem certeza que isso é seguro? — perguntou o membro mais jovem da equipe, SOL. Era sua primeira operação realmente perigosa em campo, embora tivesse milhares de horas de treino teórico e prático. — Aquilo não parece humano.

— Nada é seguro nessa linha de trabalho, SOL. Só cale a boca e siga as instruções que temos uma receita para sucesso. — Retrucou o segundo veterano, WON

— Positivo.

— Lembrando, se encontrarmos o VIP, a segurança dele é prioridade. Querem ele vivo para extração de informações.

Quem trabalha ou já trabalhou nessa linha costumava abdicar de seus próprios nomes, em favor de siglas de três letras. Nomes e conexões eram problemáticos para quem escolhe uma carreira do tipo.

Matariam dois coelhos com uma cajadada só. Estudar como a monstruosidade da Fundação trabalhava, e aproveitar a busca que ele fazia, atrás de Orwell.

Esse time tinha olhos no Sentinel vinte e quatro horas por dia.

Já estavam fartos de ver o Sentinel da GOES por dias. E a expressão do homem realmente não mudava. Ele não comia, não dormia... Só ficava em pé, olhando. Aberração.

Por sorte, avistaram a mesma movimentação de saída militar da GOES. Sabiam que a barra estava limpa.

Já tinham visto do que o Sentinel era capaz, em termos de forçar terceiros a obedecer qualquer comando, então não foi nenhuma surpresa ele entrar pela porta da frente.

A equipe de elite optou por seguir pelo telhado. Usaram ganchos para prender na parede lateral e escalaram, utilizando infravermelho para acompanhar a movimentação interna.

— Não sabemos como funciona essa coisa, se ele manipula por ondas sonoras, radiação, eletromagnetismo, etc. Nem se é capaz de controlar múltiplos alvos de uma vez.

— As instruções são para neutralizar qualquer um da nossa equipe que demonstrar comportamento anômalo. Se possível, pegar o Sentinel vivo, mas não é prioridade.

Por fim, encontraram a sala do hospital, quando o Sentinel se aproximou. Tinham duas janelas viáveis para entrar. O líder do grupo sinalizou para separar em duplas e dois cobrirem cada janela. Levantou um punho para indicar *Aguardem o sinal*.

O Sentinel já se aproximava de Orwell. Carimbado no rosto, o mesmo sorriso simpático, fraternal. Aterrorizante.

REX encostou a lateral da cabeça no visor da janela. O Sentinel avançava com passadas medidas, milimetricamente simétricas. O braço direito erguido levemente — como um mestre de cerimônias zombeteiro. Orwell, pálido, trêmulo e imóvel na cama, segurava um pote de sorvete como única arma.

— Inacreditável — murmurou WON.

Orwell lançou o pote. Um borrão — e o Sentinel inclinou a cabeça numa fração de segundo, como se já soubesse. O sorvete se espalhou na parede.

A equipe de Mithrill estava apenas aguardando o comando.

Exceto REX, que tinha a cabeça de Orwell na mira.

E puxou o gatilho.

PARTE 16 — ASCENSÃO

16.1 MIRA — CATHY

DEZESSETE DE JANEIRO, 15:00 — QUATRO DIAS APÓS OS EVENTOS NA GOES.

Após a aprovação, Cathy e Mira se hospedaram num hotel. Aparentemente teriam que aguardar um contato de Will para seguir caminho, o que rendeu para Mira alguns dias de merecido descanso. Não o suficiente para recuperar do trauma, mas, pelo menos, estava minimamente funcional.

No meio tempo, as duas estavam praticamente inseparáveis, como amigas de longa data... Pelo menos uma das duas interpretava a situação dessa maneira.

Quatro dias após o exame, uma van preta aguardava o par.

Dentro do veículo, estava Will, para a surpresa de Cathy.

Embora tivesse uma aura impositiva, sua aparência e porte físico não transmitiam essa sensação. Era um homem baixo, em trajes formais, de óculos. Nada muito marcante. Poderia se passar por um advogado ou funcionário de qualquer escritório comum, especialmente pelas olheiras e expressão de exaustão.

Will ajeitou o paletó aovê-las. Um gesto automático, vaidoso demais para alguém com tanta olheira.

— Cathy. E você deve ser Mira, certo? Quero lhe dar os parabéns pela aprovação na Fundação. Será um prazer trabalhar com você — disse Will, cumprimentando as duas que entravam no veículo.

— Obrigada! — Respondeu Mira, ainda exausta pelo exame. Era difícil demonstrar qualquer animação, com os poucos dias que teve para descansar.

— Willian. Que surpresa você no planeta. Achei que tinha ficado alérgico a terra firme — respondeu Cathy, escondendo a surpresa.

— Certamente você não desceu só pra cumprimentar a mocinha, né?

Will suspirou.

— Algumas *pendências* urgentes apareceram. E você, me deu uma baita dor de cabeça, Cathy. Além disso, a menina parece exausta! — Disse Will, direcionando a palma aberta para Mira.

— Tá tudo bem. Só estou um pouco cansada mesmo. A Dra. Cathy foi ótima — Mira respondeu, incerta sobre quem era Will, ou sequer se o homem sabia sobre os acontecimentos do exame. Não queria ter de enfrentar retaliação de Cathy.

— Não está tudo bem. Eu vi o exame. A Dra. Catherine certamente passou dos limites dessa vez. Prometo que as coisas não são assim lá em cima. Somos civilizados.

— Foi civilizado deixar gente morrer no chão? — Mira falou baixo, quase sem querer. Will pausou por um instante e respondeu.

— Espero que você me ajude a mudar isso — o rosto de Mira ficou vermelho. Ele tinha algum charme.

Catherine revirou os olhos — *mentiroso. Só quer impressionar a novata.*

Entretida com o pensamento, resolveu brincar um pouco com Will.

— E você, Willian, por que está de terninho? É pra impressionar a gatinha? Já aviso que ela é minha — disse Cathy, colocando o braço através do ombro de Mira, que se retraiu imediatamente, como se tocada por uma víbora.

Will ficou levemente vermelho em constrangimento e limpou a garganta.

— Nada disso. E pare de assediar a menina. Já não tirou proveito o suficiente dela?

Cathy sorriu, maldosamente

— E você acha que eu me satisfaço tão rápido assim? Sou uma dama exigente.

— Sei que sim. Mas tenho boas notícias. Vocês vão ficar em terra mais um pouco. Preparei um local seguro e confortável para descansarem em luxo.

Levaria alguns anos para Cathy entender a extensão e importância da próxima fala de Will, junto do voxel que lhe entregava.

— Cathy, guarde esse voxel com sua vida. Você vai saber o que fazer quando o momento chegar. Não mencione ou me devolva o dispositivo, em hipótese alguma.

Cathy riu de nervoso. Ele não parecia estar brincando.

— C-como assim, Willzinho? — O sorriso oscilava, conforme franzia o cenho.

— Não importa agora... Só me obedeça. — O tom de voz de Will era sombrio.

— Depois que eu terminar o que tenho de fazer, vou subir para Vlad-2 com as doutoras.

Cathy notou um micro movimento involuntário na expressão de Will — *Mentira?*

— O que você veio fazer, afinal?

— Algo que eu estava adiando há 30 anos.

Will encarou Cathy com olhar penetrante. Sua íris dizia mil palavras, reverberava insultos, raiva contida, frustração, tristeza. Internamente gritava — *isso é sua culpa, Cathy*.

— Vou enterrar um amigo.

16.2 WILL — CATHY — 8 ANOS ANTES

Cathy encarava Will com sorriso de expectativa. O sorriso de quem quer muito ser perguntado — *o que foi?*

Ele não cederia aos desejos de Cathy. Apenas continuou o trabalho e leitura de seus documentos no console, fingindo que não tinha uma bomba relógio na sua frente.

— Wiiillzinhoo — Cathy choramingou.

Will esfregou o rosto, hábito que tinha criado por estresse de suas interações com Cathy, e olhou para cima.

O olhar foi o suficiente para desatá-la a falar, em tom quase infantil.

— Lembraaa que eu tinha uns ratinhos no forno?

— Sim. Precisa de mais objetos para queimar vivos? — Will respondeu, secamente.

Não era muito fã das abordagens da psicóloga.

— Um contingente extra de sujeitos experimentais nunca é demais! Aceito!

Will esfregou o rosto novamente.

— Desembucha.

— Tenho uma surpresinha pra você. Vem comigo.

Caminharam juntos até o laboratório de Cathy. Se é que aquilo poderia sequer ser chamado de *laboratório*. Qualquer cientista são enlouqueceria com o caos do lugar. Cigarros apagados em gavetas de equipamentos cirúrgicos, seringas usadas largadas, manchas de sangue no chão, produtos químicos abertos.

Separados por um espelho falso, um homem vivo, acordado, amarrado numa cadeira centralizada na sala. Estampado em seu rosto, um sorriso fraternal. Sorriso que não mostrava os dentes. Expressão facial fixa, a pele em tom de cinza nada natural.

O crânio estava aberto, cérebro à mostra.

— O que é isso, Cathy?

— Esse, querido Will. É o primeiro sentinela funcional.... Semi funcional... hm... quase semi funcional... bom, é um trabalho em andamento.

Will retraiu os cantos da boca: — Ok... — Indicando para que continuasse.

Cathy apertou um botão no console

— Ei, ei Sr. Borg. Hora de acordar. Diga oi para Willzinho.

A coisa no centro respondeu, voz arrastada, com esforço. Ainda não era a voz final do sentinela de três anos depois, só um esboço rouco do que viria a ser.

— Oo...i. Oi. Wi... wi... Willzinhoooo.

Cathy virou para Will, animada.

— O que achou?! — *Praticamente saltitante.*

— Cathy, lobotomias foram inventadas dois séculos atrás. Parabéns, você mutilou o cérebro de um pobre coitado — disse Will, nada impressionado.

— Aí que tá, Will. Não é bem uma lobotomia. Isso é um cérebro humano, transplantado num corpo, já falecido, altamente modificado.

Agora Will estava surpreso.

Transplante cerebral bem sucedido? Por uma psicóloga louca?

— Muito bom. Agora me diga o resto. Ninguém nunca fez um transplante cerebral funcionar, de repente você aparece com isso. Ainda não é exatamente... útil. Não me diga que quer vender zumbis.

— Melhor mostrar. Mas em essência, não é funcional. Todo transplante resulta em morte, ou nisso. Tive que suplantar as partes defeituosas com um pouquinho de uma IA de criação minha. Apelidei de Holly. Ela está conectada direto nos neurônios que deram bug. O suficiente pra deixar ele comportado.

Cathy apertou outro botão.

Uma porta se abriu.

A silhueta de uma criança se formou no vão. Magra, pálida, cabelos que quase tocavam o chão.

Claramente amedrontada, segurava um bichinho de pelúcia. Talvez fosse um esquilo, mas já estava extremamente puído e recosturado pela passagem do tempo. Provavelmente seu único brinquedo e, dependendo do grupo experimental , sua única companhia na vida.

Cathy apertou o primeiro botão e falou no microfone.

— Está tudo bem, objeto F-88. Vai ali conversar com o Sr. Borg.

A menina, que deveria ter uns 6 ou 7 anos, andou relutante até o Sentinel, em passos curtos. Tão lentamente que seu cabelo dourado, quase tão longo quanto o corpo, praticamente não se movia no ar estéril do ambiente.

Parou alguns metros de distância, encarando a criatura. Olhos verdes, refletiam a luz azulada da sala. Seu olhar era vazio, de quem teve a inocência roubada, provavelmente por experimentos crueis.

— O...o...Oi, senhor Borg — disse a menina, registrada como objeto F-88.

O nome dado por sua mãe era Ana, mas ninguém na Fundação referia-se a ela assim.

— Oi. Objeto. F-88 — respondeu a rouca voz, com dificuldade. Mantendo a expressão facial.

O sorriso, junto da resposta relativamente normal, pareceu diminuir o medo da criança.

— P-Por que sua cabeça está aberta? Isso dói? — Ana perguntou, com voz meiga, preocupada com o bem estar do monstro à sua frente.

— Não dói, objeto F-88. Não é minha cabeça.

Nisso o Sentinel desatou a falar, cada palavra mais rápida que a anterior.

— Nem meu cérebro, nem meu corpo, nem minha alma, nem minha mente, nem meus pensamentos, nem minhas memórias... — E continuou.

A criança, espantada, se afastava de costas, abraçando o bicho de pelúcia com força.

— Cathy...? — Perguntou Will.

Cathy não respondeu. Estava com um cigarro aceso, olhando o fluxo de dados no sistema.

— Fascinante! Isso é brilhante. Que deleite! — Falou para si própria, ignorando Will.

O sentinel, ainda desatando a falar

— Nem meus ossos, nem meus braços, nem minhas mãos, nem minha mente — estava ficando agitado, restringido na cadeira, tentava se soltar.

— Cathy?? — Disse Will, com mais ímpeto. Esfregou a cara novamente.

Catherine sequer ouviu o que tinha dito. Continuava murmurando para si própria

— ...comportamento anômalo em instinto autônomo...

O Sentinel falava ainda mais rápido, tão rápido que nenhum humano conseguiria sequer acompanhar o que era dito.

Ele conseguiu se soltar das amarras. Levantou com dificuldade, na rigidez de um cadáver misturado com alguém reprendendo a andar. E foi em direção à menina. Lentamente.

A criança tinha corrido em direção à porta, gritando. A porta não se abriu. O ritmo da fala virou apenas som. Um zumbido digital. Um *chiado que perfurava a alma*. Frequência aguda demais pro ouvido humano. Mas internamente, Will pensou ser uma linguagem. Não para ele. Mas para algo.

Cathy ainda falava consigo mesma.

— Isso deve ser desperto pelo objeto criança. Talvez alguma memória latente do cérebro... Ou do corpo? Talvez de ambos? Da IA?

— DOUTORA CATHERINE. Ele vai matar a criança — berrou Will.

— Relaxa Willzinho. Tá tudo sob controle. — Ao que virou para trás e registrou a cena.

— Puta merda. Ele vai matar o objeto.

Catherine correu para o console.

— Borg feio! Volte pro seu lugar agora mesmo! Senão vai ter outra sessão de eletrodos! — Exclamou no microfone.

O Sentinel já tinha chegado até Ana, que estava em prantos, implorando para sair, arranhando a porta. Suas unhas já sangrando. Os olhos marejados. Terror.

A criatura agarrou a criança pela cabeça e ergueu até a altura de seus olhos.

Catherine gritava comandos no microfone, Will gritava comandos com Catherine.

O Sentinel ergueu-a como se fosse um objeto ceremonial. A menina, abraçando o bicho de pelúcia com toda sua força, olhar fixo no Sentinel, como se não conseguisse virar a cabeça nem fechar os olhos, hipnotizada. O homem emitiu um gutural, na voz que os Sentinels teriam na versão final.

— CATH...E..RI..RI..NE. EU V..OUT—T—TE MATAR.

Ana berrava, implorava de dor, de medo, babava, olhos ainda fixos na abominação em sua frente.

Seus olhos rodavam como giroscópios. O bichinho caiu de suas mãos, molhado de sangue.

Ela não gritava mais.

Só olhava. Sem piscar. Pupilas dilatadas.

Um último espasmo no braço.

Depois, nada.

Will se apoiou contra uma parede e abaixou a cabeça, olhando para seus pés.

Catherine já tinha voltado os olhos pro monitor, fascinada com as análises.

— E aquela leva de novos objetos que você prometeu. Vai rolar né?

— Catherine! Você est... — *Will foi interrompido por um trovão abafado — batidas contra o vidro falso* — Puta merda!

O rosto de Will estava com todas emoções negativas simultaneamente. Podia estar prestes a vomitar.

O Sentinel, segurava Ana pelos tornozelos, usava o corpo para bater contra o vidro falso, que vibrava e enchia-se de sangue a cada batida, conforme carne e osso encontravam o escudo translúcido.

— Fascinante. Ele mostrou sinais de empatia e pensamento autônomo — disse Cathy.

— EMPATIA??

— É! Ele eliminou o objeto antes de usar como ferramenta. Por conta própria, ele não teria força pra quebrar o vidro. Com o objeto em mãos, ele consegue força de impacto o suficiente para quebrar!

— Vamos sair daqui, caralho!

— Relaxa Willzinho. Tem um botão que solta gás e apaga ele. Mas também não importa muito. Deve desmaiar em... — *Olhou o relógio de pulso* — uns 13 segundos. Não vai dar tempo de bater novamente.

— E você não pensou em fazer isso ANTES da criança morrer?

— Primeiro que eu só lembrei do botão agora.

— Segundo que o gás ia matar o objeto, e eu não sou assassina.

— Terceiro, quando ele desatou a falar, eu queria ver o que ia acontecer. O corpo não conseguia acompanhar a velocidade das informações enviadas pelo cérebro, mas também não teve reação natural de inspirar. São dois bugs que precisam ser resolvidos.

Dito e feito. O Sentinel desmaiou dez segundos depois.

Will deu um último olhar para Cathy e perguntou

— Quantos F-88 já morreram?

Cathy respondeu, acendendo outro cigarro

— Essa foi a primeira... desse lote.

16.3 CATHY — 5 ANOS ANTES

O Sentinel estava em pé, em posição fixa, no centro de uma sala recheada de todo pulso magnético e frequência de onda que podia imaginar.

Atrás de um espelho falso, Dra. Catherine ajustava padrões no seu computador.

— Cathy... Se você matar outra criança, eu te coloco nas mãos dessa múmia — disse Will, em voz seca, rígida.

Cathy fez uma risada performática, que deveria significar — *duvido que você conseguira*.

— Eu já melhorei o protótipo. Estão prontos pra campo. *Quase* funcionais.

Will suspirou.

— **Quase** funcionais? Você falou isso da última vez.

— Relaxa Willzinho. Vai dar certo.

Cathy regulou padrões em seu painel de controle, deu mais autonomia sobre o cérebro para o sistema Holly-2.0.

— Por que não só usar robôs para isso, Cathy?

— Não dá. Robôs não conseguem acessar o ICP (inconsciente coletivo primário). Só humanos em momentos de extremo trauma. A estrutura do sentinel precisa ser em parte humana pra isso funcionar.

— Então o Sentinel é alguém vivenciando extremo trauma constantemente?

— Bingo! Maaas temos a minha querida Holly-2.0 para regular. Senão iam sair gritando em desespero.

Cathy estalou o pescoço e puxou o microfone para perto.

— Nosferatuuu, acordado?

O Sentinel moveu a cabeça mas não respondeu.

Cathy mudou alguns valores, reduzindo a proporção de controle da IA.

— **Sim** — respondeu o Sentinel.

— Pode entrar com o objeto G-41 — *disse Cathy, no microfone*.

— Cathy! Você disse que não ia ter gente morrendo hoje.

Cathy revirou os olhos.

Um homem alto e forte, em roupas laranjas entrou na sala, algemado.

— Esse aí estuprou uma das funcionárias. Eu passei a importar estupradores e pedófilos pra estação. Cansei de usar o gado que vocês criam aqui. Pouco produtivo.

Will olhou em reprovação por ela estar burlando as diretrizes de entrada e saída da estação.

— Não quero nem saber como você deu a volta em todos os sistemas de controle e monitoramento. Te dou liberdade demais Cathy. Não abuse da minha boa vontade.

Cathy só respondeu com um sorriso de canto, e um olhar lateral.

— Sentinela, que o G-41 está pensando?

Os orbiculares do sentinela começaram a girar nas frequências específicas. Nesse momento, o olhar de G-41 já estava fixo nas orbes negras.

— **QUE PORRA DE BICHO FEIO É ISSO?** — disse o Sentinela, ressoando os últimos pensamentos do objeto G-41.

— **FEIO É COMO VAI FICAR SUA CARA DEPOIS QUE EU ARREBENTAR ELA!** — Como se em resposta a um insulto num bar, o Sentinela parecia agressivo, inconformado.

Começou a correr em direção ao homem.

— Cathy! — exclamou Will.

Catherine soltou um *ops* e mexeu em alguns sliders. Aumentou o controle da IA sobre o aspecto humano. O sentinela parou.

— G-41, suas acusações sobre o estupro são verdadeiras? — perguntou Cathy.

— Claro que não! Eu sou um homem íntegro — disse o objeto.

— Vamos ver então. Sentinela, verifique se o G-41 cometeu o crime. Examine a percepção dele o acontecimento.

O Sentinela se aproximou do G-41, orbiculares vibrando em novas frequências, em maior intensidade.

Internamente, ele estava distorcendo a linha do inconsciente coletivo do homem à frente, até superpor ela com a própria linha. Daí era só rolar o fio até encontrar a memória.

— **Feito.** — No console, metadados coletados pelo Sentinela e por Holly-2.0 deslizavam para a visão de Cathy. Um meta-relatório extremamente complexo de correntes elétricas e frequências.

— Viu Willzinho. Nada de mortes dessa vez. Vamos ver o que o Sentinela analisou?

Registro do Comportamento:

G-41 reduziu o alvo a uma cavidade de carne pulsante. A vítima não era uma pessoa — era um receptáculo, um buraco quente e úmido que ele insistia em escavar até os ossos. A expressão facial? Nada. Os olhos eram cadáveres antes mesmo do corpo desfalecer. Ele queria a morte psicológica, não a física.

— “Olhe para mim.”

Não era um comando. Era uma exigência de submissão total. Ele não queria os olhos. Queria a morte neles. Queria ver o momento exato em que a luta morresse. Quando a luz se apagasse e a carne se tornasse um casulo vazio, maleável, sem alma.

Atos de Escavação:

Os dedos afundaram na vítima, arranhando a carne, como quem cava um buraco numa terra mole. Ele a estapeou, o rosto dela virou de lado, a boca escancarada, a respiração curta, trêmula, os soluços vazios. Ele sorriu. Ela já não estava ali. Ele a tinha desenterrado.

Estado da Vítima:

Os olhos estavam fixos no teto, a boca semiaberta, a pele coberta de suor e saliva. G-41 se debruçou sobre ela, o peso esmagando o corpo flácido, os dedos cravados até o osso, como se tentasse rasgar uma carne já morta.

Verbalizações:

— “Volta aqui, sua puta.”

Ela não reagiu. Ela já tinha morrido por dentro. Ele sorriu. Agora o corpo era só dele. Carne morta, ainda quente. E ele não estava satisfeito. Olhou para a cientista do outro lado do vidro.

— “Você é a próxima.”

Conclusão:

G-41 não procura prazer sexual. Ele busca o momento em que a luz dos olhos apaga. O instante em que a carne viva se torna um cadáver de carne quente, ainda pulsando. O controle absoluto. A supressão total. Ele não mata. Ele apaga. E ele fará de novo.

Cathy e Will leram o relato com desgosto.

Cathy estava trêmula de ódio. Nojo. Ela mesma queria ir lá e fazer o que o sentinelas faria. Reduziu o percentual de controle da IA e deixou o Sentinelas livre para agir como que quisesse. Will não se queixou. Cathy saiu da sala, talvez com olhos marejados.

Mais tarde, Will perguntou para Cathy o motivo do relatório ser registrado com uma escrita *lúdica*, por falta de melhor termo.

— Não tenho certeza, Will. O objeto, antigo dono do atual corpo do Sentinel, gostava de escrever poesias, se isso serve de resposta.

— Eles parecem manter algum semblante de personalidade, mas também pode ser a Holly-2.0 preenchendo as lacunas da maneira que acha mais adequada — disse Cathy, com olhar baixo, repousando a cabeça em uma das mãos.

Após um instante de silêncio, revivendo uma memória desagradável, Cathy continuou.

— Aquele último incidente... Li os metadados depois. O Sentinel queria apenas conversar com o que achava ser sua filha... Mas as conexões do corpo, com Holly, com o cérebro e o inconsciente coletivo entrou em curto. Estímulos contraditórios em pane.

Cathy lacrimejava.

— Eu não sou assassina Will. — Mas foi culpa minha.

16.4 WILL

DEZESSETE DE JANEIRO, 10:00

Na manhã daquele mesmo dia 17, horas antes de encontrar Cathy e Mira, Will recebeu, com alívio, notícias do Sentinel. A criatura demorou uma semana para dar sinal de vida, após noticiar que o Fantasma de Sraknova era Orwell. Will Chegou a considerar a possibilidade do Sentinel ter deserdado a operação, após a equipe responsável relatar ter *perdido* o indivíduo.

A lealdade da criatura era incerta. O pouco controle que tinham sobre ela vinha da habilidade da IA de Cathy em navegar pelas conexões falhas da mente transplantada, uma tarefa imprevisível, pois cada Sentinel possuía uma configuração única.

— ESTÁ. FEITO.

— Encontrou Orwell? Você está sozinho?

— ALVO PERCEU. INCIDENTE. ESTOU SOZINHO.

Will ficou vermelho de ódio.

— Eu mandei pegar ele vivo. Onde você está?

— INCIDENTE COM O ALVO. TEVE QUE. SER NEUTRALIZADO. ESTOU. FERIDO.

Will recebeu um ping com a localização

— Não se move. Não chame ninguém. Quero o corpo dele.

DEZESSETE DE JANEIRO, 22:00

Cathy e Mira foram deixadas no Resort há três horas. Will, buscou uma equipe armada para ir ao local onde o sentinel havia notificado. Era um grande galpão. A noite já estava no pico, sem lua.

A equipe tática investigou o perímetro — Limpo.

Abriram a porta, apontando lanternas ao redor do interior — Limpo. Apenas o Sentinel, sentado, e um corpo debaixo de um pano branco.

— Tudo limpo, Will. Pode vir.

Ao entrar no galpão, anunciou: — Sentinel! Quer me fazer o favor de explicar que diabos aconteceu?

O Sentinel levantou. Puxou o pano branco do cadáver. Era Orwell, alvejado inúmeras vezes.

Choque correu pelo olhar de Will. Sua visão turvou, rodopiou em cores e vibrações. Ao fundo, ouvia uma melodia.

— ...you can tell by the way I use my walk,—

— I'm a woman's man no time to talk...—

O Sentinel direcionou o olhar para a equipe militar que acompanhava Will. Estavam sob seu comando agora. Procederam a alvejar uns aos outros, até sobrar apenas Will e o monstro, rodeados por corpos.

Will virou para a saída, abaixou o olhar e correu. Entrou na van que tinham usado para chegar lá. O Sentinel andava gradualmente em sua direção, um predador que não se importa se a presa escapar.

Acelerou o veículo para longe. Tentou pedir reforços pelo voxel. Nada. Sem sinal.

Pegou um rádio militar via satélite. Nada.

Ligou o rádio do carro. Uma voz de apresentador era identificável, em meio ao chiado
— *Análises indicam que foi um ataque terrorista de autoria de uma Catherine E. Salles. A base orbital Vlad-2 levou consigo centenas de pesquisadores, cientistas e descobertas de vanguarda, que a humanidade nunca teria acesso.*

Will ficou tonto. Alvejou o volante com socos até os punhos sangrarem.

Cathy? Cathy??! Como isso tudo aconteceu?

O que podia fazer agora era fugir.

16.5 MIRA — CATHY

DEZESSETE DE JANEIRO, 19:00

TRÊS HORAS ANTES, APÓS WILL DEIXÁ-LAS NO RESORT.

— O que você está fazendo, loirinha? — resmungou Cathy.

Mira olhou para a psicóloga, com estranhamento.

— Ué, eles tem Spa completo — respondeu Mira, enquanto vestia um roupão de banho

— Vou aproveitar. Talvez pegar um momento pra desabar e chorar, vai saber.

Cathy riu. Em pouco tempo tinha adquirido alguma afeição pela figura em miniatura que lhe acompanhava. — é *caricata* — pensava. Mas havia algo ali. Não sabia o que era. Uma memória? Uma ameaça? Ou só o eco do medo que se nega a ser nomeado?

— Esquece o roupão. Nós vamos pra outro lugar.

— Não vou nua pra outro lugar! — respondeu Mira.

— Não nua, idiota! Você veste alguma coisa. Vamos atrás do Will — retrucou Cathy.

A expressão de decepção e indignação de Mira dizia tudo que queria falar nas entrelinhas.

— Mas ele disse pra aproveitar e não sair daqui — disse, no tom de uma criança que não quer desobedecer algum adulto.

— E você acha que vou escutar o que ele diz? Sou contratada pra fazer exatamente o oposto. Então vamos usar isso como sua primeira lição como funcionária da Fundação — disse Cathy.

— Não entendi qual é a lição — respondeu Mira.

— A lição, querida Mira, é: Quem está no comando não tem a menor ideia do que faz. Então você tem que lembrar a eles que são incompetentes.

— É importante respeitar a cadeia de comando... — disse Mira.

— Foda-se a cadeia de comando, Mira. Você é minha subordinada por enquanto, então eu sou a cadeia de comando.

Mira pensou internamente se Cathy percebera a incongruência no que acabara de dizer, mas preferiu não comentar.

No saguão, Cathy perguntou se tinha algum veículo para alugar, o qual infelizmente recebeu uma resposta negativa. E o resort ficava no meio do nada.

— Vamos pra garagem, Mira.

No subsolo, Cathy avaliava os veículos como se estivesse procurando algo para comprar em uma concessionária.

— O que você está fazendo?

— Isso não é uma lição da Fundação, mas sim de vida.

Cathy subiu numa moto, puxou um kit de ferramentas do jaleco puído que sempre usava na rua e mexeu no painel.

— Sempre saiba fazer ligação direta. É útil de vez em quando — disse Cathy, ligando a moto. — Pra garupa. Pode vir.

Mira hesitou. Sempre foi uma pessoa inocente que evitava conflitos e problemas. Tentava passar a vida dentro da cadeia de comando, de cabeça baixa, para não ser percebida.

— Você pelo menos sabe pra onde ir?

— Besta. Eu tenho rastreadores em todos os meus ratos. Não posso perder eles. Cada um é precioso.

Mas dessa vez, se surpreendeu ao perceber que tinha um sorriso no rosto. Cathy estava menos sádica, Mira mais ousada. Algo não estava encaixando.

Ainda por cima, a Mira tridimensional ainda não tinha percepção de sua própria experiência subjetiva numa dimensão acima. Se tivesse, poderia explicar e racionalizar melhor esse fenômeno.

Mas estando impotente sobre qualquer racionalização, o ser humano tem a tendência de só aceitar o que o sistema lhe impõe.

Subiu na garupa da moto e agarrou na cintura de Cathy enquanto a psicóloga acelerava mais do que o necessário.

— Vai devagar! Não temos capacete! — gritou Mira, contra o vento gélido que açoitava sua pele.

O jaleco da motorista batia contra seu corpo, piorando mais ainda a desorientação e sobrecarga sensorial.

— Relaxa menina. Você sobreviveu ao meu pior. Meu melhor não vai fazer nem cócegas. — E acelerou mais ainda. Tinha alguma distância para alcançar.

Mira fechou os olhos. O vento a cortava. A velocidade a esmagava. Mas algo dentro dela – *talvez não dela* – dizia: *você já esteve aqui antes. Na curva entre o medo e o descontrole. No limiar da próxima dimensão.*

Mira, incapaz de fazer qualquer coisa, só aninhou a cabeça contra as costas de Cathy, numa tentativa de se proteger do vento, insetos e os chicotes do jaleco. Seu primeiro pensamento foi sobre como o cheiro da nicotina era opressor, mas depois de algum tempo, notou um perfume suave, abaixo da superfície. Até que era agradável.

Tentou suprimir o pânico da situação absurda em que se encontrava, mantendo o foco no aroma agradável. Eventualmente se acalmou, limpou a mente e conseguiu entrar num estado meditativo. Um oasis no meio da torrente de caos que pilotava o veículo.

INTERLÚDIO — INCONSCIENTE COLETIVO

A consciência de San-Lehan foi arrastada através do palácio, derrubando paredes, pilares e qualquer outra estrutura no caminho da desfragmentação frenética. O novelo — a parte do cérebro humano, representado na quarta dimensão —, foi esticado quase até o limite do rompimento. A penalidade para quem é ousado o suficiente para desrespeitar as regras fundamentais do Palácio. Por pouco os corpos físicos de San e Remi não vieram a perecer. A estrutura não se importava se os convidados conheciam ou não as regras de etiqueta.

San observava a movimentação do novelo, a flutuação de cada ponta, cada núcleo e conexão. Era um caos absoluto.

O Palácio já não tinha forma que lembrasse qualquer tipo de estrutura. Retorcia-se em agonia e confusão mental. Os planetas anões estavam em rota de colisão exponencialmente mais rápida.

O sistema estava desestabilizado. Talvez por culpa do próprio San. Talvez Remi fosse o eixo de balanceamento; ele não estava por perto.

Conseguia ver, através da Estação Éris, seu corpo e Remi em alguma espécie de equipamento médico. Faced estava sozinho, sentado ao lado dos dois. Não conseguia sair do estado em que estava.

— Remi! — A voz ecoava pelas dimensões, sem ninguém para receber.

— Faced! — tentou novamente.

— Mira! — Alguém?

Nenhuma resposta. Tentou segurar os fios do novelo. Nada. Tentou manipular o Palácio; ele apenas se retorceu, como se desvisasse de algo nojento.

Era só San, fragmentado.

E o Palácio rangia como ossos de um gigante, gemendo em frequências que pareciam querer perfurar a audição inexistente de sua forma quadridimensional.

Pelo menos, num espaço sem tempo subjetivo, tenho a eternidade para reconstruir o que quer que tenha quebrado — pensou San.

Observar — Catalogar — Reportar — Era seu objetivo principal.

Meditou. Começou concentrando sua percepção no ruído de fundo.

Um zumbido grave atravessou o vazio — como se fosse a sílaba de um trovão nunca totalmente pronunciado — e vibrou cada filamento do novelo. Partículas fluorescentes escorrendo das paredes inexistentes rasgaram-se em rastros verdes e púrpura, lembrando vozes que se contorciam para formar palavras. Nada se fixava; tudo era viscoso.

“Não-tempo” é uma palavra gentil — concluiu. — Aqui, os segundos escalam paredes como ratos, incham, colapsam, e voltam a rastejar. É tortura de relógio sem ponteiros.

Passou então para a autópsia conceitual do sistema. Como PHY lhe dizia, quase uma década antes.

Analisou friamente a situação. Ele e Remi claramente tinham abusado das formas físicas, através da utilização do Palácio, mas como a entidade abstrata do novelo afetava o próprio San em forma corpórea, física?

San manifestou equações no ar, calculou correntes elétricas, condução de energia e interposição. Até mesmo tomou certas liberdades poéticas em biologia para elaborar uma premissa sobre o que ocorrera.

Concluiu que o novelo-núcleo individual não era uma abstração etérea; era continuação do cérebro tridimensional. Ambos estão intrinsecamente ligados e suscetíveis a danos que afetam um cérebro orgânico normal.

Todavia, San, em sua inexperiência, forçou um cérebro tridimensional orgânico a exercer funções do novelo — *ou cérebro* — quadridimensional. Isso causara seu colapso orgânico, talvez de forma irreparável.

Um lampejo de dor atravessou sua essência — *um eco do corpo no leito médico* — a carne, indignada, enviava protestos em Morse.

O núcleo pulsava com culpa.

Eu fiz isso com Remi, meu companheiro de vida. Ele deve estar confuso, assustado, tentando miar, sem cordas vocais. Alguém sem boca tentando gritar.

Se San estava desorientado, imaginava como estaria seu gato: pânico animal puro, medo e confusão.

Vou colocar tudo no lugar. Hora de experimentar, pensou.

Vamos tentar uma fisioterapia quadridimensional... — Riu internamente com o conceito. San seria o primeiro terapeuta ocupacional multidimensional.

San tinha consciência de sua mente tridimensional, mas não tinha autonomia sobre ela. Provavelmente estava usando exclusivamente o hemisfério dimensionalmente superior.

Não controlava o corpo físico; esse teria de se recuperar naturalmente.

Com esforço, reestruturou seu novelo na forma densa original. Os fios rangeram. Tendões costurados às pressas.

Tentou se concentrar, juntar energia, retorcer de toda maneira que conseguia para replicar a movimentação de Remi ou as manipulações de Mira.

Resultado decepcionante. Apenas aproximou-se um pouco mais do próprio novelo, causou espasmos de luz semântica... e só. Movimento zero.

Remi consegue transitar naturalmente entre os eixos, mas não parece ser capaz de desenrolar sua essência para mover o Palácio da maneira que eu consigo — pensou.

Mira manipula estruturas com precisão cirúrgica. Cada um carrega uma chave diferente para arrombar a realidade.

Tentou estabelecer premissas básicas. Elaborou alguma espécie de catalogação de especialização por repertório corpóreo.

Mira tinha delicadeza e tato micrométrico, sensibilidade e empatia sobre-humana.

Remi, como qualquer gato, dotado de agilidade, elasticidade, senso de orientação.

Após a vida inteira flutuando no espaço, observando planetas, San tinha habilidades de navegação macroscópica, afinal, era capitão da estação Éris. Concluiu que existia um limite de carga cruzada.

Forçar um nadador a erguer pesos de fisiculturista resulta em tendões rompidos; forçar um cérebro 3-D a rotear a realidade 4-D resulta em colapso neurológico.

Cada núcleo deve se desempenhar melhor quando realiza funções dentro de seu escopo, das habilidades que adquiriu durante a existência tridimensional, corpórea.

Um miado atravessou o negrume interior — não som, mas lembrança de som. Ecoou e refletiu em todas as 24 paredes.

San enxergou, num flash, o olho de Remi dilatar-se sob a luz fria do equipamento médico. Sístole, diástole, miado.

Fios do novelo se crisparam, respondendo ao chamado. A vibração carregava pânico, mas também a teimosia felina típica: *estou vindo*.

— Isso, garoto... — San murmurou, ou achou que murmurou; aqui, voz e pensamento são sangue da mesma cor.

Estruturas distantes do Palácio começaram a orbitar em elipse lenta. Estilhaços de paredes derretidas derivavam como icebergs. San percebeu que podia influenciar esses grandes blocos.

Tentou primeiro com força bruta. Envolveu os objetos com seu novelo numa tentativa fracassada de arremessá-los para longe. Sem sucesso.

Estou tentando empurrar um tronco vertical ao invés de rodar ele na horizontal.

Dessa vez optou por sutileza e suavidade. Conectou seu novelo em pontos chave dos objetos, onde sentisse o melhor torque de movimento. Uma marionete hiperdimensional.

Envolveu um fragmento com um nó de torus⁷⁰, tentando usá-lo como contra-peso para reduzir a torção da câmara central. Um rangido ecoou; a rotação planetária desacelerou um grau. Pequeno, mas mensurável.

Nova esperança.

Vou ser seu rebocador, Remi. Você encontra o caminho; eu tiro o trânsito da frente.

No limite do campo de visão, brilhou um ponto rubro — Mira. A precisão dela aparecia em uma trama de linhas finíssimas costurando fissuras no Palácio, segurando a entropia às unhas.

— Mira... você está aí... — O pensamento correu, torpe, até ela.

A resposta veio em forma de pressão suave contra o novelo. Uma mão que aperta o ombro fatigado.

San sentiu a mensagem sem palavras: *Não faça força sozinho.*



O símbolo surgiu espontaneamente — irônico, kitsch, fora de lugar — e depois evaporou, mas serviu.

O símbolo etéreo transmitiu toda informação que precisavam trocar entre si. Um plano de três vértices.

San diminuirá o spin caótico do Palácio⁷¹, segurando partes da estrutura em movimentos macro-gravitacionais. Não com força bruta, mas com controle suave sobre

⁷⁰ Na matemática das 4D, um “torus” (rosquinha topológica) pode ser manipulado para servir de ponto de ancoragem, torque ou mesmo canal de comunicação entre eixos. O uso de nós de torus aqui é uma licença poética e matemática para descrever manipulações geométricas na quarta dimensão — e dialoga com visualizações de topologia quântica.

⁷¹ Na física quântica e na teoria do caos, “spin” refere-se tanto ao momento angular de partículas quanto ao comportamento rotacional de sistemas dinâmicos. O uso aqui é metafórico: San atua para diminuir a rotação desordenada do Palácio, estabilizando parcialmente a estrutura.

fantoches. Um capitão que guia múltiplas estruturas de seu navio com movimentos sutis e graduais do leme.

Mira costurará fissuras, estancando vazamentos dimensionais. Remi navegará pelo labirinto até alcançar San com um “fio de Ariadne⁷²” quântico para religar novelo e estrutura.

Se der certo, todos vivos.

Se der errado... Astro-cadáveres e um gato furioso vagando em quatro dimensões.

San respirou — *ou simulou a memória de respirar.*

Os planetas anões já não pareciam projéteis cegos, mas ainda avançavam como marretas penduradas por fios tênues.

— Vamos dançar, então — disse à maré cósmica, lembrando da frase favorita de Remi antes de saltar entre as paredes até entocar no cabelo de Faced.

— *Cace os passarinhos Remi, cace os passarinhos.*

Brevemente sentiu um pingo de melancolia, ao considerar que o gato, jamais vira, ou sequer saberia o que realmente seria caçar passarinhos na liberdade de um animal em terra.

Tudo que ele conhecia era um invólucro metálico e dois humanos. E isso seria tudo que conheceria durante toda a vida.

E foi San que colocou ele lá. Privando-o de toda uma existência de liberdade, num desejo egoísta de companhia.

Arquivou o pensamento para outra hora. Tinha que se concentrar.

Empurrou outra placa estrutural. O Palácio rangeu em protesto. A órbita dos destroços reconfigurou-se, criando um corredor curvo de acalmia.

No fim, San *viu — sentiu* — um vulto familiar. Pequeno, esguio, cauda em ponto de interrogação. Remi estava a caminho, seguindo a trilha lentamente estabilizada.

— Só mover coisas grandes, hein. Às vezes é o suficiente.

O pensamento retumbou com ironia cansada enquanto engatava o próximo bloco e o forçava a deslizar através dos eixos, abrindo espaço para o gato mais teimoso do universo.

Ainda fragmentado, mas agora em rota de convergência.

E a culpa, por um instante, ficou alguns decibéis mais baixa.

⁷² Referência ao mito grego de Ariadne, que entregou um fio a Teseu para guiá-lo de volta do labirinto. Aqui, é adaptado ao contexto do entrelaçamento quântico: Remi atua como um guia intuitivo, abrindo caminho na tapeçaria dimensional para religar consciência e corpo.

INTERLÚDIO II

Nem vazio, nem presença — um estado suspenso entre os suspiros do cosmos.

Ali, onde até a luz se esquece de si mesma, um artesão brincava com possibilidades. Seus dedos (seriam dedos?) dançavam entre engrenagens de pensamento puro, manifestações mecânicas de ideias que ainda não haviam sido sonhadas.

As engrenagens — criaturas metálicas órfãs de propósito — giravam em êxtase involuntário. Quando seus dentes se encontravam, murmuravam segredos uns aos outros. Conversas íntimas entre superfícies recortadas, trocando memórias que nunca tiveram, como amantes que se reconhecem após vidas separadas.

Como medir o girar sem tempo? Como descrever o movimento onde o espaço é poesia e não matemática? Uma contradição dançante, uma melodia sem som.

O artesão (seria mesmo um só?) aprendia enquanto criava, uma criança-universo brincando com blocos de realidade emprestada. Suas mãos hesitavam, inventavam certezas, desmanchavam absolutos. *"Isso encaixa aqui? E se eu virasse ao contrário? E se dois virassem um?"*

Artesão-demiurgo-criança-deus.

Quatro engrenagens beijaram-se em círculo fechado, um colar de dentes e sulcos. Entre elas, segredos começaram a fluir — azuis, vermelhos, transparentes, impossíveis. A mais simples das danças, a mais complexa das comunhões.

Algumas, apaixonadas à primeira vista, fundiram-se em abraços irreversíveis. Outras tremiam de ódio ancestral quando próximas, repelindo-se com a violência de universos incompatíveis tentando ocupar o mesmo poema.

Cada engrenagem só conhecia seus vizinhos imediatos, cegas para a sinfonia maior. E ainda assim, quando o artesão se afastava para admirar sua não-obra, elas pareciam conjurar, juntas, algo maior que suas partes.

À medida que dançavam, trocavam cores, temperamentos e memórias. Uma tornava-se outra, outra tornava-se todas. Fronteiras dissolviam-se em um carnaval de identidades trocadas, um baile de máscaras onde as máscaras trocavam de rostos.

Um sistema bem lubrificado cantaria eternamente. Mas o artesão, em sua infinita curiosidade infantil, já se perguntava: *"E se eu deixasse enferrujar, só um pouquinho? E se eu quebrasse um dente, só para ver?"*

Afinal, até deuses brincam de destruir às vezes.

PARTE 17 — REENCONTROS

17.1 ORWELL — EQUIPE MITHRILL

TREZE DE JANEIRO — 23:00

De volta ao embate dentro da GOES, quatro dias antes dos eventos ocorridos entre Cathy, Mira e Will — REX observava Orwell, através da mira de seu rifle de assalto. O Sentinel caminhava na direção do repórter, que empunhava somente um pote de sorvete.

Orwell arremessou o pote de sorvete. Estremecia, berrava por MDK. Tentou rolar para fora da cama, sem sucesso. Não havia como escapar da monstruosidade que se aproximava.

— **ORWELL. VOCÊ. FOI. DIFÍCIL. DE. ACHAR.** — A voz arranhava o ar.

— Vá à merda, Nosferatu! Quem é você e o que quer?

— **WILL. QUER. TE. VER. ENGRAÇADO. SEGUNDA. VEZ. CHAMADO. NOSFERATU.**

Will quer me ver? Puta merda! Pelo menos essa coisa não veio me matar. Ainda...
pensou Orwell.

O Sentinel estendera o braço, mas o alvo não cedia ao seu controle. Os orbiculares oscilavam cada vez mais rápido, como um rádio buscando a frequência correta.

O Sentinel não conseguiria encontrar o inconsciente coletivo em que Orwell estava.

Se já estava furioso antes, agora se tornou um animal raivoso. Como poderia não estar funcionando? Era sua única ferramenta e, se não fosse útil, seria descartado. Isso estava fora de cogitação. Desatou a caminhar em direção ao alvo.

Tudo paralisou com um disparo, e uma sequência de eventos desencadeou-se em milésimos de segundos.

O Sentinel correu na direção de Orwell.

REX foi puxado para trás com violência.

O susto fez seu dedo apertar o gatilho instintivamente.

O projétil cortou o ar e atravessou a cartilagem da orelha de Orwell antes de se alojar na cabeceira metálica da cama com um estalo agudo.

Um inimigo tentava injetar algo no pescoço de REX — sedativo, certamente.

Ele reagiu por instinto. Cotovelada precisa no abdômen do agressor, seguida de um golpe esmagador na glote.

Num movimento fluido, sua mão já estava na bota, sacando a faca de combate. O braço cortou o ar como uma víbora faminta, a lâmina encontrando a jugular sem hesitação.

— Tango Down.

Cinco disparos abafados rasgaram o ar. Dardos tranquilizantes.

Dois operadores da Mithrill desabaram como marionetes de cordas cortadas.

REX girou o corpo. O cenário à sua frente desafiava a lógica.

Um grupo de combatentes surgira do céu, caindo sobre sua equipe como predadores. Impossível. Tinham sido meticulosos na aproximação – ninguém poderia ter preparado uma emboscada tão rapidamente.

Rolou para o lado, já empunhando o rifle. Quatro, cinco, seis alvos. Um quadcopter pairava acima, praticamente inaudível – tecnologia de ponta da GOES que jamais vira em campo.

Figuras desciam por cordas como aranhas predatórias. Alvos perfeitos, vulneráveis durante a descida. REX alinhou a mira e disparou em sequência precisa. Dois corpos contorceram-se no ar antes de despencar. Um terceiro gritou, a perna atingida.

— Contato aéreo múltiplo. Hostis em descida coordenada.

O rádio finalmente crepitou. Era WON.

— Azul⁷³ 4 e 5 caídos. Inconscientes. Posição comprometida.

— Confirmado. Visual em seis hostis aéreos. Perdemos o controle do setor.

REX processou a situação em milissegundos antes de decidir.

— Formação Delta. Recuar e reagrupar no setor Bravo. Extrair o pacote no térreo e evacuar pelo ponto Echo. Repito: sair no Echo. WON, SOL, recuem cinquenta metros às seis horas. Fogo de supressão alternado. Formação Delta, confirmem.

— Copiado, chefe.

— Copiado. Em movimento.

REX deslizou para trás de um parapeito de concreto que mal cobria metade de seu corpo. De joelhos, ajustou sua posição de tiro e disparou rajadas calculadas, permitindo que seus companheiros recuassem.

⁷³ Azul = Aliados.

— Frag out! — vociferou, arremessando uma granada magnética em arco perfeito rumo ao quadcopter.

A detonação rasgou o ar; a onda de choque reverberou por quilômetros, fazendo alarmes de veículos estacionados ulularem em uníssono. Gritos ecoaram dos edifícios adjacentes. O quadcopter transformou-se numa esfera incandescente de metal retorcido e combustível em chamas, rodopiando numa espiral mortal rumo ao asfalto. O impacto gerou uma segunda explosão que fez o chão tremer. Nenhum sobrevivente possível.

A equipe Mithrill aproveitou o caos momentâneo para resgatar os operadores caídos, que começavam a recobrar a consciência — resultado do rigoroso treinamento contra agentes incapacitantes. Ainda assim, estavam longe de condições de combate.

WON surgiu na frequência, voz tensa.

— Estamos cercados. Mais três quadcopters descendo em formação triangular.

REX voltou o olhar para o andar inferior, através do vidro estilhaçado. O Sentinel — aquela aberração biotecnológica — estava quase alcançando Orwell.

— VIP em perigo iminente! Equipe de entrada, AGORA! — ordenou com urgência.

O silêncio no rádio foi sua resposta. Uma chuva de dardos tranquilizantes despencava dos três quadcopters agora posicionados estrategicamente. Dezenas de inimigos desciam em coordenação tática perfeita.

— Chefe! Oito horas! — Alertou SOL durante um rolamento para desviar da nova sequência de disparos.

— Vai na frente, REX! Eu seguro aqui! — SOL efetuava disparos precisos contra outro grupo de inimigos que descia do ar.

WON desabou ao seu lado após receber uma rajada de dardos na fissura da armadura. Só teve tempo de arfar um "mer..." antes de apagar.

Num impulso de amador desesperado, SOL ativou seus implantes neurais. Por poucos segundos, o mundo pareceu mover-se em câmera lenta, conforme seu cérebro trabalhava em overdrive.

REX, agachado, levantou o olhar e percebeu a tempestade de dardos, despencando em sua direção.

Acho que a missão fracassou, pensou com calma e resignação. Pelo menos não querem matar a equipe... agora.

O vulto de SOL dominou seu campo de visão. O novato se moveu num único deslizar, em velocidade sobre-humana para abrigá-lo, recebendo a saraivada completa, de braços abertos.

— Merda, SOL! — Dentre todos da equipe, SOL era seu favorito. Treinara-o pessoalmente ao longo de anos. Ele é que deveria servir de escudo para o pupilo, não o contrário. SOL virou-se soridente para o mentor antes de colapsar com os sedativos. O sorriso dizia tudo. O mantra de REX: “*Somos sombras que só desaparecem ao apagar das luzes. Sombras do objetivo e da equipe. Se ainda existe luz, você segue o alvo.*”

Nessa hora, REX soube que treinara bem o garoto. Com espírito renovado pela onda de orgulho, decidiu que ainda não era hora de desistir. Repetiu o mantra mais uma vez: “*A missão em primeiro lugar. Somos sombras.*” A decisão estava tomada: os outros teriam que ficar para trás.

REX estilhaçou o vidro com o coturno e mergulhou para dentro do quarto de Orwell. Rolou lateralmente, evitando por centímetros a nova rajada de sedativos que varreu o espaço onde ele estivera. O Sentinel era prioridade agora.

Da entrada lateral, uma segunda figura surgiu como um espectro de guerras passadas. Uniforme militar cinza desgastado, movimentos precisos de um predador ancestral. Avançava para o Sentinel com a determinação letal de um jaguar.

O impacto entre os corpos ecoou como aço contra pedra, ambos colidindo contra o piso. O Sentinel contorcia-se, olhos girando em frequências hipnóticas direcionadas ao atacante. Nada aconteceu.

— **POR. QUE. NÃO. FUNCIONA?!** — a voz sintética da criatura revelava algo próximo do pânico. Orwell, preso entre dor e confusão, dividia seu olhar entre o combate brutal, e REX, que agora corria em sua direção.

REX ativou implantes de adrenalina e potenciadores musculares – pupilas dilatadas, veias pulsando sob a pele.

No centro da sala, o misterioso combatente injetou uma seringa no Sentinel. Sem efeito. Segunda, terceira aplicação. Nada.

REX alcançou Orwell, arrancando-o da cama e jogando-o sobre os ombros como um fardo. Os aprimoramentos biomecânicos tornavam o peso insignificante.

Sua rota de fuga estava além do duelo corporal à sua frente: um obstáculo de dez metros.

Decisão tática: saltar por cima.

O segundo combatente envolveu o pescoço do Sentinelas num torniquete humano, dedos comprimindo como prensas industriais.

A criatura debatia-se, unhas artificiais arranhavam o capacete do atacante.

Se respira, precisa de ar. Se precisa de ar, pode ser apagado – o pensamento frio do veterano.

Num movimento furioso, o Sentinelas arrancou o capacete do adversário, expondo um rosto marcado por cicatrizes de combate, que agora tentava alcançar olhos e pontos vulneráveis.

— MDK! Você veio! — exclamou Orwell, tentando se mover contra a dor lancinante que percorria seu corpo maltratado, os implantes recentes protestando contra o movimento brusco.

REX impulsionou as pernas modificadas, iniciando o salto por cima dos combatentes. Atirava às cegas para trás, mantendo os perseguidores à distância.

Com precisão cirúrgica, MDK inverteu posições, puxando o Sentinelas para si como um domador de feras. Repositionou o corpo e, usando as pernas, aprofundou o mata-leão com a frieza de alguém familiarizado com a morte.

REX e Orwell passavam por cima quando a voz de MDK cortou o caos:

— Não! Você não vai.

Ainda sufocando o Sentinelas com as pernas cruzadas, MDK estendeu os braços como correntes vivas, dedos fechando-se no tornozelo de REX — uma garra que só a morte separaria.

O impulso do salto transformou-se numa equação física catastrófica.

REX foi puxado em arco descendente, arrastando MDK, que por sua vez mantinha o Sentinelas preso entre as pernas. REX colidiu com o chão, rosto primeiro.

Orwell foi arremessado para frente pela inércia, ossos recém-reparados e implantes metálicos reclamaram em ondas de agonia indescritível por seu sistema nervoso.

O Sentinelas finalmente sucumbiu à inconsciência.

REX, ainda de bruços, direcionava chutes desesperados à cabeça de MDK com a perna livre. Sua pistola lateral escorregara para além de seu alcance imediato. Esticou os dedos, faltando centímetros.

MDK liberou o Sentinel inerte e executou um rolamento tático para trás, sem jamais soltar o tornozelo capturado.

Envolveu REX num abraço letal de pernas, invertendo posições. Ambos de bruços, cabeças em direções opostas, MDK comprimia o pescoço do adversário com as coxas enquanto puxava as pernas, criando uma curvatura antinatural que aumentava a pressão.

REX tentou reverter a posição, sem sucesso.

O ar escapava de seus pulmões. Manchas escuras dançavam em sua visão periférica.

Seus dedos encontraram algo frio e metálico – a pistola.

A precisão era impossível naquela posição. O tempo, escasso.

Disparou contra a perna de MDK.

O grito de dor foi visceral. A pressão diminuiu momentaneamente.

REX aproveitou a oportunidade. Rolou para ficar de costas num giro tático suave, revólver erguido, pronto para o tiro de execução.

Ao completar o movimento, oito canos de rifles de assalto formavam um círculo fatal apontado para seu rosto. REX apenas sorriu e soltou a arma, que bateu com um baque surdo contra o piso.

MDK levantou-se com esforço visível, apoiando-se na perna ilesa. Voltou-se para Orwell com um sorriso cansado, sangue escorrendo pela ferida: — Eu nunca fui embora, rapaz.

Os cinco agentes da Mithrill chegaram, algemados, sem equipamentos e escoltados pela equipe GOES. Foram colocados de joelhos em frente ao General. Um rápido relatório foi-lhe passado.

— Maravilha! Poucas baixas, e ainda ganhamos um belo lote de tecnologia rara para fazer engenharia reversa. Até que eles acordaram rápido!

— Só o último realmente ficou desacordado pelos tranquilizantes, mas foi atingido por uns vinte. Outro até conseguiu revidar, sacou o revólver e mirou em um dos nossos antes de ser restringido — respondeu um dos membros da equipe de MDK.

— São calmantes feitos para desacordar elefantes. Esses caras não são normais.

MDK olhou para a equipe Mithrill e debochou.

— Não fazem mais como antigamente. Vocês estão tentando apostar corrida de carrinho contra um carro de Fórmula 1. Bateu o olho no membro com quem travara

combate físico e o reconheceu imediatamente. Também foi reconhecido, mas ambos souberam que era melhor não se manifestar sobre isso.

— Deixe esse líder separado. Quero questioná-lo pessoalmente depois. — Orwell, frustrado, exigiu saber o que estava acontecendo.

— Agora, precisamos conversar. Você vai entender, Orwell. Mas não vai gostar do que tem para ver.

17.2 MDK

QUATORZE DE JANEIRO — 01:00

Seu pai dizia que nunca se deve confiar em viciados. Ele certamente não ficaria satisfeito com o tipo de pessoa que MDK se tornara.

O General não tinha perfil de quem gastava fortunas em cassinos. Eram as matérias de vida ou morte que despertavam seu espírito de apostas. Dinheiro não bastava para satisfazer seu desejo; os riscos precisavam ser mais intensos, **mais reais**.

Usar pessoas como fichas não equivale a apostar cegamente em uma roleta completamente aleatória. Está mais próximo do poker, onde a habilidade e capacidade de leitura valem mais do que a sorte em si, embora também fosse um fator influenciador.

Mas MDK fora abençoado com um instinto de batalha e intuição sem precedentes, o que rapidamente alavancou sua carreira militar, durante a juventude. Estratégias pouco usuais, que os superiores consideravam loucas acabavam virando o fluxo de combate e garantindo a vitória.

Certa vez o General se viu no comando de um grande número de tropas, em um combate que se estendia por meses, em aparente impasse.

Nessa situação, decidiu colocar suas fichas na mesa. Uma estratégia fria, talvez até mesmo cruel. Mesmo com um enorme número de tropas à disposição, tudo indicava que, num combate de atrito continuado, o resultado seria derrota. *Se todos os soldados morreriam aos poucos, melhor que o façam de uma vez, disse MDK, ao comando superior.*

Não era bravata.

Naquela noite, as ordens foram passadas com poucas palavras e nenhuma cerimônia.

— Você vai ser condenado por um crime de guerra, MDK. Me recuso a ter envolvimento nisso — disse outro oficial.

— Tudo bem. Eu assumo total responsabilidade. Afinal, só é um crime de guerra, se você perder o combate. Eu não pretendo perder.

Os soldados, muitos deles recém-chegados, com uniformes ainda duros, foram organizados em colunas desordenadas. Sem cobertura. Sem suporte de artilharia. Sem reconhecimento prévio. Seriam lançados em ondas sucessivas contra as linhas inimigas.

Ouvia-se um burburinho no acampamento, como se todos compartilhassem uma suspeita comum, mas sem coragem para verbalizar.

À meia-noite, o primeiro grupo avançou.

Eles foram recebidos com metralhadoras pesadas e morteiros. Gritos de desespero, membros arrancados, corpos queimando no solo encharcado. Nenhuma vitória tática. Nenhuma posição conquistada.

E, ainda assim, duas horas depois, mais tropas foram enviadas. Depois mais. Depois mais.

O inimigo, confuso, inicialmente acreditou se tratar de um ataque suicida isolado. Depois, pensaram que MDK enlouquecera. Mas com o passar da madrugada, perceberam que não era loucura. Era **intencional**. Calculado. Quase sádico.

As tropas de MDK não atacavam com técnica. Atacavam com **presença constante**, ruído, peso, volume, pânico.

Os alto-falantes da linha de frente começaram a emitir gritos gravados, distorcidos, vozes de crianças, risadas repetitivas, preces aceleradas. Algumas unidades nem carregavam armas — vinham correndo, berrando, aos montes, apenas para distrair, apenas para morrer na frente dos verdadeiros atacantes que vinham em grupos mistos, escondidos atrás da insanidade coletiva.

O comandante inimigo, no fim da manhã seguinte, solicitou reforços com uma frase que ficou registrada nas comunicações:

Eles continuam vindo. Nós os matamos, mas eles continuam vindo. É como se a morte não os afetasse mais.

MDK observava de um bunker móvel, tomando café.

Já está acontecendo. Eles não veem mais soldados. Veem espectros. Isso é guerra psicológica, porra. Isso é arte.

No terceiro dia, parte da tropa inimiga começou a recuar **sem ordens**. O rádio captava orações em diversos idiomas. Relatos de soldados que não conseguiam dormir, acordavam ouvindo vozes, e diziam sentir "os mortos andando".

Quando MDK finalmente lançou a ofensiva real, o inimigo não tinha mais moral para resistir. Alguns abriram fogo contra os próprios homens, acreditando que estavam cercados por mortos-vivos.

A vitória veio sem glória.

O campo ficou silencioso.

Na volta, quando questionado por um dos generais do Alto Comando sobre a ética de seu método, MDK apenas respondeu:

— É fácil julgar depois da vitória. Mas eu te pergunto... quantos túmulos custaria a derrota?

E acendeu um cigarro.

Esse combate em específico, resultou no apelido de Aparição Indomável, nome que o General carregava com orgulho. Resumia bem suas abordagens. Repentinhas, imprevisíveis e espontâneas.

Os eventos das últimas semanas não foram diferentes, na perspectiva de MDK, que agora, explicava para Orwell o que aconteceu, omitindo certos aspectos mais *controversos* de suas abordagens.

— Eu tinha que deixar aparente para todos, dentro e fora da organização que o objetivo era realmente invadir o local do exame, afinal, existem olhos em todos os lugares. Nunca se sabe quem está ouvindo.

— Eu era uma isca? — perguntou Orwell, indignado.

— Mais ou menos. Você foi um acaso útil. Certamente facilitou as coisas. Por sinal, está sabendo que agora você virou uma espécie de lenda urbana?

— Como assim, lenda urbana, MDK?

O General virou para um dos membros capturados da Mithrill e cutucou com o pé, para indicar que estava falando com ele.

— Soldado! Me dê um relatório sobre Orwell Mathew! — disse MDK, em tom de comando militar, como se falasse com um dos próprios subordinados.

O soldado de elite descreveu os supostos feitos de Orwell, conforme descritos por testemunhas e civis. Inclusive mencionou gravações que mostravam o próprio Orwell abatendo alvos, armado, como alguma espécie de super soldado, o apelido de *Fantasma de Sraknova*.

O repórter estava obviamente perplexo e confuso. Talvez até mais que isso. Estava pálido: — Como assim?!

— Simples, Or. Contra informação, testemunhas plantadas, gravações modificadas. Um pouco de manipulação midiática aqui, uma fofoca ali e você tem a receita perfeita

para uma lenda urbana. A Fundação adora isso.

Virou novamente o olhar para o soldado capturado.

— A palavra *Laviante* te lembra alguma coisa, Soldado?

Relutante, o membro da Mithrill respondeu, de cabeça baixa.

— É uma das nossas fontes, dentro da GOES.

— Ei! Não abra a boca, SOL! — disse WON, repreendendo o novato.

Quem respondeu foi o líder, REX.

— Você acha que ele não sabe? Só está se entretendo, inflando o próprio ego. A gente só serviu de peão num jogo doentio. Desembucha logo, MDK.

O General riu.

— Pragmático como sempre, REX! Devia ter vindo trabalhar comigo, quando ofereci.

O líder da equipe de elite cuspiu no chão: — Vendo minha alma antes de trabalhar novamente com você, MDK. Parasita de merda.

— Não sou eu que está ajoelhado e algemado — respondeu o General. — Mas então, SOL, certo? Quer me dizer o que é o nome Laviante pra você?

— Illia Aganov — a voz tinha som de derrota.

— Quem é esse? — perguntou Orwell.

— Um dos Diretores da GOES. Já está nas entradas da organização há anos, mas só algumas semanas atrás que intercepei comunicações encriptadas dele.

— Você matou ele? — perguntou REX.

MDK soltou um gargalhar falso: — Não! Nada do tipo! Um peão morto não tem utilidade. Eu só pedi um favor para um associado, por assim dizer. E não foi um favor barato, lhe admito isso. Nunca vi uma pessoa tão temperamental.

Orwell interrompeu a troca entre os militares: — Já entendi! Você me usou de isca. Tudo bem. Mas e Pol?? Você recuperou meus arquivos no hotel, afinal? Onde estão os candidatos da segunda fase?

— Orwell, meu amigo. Não precisamos de uma ofensiva militar, nem nada drástico do tipo pra recuperar Pol.

— Admito que não sabemos exatamente onde ele está, mas agora que temos essa coisa — gesticulou em direção ao sentinela, que se debatia durante toda a interação — tudo fica mais simples.

O General tinha outras razões para não ter recuperado Pol ainda, mas nada que estaria disposto a contar, no momento.

— Por mais que eu deteste admitir, ainda temos algumas pontas soltas. Seu quarto de hotel estava limpo, Orwell. Nem sinal dos equipamentos, gravações. O endereço do voxelcard também não retornou nada de útil.

MDK puxava a ponta do denso bigode durante a fala. Gesto que passou despercebido por Orwell.

— Você provavelmente não está mais em perigo de vida, Orwell. Pelo momento, pode passear normalmente pelas redondezas, se quiser. Vai fazer bem mexer esses músculos um pouco.

— Só não vá muito longe do bairro... Você ainda é um foragido, e agora, um vigilante famoso.

— Quando melhorar um pouco, vamos te levar pra estação orbital, para ficar um pouco fora do radar — finalizou o General.

MDK olhou o relógio. Exatamente o horário em que terminava suas visitas noturnas com Orwell.

— Acho que fechamos por hoje, meu amigo. Ainda tenho muito trabalho pela frente. Amanhã conversamos mais, no horário de sempre. Tente descansar por enquanto. O pior já passou.

Orwell interrompeu: — Espera! Por que você vai me esconder na estação orbital? O que você ganha protegendo um fugitivo?

A resposta de MDK foi suave e genuína: — Não ganho nada. Mesmo que você não perceba, fez um serviço valioso para a GOES. Tem minha gratidão.

— Sobre ser fugitivo. Não me interesso por política. Mas também não vou resolver seus problemas para você. Só quero recuperar meus funcionários.

— No fim das contas, essa operação inteira foi um desastre. Qualquer vantagem que conseguimos está nessa sala — disse, com olhar baixo, decepcionado.

MDK se despediu e ordenou que os capturados fossem colocados nas áreas de interrogatório, e o Sentinel, enviado para o laboratório, restringido.

Ao que o General se retirava do quarto, Orwell sobre ouviu uma conversa no voxel.

— Ellian, temos o Sentinel. Ele é todo seu.

MDK foi sozinho até onde os prisioneiros estavam sendo detidos. Não era um cativeiro desumano, mas também nenhum hotel 5 estrelas. Precisava conversar com REX.

O colega militar encarava a porta como se soubesse que vinha.

— Mas já apareceu, MDK? Achei que fosse me deixar mofar um pouco mais.

— Fazer o quê? Não vou largar um velho amigo de campo — disse MDK.

— Quer me pedir mais segredos corporativos?

— Nada disso. Só vim ver como estava.

17.3 ORWELL

QUATORZE DE JANEIRO

Algo não fazia sentido para Orwell, especialmente após todo o caos do dia anterior. Resolveu abaixar a dosagem de anestésicos para pensar melhor. Sua mente estava nebulosa demais.

A dor continuava insuportável, mas aquele mesmo desejo latente de cutucar vespeiros latejava na sua cabeça.

Ellian foi um dos candidatos aprovados na segunda fase. MDK falou com ele no voxel. Como esse sujeito estava livre? Ele deve saber algo sobre os demais. O General esconde algo...

Orwell também se lembrou do que tinha achado no quarto de Pol. Menções à San enterradas no subconsciente, letras perdidas nas anotações de Pol. Conforme a sobriedade lhe atingia, conexões e conclusões emergiam. Tinha pendências para investigar. Não somente sobre Sraknova, mas também sobre a GOES.

Desde o resgate por Pol, só sobreviveu por acidente. Nenhuma resposta, nenhum avanço. Só feridas e mais perguntas. Se isso era progresso, preferia ter morrido no começo.

Trêmulo, acendeu outro cigarro. Um fracasso. Era assim que se sentia.

Claro, descobriu que a Fundação usava meios controversos na seleção de candidatos, mas que tinham segredos enterrados, não era surpresa pra ninguém.

Eram mais perguntas do que quando começou e sequer podia se mover livremente, após ser transformado em alguma espécie de vigilante, pelo General.

Não sabia quem enviou o voxel, quem assassinou o Senador, quem estava atrás dele no primeiro dia, o que teria acontecido com Pol ou os outros candidatos, quem era San-Lehan.

Tinha muito o que fazer, pouca disposição física, recursos limitados, quase nenhuma possibilidade de sair da região. Sentia-se um refém. Um refém muito bem tratado, mas ainda assim, um refém.

Resolveu seguir o conselho do General e dar uma caminhada. Além de que, como o próprio MDK havia dito, as paredes têm ouvidos.

O núcleo de San-Lehan, imerso e experiente com o Palácio, mapeava a estrutura e o Inconsciente Coletivo. Não sabia de onde vinha cada ligação, mas reconhecia melhor a intensidade entre as conexões.

Em um instinto irracional, a conexão com Orwell transmitia o sentimento, como telefone sem fio.

Enquanto Orwell fumava na esquina, seu voxel vibrou — *não existem coincidências*.

— San? Preciso falar com você — a voz de Orwell tinha urgência na tonalidade.

— Boa tarde, em primeiro lugar, senhor. Como estão as feridas?

San fez o equivalente a suar frio, conforme um calafrio passava pela sua espinha após a próxima fala de Orwell. Realmente todos os acontecimentos recentes eram conectados.

— Esquece as formalidades, cadete espacial.

— Algum desses nomes significa algo pra você? MDK, Pol, Ellian?

San ficou em silêncio. Processou a pergunta repentina por mais tempo do que gostaria. Orwell teve que chamar sua atenção para perceber que não respondera.

— San?? Você está aí?

— Sim. Pol é meu pai. MDK, um dos chefes da GOES. Os outros, desconheço. Como você conhece essas pessoas?

Orwell explicou para San os acontecimentos. A repentina troca de informações foi uma catarse para ambos.

O que antes era a relação de um garoto passando trotes e um velho rabugento, tornou-se, num passe de mágica, um laço de cumplicidade entre duas pessoas, colocadas no olho de um furacão, sem saber como, nem porquê.

Trocaram relatos freneticamente, numa conversa que pode ter durado cinco minutos, ou duas horas. Falavam um por cima do outro, aliviados por ter alguém que, de alguma maneira, lhes entendia.

Por fim, Orwell exclamou: — Então você não sabe absolutamente nada que possa me ajudar? Que bela merda essa conexão mágica. E pra piorar, está dizendo que realmente está numa bola de gelo, na puta que pariu.

— Sinto muito, Orwell. Pelo menos sabemos, finalmente, que podemos confiar um no outro. — Era um alívio misturado com desilusão brutal.

Orwell encarava o vazio.

— É melhor do que nada... Pelo menos você não é um imbecil me passando trote. Só um imbecil. Vou aguardar suas ligações nesse horário, em algum lugar privado. Se eu não atender, assuma que estou incapacitado ou morto. Tenho umas outras pendências pra resolver.

Um novo senso de camaradagem tinha surgido entre os dois.

Ellian. Esse é o próximo.

San hesitou. Orwell fechou o voxel e acendeu outro cigarro.

Nada como sair de uma ligação mística direto para a caça a um sociopata narcisista. Pelo menos era terça-feira.

17.4 ELLIAN — LOGO APÓS O EXAME

SEIS DE JANEIRO, 22:00 — OITO DIAS ANTES.

Cathy tinha lhe destruído. Não acreditava no próprio fracasso. Recusava admitir a derrota.

Olhava para a rua vazia ao lado do hangar do exame. Parecia dobrar sobre si mesma; as pernas tremiam e pensamentos de derrota, mental e espiritual, o rodeavam.

Sem qualquer forma de transporte, nem forças para andar, teria que engolir seu orgulho e ligar para o demônio fardado que o colocara nessa situação.

Uma gota de suor escorreu pela testa. Pensava em seu único amigo, um cientista brilhante, reduzido a um vegetal funcional em estado de psicose. Pensava no canalha do Pol, fantoche de burocratas — sequer sabia se estaria vivo.

Agora a única opção era engolir o orgulho e admitir, com nojo de si mesmo por ser colocado nessa situação, que precisava da merda dos burocratas.

Pegou seu voxel, recém-devolvido pela avaliadora psicótica, e fez a fatídica, desgostosa, podre ligação.

A voz atendeu com a mesma disposição militar que sempre teve. Cortês, mas impositiva. Não demonstrava um pingo sequer de alívio por receber um contato de um dos subordinados. Era apenas mais um dia normal na rotina de MDK. Ellian, apenas uma notícia agradável, protocolar.

— Ellian, boa noite. Estive aguardando contato de algum dos candidatos.

Ellian subvocalizou vulgaridades.

— Claro que estava — desgosto e cinismo transbordavam do tom de voz.

— Só mande alguém me buscar, MDK.

— Bom saber que continua o mesmo Ellian que conheço. Estou a caminho. Vinte minutos.

Cambaleou até qualquer lugar para descansar o corpo. Não tinha um banco sequer. Desistiu de colocar esforço para procurar e só deixou o corpo recair contra alguma parede suja dos arredores.

Em loop, até o General chegar, sua cabeça repetia os mesmos pensamentos.

Eu estou acima dessa escória. A vaga era minha. Cathy. MDK. Canalhas. Vou afundar todos. Vou assistir com prazer tudo ruindo em chamas.

Eventualmente revisou os pensamentos, friamente. Era choque. Uma espiral psicótica.

Cathy quer que eu caia no abismo criado por ela. Não vou dar essa satisfação. Escutar MDK. Tirar Jaques de lá. Retomar nossa pesquisa. — Substituiu um loop de pensamentos por outro.

Eventualmente, um grande carro estacionou ao seu lado. Não era nem um pouco o perfil do General, esse tipo de veículo. Imaginava-o dirigindo algo como um Jeep, ou qualquer coisa militar, elétrica, digna do século XXII.

Não. Um bloco, barulhento, fedendo a gasolina e óleo. Sem teto.

Ellian não entendia de carros, só imaginou que aquela lata velha era alguma relíquia do século passado, ou até retrasado. O tipo de carro que mata uma árvore só de ligar.

Pensando bem, até que poeticamente combinava com o General, que estava de óculos escuros de aviador, um braço pra fora, jaqueta de couro animal, cuja fabricação havia sido proibida décadas atrás. *Ele está se divertindo dirigindo isso?*

Pela primeira vez, Ellian vira o General sem seu clássico uniforme. Podia se passar por um velho de meia-idade que estacionou no tempo, ao invés de um burocrata.

MDK saiu do veículo.

— Peço desculpas pela vestimenta. Por incrível que pareça, também sou humano. Tenho meus momentos de folga.

Isso é a tentativa de humor dele? Ou só quer criar algum senso de empatia sem saber como. Vai tentar pedir alguma coisa, tenho certeza — pensou Ellian, ainda sentado, apenas encarando o General. Sua mente, caótica demais para qualquer análise adequada da situação.

— Você não parece nada bem. Tem mais alguém junto? Jaques, Pol?

— Sou só eu.

— Muito bem. Depois você me atualiza sobre os acontecimentos. Vamos te alimentar e dar uma cama para descansar, Ellian. — O General estendia a mão para ajudá-lo a levantar.

Ellian quase apreciou o gesto.

— Grato — respondeu, ao aceitar a mão de MDK.

Dirigiram em silêncio. Bom, o silêncio que um carro desses permitia, sob o som dos pistões em queima de combustível sujo. A aberração só perdia para Cathy na quantidade de fumaça que soltava.

Eventualmente, MDK quebrou o silêncio. Uma tentativa de puxar assunto? Socializar? Fingir humanidade?

— Uma beleza, né?

Ellian escaneou os arredores para identificar a origem do comentário.

— O carro — continuou o General, percebendo a confusão no olhar do cientista.

Ellian só grunhiu em resposta. MDK pareceu ignorar o desinteresse do subordinado no assunto e continuou, empolgado.

— É um Plymouth GTX, 1969. Eu mesmo resgatei os destroços e remontei...

Ellian não pôde deixar de ficar surpreso com a idade do veículo.

— E os buracos de bala na lataria? — perguntou Ellian.

A expressão de MDK fechou um pouco.

— Tive um pequeno imprevisto hoje cedo.

— Sabe, não foi simples colocar isso pra funcionar. Esse tipo de mecânica já não existia, mesmo quando eu nasci.

— De certo modo, posso dizer que sou como vocês, cientistas. Estudei uma tecnologia esquecida no tempo, aprendi cada aspecto da montagem, mandei fazer as peças individualmente.

Ele está tentando passar alguma mensagem? Não consigo ler. Não entendo. A expressão facial dele é de alguém empolgado, mas as palavras parecem querer dizer algum subtexto. É uma contradição ambulante. Um jogador de poker.

— Engenheiros. Não cientistas — respondeu Ellian.

MDK riu. Genuinamente? Uma atuação?

— Tem razão! É uma diferenciação importante.

— Sabe, eu lidei com pessoas da sua profissão quase minha vida inteira. Sempre foram um enigma para mim. Nunca consegui decifrar, da maneira que decifrei esse carro.

— O ponto é: eu me apresentei um desafio inalcançável. Quase desisti, inúmeras vezes. Me irritei, joguei peças contra a parede, deixei de lado por meses.

— Mas toda vez, meu interior sempre me mandava voltar. Completar algo que comecei. Decifrar esse enigma, por mais dor de cabeça e frustração que me apresentasse.

— Eu podia ter deixado ele no ferro-velho. Tinha peças faltando, partes que ninguém mais fabrica. Um motor que não se encaixava na lógica moderna. Era pesado, barulhento e impraticável. Mas me recusei a aceitar que estava condenado. É isso que eu faço, Ellian. Pego o que dizem ser inútil e torno funcional. Custe o que custar.

— No fim, foi uma das melhores decisões da minha vida.

— Ellian, eu preciso que você incorpore a dedicação que coloquei nesse carro. Vai ser a melhor decisão da sua vida, assim como o carro foi a minha.

Aí está. Eu sabia que vinha algum pedido no final do discurso infinito.

— Eu realmente não tenho como agradecer pela ajuda que você me deu com Illia Aganov, semanas atrás. A engenharia reversa e aplicação da tecnologia foram muito úteis.

— Mas preciso que faça uma última vez. Não por mim. Reconheço e até entendo seu desgosto por organizações. Mas faça por Jaques, se quiser que ele fique bem.

Isso foi uma ameaça velada?

— Você reconstruiu um carro velho. Eu vou reconstruir o inferno.
E vou te colocar lá. Junto do seu carro, em destroços — pensou Ellian.

17.5 ELLIAN — MDK — SEDE GOES

SEIS DE JANEIRO — 23:00

Sequer teve tempo de descansar o corpo e mente, e já estava de volta ao trabalho. Pensava que o General lhe daria um momento para recompor-se, após a conversa amigável que tiveram.

Muito pelo contrário.

Ellian tentava afugentar um enxame de formigas elétricas do cérebro. A jaqueta sintética, agora amarrrotada, denunciava noites sem sono. MDK o aguardava encostado na beirada da mesa, a expressão impassível sob a luz fria do voxelfone.

— Então? — rosnou o General, sem tirar os olhos da tela voxelgráfica que mostrava o mapa da Fundação Nova.

Ellian endireitou os ombros e expirou fundo.

— Mira passou. Sobreviveu àquilo viva, embora congelada e provavelmente com algum estresse pós-traumático. Jaques... internado em confusão mental. E Pol... — disse com um nó na garganta — ninguém sabe onde está. Nem vestígio.

A sala parecia ter aumentado de pressão, tapando os ouvidos de Ellian. MDK piscou lentamente, arrumando o coldre da pistola sem olhar para ela.

— O que você quer de mim, MDK? — perguntou, finalmente.

O General observava cada expressão facial, movimento ou sinal de hesitação.

— Você provou que o sistema neural *in vitro* comprovou eficácia a longo prazo, no teste com Illia Aganov. Mas aquele teste foi num ambiente confinado. O pulso de manipulação cerebral funcionaria em escala real, num auditório cheio, uma cidade inteira?

Ellian arqueou uma sobrancelha.

— Supondo que a arquitetura de ondas neuronais pudesse ser transmitida por microondas ou feixes de laser, e assumindo que os protetores de sinapse aguentem...

depende. Te garanto que é impossível em qualquer ambiente maior que um depósito pequeno.

Ellian hesitou, olhando as próprias mãos trêmulas.

— Uns 50% de chance de fritar o cérebro de todos os presentes... O protocolo da Cathy na segunda fase usa varredura de frequência gama — menos refinado que meu design, mas no mesmo princípio. Para múltiplo alcance, exigiria modulação precisa, rede de antenas, uma quantidade absurda de baterias...

MDK mudou de assunto bruscamente, bateu a mão no tampo, fazendo a mesa chiar. Ele sabia que Ellian ainda estava desestabilizado pelo exame. Era o momento de exercer pressão e ser impositivo. O garoto cederia qualquer coisa.

— E o Sentinel? Você ouviu falar desse monstro?

Ele abandonou a formalidade. Os olhos cintilavam em frieza.

— Cathy falou de algum experimento fracassado apenas.

O General não pareceu satisfeito com a resposta. Procedeu a dar uma breve explicação do que era a criatura, segundo suas fontes.

— Não sabemos sequer se é humano. Se conseguirmos capturar um, preciso que você faça neurobiologia de campo, analise seu córtex sináptico, descubra como ele rasga nossa vontade.

Ellian engoliu a saliva seca.

— Está pedindo demais. Se o Sentinel for o que diz — um parasita psíquico — não tenho protocolo nenhum pronto. Posso tentar montar um kit de colheita e começar um sequenciamento, mas não garanto que voltaremos com metade do córtex intacto.

MDK endireitou a postura num arquejo sem alegria.

— Boa resposta. Ótima lealdade científica. Agora vá criar esse kit. Às 0600 espero um protótipo funcional na minha mesa... entendido?

— MDK, não sou seu fantoche científico pra ficar bolando protótipos militares. Já aviso que qualquer avanço que eu fizer continuará guardado comigo. Você não recebe nenhum protótipo nem diagrama.

— Não esperava o contrário. Apenas saiba que tudo o que estou te pedindo tem o propósito de resgatar Jaques e Pol.

Ellian assentiu. Já pensava em diagramas neuroniais e armadilhas biológicas. Quando saiu, a porta se fechou com um eco assombroso, convertendo a sala num túmulo de possibilidades — e promessas de horrores que ainda estavam por vir. Imediatamente.

TRÊS HORAS DEPOIS, SETE DE JANEIRO – 01:00

Exaurido, praticamente adormecido em pé, Ellian foi comer algo nas redondezas da GOES e sentou-se do lado de fora de uma lanchonete qualquer, suprindo o ar fresco que tanto necessitava.

Quando finalmente foi morder seu sanduíche, um homem puxou a cadeira da frente.

— Mas que merda, vocês não me dão meio segundo de paz! — Ellian exclamou, cuspido farelos.

O homem continuou impassível, aguardando que Ellian finalizasse sua exaltação antes de começar a falar.

— Eu disse que entraria em contato após o exame. Por sinal, sua colisão foi um sucesso muito além do esperado. Meus parabéns — disse, com um alinhado de gravata.

Ellian escorou o torso na mesa e colocou a cabeça em cima dos braços cruzados, como uma criança entediada.

— Como você sabe até o resultado das minhas operações?

— Bom, é meu trabalho saber quem são meus subordinados. Sabe, eu trabalho com pessoas, diferente de MDK, que trabalha pessoas — disse. — Não fomos propriamente introduzidos.

— Meu nome é Gray, Diretor político da GOES. — Estendeu o braço para cumprimentar Ellian com um aperto de mãos.

Ellian não se moveu, apenas ergueu o olhar e encarou o braço esticado, gritando internamente. *Mais um puto dum burocrata. Que inferno.*

— Já estou ciente dos seus trabalhos, Ellian. Um homem foi capturado e está no hospital do prédio. Tudo que preciso é que implante seu dispositivo, Talos.

Ainda estirado sobre a mesa, Ellian pediu explicações.

— Você vai ter que me dar um pouco mais de contexto que isso. Não vou instalar o Talos num qualquer.

Gray abanou o ar com a mão.

— Veja bem, Ellian. Minha especialidade é desvendar pessoas.

Ellian estava farto de discursos. Apenas encarou Gray.

— Você deseja três coisas. Resgatar Jaques, se livrar de MDK e continuar sua pesquisa sem incômodos. Se eu me comprometer em realizá-los, minhas motivações não vão lhe interessar.

Ellian considerou as afirmações. De certo modo, estava correto. Pouco importava o que Gray faria, desde que não o perturbasse.

Ele pode ser útil... Só preciso jogar as cartas direito.

— Na teoria está certo. Mas ainda assim, quero entender.

— O sujeito em questão chama-se Orwell. Ele é um ninguém que estava nos lugares certos, nas horas certas. Esse ninguém se tornou alguém, e uma peça muito importante do tabuleiro, sem fazer nada.

Cada palavra já estava pensada. Era alguém com décadas de prática na arte da dialética.

— Eu imagino que MDK tenha feito um acordo com você entre as linhas de: me ajude uma vez e te deixo em paz. Certo?

Ato falho. Admitiu que desconhece meu combinado com MDK — pensou Ellian.

— Por aí... — respondeu objetivamente.

— Ele não vai te soltar da coleira. Nunca — disse Gray.

— Este tal Orwell está prestes a virar uma figura muito notória. Nós vamos usar isso para derrubar o General, com ajuda do seu sistema.

Ellian se recompôs, ergueu o corpo e concordou com a cabeça. Agora era um cavalheiro que tinha duas pretendentes lascivas ao mesmo tempo para festa de formatura. E teria que fazer malabarismo para que uma não soubesse da outra.

Naquela mesma semana, Ellian planejou implantar o Talos, aproveitando-se do estado de Orwell, ensanguentado, semiconsciente e constantemente dopado com anestésicos.

Por alguns dias observou os movimentos dos seguranças pelo local, o posicionamento das câmeras e pontos cegos, porém não encontrava o alvo. Gray não deu detalhes adicionais, após o combinado. Duas variáveis despertaram as suspeitas de Ellian; Toda a instalação possuía cobertura completa de vigilância, exceto uma única ala específica, trancada ao fim da área médica. A segunda, era a presença de *enfermeiros*, que mais pareciam seguranças, montando guarda nas vicinidades do setor.

Observou, de longe, a rotina dos supostos enfermeiros. Eventualmente, satisfeito com os padrões encontrados, deslizou pelo corredor como uma sombra viva. Orwell estava na sala ao fundo, desacordado, o corpo estirado numa posição vulnerável demais para um homem que já enfrentara tanto.

Ellian respirava rápido, as mãos tremiam. O cronômetro mental pulsava em sua mente. Quarenta segundos. Só isso. Depois, o segurança voltaria pelo corredor.

O ar pesado carregava o cheiro metálico de sangue e ranço agriadoce de sedativos. Orwell não reagia. A cabeça pendia para o lado, um filete de saliva secando no canto da boca. Os olhos semicerrados eram duas crateras mortas.

— Desculpa aí, meu chapa — murmurou Ellian, ajoelhando-se ao lado da cadeira.

A luz da sala oscilava, como se o próprio espaço respirasse. Ellian puxou um estojo do bolso, dedos rápidos destravando os compartimentos, até revelar algo assemelhado a uma agulha. Ellian só precisaria aproximar o dispositivo do canal lacrimal para o dispositivo liberar um grão nanométrico na membrana gelatinosa. A agulha cintilava, uma linha de prata sinistra, reluzindo feito presa de cobra.

Trinta segundos.

Com a expressão fria, observou o rosto de Orwell, inchado, os olhos semicerrados, como se tentasse ficar consciente. Ellian segurou a pálpebra com força, forçando o olho a se abrir, e a agulha brilhou sob a luz opressora da sala estéril.

Com toda a precisão que conseguia, nos poucos segundos livres, aproximou a agulha do canal lacrimal.

O grânulo dissolveu na membrana ocular. Partículas individuais, inicialmente separadas, navegariam de maneira autônoma, através de dezoito graus em direção medial-inferior para evitar a órbita óssea e passar rente ao nervo óptico, invadindo o Complexo Tálamo-Clastrum. Lá, as peças se reconstituíram novamente no formato original do grânulo. Elétrons, ricocheteariam dentro das paredes do dispositivo, emitindo um zumbido baixo, imperceptível para ouvidos normais, mas um grito ensurdecedor para os neurônios.

Orwell tentou gritar, mas a mandíbula não respondia. Sua mente era um campo de batalha entre a dor lancinante, os anestésicos e o medo esmagador.

No dia seguinte, tudo pareceria um borrão. Um pesadelo vívido.

Vinte segundos.

— Talos — Ellian arfou, suor descendo pela testa. — Bem-vindo ao novo mundo.

Dez segundos.

A sonda finalmente se encaixou no núcleo, aninhando-se como um parasita. Orwell convulsionou levemente enquanto as sinapses eram reconfiguradas, recalibradas, alinhadas à nova estrutura.

Ellian recuou, os olhos cravados no monitor, acompanhando a leitura dos sinais cerebrais. As ondas oscilavam, os padrões se ajustavam, as memórias vibravam em cordões, prestes a romper.

Ele sorriu. Um sorriso sem piedade. Moldava barro, não uma mente humana. E saiu, desaparecendo no corredor antes que a próxima ronda chegasse.

Uma enxaqueca leve tornou-se uma melodia constante para Orwell, um zumbido baixo, pulsante, o código binário da dor transmutado em obediência.

Talos estava instalado. E ele jamais seria o mesmo.

17.6 [Simultaneamente, No Palácio]

San dedicava seu tempo a explorar a estrutura do palácio. Interagia com vértices, usava seu novelo para envolver áreas, na expectativa de descobrir alguma coisa.

Se o palácio for uma máquina, não parece funcionar através de interações da maneira que estamos acostumados.

San já vira a estrutura oferecer algum tipo de comunicação consigo, mas não soube replicar.

Vou tentar projetar sentimentos e ver se ele reage.

San puxou dois fios do novelo, fez com que soltassem raios gama e envolveu um dos pilares do que parecia ser alguma espécie de salão.

A estrutura reagiu. *Foi uma resposta ou só um movimento involuntário?*

O local em que San estava vibrou durante o breve contato, mas nada além. Talvez precisasse de mais algum estímulo. Envolveu outros pilares e hiperesferas das redondezas com seus fios, e tentou emitir várias frequências de energia diferentes, por cada ponta.

Simultaneamente, mentalizava Mira. *Talvez eu consiga ir pra onde ela está?*

Mira se assustou, deu um berro — a voz de San ressoou na sua consciência.

— San? Onde você está? — pensou Mira.

— Em outra extremidade do palácio. Acho que descobri como nos comunicarmos à distância — respondeu San.

San detalhou o processo que fez, mas Mira não conseguiu replicar. Talvez fosse uma funcionalidade que apenas San teria capacidade de acessar.

— Alguns dos meus fios foram puxados para as paredes sem motivo quando você entrou em contato — disse Mira. — Foi automático. Quando paramos de conversar, eles se retraem de volta.

— Eu vou deixar essa ponte aberta, caso precise falar comigo ou Remi, ok?

[MIRA]

— San, um dos núcleos está reagindo de forma diferente. Parece vibrar tenso, como se estivesse doente. Vou ver se consigo fazer alguma coisa.

Era o núcleo de Orwell, refletindo a adaptação neuronal na estrutura superior. O sistema Talos ressoava nas mesmas frequências que o palácio.

Mira se aproximou do núcleo de Orwell. O novelo retorcia mais do que o normal. Algumas partes pareciam desfiar, como um fio de lã gasto, fragilizado.

E o processo parecia acelerar.

Mira tentou tocar o núcleo com um dos seus átrios, mas foi repelida. Talvez precisasse ser mais delicada.

Ele não encaixa. É como se eu estivesse tentando passar um fio de costura grande demais para o buraco da agulha.

Puxou um único dos seus fios, a menor extremidade que conseguiu achar. Visualizou ele passando por um túnel estreito, retorcendo. Uma tecelã que toca a ponta de um barbante com a língua, para afinar a ponta.

— San, será que eu arrisco mesmo tentar uma espécie de cirurgia? — perguntou Mira.

— Não sei, Mira... A gente nem arranhou a superfície da natureza desse lugar. Siga seu instinto. Você não é um trevo de quatro folhas encarnado?

Mira fez o equivalente a respirar fundo e acalmar os movimentos involuntários de seu novelo. Afinou o máximo que conseguiu o fio e, cuidadosamente, circundou as regiões que se desfaziam em Orwell.

Inicialmente, o núcleo se queixou, tentou repeli-la, num movimento involuntário que refletia a personalidade paranoica de Orwell, mas eventualmente cedeu. Aceitou a ajuda, mesmo que não tivesse consciência do que fazia.

Mira envolveu as áreas feridas e uniu suas vertentes com as de Orwell. O equivalente a um transplante de pele — ou fusão, na verdade. Mira se manteve conectada com a parte que usou. Talvez estivesse só estancando a ferida temporariamente. Ao menos, por enquanto, pareciam estáveis o suficiente.

Só não vou poder sair de perto daqui. Mas não faz diferença, já sou presa nessa sala mesmo.

OITO DIAS DEPOIS

17.7 ORWELL — ELLIAN — PRESENTE

QUATORZE DE JANEIRO

[ELLIAN]

Ellian encontrou-se com Gray na mesma lanchonete da última interação que tiveram. O Diretor saboreava um café, com expressão serena. Dessa vez, era Ellian quem puxava a cadeira e invadia o espaço alheio.

— Está feito. Você vai conseguir depor o General? — perguntou Ellian, pulando as preliminares.

— Algumas variáveis não seguiram o esperado, mas isso não deve afetar o cronograma — respondeu Gray. — Seu sistema está funcional?

— Provavelmente... — disse Ellian. — Preciso fazer alguns testes de condicionamento. Se estiver funcionando, o que você quer que eu faça?

— Ative o sistema. Faça com que o Fantasma de Sraknova vaze as informações deste voxel. Faça-o mostrar a face ao mundo. O resto... pode deixar comigo. — Entregou o dispositivo para Ellian. — Ah... Mais uma coisa. Quando executar o comando, preciso que programe outra colisão do seu acelerador, em potência máxima.

Ellian cruzou os braços. *Aí já passou um pouco do limite.*

— Quid pro quo, Diretor — disse Ellian.

Gray deixou escapar um sorriso que poderia passar por orgulho ou desprezo. Ellian não saberia dizer.

— Perfeitamente. O que deseja?

Ellian não hesitou um único instante. Podia exigir algo que o General jamais cederia ou seria capaz de conceder. Além disso, já havia finalizado seu pacto com MDK, com as promessas já transferidas para a Sky Ltda. Queria muito saber e entender o que Gray planejava, como tinha acesso a tantos dados confidenciais e, especialmente, qual era seu objetivo final.

— Quero uma posição na Diretoria. E capital político. Também quero saber o propósito da colisão.

Gray permaneceu em silêncio, o olhar tenso de quem ponderava se devia, ou não, revelar alguma informação.

— Ellian. Por enquanto, tudo que posso lhe dizer é que essa ativação do colisor vai evitar uma tragédia de grandes proporções no planeta. Garanto que contarei tudo, uma vez que você esteja oficialmente na Diretoria.

[ORWELL]

Orwell passeava pelas instalações da GOES, focado em encontrar o tal Ellian de forma discreta, evitando olhares e atenções. De muletas, Orwell movia-se um passo lento de cada vez pelas instalações da GOES. Precisava encontrar seu alvo discretamente, mas uma figura coberta de feridas como a sua destacava-se notoriamente.

Que inferno. Tudo ainda dói. Essas pessoas ficam me encarando, cochichando umas para as outras, pensou Orwell.

Todos os seus movimentos eram observados com certo espanto. Aparentemente, suas supostas façanhas como vigilante haviam chegado aos ouvidos dos funcionários do local. Alguns observavam com fascinação, outros com medo ou ceticismo.

Se eu fosse uma instalação secreta, onde colocaria os laboratórios de testes? Pergunta retórica, imbecil. Óbvio que no subsolo. A pergunta correta era: como descer?

Olhou ao redor no saguão, imaculado e brilhante. Um ambiente espaçoso com teto envidraçado; um vão aberto alcançava uma altura de quase dez andares. A recepção

central era extremamente minimalista: apenas uma pequena escrivaninha e alguns sofás de espera. Tudo isso devia ocupar menos de 5% do espaço do saguão. O restante, completamente vazio.

Orwell já era conhecido nas instalações, então ninguém questionava sua presença ali. Pelo menos, enquanto não tentasse entrar onde não devia.

Desde que entrara em contato com San e recebera o relato sobre as experiências com o inconsciente coletivo, Orwell sentia como se suas antenas tivessem se reajustado, calibradas para a frequência de onda correta. Não sabia como funcionava, apenas sentia em seu âmago sensações, sentimentos, dores e felicidades alheias. Não conseguia identificar de quem ou de onde vinham, mas sabia que ninguém ao redor estava em bom estado de espírito: angústia, ansiedade, medo, frustração e ódio predominavam nessas conexões.

Será que sou um telepata quântico agora? Fechou os olhos, forçou sua expressão e mente com todo o seu ímpeto, imaginou as conexões coletivas, tentou visualizar um novelo de lã. *Orwell para Ellian. Você está me ouvindo, Ellian?* Mentalizava, forçando os músculos do rosto. *Isso é ridículo*, pensou.

Do lado de fora de sua mente, a recepcionista ria discretamente do homem todo machucado, que forçava os olhos e os músculos faciais até ficar vermelho. Orwell continuou em frente, envergonhado ao perceber a reação da moça. Será que podia usar seu charme com ela para conseguir acesso? *Quem eu estou enganando? Não tenho charme desde... bom, não tenho charme.*

Considerou uma abordagem tão simples que parecia ridícula: talvez não precisasse se esgueirar. Foi até a recepcionista.

— Bom dia, senhor Orwell, como posso ajudar? — Oi! Estou precisando falar com o Dr. Ellian. Será que você consegue ligar para ele, por gentileza? — Claro. Só um instante. — Orwell prestou atenção no número que ela discou no terminal. *03101... Subsolo 3, sala 101?* pensou.

Poucos instantes depois, a recepcionista informou: — Sinto muito, ele não está atendendo. — Sem problemas. Será que eu consigo ir até ele? — Infelizmente não. É uma área restrita, reservada para pesquisa. — Obrigado, de qualquer forma! — finalizou Orwell.

Foi até o elevador. No painel, havia uma entrada para algum tipo de cartão. *Será que...*

Ainda tinha guardada a identificação de Mira Wallow consigo. *Seria sorte demais se funcionasse.* Inseriu a identificação dela na entrada. O elevador não se moveu, nem mesmo reagiu. Um solavanco repentino assustou Orwell. Uma voz metálica anunciou: — Doutora Mira Wallow, bem-vinda. Selecione seu andar. Apertou o símbolo de subtração, seguido do número 3. Segundos em silêncio. — Credenciamento não autorizado. — *Inferno.*

Mas se ela era cadastrada, talvez ele conseguisse ter acesso a alguma informação de contato. A dor voltou a incomodar com maior intensidade que antes. Precisava deitar um pouco. Em um misto de dor e derrota, selecionou o número 6, o último andar, onde ficava sua ala hospitalar.

Simultaneamente, no elevador ao lado, também no sexto andar, alguém selecionava "-3" no painel, iniciando a descida. Aparentemente, Ellian também procurava por Orwell. Por um instante, separados por centímetros e duas camadas de aço escovado, Ellian e Orwell cruzaram destinos opostos. Como sinapses falhando uma conexão. Um subia, o outro descia. Se soubesse da ironia, Orwell riria, se a dor não fosse tanta.

De todo modo, estava quase no horário em que MDK o visitava todos os dias. Recolheu-se para sua cama e deixou a mente voar. Talvez tenha adormecido. Eventualmente, foi desperto pela familiar voz do General.

— Como está se sentindo, Orwell?

— Uma merda, mas menos merda que ontem — respondeu, tentando forçar um sorriso.

A paranoia em força total lhe dizia para não podia confiar completamente no General por algum motivo. Sabia que estava sendo observado. Será que ele sabia que Orwell tentara usar o cartão de Mira para descer? Será que sabia do contato com San-Lehan?

O General riu.

— Esse é o espírito. Diga-me algo, Orwell. — MDK puxou uma cadeira próxima e sentou-se ao lado do repórter. — Qual sua relação com Will? Por que ele queria te ver?

— Não tenho relação com ele há décadas, MDK. Era só um colega de universidade. Não tenho notícias há muito tempo. Ele era uma pessoa boa.

MDK assentiu com a cabeça, sorriu com a boca, mas os olhos não acompanharam.

— Talvez lhe agrade saber que vamos resgatar Pol num futuro próximo. — Orwell sentiu uma pitada de inverdade na fala.

— Maravilha! Qual é o plano?

— Não posso comentar agora, mas é promissor.

— MDK, posso te pedir um favor? — perguntou Orwell.

— Depende do favor — respondeu MDK.

— Quero falar com algum dos que tentaram me matar ou capturar. Ou até com aquele tal de Sentinel... Sabe, ainda tenho minha investigação para conduzir e, como você disse, não vai resolver meus problemas por mim. Não sei quanto tempo ficaremos aqui, e eles provavelmente têm respostas que podem ser úteis.

O General ficou em silêncio, considerando o pedido. Sua expressão indicava incerteza, ou até dúvida.

— Está conseguindo andar? Podemos ir agora. O Sentinel não será possível. Ele está isolado e é perigoso demais. Mas pode conversar com o pessoal da Mithrill.

— Ótimo! Muito obrigado, General! Pode só me ajudar a levantar e ir até o elevador? Não estou 100% ainda — finalizou Orwell.

O General ofereceu uma mão e colocou o braço do repórter ao redor de seu pescoço. A perna ferida de Orwell ainda não estava funcional – talvez nunca mais ficasse –, mas ele conseguia saltitar com a outra. Apoiado no General, Orwell tentaria colocar um plano em ação.

Primeira regra do ilusionismo: distração. Desviar toda a atenção do alvo para algo não relacionado, pensou Orwell. Algo que desperte seu desejo de saber mais. Quando ele estiver distraído, vou pegar o voxel do bolso dele com o outro braço e derrubá-lo no chão sem que perceba.

— Sabe, Will na verdade foi um grande amigo. Éramos enormes companheiros na época. Esse relógio foi presente dele — disse Orwell, indicando o relógio em seu pulso esquerdo, cujo braço agora repousava sobre o ombro de MDK. O General virou o olhar para o relógio. Orwell tinha poucos segundos, teria que ser rápido, sem que ele percebesse.

— É um belo relógio. Quando foi que ganhou? — perguntou MDK, genuinamente interessado em buscar alguma informação relevante. Ainda encarava o pulso de Orwell.

Orwell desequilibrou-se de propósito, puxando o peso sobre o General. Enquanto MDK o segurava, sua mão livre deslizou até o bolso dele. Três segundos, suor frio, um único movimento. Quando voltou a se apoiar, o voxel já havia sumido, escondido na manga do seu casaco. Rezou para que MDK não percebesse o movimento. Suava de

nervosismo. Suas pernas tremiam.

— Tem certeza de que consegue ir lá? Você parece desgastado, Orwell — disse o General, puxando a ponta do bigode.

— Tudo tranquilo! Só pisei em falso aqui. Obrigado pela ajuda!

— Vamos indo então.

No caminho, Orwell deixou o voxel numa mesa de canto próxima à porta. Agora só precisava torcer para o General não perceber, até o momento certo. Foram até o elevador. O General inseriu seu cartão com credenciais e digitou "-2" no painel. O elevador respondeu:

— Bem-vindo, General MDK. — Credenciais aceitas. Foram até o subsolo dois, onde, após algumas salas e corredores, depararam com um local semelhante a uma prisão convencional, embora mais confortável. Cada membro da Mithrill jazia em uma cela separada. Orwell sentou-se em frente a uma das celas e começou a ganhar tempo. Precisava demorar o quanto fosse, até MDK notar que estava sem o voxel. Começou pelas perguntas mais ridículas e básicas aos prisioneiros, com o objetivo de entediar o General. Eventualmente, ele sentiria a necessidade de verificar o voxel. E foi exatamente isso que aconteceu, cinco minutos depois. O General tateou os bolsos, em vão.

— Orwell, não saia daqui. Preciso buscar algo. Evite chegar perto das celas. Eles são uma tropa de elite. Se te segurarem, pode ser um problema.

— Sim senhor, pode deixar.

Esperou o General entrar no elevador e a porta se fechar. Teria poucos minutos. Levantou-se, despedindo-se sem cerimônia da Mithrill, e foi até o elevador ao lado, que indicava estar um andar abaixo. *Espero que a autorização para o subsolo seja a mesma para todos os andares.* Selecionou "-3" no painel. As portas se fecharam lentamente e o elevador iniciou a descida.

O subsolo três era um contraste curioso com o salão principal. Um corredor escuro, apertado, opressivo. O ar era quase estagnado. O andar, vazio. Seguiu em frente, pelos corredores sombrios e solitários. Eventualmente, ouviu sons de utensílios metálicos encostando uns nos outros e um cantarolar quase inaudível:

— ...*Life goin' nowhere, somebody help me, Somebody help me, yeah...*⁷⁴

Seguiu em direção ao som. Adiante, uma sala que mais parecia um calabouço de

⁷⁴ Letra de **Stayin' Alive** dos Bee Gees.

tortura medieval. Ellian mexia em um cérebro, dentro de um crânio aberto. O restante do corpo estava coberto e amarrado. Continuava cantarolando enquanto trabalhava na massa cinzenta, com uma naturalidade anormal, especialmente em alguém manuseando um cérebro vivo.

— ...Well, you can tell by the way I use my walk, I'm a woman's man no time to talk...

Orwell limpou a garganta para chamar a atenção do cientista, que se virou prontamente e interrompeu seu solo musical.

— Você é Ellian?

— Orwell Mathew, imagino? — respondeu Ellian. — Você devia estar dormindo, não brincando de rato curioso. Mas tudo bem. Já que abriu a caixa, vamos ver o que Schrödinger deixou para você.

— Não tenho muito tempo. Preciso saber de Pol e dos outros candidatos. MDK vai voltar em breve, com a expectativa de me encontrar no andar -2.

— Você tem noção da merda que está fazendo, andando por aqui igual cachorro solto?

— Ellian suspirou, largando os instrumentos. — Mas tudo bem, já que a merda está feita. Vamos.

— Eu gosto de cutucar vespeiros — respondeu Orwell.

— Vou fingir que isso faz algum sentido.

Orwell só precisava rezar para que o General ainda não tivesse voltado, senão o fato de estar explorando livremente áreas restritas levantaria muitas perguntas. Foram juntos para o elevador. Cada passo gerava ansiedade, todo ranger do maquinário, expectativa. Orwell imaginou a porta se abrindo e revelando o General, aguardando de braços cruzados e rosto fechado. Ou até mesmo com uma arma apontada para sua cara. Poderia confiar em Ellian? Ninguém era confiável naquele lugar, e sua paranoíia cada vez maior lhe instigava desconfiança em tudo e todos. Mas algo dentro de si dizia que talvez tivessem algum objetivo em comum, da mesma maneira que tivera com o General poucos dias atrás. Aliados temporários?

A porta se abriu com um ranger metálico, o coração de Orwell batia acelerado. Ellian recostava-se na parede do elevador, mãos nos bolsos e olhar entediado. O andar estava vazio. Longe de outros ouvidos e, enquanto o General não retornava, conversaram brevemente.

— Diga lá, grande herói da GOES. O que você quer? — Ellian já sabia o que Orwell

viera perguntar. A expressão facial de dor e ansiedade indicava um embate interno. O repórter estava tão quebrado quanto o próprio Ellian. Talvez fosse a única coisa que tivessem em comum.

— Você confia no General? — perguntou Orwell.

— Direto ao assunto, sem preliminares. Assim que eu gosto. Por que pergunta?

Ellian só queria se divertir um pouco. Não faria mal a ninguém estender um pouquinho a angústia alheia.

— Tem algo de muito errado aqui dentro — respondeu Orwell.

— Você acha? — perguntou Ellian, pontuando o quão óbvia era a afirmação.

— Por que só você voltou? Onde estão Pol e os outros? — Ellian deu de ombros.

— Nem ideia. Acho que ficaram para trás. Só eu voltei porque fui o pior de todos. E não. Não confio no MDK. Nem em você.

Orwell espantado pelo pragmatismo, perguntou: — E se eu contasse isso para o MDK?

— Não faria diferença. Eu já digo na cara dele. Além disso, você não está em posição de fazer ameaças. — Olhou Orwell de cima a baixo, indicando seu estado físico.

— Agora eu te pergunto novamente. O que você quer?

— Quero entender, juntar as peças — respondeu Orwell.

— A vida não é um quebra-cabeça, meu filho. É troca. Você dá algo, recebe algo. Tomam algo de você, você toma outra coisa — retrucou Ellian.

— Por causa da GOES, minha pesquisa foi tomada de refém. Em consequência, a Fundação tomou minha dignidade e a sanidade do meu amigo. Agora, eu preciso tomar algo deles — finalizou Ellian.

— O quê? — perguntou Orwell.

— Tudo — Ellian respondeu com olhar penetrante, efervescente.

— Esse é meu contato. Me ligue quando estiver em local seguro. — Finalizou, como se soubesse exatamente o tempo que MDK levaria para voltar.

Ellian pegou uma xícara de café que estava ao lado e recostou-se meio sentado em uma bancada, quando a porta do elevador se abriu. Orwell retraiu-se como uma tartaruga assustada. Ellian continuou falando, em um tom obviamente exagerado, alto demais e extremamente fora de personagem, enquanto o elevador revelava o General.

— Ah! Orwell, você é um comediante nato! — Risada histérica.

— Ei, MDK! Já conheceu esse bobalhão aqui?! — disse Ellian, em tom propositalmente teatral.

— Esse cara... — mais risadas — ...é hilário. Por que você escondeu essa pérola de mim?

O que esse imbecil notório está fazendo? Vai expor a gente. pensou Orwell. Ellian portava um sorriso de canto de boca. Ele estava medindo reações, calculando probabilidades. MDK saiu do elevador com uma sobrancelha levantada – a maior reação que o General poderia esboçar para demonstrar surpresa.

— Vejo que os senhores se conhecem. Sem necessidade de introdução — disse MDK.

— Orwell! Conta pro General essa piada que você me contou agora!

Seu merda! Ou você é um péssimo ator ou só quer se divertir às minhas custas, pensou Orwell. *Piada... piada... E eu lá estou em estado de espírito para pensar em piadas?*
Putaria — Orwell teria que improvisar.

— General, qual a diferença entre um civil teimoso e um soldado novato?

— Não sei, Orwell. Qual é? — Respondeu o General em seu tom neutro de seriedade.

— Nenhuma! Os dois viram estatística se ignorarem ordens! — finalizou Orwell, numa tentativa patética de fingir normalidade.

MDK inclinou a cabeça, soltou um "heh" e retomou a postura. *Isso é o equivalente a ele gargalhando?* Ellian lançou um olhar de "bom trabalho" para Orwell, com um brilho de orgulho pelo improviso.

— Muito engraçado, Orwell. Adoraria ouvir mais das suas... piadas, depois. Mas acho melhor deixar Ellian voltar ao trabalho, antes que ele próprio vire estatística. Como está o progresso com o Sentinel?

Ellian assumiu uma exagerada postura militar.

— SENHOR! SIM, SENHOR!

Porém, a atuação esvaziou-se pela metade. Não estava com saúde mental nem para brincar um pouco, então largou o ato rapidamente e, em um desânimo repentino, prosseguiu:

— Está indo. Quase decifrando como ele funciona. É uma mistura de DNA com IA implantada diretamente no córtex cerebral. Quem fez isso é um artista.

MDK pareceu satisfeito com a resposta.

— E você, Orwell? Conseguiu o que precisava aqui?

— Ainda não, MDK. Esses Mithrill são osso duro. Vou precisar voltar aqui depois para continuar o interrogatório. Alguma hora vão soltar algo.

— Muito bem. Vou liberar credenciais para você poder vir à vontade.

A facilidade com que MDK disponibilizou isso espantou Orwell. Foi muito súbito. Algo cheirava mal nessa situação. Ellian também pareceu sentir algo errado, mas não largou o personagem. Cantarolou uma cantiga infantil, marchando de volta para o elevador. *Esse imbecil notório quer estragar tudo.*

— Ele... é sempre assim? — Perguntou Orwell para MDK.

— Só quando estou por perto. Acho que é a maneira dele de dizer "eu te amo" — respondeu MDK, em sua tentativa de fazer uma piada.

17.8 ORWELL — FACED

QUINZE DE JANEIRO

No dia seguinte, Orwell aguardava uma ligação, sentado exatamente no mesmo lugar do dia anterior, fora de ouvidos da GOES. Primeiro faria as tratativas com San, depois planejaria com Ellian.

O voxel vibrou. Número desconhecido, como sempre.

— San! — Orwell atendeu animado, agora que as peças se encaixavam.

Foi decepcionado pela voz que lhe respondeu. Não era San-Lehan falando.

— Aqui é o Tenente Faced, da estação espacial Eris.

— Precisa se introduzir assim toda vez? Não é como se eu esperasse ligações de números desconhecidos no mesmo horário todos os dias.

Do outro lado da linha, os segundos em silêncio transpareciam confusão por parte de Faced.

— Aonde está o San, afinal? — questionou Orwell. — Preciso atualizar ele sobre alguns desenvolvimentos de ontem.

— Não estou entendendo, senhor... — respondeu Faced.

Orwell não tinha ido com a voz desse sujeito desde a primeira interação que tiveram. Sua paciência estava curta para brincadeiras.

— Caceta, cadete espacial, deixaram você cair quando bebê, ou queimou neurônios encarando o sol? Co-lo-car San na li-nha. Entendeu ou tá difícil?

— Você disse que falou com San ontem?

— Meu deus do céu... — suspirou Orwell, contendo-se para não gritar — SIM!

— Senhor. San está em coma desde a última vez que entramos em contato. Pelas transcrições, foi no dia em que você disse que teria caído de um prédio. — A voz de Faced era quase um murmurúrio.

O mundo de Orwell oscilou. Todo um peso de consciência caíra sobre si.

Estaria alucinando? Não foi com San que falei ontem? Será que MDK está um passo na minha frente?

— Eu... como assim? — disse Orwell — Eu falei com ele ontem... Conversamos por horas. Vocês estão em Eris, seu nome é Faced, trabalhava com logística.

— Nisso você está correto, senhor. Mas você com certeza não falou com San ontem. Ele entrou em meditação profunda numa tentativa de acessar ou visualizar uma extra dimensionalidade, mas as consequências... Nem sei dizer se ele tem recuperação.

— Mas... Eu... Vocês... Ele não. Ele me confirmou sobre Pol, sobre MDK.

Procedeu a contar, palavra por palavra, o que tinha conversado com San. Relatou suas dúvidas sobre MDK.

— Obrigado pelo seu relato, Orwell. Não posso te dizer o que fazer, ou não fazer sobre MDK. Ele é eficiente e faz as coisas acontecerem, mas seu compasso moral... É uma incógnita.

— Por que você ligou?

— Apareceram registros desconhecidos nos consoles da nave. Decidi investigar no mesmo horário.

A última menção que Faced fez para Orwell antes de finalizarem a chamada foi um comentário sobre como ele e San costumavam brincar de teoria dos jogos, no tempo livre.

Optou por falar com Ellian. Talvez ele soubesse melhor como interpretar isso.

17.9 ORWELL — ELLIAN

DEZESSEIS DE JANEIRO

— O que está pensando? — Perguntou Ellian, através da ligação.

Orwell relatou toda a interação anterior, com Faced.

— Você é meio burrinho, né? — foi a resposta do cientista, para a explicação de Orwell.

— Não! Mas isso não faz sentido.

Desça aqui no laboratório. Vou te dar uma aula — suspirou Ellian.

Ao chegar no subsolo, Ellian cantarolava e trabalhava no cérebro do Sentinel, como havia feito no dia anterior. Ao seu lado, uma fórmula matemática que Orwell era incapaz de sequer começar a compreender.

— Sente-se — disse Ellian, indicando uma cadeira para Orwell. — Vou tentar ser bem didático e simples. Me dê um cigarro.

Ellian recostou-se na cadeira improvisada do laboratório subterrâneo, o cérebro do Sentinel ainda exposto e pulsando levemente sob a iluminação crua. Pegou o cigarro que Orwell lhe oferecera.

— Sua cabeça deve estar um lixo né, Orwell? — Ellian soltou a fumaça, um sorriso mínimo nos lábios. — Tentando entender quem puxa qual corda. A realidade já é um emaranhado, e tipos como MDK e eu gostamos de dar nós extras.

Orwell grunhiu, a dor em seu corpo uma constante menos aguda que a confusão em sua mente.

— Se você vai me dar uma aula de filosofia barata, Ellian, pode poupar o fôlego. Já estou cheio de 'sábios' me dizendo como o universo funciona.

— Filosofia? — Ellian riu, um som ríspido. — Não, meu caro repórter decadente. Isso é matemática. Teoria dos Jogos, para ser exato. A única linguagem que gente como nós realmente entende. E se você quiser ter a menor chance de não ser completamente esmagado, é bom aprender o básico.

Orwell revirou o olhar.

— Que seja. Desembucha.

1 — O palco, os peões e o maestro invisível

Ellian gesticulou com o cigarro e ligou uma música de fundo que tocaria em loop ao longo da sua explicação. Baixa o suficiente para não incomodar, mas alta o bastante para ter o efeito que precisava.

— Imagina o seguinte: o universo, ou pelo menos essa nossa bagunça particular, é um tabuleiro. Não um tabuleiro limpinho de xadrez. Pense num origami molhado e pisoteado,

todo deformado. Nele, dançam as peças principais. No nosso caso: você, o General MDK, o legado espectral da 'tia Sraknova' e, claro, eu.

— Eu sou uma 'peça principal' agora? Que promoção — Orwell resmungou, a ironia pingando.

— Não se ache tanto — cortou Ellian. — Cada peça, Or, carrega um bolso de objetivos, pesos diferentes para cada desejo imbecil.

Ellian inclinou-se para frente.

— Percebe? Objetivos não são como peças de Lego que você encaixa bonitinho. Eles se sobrepõem, rangem, roubam a porra da atenção uns dos outros. É um cabo de guerra constante. Na linguagem dos velhos barbudos de Princeton⁷⁵, é um jogo NTU⁷⁶ – utilidade não transferível. Nada de 'soma zero', nada de 'eu te dou minha cerveja pela sua pizza'. Aqui, cada necessidade, cada tara, cada 'utilidade' é tatuada na pele. Não dá pra trocar figurinha.

2 — Minha equação de cabeceira (tente não ter um aneurisma)

Orwell massageou a têmpora.

— E você tem uma equação pra essa zona?

— Claro que tenho — Ellian sorriu, divertido com a própria complexidade. — Eu acordo, encaro o teto nojento deste buraco, e a mente já começa a recitar.

A última fofoca que eu acredito sobre o resto da mesa – o que eu acho que MDK quer, o que você parece estar tramando.

O feed inteiro de informações até agora – cada movimento, cada palavra trocada.

Quantos litros de cafeína (ou algo mais forte) eu preciso pra manter cada obsessão particular funcionando.

Paciência: quão disposto estou a esperar o 'amanhã', ou se vou chutar o pau da barraca hoje mesmo.

E a chance de alguma coalizão nojenta nascer, casar e morrer antes mesmo de você terminar de fumar esse seu cigarro barato.

⁷⁵ "Velhos barbudos de Princeton" = alusão irônica aos fundadores da teoria dos jogos e economia matemática, como John Nash e seus contemporâneos, muitos dos quais estiveram ligados à Universidade de Princeton.

⁷⁶ NTU (Non-Transferable Utility) = classe de jogos da teoria econômica em que as preferências dos participantes não podem ser convertidas ou trocadas entre si. Os interesses são intrínsecos, inegociáveis — não se trata de barganha, mas de colisão entre desejos incomparáveis.

Ellian deu uma piscadela.

— Boto tudo no meu liquidificador mental particular e escolho a ação que faz o ponteiro da probabilidade pender mais pro meu lado.

3 — Por que você, Or, vive perdendo a respiração (e a dignidade)

— E onde eu entro nessa sua matemática doentia? perguntou Orwell, a voz rouca.

— Você, meu caro Orwell, é um excelente exemplo de como crenças são maleáveis — disse Ellian, apreciando a própria análise. — Cada vez que MDK te oferece um 'passe livre' pro subsolo, um tratamento VIP no hospital da GOES, ele não está sendo seu novo melhor amigo. Ele está te empurrando um pouquinho pra direita no tabuleiro, fazendo você pensar: 'Olha só, ele é cooperativo, talvez eu possa confiar nele'.

Orwell desviou o olhar, uma lembrança incômoda das suas recentes conversas com o General surgindo.

— E quando eu — Ellian continuou, apontando para si mesmo — canto e rebolo essa 'teoria dos jogos' na sua cara, a intenção é justamente a oposta. Dou um tapa nessa sua crença ingênuas, e você volta a sangrar desconfiança por todos os poros.

Ellian estalou os dedos.

— Resultado? O peso do seu objetivo 'limpar o nome' talvez evapore um pouquinho. Mas o peso de 'salvar o Pol' vira chumbo líquido. E aí, o que você faz? Decide bancar o espertalhão e roubar o voxel do velho militar, mesmo sabendo que isso poderia muito bem te colocar em outra guilhotina.

Ele encarou Orwell, um brilho frio nos olhos.

— Isso, meu caro, é manipular as 'utilidades' alheias sem nem precisar encostar um dedo nelas. Um truque de salão que economiza munição e, convenhamos, gera tragédias deliciosas de assistir.

4 — Coalizões: a dança dos escorpiões

Orwell acendeu outro cigarro, a mão tremendo levemente.

— Então, essa nossa 'aliança'...

— Temporária, Or. Sempre temporária — Ellian o corrigiu. — Não é charme barato. É cálculo. Eu olho pra uma possível coalizão 'Ellian & Orwell, a dupla dinâmica do apocalipse' e vejo se meu valor dentro dela supera o meu valor jogando sozinho. Se sim, ótimo, brindamos com o que tiver à mão. Se não, eu dissolvo o clube antes mesmo da espuma da sua bebida imaginária baixar.

Ele fez uma pausa, o olhar se perdendo por um instante.

— O mesmo vale pro General. Se o benefício de te ter como rato-batedor, farejando pistas pra ele, exceder o risco de você descobrir o plano real dele, ele te abraça, te chama de 'amigo'. Quando a conta inverter, meu chapa, ele vai colocar um laço de seda na sua garganta e te convencer que é uma gravata de gala para sua própria execução.

5 — O que isso nos diz sobre o caos que chamamos “enredo”?

— Equilíbrios, esses que você achava que existiam, se quebram ao sussurro de um novo dado, uma nova informação. Informação, vale mais que um carregamento de granadas. Um pedacinho de log vazado da Fundação, uma palavra solta no corredor certo, e todo o tabuleiro gira, as peças mudam de cor.

Ellian deu de ombros.

— Aleatoriedade estratégica – o que os teóricos chamam de 'estratégia mista'⁷⁷ – não é loucura, como você deve pensar. Às vezes, cantar uma música infantil desafinada no meio de uma reunião tensa... — *Um brilho divertido passou por seus olhos.* — ...é a forma mais barata e eficiente de deixar o MDK se perguntando quantas lâminas afiadas eu realmente escondo nos bolsos da minha sanidade duvidosa.

6 — Conselho final (ou talvez só mais uma provocação)

Ellian levantou-se, espreguiçando-se como um gato satisfeito.

— Guarda essa imagem, Orwell, talvez te ajude a não morrer tão cedo: quatro jogadores num círculo vicioso, cada um segurando um espelho quebrado. O que a gente vê não é o adversário de verdade. É só o reflexo distorcido das nossas próprias crenças e paranoias sobre ele.

Ele parou diante de Orwell.

— A 'equação' que eu te mostrei? Ela só calcula o ângulo em que a gente inclina o próprio espelho, pra que o feixe de luz volte maior, mais ofuscante, para nós do que para o otário do outro lado.

Um silêncio tenso preencheu o laboratório por um momento.

⁷⁷ Estratégia mista = conceito da teoria dos jogos em que um jogador **introduz aleatoriedade deliberada** em suas ações para impedir que o adversário antecipe seus movimentos. Em vez de escolher sempre a mesma jogada (estratégia pura), ele alterna entre várias, com diferentes probabilidades. Usada tanto em guerra quanto em negociações, serve para tornar seu comportamento imprevisível — ou parecer mais insano do que é.

— A próxima jogada é minha, Orwell — disse Ellian, a voz baixa. — E eu aposto que você ainda está subestimando o quanto realmente custa um sorriso acolhedor do nosso querido General.

Ele deu um tapinha no ombro de Orwell.

— Agora vai deitar um pouco. Consigo ver a fumaça da confusão saindo pelas suas orelhas.

A visão de Orwell realmente vibrava, não só com as cores do Palácio, mas com o peso daquela exposição brutalmente lúcida.

Orwell fechou os olhos, sentindo o peso da próxima e inevitável "jogada".

PARTE 18 — ☀

❧ .1 ORWELL

DEZESSETE DE JANEIRO.

Quer saber?

Foda-se a lógica fria dos cientistas.

Foda-se a intuição sobrenatural do General.

Foda-se essa bendita teoria dos jogos.

Só preciso do bom e velho faro. Eu escrevo o que quero nas costas do universo.

Foda-se o tabuleiro.

Foda-se quem acredita estar acima dele.

Tamanha é a ironia de alguém que desacredita em livre arbítrio, tentar tomar rumo de suas escolhas, quando a própria noção do que é vontade própria e predestinação está mais distorcida do que jamais foi.

Nenhuma das suas ações eram de Orwell, mas ainda assim acreditava serem, por mais dissonantes que fossem.

Orwell acordou com uma melodia antiga. Não sabia de onde conhecia, mas lembrava de algum lugar. Não sabia dizer de onde estava vindo o som.

...Well, you can tell by the way I use my walk, I'm a woman's man no time to talk...

Levantou da cama com um grunhido de dor.

Não porque queria. Mas porque **não podia mais não querer.**

Cada articulação berrava. O corpo dizia "fica deitado".

Mas algo dentro de si dizia "levanta, porra".

Puxou as roupas que tinham deixado pra ele na poltrona. Nem olhou o que vestia. Um casaco largo. Sapatos errados. Ótimo. Melhor ainda. Que todos percebam que ele não deveria estar ali. Que sintam que ele está deslocado, quebrado, prestes a fazer merda.

Entrou no corredor da ala hospitalar e não pediu permissão. Não deixou bilhete, não consultou os corredores quânticos, não calculou utilidade marginal.

Só andou.

Desceu dois andares. Sala do MDK. Vazia.

Destrancada. Bingo.

Tinha uma certeza sólida e absurda:

Quem controla o sistema depende que você acredite que existe um sistema.

Olhos fundos, queimando com o cansaço acumulado de todo o furacão que lhe puxou sem permissão.

Fechou os olhos. Inspirou devagar.

[INSIRA A SENHA]

Não faço a menor ideia do que colocar. O General não diz nada sobre a vida pessoal.

Uma voz veio de dentro. Era Ellian.

— Tenta 1969.

Acesso autorizado — Depois perguntaria para Ellian de onde ele tirou esse PIN.

Agora não era o momento.

Orwell entrou num portal de publicações online da GOES e gravou a si próprio.

Para quem ainda acredita em livre-arbitrio, Vocês estão cercados. Por instituições, por redes de poder, por homens que acreditam que a moral é só uma equação com variáveis ocultas.

Fujam. Sabotem. Façam o sistema sangrar.

— O Fantasma de Sraknova

— Isso Orwell. Vamos incendiar tudo. Agora coloque em anexo os arquivos do dispositivo que estão no seu bolso — as palavras de Ellian eram hipnotizantes. Sua voz parecia vir simultaneamente de dentro de si e de trás.

Não se lembrava de onde veio esse dispositivo. Só obedeceu.

Clicou em ***Publicar***

Deixou o terminal aberto, propositalmente.

Foi embora.

Sem esconder nada.

Talvez o General o pegasse. Talvez fosse interrogado, espancado, ou deletado do jogo.

Mas agora era imprevisível.

E o imprevisível é o que o sistema mais teme.

PARTE 19 — IMPRESSÕES

19.1 ELLIAN — 2 MESES ANTES

VINTE E DOIS DE OUTUBRO DE 2124

Um escritório podre dentro da GOES. Me sentia sujo dentro desse cubículo no meio de uma cidade lotada, tão suja quanto a própria instituição. Apenas examinava alguns dados preliminares quando uma desagradável batida na porta me interrompeu.

Já não queria estar aqui, mas minha linha de pesquisa estava sob ameaça.

Na porta, MDK pairava em expectativa, no mesmo traje de sempre. Não esperou que eu respondesse para abrir, entrou, sem cerimônia. Eu não estava com paciência para isso, especialmente não hoje.

— *MDK, o que você quer? — perguntei rispidamente.*

— Boa tarde para o senhor também, Ellian.

Apenas encarei, não significando uma resposta. Ciente que não receberia uma, o General prosseguiu.

— Preciso de um favor.

— Outro? Se é que você pode chamar chantagem de favor — respondi.

MDK pigarreou. — Dessa vez é diferente. Não estou pedindo em nome da GOES. Seria um favor particular pra mim.

— Então tenho a liberdade de negar e você não usaria nossa operação secreta como carta de negociação?

— Exatamente. O que gostaria de tratar requer um certo sigilo. Além de que, não vamos confundir as coisas. Nossas tratativas são um combinado empresarial, entre a GOES e a Sky Ltda. — O que quero discutir, é algo entre MDK e Ellian.

— Então não quero ter nada a ver com isso — respondi.

Não iria fazer mais um pacto com o demônio a troco de nada.

— Talvez um quid pro quo seja mais atrativo do que um favor, por assim dizer — disse MDK.

— Não precisamos de dinheiro.

MDK riu artificialmente.

— Sei muito bem que não! Mas certas coisas, dinheiro não consegue comprar.

Contatos, influencias... Concessões... Certamente posso oferecer algo que a Sky Idta. não teria acesso, naturalmente.

— Diga o que você quer, que falo meu preço.

— Você certamente é familiarizado com a tecnologia que enriqueceu a Fundação. Eu recebi das minhas fontes uma linha de pesquisa que deriva desse sistema. Apelidaram de Vedaçāo mental.

— Pelo que entendo, é o uso do mesmo sistema para bloquear sinais específicos e... apagar, ou impedir o acesso à memória de curto prazo. — continuou MDK.

— Imagino como pode ser possível. O que tem a ver?

MDK pareceu hesitar por um instante.

— Esqueça o que lhe disse, Ellian. Agradeço seu tempo — e virou para sair.

— Pera aí. Começou, agora termina né.

O General parou de costas.

— Eu acredito que não esteja no seu... escopo, de habilidades tentar fazer uma engenharia reversa, ou até mesmo... modificar a funcionalidade desse sistema.

— Afinal, a fundação provavelmente usou centenas de mentes e fortunas bilionárias para surgir com esse protótipo. Foi ingenuidade minha considerar que um garoto conseguiria um feito semelhante. — disse o General.

Um **garoto**? Burocrata ventriloquo de segunda categoria. Eu faria isso dormindo, se quisesse.

— MDK, seu canalha. Não me venha com táticas de venda. Isso não funciona comigo. Você não me conhece há muito tempo, mas não adianta tentar esse tipo de manipulação. Só vai direto ao ponto.

Não importa o que eu dissesse, ele sabia o que funcionava ou não comigo. Provavelmente estava sorrindo enquanto ouvia minha resposta.

Eu já estava interessado. Não precisava desse standup.

— Sim, provavelmente consigo modificar a funcionalidade.

— Excelente. Vou lhe passar os arquivos relevantes, meus requerimentos, e o senhor pode começar hoje mesmo. — o General tinha se virado novamente na minha direção, aparentando satisfação.

— Eu não disse meu preço — respondi.

— Pois bem. O que deseja?

Pude sentir o tamanho do desejo do General por essa tecnologia. Ele provavelmente cederia qualquer coisa.

— Imediatamente, quero acesso integral e irrestrito aos arquivos, comunicações e instalações da GOES. Veja como um... adiantamento de boa fé. Conforme meus resultados avançarem, vamos trocando gradualmente, a pesquisa, pelo pagamento — comecei.

— Perfeitamente razoável. O que mais? — respondeu MDK.

— Quero uma subdivisão de fachada da GOES, de uso livre. A transferência para Sky Ltda. de alguns pontos de lagrange específicos de vossa propriedade.

— Por fim, rotas particulares, não monitoradas de lançamento e trânsito orbital.

Será que fui ousado demais? MDK certamente parecia ter um debate interno sobre meus pedidos.

— Vou melhorar um pouco o pot pra você. Coloco de brinde imediato uma tecnologia recente minha, de sustentação silenciosa, indetectável em atmosfera. Você consegue fazer quadcopters que não emitam nenhuma onda detectável. Completamente silenciosos para radares e ouvidos indesejáveis.

Parece que ele gostou dessa. Eu sabia que tecnologia stealth ia agradar um rato militar.

— Muito bem. Todavia, apenas consigo prometer suas demandas mais... despojadas... uma vez que a tecnologia esteja funcional. Não sou um déspota dentro da GOES, sabe?

Ainda.

— Temos um acordo.

Dessa vez não fiquei refém do demônio. Mas fui eu quem pediu o contrato — e assinei com sangue.

Apertamos as mãos. O toque do General estava frio, mas não gelado — o tipo de toque que não busca calor, só domínio. Os dedos se fecharam devagar, de quem sela um pacto antigo, casualmente, sem pressa. Alguém que já firmou centenas de acordos desgostosamente parecidos.

Ele sabia que eu diria sim desde o começo.

19.2 ELLIAN — 1 MÊS ANTES

VINTE E DOIS DE NOVEMBRO DE 2124

Mais um dia em crescente obsessão para recriar a tecnologia da Fundação. Minha rotina era composta por dias de 30 horas. Quatro para dormir, vinte e seis trabalhando.

Claro, os neuro boosters que eu mesmo criei ajudavam bastante, embora provavelmente estivessem destruindo meu fígado. Pouco importa. Hoje em dia é simples conseguir um novo, seja por células-tronco experimentais, ou pelo mercado negro.

Pequeno preço a se pagar. Agora era questão de honra.

MDK já havia me visitado inúmeras vezes para avaliar meu insucesso. Eu desprezava sua presença, aquele ar autoritário, impositivo. Militar. Opressor. Lembrava meu pai, especialmente pelo hábito de me chamar de garoto, desmerecer minhas capacidades.

E mesmo depois de tudo isso, o karma do universo me colocou para beijar as botas de outro milico canalha.

Depois de analisar o sistema da GOES ao qual meu acesso foi liberado, era notório que ele não havia permitido que eu visse tudo. Até encontrei pastas escondidas na intranet, mas provavelmente eram cortinas de fumaça, para satisfazer qualquer hacker curioso.

Mas eu não era qualquer hacker.

Ele deveria saber das minhas intenções de encontrar algum podre que nos deixasse párias no jogo de chantagem. Até agora, nada.

De vez em quando, Jaques vinha ver o que eu estava fazendo, mas era prontamente dispensado. Eu não queria envolvê-lo na podridão desse pacto. Jaques era movido por fascinação, iluminação acadêmica. Epoqué. Ego e jogos de poder não seguiam seu estilo blasé.

Agora, novamente, MDK estava à porta do meu laboratório de trabalho, provavelmente na expectativa de ser decepcionado.

Ele entrou na sala sem dizer nada. Também não fiz a cortesia. Não estava com paciência. O General caminhou ao redor, observava despretensiosamente as prateleiras, mexia em um equipamento ou outro, enquanto eu continuava centrado num microscópio, observando a fatia de um cérebro dissecado de roedor.

O silêncio só foi quebrado quando MDK indagou sobre a caixa de cadáveres de ratos, cuidadosamente colocada num balcão próximo. Nessa altura, já deveriam ter 500, 600 ratos lá.

— Vou jogar isso fora pra você — disse MDK, levantando a caixa, sem ser perguntado.

— Não!

Ele colocou a caixa de volta no lugar.

— Perdão. Não sabia que ainda ia usar os corpos.

— Não vou. Já consegui tudo que precisava deles. Vou transformar cada um em sementes de árvore.

MDK pareceu intrigado pela afirmação.

— Sementes... Posso perguntar o motivo?

— Combino o que resta do material genético com uma espécie específica de acáias, cujo genoma incorpora o DNA de qualquer outro que for aplicado junto.

— Esses ratos foram pioneiros involuntários. Um ser inocente não merece ser jogado no lixo, depois de ser privado da existência, só pra um humano desequilibrado fritar seu cérebro.

Cada palavra era recheada de desgosto.

— Não o imaginei como um homem de fé, Ellian.

— Não o imaginei como ingênuo, MDK

— Cuspa no chão antes de falar de fé comigo. O mais perto que já cheguei disso foi fazer um pacto com o demônio.

— Fé, garoto, não precisa ser relacionada à religiosidade. Você pode ter fé em si mesmo, no seu experimento, na sua honra.

— Não ligo pra nada disso. A vida é uma equação fria. Não adianta usar qualquer desses conceitos que você está dizendo.

— No máximo, é uma forma de prestar respeito. A esses cientistas — respondi, me referindo aos ratos.

— A hipótese é que, caso exista alguma continuidade da consciência através de memória genética, ou qualquer tipo de entrelaçamento até então desconhecido, esses ratos não seriam injustiçados como meras ferramentas.

— É podre usar um ser vivo como ferramenta.

Essa última afirmação era uma indireta para o próprio General.

— Chega de falar dos meus ratos. O que você quer, MDK?

— Só vim avaliar o progresso, rapaz. Suponho que continue fracassando, considerando essa quantidade de corpos.

Soltei um sorriso.

— Pelo contrário. Fiz um avanço fenomenal.

As pálpebras do General levantaram alguns milímetros. Ele deixou cair a máscara de pôquer que usava constantemente.

— Pois bem? — disse MDK, em tom protocolar, retomando a máscara.

— Consegi alterar o sistema de Vedaçāo para criar alucinações de poucos segundos nos roedores.

— Poucos segundos não são suficientes, Ellian — disse o General, em tom de insatisfação.

— Deixa eu terminar de explicar, criatura.

— Alucinações continuadas funcionam em duas circunstâncias, até o momento.

Nomeei sistema Talos.

— Isso te tornaria Dédalo⁷⁸? Me pergunto quem seria seu Ícaro. Jaques? — perguntou MDK, uma mão puxando a ponta do denso bigode.

— Não leia subtexto onde não existe — respondi. — Continuando...

— Em momentos de choque, alto estresse ou trauma, um pulso específico, intenso e bem direcionado consegue ser ativado como alucinações hiper-realistas por prazo indeterminado.

— Para as alucinações momentâneas, um pulso mais leve deve ser usado. Talvez você queira ver um teste prático num dos ratos?

— Certamente — respondeu MDK.

Ao que apertei um botão, que direcionou um pulso para o próprio General. O efeito não duraria mais de uma fração de segundo em tempo real, mas poderiam ser minutos em tempo subjetivo.

O General não se moveu, sequer demonstrou qualquer reação perceptível, além de uma gota de suor que escorria de sua testa até o queixo.

Sempre me perguntei qual o tamanho da carga emocional contida naquela mísera gota.

Porém, nesse momento específico, fiquei confuso. Dei dois tapas no controle.

— Não... funcionou? — perguntei em voz alta.

⁷⁸ **Talos e Dédalo** = na mitologia grega, **Dédalo** era um inventor genial, criador do Labirinto de Creta e pai de Ícaro. **Talos**, em versões variantes, era seu aprendiz ou sobrinho prodígio, que Dédalo teria matado por inveja. Também há outro **Talos**, o autômato de bronze construído por Hefesto para proteger Creta — símbolo da fusão entre técnica e vigilância. A menção aqui evoca tanto a criação genial quanto o medo de ser superado ou de perder o controle sobre suas próprias invenções.

— Fascinante — respondeu MDK. — Bom trabalho, rapaz.

— Agora, me diga sobre o pulso de longo prazo.

A frieza ou resiliência desse homem era inconcebível. O pulso deveria gerar os piores tipos de pesadelos para o alvo. Certamente era assim comigo mesmo e com os ratos.

Tossi, limpando a garganta, e respondi.

— O pulso longo exige modificação cirúrgica, uma pequena sonda inserida no Complexo Tálamo-Clastrum, e alguns dias para condicionar o alvo. Isso é o gatilho, visual ou sonoro. Como hipnose.

— Uma onda magnética de baixa frequência, somada ao estímulo condicionado faz o sistema tomar efeito.

MDK escutou a explicação com atenção.

— Inviável — respondeu. — Qual a outra opção?

— A outra opção, MDK, funcionou efetivamente em 3% dos testes. Direcionamento do pulso intenso, por um breve período.

— O que acontece nos outros 97%? — ele perguntou.

— O cérebro derrete e o alvo morre, ou ele vira um vegetal lobotomizado. Responsivo, mas basicamente inútil.

— A estatística inverte se o alvo estiver sob grande pressão psicológica, em situações de enorme estresse ou trauma — finalizei.

Eu demonstrava desinteresse durante a explicação, balançava na cadeira e brincava com um dos ratos na mesa. Número 1002. Era um dos meus favoritos.

MDK assentiu com a cabeça.

— O quanto você consegue diminuir esses 97%? — perguntou.

— Difícil dizer. Talvez eu consiga diminuir a taxa de mortalidade e fazer com que o alvo fique menos disfuncional em caso de lobotomia. A efetividade certeira parece só funcionar em algumas arquiteturas mentais bem específicas.

— Ótimo. Continue o bom trabalho — disse o General.

Parecia ansioso para sair do ambiente. Queria saber o que ele viu na alucinação induzida.

— MDK — chamei-o antes que pudesse ir embora.

— Diga, Ellian.

— Quero acesso à outra parte da documentação e intranet da GOES. Aquela que você tentou fingir que não existe — exigi.

— Garoto esperto. Seu acesso será liberado. Alguns arquivos vão continuar encriptados em sigilo, por motivos que nós dois sabemos quais são — respondeu MDK.

— Ótimo.

E fui novamente deixado sozinho no laboratório.

De ombros caídos, murmurei para o 1002:

— Vamos lá, rapaz. Sua vez de mudar o mundo.

Uma hora depois, o 1002 estava na caixa.

Duas semanas depois, MDK voltou para falar comigo.

— Ellian, mais tarde um homem virá ver o laboratório enquanto você estiver fora.

— Boa tarde para o senhor também, MDK — respondi, ecoando as palavras dele, algumas semanas atrás.

MDK não respondeu, apenas cerrou levemente o olhar, aguardou alguns segundos e continuou, com postura rígida.

— Prepare um pulso forte, para ser ativado quando ele estiver aqui.

— Se não resultar em morte, consigo aprovar seu pagamento perante o comitê, uma vez que você entregar os resultados e os blueprints para criação — disse o General.

— MDK, as chances dele virar um vegetal incapaz são altíssimas, isso se não morrer — respondi, jogando os braços ao ar.

— Um vegetal incapaz consegue dizer "Aye"? — perguntou o General, friamente.

— E eu lá vou saber! Não é como se os ratos conseguissem falar. E não testei em humanos. Alguns dos ratos conseguem eventualmente achar queijo, se serve de consolo — respondi.

— Vamos arriscar — disse o General.

O resultado do experimento em Illia Aganov, no dia seguinte, foi melhor do que o esperado. Ele não ficou vegetativo, apenas se tornou um autista mais ou menos funcional.

19.3 ELLIAN — PRESENTE

DEZESSETE DE JANEIRO DE 2125

Se Cathy vibrou o tecido do universo para massacrar os ratos com a pura força de vontade, amplificada pela quebra de localidade quântica e reverberada no inconsciente coletivo, Ellian vibrou as cordas por força bruta industrial, lesando o próprio tecido e a estrutura da quarta dimensão.

Só aguardava o momento certo para agir. MDK já havia transferido os ativos para a Sky Ltda. e ficara mais confortável com a presença e os padrões de comportamento de Ellian. O General confundira juventude com ingenuidade.

Também subestimara a capacidade de Ellian de tomar péssimas decisões por puro impulso, disfarçado de racionalidade.

Chegou o momento da segunda dança, Cathy, pensou, num eco reverberado através do inconsciente coletivo.

— Quero duas colisões de Clanks⁷⁹ completas e consecutivas. Energia máxima nos reatores — disse, através do voxel, para o Diretor de Engenharia da Sky Ltda.

— Mandem preparar suprimentos e equipamento de construção para os pontos de Lagrange. Temos rota.

⁷⁹ Lembrete: Clanks são *átomos quânticos*, mencionados em detalhes durante a visita de Pol ao colisor da Sky, no capítulo **11.1**. Suas colisões perfuram dimensões e afetam diretamente o Palácio, distorcendo a estrutura da realidade, a depender da intensidade.

COLISÃO

Colisor primário ativado. As vibrações começaram no ronronar familiar.

[Cathy — Mira — Resort]

— Cathy, você está sentindo isso? — disse Mira, a consciência oscilando entre as dimensões.

O olhar cínico da psicóloga refletia tensão. Incapaz de perceber o Palácio, apenas tinha o sentimento de um abraço apertado, simultaneamente a um calafrio existencial.

[Ellian]

Ativou o controle de testes do Sentinel.

Suprimida dentro de um crânio recém-reconstruído, a IA modificada se queixou e curvou-se às instruções de seu novo mestre. O corpo pálido, já abusado, clamando pelo calor da terra macia sobre si, não teve escolha senão abraçar os impulsos elétricos que o comandavam.

A mente, fragmentada, retorcia-se em frustração. Novamente era um fantoche numa prisão de carne e ossos, sem autoria sobre a própria vontade, amordaçado por uma IA mal programada e feita às pressas.

Colisor secundário ativado. As vibrações se intensificam em expectativa.

[Ellian]

O Sentinel está suficientemente funcional. Dentro dos parâmetros esperados pelo menos. Vamos ver se o implante no Orwell está funcionando.

Ativou o protocolo Orwell. Sistema Talos funcional.

Orwell entra em estado de fuga e invade a sala de MDK para lançar o manifesto.

Colisor terciário ativado. As vibrações se tornam cordas e expandem, envolvendo o Palácio e o inconsciente coletivo.

[Ellian]

Voltou ao subsolo, até a cela da Equipe Mithrill.

— Preferem apodrecer e ser torturados pelo MDK até virarem geleia, ou abandonar a Mithrill e se tornarem a Equipe Sky?

Os militares de elite discutiram entre si por alguns instantes.

— Vamos como Equipe Sky. Obrigado, Chefe — disse REX, ao sair da cela, de cabeça erguida.

— Qual o plano? — perguntou o líder da equipe.

— Sequestrar o Diretor da Fundação — respondeu Ellian, sem hesitação na voz.

— Sentinela, ligar para Will conforme instruído.

— Orwell, comigo na van.

[Mira]

Cores brilham em espirais desenfreadas, núcleos pulsam em padrões preocupantes.

— O que está acontecendo?

Colisor quaternário ativado. Toda a estrutura se move em uníssono.

[MDK]

Pressente algo errado. As peças não estão onde deveriam. Alguém fez algo que ele não esperava.

Olha para seu carro. A cor é diferente da que se lembrava.

[Faced]

— San... Preciso de você. Acorda, por favor.

A Estação Sedna entra em contato.

— O planeta está mudando — disseram através da estática.

— Aqui também — respondeu Faced, cautelosamente.

[Ellian]

Dirige uma van em alta velocidade.

Sentinela e Orwell são jogados de um lado para o outro, corpos de fantoches sem alma.

Mais cinco militares se espremem na caçamba, entreolhando o Sentinela, com a expectativa de que o monstro os ataque a qualquer momento.

O veículo chacoalha com o som de equipamentos eletrônicos, preparados às pressas, batendo na lataria.

O galpão já estava preparado há muito tempo.

[Will]

Sentinela maldito, o que aconteceu? Por que matou o Or? — seu pensamento é quase sufocado pelo burburinho de sua milícia particular trocando instruções e comandos para a interceptação que viria em seguida.

[Mira]

Sente a expectativa da vibração. Parte da consciência presa na quarta dimensão, outra parte presa em seu corpo, que acompanhava Cathy num veículo perigoso e rápido demais para o conforto de qualquer pessoa racional.

Mas a racionalidade fora embora há muito tempo. Pelo menos o perfume é hipnotizante.

[Engenheiros 1—4. Primeira colisão pronta. Ativando sistema]

[Palácio]

Átrios, fios e tentáculos se retraem, como um animal aterrorizado preparando-se para o abate.

[Mira — Palácio]

— Está tudo colapsando!

O salão dos núcleos parece estar se movendo. Os próprios núcleos pulsam mais rápido, em cores anormais.

Mira consegue se mover e tenta segurar o núcleo de San e Remi. É gradualmente repelida com energia, como ímãs de polos iguais.

Desliza sua percepção para o próprio núcleo, entrelaçado com o de Cathy, da mesma maneira que San com Remi. Consegue abraçar o núcleo.

Tenta se forçar para dentro.

[Ellian]

Colocou em seu console os comandos para Orwell e o Sentinel se posicionarem ao centro do local. Orwell, deitado com um pano branco sobre seu corpo.

— Equipe Sky, fiquem a postos a uma distância mínima de 500 metros. Quando o pulso tiver efeito, recolham a escolta militar e verifiquem os dispositivos de rastreamento.

[MDK]

Correu para a base da GOES. Nem sinal de Orwell, Will ou do Sentinel.

Os agentes da Mithrill também não estão nas celas.

Orwell, Ellian. O que vocês fizeram? Era só confiar em mim, pensou MDK, conforme um frio na barriga lhe atingia.

Uma multidão de manifestantes se aglomerava nas portas do edifício. Helicópteros e jornalistas pairavam sobre o local, em expectativa.

[Primeira colisão bem-sucedida. Clank 1 estabilizado. Preparando segunda colisão]

[Will]

Entrou no depósito que o Sentinel havia notificado. A equipe avaliou o local como limpo.

Ellian ativou o pulso, direcionado apropriadamente para cada membro da equipe. Todos colapsaram simultaneamente.

Will sentiu um formigamento na têmpora, seguido da sensação de eletricidade atravessando de um lado para o outro em seu cérebro.

Espero que o choque de ver Orwell e ser perseguido pelo Sentinel seja suficiente para ativar o Talos, pensou Ellian.

[Colisão com sucesso. Segundo Clank estabilizado. Aquecendo sistemas e campos elétricos para preparo rumo à terceira colisão entre Clanks]

[Ellian]

— Parece que deu certo. Os seguranças caíram e Will está catatônico, de pé. Recolham os corpos para descarte, de forma que não possam ser encontrados.

Enquanto os corpos eram recolhidos e colocados dentro da van, um ronco distante cortava o silêncio da equipe. Um trovão à distância indicava a tormenta que estava por vir.

[Clanks Lançados. Colisão em 3...]

O Palácio se contorceu intensamente. San conseguia ver o rombo da primeira cratera experimental que, mesmo executada em baixa energia, atravessava dimensões e perfurava a estrutura — viva, mas simultaneamente sintética — que era o Palácio.

E agora, o próprio Palácio sentia que algo muito mais forte se aproximava.

Uma sala tridimensional tem seis lados, nos eixos tradicionais XYZ. O salão continha os oito núcleos do inconsciente coletivo, um hipercubo de 24 lados dividido nos eixos XYZW.

Todos os 24 lados tentavam colapsar simultaneamente. A estrutura queria ruir.

O núcleo que compõe a entidade nomeada Mira assemelha-se a um novelo de lã, podendo emaranhar-se e expandir-se por todos os eixos.

Mira desfez seu novelo, tentou segurar e envolver as paredes do salão através de todas as suas dimensões, fisicamente inconcebíveis, ao mesmo tempo.

Esse aspecto multidimensional de Mira se fragmentou ao dissolver o novelo. Funcionava apenas como uma estrutura consciente de sua unicidade, com o único propósito, objetivo e finalidade de segurar. Algo que se assemelhava à estrutura de um cérebro agora era a extensão coletiva de neurônios, sem percepção uns dos outros.

Um cérebro humano, se estendido em linha reta através de suas conexões neuronais individuais, alcança 8,6 milhões de quilômetros, o equivalente a vinte e uma voltas completas ao redor da Terra.

Um cérebro 4D consegue alcançar oito vezes esse tamanho, mas com um número exponencialmente maior de rotas de conexão interna. Um labirinto que se desdobra por si próprio.

Esse cérebro era Mira, que envolvia uma pequena sala 4D com força suficiente para esmagar o próprio ambiente.

[Colisão em 2...]

O ronco da moto deslizou sobre a terra úmida que rodeava o galpão.

Os cinco membros da Equipe Sky largaram os corpos que carregavam e ergueram os fuzis em direção ao par que se aproximava ao desembarcar da moto.

— Dois alvos quentes, chefe. Dedos no gatilho. Posso neutralizar a pequena primeiro?

— A voz de REX havia perdido o tom submisso de uma hora atrás.

— Não faça nada ainda — respondeu Ellian.

Mira desceu da moto, a pressão baixa pelo nervosismo e adrenalina da viagem. Caminhou numa linha curva, cambaleante, antes de perceber as ordens para não se mover e os cinco pontos luminosos em seu torso. Um movimento involuntário, uma corrente elétrica, poderia acabar com sua vida ali mesmo.

A cientista paralisou e levantou os braços ao perceber a situação.

Por outro lado, Cathy desistira de encontrar o descanso da moto e simplesmente a deixou cair na lama.

[Colisão em 1...]

[San-Lehan]

O núcleo de San-Lehan, já experiente em locomover sua perspectiva, e até mesmo mover partes do Palácio, envolvendo áreas específicas com suas linhas. Quase como controlar um fantoche extradimensional.

Pressentindo o impacto iminente, deslocou partes-chave da estrutura, o máximo que conseguiu, para mitigar a lesão da quebra do espaço.

— Remi, se você conseguir entender... não deixe ela colapsar. Não desta vez.

Quis dizer mais, mas o Palácio não tinha mais tempo. Nem espaço para palavras.

[Cathy—Mira]

Enquanto Mira cambaleava, Cathy viu Ellian, Will de pé com o rosto sem expressão, um Sentinel defeituoso e outro sujeito que desconhecia, num estado físico extremamente ferido.

Ela imediatamente ligou os pontos, à sua própria maneira: *esse fedelho fez alguma merda.*

Cathy seguiu em linha reta, em direção a Ellian. Sua expressão e passos ressoavam ódio puro. Diferente do ódio sensual sentido durante o exame, mas a raiva primal de quem reconhece a incompetência funcional alheia.

Ela ignorou completamente os fuzis que acompanhavam sua caminhada. Sua presença emitia uma energia tão impositiva que a própria Equipe Sky pensava duas vezes antes de tomar qualquer atitude.

Era como se um disparo em sua direção fosse refletir e retornar diretamente na cabeça do atirador.

Ellian permaneceu em silêncio, apenas com um sorriso esnobe no rosto. Internamente, ele sentia que impressionava Cathy com sua *reinterpretação* da tecnologia alheia num período de tempo tão curto. Sua desilusão era tamanha que, erroneamente, interpretou o ritmo da marcha raivosa como admiração.

O inconsciente coletivo se manifestou com o burburinho de todos os núcleos por um único segundo, antes do desastre. O tempo subjetivo parou — todos sentiram e viveram experiências e memórias uns dos outros.

Cathy ergue o braço e direciona um tapa no rosto de Ellian.

[Colisão ocorre simultaneamente]

Esse tapa provavelmente foi o impacto mais forte e agressivo já presenciado na história do universo. Não em Newtons de potência, mas na maneira como reverberou junto do impacto do colisor de partículas.

Naquele instante, Cathy era o colisor. E o choque foi suficiente para deslocar, momentaneamente, a percepção do Ellian Físico para seu núcleo. O bastante para presenciar a ruptura do espaço liminar superdimensional antes de retornar sua percepção para o Ellian Físico.

A presença física de Mira colapsa ao chão com o desdobramento de seu núcleo 4D em um único filete de neurônios. Assim como San abusou no cérebro tridimensional, poucos dias antes, Mira fez algo equivalente, com o cérebro 4D.

O núcleo de San-Lehan, com o auxílio de Remi, conseguiu ao menos deslocar o Palácio um pouco para fora do raio de impacto, porém, não o suficiente para evitar as consequências no espaço tridimensional.

Os átrios do Palácio que envolviam aquele eixo haviam se enroscado em incontáveis objetos, de planetoides a poeira cósmica, através do sistema solar.

No instante do impacto, o Palácio se retraiu em agonia, contraindo todos os nós que enlaçavam objetos em rota orbital solar, numa liberação de energia forte o suficiente para vaporizá-los — rocha, gelo e metal se dissolviam em gás incandescente e poeira primordial.

A Nuvem de Oort se tornou a Nebulosa de Oort, uma vasta tapeçaria de matéria fundamental suspensa em colisões, ionizações e brilhos espasmódicos sob o assalto do vento solar.

Os primeiros sinais luminosos desse evento alcançariam a Terra em onze dias, porém a nebulosa só seria visível em sua totalidade em seis meses, e seria a atração espacial de maior graciosidade e grandeza já presenciada pela humanidade. Nuvens de poeira coloririam todo céu noturno em tons de roxo, vermelho e azul, por anos. Contudo, as consequências seriam instantâneas nas bordas internas do sistema solar: perturbações gravitacionais estremeciam os planetas anões, o Cinturão de Kuiper, bagunçado em espasmos de caos orbital e órbitas imprevisíveis.

Sedna, Eris e Haumea não saíram ilesos. Seus núcleos, outrora âncoras na tapeçaria dimensional, foram triturados em pó. As estações orbitais, privadas de seus centros de gravidade, foram lançadas em espirais erráticas pela vastidão.

Pior ainda, as perturbações gravitacionais lançaram detritos espaciais em rotas caóticas por todo o sistema solar. Os sistemas de detecção de objetos anômalos viriam a disparar continuamente, conforme governos e corporações gastariam fortunas em sistemas de mitigação de impactos. Mesmo assim, cidades inteiras ainda seriam atingidas, o número de mortes, incontável.

No âmago do Palácio, a dor atravessou dimensões, rasgando as linhas do inconsciente coletivo. Um grito mudo ecoou entre as consciências, como se toda a criação tivesse perdido parte de seu próprio alicerce.

Os quatro astronautas das estações Eris e Sedna agora eram, realmente, naufragos, completamente à deriva no mar de vácuo.

No momento exato da colisão, relógios analógicos em cinco continentes começaram a girar para trás por poucos instantes. Em maternidades ao redor do mundo, recém-nascidos choraram em uníssono perfeito.

19.4 PALÁCIO

No momento do impacto, todos os núcleos do Inconsciente Coletivo Paralelo se encontraram.

Apenas San-Lehan, Remi e Mira conseguiam perceber essa realidade conscientemente.

O tempo dentro do Palácio não transcorria de forma convencional. Subjetivamente, o impacto para as formas físicas ocorreu milésimos de segundo antes; todavia, na perspectiva do Palácio e dos núcleos, um período infinito e etéreo havia passado.

San-Lehan ajudou Mira a reentrelaçar seu novelo, após servir como barreira de proteção ao salão. Subjetivamente, para a Mira física, seu corpo sequer havia terminado de cair ao chão.

— Obrigada, San.

— Eu que agradeço, Mira. O salão dos núcleos só sobreviveu por sua causa.

— Como está o Palácio?

O núcleo de San-Lehan pulsou em tons azulados com sabor cítrico, emitiu resquícios de radiação Theta e se contorceu em quatro loops subsequentes. Era a maneira de

comunicação não verbal dentro do Palácio, visto que apenas Mira possuía capacidade de visão no ambiente dos núcleos.

— Não está bonito. Toda a ala Norte-Kata-Baixo-Oeste foi perfurada até N-K-B-Leste. Também atravessou todo o eixo Ana dessa mesma região — respondeu San, em pulsos de preocupação.

Tinham adotado as notações matemáticas "Kata" e "Ana" para se referir às direções adicionais nos eixos 4D, o equivalente a "para dentro" e "para fora".

— San, você acha que os outros vão surgir aqui, por causa do impacto? — perguntou Mira.

— De alguma forma, suspeito que sim. Dois deles oscilaram entre a forma física e núcleo, por um milésimo de segundo subjetivo — respondeu San.

Mira pulsou em rosa e emitiu ondas de rádio e radiação ultravioleta, o equivalente à frustração ou tensão.

— Acho que consigo remodelar o ambiente para ser menos abrasivo, visual e mentalmente, para os demais — disse Mira.

— Remodelar?! Como assim? — respondeu San, demonstrando surpresa com sabores doces e equações.

— San, San, San. Meu querido San. Não venha se achar especial só porque você chegou primeiro.

— Eu estou presa neste hipercubo com seis núcleos desconhecidos. Não consigo andar livremente pelo Palácio como você, nem transitar entre a forma física e o núcleo como Remi.

San expressou vergonha e pena.

— Sinto muito... Mas também estou preso como núcleo. E não é como se Remi conseguisse se comunicar.

— Está tudo bem, Samy! Eu descobri algo muito mais divertido — o núcleo de Mira emanava empolgação. — Em terra de cego...

Mira estalou os dedos.

— ...quem tem olho é rei.

O hipercubo comprimiu seus eixos para uma subseção tridimensional, muito menos abrasiva para a percepção humana.

A informação da forma física de Mira e San foi puxada de seus núcleos e se materializou num ambiente completamente branco, com apenas uma mesa e uma xícara de café.

Ambos surgiram simultaneamente no local.

San ficou desorientado após tantos éons forma de núcleo. Praticamente esquecendo como era ter um corpo físico.

Mira irrompeu em saltinhos.

— Uhuul! Deu certo. É a primeira vez que testo as formas físicas! Queria estrear com você.

Os dois haviam formado uma grande amizade no tempo em que estiveram no Palácio, mas não conheciam a forma física um do outro.

Mira havia prometido a si mesma manter a privacidade dos núcleos, então nunca mais observou nenhum.

San olhava fixamente para os próprios pés descalços.

Mira desatou a explicar seu processo de descoberta, como fazia as modificações através da compressão do hipercubo, usando os próprios fios.

Tudo isso fora aprendizado adquirido após o impacto.

Sua empolgação era tamanha que rodopiava de felicidade, antes de perceber que San continuava olhando para baixo, fixamente.

— Merda. Você quebrou, San?

— Não, Mira...

Até que ela finalmente entendeu. Seu rosto avermelhou. A materialização da forma física obviamente não incluía roupas.

Mira deu um grito.

— Pervertido! — e arremessou a xícara de café na cabeça de San.

O impacto da porcelana contra a cabeça de San o surpreendeu tanto quanto a própria forma física.

— Senti dor! Que coisa incrível! — Ele levantou o olhar. — Relaxa, Mira, não é como se eu tivesse visto qualquer coisa...

A pessoa em sua frente era muito bonita.

E Mira percebeu que forma e dor não eram as únicas coisas replicadas perfeitamente: instintos também vieram com a materialização.

Arremessou mais objetos em San, até materializar roupas genéricas para ambos.

Depois de um silêncio desconfortável, riram juntos.

Mira também simulou gravidade, algo que San não sentia há décadas, em tempo humano subjetivo.

San tocou o próprio rosto com ambas as mãos.

— Esqueci como era isso. Sentir a chuva... o vento. Remi também... — sua voz falhou por um segundo.

Como se soubesse que foi chamado, Remi materializou-se no ambiente, igualmente surpreso, o máximo de surpresa que um gato consegue transparecer.

Remi não sabia como se mover em gravidade normal. Apenas caiu de barriga no chão, abrindo as patas, e soltou um miado triste e assustado.

Mira prontamente desativou a gravidade para o gato, que pareceu muito mais aliviado. Ele se levantou e saltou em direção ao dono, deu uma cabeçada no queixo de San e se aninhou em seu colo, provavelmente sentindo falta do toque físico de seu companheiro.

San se perguntou como estaria a saúde mental de Faced. Sabia que o amigo estava bem e que a própria forma física permanecia vegetativa. Só precisava ajustar sua perspectiva através dos eixos corretos para visualizar o interior da Estação Eris, mas era incapaz de interagir ou transmitir informações dali. Aprendeu isso da pior maneira, na primeira interação com Mira.

— Isso é fantástico, Mira. Mas o único ambiente é esta sala branca? Vamos ter que repetir toda aquela conversa sobre não estarem mortos? — disse San, rompendo a melancolia momentânea.

— Não. Deixe o melhor para o final. Só não queria te sobrecarregar de informações.

Mira estalou os dedos novamente, e a sala branca se remodelou para um ambiente de museu paleontológico. Os oito núcleos jaziam sobre pedestais como orbes flutuantes de sua cor dominante.

Ao centro, uma moderna lareira a álcool, envidraçada nas laterais, iluminava o ambiente.

Cadeiras de couro com rebites metálicos nas bordas cercavam a lareira; havia, inclusive, uma cadeira em miniatura para Remi. Cada pedestal ficava ao lado da respectiva poltrona.

Ao fundo, fósseis de dinossauros decoravam o espaço, murais de insetos extintos e até mesmo uma parede com viveiros de insetos já desaparecidos há milhões de anos.

Atrás de quatro das cadeiras, um bar antigo em formato de meia-lua acompanhava a simetria radial da área de descanso central. Os entalhes em madeira bruta criavam um belo contraste com o estilo vintage do ambiente.

San novamente teve as palavras roubadas de sua boca.

— Quanto tempo você levou para conseguir fazer isso? — perguntou.

— Samy, você sabe muito bem que essa pergunta não tem sentido nem lógica aqui — respondeu Mira.

— Drink? — ofereceu, enquanto se dirigia ao bar.

San aceitou a bebida. Estava ruim. Forte demais. Provavelmente primeira vez que ela tentava preparar um drink. Mas o sabor não importava; matar a saudade das sensações físicas superava qualquer sabor desagradável.

— San, qual você acha que é a natureza do Palácio? — perguntou Mira, repentinamente.

— Não sei... Tenho uma teoria meio louca.

— Nesta situação, o que pode ser considerado louco?

— Quanto mais exploro a estrutura, mais ela me parece uma espécie de nave... — disse San, com o olhar contemplativo.

— Mas se for uma nave... — voltou o olhar para Mira, desta vez sombrio — o que aconteceu com a tripulação? E por que estava vindo em direção ao sistema solar? Estive teorizando também sobre como construir algum tipo de dispositivo com o local. Talvez algo que direcione o ponto focal dos núcleos para as consciências físicas, mas nem sei por onde começar ainda.

Mira sentiu um calafrio na espinha ao ponderar a possibilidade.

Optou por mudar de assunto. Discutiriam isso melhor mais tarde.

— Quanto tempo subjetivo você acha que se passou desde a colisão? — perguntou Mira.

— Provavelmente nada. Milésimos de segundo, no máximo — respondeu San.

— Será que não vai aparecer ninguém? — questionou Mira.

Como se o universo lesse sua fala, um dos núcleos pulsou, e uma forma foi materializada.

PARTE 20 — REVOLUÇÃO DOS BICHOS

SEGUNDOS ANTES DA COLISÃO

O rugido de um motor cortou o silêncio da clareira. A Equipe Sky mal teve tempo de se posicionar antes que uma Ducati vermelha derrapasse num semicírculo perfeito, lançando lama sobre os uniformes pretos.

A mulher desmontou num movimento fluido — ignorou completamente os fuzis apontados em sua direção. Seus olhos, fixos em Ellian, ardiam com uma raiva que parecia emanar calor físico.

Sem hesitar, atravessou a linha de agentes como se fossem fantasmas e desferiu um tapa que ecoou como um chicote.

— Seu imbecil! — A rispidez de Cathy era tão agonizante quanto a voz do próprio Sentinel.

— Eu só estava... — foi interrompido por outro tapa.

— RATO PODRE! DEVIA TER TE DEIXADO EM CATIVEIRO!

O rosto de Ellian latejava; a marca da palma de Cathy era visível em sua face avermelhada.

— Qual é a merda do seu plano, hein, garoto? Sequestrar o Diretor mais poderoso do mundo, e depois? O quê?

Ellian deu outro sorriso de canto.

— Se você fizer outro sorriso esnobe, juro que arranco teus lábios e te transformo num Sentinel! — rosnou Cathy, entredentes.

— Certo, certo. Perdão. — Ellian retraiu-se ao pensar na ameaça.

— Tenho algumas estratégias em mente. Usar as credenciais dele para subir na Fundação, encontrar Jaques, montar minhas próprias bases orbitais.

— Consegi dar uma rasteira na GOES e no General MDK. Ganhei seis pontos de Lagrange, além de acesso a lançamento não monitorado.

— E mais... vou virar Diretor.

O rosto de Cathy transpareceu uma série de emoções em sequência: satisfação, ponderação e, novamente, raiva.

Uma movimentação interrompeu a conversa entre os dois. SOL, da Equipe Sky, correu para segurar Mira, que estava em processo de colapsar ao chão.

— Não terminamos aqui, pirralho de merda! — Cathy dirigiu-se até Mira para avaliar a situação.

— E vocês? — berrou para a Equipe Sky. — Vão ficar aí parados o dia inteiro, apontando essas arminhas de brinquedo para mim?

REX estava prestes a responder.

— Isto não foi uma pergunta. Carregar corpos. Chop, chop!

— Sim, senhora! — respondeu SOL, em continência.

REX olhou com reprovação para o subordinado e comandou os demais: — Continuem o trabalho! — ordenou, girando o braço com o indicador esticado acima da cabeça.

Depois, direcionou-se a Ellian.

— Chefe, o que está acontecendo? Você está pálido, parece que vai vomitar.

— Estou bem — respondeu Ellian com a boca seca.

— Tem um plano? — perguntou REX. — Precisa de algo concreto se quiser manter a moral da equipe elevada.

— Não vamos entrar numa missão suicida — finalizou.

Cathy assobiou.

— Você aí! O grandalhão que parece ser o chefe! Carregue a moça para a van. Coloque-a numa posição estável.

— Vou ver os outros — continuou.

Dirigiu-se apressadamente até Will, verificou-lhe as pupilas, a frequência cardíaca e a responsividade motora.

Ele e Orwell estavam em iguais condições de catatonia.

Foi até o Sentinel.

— Toc, toc, Nosferatu. Alguém em casa? — perguntou Cathy, em tom de deboche.

A criatura continuava de pé, na mesma posição que foi deixado por Ellian. O sorriso medonho já não existia; restava apenas uma casca com pele cinzenta e olhos pretos. Não deu qualquer sinal de resposta.

Cathy abriu as pálpebras do Sentinel e enfiou o dedo diretamente no globo ocular. — *Sempre acho esta parte nojenta. O material é regenerativo, de qualquer forma.* — Lá dentro, pressionou o botão de debug manual.

— Protocolo Holly, senha de anulação: RatinhoQueridoCathy25.

— Não vai funcionar — disse Ellian.

Cathy apenas respondeu com um olhar que dizia: *cale-se*.

Para surpresa de Ellian, o Sentinel respondeu:

— SISTEMA HOLLY 3.3.3 EM SEGUNDO PLANO. SISTEMA TALOS I EM PRIMEIRO PLANO.

— Porcentagem de controle neural do Sistema Talos? — solicitou Cathy.

— **ATUALMENTE, 32%. 31%. 30%. 29%...** — respondeu o Sentinel, a voz metálica e decrescente.

O Sentinel mexeu os dedos. Só um pouco, mas foi o suficiente. Cathy sabia ler nervos como um violinista lê cordas.

Arregalou os olhos por um milissegundo. Não deveria estar surpresa.

Foi até o membro mais jovem da Equipe Sky.

— Bonitão, preciso da sua pistola — disse Cathy.

— Sim, senhora! Aqui está.

REX e Ellian não viram a interação; o líder certamente teria negado e repreendido SOL.

Apenas se deram conta do que estava acontecendo ao verem Cathy andando até o Sentinel, com o braço erguido e a arma de fogo empunhada.

Por um segundo, o grito da menina torturada ecoou na mente de Cathy, mas ela não hesitou. Nem hoje, nem nunca.

— Cathy! Que merda você está fazendo...

POW — Disparo direto no crânio do Sentinel.

O corpo da criatura tombou, caindo contra a lama num baque úmido. O invólucro, já falecido há tempos, provavelmente agradeceu ao sentir a terra úmida deslizando para dentro de sua boca aberta.

REX ergueu o fuzil. — Solte a arma!

— Relaxa, caceta. Toma aí a bendita pistolinha. — Arremessou o revólver na direção de REX.

— Cathy, por quê??! — Ellian viu inúmeros dias de trabalho escorrendo pelo ralo.

— Pirralho, você pegou uma obra-prima com anos de Pesquisa e Desenvolvimento e enfiou uma Inteligência Artificial malfeita no lugar. Aquilo era uma bomba-relógio

instável. Em dez minutos teria matado todo mundo aqui. Nem sei como aguentou até agora.

Enquanto a Equipe Sky finalizava o carregamento dos corpos, Ellian fez uma ligação.

— Está feito.

— Eu vi. Bom trabalho, Ellian. Sua nomeação terá que esperar um pouco, para não levantar suspeitas. Vou lidar com um turbilhão político nas próximas semanas. Encontre-me no próximo mês na CIOP.

Ellian estava visivelmente frustrado com a informação, andando de um lado para o outro enquanto Gray falava.

— Os meus... associados, que você ainda conhecerá, usaram o colisor de maneira diferente: como uma lente para a quarta dimensão.

— Algo grande e perigoso está no sistema solar. Seu colisor gigantesco serve como canhão contra essa "coisa".

— São muitas informações. Primeiro, por que diabos chegaram atirando primeiro numa entidade sobre a qual nada sabem?

— Quem deu o primeiro tiro foi você, Ellian. Falaremos novamente na CIOP. Os cientistas saberão lhe explicar melhor.

— Pelo que me informaram, o estrago na estrutura foi considerável, mas de alguma forma, ela desviou parcialmente do impacto, o que nos leva a crer que é, de fato, consciente.

Ellian considerou a visão que teve no instante em que Cathy lhe deu o tapa. Por um momento, sentiu que estava de camarote na estrutura, assistindo, embora não fizesse ideia do motivo.

Todos já estavam acomodados dentro da van. Cathy olhou em volta. — *Que maravilha. Estou presa com cinco vegetais, um terrorista procurado, um egomaniaco e cinco brutamontes.*

Algo se moveu em sua bolsa. Um gato. — *Mas como diabos você chegou aqui?* — pensou Cathy. — *E um gato para a coleção, ainda por cima.*

Colocou a mão na bolsa para acariciar Remi, que lhe lambeu a mão em cumprimento e desapareceu.

Cathy anunciou:

— Boa noite, senhoras, senhores, monstro, gato quântico e vegetais. Sejam muito bem-vindos à Cathy Express! Nossa primeira parada será em três horas, com uma pausa para lanche quando os brutamontes encontrarem um lugar útil para desovar os corpos. O tempo está ótimo. Se a polícia nos parar, por favor, não mencionem o terrorista em estado vegetativo e escondam seus fuzis.

— E quem disse que é você quem dita o caminho, Cathy? — questionou Ellian.

— A porra da sua Equipe Sky, que parece mais propícia a me obedecer do que a você.

— Além disso, você não queria ir para a Fundação? Parabéns. É para lá que vamos.

PARTE 21 — CONSEQUÊNCIAS

GRAY — DIRETOR DA GOES

Na porta das instalações da GOES, uma multidão de jornalistas e protestantes se aglomerava em dois grupos diferentes. Um comemorando o Fantasma de Sraknova, outro condenando. As tensões do lado de fora eram uma panela de pressão. Seguranças e barricadas estavam detendo o avanço de um grupo contra o outro.

MDK observava tudo da janela do segundo andar, sem expressão nenhuma. Até que lhe foi enviado um chamado para a sala da Diretoria.

— Vamos acabar logo com isso... — suspirou para si, enquanto encostava a palma da mão no vidro.

Gray permanecia em pé diante da longa mesa da Diretoria, o monitor voxelgráfico às suas costas projetavam os itens da acusação em letras vermelhas pulsantes. Seu paletó impecável e postura rígida contrastavam com o uniforme amassado e a expressão neutra de MDK.

— General MDK. Pelos termos do Art. 8º, sessão 7 do Estatuto Geral, você está deposto da Diretoria.

— Então é assim, Gray. Usurpadores não costumam durar, sabe? — MDK disse em tom calmo, calculado.

Um fuzil de nariz milimétrico de Gray denunciou sua resposta.

— Ademais, o senhor será colocado sob custódia por suspeita de conspiração, assassinato e manipulação mental — continuou Gray, ignorando a contestação do General.

— Você tem o direito de permanecer calado. Tudo que disser pode e será usado contra você no Tribunal.

— Vou assumir que utilizou dados plantados para, de alguma maneira falsa me incriminar? — perguntou o General, puxando o bigode.

— Evidências foram enviadas ao sistema geral, através do seu próprio terminal — respondeu Gray.

— Apresentam indícios de conspiração pelo assassinato do Senador Alec Zhu, assassinato do Diretor de Ética, Usif Fuschia, desaparecimento do Diretor Científico, Pol Libberman — Troca de favores corporativos, violação de patentes, auxílio e conluio com

o terrorista Orwell Mathew, também conhecido como Fantasma de Sraknova.

— Posso ser acusado de muita coisa, mas não venha jogar seus próprios fantasmas nas minhas costas. Sabe muito bem que não tenho nada a ver com Alec Zhu.

Gray sorriu: — Os dados dizem o contrário, General. Mas não se senta mal! Aprendi muito com o senhor.

— Que seja Gray. Você não vai durar seis meses aqui. Não tem o que é preciso para aguentar a pressão. É um homem fraco.

Gray desceu um punho na mesa: — Você. Perdeu! Admita, MDK! — a face estava vermelha.

Uma risada esnobe, provocativa enquanto estendia as mãos para ser algemado: — O que te ajudar a dormir a noite, garoto. Eu? Estou em paz, sabe? Deveria preocupar-se consigo mesmo... Afinal, a queda é alta para quem está no topo, meu amigo.

Gray apontou para a porta e berrou: — Levem ele daqui!

MDK não estava nada satisfeito com esse desenrolar de eventos. — *A idade também deve ter atrofiado meus instintos* — pensou.

Mas o General não é o tipo de homem que anda despreparado. O plano de contingência iria tomar mais tempo para acontecer, mas ainda assim, tinha boas expectativas para os resultados.

INTERLÚDIO

Durante o trajeto até o ponto de lançamento, Cathy finalmente notou que o voxel que Will havia lhe dado tinha notificado algo.

Cathy, querida. Esse recado talvez seja a coisa que você menos queira ler na sua vida.

Se isso foi ativado, quer dizer que estou e continuarei em posição inviável para assumir a Diretoria, por motivo que seja.

Sendo assim, esse dispositivo é sua chave e comprovação para assumir o cargo.

A Fundação, agora está completamente nas suas mãos...

Você é esperta, mas fique de aviso. Os outros Diretores não são os brinquedos que você está acostumada. E SIM, EU SEI QUE VOCÊ VAI LER ISSO COM DESDÉM.

Mas uma vez na vida, me leve a sério. O protocolo Sraknova ainda está ativo e em andamento. Não permita que desviam nossos objetivos.

Com todo o carinho,

Godspeed.

Will.

Manual Oculto para Renascimento dos Ratos

Por Dr. Ellian E. Taylor

Gymnopédie No.1" de Erik Satie.

[SAN-LEHAN]

Capitão de uma bola de gelo

Não sabia mas sentia
Vocês me veem nesse dia.
Esse é meu selo.
Um naufrágio sideral, uma nave radial.
Era a Deusa da Discórdia, sem demonstrar Misericórdia.

[ORWELL]

Eu te vejo, San-Lehan. Não pela visão,
mas através da conexão.
Remi ronrona no seu bolso.
As estrelas já não encaravam.
Pois até elas, se direcionavam.

[MDK]

Cai o General, ruge o silêncio profundo,
Cartas marcadas queimam no escuro veludo.
Na mesa apostava tudo, até o último suspiro;
MDK termina — o fim de um velho vampiro.
O início de um novo aspiro.

[PALÁCIO]

Sua estrutura a angústia sentia.
Uma maré fria retorcida.
As pontes e eixos se moviam.
Pelo efeito daqueles que podiam.
Um lamento, uma lágrima.
Pobre entidade,
Refém de uma humanidade.

[JAQUES]

Se o ronronar eu seguir,
Talvez a rota apareça certa.
Vibrações a emergir,

E o caminho se aperta.
Não sou narrador do destino,
Muito menos escritor clandestino.
Os sinos do universo tocam.

*Frère Jacques, frère Jacques,
Dormez-vous? Dormez-vous?
Sonnez les matines! Sonnez les matines!
Din, dan, don. Din, dan, don*

FIM DA SEGUNDA DANÇA

TERCEIRA DANÇA - DEUSA DA FERTILIDADE

FACED — ESTAÇÃO ORBITAL ÉRIS — MOMENTO DO IMPACTO

T - 00:00

Faced, solitário e exausto, flutuava no compartimento médico, trocando cartuchos de circulação sanguínea nos biopods que mantinham San-Lehan e o minúsculo Remi em animação terapêutica. Os dois respiravam por membranas osmóticas; cada expansão torácica era registrada em silhuetas azul-esverdeadas sobre o visor dos leitos. As luzes de monitoramento lançavam reflexos frios sobre a pelagem do felino e sobre as maçãs do rosto de San, agora quase translúcidas por semanas de hibernação.

Repousou a mão sobre a pelugem de Remi, melancólico. — *Vai dar tudo certo.* — pensava.

Uma lágrima pairou sutilmente sobre seus olhos, embaçando a visão. Não teve tempo de remoer os sentimentos, nem mesmo de se preparar e calcular uma reação adequada. Naquele momento, seria apenas um passageiro de uma montanha russa orbital.

A estrutura da estação vibrou subitamente, alarmes ressoavam, sirenes vermelhas acendiam-se em cascata. O software de contingência projetou vetores de sobre-rotação no HUD: **TORQUE IMPRIMIDO: 12 kN·m**. Faced engoliu em seco, bloqueou os pods em modo rígido e puxou a grade de contenção sobre San e Remi.

A vertigem que lhe afliju era equivalente ao que sentiria durante um terremoto, enquanto flutuava sem contato com o solo. Todas as paredes tremiam enquanto seu corpo flutuava sem contato, confundindo seu sistema vestibular.

Equipamentos e sensores eram arremessados de um lado ao outro, qualquer parafuso solto poderia num instante se tornar um projétil letal.

Faced se segurou nas bordas da escotilha de entrada da área médica e impulsionou o corpo para frente. Mal teve tempo de olhar para trás e fazer uma última checagem de San e Remi, que um fluxo de ar repentino agitou o ambiente.

Algum compartimento sofreu descompressão e perdia oxigênio. Faced escaneou as escotilhas próximas em busca da origem do dano.

Outro impacto agitou a estação com maior intensidade. Na direção da ponte de comando, um terminal lateral — *80kg de puro metal, de largura maior que a metade do corredor* — se soltou do piso que o segurava e foi arremessado rumo ao Tenente. Ambos em rota de colisão.

O terminal ricocheteava nas paredes conforme se deslocava, mais destroços e objetos flutuavam erráticamente no espaço que mal permitia duas pessoas lado a lado.

Faced não conseguia se esgueirar pelo objeto que ia em sua direção. Uma escotilha para outro compartimento seria a única saída. Ergueu os braços e segurou na beirada da entrada. Num impulso do corpo, fluiu como pêndulo para o compartimento lateral, em tempo perfeito do enorme objeto zunir por sua cabeça.

Seguiu rumo à ponte de comando. Era um nadador em um mar de peças e objetos sem rumo, abrasivos contra a frágil pele humana. Cortes e hematomas eram certeiros.

Ao chegar na ponte, teve de olhar duas vezes para compreender a cena diante de si. Éris estava envolta por algo que se assemelhava a uma bolha de sabão, crescia em perspectivas que apenas tinha visto em sua breve experiência na dimensão superior.

A bolha dilatava para dentro de si e causava uma compressão do planeta-anão. O que antes era uma bola de gelo e metal, agora brilhava dentro dessa bolha de sabão, conforme os elementos eram decompostos em matérias fundamentais.

De alguma forma, toda a energia do impacto estava direcionada na dimensão superior, como se o palácio consumisse os newtons resultantes do impacto.

Faced viu Éris transitar, de uma bola de gelo, para algo tão brilhante, que sequer conseguia manter o olhar, para uma nuvem de poeira e vapor, envolta por uma bolha de sabão extradimensional.

Até que a bolha desapareceu. No seu lugar, uma perfeita **esfera de condensação molecular pura**, em estado quase metaestável. Não sólido, líquido ou gasoso — algo entre condensado de Bose-Einstein⁸⁰ e matéria exótica⁸¹.

Éris fora "reduzida" a uma **gota primária de realidade condensada**. Um *nó de matéria* no espaço, pronto para explodir ou para transcender.

⁸⁰ **Condensado de Bose-Einstein** = estado da matéria obtido em temperaturas próximas do zero absoluto, onde átomos ocupam o mesmo estado quântico e se comportam como uma única “superpartícula”.

⁸¹ **Matéria exótica** = forma teórica de matéria com propriedades físicas incomuns, como massa negativa ou comportamento não previsto pelas partículas convencionais.

Faced checou os terminais e emitiu o comando para selar a unidade que estava danificada. Os tremores cessaram.

O espetáculo visual, todavia, envolvia apenas Éris, que não emitia nenhum sinal, em qualquer espectro conhecido. Não tinha **nada** naquele pedaço de vácuo onde jazia um planeta, apenas a esfera perfeita de matéria condensada.

A esfera funcionava como uma válvula de pressão. Liberava continuamente pequenas quantidades de matéria para o ambiente externo, da mesma forma que um buraco negro emana radiação de Hawking⁸², como se evitasse uma mini-supernova ou catástrofe maior. De alguma maneira, evaporava gradualmente, sem campo gravitacional.

Sem campo gravitacional — pensou faced. — sem. campo. gravitacional.

Puxou os painéis de traçados orbitais. Estava à deriva, assim como Disnomia, a pequena lua que orbitava o planeta.

E as rotas coincidiam. A estação agora estava em rumo de colisão com uma lua.

O software reciclou efemérides⁸³ e devolveu a sentença: **Previsão de interseção com Disnomia: T-19 h 43 min ± 6 min Velocidade relativa no perigeu: 42 m s⁻¹**

Para evitar impacto seriam necessários 63 m s⁻¹ de Δv ⁸⁴. O *cluster* de propulsão química mal ofertava 15. Nem mesmo ejetando todo depósito de azoto frio⁸⁵.

Só restava reduzir massa. E rezar.

Faced fez a análise dos módulos que poderiam ser desacoplados para reduzir a massa da estação. Foi até San-Lehan e Remi na estação médica. Estavam ilesos. Iria colocá-los no pod de escape com o equipamento médico e ejetar o módulo.

Foi aí que a realidade bateu na porta. San tinha lhe dito, poucos dias antes — *Remi não aguenta nenhum tipo de aceleração* — Não tinha escolha. Mas sabia que San jamais o perdoaria pelo que estava prestes a fazer.

Ele me diria pra deixá-los afundar juntos no navio.

— Me desculpe, San — Suas mãos tremiam, tudo que queria era se encolher num canto e não precisar tomar as decisões difíceis.

⁸² **Radiação de Hawking** = emissão teórica de partículas por buracos negros, causada por flutuações quânticas no horizonte de eventos.

⁸³ **Efemérides** = tabelas astronômicas que preveem a posição de corpos celestes ao longo do tempo.

⁸⁴ **Δv (delta-v)** = variação de velocidade necessária para alterar uma trajetória orbital. Em astrodinâmica, determina a capacidade de manobra de uma espaçonave.

⁸⁵ **Azoto frio** = nitrogênio líquido ou gasoso, usado como massa de reação em sistemas de propulsão não convencionais.

Colocou os dois no pod de escape. Faced libertou módulos como quem descasca uma cebola orbital: laboratórios, estufas hidropônicas, casulos habitacionais. Cada desacoplamento rendia-lhe um metro por segundo extra; cada clunk soava como amputação. Por fim sobraram a ponte, os tanques de pressurização e uma meia-lua de painéis.

Ele pressionou a testa contra o visor do pod, sentiu o frio do policarbonato e o peso de sua decisão.

Vou trazer vocês de volta...

Programou o escape-pod médico: ejeção a 60 m s⁻¹ radial-in⁸⁶, janela T-90 s. Na tela piscava: ACELERAÇÃO DE PICOS: 0,4 g⁸⁷ — PERIGOSO PARA PACIENTE INSTÁVEL — REMI.

A iluminação do compartimento apagou-se numa queda de tensão — redirecionamento de último segundo para as linhas de RCS. Era agora ou nunca. Faced correu para a ponte, atou-se no assento giratório e girou as válvulas de hélio de emergência.

Iniciou a liberação do sistema RCS⁸⁸ da nave. Basicamente expelir ar comprimido para mudar a trajetória. Iria usar todos os recursos em mãos para otimizar o máximo possível de delta V. Quanto antes gastasse a provisão, maiores as chances de uma alteração orbital significativa.

Assim que acabasse o combustível de manobras, ejetaria o pod de escape com os boosters em potência máxima. — aproveitar a passagem tangencial por Disnomia e usar o campo ínfimo da lua como estilingue⁸⁹. Não havia o suficiente para correção fina depois; se errasse, seria fragmentação ou exílio solar eterno.

Face ao ecrã de navegação, Faced sentiu a primeira lágrima em horas. Não de medo, mas de aceitação. Todas as rotas convergiam para a mesma incógnita: ele contra a matemática do cosmos.

E, pela primeira vez em muito tempo, a equação pareceu pessoal.

⁸⁶ **Radial-in** = direção de aceleração voltada para o centro do corpo gravitacional (neste caso, Disnomia).

⁸⁷ **0,4 g** = aceleração equivalente a 40% da gravidade da Terra. Pode ser fatal para organismos instáveis ou comprometidos.

⁸⁸ **RCS (Reaction Control System)** = sistema de controle de atitude e manobra fina baseado na ejeção de gases pressurizados.

⁸⁹ **Estilingue gravitacional** = técnica de navegação orbital que usa a gravidade de corpos celestes para alterar a velocidade ou trajetória de uma nave, economizando combustível.

PARTE 22 — REFÚGIO

22.1 PALÁCIO — MIRA — APÓS A COLISÃO

Mira e San se entreolharam, cada um na expectativa do outro reconhecer a figura que surgira em frente.

O homem baixo, semicalvo e acima do peso estava desorientado.

— Teoria dos jogos? — resmungou Orwell, confuso conforme recobrava sua última lembrança lúcida.

San se aproximou e colocou a mão sobre o ombro de Orwell.

— Não me toca, porra! — retraiu o repórter, como se qualquer contato pudesse feri-lo.

— Peço desculpas. Meu nome é San-Lehan. Como vai o senhor? — disse San, compreensivo com o homem arredio.

Orwell encarou San, em seguida observou o ambiente de museu construído por Mira, os fósseis, poltronas rústicas, e parou o olhar no bar antes de se manifestar novamente.

— Que maravilha. O inferno é um museu. — Jogou o corpo na poltrona, feliz por se ver finalmente livre dos inúmeros ferimentos que carregava. — Me arruma algo forte, cadete espacial. Depois pode desembuchar que merda é essa.

San soube imediatamente que era Orwell. Pegou uma garrafa de uísque no bar e entregou num copo de cristal para o repórter, que prontamente virou o conteúdo, como se bebesse água.

— Deixa a garrafa — resmungou Orwell, apontando para a mesa ao lado da poltrona.

— Bom saber que está bem — disse San em voz suave.

Mira, sempre atrasada para qualquer interação, ligou os pontos e exclamou:

— San! Esse é o Owl. O cara que me atropelou! — sua expressão brilhava como quem acabara de descobrir a cura do câncer.

Orwell não estava entretido.

— Temos uma gênia aqui. Parabéns, peixinho dourado — agora... explicações, pra ontem.

San sentou-se na poltrona ao lado e refez a mesma aula que havia dado para Mira, quando chegou pela primeira vez.

Orwell gargalhou.

— Tá ótimo. Adorei. Estamos na quarta dimensão, dentro de um museu! Conta outra, rapaz. Mas é sério, cadê o Ellian, MDK?

San deu um sorriso de canto.

— Mira, quer fazer as honras?

— Sim, capitão — estalou os dedos como quem quebra um lacre de realidade.

Toda a estrutura tridimensional se desfez junto de seus corpos. Eram agora núcleos que pairavam em espaços superliminares.

Orwell começou a debater todos os fios de seu novelo em desespero. Não conseguia encontrar orientação ou sequer controlar o movimento da fiação. Não entendia o que estava vendo, e também não queria entender.

— Okay, okay. Já deu pra mim. Volta ao normal, pelo amor dos céus — expressou Orwell, através da emanação de raios Beta e pulsação em azul esmeralda.

Mira reverteu o ambiente para o que era antes.

— Não quero saber. Nunca mais me deixem ver aquilo novamente. Como volto? Não quero ter nada a ver com isso. Foda-se esse Palácio, foda-se a quarta dimensão — disse Orwell, inquieto.

— Não sabemos voltar... Orwell — Mira olhava para baixo, voz quase inaudível.

San assumiu a conversa, com calma sobrenatural.

— A gente não sabe nem se isso tem um "voltar".

Orwell fechou os olhos.

Uma, duas respirações.

A mão pressionando o rosto, a cabeça pendendo para trás.

A risada surgiu do nada.

Não era um riso de alívio. Era o riso de quem quebrou.

Um estouro de gargalhadas secas, contínuas. Uma risada insana, digna de cenas de filmes de hospício. Riu da ironia. O universo mostrava quem realmente mandava em tudo e prendeu ele, logo ele. Orwell. Fracassado, infeliz Orwell, que nunca teve controle do próprio destino. Para uma jaula multidimensional, cercado por aquilo que odiava. Astrofísicos.

O Palácio pareceu gostar.

Seu núcleo vibrou em violeta. Não "mostrou" sentimentos — vomitou emoções.

O cosmos se calou.

Até o silêncio recuou.

Mira e San não sentiram o que Orwell sentia. Não podiam.

Eles não eram ele. Não tinham o peso que a consciência de Orwell carregava.

Eles não viveram fracasso após fracasso, até virar lenda urbana de si mesmo.

Não furtaram uma senhora idosa que os acolheu. Não gastaram a vida inteira sem nunca alcançar qualquer semblante de sucesso. Não falharam em resgatar o único amigo.

O núcleo pulsou em pânico, desgosto. Emitia cores violetas de radiação. Toda emoção enrustida de anos foi projetada pelo núcleo de uma só vez.

A projeção do corpo de Orwell ressoou as cores do núcleo, de forma que Mira e San não haviam presenciado. Todo o inconsciente coletivo sentiu a força dos sentimentos. Era um comando para o próprio Palácio, que obedeceu com prazer, como todo bom sistema eletrônico — se é que poderia ser chamado disso — deveria.

Sua voz ecoou por toda a estrutura em ondas sonoras e audiovisuais que transcendem o tridimensional.

Seu núcleo explodiu em átrios que se conectaram intuitivamente em diversos pontos da estrutura, num comando que o Palácio absorveu como um devoto ansioso.

Ele não gritou. Não ordenou. Só existiu com tanta força que o espaço não suportou.

— Cadete espacial, você fica com esse delírio psicótico. Eu e o peixinho dourado temos mais o que fazer. Foda-se essa merda — disse, para San.

A realidade não se desfez. Ela desistiu. O sistema Talos fritou junto.

Quando Orwell terminou de se levantar da poltrona etérea...

...já estava de pé, dentro de uma van, atravessando uma rodovia a 160 km/h.

22.2 ORWELL — VAN

Retomaram a forma tridimensional em súbita transição espacial-temporal para se deparar com uma cena até mais surreal do que o Palácio.

Em um instante, Orwell estava sentado ouvindo uma aula horrível de Ellian. No próximo, foi parar no Palácio e, logo em seguida, se viu nessa situação.

Já estava farto de ser arrastado de um lado para o outro. A equipe Sky o encarava sem reação. Seu despertar havia sido repentino demais, simultâneo com Mira, que já desatara a falar sozinha.

Orwell olhou em volta. Quatro homens com rifles espremidos no pouco espaço que restava, uma Mira sentada recém-acordada.

Cinco corpos empilhados. Um Sentinel baleado.

Will desacordado.

No banco da frente, Ellian agarrado na alça do teto com as duas mãos como se o inferno estivesse abaixo dele.

No meio — com olhar de quem já se arrependeu de ter acordado — o mesmo militar que o arrancara da cama hospitalar e depois ainda o jogara como um saco de lixo por cima do MDK.

Cathy com um cigarro aceso e o banco reclinado, como se aquilo fosse um passeio de domingo, dirigia tranquilamente através do trânsito caótico.

Nada faz sentido nesse contexto. Mas que merda — pensou.

O cérebro de Orwell tentava ligar os pontos... mas os pontos estavam queimados.

Will, Sentinel, Ellian, a examinadora da prova da Fundação e as pessoas que invadiram a GOES, Mira???

Se não fosse pela dor que permeava todo seu corpo, até poderia achar que era um sonho.

Mas Orwell não se importava com nenhuma dessas pessoas. Literalmente todos nessa van só trouxeram dor de cabeça. Sem uma única exceção.

Os únicos que fizeram qualquer coisa para lhe ajudar, até agora, eram Pol e MDK. E nenhum dos dois estava presente.

Antes que a equipe Sky pudesse processar o que estava acontecendo, Orwell se atirou no banco da frente com a fúria desesperada de um lunático tentando acordar de um sonho ruim, numa tentativa fracassada de assumir o controle, ou até mesmo capotar o bendito veículo.

— Olha, o terrorista acordou — disse Cathy, tranquilamente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Antes que Orwell pudesse alcançar a motorista, REX reagiu mais rápido do que a equipe inteira. Num movimento suave e simples, ergueu a coronha do rifle. Não usou força, sabia que não precisava.

O queixo de Orwell foi direto na traseira da arma, atordoando-o e impedindo seu avanço.

— O... que...? — disse Mira, também em confusão mental.

Mira, por ter uma consciência antes fragmentada, reunida no mesmo invólucro novamente, precisava conciliar, sem sucesso, memórias simultâneas e contraditórias, eventos que ocorreram entre a Mira física e a Mira núcleo. Um filete de sangue escorreu pelo nariz.

— A loirinha também! Que maravilha! — disse Cathy, em comemoração, olhando para trás.

— Olha pra estrada, Catherine! — berrou um Ellian, agora tão erguido na alça de teto que deveria estar levantando o próprio peso. Punhos vermelhos pela força que colocava no pedaço de plástico, como se fosse ajudar alguma coisa em caso de acidente.

REX suspirou, impaciente com o circo de loucos em que se meteu. Já esteve em situações muito mais perigosas, mas essa superava todas em pura estranheza.

— Ooopsie — disse Cathy, enquanto jogava o volante para a direita, a fim de sair da contramão, e depois para a esquerda novamente, para evitar colidir com outro veículo na terceira via.

O líder da equipe Sky imaginou que ela estivesse fazendo isso só para aterrorizar Ellian mais ainda. Provavelmente estava certo.

— Dra. Catherine, posso sugerir uma parada daqui a 15km? Será uma área rural, sem movimento algum. Temos um rio utilizável para desova — disse REX, de forma protocolar.

Também seria um bom momento para colocar ordem nas coisas.

— Claaaro que sim, Sr. Jurassic Park — respondeu Cathy, soando inebriada.

Cathy, embora errática naturalmente, estava de fato inebriada. Não por psicotrópicos tradicionais, mas por — mesmo que não percebesse — estar sujeita à mesma torrente de emoções do inconsciente coletivo. Simultaneamente.

Ela provavelmente era a pessoa mais desconectada conscientemente desse coletivo de núcleos, a mais cética, inclusive — se sequer soubesse da existência. Paradoxalmente, parecia ser a mais suscetível às emoções alheias.

Orwell, detido pela equipe Sky, berrava perguntas sem nexo sobre Pol, sobre MDK. Mira ainda olhava para frente numa tentativa de reconciliar memórias.

Eventualmente, REX indicou para Cathy uma saída lateral, por estrada de terra. Continuaram por mais vinte minutos na van, ainda mais oscilante no caminho irregular, e estacionaram.

Cathy saiu do banco de motorista, esticou os braços, estalou a coluna.

— Excursões em família são uma delícia, não é mesmo, pessoal? — disse, enquanto acendia um cigarro e encarava a cena absurda.

A equipe Sky desembarcou do veículo com os corpos para descarte e iniciou os preparativos para uma desova limpa e sem rastros.

Basta dizer que não era um processo rápido ou bonito de se ver.

No meio tempo, Cathy checava seus acompanhantes.

Will permanecia catatônico, irresponsivo, perdido na própria mente. Cathy franzia as sobrancelhas, apreensiva sobre a situação.

— Você vai responder por esse BO, Ellian. É melhor dar teu jeito de trazer ele de volta — Cathy falou para Ellian.

Ellian deu de ombros. Não estava muito preocupado com o estado de Will no médio prazo.

— Com equipamento adequado, deve ser um processo simples. Orwell escapou do transe sozinho — respondeu Ellian.

— Reze pra estar certo, garoto.

Mira eventualmente retomou os pés na realidade, embora ainda estivesse com sinais de dissociação. Ela relatou para Cathy os acontecimentos do palácio, conforme a psicóloga checava suas pupilas.

— Você vai ter que tomar uns antipsicóticos, loirinha. Mas é normal ter delírios depois de situações de extremo estresse — disse Cathy, em tom quase maternal. — Não foi a semana mais normal da sua vida. Precisa de um tempo pra descansar e retomar a linha de base.

Mira ficou vermelha em frustração.

— Não é delírio, Cathy! Pergunte pro Orwell. Ele também esteve no palácio! Foi ele que me tirou de lá — disse Mira, inconformada.

— E você acha que aquele ali — indicou para Orwell com a cabeça — está muito melhor? Olha pra ele, garota.

Orwell não era exemplo de sanidade. Depois de algumas horas amarrado contra uma árvore, finalmente se acalmou e Mira foi falar com ele.

— Orwell... — o tom de voz de Mira era suplicante.

Orwell não ergueu o olhar para responder.

— O que você quer, garota?

— Preciso que você me leve de volta pro Palácio. San deve estar preocupado — disse Mira.

— Ah, claro. Virei porteiro místico agora. Não tenho nada a ver com aquilo. Até onde me interessa, foi um delírio coletivo — resmungou Orwell.

Cathy, nas proximidades, ouvia a conversa atentamente.

— Eu só consegui sair de lá por sua causa. Você claramente tem alguma função naquele lugar — disse Mira.

Orwell respondeu, frustrado:

— Mesmo se aquilo fosse real, e se eu tivesse qualquer poder mágico, não é como se eu pudesse soltar uma magia e te jogar de volta lá.

Cathy se aproximou. Algo na conversa havia despertado seu interesse.

— Então realmente foi algum tipo de delírio ou conexão coletiva. Fantástico! Estou ansiosa pra fazer uns testes em vocês — Cathy salivava como um cachorro faminto ao pensar em experimentos.

— Sabe, a tecnologia que o chorão ali atrás usou em você e no Will tem alguma semelhança com isso que descreveram. O próprio Sentinel funciona de forma parecida.

— Se eu pudesse direcionar uma frequência específica de 32,2hz, talvez dê pra induzir esse estado de alucinação. Pode ser um avanço fantástico — finalizou Cathy.

Orwell respondeu agressivo:

— Não sou seu rato de laboratório! E pode sonhar em fazer testes comigo. Quebro seu pescoço antes de deixar que me toque.

Catherine, como boa manipuladora, fez o equivalente a balançar um pedaço de carne em frente a Orwell.

— Queridinho, você não quer ver o grandalhão? É melhor cooperar e parar de surtar, se não quiser ficar amarrado o resto da viagem.

— Ahhh, acabei de lembrar de algo. Vamos ter que adiar um pouquinho nossa saída.

— Willzinho ia discursar na Conferência Internacional entre Organizações de Pesquisa no próximo mês.

— Como ele virou um vegetal, vou ter que assumir a resposta — finalizou Cathy.

— Vamos fazer o seguinte. Mira vai pro evento comigo, como acompanhante, REX de guarda-costas, e o resto dos brutamontes cuidam dos outros em algum muquifo por perto.

— Também preciso ir pro evento — disse Ellian.

— Maravilha! Vamos em trisal então.

Cathy sabia que REX seria o mais relutante em seguir os comandos dela. Teria que mantê-lo separado de Ellian e do resto da equipe Sky.

— Temos algumas semanas até lá. Sugiro ir pra minha estação na Rússia e examinar os demais.

REX olhou para Ellian, em busca de confirmação da ordem, ao que recebeu apenas um balançar de cabeça suave.

Durante a desova, os militares discutiam entre si.

— Isso é uma causa perdida. Devíamos só pegar o VIP e levar para Mithrill, conforme as diretrizes originais — disse WON, queixando-se para REX.

— Você acha que vão simplesmente te deixar entrar de volta nas instalações? Já é macaco velho, deixe de ser ingênuo! — respondeu REX. — Você agora está comprometido.

Os demais membros se entreolharam através da névoa que era a tensão formada no ar.

— Se quiserem, podem ir. Minha lealdade está com a Sky, desde que fizemos o compromisso pela liberdade na GOES. Mas já aviso... O VIP está sob minha guarda. Sem gracinhas.

Nenhum deles ousaria confrontar REX num embate direto.

Outro membro da equipe Sky informou que a desova estava finalizada.

— Aleluia! De volta pra estrada, turma! — disse Cathy, animada.

— Na verdade... — disse WON — finalizamos por aqui. Agradecemos o resgate, Ellian — objetivo e pragmático, como bom mercenário.

— SOL e REX optaram por continuar a equipe Sky. Eu e os demais vamos separar os caminhos por enquanto, ao menos até o cenário inteiro estabilizar.

Ellian começou a reagir em indignação.

— Eu salvei voc... — Uma extensão de braço por Cathy, ao seu lado, foi o suficiente para calá-lo.

— Compreendemos — disse Cathy. — Agradecemos a ajuda até agora.

REX decidiu ficar por algum senso de lealdade profissional, ao menos provisória. Além de que, gostaria de ver que fim levaria essa trama. Estava mais divertido do que escoltar políticos de um lado ao outro. SOL acompanharia qualquer movimento que o mentor fizesse, e parecia ter ganhado alguma admiração curiosa por Cathy.

A saída dos três antigos membros abaixou um pouco a moral do grupo, especialmente pela discussão que irrompera outra vez entre Cathy e Ellian.

Vocês são péssimos líderes — pensou REX, ao observar o par, desestabilizado sobre como prosseguir sem a pequena milícia especializada nas costas. — *Os dois querem disputar autoridade e estão dispersando o foco.*

REX tinha experiência de campo suficiente para reconhecer um colapso hierárquico.

Após a saída dos três outros membros, se direcionou ao grupo.

— Senhores! — Vou deixar claro. Em caso de urgência, minhas ordens e instruções serão o seu evangelho. Sigam à risca e garanto um bom desfecho. Agora todos vocês são a equipe Sky.

— Nosso objetivo é o sucesso e prosperidade da Equipe Sky como coletivo, sem hierarquias individuais.

— Então vamos, pois o caminho é longo!

Todos os demais se entreolharam nervosos com o prospecto de ter Cathy no volante novamente.

22.3 ILHAS ANZHU

Os eventos posteriores foram menos caóticos, para alívio de REX. Durante o trajeto, os ânimos pareceram se acalmar em uma sutileza melancólica, praticamente sobrenatural.

O Inconsciente Coletivo havia entrado num estado de introspecção, como se finalmente tivesse tempo para processar e absorver os traumas recém passados.

Orwell, passou todo o tempo com olhar baixo e, quando possível, encolhido com uma garrafa em mãos — alguém que quer desaparecer, ou simplesmente ser deixado na beira da estrada.

Or cortou hostilmente as duas tentativas de diálogo, feitas apenas por Cathy e Mira ao longo do trajeto. O repórter era um gato assustado, preso numa matilha de lobos.

Queria falar com San. Com Pol. Ou até mesmo com a velha asiática que lhe acolhera. Seus pensamentos rodeavam constantemente por essa vertente, isso quando não era afligido pelo pânico em cada solavanco do avião.

Cada vez que tentava dormir, sonhava com quedas, cirurgias, amputações.

O cadete espacial não me ligou mais...

Durante o voo os únicos sons eram o rugir das turbinas em luta constante contra a abrasão das tempestades, e as esporádicas explosões de som e luz, conforme ressoavam os trovões nos arredores.

Cathy só quebrou o silêncio com eventuais ligações protocolares para a gerência da Fundação, mantendo a casa em ordem enquanto Will estivesse fora.

Ellian, de ombros rígidos, trabalhava em seu computador, rodando análise de resultados da última colisão.

Era óbvio que Orwell não estava disposto a ter qualquer interação humana, mas Mira, com núcleo entrelaçado nas lesões do novelo de Or, sentia, inconscientemente a dor alheia. Sentou ao lado do repórter, sem falar nada, e começou a desenhar num pedaço de papel.

Orwell eventualmente começou a assistir o movimento suave da mão de Mira, que causava o desfazer do grafite, transformando o vazio em informação organizada através de formas. — *destruição para reconstrução* — pensou em algum momento.

Ela tinha um efeito tranquilizante sobre os estilhaços de vidro e fracasso que era Orwell.

O avião particular da Fundação, bombardeado por uma torrente de nevasca ao se aproximar da pista de pouso, chacoalhava e tremia os passageiros da mesma maneira que

um carro de rali sobre estrada de terra. O solo sequer era visível, salvo pelo brilho pulsante das luzes vermelhas na pista de pouso.

Eventualmente o avião aterrissou no que mais pareceu um choque contra o chão, num solavanco agressivo conforme o trem de pouso dividia a densa camada de neve através das queixas de uma fuselagem cansada.

Desembarcaram sobre a nevasca aberta, recebidos por uma pequena caminhonete e um motorista mau humorado.

A equipe Sky, trêmula de tensão e frio, se espalhou no veículo da maneira que conseguiu, empilhados uns sobre os outros em irresignação silenciosa.

Ellian direcionou a equipe aos aposentos — ao menos tinham quartos individuais. A estrutura era... *utilitarista*.

Finalmente alojados e exaustos, todos recolheram-se aos aposentos para uma noite acordados em angústia, simultaneamente coletiva e individual.

A madrugada nas Ilhas Anzhu era uma entidade gélida e indiferente. Mira desistiu da farsa do sono; seus pensamentos, agitados como a nevasca lá fora, a impeliam para fora do caixão de concreto que chamavam de quarto. Quando Ellian descrevera o local, a mente dela pintou imagens de um complexo subterrâneo vasto, um formigueiro de atividade científica zunindo com painéis metálicos, terminais voxelgráficos e o brilho azulado de computadores quânticos. A realidade, como sempre parecia acontecer ultimamente, era um soco no estômago.

Onde estavam alojados não passava de um bloco de concreto bruto. Seco. Cinza. Um cinza que parecia sugar a própria luz, a própria esperança. Não havia o brilho dos terminais, nem o murmúrio constante de funcionários apressados. Apenas o silêncio opressor de um mausoléu esquecido. As luzes frias, embutidas no teto pálido como olhos mortos, pareciam sussurrar uma única e desanimadora mensagem: *Hóspedes não são bem-vindos*. Cada corredor era um túnel idêntico ao anterior, uma piada arquitetônica de mau gosto.

Mira questionou se a hostilidade da arquitetura era um reflexo deliberado da psique de Ellian, uma tentativa de brutalismo funcional, ou simplesmente o resultado de um

orçamento apertado e de uma total falta de consideração estética. De qualquer forma, o lugar tinha a assinatura fria e calculista dele. Se alguém lhe pedisse para descrever Ellian como uma estrutura, sua resposta seria aquele labirinto de concreto desalmado.

Os quartos, enfileirados como celas num corredor que parecia se estender ao infinito, eram a epítome da desolação. Um colchão de solteiro, fino e manchado, repousava sobre uma armação de alumínio que rangia a cada movimento. Um baú metálico, provavelmente vazio, e um duto de ventilação no teto, que mais parecia uma promessa de vigilância do que de ar fresco, completavam o mobiliário.

Com a porta fechada, a sensação era claustrofóbica, opressora. Um caixão.

Quero ir embora daqui, o pensamento ecoou na mente de Mira, acompanhado por um calafrio que não vinha apenas do frio siberiano.

A perspectiva de passar mais de duas semanas naquele purgatório gelado era desanimadora. Nem mesmo na superfície, se é que havia uma acessível, parecia haver a promessa de luz solar.

Com passos hesitantes, ela caminhou até o que Ellian, com um orgulho incompreensível, havia apresentado como "cozinha/sala de convivência".

A cena era quase cômica em sua inadequação. Uma geladeira solitária, deslocada como uma espinha na parede lisa e cinzenta, ficava ao lado de um bebedouro que gotejava melancólico e um balcão improvisado com pranchas de metal. No centro, uma mesa metálica redonda, fria ao toque, era cercada por quatro cadeiras do mesmo material, como se convidassem a um interrogatório, não a uma refeição.

Mira abriu a geladeira com uma ponta de esperança que logo se extinguiu. O interior era um testamento à negligência — um pote de geleia com uma fina camada de bolor, meia dúzia de pães endurecidos e esverdeados, e várias garrafas de água mineral, a única coisa que parecia remotamente consumível.

Uma casa de solteiro em estado terminal de decadência, pensou, fechando a porta com um suspiro.

O "painel de entretenimento" – um eufemismo generoso – consistia numa televisão antiga, pequena demais para a vasta parede onde estava pendurada, e posicionada a uma distância que tornaria qualquer tentativa de assistir uma tortura para os olhos.

Até que este lugar desolador me lembra um pouco do meu primeiro e desajeitado experimento de decoração no Palácio refletiu Mira, um sorriso amargo brincando em seus lábios.

Pena que aqui não posso remodelar a realidade com a força do pensamento.

Uma onda de saudade do Palácio, daquela estranha liberdade dimensional, a atingiu.

Queria voltar para lá, pensou, a cabeça baixa, a vastidão cinzenta ao seu redor parecendo ainda mais opressiva.

Uma voz rouca, vinda de trás, a sobressaltou, quase a fazendo derrubar uma das garrafas de água.

— Não é o que esperava, né, loirinha?

Cathy emergiu da penumbra de um dos corredores, um cigarro apagado entre os dedos, os olhos fundos e cansados.

— Também estou quase surtando aqui. E olha que não faz nem cinco horas que chegamos.

Pela primeira vez desde que a conheceu, não havia qualquer resquício de ironia ou senso de humor em sua voz. Apenas um cansaço profundo e palpável.

Até isso o lugar drenou dela, pensou Mira, observando a psicóloga.

— Talvez possamos pedir um tour para o nosso anfitrião amanhã... — começou Mira, hesitante.

— Eu sinto que você vai dizer um 'ou'... — completou, já antecipando a resposta de Cathy.

Um lampejo do antigo brilho malicioso retornou aos olhos de Cathy, e um leve sorriso de canto surgiu.

— Ou... podemos explorar esta base secreta do cientista maluco por conta própria.

Cathy agora sorria abertamente, a sugestão carregada daquela sua energia infantil e perigosa.

— Quem sabe? Talvez a Arca da Aliança esteja escondida em algum desses corredores cinzentos.

Mira não entendeu a referência, mas a ideia de qualquer ação era melhor que a estagnação.

Cathy passou o dedo na borda da mesa de metal, observando a poeira se acumular na ponta da unha.

— Vamos, né, Cathy. Qualquer coisa é melhor do que isso. — Mira forçou um sorriso, tentando ignorar o olhar vazio da outra. Aquele olhar que parecia não ter piscado desde que chegaram.

Uma pergunta incômoda surgiu na mente de Mira.

Será que Ellian ficaria genuinamente magoado ao ouvir o quanto miserável e deprimente era sua tão alardeada estação de pesquisa?

Provavelmente não. Ele parecia imune a tais sentimentalismos.

As duas caminharam pelo que pareceram horas, ou talvez apenas minutos distorcidos pela monotonia labiríntica. Cada corredor era uma cópia exata do anterior, uma reta aparente que parecia não levar a lugar nenhum. Mira teve a constante e desconfortável sensação de estar sendo observada, talvez seguida, os dutos de ventilação no teto parecendo olhos ocultos.

Eventualmente, a futilidade da exploração as venceu.

— Vamos voltar — disse Mira, a voz embargada pelo cansaço e pela frustração.

— Isto é inútil.

Surpreendentemente, em menos de dois minutos de caminhada na direção oposta, estavam de volta à "cozinha". Um olhar trocado entre elas comunicou o desânimo mútuo e a crescente sensação de irrealdade daquele lugar.

— Não. Pra mim já deu. — Cathy bocejou, o corpo já se rendendo à exaustão.

— Vou deitar. Talvez sonhar com cores que não sejam cinza.

Seus olhos, por um instante, pareceram alucinar, focando em pontos inexistentes com uma intensidade febril, antes de se fecharem.

No dia seguinte, Ellian, com uma eficiência fria que contrastava com a desordem emocional do grupo, anunciou que precisaria se ausentar para "resolver a execução de lançamento das novas instalações orbitais" no outro lado da ilha.

— Fiquem à vontade — disse ele, a voz desprovida de qualquer hospitalidade genuína.

— Caso precisem de algo, o que duvido, liguem para o assistente através do interfone na parede. Ele quase nunca atende, mas a persistência é uma virtude.

Um último olhar para Cathy.

— Cathy, os equipamentos de análise que solicitou estão à sua disposição, seguindo o corredor à direita, terceira porta à esquerda, após o depósito de material radioativo obsoleto. Tente não explodir nada... ou ninguém... desta vez.

Com Ellian ausente, Cathy, com uma energia renovada que beirava o maníaco, improvisou um laboratório e colocou Will, ainda catatônico, em soro e monitoramento vital constante. Seus murmúrios eram uma mistura de jargão científico e insultos criativos direcionados ao estado vegetativo do chefe.

Orwell, por sua vez, transformou seu quarto num mausoléu particular. Não saía, mal comia. Todos os dias, Mira, movida por uma compaixão que lutava contra o desespero, preparava refeições simples e as deixava em frente à sua porta trancada.

— Or... — chamava ela, a voz suave.

— Tem certeza que não vai comer nada? Você precisa de forças.

A única resposta era um murmúrio baixo e hostil vindo de dentro.

— Sai daqui, peixinho dourado. Me deixa apodrecer em paz.

— A Cathy precisa te examinar, Or. Aquele dispositivo do Ellian... pode estar te fazendo mal. Pode estar te matando aos poucos.

Silêncio. Um silêncio pesado, carregado de uma dor que Mira podia quase tocar.

Cathy, ouvindo a interação infrutífera, aproximou-se de Mira, empurrando-a para o lado com o quadril, em impaciência contida, e postou-se diante da porta de Orwell.

— Escuta aqui, ô proto-terrorista — a voz de Cathy era baixa, mas cortante como vidro.

— Ou você abre essa porta por conta própria e colabora com a ciência, ou eu mando os brutamontes te arrancarem daí pedaço por pedaço. E acredite, eles são surpreendentemente bons nisso.

Ela fez uma pausa, o silêncio amplificando a ameaça.

— Caguei se você quer definhar até morrer feito um rato sarnento. Mas eu preciso comparar os padrões da sua cabeça com os do vegetal ali na minha mesa. Então, qual vai ser?

Um grito abafado e furioso veio de dentro.

— Não vai fazer nada comigo, sua bruxa psicopata!

A porta permaneceu teimosamente trancada.

Cathy estalou os dedos no ar, um gesto teatral que fez REX e SOL, que observavam a cena à distância, se entreolharem.

A psicóloga olhou para trás, decepcionada com o par por deixarem de atender ao comando, como cachorros.

— Abrir. Porta. Né gente.

— Calma, Cathy! Não faz isso! — exclamou Mira, o desespero em sua voz, colocando o próprio corpo no vão da porta, numa tentativa fútil de bloquear a entrada.

— Eu... eu convenço ele a sair! Só me dá mais um tempo!

Cathy olhou para Mira com uma expressão que misturava pena e irritação.

— Loirinha, no fundo você sabe que ele não vai sair sozinho. Ele está quebrado demais para isso. Então, seja uma boa menina e deixe os profissionais fazerem o trabalho sujo deles. — Sua voz era calma, quase gentil, o que a tornava ainda mais sinistra.

Mira sentiu os ombros caírem. Derrotada, abaixou a cabeça e abriu caminho, o coração pesado pela impotência.

Dessa vez foi REX quem falou, a voz firme e profissional, mas com um toque de algo que poderia ser interpretado como respeito relutante.

— Orwell! Esta porta vai abrir, você querendo ou não. Estou lhe oferecendo a chance de manter o mínimo de dignidade que lhe resta.

Silêncio. O único som era a respiração tensa do grupo.

REX trocou um olhar rápido com SOL, um aceno quase imperceptível da cabeça, antes de dar um passo calculado para o lado, abrindo espaço. O movimento de SOL foi uma explosão de eficiência brutal. Sem alarde, sem hesitação, como se tivesse dedicado a vida inteira a arrombar portas com a precisão de um cirurgião e a força de um aríete. Provavelmente tinha.

O coturno de combate colidiu com a madeira barata da porta. A estrutura cedeu instantaneamente sob a pressão da borracha reforçada.

No mesmo fluxo contínuo, SOL executou a manobra de invasão com uma graça predatória. Abriu caminho com o corpo, o braço esticado para dentro como uma lança, segurando o movimento de retorno da porta estraçalhada, enquanto REX adentrava o cômodo com a velocidade e o impacto de uma barragem rompida.

Lá dentro, encolhido no canto mais escuro como um animal ferido, estava Orwell. As veias em seus olhos, injetadas e saltadas, contrastavam violentamente com a pele de um

tom cinza-cadavérico, quase da cor do cimento queimado das paredes que o aprisionavam. Doente. Quebrado.

As bochechas estavam fundas, a barba por fazer lhe dava um ar de eremita louco. Em menos de uma semana, o repórter parecia ter envelhecido vinte anos, cada dia roubando um pedaço de sua vitalidade, deixando para trás apenas o invólucro de um homem.

Ele sequer ofereceu resistência quando REX, com uma força contida, mas irremovível, o levantou do chão. Não havia mais forças, nem motivação para lutar. Era uma casca vazia, uma sombra patética do ser humano que um dia habitara aquele corpo.

— Orwell...

Mira murmurou da porta, a voz embargada, o horror e a tristeza estampados em seu rosto ao testemunhar a completa desintegração do homem.

22.4 SAN-LEHAN — PALÁCIO

Novamente sozinho, San continuava sua exploração gradual das múltiplas facetas e ambientes do palácio. A explosão de Orwell trouxe insights extremamente úteis, especialmente sobre a teoria da estrutura funcionar como uma espécie de máquina.

Os componentes com os quais os fios de Orwell interagiram pareciam intercalar uns com os outros, numa espécie de quebra-cabeça que causava diferentes efeitos, dependendo da maneira com que as peças eram encaixadas entre — ou através — umas das outras.

Considerando que cada peça tem no mínimo 10 lados — se for equivalente a um triângulo hiperdimensional, vulgo pentacórdio — e um hipercubo, 24 lados/arestas, conectar essas peças em suas N possíveis configurações, era um processo *demorado*. Muito.

Criou algoritmos para estabelecer uma linha lógica dentre essas conexões. Apenas San-Lehan seria capaz de assumir essa tarefa, considerando suas capacidades matemáticas avançadas. Mesmo assim, estava basicamente tentando reconstruir circuitos e transistores na tentativa e erro, até alguma coisa acontecer.

Eventualmente um vértice pulsava de forma diferente, ou alterava os eixos principais, moldando-se em novos formatos. San catalogava essas reações e as combinações que faziam com que acontecessem.

Após eons de tentativas e erros, na percepção subjetiva, San gradualmente evoluiu e aprimorou sua engenharia hiperdimensional. Já conseguia criar interfaces rudimentares de conexões, embora não soubesse exatamente suas funções.

San entendia como se estivesse criando o equivalente a fiações, e ligando-as umas nas outras dentre as interfaces do palácio.

Algum momento descobriu que podia mover inteiras subseções do Palácio, colocando essas conexões no hiper painel correto. Em termos comprehensíveis, aplicava corrente elétrica num ponto, e outro respondia, como um sistema nervoso central recebendo estímulos.

Muito mais simples que mover a estrutura manualmente com meus fios.

Para San, essa foi a evolução entre carregar um carro nas costas, para rolar ele em ponto morto — mas ainda não fazia ideia de como o carro ligava, ou se sequer era um carro.

Como funcionaria uma antena que penetrasse dimensões?

Juntou blocos e conexões em uma lógica que parecia fazer sentido de acordo com o que aprendera até então. Conectou tudo num painel central e... uma projeção acendeu.

Alguma coisa fez alguma coisa!

Girou as estruturas internas e conectou seus fios de maneira que parecia tentar sintonizar em diferentes frequencias de onda.

Numa mudança súbita de frequência, a estrutura pulsou, contorceu algumas vezes, como um disco rígido realizando uma leitura e um pulso de energia foi direcionado até o salão dos núcleos — que deixara de ter a forma tridimensional, sem o suporte de Mira.

Três núcleos tomaram consciênciA A estrutura tridimensional do museu ligou quase que no mesmo instante, conforme o novelo de Mira, agora reativado, conectava novamente suas extremidades às paredes, ativando conexões. Materializaram Orwell, Mira e Cathy.

PARTE 23 — AFICCIONADO

23.1 MDK — CENTRO DE DETENÇÃO

Um homem, claramente sobrecarregado, num terno puído, gravata mal colocada e cabelo bagunçado estava diante de um balcão, folheando seus documentos em busca do nome de seu cliente.

— É... dezessete, dezoito? Hm.. Augusto Hernandez?

A recepcionista, entediada, dedilhava as unhas na mesa de madeira enquanto repousava a cabeça na outra mão.

Apertou algumas teclas no console, de forma mais ruidosa que necessário, e respondeu.

— Ninguém com esse nome aqui, senhor.

O advogado puxou a gola da camisa social.

— Me dá uma ajuda. É um prisioneiro político ou algo do gênero. Não consigo encontrar aqui.

A recepcionista suspirou e respondeu em voz monótona.

— Essas informações são confidenciais, senhor.

— Tem algum... MDK... aqui? — disse o advogado, após folhear mais um pouco.

Que diabos de nome é isso?

Algum tempo depois, ambos foram chamados para a sala particular, abafada, escura, uma mancha de sangue mal limpada na mesa.

MDK levantou da cela, em postura ereta e digna de seu posto. Cabeça erguida e mãos repousando nas costas, como se ainda usasse trajes militares condecorados, ao invés de um uniforme laranja.

Esse trapo é meu advogado? Isso é sabotagem, não pode ser. — pensou ao ver seu representante, claramente desorientado numa pilha de nervos.

— MDK, boa tarde. Um associado seu me mandou — disse o homem.

— Vou ser breve. Masturbação em público e assédio gravado dentro do gabinete não é simples de resolver. As evidências estão contra você, especialmente como Senador.

MDK levantou uma sobrancelha.

— Pessoa errada. Sou o que foi preso por supostamente encomendar assassinato de um Senador e ajudar um terrorista, entre outros.

— E que associado foi esse? — Perguntou MDK, uma sobrancelha erguida.

— Não estou em liberdade de revelar nomes no momento.

O advogado folheou mais alguns documentos em pânico, até localizar a ficha correta.

— Ah sim! Achei seu arquivo. Ufa, menos pior.

— Menos pior? — perguntou MDK.

— Claro que não! Seu caso é uma merda. Mas é por isso que me chamam. Sou o melhor do ramo.

— Qual juiz você assassinou mesmo? — perguntou o advogado, ainda folheando seus documentos.

— **Supostamente planejei.** E foi Senador. Alec Zhu — corrigiu MDK.

— Ah sim, sim. Então um juiz e um Senador?

— Não. Nenhum juiz — respondeu MDK, já cansado da incompetência.

— Só um Senador? Que maravilha. Se for conservador, melhor ainda.

O advogado levantou o olhar, com a cabeça ainda abaixada. Encarando MDK, friamente por cima dos óculos. Provavelmente estava lendo o General para identificar se ele cometeu, ou não, os crimes.

Até parecia uma piada, esse sujeito, melhor do ramo.

— Vamos fazer o seguinte. Selecionar o júri mais favorável possível, fabricar evidência e jogar tudo em cima do tal... Fantasma, né? Você estava sob ameaça e praticamente tomado refém. Consegue seguir essa história?

— Acho que sim... Quando vou poder sair?

— Não tão cedo. Vou entrar com *habeas corpus*⁹⁰, mas é improvável que passe. No meio tempo, criamos um blog fingindo ser o fantasma e moldamos a opinião pública a seu favor.

— Vou escavar esse Fantasma e revirar a vida dele inteira. Tirar uma ou outra declaração de familiares próximos do Senador para mitigar o caso, caso te declarem culpado.

Ele bolou isso tudo agora? — O improviso impressionou o General.

⁹⁰ **Habeas corpus** = garantia legal que protege qualquer pessoa contra prisão ou detenção arbitrária. Literalmente “que tenhas o corpo”, obriga a autoridade responsável a apresentar o detido perante um juiz, para verificar a legalidade da detenção.

— Tudo bem comprar a mídia, se possível o juiz? — perguntou o advogado.

— Faça o que achar mais adequado.

— Ótimo. Mas vai ficar bem caro.

23.2 JAQUES — ESTAÇÃO VLAD-2

— Vamos lá Jaques, você consegue! — incentivou o psicólogo encarregado. O cientista estava recebendo a completa e absoluta atenção do psicólogo ao longo das últimas semanas. Provavelmente por alguma ameaça incisiva por parte de Cathy.

— Eu... não tenho... irmã.

— Isso! O que mais?

— Foi tudo um acidente de programação que eu causei. Estou na Fundação Nova em recuperação — disse Jaques, recitando algo que parecia já ter dito centenas de vezes. Em sua frente, um voxelpainel projetava imagens subliminares e padrões.

— Boa garoto!

Não precisa me tratar como criança.

O que realmente convenceu Jaques foi a própria conclusão de que, independentemente de estar, ou não, na realidade certa, não valeria à pena viver em nenhuma delas em pânico constante.

— Quando posso voltar pra Terra?

— Em breve, rapaz! Vamos só esperar a Cathy voltar pra te dar alta. No meio tempo seguimos os exercícios. Toca aqui! — E estendeu a palma para ser cumprimentado, o qual Jaques fez, relutante. Sabia que não ia ser deixado em paz enquanto não fizesse.

PARTE 24 — TRANSIÇÃO

24.1 EQUIPE SKY — ILHAS ANZHU

Cathy já havia realizado toda análise e experimento possível em Will, sem sucesso em trazer sua mente de volta. O melhor que conseguiu foi que ressurgisse brevemente num berro desesperado.

As análises em Mira deram resultados intrigantes. Suas frequências de trânsito entre neurônios rodavam em velocidades diferentes da linha de base, como se houvesse interferência externa.

Depois que os militares pegaram Orwell, Cathy optou por tentar uma abordagem alternativa.

— Orwell, vamos por partes — disse Cathy, enquanto observava seus olhos a partir de uma ferramenta magnificadora.

— O tal dispositivo Talos está inflamado. Provavelmente vai te matar antes de chegarmos na sociedade.

— A boa notícia é que isso é removível.

— A má notícia é que não sou muito boa em cirurgias. Então... vamos pra faca?

Orwell, já exausto, apenas respondeu em resignação solipsista:

— Faz o que quiser...

— Tem certeza sobre isso, Cathy? — perguntou Mira, preocupada.

— Claro que não! Estamos lidando com uma peça desconhecida, colocada por um louco que sequer está presente. É tudo meio na sorte.

— É um ziguezague de precisões milimétricas. Não faço ideia de como o louco do Ellian fez isso.

Cathy sedou o paciente na mesa de cirurgia. Estava razoavelmente trêmula. Sua experiência de cirurgia ocular em pessoas *vivas* era limitada ao que leu na noite anterior. Fora isso, apenas sua prática com os Sentinelas.

— Mira, me passe mais uma dose de $\frac{1}{4}$ do que demos pra ele.

— Precisa aumentar a dosagem? — perguntou de forma redundante, enquanto entregava a seringa.

Cathy pegou o sedativo enquanto amarrava um elástico no próprio braço.

— Só um pouco mais — respondeu Cathy, meio a uma aplicação da seringa em si mesma, seguida pelo relaxamento do elástico.

A psicóloga ergueu a cabeça de olhos fechados, sentindo o medicamento fazer efeito.

— Cathy!!

— Espera, você disse *um pouco mais*??!

Cathy não respondeu, só mostrou a língua para a companheira e pegou o dispositivo de remoção cirúrgica improvisado.

REX e SOL observavam a cena em brutal indiferença, embora fosse notável uma gota de curiosidade mórbida no olhar de REX.

Posicionou o dispositivo na área orbicular, com delicadeza, e preparou para incisão.

Na prática, Cathy teria que guiar manualmente a sonda através de uma luva-joystick. Se sua programação do dispositivo improvisado estivesse correta, o sistema de assistência por IA evitaria qualquer erro humano nos movimentos.

Era uma máquina fixa como um braço robótico com micro articulações na região equivalente a falanges. Os movimentos, controlados por impulsos elétricos, no que parecia ser uma espécie de musculatura mecânica, exerciam ajuste fino sobre uma agulha de espessura nanométrica.

A ponta da agulha continha uma garra que deveria abrir levemente ao encontrar o dispositivo Talos.

Uma maestria cuidadosamente construída por Mira e Cathy em conjunto.

Mira, que tinha desviado o olhar, desconfortável com o resultado possível, virou para trás uma última vez.

— ESSE É O OLHO ERRADO CATHY!

A psicóloga olhou para Mira, para o paciente, de volta para Mira, para o dispositivo de incisão.

— Tem certeza? — perguntou lentamente.

— Sim!

— Tá bom, não precisa gritar — disse enquanto reajustava o dispositivo no olho correto.

— Hora da verdade — disse Cathy, enquanto apertava o start do dispositivo e punha a mão na luva de controle e os olhos no visor que refletia o trajeto da sonda.

Um zumbido metálico iniciou conforme a máquina calibrava e fazia os movimentos espasmódicos iniciais.

Gradualmente iniciou o impulso frontal, rumo ao ponto de entrada, da mesma maneira que ellian fizera.

Cathy debruçava sobre o visor, por um momento, ela e a sonda tornaram-se um só, conforme o sistema de assistência por IA regulava aos seus movimentos.

Ao fazer contato com a superfície gelatinosa, a leve superfície de tensão foi rompida sem nenhum som.

A agulha aprofundou mais, a perfuração tão microscópica que sequer uma gota de líquido ocular escapava pelo local da penetração.

— Ok, aqui está o nervo ocular. Vamos passar beeem do ladinho pra não cegar ele. — em movimentos tensos e graduais, Cathy circundou o nervo.

— Sucesso. — Um suspiro de alívio coletivo ecoou na sala.

— Agora a parte difícil. Passar pelo canal óptico, sem esmagar o nervo nem bater na artéria. Estão vendo esse túnel? — Cathy apontou para o monitor externo, sem tirar a cabeça do visor.

— Ele tem uns seis milímetros de diâmetro. O nervo ocupa uns dois ou três. A artéria, um ou dois milímetros. Ou seja...

— Se errar pra um lado ele fica cego, pro outro, ele morre — completou Mira.

— Não só isso. Preciso fazer uma curva de trinta e cinco graus, inferiormente, pra entrar no túnel, sem bater no esfenóide nem no quiasma óptico.

Cathy não interrompeu o movimento enquanto explicava. O progresso era gradual e util com as leves alterações realizadas. Uma tecelã abrindo caminho para sua linha como se tivesse vidas inteiras de tricô nas costas.

Mira não pôde deixar de imaginar o quão boa ela seria com o Palácio.

— 20 graus.... 15... 5... agora só mais um último ajuste para entrar no túnel, sem sufocar nada.

Silencio. Apenas o zumbir das máquinas ousava se mover.

— Estamos no túnel. Agora é só ir reto por mais oito milímetros... e... entramos no crânio.

Descrever o procedimento parecia ser o que deixava Cathy na *zona* de hiperfoco.

— Mira.

— Diga...

— Cigarro. Boca.

— Na sala de cirurgia Cathy?

Ela apenas fez sinal de *vamos logo* com a mão livre. Mira suspirou, acendeu o cigarro e colocou na boca da colega, que prontamente posicionou ao canto do lábio num movimento só. O cilindro rolou de um canto do lábio até o outro na suavidade de quem já fez isso mil vezes.

— Agora... estão vendo esse *xis* aqui? É onde os nervos ópticos se cruzam. Vamos dar a volta pelo canto — Cathy balbuciou, conforme direcionava a sonda através das estruturas.

— Isso foi simples. Vamos pra parte verdadeiramente divertida. *O labirinto* — disse Cathy com um sorriso torto. Começava a se perder em fantasias. Uma cinza caiu do cigarro. Estava indo bem demais até então.

Puta merda. Sou muito foda.

— Essa é a substância branca insular. Para todos os lados tem inimigos. Se esbarramos em um, paralisia, em outro, morte ou vegetativo.

Ela está num campo de batalha microscópico. Chega a ser admirável — pensou REX.

A sonda se esgueirou pelas paredes laterais, observando os corredores seguintes antes de prosseguir. Qualquer piso em falso acionaria os alarmes.

Parou em tensão. Vigias em todos os corredores possíveis. Teria que voltar, arriscar passar por um, ou ir por cima, manobra arriscada, mas tecnicamente viável, se pudesse desviar dos pontos chave na descida.

Saltou por cima do vigia na lateral direita. Ondas de eletricidade ressoavam através dos axônios, uma tempestade de atividade que poderia lesar a sonda permanentemente, se atingida.

Conforme ultrapassava o obstáculo, um raio ressoou ao seu lado. Quando olhou para baixo... não tinha caminho. Uma camada recheada de vigias.

Algum deles teria que cair... e a escolha seria aleatória. A sonda decidiu penetrar o axônio à sua direita, novamente. Palpitações de tensão ressoavam todo o mecanismo, na expectativa de não danificar algo importante.

Um curto elétrico, visivelmente frustrado por não conseguir ultrapassar o axônio, vazou elétrons pela cavidade destruída — uma bomba de fragmentos bem ao lado da protagonista — antes de decidir se redirecionar por outro caminho.

Dotada de armadura contra estilhaços, a exploradora solitária absorveu o impacto com confiança de quem já lutou milhares de combates.

A sonda só saberia se danificou algo sério algumas horas depois.

Mais uma corrente elétrica, desta vez diretamente na estrutura metálica, que tinha passado entre dois conectores. Falha momentânea.

Espasmo involuntário durante a corrente. Sem impactos significativos na estrutura ao redor. Reajustou aquela parte do corpo para evitar que acontecesse novamente.

Uma ferida leve. Nada demais.

Prosseguir em angulação de dez a quinze graus pelos espaços interaxônicos, evitar compressão de células nervosas.

A sonda finalmente saiu do labirinto. Ambos relativamente ilesos. Torciam.

Visualizou seu objetivo. As estruturas como dois palácios shogun impenetráveis pairavam à sua frente. Domos de carne e eletricidade. A última barreira antes da extração.

Claustro e Tálamo⁹¹. Até os nomes soavam como vilões.

Estratégia — A entrada no claustrum exige um **desvio lateral de 5-10 graus**, entre a cápsula externa e o córtex insular penetrando as fibras da cápsula externa. Qualquer movimento em falso, hemorragia e destruição de células motoras ou sensoriais.

Perfurar diretamente está fora de cogitação.

Alternativa — Usar rota mais longa pelo Tálamo, abaixo da cápsula interna, envolto por núcleos motores/sensoriais.

A sonda passou direto pelo primeiro castelo, desviou inferiormente, penetrando na cápsula interna em um ângulo de 28 graus e navegou pelas fendas e corredores estreitos, reduzindo o risco de detecção. Uma sombra silenciosa.

No fim da árdua jornada, lá estava, o cofre do tesouro, silencioso, pulsante e alojado entre as dobras da massa cinzenta. Uma miniatura de grão, emitindo ondas EM.

⁹¹ **Claustro e Tálamo** = estruturas profundas do cérebro associadas a integração de informações sensoriais e coordenação da consciência.

O **tálamo** atua como central de retransmissão de sinais sensoriais e motores.

O **claustrum**, menos compreendido, é investigado como possível núcleo de integração consciente — sua estimulação pode ativar ou desativar estados conscientes. Para alguns neurocientistas, é o “switch” da consciência.

Cathy respirou fundo, aproximou a sonda e expandiu as garras, com parcimônia. O inimigo capturado pelas garras da heroína, era questão de refazer o caminho de volta. Essa parte seria simples. Em teoria.

O retorno, tão cauteloso quanto a entrada, ocorreu sem maiores incidentes, afinal já conhecia todas as rotas de patrulha e mapeou todo o caminho do castelo.

Ao retornar pelo canal ocular, um pulso elétrico inesperado, talvez um único elétron perdido do dano causado antes, tenha passado pelo mesmo fluxo da sonda, talvez só uma anomalia elétrica, causou um espasmo no mecanismo.

Na perspectiva da sonda e da IA — o equivalente a domar um touro desenfreado, num corredor estreito, que tentava atacar uma multidão.

Fluxo sanguíneo e massa orgânica para todos os lados, sem visibilidade. Uma domagem bem sucedida, se não fosse pelo solavanco final, que dilacerou a conexão em estrias nervosas, cortando o vínculo entre mente e olho.

Na perspectiva dos presentes, um movimento simples; um milímetro para cima fez a garra romper o fio, como uma tesoura num barbante.

Ao menos dessa vez, Orwell não sentiu dor. E por uma sorte do acaso, contra todas as estatísticas saiu vivo, novamente.

Porém o órgão orbicular teve de ser removido para evitar uma certeira infecção.

Isso só reforçou a crença de Orwell contra sorte ou livre arbítrio. Ele estava fadado a ser pet do universo, independentemente das situações absurdas que fosse colocado.

A guerreira suspirou, como se tivesse vencido. Um segundo depois, debatia em pânico. Sabia o que vinha. O desligamento. Irreversível. Seu corpo convulsionou uma última vez — e nem isso mereceu da criadora um olhar de despedida.

24.2 EQUIPE SKY

Orwell acordou desorientado. Talvez até mesmo frustrado por continuar vivo. Sua primeira visão ao despertar era a face de Cathy, olhando-o de perto com expressão de uma criança que vê um inseto novo pela primeira vez.

Só conseguiu murmurar.

— Some. Daqui.

— O guerreiro acordou! Parabéns, você sobreviveu. Tiramos o Talos. Mas você perdeu o olho. — Cathy deu de ombros, como se não fosse nada demais.

Orwell suspirou. Já não tinha nada dentro dele para ficar decepcionado. Mais uma vez, sedado numa cama de ambulatório. Improvisada. Na Sibéria.

Era melhor continuar vivendo na casa da velha asiática. Pelo menos a comida era boa.

REX se aproximou com olhar baixo: — Com licença. — Passou, suavemente, uma toalha úmida na testa de Orwell, limpando o suor que descia pela testa até o curativo que cobria o olho removido.

Repousou a mão no ombro de Orwell e cochicou: — Sinto muito... — E retomou a postura militar, ao lado de SOL, que encarava a cena com cenho franzido. Também não parecia confortável com as abordagens de Cathy.

Orwell estava conectado em todo tipo de sonda e soro. Cathy desatava a falar, nada com nada.

Parece até a Mira... — pensou Orwell.

Mira, que por sua vez estava ao lado, também conectada em eletrodos, sorria numa tentativa de lhe recomfortar. Embora pudesse sentir uma aura de nervosismo emanando do sorriso tenso da colega.

— Que bom que acordou, Or.

O repórter grunhiu e tentou focar no que Cathy falava, sem parar.

— ...então você vai servir de antena. Mira de oscilador e eu de amplificador — dizia Cathy, enquanto colocava os mesmos eletrodos em si.

— Vou jogar uma série de frequências específicas em cada um. Se a teoria estiver certa, vamos acessar diretamente o inconsciente coletivo e conectar com Will.

— Preparados?

— Espera! Não entend... — Orwell começou a falar, mas Cathy apertou o botão, os eletrodos estalaram. Frequências fibrosas permearam neurônios, que se comunicaram em correntes elétricas superpostas do cérebro tridimensional ao núcleo da quarta dimensão.

A modulação de frequências criada por Cathy conectou com a proto-antena que San construiria e, eventualmente, ativara com conexões aleatórias. Sequer sabia se a máquina funcionava.

Estruturais cerebrais se desligaram ao que as consciências eram transmitidas para seus núcleos.

Instantaneamente o núcleo de Mira, agora ligado, reestabeleceu suas conexões com o salão, ativando o sistema e recriando o ambiente moldado em três dimensões.

Estavam novamente no museu.

Pela primeira vez, Mira viu Cathy sem reação, perplexa.

O núcleo da psicóloga, curiosamente, manifestara um cigarro no canto da boca, como se fizesse parte da estrutura genética de Cathy.

O cigarro deslizou do orifício boquiaberto e caiu — praticamente em câmera lenta — no chão da estrutura. Quando se chocaram, o piso se moveu em propagação de ondas concêntricas, da maneira que um lago faz, quando atingido por uma pedra. Uma vibração que ecoou através do palácio, como se toda a estrutura emitisse um cumprimento, em prazer por conhecer aquela que, por alguns instantes, comandou as estruturas através do Danse Macabre.

— O prazer é meu — disse Cathy, numa resposta quase automática ao Palácio.

— Isso... Não é o que eu esperava acontecer.

San-Lehan moveu sua percepção até o salão e se manifestou tridimensionalmente, ao lado de seu núcleo. Sorriso estampado na cara por finalmente estar em forma física novamente.

Olhou para as ondas concêntricas. Era como ver uma pedra abrir caminho num mar que nunca se move. O Palácio a aceitou.

— Bom dia — ou noite — senhoras... senhor Orwell — disse San.

Com exceção do olho faltante, Orwell estava mais saudável e intacto na manifestação do núcleo. Sentiu-se revigorado por não habitar seu corpo, decadente. Isso lhe deu um novo gás de ânimo, contrariamente ao que sentira da última vez no Palácio.

Mira prontamente manifestou um tapa olho de pirata para esconder a cavidade.

Talvez estivesse aliviado de se ver livre das agonias corpóreas, talvez finalmente processado a ligação com o local.

Mas com certeza estava alegre em ver San. A coisa mais próxima que tinha de um amigo, tirando Pol, e talvez MDK.

Orwell foi até San e o abraçou. Era o primeiro contato do tipo que ambos tiveram em décadas. Talvez o primeiro contato verdadeiramente humano. Genuíno.

San não teve reação inicialmente. Levou alguns segundos para raciocinar que aquele homem carrancudo, estressado, que não parecia ter amor à vida, envolvia sua cintura, a cabeça mal chegava na metade de seu tórax. Orwell parecia o mesmo, e ainda assim diferente. Mais leve. Menos armado. Como se o próprio Palácio tivesse aliviado a couraça.

Envolveu Orwell com os braços e fechou os olhos, compartilhando do carinho e calor humano, que ambos desesperadamente precisavam. Seus novelos, simultaneamente, entrelaçaram mais uma fibra, num aperto de mãos multidimensional.

Orwell largou o abraço numa expressão que misturava surpresa e desgosto, por sua própria reação involuntária de humanidade.

— Me solta porra.

E como um par frustrado por não receber satisfação do companheiro, deu uma bronca em San.

— Você não me ligou mais. Eu fiquei preocupado.

San, constrangido em bochechas coradas, coçou a cabeça e respondeu.

— Perdão Orwell. A minha estação sofreu um acidente. Meu colega teve que ejetar todos os módulos não essenciais, inclusive antenas e comunicações de ondas longas. Era o meio que eu usava.

Orwell grunhiu, pegou uma garrafa do bar e se jogou no sofá, aproveitando o primeiro conforto que tivera em tempos.

San olhou para Mira, que estava com olhar baixo, em pose de constrangimento, segurando o braço solto com a outra mão.

— Também senti sua falta, Mira. Bom te ver. — As maçãs do rosto de Mira avermelharam-se.

Cathy não pôde deixar de notar a reação e repetir a mesma brincadeira que fizera entre ela e Will. Envolveu Mira com os braços e disse que ela já tinha dono. O que rendeu um encarar furioso da cientista.

San riu: — E você seria...?

— Uma louca varrida! Alguém tira essa merda daqui — gritou Orwell, de sua poltrona.

Cathy revirou os olhos e ignorou o comentário.

— Doutora Catherine E. Salles. E você é meu novo rato.

— Preciso de eletrodos! Estamos aqui pra pegar o Will, não um rockstar qualquer.

Cathy sequer pediu explicações sobre o lugar. Só aceitou como realidade, ou alucinação coletiva.

Desatou a caminhar pelo local, mexendo em tudo que via pela frente. Uma criança curiosa com algo novo.

— Ela é assim mesmo. Daqui a pouco cansa — disse Mira, em sarcasmo fora de caráter.

Mira e San atualizaram um ao outro no meio tempo.

A primeira investigação de Cathy foram os núcleos. Ela enxergava-os da mesma forma que San. Bolas flutuantes que pareciam fora de foco, exceto o próprio, que enxergava como o novelo multidimensional que era.

Interessante. Vamos ver o que dá pra fazer.

Cathy colocou a mão em seu novelo, que imediatamente substituiu a pele, carne e ossos por fiações. Puxou de volta o braço, e a mão retornou. Ela gargalhou com a maravilha do experimento.

Sem hesitar, colocou a mão novamente, o braço, e jogou todo o corpo para o novelo, sua pele borbulhou em luz. Ossos viraram filamentos. Pupilas, receptores. Cada pensamento era uma linha, dissolvendo sua percepção da sala tridimensional de Mira.

Olhou em volta para o novo eixo dimensional sem demonstrar muita surpresa. Era um novelo de fiação flutuante. Nada seria mais surpreendente que isso.

Prosseguiu a explorar as capacidades do seu *corpo*. Expandiu fios, dissolveu nós, entrelaçou estruturas do palácio, que a recebeu com prazer.

Viu como formações notoriamente humanas, os maquinários feitos por San, e usou como referência para entender o funcionamento do local. Estabeleceu conexões em painéis, que se moviam e pulsavam, conforme ativos pela primeira vez em bilhões de anos.

Estava tão imersa nas explorações, que esqueceu do detalhe chave.

Subitamente os três emergiram de volta no estado físico, num grunhido insatisfeito, emitido em uníssono. Nenhum deles queria estar de volta.

O timer do pulso tinha esgotado. Cathy programou uma reversão de frequências caso ficassem inconscientes. *Os brutamontes não iam saber reverter a situação.*

REX e SOL jogavam cartas na cozinha improvisada — afinal, não era como se tivesse muito o que fazer no lugar — se entreolharam com a cena das três pessoas despertando simultaneamente e reclamando entre si.

— Cathy! Liga essa porcaria de volta — berrou Orwell, suplicante.

— Calma, caceta! Já vou ativar essa merda novamente. Deixa eu só bolar algo aqui.

Murmurava para si enquanto fazia esquematizações num software de engenharia.
Emulação de frequências... duplicação de variáveis... Estabelecer interconexão entre ICP e objetos 1 a 3.

— Já vi que ela vai demorar, Or. Vamos comer alguma coisa.

PARTE 25 — MAQUINAÇÕES

25.1 ELLIAN — GOES

Não era *necessariamente* uma mentira, o que Ellian dissera sobre supervisionar lançamentos orbitais, porém tal supervisão não levou mais que um dia. Seus engenheiros eram suficientemente aptos para o trabalho.

Após finalizar a pendência, Ellian imediatamente embarcou em seu avião e voltou para a GOES. Precisava conversar com Gray o quanto antes. Entender a situação. Sem distrações dessa vez.

Foi útil deixar os empecilhos no meio do nada. Agora tenho um terrorista e três funcionários da Fundação como moeda de troca.

— E aí, quer me explicar qual o plano magno?

Ellian sentava-se no gabinete de Gray que, cumprindo seu lado do acordo, assinara uma nomeação oficial de Ellian, tal qual seria apenas divulgada depois que o turbilhão político diluísse.

Gray estava de costas, observando o movimento da rua, pela janela. Por pouco não se perdera em seus delírios de manufatura.

— Cortina de fumaça, Ellian. Um embargo apoiado por outras instituições vai colocar pressões substanciais na Fundação.

— E, pela primeira vez, temos uma insider — finalizou Gray.

— Eu não diria que ela é bem uma *insider*. Mais uma colaboradora relutante. Vai me ajudar a encontrar o Jaques... E nos dar um norte sobre nosso Diretor científico.

— Relutante... por enquanto. Todo mundo tem um ponto de pressão, Ellian.

— Não vamos trabalhar com suposições.

Gray balançou as mãos em impaciência.

— Sim, sim. Mas temos outras pendências para lidar, primeiro.

— Ah, claro. Tipo nomeação de umas dez diretorias diferentes? Pendências logísticas, financeiras, publicitárias. Qual delas você quer resolver primeiro, Gray? — Disse Ellian em fortes tons de cinismo.

— Ou vai me dizer que o mais importante é atirar na estrutura sinistra que paira sobre nossas cabeças?

— Ellian, o tiro foi um aviso. Vamos é tentar comunicação com *aquilo* — disse Gray.

Ellian observava a fachada de Gray com cautela desconfiante. Tentava encontrar qualquer brecha na máscara do novo *associado*, mas tudo que via era uma tela em branco. Ressoava apenas a dúvida de — *o que esse homem realmente quer?*

Aviso é o caralho. Você queria destruir. Agora que percebeu que o buraco é mais em baixo, quer dialogar.

— Não é mais uma corrida científica. Agora estamos contra o relógio. A Fundação também vai tentar tirar proveito da situação. Quem alcançar o *Palácio* primeiro, tem controle absoluto sobre a humanidade — disse Gray, enquanto alinhava perfeitamente as canetas em sua mesa.

Ellian pegou uma das canetas e começou a rodar entre os dedos.

Finalmente uma reação. — Gray encarava o gesto, impassivo, mas Ellian notou uma micro elevação do músculo nasal — *nojo ou raiva?*

— E você quer o controle absoluto todo para si? — perguntou Ellian, clicando com a caneta, primeiro em padrões de três em três, depois aleatoriamente. — De todo modo, eu tenho *alguns ativos* guardados pra emergências.

Pegou um estremecer de pálpebra do Diretor.

— De forma alguma! — respondeu Gray. — Eu quero evitar que caia em mãos erradas. E quem melhor do que nós para definir o que é certo?

— Eu vou corrigir a máquina pública de uma vez por todas. Estou bolando algo majestoso há tempos. Vai ser lindo... perfeito. Você verá — disse Gray sorrindo.

Gray recolheu a caneta da mão de Ellian com dois dedos, limpando-a com um lenço antes de devolvê-la ao lugar. Tudo precisava estar perfeitamente alinhado.

25.2 ELLIAN — CENTRO DE DETENÇÃO

Mais uma parada — Pensou Ellian, assistindo a rodovia passar em um borrão.

Uma ligação chamou sua atenção. O advogado.

Ellian suspirou e afundou o corpo no banco.

Estou virando um burocrata que tanto odeio? Como me meti nisso mesmo?

— Diga — disse Ellian, ao atender o voxel.

— O caso é complexo, mas tem como resolver até que rápido — disse o advogado.

— Rápido não. Resolva quando eu der o sinal.

— Sr. Ellian, a justiça não funciona no seu cronograma. Ela segue a própria agenda.

— Estou te pagando pra fazer com que siga a **minha** agenda. Tenho certeza que consegue.

O advogado limpou a garganta — Vou ver o que é possível. Não garanto nada. Por via das dúvidas, vou seguir por uma abordagem de médio prazo. Ele vai sair livre. É isso que você quer?

— Eventualmente.

— Apenas saiba que será um serviço extremamente custoso, Ellian. Subornos, manipulação midiática, além dos meus próprios honorários...

— Tá tranquilo. A Sky está bancando tudo. Siga o cronograma. — E desligou.

No Centro de Detenção, Ellian pacientemente aguardava MDK na sala de visitas. Recostava com a cadeira inclinada contra a parede, pernas na mesa, enquanto brincava com uma caneta.

Um zumbido de interfone ressoou na sala, seguido do som metálico do abrir de uma fechadura.

MDK entrou na sala, sem esboçar reação ao ver Ellian.

— Ellian, a que devo o prazer da visita? — Disse MDK, em desprezo internalizado.

— Sinto muito General. Sem uniforme, sem continência. Você ainda é General, por sinal? Eles tomam seu cargo se for preso? Não estou por dentro desses assuntos — respondeu Ellian, em deboche.

O General sentou-se em sua frente em silêncio, aguardando Ellian fazer o primeiro movimento. Não estava em posição de vantagem para agir antes.

— Sabe... Eu assumi a Diretoria da GOES — disse Ellian.

Nem ele mesmo sabia se estava lá para usar MDK como peão ou simplesmente esfregar como realmente tomou tudo da GOES.

MDK abriu um pouco mais os olhos, em surpresa — Como...?

— Gray — respondeu Ellian. Não precisaria de mais nenhuma explicação.

MDK assentiu com a cabeça, como se dissesse *faz sentido*.

— Então foi você que me vendeu.

— Por favor, MDK. Vendi? Não. No máximo fiz um escambo. *Quid pro quo*, General.

— Além de que, foi você que colocou minha pesquisa de refém em primeiro lugar — finalizou Ellian. A caneta rodopiou da palma, por entre os dedos, deu a volta na parte superior da mão e repousou de volta, em posição de escrita. Tudo num único movimento fluído.

— O que você quer, afinal, Ellian?

— Tudo o que sabe sobre Gray. Não confio nele.

MDK puxou a ponta do bigode, escondendo um sorriso de canto. *Estou de volta no jogo*.

— Garoto esperto. Pelo menos tem algum bom senso. Vamos fazer o seguinte. Eu te indico quem vai saber te contar tudo a respeito... Se me der um sinal de boa fé.

— E não... Seu advogado de porta de cadeia não conta — disse MDK, prevendo o que Ellian estava prestes a dizer.

Ellian contraiu o canto do lábio em frustração.

— Você não está em posição de fazer exigências MDK! — Exclamou Ellian.

— Muito pelo contrário. Quem está precário é você. Eu não tenho mais nada a perder.

— Você? Tem tudo. *Quid pro Quo*... Ellian.

Alguns segundos considerando possibilidades antes de uma resposta. Já tinha retomado a cadeira para posição normal. A caneta, de volta na mesa.

— O que você quer, MDK?

Sorriso torto. Proposital. Queria que Ellian visse.

— Nada demais, garoto. Deixe seu advogado trabalhar. E me coloque em contato com Orwell. — O General pegou a caneta que repousava sobre a mesa, e admirou por uma fração de segundo.

Ellian estranhou a simplicidade do pedido.

— Simples. Vou fazer com que ele te ligue, nos próximos dias.

A caneta emitiu o som de *Click*. O sorriso de MDK se abriu mais ainda. Agora mostrava os dentes. Um sorriso que Ellian nunca vira. Um sorriso que assombraria seus sonhos por meses. *O que deixou o General tão satisfeito?*

MDK anotou num pedaço de papel.

— Uma antiga associada minha. Não reside na Terra, e só vai querer conversar pessoalmente. Já aviso que é uma moça... peculiar.

— De brinde, te dou uma dica, afinal, você foi extremamente generoso comigo, garoto. Cuidado com ela. Você estará pisando em cascas de ovo.

O olhar de MDK atravessava Ellian, conforme visualizava a imagem mental da moça. *Aquele cabelo de brasas era realmente hipnotizante.*

Ellian voltou para o carro, pressionando as têmporas. Mesmo fechando o olho, aquele sorriso estava queimado em suas retinas.

25.3 BASE UMBRIEL⁹²— SUPERFÍCIE

Urano, um gigante ignorado do sistema solar. Protetor silencioso dos planetas internos, servindo como poço gravitacional de meteoros, nossos gigantes gasosos provavelmente são um dos fatores que possibilitaram vida no planeta.

Em órbita desse gigante solitário, uma pequena lua, metade do tamanho da lua terrestre, com 1/85 da massa. Uma rocha morta de pedra e gelo, completamente escura. Desinteressante.

Salvo pelo anel brilhante, inexplicável, em sua cratera, Wunda. Um olho vibrante, num planeta preto. Olhando de longe, aparentava ser uma criatura gigantesca observando o abismo.

⁹² **Umbriel** = lua escura de Urano, com destaque geológico na cratera **Wunda**, que possui um anel brilhante de origem incerta.

Nessa cratera esquecida, uma base estacionária, com meia dúzia de integrantes, também abandonados pela humanidade, assim como os esquecidos dos falecidos planetas anões.

Não era a única base de pesquisa em volta de Urano, mas a principal. Todas as outras luas locais eram habitadas por pelo menos dois integrantes, seja em bases orbitais ou em solo.

E, em meio a todo esse buraco negro, uma moça na faixa dos quarenta anos, questionava suas escolhas de vida.

Essa era a Diretora da Estação Umbriel e bases anexas, da Fundação. Fay Agby. A guardiã chamuscada do gigante azul.

Mais cedo, recebera um ping intrigante.

Ora, ora. Um velho amante lembrou de mim.

O conteúdo do Ping —

Fay, espero que essa mensagem lhe chegue em segurança. Sou o novo diretor da GOES. Um associado em comum, MDK, passou este contato. Espero que possamos discutir questões delicadas em particular.

At.te;

Ellian E. Taylor.

Fay riu. *Um burocrata qualquer não vai ter tempo nem paciência pra vir me encontrar.*

Se bem que, MDK não mandaria alguém falar comigo sem um excelente motivo.

Uma mecha do cabelo vermelho e preto, pulsante, caiu no rosto. Fay soprou a mecha, que flutuou suavemente na microgravidade da lua.

Ellian, quem vos fala é a Doutora Fay Agby. Vou pensar no seu caso. Beijinhos lunares, recheados de hidrogênio. Avise ao MDK que sinto falta do perfume dele. ❤️.

Acho que ficou uma resposta razoável.

Agora, para outros assuntos.

Virou para o console central para verificar o progresso das escavações no anel.

Os arredores da base eram um caos de escavadeiras e detritos em fluxo constante rumo à origem da anomalia. Algo muito antigo enterrado numa lua esquecida.

— Ariel e Miranda⁹³, análise geológica das escavações, por gentileza — disse Fay, enquanto escovava o cabelo.

— Nada de interessante por aqui. Gelo e silicatos⁹⁴... como sempre — respondeu Miranda.

— Idem. Alguns sinais de materiais carbonáceos, mas nada significativo — disse Ariel.

A Geóloga abaixou a cabeça emburrada. *Todo dia a mesma coisa. Gelo e silicatos. Gelo e silicatos. Olha só! Gelo e pedra.*

A única coisa interessante disso tudo era o que estaria abaixo de sua base, mas ainda iam levar uns 5 ou 6 anos para chegar na origem do brilho do anel.

Um PHd em geologia pra encarar gelo e silicatos — suspiro desanimado. *Queria ter ficado com Marte.*

Uma nova notificação no painel de comunicações alegrou Fay. *Hoje o dia está animado!* — Animação que imediatamente foi embora. Teria que pedir reunião de Diretores depois dessa.

Odeio ser recepcionista de reuniões da diretoria.

Fay encarava o painel de transmissão, perplexa. Um único pulso, repetido em loop.

MAYDAY. MAYDAY. MAYDAY. Tenente Faced da estação orbital Eris — GLOBAL ORGANIZATION OF EXTERNAL STUDIES — GOES.

ÉRIS DESAPARECEU DE ÓRBITA, DEIXANDO PARA TRÁS ESTRUTURA ANÔMALA. A ESTAÇÃO ORBITAL FOI LANÇADA EM TRAJETÓRIA LIVRE.

CONSEGUI REALIZAR MANOBRA DE ASSISTÊNCIA GRAVITACIONAL NA LUA. TRES ALMAS EM HIBERNAÇÃO EM POD DE ESCAPE, INCLUINDO UM GATO, EM DIREÇÃO A URANO. COORDENADAS E DELTA V EM ANEXO.

EM CASO DE IMPOSSIBILIDADE DE RESGATE, TAMBÉM INCLUÍDOS DADOS DA ANOMALIA, PARA QUEM CONSEGUIR RECEBER. SOS.

⁹³ **Ariel e Miranda** = luas naturais de Urano. Ariel é uma das maiores e mais brilhantes luas uranianas, com cânions profundos e indícios de atividade geológica passada. Miranda, menor e mais caótica, é conhecida por sua superfície irregular e desníveis extremos, incluindo falésias de até 20 km de altura — uma das mais bizarras do sistema solar. Ambas são candidatas plausíveis a abrigar bases científicas em cenários de ficção científica.

⁹⁴ **Gelo e silicatos** = componentes dominantes das luas geladas do sistema solar externo. O gelo, principalmente de água, metano ou amônia, compõe a crosta, enquanto os **silicatos** (minerais baseados em silício e oxigênio) formam o manto e o núcleo. A composição repetitiva desses corpos torna as descobertas geológicas monótonas para cientistas que esperam por estruturas ou materiais exóticos.

Vai passar bem aqui do lado... e bem que eu queria ver um gatinho espacial.

Poucos dias antes, o céu começou a iluminar, gradualmente, em nuvens gasosas magnificamente belas, circundando toda a região do sistema solar, em 360 graus. Uma bola gasosa inexplicável cintilava alguns poucos diamantes no céu, que gradualmente aumentavam de intensidade, dia após dia.

Fay, por qualquer anomalia, predestinação ou coincidência, estava prestes a ser envolvida por todos os lados em uma intriga multifacetada.

Ao longo de algumas horas os painéis das outras estações se acenderiam, indicando chamado para reunião iminente. Bom que poderiam finalmente discutir a Nebulosa de Oort.

Todos estavam ocupados demais lidando com o caos subsequente e reunindo dados para convocar uma reunião.

25.4 EQUIPE SKY

Depois de alguns dias, Cathy apareceu com um par de *coleiras*. Um círculo metálico, recheado de chips. Uma luz pulsante vermelha indicava o status de funcionamento. Na frente do dispositivo, um lacre que não parecia sair com facilidade.

Chegou de fininho em Orwell, como quem vai vacinar um cachorro sem que perceba e lacrou o dispositivo em seu pescoço, que fechou com um estalo mecânico.

Ele seria mais difícil de adestrar.

— Catherine, que merda é essa?!

— Pronto. O raivoso já foi. Mira, veste isso.

E arremessou a coleira.

— Mínimo de explicações, Cathy — queixou Mira, encarando o dispositivo com olhar cético.

— Vocês querem ou não voltar pro Palácio?

Silêncio indignado enquanto Mira fechava o dispositivo em seu pescoço.

Sabe-se lá o que ela pode ter colocado nisso. Conhecendo-a, poderia ser até uma bomba relógio.

— Ótimo. Bons ratinhos.

— Agora só uma picadinho de leve. Provavelmente vai doer, muito. A minha doeu, pelo menos — disse Cathy, apontando para o dispositivo em seu pescoço.

— Como assim doer? — Questionou Orwell.

— Assim! — Cathy apertou um botão.

As coleiras soltaram um zumbido metálico, vibraram por alguns instantes, em expectativa, e uma luz azul acendeu.

— Até que não foi tão ru...

Um compartimento na traseira do colar ejetou fiação expansiva que penetrou os usuários, alojando-se em toda a extensão da medula, para emitir frequências e correntes elétricas direcionadas. Apenas o choque iniciam era doloroso, conforme o dispositivo se aninhava em toda a extensão da coluna.

Mira e Orwell já se debatiam no chão, tentando arrancar o colar, mas não cederia.

— Não precisa desse drama todo, né pessoal.

O dispositivo silenciou-se após calibrar. A peça metálica alojada na medula ejetou micro sensores que permearam toda a estrutura do SNC, causando um pulso de dor generalizado ao se alojar na estrutura física.

Em seguida tudo se retraiu e a dor cessou. Mira e Orwell rechearam Cathy de insultos.

Isso já era praxe.

— Okay, todo mundo se acalmou. Posso explicar agora? — perguntou Cathy.

— Devia ter explicado antes, caceta! Tira isso de mim.

— Não vai rolar, meninão. Agora a fiação faz parte do seu SNC.

— O colar vai emular os efeitos das transmissões que fizemos outro dia. Um puxa o sinal dos demais, capta as frequências específicas e retorna para o SNC dos outros.

— Aviso que isso vai desligar o cérebro tridimensional, com um timer de uma hora, por via das dúvidas. Pra iniciar o processo, é só apertar o botão ao lado, que *deveria funcionar*.

Todos procederam a se sentar e retornaram ao palácio num instante.

— Eu sei, eu sei. Sou genial. Agradeçam ao rockstar ali por preparar a base receptora aqui dentro. Só usei o sistema dele como referência — disse Cathy, indicando San com a cabeça.

— Ah, vai ser melhor a gente manter isso em segredo do pomposinho, viu? Vai que ele resolve fazer mais alguma merda por conta própria.

— Vou colocar um desses no Will, pra ter medições constantes e poder modular as frequências dele da maneira que parecer efetiva.

Tempo depois, Ellian retornou.

Não trocaram muitas palavras além das atualizações básicas.

— Bom, se divertiram? Acho que acabou a excursão. Orwell, recomendo ficar aqui, afinal, você ainda é figura notória. Vou deixar o SOL aqui contigo — disse Ellian.

— Cathy, vai levar o Will? — perguntou Ellian.

Cathy revirou os olhos: — O frio congelou seus neurônios? Não posso chegar lá com ele vegetativo... — Iria explicar melhor, mas se segurou. Certas coisas Ellian não precisava saber.

— Além de que, resolver isso é sua responsabilidade. Me devolva ele inteiro. — O tom de voz transpareceu uma ameaça velada que estremeceu calafrios em Ellian.

— Or, o que você vai fazer? — Pergunto Mira com olhar baixo. Cathy não iria levá-lo para Vlad-2, e mesmo que quisesse, Orwell provavelmente se recusaria.

O repórter deu de ombros. Não tinha para onde ir além do Palácio.

— Ele pode ficar aqui... — disse Ellian. Querendo ou não, Orwell tinha se tornado um de seus ratos experimentais. Sentia algum senso de responsabilidade por isso.

Mira abraçou Orwell, desajeitadamente, antes de ir embora.

— A gente se vê em breve — disse Or. — Estarei por lá.

— Orwell, MDK pediu pra falar contigo. Esse número aqui, se quiser ligar — disse Ellian.

Cathy se despediu com um aperto de mãos, sem uma única palavra, o qual Orwell aceitou, com desgosto.

Suavemente, Cathy deslizou um dispositivo e uma anotação para a mão do repórter. Seu olhar dizia — *não abra agora*.

Orwell, querido ratinho. Te peço perdão pelo sofrimento causado. Espero que isso ajude a compensar. Use em urgências se precisar.

Sua rainha,

Cathy.

Era só um dispositivo similar a um pen drive.

Em urgências... O que será que tinha nisso? Pensou Orwell.

E embarcaram, aliviados de deixar o lugar, rumo a conferência internacional.

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

— Boa noite! Hoje, no IIC —

— Relatos de luzes desconhecidas vindas das bordas do sistema solar intrigam astrônomos. O fenômeno, iniciado ontem, dia 20 de Fevereiro, parece aumentar gradualmente sua densidade. Especialistas dizem que será visível a olho nú em um mês.

— Novo Diretor Geral da GOES realiza discurso impactante na CIOP, em clamor por maiores restrições em explorações espaciais. Fontes afirmam que foi visto saindo do evento acompanhado por diversas lideranças políticas mundiais.

— Buscas pelo terrorista conhecido Fantasma de Sraknova continuam sem sucesso. Países se unem em esforço para intensificar investigações.

— Porta-voz da Mithrill Inc. acusa Fundação de sequestro de funcionários e furto de tecnologia. Prometem retaliação. Não houve resposta por parte da Fundação.

— Isso, e muito mais, daqui a pouco, no IIC.

GRAY — CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ORGANIZAÇÕES DE PESQUISA

DOZE DE FEVEREIRO — 18:00

Era só um pano. Mas ele a imaginava nua, costurando com os dentes.

Um executivo esculpido a bisturi, feito mais de controle do que de carne, era separado por uma fina camada de tecido avermelhado, de um salão lotado, maior que o Grande Teatro de Pequim.

Encarava o tecido. Perguntava-se se era veludo, panne velvet ou camurça. Sentia a textura do material, a fricção contra sua mão, as cerdas e imperfeições.

— Um minuto — disse um assistente de palco.

O homem assentiu e retornou sua imersão ao tecido.

Quem será que teceu?

Será que foi feito de forma industrial ou manualmente?

Se feito por uma pessoa, seria um homem, mulher? Idosa? Jovem?

Se fosse uma mulher jovem, seria bela?

Quais suas aspirações?

Quais seriam suas dores?

Com quantos anos perdeu a virgindade?

Será que já sentiu medo de verdade? Será que já foi sequestrada? Torturada?

Será que já viu a família dilacerada viva diante de si, enquanto aguardava sua vez?

Será que seu cabelo tinha um cheiro bom?

Seu suor teria um sabor diferente dependendo do estado emocional?

Era uma cortina linda. Assim como a dama que a teceu.

— Dez segundos, senhor.

Ficou feliz por conhecer a cortina. Pena que nunca mais a veria novamente.

Arrumou o paletó impecável, ajustou o lenço de bolso, as abotoaduras com o símbolo da GOES.

Seu rosto iluminou num vasto sorriso contido de quem calcula cada gesto, se imaginando como a cortina. Que abria-se perante seus olhos e revelava o vasto salão, recheado de burburinhos e conversas paralelas.

Por uma fração de segundo, imaginou que a cortina puxava sua mão, em uma súplica para que ficasse com ela. Mas não poderia. Hoje era seu momento, sua glória. Sua ascensão.

Nem mesmo as vozes poderiam distraí-lo do impacto que viria a causar.

— *Esse ratinho é muito pomposo. Que porre.*

— *CALADA* — falou o homem, de forma subvocal. Inaudível.

Caminhou até o pódio central, observou os pilares que sustentavam a estrutura, cuidadosamente esculpidos no mais fino mármore. Os entalhes dourados. Imaginou quantos engenheiros e arquitetos estiveram envolvidos no planejamento e execução do enorme domo que pairava sobre suas cabeças.

Quem será que foi responsável por pintar cada mínimo detalhe do sistema solar que decorava o domo? Estações, planetas, cometas e asteróides eram detalhados em perfeita simetria e conjuntura sob um padrão de Fibonacci.

Não apreciou a totalidade da obra, embora sentisse que teria sido construída especialmente para ele, nesse momento.

A cortina era muito mais admirável. Já sentia falta de sua sutileza e humildade.

Diante do pódio, observou o público enquanto o burburinho se dissolvia em silêncio.

Diretores, diplomatas, presidentes, ministros e acadêmicos, CEOs e militares lhe encaravam em expectativa ansiosa.

Esse discurso determinaria o futuro do homem, da GOES e talvez, de toda a humanidade.

— Protocolo Sraknova ativo.

— *Você vai cair.*

— *SAN! Não encoste no núcleo ainda.*

Balançou a cabeça num gesto imperceptível para espantar as vozes.

Limpou a gárganta, ergueu o olhar e começou, em improviso. Não precisava preparar um material para... [«ESTÁTICA»] ...plateia é engajada por um discurso lido.

Abriu os braços. —

— Senhores, desejo-lhes uma excelente noite. É um prazer tomar parte e ser honrado com a posição de abertura dessa importantíssima confraternização entre aqueles que moldam o destino da humanidade.

Deu uma pausa dramática, distribuiu olhares pela plateia e prosseguiu.

— Nós perseveramos diante dos piores e mais drásticos momentos da civilização. Quase sucumbimos à ruína por disputas fúteis entre territórios e fés.

— Agora, nos vemos diante do maior desafio enfrentado. Um desafio silencioso, um conflito que corre por baixo dos panos.

O silêncio da plateia, agora emanava palpável tensão. Todos pressentiam o que viria em seguida. A guerra comercial era tabu. Ninguém ousava mencionar sua existência em voz alta. Esse era um acordo implícito entre os envolvidos.

— A humanidade **não sucumbirá** diante de **terrorismo corporativo**.

Murmúrios e conversas paralelas irromperam pelo auditório. Prosseguiu em tom mais impositivo.

— Velhos militares, sabotagens planejadas, operações ocultas. **Hoje, a mão invisível do mercado empunha armas, não planilhas!** — bateu o punho contra o palanque.

Um político começou [REDACTED] vozes em protesto [REDACTED] premissas.

Perseverou. As manifestações eram gasolina em seu fogo já ardente, agora um incêndio.

— Governos já **não existem**. As engrenagens do Estado rangem, enferrujadas por contratos que ninguém mais assina conscientemente. Tudo que importa são interesses corporativos de uma minoria que detém fortunas suficientes para comprar países!

A HUMANIDADE. NÃO. SERÁ. REFÉM.

— **IREMOS PREVALEcer, PRESERVAR E AVANçAR. SEMPRE AVANçAR.**

Bateu com ambos os punhos no palanque. Sua testa pingava suor. O cabelo, impecável, agora caía no rosto.

— Acabou a era de interesses ocultos. Guardem minhas palavras em vossos âmagos. Chegou o momento de retomar as rédeas que esquecemos ao longo do caminho.

O tom quente reduziu gradualmente até se tornar uma suave brasa, que completava o ciclo do incêndio, num cochicho poético, e planejado.

— Vamos começar com um embargo de um ano sobre toda e qualquer operação fora de órbita, a fim de consertar a máquina pública pela raiz. Vamos destruir para reconstruir do zero.

— Avançaremos. Mesmo que em ruínas, avançaremos. Mesmo que ninguém mais nos siga, avançaremos.

O auditório permaneceu em silêncio pelo que pareceram minutos. O homem ofegava. Uma gota de suor pingou de sua testa, no palanque em que palestrava.

A plateia irrompeu em aplausos. Metade verdadeiros, a outra metade, em aplausos ácidos, falsos, que marcavam um alvo em sua cabeça.

O político piscou duas vezes. A realidade parecia fragmentar e colapsar.

A cortina não estava mais lá.

O salão não tinha teto.

O pódio era apenas uma projeção sustentada por consenso coletivo.

Aplaudiam. Mas nenhum som saía.

Só ele.

E o pano, encharcado de sangue quântico, dobrado através de si mesmo em espiral.

Gray afastou-se do pódio. Ao cruzar o limiar da cortina, parou. Por um momento, pareceu considerar tocá-la, mas recuou. Uma corrente sutil, como uma memória esquecida, roçou seu braço. O tecido pareceu tremular, quase de forma viva, na penumbra. Um vago odor de poeira estelar e metal frio pairou no ar por um instante. Ele se virou, levando consigo a sensação e o aroma, arquivados nas profundezas de sua mente.

PARTE 26 — FUNDAÇÃO

26.1 CATHY — VLAD-2

VINTE DE MARÇO

Sentia-se estranha na mesa de Will. A sala estava arrumada demais, estranhamente metódica. Ainda não sentia-se no comando da estação, mesmo que todas as credenciais e autorizações estivessem atualizadas.

Cathy tinha chegado a pouco tempo e ainda não tomou coragem para ler o dossiê exclusivo para Diretores. Os maiores segredos da Fundação — mistérios ocultos até de si — numa pasta em sua frente, mas não conseguia se forçar a abrir. Parecia invasão de privacidade.

Um desrespeito a Will. Ele ainda está vivo, afinal — pensava Cathy.

Quando enfim respirou fundo e se preparou para abrir a pasta, uma notificação. Convocação para reunião da Diretoria.

Cathy engoliu seco. Ainda não conhecia os demais diretores. Sequer sabia qual o protocolo.

Estranhou o sentimento de nervosismo. Não era característico de si.

Colocou a mão na artéria do pescoço para medir o próprio pulso. Acelerado. Respiração inconstante, hiperventilação, zumbido no ouvido, aperto no peito. *Ataque de pânico* — concluiu Cathy.

Balançou a cabeça como se espantasse pensamentos intrusivos — *não é hora disso, Cathy. Foco. Foco!*

Abriu a pasta com pressa, buscou no índice o capítulo de reunião dos sócios. Um pingo de frustração ressoou em sua mente. Não gostava dessa posição. Will era o político, não Cathy. Ela só queria continuar experimentos em paz.

Cathy leu por alto, pulando linhas e parágrafos, filtrando informações importantes.

Sala de Assembleias virtuais, vestimentas, código de conduta, bla, bla.

Ah, que se foda isso. — e largou a pasta de lado.

Foi até a sala de projeção das assembleias, sentiu o ar elétrico e estagnado daquele armário vedado.

Foi transportada para um lobby de boas vindas para primeiro acesso. Selecionou as roupas como se decorasse um personagem de videogame.

Tinha lido algo sobre código de vestimenta definido pelo host. Não se importou com nada disso. Apenas editou o tradicional jaleco puído que gostava de usar, o cabelo preso num coque mal feito e pressionou ok.

Sua consciência foi levada para a simulação do lobby de Umbriel.

Apreciou o cheiro de café fresco que circundava o ambiente, e abriu os olhos. Uma cafeteria minúscula com toques artesanais, parisienses talvez. Achou charmoso. A pessoa tinha bom gosto.

Duas pessoas em vestimentas casuais a encaravam num misto de olhares que iam de desconfiança, até curiosidade.

Sob suas cabeças o nome das estações. Cathy não tinha parado para ler quais, ou sequer quantas estações e diretorias tinham na Fundação.

— Marte, Umbriel. Muito prazer, sou *Cathy*[VLAD-2].

Seu nome fora censurado e substituído automaticamente por uma voz robótica.

Cathy olhou para cima frustrada.

— *Cathy*[VLAD-2].

— *CATHY*[VLAD-2], CACETA.

Marte se manifestou com uma risada simpática.

— Parece que alguém não leu o manual. Recomendo pegar um panorama geral quando puder. Bem-vinda à Diretoria. Teve que substituir em cima da hora?

— O que aconteceu com o antigo Diretor? — disse Umbriel, preocupada.

— *Will*[Vlad-2] — Cathy revirou os olhos — Está indisponível. Sou a substituta.

Marte e Umbriel se entreolharam, sobrancelhas erguidas. Diretores não simplesmente *ficavam indisponíveis*.

— Melhor não mencionar isso para os outros, quando chegarem — advertiu Marte.

— Apenas diga o protocolo. Simples e Direta. *Sou a nova diretora Vlad-2*. Mais nada.

Cathy agradeceu as sugestões e sentou-se com os dois.

— Sobre o que é isso? — perguntou.

— Realmente não leu nada do manual, né? — Tema da pauta só começa com todos presentes. Até lá, é socialização, ou o que o host quiser que seja. Um até colocou vôlei como pré atividade. — Marte não parecia entretido.

Umbriel encarava Cathy como se tentasse lê-la.

Canalha acha que consegue me analisar? Se enxerga minha filha — Pensou Cathy.

— Posso te ajudar, Elsa[Umbriel]? — perguntou agressivamente.

— Porra, nem apelidos funcionam nisso aqui? Que coisa chata.

Marte riu.

— Quem é você, Vlad-2? O antigo Diretor nunca te mencionou — perguntou Umbriel.

— E vocês são o quê? Amantes pra ele ter que me mencionar? — Respondeu Cathy, irritada.

Umbriel corou e abaixou o olhar. Cathy riu de canto. Agora ia conseguir provocar a ruiva.

— Ahh, eram amantes então! Não me surpreende ele nunca ter falado de mim — disse Cathy, piscando várias vezes, com a mão no rosto, num gesto de charminho.

Umbriel fechou o rosto e virou, jogando o cabelo na cara de Cathy.

— Uia. Agressiva ela — disse Cathy, para Marte.

— E esse café, que coisa mais clichê! Pegou inspiração aonde? Filme Francês genérico?

Queria ver o quanto mais precisava forçar para estourar a geóloga.

Marte, prevendo a desordem, desengajou o tema com qualquer assunto trivial.

Cathy, desinteressada, explorou a simulação. Queria saber o quão robusto era o sistema.

Atrás do balcão, viu um console, completamente funcional, rodando em uma máquina virtual dentro do próprio sistema.

Mal havia assumido o posto, e já estava quebrando regras, lembrando da própria premissa de que aqueles que estão no controle não sabem o que fazem.

Discretamente, foi até o console e escreveu um script de monitoramento. Se não querem que os Diretores saibam quem são uns aos outros, Cathy queria saber.

A máquina virtual não era completamente isolada da simulação. Umbriel fez um trabalho corrido, ou talvez não soubesse o que fazia. Só tentou decorar o ambiente de maneira realística, sem considerar os aspectos técnicos.

Todos os dados internos iriam para o terminal de Cathy, conforme a simulação rodasse. Se tudo funcionasse, o terminal deveria puxar os dados de origem de cada convidado e cruzar com as chaves de encriptação para entrada.

— O que você está fazendo, Vlad-2? — perguntou Umbriel, hostilmente.

— Só estava vendo o quanto complexo é o sistema — mentiu Cathy, levantando-se suspirosamente.

Se juntou aos demais, conforme outros Diretores ingressaram na reunião. Recebeu alguns cumprimentos e outros olhares de desconfiança.

Parece que ninguém aqui confia nos outros.

Com todos presentes, Umbriel iniciou a reunião, sem ritos preliminares. Até que era pragmática, sem frescuras, admirou Cathy.

— Duas questões em pauta. A primeira, acredito que todos já sabem do que se trata.

Balançares de cabeça confirmaram a afirmação.

— Alguém tem sugestões sobre o que causou a nebulosa de Oort?

Cathy sabia que teria sido o palácio, mas não colocaria suas cartas na mesa ainda.

— O Protocolo Sraknova com certeza deve tirar conclusões mais adequadas do que qualquer um aqui. Como está o andamento, Vlad-2? — perguntou outro Diretor.

Cathy tossiu a fumaça que inspirava, surpresa pela pergunta.

Já ouvi Will mencionar isso, mas nunca entrou em detalhes a respeito. Deve estar no manual.

— Acredito que todos devem estar cientes do andamento, visto que atualizações básicas são enviadas constantemente — mentiu Cathy — ou será que essa Diretoria decaiu a ponto de ninguém mais checar as mensagens privadas?

Foi um chute ousado, mas aparentemente funcional.

— Não recebi nada. Verifique se estão realmente sendo enviadas — disse outro.

— Umbriel, você está mais próxima da anomalia, deve ter mais praticidade em investigar, não?

— Esse é outro assunto da pauta. Recebi uma mensagem de SOS de uma estação espacial de Éris, à deriva, vindo na minha direção. Propriedade da GOES, aparentemente. Três tripulantes.

Cathy dobrou a atenção. Só podia ser uma pessoa lá.

— Por que a GOES teria uma estação naquele fim de mundo? — perguntou outro Diretor.

— Nem ideia, mas acho que vale a pena descobrir. Sugiro interceptar a cápsula. Duvido que a empresa sobreviva ao caos político que estão passando, de qualquer forma.

Ao sair da reunião, Cathy achou melhor finalmente ler aquela pasta da Diretoria, descobrir o que é o protocolo Sraknova. Também precisava ir ao Palácio falar com San-Lehan.

Acima de tudo, recebera um alerta, de Umbriel, convidando-a para uma conversa particular.

Cathy novamente lamentou o posto que se encontrava.

Checkou os logs da sala de transmissão para ver quem realmente era essa Umbriel.

Fay. Geóloga. Interessante. Vamos desativar esses filtros automáticos e ver o que ela quer.

Um pouquinho mais de invasão do sistema e... Cathy estava dentro do terminal Umbriel, com acesso a arquivos, conexões e linhas de pesquisa.

Lhe chamou a atenção uma mensagem de Ellian a mando de MDK.

E pela data... ele disse que estava resolvendo coisas nas ilhas Anzhu. RATO INSOLENTE.

26.2 MIRA — VLAD-2

VINTE DE MARÇO. UMA HORA ANTES

Ao chegarem na estação pela primeira vez, após quase um mês de trânsito espacial, Mira observava fascinada a imensidão da estrutura. Olhando para cima, gramados, casas e área verde, rios fluindo num círculo, prédios de pesquisa de lado.

Também foi adoravelmente recebida por pássaros e o cheiro de flores.

— Tem um ecossistema inteiro aqui!

— Sim, sim Loirinha. É grande, é bonito. Vamos trabalhar — disse Cathy, ultrapassando Mira em passos rápidos.

— O que exatamente é o meu trabalho? — perguntou Mira, seriedade estampada na pose, de braços cruzados.

Cathy parou, olhou para trás e colocou a mão no queixo, olhos ao ar.

Em seguida desenhou um crucifixo imaginário com o braço e decretou.

— Eu te declaro a nova Cathy. Parabéns.

— Isso não responde minha pergunta Catherine!

Cathy bufou. — Você manda em tudo que eu não tenho tempo ou paciência pra mandar. A parte divertida. Linhas de pesquisa, monitoramento, etc.

— ...garantir que você não faça merda porque não tem ideia do que está fazendo... — completou Mira, sorridente.

— Aprendeu bem, jovem padawan. Porém estou te vetando de todas as linhas de pesquisa ☺. Seu coração de fada não vai aguentar lidar com objetos.

— Não vai me dar um tour do lugar?

Cathy estava estressada com a quantidade de pendências. Embora não quisesse estourar com Mira, acabou soltando.

— Tô com cara de guia turístico, caceta? Anda em linha reta e vai entrando nos prédios. Você tem credenciais pra quase tudo aqui.

Mira inflou as bochechas, deu as costas e saiu praticamente saltitante, animada para explorar a estação.

Conforme passeava pela estrutura, em admiração pela arquitetura, parou para observar o eixo central, que fazia o raio circular da estação. Tentou calcular a massa necessária para sustentar a própria tensão.

Como se surgisse do nada, uma senhora, de aparência extremamente idosa, encaminhou-se lentamente — sustentando-se trêmula em sua bengala, tal qual tinha esculpido um enorme busto leonino na parte superior, onde repousava as duas mãos — para ficar ao lado de Mira.

— Sabe, foi uma construção impossível. Muitos descrentes diziam que a criadora era insana — disse a senhora, em voz áspera, que subia arranhando a garganta, desgastada pelo tempo.

— Mas no final, acabou virando a maior empreitada da humanidade. Meu sonho era ver isso pessoalmente — respondeu Mira, sem sequer olhar para a pessoa ao seu lado. Estava completamente absorta na engenharia.

A senhora inspirou com dificuldade, o ar entrava nos pulmões com um chiado praticamente terminal, soltou uma risada sibilante.

— Que sonho patético, menina. Ver alguma coisa. Aprenda a sonhar mais alto. Mais longe.

Mira abaixou o olhar.

— Tem algo mais alto do que isso aqui? Já estamos além do céu.

A senhora abanou a mão em puro desdém.

— O céu não tem nada de interessante. Não pense no futuro. Molde ele. É assim que coisas do tipo são feitas — disse rispidamente.

— Não entendi — disse Mira.

A idosa grunhiu e virou com dificuldade.

— Você não entende nada. Vá fazer o que tem que fazer, vá! — abanava Mira para longe ao caminhar trêmula e vacilante, de volta por onde viera.

Conforme ia embora, balbuciava para si própria — *essa juventude que colocam aqui não presta. É um peixinho dourado mesmo. Saudades daquele gordinho esperto. Pena que era xereta demais.*

Mira ria da cena até perceber que a idosa lhe encarava com olhar venenoso em desaprovação.

É... melhor ir trabalhar — pensou.

Mais tarde, Cathy estava na assembleia dos Diretores.

Vamos fuçar uns documentos particulares. Ela disse que era meu trabalho, afinal. Além de que, Orwell fica o tempo inteiro no Palácio, me perturbando sobre encontrar Pol. E Ellian deixou bem expresso o desejo de recuperar Jaques.

Mira sentou-se na mesa de Cathy, pernas ao alto, e pegou a pasta exclusiva da Diretoria para dar uma folheada.

Cathy provavelmente fez o mesmo com Will, quando ganhou o cargo.

O documento tinha milhares de páginas, detalhando desde instalações de pesquisa, até experimentos crueis, atribuições de cada estação.

Mira bateu o olho na sessão avermelhada — protocolo Sraknova.

Conforme lia o documento, sua expressão transitou da fascinação até o choque.

Essa é a extensão do domínio da Fundação?

Cathy entrou na sala, apressada. Parou na porta. Olhou para Mira, relaxada na mesa de Will, olhou para pasta nas mãos da subordinada, olhou de volta para Mira.

A expressão de Cathy fechou. Era a mesma Cathy do exame, sem semblantes de Mira.

A expressão de Mira fechou. Era a mesma Cathy do exame, sem semblantes de Mira.

Os entrelaçamento dos novelos já havia influenciado a personalidade de ambas, mas esporadicamente, uma exercia mais controle do que a outra.

Nesse momento, Mira ficara em segundo plano, e fora fragmentada de seu consciente físico, novamente. Expulsa para o palácio, contra sua vontade.

— Mas que merda! — exclamou Mira, ao aparecer no museu, assustando Orwell e San-Lehan, que conversavam casualmente.

— Vou te matar Cathy! — Disse Mira, andando em direção ao núcleo da psicóloga.

San-Lehan segurou seu braço.

— Me solta, San!

— Calma! Explica o que está acontecendo! — exclamou San.

— Por mim, não precisa explicar nada. Deixa ela destruir o novelo mágico — disse Orwell, ajeitando o tapa olho.

No plano tridimensional, Cathy discutia com um espelho.

— Que merda você pensa que está fazendo? — disse Cathy

— Que merda você pensa que está fazendo? — disse Mira

— Estou fazendo meu bendito trabalho! — exclamaram em uníssono, ambas de pé, caminhando agressivamente uma em direção à outra.

A Mira física não deixara de ser sua própria essência, mas sim altamente entrelaçada com o núcleo de Cathy.

— Parabéns, você quebrou a realidade! — exclamaram juntas, indicador em riste uma a outra.

— Você quebrou a porra da realidade! — disseram.

— Ah, que se foda. — ambas colocaram a mão no próprio colar, e acionaram, corpos rumo ao chão, e consciências ao palácio.

26.3 PALÁCIO

VINTE DE MARÇO

Orwell estava sentado em sua poltrona de sempre. Degustava do melhor Uísque que Mira sabia manifestar e conversava com San-Lehan sobre a experiência de cada um com Pol.

— Nem imagino como ele seria como pai! Desajeitado daquele jeito? Coitado da criança — disse Orwell, entre risadas.

— Ahh, talvez não fosse bem pai, necessariamente. Mais uma figura fraterna. Se for pensar, ele era mais como um irmão mais velho — respondeu San.

— Ele realmente não sabia ser muito estrito — San ria.

— Mas aí foi o canalha do MDK que te expulsou pro fim do mundo? — Perguntou Orwell.

— Foi... Mas sinceramente, ainda acho que ele estava tentando me proteger, ou Pol, ou a si próprio. Nunca soube.

— Nisso eu posso ser útil! Ele está esperando uma ligação minha, de dentro da cadeia. Posso cobrar respostas — disse Orwell, após espirrar. Remi se esfregava em sua perna.

— Não dá pra desativar alergias nessa porcaria não? — Perguntou Orwell, indicando Remi com a cabeça.

— Nem ideia, Or. Tem que ver com a Mira. Remi gostou de você. Deve ser atraído por miséria emocional.

Como se invocada pela ironia do universo, Mira surgiu no Palácio, berrava algo sobre Cathy e corria até o núcleo da psicóloga.

San segurava Mira, quando Cathy também surgiu no salão, igualmente irritada.

Gritavam uma com a outra sobre quebrar a realidade. San se colocava entre as duas para evitar que entrassem em vias de fato.

— Uma ajudinha, Orwell? — pediu San.

Orwell assistia a cena, entretido como quem vê um filme de comédia.

— Assistir caos gratuito é minha terapia favorita. Resolva sozinho.

San conseguia afastar as duas com facilidade pela sua vantagem considerável de altura.

— Quer ver quem é maior, rockstar? — disse Cathy, desafiante. Se não tivesse metade de sua altura, San até teria receio de ser agredido.

Cathy se afastou e colocou a mão em seu núcleo, transformando-a em novelo. O restante de seu corpo foi puxado para dentro, conforme ela recolhia a fiação que simulava sua forma física.

Era agora, um novelo multidimensional.

Pelo quarto eixo, estendeu um fio, que surgiu do ar, atrás de Mira, erguendo-a pelo pescoço antes que qualquer um pudesse reagir.

Mira debatia e puxava os átrios que a seguravam, sem sucesso.

— Ah, então é assim que quer brincar, Cathy?

Mira soltou as conexões que ligavam a simulação tridimensional, fazendo com que todos retomassem suas formas da quarta dimensão.

Orwell girava descontroladamente.

— Eu FALEI pra NUNCA MAIS me colocar nessa merda de forma.

Seus fios debatiam-se entre dimensões e eixos, como um polvo desesperado, na tentativa de segurar em algo, qualquer coisa, para se orientar. Ainda tinha algum tempo até seu timer automático levá-lo de volta.

San não era de melhor ajuda. Sua percepção, incapaz de enxergar a micro-escala dos novelos individuais. Era uma capacidade daqueles com grande entendimento do contato humano.

O embate que ocorria, na sua percepção, era o equivalente a assistir um novelo de lã, rolando do outro lado da rua, usando binóculos.

Mira e Cathy já estavam entrelaçadas. Agora, chicoteavam o ar como tentáculos rebatendo uns nos outros. Os estalos de impacto ressoavam num festival de cores, luzes e radiação.

Cada impacto desfazia parte do novelo, tirava algumas fibras das fiações individuais.

O novelo de Cathy era um emaranhado selvagem que atacava tudo em seu caminho com o todos os átrios que conseguia, simultaneamente. Uma manifestação da força da natureza que era.

Mira, menor e mais sensível, só podia desviar e fazer ajustes finos.

Mira enviou quatro fios por outro eixo para esgueirar Cathy, circundou seus átrios como víboras seguraram suas presas.

Cathy tentou debater, mas só acertava a si mesma. Mira era ágil demais, mais experiente. Transitava entre eixos e alternava percepções do quarto eixo como um guitarrista profissional altera acordes.

Conectou e prendeu os quatro átrios de Cathy nos pontos do Palácio que ativavam a simulação tridimensional. O novelo de Cathy emaranhou de volta em forma física, desorientando-a espacialmente.

Mira manteve sua forma de novelo, atravessou o quarto eixo com mais cinco fios e prendeu Cathy contra o chão.

Cathy olhava para cima, powerless sobre o emaranhado pulsante interdimensional que pairava sobre si. Fiações sumiam e reapareciam de sua percepção, conforme pairavam através de outros eixos.

Um observador inocente desse combate, em três dimensões, apenas captaria algumas partículas virtuais surgindo e desaparecendo da realidade. No máximo alguns feixes de onda anômalos, isso se sequer fosse capaz de detectar algo. Na prática, os novelos são minúsculos, na totalidade do cosmo.

Mira entrou em forma física parcialmente, ainda segurando Cathy com seus fios.

— Quer me explicar a merda do protocolo Sraknova?

— Eu não sei! Não li o dossiê ainda!

— Há, conta outra. Você veio pra cima de mim porque li algo confidencial e controverso! — exclamou Mira.

— Não, sua imbecil. Eu fui pra cima de você porque você estava na minha mesa!

— Só por isso? Você começou uma briga multidimensional porque tinha alguém no seu lugar? Você é muito pedante, Cathy.

— Já acalmou?

— Quantos doutorados vocês tem mesmo? — perguntou Orwell, arfando contra o chão, desorientado.

Mira soltou Cathy.

— Não dá pra desentrelaçar nossos novelos. Tem fios fundidos em um só, igual San e Remi — concluiu Mira.

— Vamos ter que conviver uma com a outra.

— O que tinha naquele documento que te irritou tanto, afinal? — perguntou Cathy.

— A porcaria da loucura do protocolo Sraknova e o fato de Pol ter sido transferido pra estação Marciana. Várias das suas linhas de pesquisa foram pra mão deles.

— Por que caralhos?

— E eu lá vou saber, Cathy? Pergunta pro Will, se ele acordar.

— Por sinal, o rockstar e o namorado vão ser sequestrados pela estação de Urano. Eu ia conversar com a escrota de lá agora, mas alguém, não sabe controlar os nervos — disse Cathy, apontando para Mira com a cabeça.

Mira revirou os olhos.

San soltou um suspiro de alívio ao saber que pelo menos Faced não estaria flutuando no vácuo para sempre.

— E o bosta do Ellian está em contato com a estação, à mando do MDK — continuou Cathy.

— Isso tá na tua mão Orwell. Cuidar do Will, ver o que Ellian tá fazendo, sondar o General.

Orwell se jogou na poltrona novamente. Mãos na cabeça.

Inferno.

— De novo??

— Just when I think I'm out... — começou Orwell.

— They pull me back in! — completou Cathy.

Cathy balançou os braços animadamente. Ninguém conhecia suas referências centenárias.

Orwell sorriu em reconhecimento.

Mira e San deram de ombros, sem entender a interação que acabara de acontecer.

Orwell sorriu tristemente, encarando o teto. Era oficial. Estava novamente envolvido na mesma porra. A história não termina; apenas se dobra em novos ciclos de tormento existencial.

PARTE 27 — PROTOCOLO SRAKNOVA

27.1 ORWELL — 30 ANOS ANTES

DEZOITO DE FEVEREIRO DE 2095

Uma entrevista.

Um nascimento.

Uma morte.

Orwell, ansioso, acompanhava Will até a base de pesquisa da Fundação Nova, onde agora trabalhava.

— Or, já aviso que talvez não dê pra conversar com ninguém... Eles são muito ocupados.

Will parecia tenso, como se estivesse arrependido de oferecer levar o amigo para conhecer as instalações e, talvez, entrevistar alguém.

— Tranquilo, Will! Estou feliz só de conhecer mesmo. Sempre com expectativas baixas — disse Orwell, já preparando seu caderno de anotações e gravador.

Sei. Expectativas baixas... — pensou Will

— E não saia mexendo onde não for chamado! — alertou Will.

— Parece que não me conhece. Quando foi que já fiz alguma coisa que não deveria? — disse Orwell com sorriso sarcástico estampado no rosto.

— Estou falando sério! Não vai me colocar em problemas!

Orwell abanou as mãos — Okay, okay.

Orwell encarava o edifício com fascinação. Letreiros gigantescos estampavam a fachada — *Fundação Nova*.

O prédio cintilava, parecia ter sido construído no dia anterior, de tão moderno e limpo.

— Por que é uma pirâmide? — Perguntou Orwell.

Will deu de ombros. Arquitetura nunca foi algo que lhe atraiu o interesse. Talvez nem mesmo tivesse reparado que a estrutura era, de fato, uma pirâmide helicoidal.

Entraram juntos numa estrutura lateral — uma caixa de concreto — na qual Will escaneou suas credenciais para desbloquear a porta num estalo automático.

— Poxa, não vamos para o prédio maneiro? — Questionou Orwell, decepcionado.

— Vai sonhando. Lá é pros figurões executivos. Nós, ratos de laboratório ficamos debaixo da terra, onde a mágica acontece.

Entraram num elevador apertado e Will digitou o andar -17.

— Quão fundo é isso?

— Nem ideia. Nunca perguntei.

Desceram por alguns segundos e a porta deslizou. Orwell imaginou alguma espécie de caverna subterrânea, sombria, ou o completo oposto, algo completamente branco com luzes ultra claras e paredes refletivas, como laboratórios de filmes.

Suas expectativas foram frustradas ao entrarem numa recepção comum, que poderia se passar por escritório de advocacia, ou loja de departamento, de tão genérico.

Uma voz veio de dentro.

— Willzzinhooo!

E uma adolescente, talvez metade da idade dos dois, correu na direção do par e pulou em Will, com um abraço.

— Cathy... — disse Will em cumprimento, desconfortável com a demonstração de intimidade.

Orwell apenas encarou a cena e levantou a mão para cumprimentar a menina, que sequer olhara para ele. Provavelmente não notou sua presença.

— Os roedores estão fazendo progresso fantástico, Will! Todo mundo me elogiou pela iniciativa de pesquisa, você tem que ver, Will. Vem, vem!

Só falta pular pelas paredes. Que peste. — Pensou Orwell.

— Mais tarde, Cathy. Estou com visitas — disse Will, indicando Orwell com a cabeça.

A menina virou para Orwell com a expressão fechada e fez um som de **humpf**.

— É melhor vir quando acabar! Estão até falando em mostrar pra Doutora Irina. Será que vou conhecer ela?

— Algum dia, caso se comporte, Catherine — disse Will, empurrando-a levemente pelas costas, como se tentasse mandar embora.

A menina era persistente.

— Ahh, Will! O objeto A-21 está pra parir na sala 15! Você acha que...

Will cortou a fala com voz ríspida, indicando Orwell com o olhar.

— Catherine...

— Desculpa. Eu te espero na minha sala — disse Cathy, com voz baixa, desanimada.

E desapareceu pelos corredores.

— A pirralha tem uma sala própria? — perguntou Orwell.

— Cathy é... especial — disse Will.

Orwell percebeu que seu olhar dizia — *Tem tanta coisa que não posso te contar, Or. A vastidão, você nem imagina.*

Porém o recado não foi compreendido como um alerta, mas sim empolgação. Um comichão no fundo do âmago do repórter. Aquele vício que sempre lhe causava problemas. *Cutucar vespeiros*.

Conforme caminhavam, Will mostrava algumas sala e explicava o que faziam, mas Orwell estava mais interessado nas salas que ele não mencionava. Observava cada detalhe atentamente, na expectativa de pegar qualquer semelhante do que não era dito. Todas as outras explicações, estavam em segundo plano.

— E é aqui que eu trabalho, Or. Nada de muito especial — disse Will, mostrando um laboratório genérico, que mais parecia vindo de uma escola de ensino médio. Na lousa, algumas anotações sobre organelas — *isso não tem nada a ver com sua área* — pensou Orwell.

Will recebeu um ping com expressão de surpresa.

— Or, preciso resolver algo. Fique aqui. **Não mexa em nada.**

— Sim, sim senhor.

Conforme Will se virava para sair, Orwell deslizou a mão para sua cintura, onde as credenciais estavam penduradas e, num movimento sorrateiro, removeu o clipe.

Desculpa. Você sabe que eu não resisto — pensou Orwell.

Esperou alguns minutos até a barra ficar limpa, removeu o crachá de visitante e vestiu um jaleco que estava largado pela sala.

Qual sala a pirralha tinha falado mesmo? Will repreendeu ela por falar sobre. Deve ter alguma coisa interessante

Seguiu pelos corredores como se fosse dono do lugar. Por sorte eram pristinamente organizados. Salas ímpares de um lado, pares do outro.

Sala 15.

Orwell escaneou o cartão e entrou. Um grupo de cientistas estava reunido em frente a um vidro falso, observavam uma sala de cirurgia com uma mulher grávida.

Nove peças metálicas penetravam sua barriga em um padrão circular, uma série de eletrodos espalhados por todo o corpo.

Orwell prontamente se camuflou no meio do grupo, caderno em mãos como se fosse só mais um, tirando notas.

Prestou atenção nos murmúrios do grupo.

— O objeto A-21 é promissor. Será que vai conseguir acessar o ICP?

— Duvido. Todas as tentativas até agora deram errado. Limitações de ondas delta causam interferência e falha do objeto.

Um cirurgião entrou na sala de cirurgia com a equipe auxiliar. A sala lateral recaiu em silêncio.

Orwell notou algo de inconsistente na equipe cirúrgica, mas não soube pontuar exatamente *o quê*. Apenas um sentimento instintivo.

— Vamos iniciar o procedimento no objeto A-21. A progenitora está devidamente sedada e submetida às frequências EM especificadas.

O staff moveu um equipamento que mais se assemelhava a uma antena de rádio e direcionou à barriga da grávida.

— Iniciando o primeiro pulso.

As luzes oscilaram conforme um som estático enchia o ambiente. Medições de um monitor lateral tinham picos e vales cada vez maiores, conforme o efeito subsônico intensificava.

Até subitamente interromper.

O médico fez a leitura do equipamento.

— Pulso bem sucedido.

A plateia aplaudiu. Orwell, desconcertado, sentiu que precisava se incluir e falou com a pessoa ao lado, como se fosse autoridade no assunto.

— Fascinante. Você percebe como o capacitor de fluxo exerce influência sobre o objeto — enquanto balançava a cabeça em aprovação.

— Realmente. Me pergunto qual foi o período de incubação dessa vez — respondeu o espectador, fingindo que entendera sobre o que Orwell falava.

Periodo de incubação? Que circo de horrores é esse?

O cirurgião puxou uma das barras metálicas da paciente. Não saiu sangue do local. Orwell só conseguia ver um furo, oco, escuro, onde antes estava a peça.

— Preparando o segundo pulso — disse o médico.

O procedimento repetiu-se mais nove vezes. A platéia já não reagia com o mesmo ímpeto nos pulsos posteriores.

O cirurgião limpou o suor da testa. Claramente estava nervoso. Talvez fosse a tentativa mais bem sucedida dentre as que fizeram.

— Preparar a execução da progenitora, simultaneamente à remoção do objeto. O tempo tem que ser exato para otimizar a liberação pineal sem sobreregar o objeto. Foco total.

Todos os olhares penetravam a equipe cirúrgica, dissecando cada movimento individual, da mesma precisão cirúrgica com que o útero da *progenitora* era aberto.

O foco era tamanho que ninguém notou um dos assistentes mexendo em algo nos equipamentos de medição.

Apenas Orwell, desinteressado no procedimento em si. Sentiu que esse assistente o encarou diretamente, por mais que estivesse atrás de um vidro falso.

Ele está olhando para o nada. Não tem como ver aqui dentro.

Mesmo que não tivesse visto, naquele momento, eram cúmplices.

Orwell ficou curioso sobre o bigode daquele assistente. O contorno visível por baixo da máscara. Achava que não podiam ter barba por questões higiênicas ou algo do gênero.

Conforme o feto era removido Orwell percebeu que os objetos metálicos estavam perfurando o corpo do bebê, que agora, apresentava as mesmas cavidades ocas da mãe. Os locais de remoção pareciam chamuscados. Pele lacerada e queimada.

Orwell ficou enjoado de imaginar o cheiro dentro do local.

Prendiam eletrodos nas cavidades conforme o feto era retirado.

— Execução em 3, 2, 1. — Um líquido intravenoso foi injetado na mãe, que prontamente acordou e berrou desesperadamente. Estavam induzindo dor extrema na pobre coitada.

— Cortar cordão umbilical em exatos dezoito segundos. 3, 2, 1. — Corte efetuado.

A sala pareceu ficar mais agitada em expectativa. Ânimos em alta.

Os equipamentos apitaram, a equipe médica tensionou. Assistentes correram com seringas e desfibriladores

Ajustaram o recém-nascido, flácido, silencioso na mesa cirúrgica e aplicaram o eletrochoque. O corpo do bebê contorceu conforme a eletricidade atravessou. Sem resposta.

Aplicaram mais uma vez. Nada.

Inúmeras tentativas sem resultado.

O cirurgião finalmente parou, olhou para o vidro falso e declarou.

— Horário da morte, 12:35.

Um dos assistentes — o mesmo que chamara a atenção de Orwell antes — recolheu o cadáver recém nascido.

— Vou levar para biópsia. — e se retirou. Empurrava o leito infantil para fora.

Os espectadores dispersaram em decepção.

Exceto por Cathy, que encarava Orwell, fixamente.

Pirralha de merda.

Orwell estava prestes a se retirar da sala, quando um alarme ressoou. Luzes vermelhas inundaram todo o andar em avisos de lockdown. Jalecos corriam de um lado ao outro em confusão.

Merda. Eu fiz besteira?

Orwell se apressou até a sala onde fora mandado manter a posição.

Will estava de pé, braços cruzados, com Cathy atrás. A pirralha segurava a calça de Will, escondida de Orwell.

— Eu... fui no banheiro e me perdi — disse Orwell.

— De jaleco...? — perguntou Will.

— Com minhas credenciais...?

Orwell soltou um riso torto e coçou a cabeça.

— Ahh, isso tinha caído no caminho. Peguei pra te devolver. E senti frio, então peguei o jaleco.

— Orwell, você está suando. Corta o jogo. Quer me explicar que **merda** você está fazendo?

27.2 IRINA

“Dra. Irina Sraknova” — Esse nome era quase uma lenda urbana. Diziam que Estar diante de sua presença era tão raro quanto ver um unicórnio.

— Orwell, você passou do limite! — Will estava vermelho, furioso.

— Eu precisava saber Will. Você praticamente me disse pra fazer isso.

— Willzinho! Ele pode ser meu novo rato? — perguntou Cathy.

— Não, Cathy ainda vamos decidir o que fazer com ele.

Uma voz cortou o ar como uma navalha. Imponente, mas gentil. Will paralisou na hora.

— O que fazer com quem? — uma idosa caminhava em direção à sala em passos lentos. Usava uma bengala para se sustentar. Entalhado na parte que se segura, um leão, excessivamente grande. Era feita da madeira mais cara do mundo, pau-preto-africano. Árvore já extinta há mais de 60 anos.

Cathy nem prestou atenção em quem falava. Só desatou a dedurar Orwell.

— Esse aqui invadiu a sala de observação do objeto A-21!

Will deu uma cotovelada em Cathy, para que visse com quem estava falando.

— Doutora Irina, como podemos ajudar? — disse Will, rígido.

Antes de responder, a idosa parou no vão da porta e observou o ambiente, inspirou fundo como se farejasse os arredores. Fitou Orwell com algum semblante de reconhecimento e subvocalizou um *Hm..*. Talvez conhecesse os trabalhos que fez com Will. Em seguida passou o olhar para Will, e então para Cathy, que encarava-a encantada em fascinação, enquanto metade escondida atrás de Will, segurando sua camisa, como se fosse uma criança envergonhada. A expressão de Irina se fechou e voltou para Will, em absoluta desaprovação.

— Pergunta certa, feita para pessoa errada — disse Irina.

Will ficou em silêncio. Não sabia como responder.

— Rapaz, o que você quer? — Perguntou Irina para Orwell.

— Eu adoraria uma entrevista — disse Orwell, ousado, com um sorriso ácido estampado.

— Or... — advertiu Will entredentes.

Irina riu — Você é ousado rapaz. Eu gosto disso. Eu permito que me entreviste e pergunte qualquer coisa, mas as respostas que receber, jamais sairão daqui. Vão ser eternamente fadadas à sua própria mente e memória. Você aceita?

Orwell não entendeu muito bem o que ela quis dizer com isso, mas pelo tom de voz, não parecia agradável.

— Doutora Irina, não há nec... — começou Will, em defesa de Orwell. Seu amigo não sabia com quem lidava.

— Não tem ninguém falando com você, Willian. — Irina calou o cientista com um olhar afiado.

— Eu aceito! — Disse Orwell, com o peito estufado.

Will colocou a mão no rosto. *Seu imbecil.*

— Muito bem, jovem. Mas uma pergunta minha, antes de mais nada.

Ela penetrou Orwell com o olhar. O repórter sentiu que ela poderia detectar qualquer inverdade através até mesmo de um micro-espasmo muscular.

— Você tem alguma coisa a ver com o desaparecimento do recém nascido que testemunhou falecer há alguns instantes? Ou só era um garoto no lugar errado, e na hora errada?

— Uh... — Acho que a segunda opção. Só estava assistindo mesmo. O assistente que ia levar o bebê para biópsia sumiu com o corpo?

Irina coçou o queixo, ainda fitando Orwell.

— Interessante. O que te leva a supor isso, rapaz?

— Ele não parecia pertencer em sala cirúrgica. Notei-o mexendo com alguns equipamentos que nenhum dos demais assistentes tocaram. Além de que, parecia ter um bigode extremamente denso, por baixo da máscara cirúrgica. Achei estranho. Ele simplesmente não se encaixava na cena. Estava rígido, emitia uma aura de comando... se faz algum sentido.

Irina bateu a bengala no chão, criando um baque que ecoou no salão inteiro.

— E como NINGUÉM MAIS, nessa bendita instituição, conseguiu notar algo tão óbvio que até mesmo um garoto curioso percebeu com tamanha facilidade? — Irina berrou. Sua voz ecoou por todo o andar.

— Willian, vá limpar a sujeira que seu departamento fez! — mandou Irina.

— E o Or.?

— Ele agora é meu novo assistente de mídia.

Will olhou para Orwell em pânico, balançou a cabeça em negativa. Orwell tinha um sorriso brando.

Cutucar vespeiros sempre dá certo!

27.3 O ORÁCULO DE SRAKNOVA

Orwell estava no topo do edifício em formato de pirâmide helicoidal. Um escritório de altíssimo luxo tinha panorama de 360 graus da cidade inteira.

— Sente, sente... — Indicou Irina, abanando as mãos.

— Você teve sorte, rapaz — Disse, de costas para Orwell, observando o panorama da cidade. Apoiava-se contra a bengala com duas mãos.

— Não acredito em sorte, nem coincidências — respondeu Orwell.

Irina riu e retomou o olhar para Orwell, sentando-se na cadeira em sua frente, com dificuldade.

— Então tudo é predestinado? Não temos livre arbítrio? — Não precisava de muitas palavras para emanar um discurso de sabedoria silenciosa nas entrelinhas.

— Não diria que predestinado, num sentido religioso, ou de plano maior. Mas pelo pouco que consegui absorver com meu tempo ao redor de astrofísicos, passei a acreditar que tudo já está escrito.

Os olhos de Irina brilharam.

— Eu acredito o mesmo, rapaz. Acredito não. Eu **sei** disso. Tudo que está fadado a acontecer, já aconteceu e vai acontecer novamente. É o ciclo do universo.

Encarava o leão em sua bengala durante a fala. Respirou fundo com a dificuldade de pulmões cansados em hora extra.

— Me entretenha um pouco com um desafio lógico, rapaz.

— Se pudéssemos mapear o estado de todas as partículas do universo, com precisão máxima, um computador forte o suficiente poderia... prever o futuro⁹⁵?

Orwell parou para considerar a pergunta.

⁹⁵ **Previsão determinística total** = ideia derivada do pensamento clássico newtoniano, segundo a qual, se fosse possível conhecer com precisão absoluta o estado (posição e velocidade) de todas as partículas do universo em um dado momento, um agente com poder computacional infinito — como o hipotético *Demônio de Laplace* — poderia prever todo o passado e futuro do universo. Essa visão é desafiada pela mecânica quântica, onde a incerteza e a interferência do observador tornam a previsão fundamentalmente probabilística, e não absoluta.

— Talvez? Até onde eu sei — que é quase nada — a parte quântica deixa tudo esquisito. Mas tirando isso, acho que sim, se tivesse um computador grande.

Irina soltou um riso chiado. Orwell estava gostando da senhorinha diante de si.

— E... se tivéssemos essa habilidade. Como você acha que a sociedade funcionaria, se todos soubessem a próxima coisa que vai acontecer? — perguntou, acariciando o leão como se fosse um ser vivo dotado de preciosidade.

— Acho que depende do quanto longe conseguimos ver... Se um sujeito sabe que em dois anos vai estar firme e forte, poderia tentar se matar das maneiras mais absurdas possíveis e falhar. Você cria um paradoxo invertido.

— Ou as leis da física quebram para impedir que o sujeito se mate, ou o universo quebra e deixa de ser predeterminado. Por essa lógica, você quebra a estrutura do cosmos ao ver o que acontece em seguida — finalizou Orwell.

Irina estava mais do que satisfeita com a resposta. Balançava a cabeça em concordância.

— Como observar um entrelaçamento quântico. Você olha a partícula e ela quebra — completou Irina.

— A não ser que o universo tire seu controle sobre si, e você acabe virando um espectador de decisões que não quer tomar, mas está obrigado a fazer — disse Orwell.

— Se tal tecnologia existisse, saber o que vai acontecer é um Direito Universal? — perguntou Irina, dissecando Orwell com olhar avaliativo.

Orwell já estava com a cabeça rodando com a quantidade de informação, embora estivesse se divertindo bastante.

— Hm... Não sei. Se observar o próprio futuro te tornar um espectador passivo de si, acho que seria tortura. Mas também outras pessoas não poderiam olhar o futuro alheio, porque também ia quebrar o sistema.

— Seria um Direito Universal se fosse aplicado para todos simultaneamente, assim você tem duas possibilidades, condena a humanidade a se assistir em terceira pessoa, ou quebra o sistema. — finalizou Orwell.

— Você é um rapaz inteligente, Orwell.

— Uma última pergunta.

Irina pausou enquanto se levantava da cadeira.

— Você quer? — Caminhava em passos lentos na direção de Orwell, até parar atrás dele, pairando como um predador aéreo que procura o melhor momento para mergulhar,

— O quê? — disse Orwell, ainda com o olhar virado para frente. Não tinha coragem de virar para encarar a senhora.

Irina se curvou por trás da cadeira, colocou o rosto paralelo ao de Orwell, de forma que o repórter só conseguia ver sua sombra, pelo canto do olho, embora sentisse o calor ancestral emanado pela pele enrugada. Um calor diferente, com personalidade, que parecia conversar com ele em línguas perdidas.

Sraknova finalmente falou, consoantes saíam arranhando a garganta com forte sotaque Russo.

— *Ver o seu futuro?*

27.4 O FANTASMA DE SRAKNOVA

VINTE DE FEVEREIRO DE 2095

Orwell estava novamente na sala de Irina, para efetivamente iniciar suas funções como gerente de mídia.

Curiosamente sentia-se constantemente observado. Não somente na Fundação, mas em qualquer lugar que fosse. E alguma voz dentro de si dizia que não era obra da Fundação.

Já tinham rapidamente ganhado uma boa intimidade entre si, nos dois últimos dias, com inúmeras discussões filosóficas do mesmo estilo.

— O que exatamente eu vou fazer, Irina?

— Veja bem, Orwell. Eu vi como você traduz os conceitos técnicos que Will te ensinava, dando voz ao público geral. Quero que faça algo semelhante comigo. Com a Fundação. — Irina acariciava o dorso da própria mão.

— Você não pareceu perturbado pelo que viu por acaso aquele dia. Posso perguntar o motivo?

— Fodam-se os recém-nascidos — disse Orwell rindo.

Irina não gostou da resposta, sua expressão fechou de forma amedrontadora.

— Estou brincando. Estou brincando — disse Orwell, levantando os braços, numa tentativa de desengajar a situação.

Fazem experimentos com humanos mas não gostam de um pouco de humor negro.

— Eu não tenho exatamente um compasso moral, por assim dizer. Coisas ruins acontecem de um jeito ou de outro. E não tenho poder pra mudar nada. Então por que ficar abalado com isso?

— Pelo menos vocês estão fazendo alguma coisa com isso. Não vejo mal em usar métodos controversos para avanço científico.

Irina assentiu em aprovação.

Ufa.

— O que é um fantasma, **Orwell**? — perguntou Irina. Sempre que dizia seu nome, forçava o sotaque russo, por algum motivo.

Hoje ela tá fogo com as perguntas abstratas.

— Hm... uma pessoa morta que assombra...?

Irina balançou a cabeça em negativa.

— O que um fantasma representa?

— A essência de alguém que morreu? A memória?

Irina bateu a bengala no chão. O som ressoou num baque com o impacto da borracha contra a madeira do piso, fazendo Orwell sobressaltar momentaneamente.

— Bingo!

— Esse vai ser seu trabalho, rapaz — disse Irina.

Orwell não entendeu.

— Ser... um fantasma?

— De certo modo... Você irá fazer o que fazia com a ajuda de Will. Registrar e relatar nossos experimentos, de forma... mais digerível para o público em geral. Evitar controvérsias. Também fará o mesmo para mim.

— Você vai ser o Fantasma de Sraknova.

27.5 ORWELL — FUNDAÇÃO

VINTE DE FEVEREIRO DE 2096

Will não falava com Orwell desde que fora contratado, sequer haviam se visto. Tanto pelo fato de Will ter sido promovido para Diretor da Fundação, quanto por ter perdido completamente a confiança no amigo, depois do incidente.

Ao longo do tempo em que Orwell trabalhou com a Fundação, suas matérias tiveram sucesso baixo-mediano. Seja por azar, desinteresse do público, ou simplesmente por ser ruim no que fazia.

Não era isso que desejava para sua vida. Queria fama, sucesso e reconhecimento. Consultor de mídia estava abaixo do que acreditava ser a posição que merecia.

Embora já possuísse um belo dossier de experimentos controversos, iria lançar sua carreira solo de forma bombástica e, para isso, deveria seguir a única rota em que exercia absoluta excelência. *Cutucar vespeiros*.

Orwell entrou com suas credenciais na área dos laboratórios, casualmente... no meio da madrugada. Sabia bem onde ficavam os terminais com conteúdos mais pesados e controversos, ia pegar todos os dados.

O plano era genial. Se alguém lhe perguntasse o que fazia lá, era só inventar alguma desculpa.

O edifício estava completamente vazio. Todas as luzes apagadas, deixavam o subsolo um breu que ressoava a melancolia das almas que lá sofreram.

Tá tudo bem. Sou só mais um fantasma entre vocês.

Cada passo ecoava por todo o corredor. O único ponto de luz de sua pequena lanterna de mão, mal conseguia iluminar além de seus pés.

Porém ficava constantemente imaginando virar um corredor e se deparar com a cadavérica Irina e seu assustador olhar de deceção.

Respira. Você só veio buscar uma jaqueta esquecida e mais nada.

Orwell viu algo correndo pelo canto do olho num corredor lateral. Um vulto rápido.

Começou a suar frio.

Acelerou o passo.

Desceu as escadas de incêndio para o setor que lhe diziam não ser permitido, porém nunca testou se de fato as credenciais abririam a porta.

Deslizou o cartão, tenso. A máquina piscou por um instante... verde. Desbloqueado.

Esse andar tinha as paredes de pedra escavada. Nem se deram ao trabalho de colocar paredes falsas para parecer mais oficial. A porta fechou automaticamente com um estrondo que fez Orwell saltar assustado.

Agora realmente parece uma caverna medonha.

Achou um console que talvez tivesse os dados que queria.

Se aproximou para plugar o voxal, mas um segundo estrondo quebrou o silêncio.

A porta de incêndio fechando novamente.

Orwell abaixou e apagou a lanterna.

Ouvia passos na distância, mas nenhuma luz.

Se aproximavam na direção pela qual tinha vindo.

Orwell segurou a boca com as mãos, para abafar até o som da própria respiração.

Os passos pararam, como se tivessem evaporado ao ar.

Será que realmente era um fantasma?

Orwell manteve a mesma posição por quase dez minutos, em busca de qualquer semelhante de movimento. Nada

Levantou e ia plugar o voxel no console.

Uma mão veio por trás, tapando sua boca. Seu coração parou por um instante.

— Or... Fica quieto, caceta — cochichou. Era Will.

Orwell respirou em alívio, era só o Will. O mesmo Will inocente e ingênuo que conheceu a passou anos junto.

Will segurou a mão de Orwell e puxou ele, em silêncio para uma sala de escritório.

Trancou a porta de entrada e acendeu as luzes.

Orwell ia começar a se explicar.

— Nem tenta, Or — cortou Will.

Ficou em silêncio e abaixou a cabeça, envergonhado.

Will abriu um monitor e mostrou para Orwell, filmagens, de tudo. Qualquer movimento que ele fazia, assistido 24 horas por dia. Seu quarto, banheiro, de alguma forma, caminhando em ruas aleatórias. Até mesmo dentro de veículos.

— Quando você pensou em deserdar, a análise neural do sistema já sabia. Você só está vivo até agora por minha causa.

— Queriam te apagar no momento em que demonstrou a primeira microexpressão de hesitação com o trabalho e o perceptual probabilístico de vazamento subiu pra meros 4%.

— Eu que estou segurando sua onda.

— Você vai fazer o seguinte. Sumir pra outra cidade. Esquecer tudo que fez para a Fundação. Nunca mais dar um pio ou fazer qualquer menção ou contato com qualquer pessoa que tenha o mínimo de relação com esse lugar. Você me entendeu?

Will estava de terno, provavelmente por estar em cargo político. Sua expressão demonstrava uma frieza angustiada.

Orwell não soube responder.

Will puxou uma arma da cintura. Apontou para Orwell, que não conseguiu expressar nada além de choque. Nunca imaginara seu amigo sequer ameaçando uma mosca, muito menos a si.

— O que eles fizeram com você, Will? — perguntou Orwell, num cochicho quase inaudível.

— Or... Você. Me. Entendeu?

— Quem entra aqui, não sai. Você vai ser a única alma que já saiu da Fundação. Isso porque sou seu anjo da guarda, e vou continuar sendo enquanto estiver no meu cargo.

Will bateu na mesa. Ao mesmo tempo que parecia querer chorar, também tinha extrema frustração e raiva no olhar. Orwell pulou para trás com o susto.

— Você me entendeu Orwell??! Eu falei. Eu falei pra você não sair da sala. Puta merda Orwell. Eu falei! E aí você se mete nessa.

— Desc... — seu cochicho arrependido interrompido.

— Imbecil! Imbecil! Você sabe o que iam fazer contigo? Você nem imagina. Eu nem ia ter o corpo de um amigo pra enterrar.

— E não vai ser hoje que vou te enterrar. Mas vou adiar esse funeral pelo maior tempo que conseguir. Te garanto isso. Mas você. Precisa. Sumir. Eles vão continuar te olhando, onde quer que esteja Or. Você nunca mais vai ser invisível.

PARTE 28 — DEGENERADOS

28.1 ORWELL — ILHAS ANZHU — PRESENTE

VINTE DE MARÇO DE 2125.

Orwell soltou um grunhido em desagrado ao ser puxado de volta para a realidade tridimensional após o timer do palácio esgotar. Suas constantes dores de um corpo em recuperação, presos numa mente fragmentada e presa no meio da porra da sibéria, com um militar e um vegetal.

— Bom dia SOL — disse Orwell, ao encontrar o militar, entediado na sala de convivência.

Esse aí parece pior que eu.

O militar não estava lidando bem com o isolamento e falta de que fazer.

— Orwell... — respondeu em cumprimento automático, sem mover o olhar da pequena televisão na parede.

Orwell tinha pego o hábito de ter monólogos com o militar, como se fosse uma espécie de diário. Não achava que fosse particularmente brilhante — na realidade, questionava se o sujeito sequer existia nessa altura — mas com certeza falar com um ser humano era mais saudável do que com a parede.

— Vamos à lista de afazeres. Falar com MDK, olhar Will... ah, foda-se.

Foi até o telefone fixo do local e discou o número que Ellian lhe passou.

Uma voz robótica recebeu a ligação.

— Você está ligando para o centro prisional B. Diga o nome de quem quer falar.

— MDK — disse Orwell, entediado.

— Desculpe, não temos nenhum prisioneiro chamado Emmê Decat. Aguarde para falar com um agente físico.

Após alguns minutos tentando explicar com quem queria falar, finalmente foi recebido pela voz com que havia se acostumado a ter longas conversas, duas vezes ao dia.

— Orwell! Que surpresa agradável! — disse MDK.

— Por que você me colocou no meio disso tudo? O Senador, o voxelcard, o hotel?

Orwell foi direto ao ponto. Não deixaria MDK lhe seduzir com doces mentiras.

O General respondeu sem delongas. Jogos já eram desnecessários.

— Eu sabia que você era duro o suficiente para fazer o que precisava ser feito.

— Sabe, Orwell... Eu te conheço desde a época que entrou para Fundação. E de alguma forma, acho que já me notou, mesmo que de maneira inconsciente.

— Admiro seu caráter — finalizou MDK.

A voz do General parecia genuína, embora fosse difícil saber se aquele homem era sequer capaz de expressar emoções verdadeiras.

— E ainda assim, me transformou em terrorista? — questionou Orwell, indignado.

— Já parou pra ver a opinião pública sobre o Fantasma de Sraknova? Você virou mártir. Figura de resistência.

— Não pedi por nada disso, MDK...

— Algum dia você vai me agradecer. Só fiz ressurgir um legado. Te tirei daquela miserável vida decadente que estava preso.

Orwell, mesmo que contrariado, via algum sentido nas palavras do General. Mas não iria admitir.

— Por que você pediu pra te ligar?

— Alguns motivos... Orwell, você tem todas as cartas na mão para desconfiar de mim, mas nunca atentei contra sua vida. Ellian é uma bomba relógio desenfreada. E você? Na toca dele, no meio do ártico.

— Me diz algo que eu não saiba. Por sinal, MDK... talvez o nome San-Lehan te traga algumas memórias...

MDK tencionou levemente o corpo, mas não deixou transparecer na voz.

— De onde conhece esse nome? — perguntou.

— Eu faço as perguntas, General.

— Por que San foi enviado para Éris? Essas informações estão acessíveis para Ellian?

O General apoiou a mão no rosto e encarou a parede com olhar vazio..

— San foi um experimento da Fundação. O resgatei. O garoto tem habilidades excepcionais. Precisava ser mandado para longe de Sraknova — respondeu, objetivamente.

— Então aqui vai uma bomba pra você, MDK. San está à deriva, com Faced, rumo à estação de Urano, onde reside uma amiga sua... Fay Agby...

O General sentiu que estava jogando às cegas no tabuleiro. Quando foi que Orwell inverteu o jogo?

— Em quem você confia, Orwell?

— Sinceramente? Só no San, e em Pol, mas ele está em Marte até onde sabemos — respondeu Orwell.

— San é um bom garoto. Fay não vai fazer nada de errado, se eu conseguir falar com ela — disse MDK.

— Orwell, Pol fazia qualquer coisa que eu pedisse, sem questionar. Ele não é tolo, você sabe muito bem disso! Mas sim por confiar cegamente que sigo o caminho certo — continuou o General.

— E você acabou na cadeia, ele em Marte... — disse Or.

— Somente um contratempo funcional. Tenho muitas perguntas, Orwell. De onde você tirou todas essas informações? — Ponderou MDK.

— Caíram no meu colo, General. Por causa do turbilhão que você me meteu.

— Só sei de uma coisa. Ellian e a Fundação precisam cair e Pol precisa ser resgatado, assim como San. Sugestões? — perguntou o repórter.

— Assuma seu papel, Or. Seja o Fantasma de Sraknova novamente. Assombre a Fundação — disse MDK, com sorriso no rosto.

— Como? — perguntou Orwell.

— Você tem tudo em mãos para criar o estrago que bem entender — respondeu MDK.

28.2 MDK

— Achei que tinha dito que não faria mais pactos com o demônio — disse MDK, ocultando um sorriso sarcástico.

REX sentava diante de MDK na sala de visitas do centro penitenciário.

— Antes o conhecido que o duvidoso... e tudo naquele lugar é duvidoso.

— Os canais de comunicação estão extremamente agitados. O número de contratantes nunca foi tão alto — disse REX, após uma breve pausa.

Por trás da seriedade militar, a tensão de REX era palpável. Em sua linha de trabalho, as aposentadorias costumavam ser compulsórias e letais. Dentre os mercenários da ativa, REX era um dos mais veteranos e experientes. Porém, mesmo assim, não sabia interpretar o que estava aquecendo na panela de pressão. Recorrer ao MDK pareceu a única alternativa viável para evitar se associar ao grupo errado.

— Boas oportunidades no mercado de trabalho então, meu colega! Deveria estar comemorando — disse MDK.

— Vamos pular os jogos, General. O que significa todo o nervosismo entre o alto escalão corporativo?

MDK pausou, como se brincasse com fichas de poker, considerando a próxima jogada ideal.

— Pergunta errada, REX — respondeu, com olhar penetrante.

— Eu preciso saber o que está em jogo! — disse REX.

— Pra quê? Vender seus músculos pra quem pagar melhor, ou ficar do lado certo da história? — perguntou MDK. — Vocês são muito mimados! Parece que nunca viu uma guerra fria na vida! Não dão mais aula de história no exército?

REX não respondeu.

— Você deve estar desesperado pra vir pedir conselhos para alguém atrás das grades. Eu apostei errado e perdi. Saiba quando sair da mesa, garoto. Procura alguma mansão numa lua tropical, o mais longe possível. Essa é a única aposta certa. Você com certeza tem mais do que dinheiro suficiente para isso — disse MDK, abanando um indicador ao ar, entediado.

Abaixou o dedo e entrelaçou as mãos em frente a boca, ocultando a expressão de quem sabe a próxima resposta.

— Não me diga que você não consegue parar?

— E você consegue, MDK? Alguém na nossa linha de trabalho sabe parar? — *As perguntas vieram intensas, REX percebeu e prosseguiu com voz suave.* — Eu fiquei duas semanas no ártico assistindo um grupo de degenerados, por pura curiosidade sobre o que acontecia — disse REX.

— Eu invejo sua posição. Presenciou o estopim de uma guerra corporativa e nem sabe qual foi. Ainda por cima tem o luxo de escolher para qual lado lutar. E vem me pedir conselhos? Me poupe — respondeu MDK.

— Não quero conselhos, mas sim aprendizado — disse REX.

— Já ofereci minha melhor sugestão. Aposentadoria.

— Caso esteja fora de cogitação... — MDK pausou por tempo suficiente para aumentar a expectativa de REX. Estava regando o solo o suficiente para permitir o germinar de uma semente, sem afogá-la.

— Não defenda uma causa. Esqueça semblantes de honra. Deixe todos ao seu alcance, sem nunca parecer próximo o suficiente para ser uma ameaça.

— E caia fora da panela de pressão. Ela vai estourar e ninguém sairá ilesos. *Você vai querer assistir de longe... mas não tão longe.*

— Eu? Se estivesse livre, iria escondido para a casa do vizinho para ver o que acontece depois da panela explodir.

MDK questionou por um instante se estava superestimando a inteligência de REX. Essa peça era temperamental e precisava pensar que as ideias fossem próprias. *Aposta arriscada.*

[DUAS SEMANAS DEPOIS]

— 39... — Os braços tremiam como um idoso portador de Parkinson. Já tinham passado do limite e precisavam ceder.

Precisava de energia para erguer o torso uma última vez. Nunca desistiu na vida, não desistiria agora.

— Eu... não sou. Velho. — disse entredentes conforme reunia frustração o suficiente para superar a queimação muscular e tontura. Num último impulso, conseguiu erguer o torso.

— 40... — disse MDK, para si mesmo, após terminar sua sequência de flexões. Cambaleou por um momento ao andar para a cama e sentar com a cabeça entre as mãos.

Para um homem que passou a vida inteira com a faca nos dentes, esteve à beira da morte mais vezes do que conseguia contar e desafiava o sistema, mesmo que estivesse dentro dele, definhar atrás das barras não era um prospecto agradável. Até mesmo vergonhoso para alguém na sua linha de trabalho. Não se importava entre morrer em glória ou desonra, desde que fosse em campo de batalha.

— Ainda tenho tempo pra muitas apostas campais — mentiu para si, na tentativa de afastar a humilhação que jamais sentira na vida.

Miau — O som veio repentina num presságio de algo maior.

MDK olhou para as barras da janela de sua cela. Um feixe solar solitário deixava as partículas de poeira, tão leves quanto o ar, visíveis.

Esse quadrado de quinze centímetros era todo o semblante de ar fresco e luz solar que tinha direito. O único contato com seres vivos acontecia nas raríssimas ocasiões que alguém lhe visitava ou telefonava. Talvez estivesse perdendo a cabeça, mas até uma alucinação seria muito bem-vinda nessa altura do campeonato.

Remi encarava-o pelo lado de fora, recostado no parapeito de concreto. Um dos olhos parecia brilhar em tons magenta. O outro estava fechado. O General imaginou que o gato estivesse com olhar de pena, mas logo descartou o pensamento. O desejo por contato era tanto que agora tentava analisar um felino, fruto da própria imaginação.

— Heh. — Um semblante de graça com a linha de pensamento.

— Venha cá, pequenino — disse MDK, suave.

Remi tomou seu tempo. Arqueou a coluna num alongamento preguiçoso e se esfregou contra a barra metálica, provocativo. Parecia dizer *vou ou não vou?*

Talvez tenha decidido não ir. Apenas rodopiou no lugar e se acomodou no concreto quente, aproveitando o último resquício de luz solar, bloqueando a fonte de vitamina D do General.

Remi visitou MDK todos os dias, precisamente às oito da manhã e oito da noite. Ficava feliz com a companhia do felino, seu único contato com seres vivos desde a visita de REX.

Nunca entrou na cela, mesmo em dias chuvosos ou de nevasca. Sempre deitava-se no parapeito ao lado de fora.

E assim foi, por trinta anos.

Depois Remi não veio mais.

28.3 ELLIAN

Ellian estava sentado em frente a sede da GOES. Observava o contraste dos vandalismos de protesto, com a limpeza do cosmos.

A nebulosa de Oort realmente tinha ficado muito bonita no céu noturno.

Que porra eu fui me meter? — esfregou o rosto.

Jaques ligara mais cedo e Ellian nem mesmo expressou alívio, felicidade. Nada.

Estava viciado no jogo corporativo, embora odiasse-o.

Acho que já deu. Gray apresentou os tais cientistas e seu micro colisor observatório no mês anterior. A ferramenta era medíocre, primitiva. Sequer conseguia vislumbrar mais que um borrão da quarta dimensão. Ele não está me contando alguma coisa.

Ainda assim, o outro Diretor estava numa rota de ascensão com a GOES. Não somente como instituição de pesquisa, mas sim de fiscalização.

Ellian relia as trocas que tivera com Fay Agby. *Não ajudou em nada.*

Só vou conversar pessoalmente ou ao vivo. Pequeno contratempo é que resido próximo à Urano. Ou você vem até aqui, ou use alguma forma particular que simule comunicação instantânea, se tiver acesso.

Simule comunicação instantânea... Nunca ouvi falar de algo assim. Ela deve estar sondando se sei de algo. E é extremamente suspeito alguém no fim do sistema solar. Poucas organizações tem recursos para colocar instalações tão longe.

REX se aproximou com cautela, como se o menor susto pudesse quebrar Ellian.

— Se me permite uma sugestão...

Ellian reclinou a cabeça no banco e fechou os olhos. Fazia fotossíntese do brilho lunar.

— Diga... diga...

— Dizem que a Fundação possui sistemas que permitem contato particular instantâneo entre diretores...

Ellian fitou REX.

— Cathy não vai me deixar chegar perto da Vlad-2. Estou travado para resolver o Will faz algum tempo. Não consigo nenhum progresso. Até seria uma boa moeda de troca. — Tinha se levantado ao longo da fala.

— Já pensou em buscar ajuda externa? A Mithrill Inc. tem bons especialistas.

Ellian fez um gargalhar forçado. Era orgulhoso demais para abaixar a cabeça e pedir ajuda.

Recebeu um Ping de Gray.

Ellian, se arrume. Teremos reuniões com governos Russo e Americano em algumas horas. Veja se a Sky tem recursos para oferecer em termos de defesa orbital e naves exploratórias.

Bom, ele prometeu capital político e está me envolvendo nas reuniões. Menos pior. Claro que a Sky tem recursos pra isso. Juntamos uma fortuna em pré-compras das naves de êxodo, as estações nos Lagrange estão em andamento. Tudo vai ficar pronto em alguns meses.

28.4 CATHY — MIRA — VLAD-2

Ambas se levantaram atordoadas quando o temporizador do palácio despertou novamente suas formas físicas. Encararam-se brevemente, como cães medindo território, e em seguida, quase em uníssono, riram. A conexão entre elas era palpável.

Cathy ergueu-se num único movimento, saltando para ficar de pé, e ofereceu a mão para ajudar Mira a se levantar.

— Acalmou? — perguntou Cathy, com um sorriso agriadoce. — Você ganhou a briga, afinal. Mira revirou os olhos.

— Por onde começamos?

— Bom, preciso falar com a tal da Fay. Que tal você dar uma olhada com calma nos documentos que eu não tenho o menooor saco de ler?

Mira sorriu enquanto se dirigia à mesa de Cathy.

— Feito.

— A propósito, sobre o que é esse protocolo Sraknova? — perguntou Cathy, mudando de assunto.

— São medidas de defesa da Fundação. Parece que Will o ativou junto com a manifestação do Palácio — respondeu Mira, já começando a analisar uns papéis.

— A Fundação detectou a quebra de localidade quântica nos sistemas. Ele deve ter interpretado aquilo como uma das instituições de pesquisa alcançando um avanço sem

precedentes e enviado Sentinelas investigativos e de combate para todos os locais que atuam nessa área.

— Sentinelas de combate? Eu nunca criei nada do tipo — retrucou Cathy, surpresa. Mira deu de ombros.

— Parece que foi uma das linhas de pesquisa enviadas para Marte, incluindo o próprio projeto Sentinel e os estudos sobre consciência fragmentada...

O rosto de Cathy ruborizou de raiva.

— O canalha do Will não me avisou nada disso! Não se sai distribuindo linhas de pesquisa sem perguntar aos donos! — Pegou seu voxel e começou a digitar rapidamente uma mensagem.

— O que você está fazendo, Cathy?

— Apressando o merda do Ellian.

No visor do voxel, a mensagem tomava forma:

Escuta aqui, rato imprestável. Seu namorado já está pronto para voltar, mas se você não trouxer o Will de volta ao normal, vou transformar a cabeça dele em purê de delírios. Pare de enrolar. Com amor, Cathy.

Ela guardou o voxel com um movimento brusco.

— Mira, quando acabar com os documentos, vá dar uma olhada no Francês babão. Ele já deve estar funcional. Tenho um encontro marcado — finalizou Cathy, já se afastando.

28.5 CATHY — SALA DE REUNIÕES VIRTUAIS VLAD-2

Cathy gastou mais tempo do que gostaria de admitir preparando seu ambiente de recepção virtual.

A criação era uma declaração de poder e perversão. Um anfiteatro materializado em vastidão que desaparecia com qualquer senso de individualidade. Cortinas púrpuras desciam do teto invisível, ocultando o palanque.

Pilares de sustentação erguiam-se em mogno africano entalhado para retratar cenas de roedores em agonia — corpos contorcidos, mandíbulas escancaradas em gritos silenciosos, olhos saltados em terror.

O espetáculo, projetado tanto para impressionar quanto para aterrorizar, era o palco perfeito para Cathy medir as reações e dissecar o temperamento de seus convidados.

Uma vez satisfeita com sua obra, agraciou seus inauguradores com convites — as Estações Umbriel e Marte, que considerou serem de mais simples manipulação.

Minutos depois, as transferências de consciência materializaram Fay e Marte na terceira fileira, em trajes de gala.

Antes que pudessem processar a beleza perturbadora do ambiente ou a ausência de Cathy, o silêncio foi cortado.

Cathy, atrás das cortinas, gesticulou como maestrina para os violoncelos de uma orquestra invisível, que iniciou uma nota grave acima dos recém-chegados.

O impacto sonoro surpreendeu os visitantes, causando com que saltassem de seus assentos.

As cortinas deslizaram para as laterais, dando lugar a uma Cathy, que parecia mínima no centro do palco. Não queria parecer imponente, mas sim mostrar o caos encarnado que era.

Segurava um violino que parecia não querer estar lá, feito de osso polido e cordas de ouro vermelho. Um instrumento impossível. Uma abominação criada por uma artesã delirante.

Não houveram saudações, apenas o levantar do instrumento ao ombro, o arco pairando por um instante carregado de eletricidade.

E a performance começou.

O que se seguiu não foi uma melodia, mas um assalto aos sentidos. Cada nota que Cathy arrancava do violino era hipnotizante numa grandiosidade febril.

Em inegável precisão, executava cada vibrato e staccato perfeitamente. Os temas ascendiam em crescendos que, sem aviso, quebravam em notas graves e cortantes.

Cathy tocava com os olhos fechados, num misto êxtase e crueldade, moldava o silêncio, impondo sua vontade sobre a própria estrutura da simulação. Fay e Marte, imóveis, eram só ratos enjaulados.

Essa era sua teia sonora, seu núcleo traçava cada matriz em volta dos convidados, sem que percebessem, enquanto a maestrina do caos observava as reações com a intuição de quem conhece profundamente os mecanismos da mente humana.

Quando a melodia chegava ao ápice do terror, a artista parecia ter sido substituída. O som disforme transitou para algo suave, dessa vez melódico, emotivo, durante o fechamento distonante do restante da obra.

O silêncio envolveu de volta o salão, como o ar preenche um recipiente no vácuo. Restou Cathy, ofegante, braços relaxados e violino ainda em mãos, pendente.

Fay e Marte levantaram ovações encantadas e exclamações de bravo. Especialmente Fay, que adorava incorporar a misancene da simulação, ganhara uma admiração por Cathy, desfazendo a primeira impressão negativa que tivera.

Cathy pousou o violino em seu pedestal, cada movimento calculado. Sentou-se à beira do palco, pernas balouçando sobre o abismo entre ela e seus convidados.

— Essa foi a melhor simulação até agora! Parabéns, Vlad-2! — entoou Fay Agby, o rosto corado de excitação.

Cathy inclinou a cabeça, estudando Fay como uma cobra estuda um rato.

— Agradeço... — respondeu, ainda ofegante — Mas pode me chamar de Cathy.

Os sorrisos congelaram. Umbriel e Marte trocaram olhares rápidos. Nomes e apelidos eram sempre filtrados pela simulação...

Ela violou o bendito protocolo de segurança — Pensou Marte.

Cathy observou a mudança súbita na linguagem corporal de Marte — não era surpresa, mas resignação. Reconhecimento.

— Interessante — murmurou ela. — Você já sabia.

Marte empertigou-se, o corpo tornando-se uma fortaleza instantânea.

— Como...? — começou Fay, o rosto descolorido.

— Só um instante. — Marte levantou-se, movimentando-se como quem tenta não acordar um predador. Seus olhos varreram os cantos escuros do anfiteatro. — É melhor vedar esse lobby. Encriptar o acesso.

Cathy deixou o silêncio se estender, saboreando o desconforto. Seu olhar vagou pelos pilares entalhados, onde os ratos se contorciam. Finalmente, sorriu.

— Já vedei, querido. Antes mesmo de vocês chegarem.

— Você vedou a própria intranet? — questionou Marte, cada palavra carregada de incredulidade calculada.

Cathy riu, o som ricocheteando pelas paredes como um projétil.

— Que pergunta peculiar para um Diretor fazer. — Ela inclinou-se para frente, os olhos agora predatórios. — Por que alguém se preocuparia em vedar sua própria rede... a menos que soubesse que não está sozinha nela?

Marte não respondeu. Cathy jogou no verde, e agora sabia que havia acertado algo.

— Ninguém está realmente sozinho nas redes da Fundação — murmurou ele, recuperando-se.

Cathy materializou um console virtual, dedos dançando pelo ar enquanto reescrevia a realidade digital ao redor deles.

— Pronto. Quem nos observar de fora verá apenas três Diretores entediados discutindo cotas de recursos e transferência de pessoal.

Sem pedir permissão, Marte conjurou uma tela voxelgráfica à sua frente, verificando os metadados da reunião.

O gesto não passou despercebido. *Dava pra fazer isso o tempo todo?!*, pensou Cathy, arquivando a informação.

Fay observava a tela flutuante com os olhos arregalados. Outro fragmento de informação — não era conhecimento comum.

Satisfeita com sua verificação, Marte relaxou minimamente.

— Okay, estamos numa linha segura. Pode continuar, Vlad-2... digo... Cathy.

— O que...? Não... — Fay parecia estar se despedaçando diante deles, palavras fragmentadas escapavam entre respirações aceleradas.

Cathy levantou, caminhando pelo palco com a mesma precisão com que tocara o violino. Suas mãos acariciaram um dos pilares entalhados, dedos traçando a agonia dos ratos esculpidos.

— Você quer saber como consegui quebrar a codificação de nomes, Fay? — O sorriso cresceu. — Do mesmo jeito que consegui rastrear sua conversa privada com Ellian sobre o MDK.

O rosto de Fay transformou-se numa máscara de puro terror. Balançou a cabeça freneticamente, mechas vermelhas e pretas voando como labaredas.

— Não, não, não. Não vou me meter nisso. Você é uma versão piorada do Will!

Cathy saltou do palco num único movimento fluido, aterrissando a centímetros de Fay. Segurou seu queixo com força suficiente para deixar marcas.

— Você já se meteu, foguinho. Desde o momento em que aceitou aquele convite da GOES. — *Soltou-a com um empurrão suave.* — E agradeço o elogio! Agora, vamos conversar como adultinhos, sem desesperar, vamos?

Marte permaneceu sentado, observando a cena com a cautela de quem avalia um experimento volátil.

— Bom, já que revelações estão na ordem do dia... — Ele ajustou o terno virtual, recuperando algo de sua dignidade. — Imagino que não faça sentido evitar apresentações, certo?

Voltou-se para Cathy com uma formalidade exagerada.

— Muito prazer, doutora. Tariq Diop. Diretor da Estação Marciana.

Viajante noturno, vindo de linhagem nobre, intelectual, calculou Cathy instantaneamente.

— E muito consciente de estar falando com a arquiteta por trás dos Sentinelas. — Cathy completou por ele, observando como seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo. — Fascinante que você saiba disso quando a maioria dos seus colegas pensa que o projeto morreu com Irina.

— Bom, dizer que ela morreu... é pedir demais.

Tariq deixou escapar um suspiro, recompondo-se rapidamente.

— Seus métodos com inteligências fragmentadas são... revolucionários.

— São, não são? — Cathy circulou a cadeira de Tariq como um tubarão. — Tão revolucionários que alguém achou por bem transferi-los para Marte.

Ela parou atrás dele, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido:— Sem o conhecimento da criadora.

O corpo de Tariq enrijeceu completamente.

— Foi uma decisão do Conselho. — Sua voz traiu um tremor quase imperceptível. — Trocamos pela nossa linha de Inconsciente Coletivo Primário.

Cathy golpeou o braço da cadeira com tanta força que a simulação produziu rachaduras no material virtual.

— MENTIRA! — berrou, a composição desmoronando. A orquestra invisível reagiu com um estridente acorde dissonante. — Will não sacrificaria os Sentinelas. NUNCA!

Fay encolheu-se em seu assento, protegendo o rosto como se esperasse estilhaços.

Tariq permaneceu imóvel, apenas seus olhos seguindo Cathy, que agora andava em círculos frenéticos.

— E agora descubro que Pol Libberman está com você. — Sua voz havia abandonado a fúria, substituindo-a por algo mais perigoso: precisão clínica. — Meu rato de laboratório favorito. Embora "rato" seja um eufemismo generoso para o que resta dele.

Tariq ajeitou a postura, firmando os pés no chão como quem se prepara para um impacto.

— Ele agora é parte do Projeto Sentinel. — Fez uma pausa, medindo cada palavra.
— Ordens do seu antigo Diretor.

O sorriso de Cathy cresceu, revelador e ameaçador.

— Então Will ainda tem segredos atrás do coma. — Ela se virou para Fay, que tentava tornar-se invisível em seu assento. — E você, foguinho, vai me ajudar a descobrir o que a GOES está planejando.

Fay abriu a boca para protestar, mas Cathy ergueu um dedo, silenciando-a.

— A partir de agora, você é minha principal associada na GOES. — O sorriso tornou-se quase maternal, infinitamente mais assustador. — Ofereça estadia VIP e transporte expresso para o Diretor Ellian. E cada palavra que ele disser...

Ela materializou um dos ratos entalhados na palma da mão, suas pernas torcidas em ângulos impossíveis.

— ...vai chegar diretamente a mim.

28.6 JAQUES — VLAD-2

Após mais uma bateria de exames e testes psicológicos pela equipe da fundação, Jaques teve alta e foi declarado completamente curado. Cortesia de métodos de análise de vanguarda, criados por Cathy ao longo das últimas décadas.

— Parabéns pela alta, Jaques! Estou muito orgulhoso de você, amigão! — disse o médico excessivamente simpático, estendendo o punho em cumprimento.

Jaques deixou os ombros caírem em resignação e bateu o punho com o médico.

— Grato. Estou liberado então?

— Sim senhor. Só dê uma passadinha na Diretoria para planejarem sua rota de retorno.

Ajustou o blazer enquanto saía do hospital em que estivera internado por mais de dois meses. A simulação da segunda fase do exame criou um rombo em sua consciência, que seria praticamente incurável... se não fosse por Mira e sua perícia microscópica em trabalhar diretamente com os núcleos.

Conforme ela recosturava o núcleo de Jaques, seu tratamento avançava em ótimo ritmo de recuperação. “um milagre” segundo os médicos, pois os demais candidatos expostos à segunda fase não tiveram progresso algum em termos de melhoria.

Ao longo desse tempo, esteve completamente alheio aos acontecimentos recentes. Não lhe permitiam assistir ao noticiário, porém acreditava que Ellian fosse competente o suficiente para lidar com qualquer pendência da Sky.

Sequer desconfiava que sua empresa agora era peão num jogo político-econômico-científico, ou que abrigava um terrorista debaixo de seu teto.

Quando finalmente pôde ter um vislumbre do espaço no lado de fora, observou pela primeira vez a Nebulosa de Oort, cujo brilho aumentava mais a cada dia, conforme a luz dos pontos mais distantes alcançava o sistema solar interno.

A olho nu era impossível saber a distância da formação que via. Apenas admirou por alguns momentos, imaginando ser resquício de alguma supernova extremamente massiva em galáxias distantes.

Com seu voxel finalmente liberado, enviou um ping para Ellian. Não seriam viáveis chamadas diretas, devido o delay de minutos entre a estação e a Terra.

Ellian. Estou melhor, vou retornar em breve. Como estão as coisas aí em baixo?

Recebeu uma resposta minutos depois.

Jaques! Eu estava morrendo de preocupação. Muita coisa aconteceu... vou ter que te atualizar aos poucos. Estou na Diretoria da GOES agora... Longa história... Me avise quando estiver vindo!

Ellian diretor da GOES? Mas como assim?

Sua mente turbilhava com todas as perguntas que ninguém sabia responder. Destino dos candidatos do exame, sobre MDK, Ellian e afins.

Não imaginava como o contexto só ficaria mais confuso após sua visita à Diretoria.

28.7 MIRA — VLAD-2

Enquanto Cathy estava em sua reunião, Mira ficou por conta da pilha de documentação que Cathy certamente jamais leria. Os segredos da Fundação realmente estavam todos naquele dossiê.

...estaçao Vlad-2 é Irina Sraknova... ...sentinelas de combate experimentais... ...experimentos com o inconsciente coletivo e conexões quânticas... ...crianças prodígio fruto de experimentos...

Era um derrame narrativo sem fim. Depois que o Protocolo foi ativado, esses Sentinelas foram enviados para várias instalações de pesquisa ao redor do mundo, a fim de investigar.

Espero que não role uma guerra civil por causa disso.

Mira ligou o noticiário após horas de leitura. Fazia tempo que não via como estava a situação em solo terrestre. De vez enquanto até mesmo se esquecia que não estava na Terra.

INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

[Abertura mostrando o sistema solar em panorama minimalista e aproximando zoom na Terra — Ao final, a logo da GOES e transição para o estúdio]

- Boa noite! Hoje no IIC.
- Funcionários públicos são depostos em cascata ao redor do mundo. Juízes, Delegados, Prefeitos, Senadores e até alguns presidentes foram presos em ação simultânea em mais de cem países.
- Protestos irrompem em cidades ao redor do mundo exigindo maior transparência de empresas de pesquisa. Instalações da Fundação em solo são alvo de vandalismo e destruição.
- A instabilidade institucional intensificou a crise econômica, causando com que bancos fechassem as portas e proibissem saques em massa.

— Porta voz da GOES avança com projetos de leis para maiores restrições sobre operações espaciais — *Com o apoio da população e dos Governos mundiais, finalmente poderemos acabar com a era de monopólios e controle abusivo. Fiscalização e controle são essenciais, e a GOES é o caminho para isso. Empresas sem coleira são piores que terroristas* — disse Gray, novo Diretor Geral da GOES.

— Conflitos armados são relatados dentro de Centro de Operações da Mithrill Inc — Testemunhas afirmam avistamento de homens cinzentos. Não há relatos confirmados de casualidades.

— Fantasma de Sraknova se torna ativo na internet e agrupa seguidores com discurso de sabotagem corporativa e ataques à Fundação Nova.

— Novos players no mercado científico! Sky Itda. surge como potência promissora e promove coleta de subsídios para financiar operações de êxodo do sistema solar. Relatos de doações na faixa dos bilhões, após a aparição da misteriosa Nébula de Oort, que agora ilumina o céu noturno.

Não acredito. Tá tudo um caos lá em baixo.

Uma voz masculina suave veio de trás, estarrecendo Mira.

— Boa noite — disse o homem de sotaque elegante.

Mira se virou para uma mútua surpresa.

— Jaques?

— Mira?

O cientista parecia completamente recuperado, sadio de corpo e mente, assim como paz interior. Mira correu até ele e se jogou num abraço.

Jaques não se moveu. Não tivera UM ÚNICO contato com essa menina, porém Mira já o conhecia intimamente, desde suas instalações, até os relatos de Ellian e, especialmente, seu núcleo, dentro do palácio.

— Desculpa. Eu me empolguei. Senta, senta — disse Mira.

Jaques desconcertado puxou uma cadeira e aguardou em silêncio, porém Mira apenas encarava-o com sorriso enorme de quem vê um unicórnio pela primeira vez. Ela só deve ter percebido que estava em silêncio, quando Jaques falou primeiro.

— Então... — começou Jaques.

Bastou isso para quebrar a barragem que continha tudo que Mira queria falar para o cientista. Foi um bombardeio que fez a Operação Meeting House⁹⁶ parecer brincadeira.

...não, porque Ellian... e o palácio... os núcleos... aí Cathy!... mas o MDK... e também Or... aí, aí, San-Lehan... quarta dimensão... colapso... dança dos ratos... Will... e os Sentinelas.

Eventualmente Jaques se levantou em silêncio.

— Peço perdão, Mira Wallow. Não sabia que a senhorita também era paciente aqui nas instalações. Deve ter passado por um trauma intenso como o meu. Sinto muito... — Jaques arrumava o blazer e dirigia-se à saída — Eu precisava mesmo era falar com o Diretor. Vou voltar outra hora.

— Nossa loirinha. Você é **péssima** em recepções. Vai quebrar o bonitão novamente com esse tanto de informação. E nem um balão de comemoração? Rude. — Cathy havia retornado de sua reunião.

— Jackie, querido! Que delícia te ver sadio.

— Doutora Catherine... — cumprimentou Jaques.

— Por favor, sem formalidades. Pode me chamar de *irmãzinha*.

Um calafrio percorreu o corpo de Jaques, como se relembrasse o estresse pós traumático que sofreu.

Não tenho irmã. Não tenho irmã. Não tenho irmã. Essa é a realidade.

— Sinto muito Catherine. Não tenho irmã.

— Vou ter que dar um aumento pra essa equipe. Te consertaram direitinho! — Cathy abria os braços e caminhava até sua cadeira.

— Infelizmente, talvez seja outro choque para sua frágil realidade, mas toda a verborragia que o peixinho dourado ali falou, é fato. E eu sou a nova Diretora.

⁹⁶ A **Operação Meeting House**, realizada em 9 de março de 1945, foi o bombardeio incendiário mais devastador da história, conduzido pelos Estados Unidos contra Tóquio durante a Segunda Guerra Mundial. Em uma única noite, mais de 100 mil civis foram mortos, e cerca de 16 quilômetros quadrados da cidade foram destruídos.

— Senta aí que temos trabalho pela frente — finalizou Cathy, empurrando papéis da mesa ao chão para apoiar os cotovelos e segurar a cabeça, inclinada para frente.

Jaques murmurou para si — *o show de horrores não tem fim.* — E sentou-se.

— Antes que você vá questionar tudo, vou te mostrar um truque de mágica — Cathy balançava as mãos dedilhando o ar.

— Remi! Dá um pulinho aqui rapaz! — chamou Cathy.

O gato manifestou-se no ar em meio a um salto rumo à mesa, como se saísse de um portal invisível.

Olhou para Cathy de lado — *Pruumm?*

— Bom garoto! — E deu um petisco para o gato.

— Pode voltar. Segue seu caminho, vai rapaz.

Remi saltou novamente entre dimensões, de volta para o palácio.

Mira e Jaques não tiveram reação para descrever o que acontecera. O único movimento além da expressão de surpresa foi um franzir nasal de Jaques, pelo aroma que veio junto do gato. Aquele mesmo perfume familiar que esteve ao seu redor todos os dias, durante meses. Forte e masculino demais.

— O que foi, Mira? Eu tenho tempo livre lá dentro também. Não é só você que pode ficar se esfregando nos outros. Andei treinando o gato quântico pra momentos assim!

Mira ficou vermelha — N-não me esfrego em nada. Não é nada disso!!

— Enfim... Jaques, se quiser ir embora, pode. Mas até onde entendi, você é um erudita né? Estou te oferecendo a chance de ser um dos primeiros a explorar uma nova dimensão... Se ajudar a gente a conter seu cachorro sem coleira, que tá dando uma baita dor de cabeça em todo mundo.

— Gente... Vocês duas são completamente desequilibradas. Tem alguém só para me explicar direito isso tudo?

— A loirinha já resumiu tudo. — *Não que Jaques tivesse entendido uma fração da chuva de explicações.*

— Quebra de localidade, exame, seu amigo estourou o universo. Enfim. Peça mais detalhes pro Ellian se quiser a versão extendida. Tenho mais o que fazer.

— ...e meio que é isso tudo que você perdeu. Posso colocar essa coleira? Vai ficar estilosso que nem a gente.

Antes que tivesse tempo de responder, Cathy prendeu o dispositivo em Jaques e trancou. As reações já estavam perdendo a graça.

— Eu adoro essa parte... — disse Cathy, ao apertar o botão e levar todos para o Palácio.

O canalha do Ellian está acelerado demais. Queria dar mais tempo pro Francês não surtar, mas preciso arriscar — pensou Cathy.

PARTE 29 — ESTRUTURAL

29.1 SAN — MIRA — PALÁCIO

— Pensa rápido! — disse San ao arremessar um objeto pontiagudo, como uma mamona, em direção a Mira.

Mira gritou e saiu da rota do projétil, que em seguida, caiu e travou no chão, como se sua inércia tivesse morrido no momento que fez contato. Sequer quicou ou rolou.

— Tá tentando me matar com uma arma medieval? — disse Mira, mãos na cintura e olhar cerrilhado.

— Poxa, achei que você ia endoidar com isso!

— Uma bola de espinhos? Não, obrigada.

— Bola de espinhos não... Um livro.

Mira encarou o objeto, olhou de volta para San.

— Te derrubaram no chão quando bebê?

San ignorou o comentário.

— Achei um salão lotado desses aqui no palácio. Formas tridimensionais. Grande Dodecaedro Estrelado⁹⁷, para ser mais específico.

— Encontrou o erro na frase?

Mira coçou a cabeça.

— Uma forma tridimensional, dentro de uma sala quadri-dimensional?

San sorria de orelha a orelha.

— Vem aqui perto — San, agachado, segurava a estrela.

Mira se aproximou e se abaixou até a altura de San. Eles nunca tinham ficado tão próximos.

San falava, mas Mira não escutava. Sentia o calor que emanava de seu corpo, o aroma gélido que emanava da sua fala. Admirou como ele estava arrepiado em empolgação pelo achado. Observava suas mãos, esguias, manipulando o objeto, dedos em movimento constante num frenesi empolgado.

— ...O que você acha, Mira?

⁹⁷ **Grande Dodecaedro Estrelado** = sólido geométrico regular e tridimensional, também conhecido como poliedro de Kepler–Poinsot, composto por doze faces em forma de pentagrama, com relevância tanto em matemática quanto em estética e ficção especulativa.

— Mira?

Foi trazida de volta à realidade.

Merda, não ouvi uma palavra do que ele disse.

Quando sua mente chegou ao seu corpo, percebeu que estava encarando San, e era encarada de volta, por um período longo demais para conforto.

O corpo de Mira empurrou San para longe, derrubando ambos para o lado.

Começaram a rir.

— Você estava nas nuvens né? --- perguntou San.

— S-sim... pode explicar novamente? — Estava corada.

San pegou o objeto novamente.

— É um livro quadridimensional. A gente escreve em superfícies bidimensionais né.

Um ser quadridimensional escreve em formas tridimensionais.

— Está vendo essas marcações? Acho que é a escrita deles. Também deve ter do lado de dentro. — San apontava para sequências de pontos e linhas, que mais pareciam código morse, inscrito no objeto.

— Mas aí não seria escrita bidimensional de qualquer forma? — perguntou Mira.

— Não se eles escrevem através do objeto, aproveitando. Essa é a forma de maior área interna e externa. Vamos dar uma olhada em forma de novelo.

— Acho que é pequeno demais para minha percepção, mas você deve conseguir.

— Há! Analfabeto multidimensional.

Desativaram a simulação 3D e observavam a bola de espinhos, por fora, e por dentro, simultaneamente. Era possível escrever dentro e através da estrutura, camada por camada de sua superfície sólida.

E, de fato, era o que tinha lá. Alguma espécie de linguagem.

— Uau. É a primeira inteligência extraterrestre já descoberta!

— Será que você conseguia... traduzir?

Mira gargalhou de forma curta. Um deboche óbvio que não sabia para quem era direcionado. Talvez para a situação em si.

— Ah, claro. Fácil! Temos línguas humanas que ainda não conseguimos traduzir, e você quer que eu descubra como ler algo de outra dimensão?

Um dos fios de San deslizou até Mira, e se juntou a outro fio dela, entrelaçando-se, como se segurasse sua mão.

— Se alguém consegue... é você, Mira. Tenho certeza.
— Essa pulsação errática e cor ultravioleta é seu normal, ou só está feliz em me ver?
— disse Mira.
— Não posso fazer nada. Você também está pulsando assim — San entrelaçou mais um fio do novelo. Mira reciprocou.

Diversos átrios agora enrolaram uns nos outros, os novelos se atravessavam através dos eixos e dimensões, partes pulsavam e liberavam cores, energia e radiação num eixo. Outros desapareciam e iam ao meio tridimensional, emanando suaves frequências sonoras e ondas de rádio. Uma dança de fiapos, que finalizou com o emanar mútuo de sabores cítricos-adocicados e pulsos de 12 hz.

Eventualmente se desentrelaçaram, sem dizer nada. Mira ativou a simulação 3D, em silêncio, apenas olhar baixo e pele corada.

San também não sabia exatamente como reagir.
— Isso foi se...? — começou San. Caminhava em direção a Mira em passos curtos e cautelosos. Tentou estender a mão.
— Não! — interrompeu Mira, num impulso, empurrando o braço de San para longe. Deu um passo para trás. Ia dar um segundo passo, mas hesitou e parou no lugar.
— Quer dizer. Não sei. Mas foi... interessante — disse em seguida.
— Como caso de estudo, digo. — Os olhos ainda fitavam o chão. Não conseguia se forçar a encarar San diretamente.
— Certo... como estudo de caso — murmurou San, franzindo o cenho.
Atrapalhada, Mira cortou o assunto, pegou de volta o objeto de formato estrelado e sentou em sua poltrona.

— Não sei nada sobre linguística, San. Mas temos alguém que talvez saiba...
Ela desliga o emocional como interruptor quando fica concentrada — pensou San.

29.2 JAQUES — PALÁCIO

Algumas horas depois, Mira retornou com Jaques.
Estranhou o silêncio no salão de núcleos do Palácio. Geralmente sempre tinha alguém revirando algo nas redondezas ou relaxando no museu.

Jaques quase não ia ao Palácio. Mira imaginava que em razão do seu estado psicológico fragilizado, mudanças dimensionais fossem estressantes.

— Será que você prefere uma ambientação diferente do que o museu? Posso mudar... — disse Mira, medindo palavras.

— Não tem problema Mira. Aos poucos estou me ajustando — respondeu Jaques, com sorriso simpático, genuíno. Ele não tinha o hábito de mascarar emoções ou trocar mensagens em entrelinhas como muitos ao seu redor. Mira achava reconfortante.

— Posso ver o objeto que mencionou?

Mira pegou o dodecadro e entregou para Jaques, que ajustou os óculos e colocou sobre uma mesa.

Jaques rodeava a escrivaninha dissecando o livro com o olhar. Girou o objeto diversas vezes, acariciou as marcações como se tentasse ler braille.

— Talvez você consiga ver melhor na forma de novelo... — sugeriu Mira.

Jaques franziu o cenho com o comentário. Usou a forma uma única vez e imediatamente retornou para o núcleo, consternado.

Mira achou curioso como parte do grupo parecia ter naturalidade na forma incorpórea, mas Jaques e Orwell, uma aversão praticamente instintiva em deixar a simulação tridimensional, enquanto San e Cathy quase não paravam no museu, estavam constantemente navegando a estrutura em exploração e realização de testes.

A própria Mira era um meio termo entre novelo e forma padrão. Ela não conseguia sair do salão dos núcleos, então suas interações eram limitadas a esse espaço da estrutura, embora San, vez ou outra, trouxesse algum fragmento para que ela analisasse de perto.

Sentia-se uma cadeirante presa num salão sem rampas.

— Não vou entrar nessa forma, Mira. Não é como se eu sequer conseguisse me mover lá. Corte esse objeto em todas as direções possíveis, como se fosse uma página e você tivesse que descobrir qual a direção das linhas.

Mira entendeu perfeitamente a analogia.

— Pode deixar comigo. Vai demorar um pouco...

— Faça um favor. Eu desconfio que a ordem de leitura seja através dos eixos Kata-Ana. Comece por eles e gire o fragmento para três dimensões, por gentileza.

Os fragmentos textuais não se pareciam com nada que jaques já vira. Os padrões se comportavam como linhas com caminhos e espessuras variáveis. Às vezes dividiam-se

para depois se juntarem novamente, outras vezes, assumiam relevos e direções completamente divergentes. Porém sempre se conectavam de volta, eventualmente.

Jaques tratou a estrutura com a precisão e organização de um engenheiro. Fez modelos, maquetes de traços individuais, análises gráficas, até mesmo sismológicas. Pedia para Mira quebrar a estrutura cada vez mais, até o nível quântico. Tinha assumido o trabalho com dedicação que beirava obsessão, de forma que, assim que seu timer no palácio acabava, ele imediatamente estava de volta. Sem descanso ou pausa.

Orwell somente aproveitava a companhia em silêncio. Jaques não fazia questão de conversar, o que o repórter apreciava com prazer. Pelo menos sentia-se menos miserável ao ver alguém tão infeliz quanto ele, ao menos era assim que interpretava Jaques.

Quem passa mais tempo aqui do que lá fora com certeza está infeliz — pensava Orwell.

O museu ficava gradualmente mais caótico conforme a análise crescia. Papéis orientados em organogramas conectados por barbantes, aos quais todo tipo de cálculo era anexado, formando uma tapeçaria digna de festa junina, pendurada nos tetos, entre paredes.

Certo dia, Orwell chegou no museu e sequer teve espaço para andar. A teia de aranha de Jaques havia crescido ao ponto de dominar a sala inteira em cortinas de papel.

Os dois nunca trocaram mais que uma frase além de cortesias básicas, na verdade, Orwell perguntava-se se o cientista sequer notava sua presença, ou também aproveitava a companhia silenciosa, da mesma forma que fazia. Em alguma maneira perturbada, Orwell adquiriu uma espécie de amizade — unilateral? — através do silêncio.

Mira e Cathy não apareciam há algum tempo, provavelmente ocupadas com a Fundação. San estava enfiado em algum canto da estrutura, em algum projeto ridículo como Jaques.

Nesse dia, Orwell finalmente tomou coragem para falar com o cientista. Atravessou a floresta de conexões sem sentido, abrindo caminho por cortinas e mais cortinas de folhas conectadas, com cuidado para não tropeçar, ou desfazer algum pedaço da obra cuidadosamente construída.

Eventualmente, como desbravador, chegou à cidade dourada. Uma escrivaninha, tão bagunçada quanto o restante do ambiente repousava o fragmento estrelado, cortado ao meio, diversas fatias de espessura nanométrica espalhadas ao redor, serviam de

travesseiro para a testa de Jaques, em repouso curvado na cadeira de escritório, como um funcionário em completo burnout.

— Ei — disse Orwell, sem preliminares.

A quebra do silêncio fez Jaques sobressaltar em escaneamento frenético do ambiente, até localizar Orwell.

— Orwell... boa noi... — interrompeu a fala na metade enquanto tentava se localizar temporalmente.

— Bom dia — disse Orwell. Entendia perfeitamente a desconexão do cientista, especialmente com pouca experiência com o local. O tempo passava de forma diferente no Palácio. Momentos poderiam ser segundos ou horas, a depender do foco subjetivo. Duas pessoas poderiam ter percepções de passagem temporal completamente divergentes.

— O que você tá fazendo, afinal? — Perguntou Orwell com sorriso sem graça, fingindo que observava uma das folhas penduradas, como se fosse capaz de entender.

Jaques riu e levantou. Passaram tanto tempo em silêncio juntos, e o repórter sequer sabia o que estudava. Admirou a resignação.

Até onde ele se interessa, eu podia ser um louco varrido desenhando, que não faria diferença. Respeito ou indiferença brutal? — pensou Jaques.

— Perdão, fiz uma bagunça... Nem percebi até agora — disse Jaques, soltando alguns alfinetes no recolher de folhas penduradas.

— Não falei que precisava tirar... Só estou curioso — respondeu Orwell, naturalmente. No fundo, já esperava uma resposta esnobe pelas linhas de — *você não vai entender. É complexo demais pra sua cabecinha.* — Realmente, passara tempo demais ao redor de Cathy e Ellian. Até mesmo San tratava-o de maneira condescendente de tempos em tempos.

Ninguém lembrava que foi comunicador científico a vida inteira.

— Essa... estrela... — disse Jaques, olhando para o objeto na mesa — é um livro. Estou tentando decifrar a linguagem... — Continuava recolhendo as folhas penduradas.

— Sem muito sucesso né — respondeu Orwell.

— Acontece. Às vezes é melhor recomeçar do zero. — Jaques não parecia desanimado, nem mesmo frustrado, necessariamente. Apenas cansado.

Orwell não respondeu. Somente ajudou a recolher o material largado. Organizaram o museu juntos, sem trocar palavras.

— Agradeço a ajuda, Orwell — disse Jaques, quando finalizaram a arrumação.

— Pode me ensinar? — Perguntou Orwell, na expectativa de receber uma negativa brutal. Tinha as mãos no bolso. Internamente lembrava-se das inúmeras sessões que teve com Will, em tentativas de compreender conceitos muito além do que conseguia.

O rosto de Jaques abriu em um sorriso.

— Mas é claro! *Protégé Effect*⁹⁸ é a melhor maneira de aprender.

Sentaram-se na mesa, um em frente ao outro para recomeçar o processo do zero. Não falavam mais do que o essencial e, Jaques não tratava Orwell como um acéfalo, mas sim como colega de pesquisa. Pressupunha que o repórter já comprehendia diversas terminologias técnicas e, quando não entendia, explicava de maneira didática, sem condescendência.

Orwell dizia que poderiam pular explicações matemáticas. Estava mais interessado nos conceitos do que na prática efetiva. A imersão em criptolinguística lhe entretia.

E nessa dinâmica passaram um período de tempo subjetivo indeterminável, apenas quantitativo objetivamente pelo timer de uma hora que puxava-os de volta para a forma corpórea. A interação foi saudável para ambos, que passaram a tomar maior cuidado com funções básicas do ser humano.

— Jaques... — Orwell disse cautelosamente, como se tivesse um insight.

— E se toda criatura multidimensional for um novelo? Ou pelo menos as que usavam essa nave-palácio-coisa? A gente sabe que eles ligam as maquinações conectando os fios.

— Acho difícil que seja o caso, mas continue... — respondeu Jaques.

— As bolas não enxergam da nossa maneira. Soltam luzes, radiação e essas coisas. E se nossa abordagem estiver usando uma perspectiva muito... humana?

Jaques parou um momento para pensar na hipótese. Seus olhos pareciam estrelas conforme levantava da cadeira.

— Orwell, você brilhou — disse Jaques. — Estamos pensando a mesma coisa?

— Se os livros forem manuais de instrução sobre como orientar os fios em conexões específicas aqui dentro, ou formações mapeadas para emitir frequências que contêm informações! — exclamou Jaques, juntando os fragmentos novamente.

⁹⁸ **Protégé Effect** = fenômeno cognitivo pelo qual ensinar um conceito a outra pessoa aprofunda e solidifica o entendimento do próprio professor.

— Eu estava pensando em colocar o fragmento num colisor de partículas e ver o que acontece. Mas sua ideia é boa também! — respondeu Orwell.

Eventualmente, durante uma pausa para admirar o mosaico em construção, Jaques foi, brevemente, para o tópico da vida de Orwell.

— Onde você vive? Digo... fisicamente.

— Ah, estou de passagem temporária num buraco no meio da Rússia — disse Orwell, casualmente, embora ligeiramente surpreso pela pergunta pessoal repentina.

Jaques arregalou os olhos.

— Espera, você está no colisor das ilhas Anzhu? — segurou os ombros de Orwell, exasperado ao perguntar.

— Acho que é esse o nome. É o covil vilanesco de um louco aí — disse Orwell, recolhendo-se do contato físico. Estava confuso em ver uma reação forte assim de alguém tão blazê.

— Por que... como... — Jaques, tirou os óculos em um movimento cuidadoso.

— É uma história meio longa... Eu estava investigando...

Jaques interrompeu a fala.

— Essa parte eu peguei do que a Mira balbuciou!

Orwell detalhou os acontecimentos passo à passo, ao que Jaques apenas escutou pacientemente.

— Tem um Diretor da Fundação vegetativo, um terrorista e um mercenário, escondidos num pedaço subutilizado da minha instalação... — disse Jaques, como se processasse a informação.

— A Sky Inc. ir pública em ofertas de naves de êxodo espacial não era problema, especialmente por ele estar na Diretoria da GOES. Mas nosso colisor está público demais agora.

Jaques pareceu relaxar e retomar sua calma habitual. A Sky Inc. era só uma de muitas cortinas de fumaça que escondiam algo muito maior.

— Bom saber. Vamos ter uma conversa séria depois...

— Então... Podemos continuar os estudos? Acho que estamos chegando perto — disse Jaques, sentando-se na escrivaninha e colocando os óculos.

— Como você está tão calmo? O garoto é um canalha que expôs o trabalho da sua vida — disse Orwell.

Jaques, de cabeça baixa observando os fragmentos, apenas ergueu o olhar, encarando Orwell por cima dos óculos.

— Esse é o trabalho da vida dele. Não da minha. Eu não colocaria todos meus ovos numa única cesta. — E retomou o olhar para o fragmento.

PARTE 30 — CERCO

30.1 GRAY — ONU

Após apresentar as evidências sobre o Palácio, concomitante ao surgimento da Nebulosa de Oort, bastou plantar semestes graduais de suspeição sobre a Fundação para convencer as lideranças mundiais da real necessidade de um órgão controlador centralizado. A escolha era óbvia. Gray já estava posicionado como principal catalisador da mudança, após seu discurso na CIOP.

Por baixo dos panos, trabalhava com agências de inteligência e os próprios governos para identificar peças chaves corruptas dentro do sistema em uma megaoperação global simultânea.

Agora, ele seria o responsável por transmitir o recado para a população mundial, sobre os perigos e tempos árduos que se aproximariam.

Novamente, se via diante de um púlpito, dessa vez, cercado por câmeras. Ajustou o paletó uma última vez, endireitou a postura, mãos sobre o palanque e limpou a garganta, conforme lhe indicaram o sinal de três segundos.

2... 1...

Luzes verdes. Havia na rigidez da voz e na elegância do porte, um magnetismo capaz de enfeitiçar qualquer olhar.

— Cidadãos do mundo.

— Por décadas, vocês foram conduzidos a acreditar que o equilíbrio era uma constante. Que as instituições que os cercam, que os protegem... eram, de fato, inabaláveis.

[Berlim — Kommando Spezialkräfte⁹⁹ invade a casa de Prefeitos e Secretários pelas janelas.]

⁹⁹ O **Kommando Spezialkräfte (KSK)** é a principal unidade de forças especiais do Exército Alemão (Bundeswehr), criada em 1996. Especializada em missões de contraterrorismo, resgate de reféns e operações encobertas, o KSK atua tanto em território nacional quanto internacional. Sua estrutura, métodos de recrutamento e operações são altamente sigilosos, sendo comparável a unidades como o SAS britânico ou o Delta Force americano.

— Mas a verdade, senhoras e senhores, é que esse equilíbrio sempre foi uma ilusão. Uma tapeçaria cuidadosamente costurada sobre rachaduras profundas — rachaduras que hoje já não podem mais ser ignoradas.

[China — Forças de Operações Especiais do Exército de Libertação Popular¹⁰⁰ coloca alvos marcados contra uma parede de fuzilamento.]

— O surgimento da Nebulosa de Oort não foi apenas um evento astronômico. Foi um sinal. Um lembrete cruel de que somos pequenos diante das forças que governam este universo... e que a fragmentação nos condena.

[Russia — Spetsnaz¹⁰¹ suicidava congressistas comprados.][Brasil — Era feriado e o meio fio já estava pintado.]

— As evidências que apresentei sobre o chamado Palácio são inquestionáveis. Elas revelam o que muitos já suspeitavam em silêncio, mas temiam reconhecer em voz alta: a Fundação — essa entidade até então tida como guardiã — traiu a confiança de toda a humanidade.

— Corrupção. Desinformação. Manipulação silenciosa de sistemas inteiros, governos, mercados... vidas.

[Lojas e bancos vandalizados e quebrados ao redor do mundo.][Uma criança é arrancada dos braços da mãe, pela multidão em fuga do conflito policial.]

¹⁰⁰ As **Forças de Operações Especiais do Exército de Libertação Popular (ELP)** da China são unidades de elite treinadas para guerra não convencional, reconhecimento em profundidade, contraterrorismo e missões de sabotagem. Compostas por brigadas como a *Leopard* e a *Falcon*, essas forças foram modernizadas nas últimas décadas para atuar com alta mobilidade e capacidade tecnológica, refletindo a crescente projeção militar da China em cenários de conflito assimétrico e operações fora do território nacional.

¹⁰¹ **Spetsnaz** é o termo genérico para designar as forças especiais da Rússia, derivado de “*Voiska Spetsialnogo Naznacheniya*” (Tropas de Designação Especial). Originalmente formadas pela KGB soviética e hoje mantidas por diferentes ramos das forças armadas e agências de segurança russas, as unidades Spetsnaz são conhecidas por sua brutalidade, treinamento extremo e envolvimento em operações clandestinas, sabotagem, reconhecimento de longo alcance e ações de guerra híbrida.

— Por quanto tempo ainda aceitariam viver sob o jugo dos que se escondem nas sombras?

[Sky Ltda. lança trinta e cinco foguetes-árca de êxodo, preenchidos com as maiores fortunas mundiais.]

— A resposta, meus senhores, minhas senhoras, é: não mais.
— Não mais aceitaremos a tirania disfarçada de liberdade.
Não mais caminharemos cegos, alimentando um sistema que se alimenta de nós.

[Telões publicitários piscam, alternando entre mensagens oficiais e ruídos digitais — o sistema já não responde. Internet e voxel somem. As luzes públicas falham, mergulhando cidades em clarões intermitentes de escuridão e neon.]

— É por isso que hoje, diante de todos vocês, anuncio o nascimento de uma nova era. Uma era de ordem, transparência... e força.
— Não se trata de escolha. Trata-se de sobrevivência.
— As lideranças mundiais já entenderam. E, como catalisador desta mudança irreversível, assumo a responsabilidade — e o dever — de conduzir a humanidade neste momento crítico.
— A partir de agora, um órgão controlador centralizado supervisionará cada engrenagem deste sistema global.

[França — A própria população invadia a Assemblée Nationale e lincha todos que viam pela frente.]

— Alguns dirão que é controle. Eu digo: é proteção.

[Drones zumbem, pairando como olhos eletrônicos, mapeando rostos, rastreando movimentos.]

— *Alguns dirão que é tirania. Eu digo: é equilíbrio.*

[Helicópteros cruzam o céu, projetando cones de luz sobre os bairros. Veículos blindados avançam por avenidas, afastando barricadas improvisadas.

— E sim... tempos árduos se aproximam. Haverá resistência. Haverá sacrifícios.

— Mas a história não é escrita pelos covardes. Ela pertence àqueles que têm a coragem de fazer o que precisa ser feito.

— A partir de hoje... nós não mais tememos o futuro.
Nós seremos o futuro.

Gray encerra o discurso, desliga o microfone, respira fundo. Não era um déspota, nem mesmo um ditador. Apenas o Diretor de uma Organização de Pesquisa. Um Diretor que ajudou governos a limparem a podridão que infeccionava a engrenagem, e agora ajudaria a monitorar as corporações que exerciam absoluto controle.

Ele só plantou a semente. O restante foi natural.

30.2 DIRETORIA — VLAD-2

Cathy encarava o visor, sem palavras. Suas mãos queriam ter espasmos involuntários de explosão raivosa. A mente não deixou. Um olho estremeceu em tiques contínuos.

O que Will faria? O que Will faria? O que Will faria?

— Ele não faria MERDA NENHUMA, porque nunca teve que lidar com um turbilhão desses! — gritou Cathy, com ninguém.

Mira correu para dentro da sala, assustada com o surto repentino.

— O que aconteceu Cathy?!

Catherine apenas rebobinou a gravação, apontou para o visor e sentou no chão, de pernas cruzadas.

PLANTÃO URGENTE INTERNATIONAL INFORMATION CHANNEL

— Boa noite! Após marcante discurso na ONU, pelo Diretor Gray, da GOES, em conjunto com o alto escalão das maiores potências mundiais, o Diretor Ellian E. Taylor anunciou exigências para a Fundação Nova em prazo de trinta dias, sob pena de Embargos Administrativos.

— REUNIÃO DA DIRETORIA. AGORA.

Cathy acionou o sistema de convocação da diretoria. O enorme teatro se encheu quase imediatamente. Acima do palco, era o centro de todos os olhares.

Não sou líder. Inferno.

— Olá olá amiguinhos! — disse Cathy em falsa animação — Que grupo bonito e comportado esse... todos no horário, como uma boa família...

O olhar sorridente e infantil fechou num cenho sombrio, conforme o piso do anfiteatro tornava-se um autômato e girava, separando a audiência em dois grupos separados, enquanto o centro do palco estendia-se para frente, numa passarela entre as fileiras de convidados, que assistiam a pitoresca cena em mistos de espanto, curiosidade ou apenas resignação.

Cathy caminhou até o fim da passarela em passos curtos de uma modelo em desfile.

— Você! — Cathy apontou para Tritão, sujeito miúdo de óculos, responsável pelas bases Neptunianas. Não parecia impressionado com a performance, ou sequer espantado ao ser chamado por Cathy. *Ousado.*

— Diga... — disse Tritão, calmamente.

— Brainstorm. Ideias. Chop chop! O que você faz quando decidem cortar suas operações? — ordenou Cathy, movimentando uma das mãos como quem diz *vamos logo.*

Tritão ajustou os óculos e respondeu com parcimônia.

— Bom, podemos cortar o sistema Link. Vai quebrar toda a infraestrutura econômica.

Cathy repuxou um dos cantos da boca em desdém.

— Péssimo. Eles já estão com a economia e infraestrutura quebradas. E dinheiro físico ainda existe.

Cathy fez um movimento de mãos, erguendo uma plataforma abaixo do assento de Tritão, a uns cinco metros do chão, antes de deslizar casualmente para um ponto isolado do teatro.

— PRÓXIMO.

— Embargo comercial? Bloquear rotas de matéria prima? Pode ser que militarize o conflito conforme fiquem desesperados, mas podemos construir ofensivas até lá — disse Mercúrio, uma idosa com voz de quem fumou mais do que respirou na vida inteira.

Cathy considerou por alguns momentos e sorriu.

— Gostei de você! Vai pro grupo das boas ideias. — Com outro gesto, Cathy fez a poltrona erguer e deslizar para o lado oposto do salão.

Até que sua estratégia de pastorear as ovelhas estava funcionando. Ninguém saiu gritando até agora.

— PRÓX... — *Tunk*

Cathy levou a mão à testa e interrompeu sua fala, revirando os olhos ao ouvir o som vindo da entrada ao fundo do teatro. Não olhou para trás. Não precisava. Um eco abafado, pesado, de quem caminha e deixa marcas num pisotear desgostoso sobre chão de mogno, cuidadosamente esculpido por Cathy.

O som continuava, lentamente. *Tunk* — seguido pelo que parecia algo se arrastando, antes de outro *Tunk*.

Os demais diretores olhavam para trás, em silêncio tenso. *Tunk*

Cada batida soava como se o próprio teatro tivesse um coração, lento, palpitante, inconsistente. O ressoar passava a sensação de estarem dentro do próprio órgão.

Conforme o som se aproximava, Cathy abaixou sua passarela com um comando manual e ficou na altura do piso, ainda de pé. Ainda de costas.

Uma última batida, logo atrás de Cathy, seguido pelo aguardar descontente. O único som no ambiente era o chiado lento e instável. Era sua deixa.

Cathy virou com o olhar baixo. Mesmo sabendo quem era, torcia para ser um bug do sistema ou alucinação coletiva. Não foi o caso.

Encarou aquela bengala, que parecia pesada demais para alguém tão velho segurar. A espessura maior que a perna da senhora — não como se tivesse muita carne ou músculo para superar através da ossatura evidente pela pele translúcida.

Tinha que ser a porra da control freak.

O ruído áspero da voz lembrava Cathy dos sentinelas. Não no tom em si, mas em sensação, de quem arranha um quadro negro.

— Eu falei, eu falei e eu falei. Mas aquele garoto... — pausa para inspirar. As poucas palavras já acabaram com o fôlego. —...teimoso.

Tunk — Teimoso!

Cathy ainda não levantou a cabeça para ver a figura em sua frente que, mesmo parecendo ter metade de sua altura, passava a sensação de estar diante de um colosso.

— Irina... — disse, em cumprimento. Olhares espantados pela irreverência viraram para Cathy.

Tunk — Dessa vez o som não foi oco contra a madeira. A bengala desceu ao pé de Cathy com impacto doloroso de uma marreta. Mas Cathy fez seu melhor para não reagir. Apenas rangeu a mandíbula e fechou os olhos com força, segurando qualquer reação. Não ia dar satisfação.

— **Doutora...** Sraknova. Para você, Catherine — disse a voz ancestral que encarava Cathy com um misto de nojo e desprezo.

— Como... morreu o Willian? — Perguntou Irina em voz trêmula, abaixando o olhar.

— Ele não morreu — respondeu Cathy, secamente.

Irina martelou o piso com a bengala mais uma vez.

A expressão de Irina não conseguia fechar em maior rispidez, mas seu olhar parecia feito de plasma exótico, digno de núcleos estrelares. As palavras saíram entredentes.

— Então o que *você*? Está fazendo aqui?

— Ele está em estado vegetativo, no colisor de Ellian E. Taylor — disse Cathy, minúscula, olhando para o lado.

Foram alguns chiados de inspiração até vir uma resposta. Dessa vez a voz saiu meiga, para surpresa de Cathy.

— E por que ele não está sendo tratado aqui? — disse Irina, soridente. Os músculos do rosto não obedeciam mais direito, então o sorriso demorava um segundo a mais para se formar — e parecia mais um espasmo do que empatia. A ossatura dentária, praticamente fossilizada, lembrava lápides.

Irina já não apoiava as mãos no leão que coroava sua bengala.

— Eu nã... — Cathy foi interrompida conforme seu teatro girava em sentido horário.

Não é o teatro. Sou eu.

Num movimento que sequer viu se aproximar, o ornamento dourado, leonino, surrou brutalmente sua bochecha, os entalhes rasgaram a pele e carne horizontalmente, do maxilar até o canto da boca. Um dente voou para longe conforme seu corpo tombava rumo ao chão, até bater a cabeça no piso de madeira.

Cathy se retraiu numa bola, segurando a face dilacerada.

O gosto metálico do próprio sangue invadiu sua boca, misturado a fragmentos de dente e ao som abafado do próprio gemido, que reverberava preso dentro da cara semi-aberta.

Tentava segurar lágrimas, mas elas pareceram fluir sozinhas quando levou a mão à bochecha e conseguiu tocar a própria língua através do ferimento.

Irina puxou um lenço e afagou carinhosamente o entalhe, removendo o sangue com cuidado e meticulosidade profissional, antes de novamente repousar suas mãos.

Desferiu mais um golpe com a base da bengala na barriga de Cathy. Nenhum Diretor ousou mover um único músculo.

— MENINA INCOMPETENTE. PROTO-EXPERIMENTO FRACASSADO —

Berrou Sraknova com a voz cortante.

— Marte!

— Sim senh... Doutora Sraknova? — respondeu Tariq. A pele negra pareceu ter ficado acinzentada.

— Tire o rapaz de lá. Uma vez que estiver aqui, vai resolver esse turbilhão. Até lá. Essa reunião está encerrada!

Um último ***Thunk*** desligou a simulação.

30.3 ORWELL — ILHAS ANZHU

Orwell saiu do Palácio após a última conversa com Jaques com uma mistura de sentimentos, mas especialmente um desprezo reforçado por Ellian.

Enquanto assistia, entretido, o caos social no noticiário, pensava no que MDK havia lhe dito sobre assombrar a Fundação.

Já tem gente se passando por Fantasma de Sraknova online. Será que eu devo virar vlogger?

Hesitou com o pensamento. Ainda estava ambivalente sobre essas novas empreitadas da GOES, e não sabia se isso seria danoso de modo geral para o cenário social. Além de que estava muito mais divertido ficar no palácio do que debaixo da terra.

Orwell passava algumas horas por dia conversando com Will, vegetativo, elucubrando entre essas linhas de pensamento.

— Ah cara, você ia achar muito maneira essa coisa do Palácio. É tipo juntar todas as viagens que a gente conversava e bater no liquidificador — disse Orwell.

— É bem divertido mesmo — uma voz veio de trás, derrubando-o da cadeira com o susto.

Jaques estava apoiado contra o vão da porta, assistindo a cena.

Orwell ficou vermelho, envergonhado, antes de cair a ficha que estava diante de Jaques, de verdade.

— Você estava aqui?? — perguntou Orwell.

Jaques soltou um sorriso simpático.

— Pois é... O pior é que o Ellian te largou num dos piores cantos da instalação. Temos áreas de convivência muito melhores.

Orwell ficou ainda mais irritado com o canalha.

— Me faça um favor, ligue para o Ellian e peça para vir aqui, resolver alguma urgência ou algo do tipo. Assim posso confrontar ele sem revelar nossas conexões pelo Palácio. Digo que te achei sem querer.

Algumas horas depois, Orwell e Jaques conversavam na cozinha improvisada, quando a voz de Ellian veio do corredor.

— Pronto, pronto. Tô aqui, Orwe...

Parou de falar ao entrar na sala e ver Jaques. REX e SOL vinham atrás como sombras.

— Ellian! Que bom te ver. Olha o que encontrei aqui... — disse Jaques, com um sorriso cínico estampado no rosto, indicando Orwell com a cabeça.

Ellian tentou esconder a tensão e o peso na consciência que lhe abalaram naquele instante. Apenas respondeu da forma mais tranquila que conseguiu dissimular.

— Vejo que conheceu o Orwell. Ótimo! — Tentou forçar uma expressão de falsa simpatia.

Jaques fechou o rosto.

— E não passou pela sua cabeça me contar sobre... bom, tudo? Já estou contextualizado agora — disse, calmamente, cruzando os braços e pernas. Parecia uma mãe decepcionada.

— Eu.. Ele.. Você n-não vai acreditar num terrorista, né Jaques? Ele é um louco! — Ellian tropeçou nas palavras.

Jaques somente ficou em silêncio ponderativo. Ninguém disse nada pelo que pareceram minutos.

Até que finalmente levantou, foi em direção a Ellian, e passou direito, estendendo o braço em cumprimento para REX e SOL.

— Peço perdão. Acho que não nos conhecemos ainda! Sou Jaques — disse durante um aperto de mãos.

— Uma pergunta aos senhores...

— Jaques... — Ellian tentou falar, mas o colega continuou por cima, ainda direcionado aos mercenários.

— Os senhores são contratados pela Sky ou pela GOES? — Perguntou Jaques.

— Somos a Equipe Sky, senhor — Respondeu REX, em formalidade militar.

Jaques deu uma risada.

— Acho que está mais para dupla Sky né?

REX respondeu com um sorriso social.

— Pois bem — continuou Jaques, ajustando os óculos, ao se dirigir de volta à mesa.

— Ellian, você está demitido.

As palavras vieram numa tempestade gélida tão inesperada que poderia até derrubar Ellian fisicamente. Nunca acreditou que Jaques consideraria cortá-lo do projeto.

— Não... — respondeu Ellian. A voz era praticamente uma súplica. — Não Jaques! Não pode! Eu só não queria te preocupar com tudo isso! Você sempre fez as coisas por paixão científica. A gente se meteu com MDK, Gray. Eu não queria te colocar no meio!

— Saiba que sua pesquisa e avanços foram essenciais para a tecnologia do colisor, e será muito bem resarcido pelo serviço prestado. Meus advogados vão entrar em contato com a papelada — respondeu Jaques. Agora evitava encarar Ellian diretamente.

— Esse é meu trabalho Jaques. Por favor...

Jaques trocou um olhar com REX. Ambos assentiram com a cabeça. Estavam bem alinhados.

30.4 ELLIAN — ILHAS ANZHU

Ellian assistia pela última vez a nevasca de dentro do carro que o levava para o avião de partida. A tempestade, tão forte que sequer permitia ver um palmo à frente, teve sua escuridão cortada por um tremor, seguido por um brilho em ascensão no horizonte. Mais um dos foguetes-arca em decolagem para fora do sistema solar.

O design da arca era tão belo e moderno que transcendia conceitos tradicionais. O foguete de decolagem em si não era especial. Só servia como transporte de passageiros para a verdadeira arca, geoestacionária, sobre o planeta.

Velas solares estendidas por seis eixos, similares a asas de dragão retráteis — divididas horizontalmente em volta da estrutura central — serviam como propulsão inicial e painéis solares.

A estrutura principal seguia um princípio de múltiplas espirais sobrepostas em camadas até assemelhar uma forma oval. Cada espiral poderia ser utilizada individualmente, caso danificada ou precisasse descascar da estrutura restante. O centro de todas poderia ser usado como propulsor iônico e gerador de energia separados. Sistemas modulares e isolados de HVAC evitavam falhas sistêmicas de toda a estrutura, além de ter possibilitado montagem orbital em maior praticidade.

Enquanto conectados, os propulsores centralizavam energia em um único ponto, para movimentação da estrutura.

O design não foi feito modular por eficiência, mas sim para permitir assembléia contínua da arca, afinal, os bilionários queriam sair do planeta o quanto antes e, a estrutura, ainda demoraria alguns anos para ficar efetivamente pronta.

Fato é que a Sky Ltda. quintuplicou de valor com essa empreitada, de concepção exclusiva por Ellian, agora apagado do projeto. O conceito e schematics da arca já eram elaborados há anos, durante seu tempo livre. Era seu conceito de hobby.

A execução prática não precisou de muito esforço, afinal as ilhas Anzhu já tinham toda a infraestrutura de manufatura e produção metalúrgico-industrial automatizada.

A luminosidade da ignição reduziu gradualmente na nevasca opaca, até dar lugar novamente à escuridão gélida.

Daqui a pouco devem lançar outro.

Conforme chegavam na pista de decolagem, o ambiente foi novamente iluminado, mas dessa vez, de vermelho, pinçando pontos pulsantes a cada 5km ao longo de toda a ilha. Sirenes vibravam o solo em tons crescentes que atingiam o ápice e reiniciavam.

Era o procedimento padrão em duas hipóteses. Atividade do colisor, ou emergências, embora o som fosse imperceptível do subsolo.

Devem estar de sacanagem comigo. Isso é sadismo.

Ellian cobriu a cabeça com o denso casaco e levantou a gola da camada superior dos agasalhos, tapando a boca e nariz, deixando apenas os olhos, cerrados, visíveis, conforme saía do carro, agora estacionado ao lado da aeronave.

Com dificuldade, o jovem arrastou suas malas com puxões graduais e sucessivos através da densa camada de neve fresca acumulada. Lutou contra o vento até a escada do avião, observando freneticamente os arredores, em uma tentativa fútil de identificar o que estava acontecendo, mas tudo que conseguia ver através da tempestade, eram luzes vermelhas até o horizonte e o ressoar ensurdecedor das sirenes.

— Senhor Ellian! Boa noite! — berrou o piloto, recebendo-o na base da escada.

Entrou na aeronave, aliviado após o fechamento das portas, que abafou consideravelmente o barulho e lhe abraçou com temperatura ambiente acolhedora.

Tirou as muitas camadas de roupas e largou sua bagagem em qualquer canto.

Após acomodado, foi até a cabine perguntar o que diabos era isso.

— Parece que é um exercício de rotina, senhor Ellian — respondeu o piloto, incerto.

— De qualquer forma, não temos como decolar agora. A pista tem sistemas anti-neve, mas as condições em ar são extremamente perigosas.

Ellian alongou a coluna e se acomodou em algum dos assentos. Pelo que pareceram horas, ficou em observação melancólica do pulsar avermelhado e canção sutil de fundo.

Quase adormecia quando uma sombra emergiu na distância, sobrepondo o intervalo das sirenes com outro barulho contínuo de buzinar. Os faróis até pareciam dois olhos se aproximando na escuridão.

Ellian foi até a cabine para enxergar a cena melhor. Uma caminhonete arremessava neve para trás, conforme abria caminho com dificuldade, através do cobertor branco, agora ainda mais denso.

Na direção, REX lutava contra o volante para não atolar o veículo. As falhas intermitentes da luz interna revelavam fragmentos da cena para Ellian. O rosto de REX

continuava vermelho, mesmo quando as sirenes deixavam de bombardeá-los com pulsos escarlate. Outro vermelho, mais escuro, mais denso, se agarrava a ele como segunda pele.

Sua expressão não era de pânico, mas sim de um homem reduzido ao mais puro foco e instinto profissional.

Cerca de cem metros antes do avião, a caminhonete travou com um tranco conforme a traseira arremessava cachoeiras brancas ao ar numa briga das correntes e borracha do veículo, contra a perda de fricção e, a parte frontal, lançava fumaça negra pela chaminé — o motor aumentava seus giros em uma fútil e brutal combustão interna.

REX tentava abrir a porta em vão. A neve, uma barricada contra a saída.

Um último brilho da luz interna revelou a cena.

O uniforme tático estava coberto de sangue.

30.5 REX — ILHAS ANZHU — HORAS ANTES

Após mandar preparar o avião e dispensar Ellian, os quatro homens restantes recolhiam equipamentos do local, para em seguida, se dirigir até um setor mais confortável da instalação.

— Acho que já foi tudo — disse Jaques ao entregar o último caixote para SOL. — Vamos lá?

Nesse momento, Remi se manifestou em cima da geladeira, como alerta, ou presságio. Parecia agitado.

— De onde veio o gato? — Perguntou REX.

Orwell e Jaques viraram sem muito interesse. Remi já se manifestara próximo a eles em diversas ocasiões. Provavelmente quando estava carente ou entediado acompanhando San em suas maquinações no Palácio.

Remi rosnou para o ar e saltou da geladeira para desaparecer no meio do caminho.

Orwell coçou a cabeça, intrigado, mas não surpreso. Gatos são gatos, afinal.

— Ok. Isso foi estranho.

Jaques já tinha perdido o interesse antes de Remi ir embora. Apenas os militares pareciam espantados com a aparição.

A iluminação interna pareceu oscilar brevemente, antes de apagar. O ambiente inteiro se avermelhava conforme as luzes e alertas de emergência disparavam.

O ambiente agora transitava entre escuridão total e tons escarlates. Uma receita para epilepsia. Todos enrijeceram em tensão, exceto Jaques, que parecia mais intrigado do que assustado.

— Hmm... Não sabia que tinha simulação planejada para hoje. Haja paciência. Vamos ter que levar tudo no escuro.

Todos estavam distraídos demais para notar os vultos silenciosos, em direção ao grupo.

Pelo canto do olho, Orwell viu um dos vultos em movimento frenético, ao lado de outro bem maior, que caminhava sem pressa, durante um dos momentos de iluminação do ambiente. No piscar seguinte, a figura magra não estava mais lá.

Nesse instante, uma onda de irrealdade lavou Orwell, como se o próprio fluxo do tempo hesitasse.

Do fundo do corredor de entrada, uma voz ecoou, gélida apesar de seu timbre estranhamente ressonante. Cada palavra parecia vibrar nos ossos de Orwell, despertando um eco profundo, quase esquecido — uma familiaridade dolorosa, como um membro fantasma que de repente decidisse falar.

A voz que, em seus momentos mais sombrios, ele quase acreditou ter inventado.

Mas a ressonância vinha acompanhada de uma dissonância cortante: um subtexto agudo, um arranhar persistente que eriçava sua pele, evocando o horror mecânico que ele aprendera a temer. A mesma voz, e ainda assim... profanada.

— Com licença, senhores. Eu vim buscar um Will.

— Quem te deu autorização para entrar nesse setor? — perguntou Jaques, antes de notar que todos os outros paralisaram em respirações curtas.

Foi uma fração de segundo até REX entrar em alerta máximo, lançando-se rapidamente ao rifle encostado à parede. SOL reagiu mais lentamente, puxando sua pistola e mirando cuidadosamente enquanto a figura continuava a caminhar sem qualquer sinal de preocupação.

A luz piscou novamente, revelando detalhes nítidos: o cabelo curto, mandíbula firme, a musculatura familiar e imponente.

Não. Não pode ser ele.

REX já tinha o dedo no gatilho, pronto para disparar.

— ESPERA! — Orwell gritou, a voz entrecortada de urgência, movendo-se instintivamente em direção ao vulto. Seu rosto estava vazio, dominado pelo choque e a incredulidade.

— Pol?

A figura paralisou instantaneamente, com a cabeça sacudindo em pequenos espasmos sincronizados ao ritmo das luzes que piscavam.

— **OR-OR-OR-OR-OR-WELL.** — Cada sílaba trazia um movimento descontrolado do corpo.

SOL reconheceu imediatamente o pior cenário possível: as órbitas dos olhos completamente negras giravam frenéticas. Sem hesitação, disparou.

Orwell tentou avançar para impedir, mas tudo era rápido demais. O tempo pareceu desacelerar.

Antes mesmo que o tiro atingisse o alvo, uma segunda figura, menor e absurdamente ágil, saltou por trás de Pol num movimento violento em direção a SOL, cruzando rapidamente o espaço entre eles. O tiro de SOL atingiu o ombro de Pol, que permaneceu imóvel, apenas sacudindo.

Em resposta, REX ativou seus implantes neurais, seu coração acelerando perigosamente. Sua visão afunilou, e com precisão quase mecânica ele puxou sua faca e saltou, interceptando o sentinelas no ar. A colisão foi brutal, e ambos rolaram com violência até a parede, as garras do Sentinelas de combate rasgaram o tecido e carne da perna direita de REX com a facilidade de uma navalha.

Enquanto isso, Orwell continuava avançando lentamente na direção de Pol, completamente alheio ao caos que se desenrolava ao seu redor.

Atrás deles, REX travava uma luta desesperada contra a criatura, cravando repetidamente a faca enquanto sentia suas costas sendo rasgadas pelas garras afiadas do adversário. O sangue misturava-se ao suor, tornando a cena um borrão vermelho caótico.

SOL finalmente conseguiu se recompor e ativou os próprios implantes. Num avanço rápido, disparou um tiro fatal no Sentinelas, encerrando a luta brutalmente.

— São Sentinelas! Corram, eu cuido do outro! — gritou SOL.

Jaques correu até Orwell, segurando-o pelo braço.

— Me solta, Jaques. Por favor. — Orwell sussurrou, perdido em um transe desesperado.

— Orwell, merda!

SOL puxou REX num embalo e praticamente o arremessou na direção de Jaques, que sustentou o peso do colega ferido. Ambos avançaram rapidamente para a saída, deixando SOL para trás com Orwell.

REX virou para ver a cena e cruzou o olhar com o companheiro. SOL tinha os braços erguidos sob a mira do próprio rifle, agora empunhado por Orwell.

— Pode ir! Eu resolvo. Vai, vai! — comandou SOL.

A arma, que deveria ter quase um terço do tamanho do repórter, tremia desenfreada. Orwell nunca tinha segurado algo do tipo.

Jaques e REX foram o mais rápido possível para o estacionamento, que abrigava um Jeep Wrangler ancestral, ainda movido à diesel.

Ambos foram em direção ao banco do passageiro. E se encararam.

— E-eu não sei dirigir isso — disse Jaques.

— Puta que pariu — respondeu REX, que cambaleou até o lado do motorista, enquanto tentava estancar as lacerações nas próprias costas.

Ligou o carro, deu uma última olhada para trás para verificar se vinham. Nada. O carro rugiu para fora da garagem rumo à pista de decolagem.

Na metade do caminho, meio ao pulsar luminoso dos alarmes, viu sombras pairando sobre a ilha. Eram veículos voadores de transporte. Muitos. Por todo lugar. O modelo era usado para infiltrações aéreas.

Pelo canto do olho, via vultos se arrastando pela densa neve em direção ao veículo.

— Merda!

Forçou o carro acima do limite, usando o 4x4 e toda sua experiência de pilotagem em campo para atravessar a tempestade.

Atolaram próximos à pista de decolagem. A aeronave ainda estava em solo, visível. Um semblante de esperança.

— Vamos ter que ir à pé — comandou REX.

A neve bloqueava a abertura das portas. Teriam que sair pelo vidro frontal.

O militar deitou no banco e, num chute confiante, liberou a rota de escape, enfim, se arrastando para fora.

Foi aí que Ellian viu a extensão completa. O sangue não apenas o cobria. Parecia ter jorrado, impregnado o tecido do uniforme tático em manchas congeladas.

Foi encoberto por ódio ao ver Jaques se arrastando para fora do veículo.

— Decola essa merda! — ordenou Ellian.

— Claro que não! Olha o estado deles! — respondeu o piloto, procedendo a levantar.

Ellian fez uma tentativa de agressão no piloto. Nenhum dos dois sabia brigar, nem mesmo eram homens necessariamente em forma. Os socos, desastrados, voavam meio a arranhões e pernas erguidas, conforme Ellian se jogava no piloto.

Jaques e REX abriam o caminho pela nevasca gradualmente, até que as inúmeras sombras de Sentinelas ficaram visíveis no horizonte.

— Olha aquilo porra! Decola! — berrou Ellian, sangrando, para o piloto também ferido.

Jaques balançava o braço conforme se aproximava.

O piloto olhou para trás, olhou para Ellian. Iam ficar num impasse bilateral eternamente se fosse assim.

Com o coração pesado, empurrou o acelerador da aeronave. Não era pago o suficiente para isso.

A pista de pouso já estava sem gelo, graças ao sistema de aquecimento.

As turbinas ressoaram conforme ganhavam rotações por minuto, lançando vento gélido para trás.

Jaques largou REX e correu, ao ver a aeronave se afastar. Berrou e balançou os braços azulados ao ar. Até o veículo deixar o solo.

No meio da pista de decolagem, apenas encarou os pontos luminosos que rapidamente se afastavam. Os ombros caíram.

REX abria caminho pela neve, puxando a perna direita num arrastar doloroso.

— Mas que caceta! — puxou o braço de Jaques num embalo bruto.

— Para dentro da merda do hangar! Foco! Me ajuda.

Jaques envolveu o braço do companheiro no pescoço e foram juntos, cambaleantes, tremulos, para o hangar, vazio. A única opção, outra escotilha para o subterrâneo.

— Onde isso leva?! — perguntou REX.

— Não-Não tenho certeza. — Jaques vasculhava suas memórias da estrutura, mas não conseguia lembrar cada detalhe. A região era do tamanho de um país.

— Só vamos.

REX pegou uma barra de metal e prendeu na porta, por dentro.

Então desceram as escadas, meio a pulsos avermelhados, sem a menor ideia de onde iriam parar.

Jaques imaginou ouvir um miado melancólico, preso do lado de fora, seguido por um arranhar minúsculo na porta metálica.

30.6 ORWELL — ILHAS ANZHU

— **Or-or-or-or-or** — Pol continuava em loop, travado.

O outro sentinela — um borrão invisível caído meio aos pulsos vermelhos, crânio perfurado — jazia no chão.

Orwell mal aguentava o peso do rifle. Seus músculos tremiam tentando erguer a arma.

— Orwell... A arma está com a trava de segurança. Você não vai conseguir atirar — disse SOL durante um movimento lento, visível, de abaixar o revólver e repousar contra o chão.

Orwell olhou a arma massiva por cima dos braços. Tentou rodar e tatear em vão, para encontrar a trava. Sem sucesso.

— Está tudo bem. Não vou fazer nada. Vamos resolver isso com calma, amigo — disse SOL em tom suave. Sua especialidade era negociação de reféns.

— Pode abaixar. Nem temos como sair sem carro. — SOL apontou para o Sentinel.

— Ele é seu amigo, né? Pol?

Orwell balançou a cabeça freneticamente em afirmativa.

— Ele parece te reconhecer. Vamos cuidar dele, com calma, ok?

Assentiu agitado outra vez, mas não largava o rifle.

— Me ajuda a amarrar ele? Só por via das dúvidas? — SOL erguia as duas mãos enquanto falava no tom que se conversa com uma criança.

— Você amarra! — comandou Orwell, empunhando o rifle com mais ímpeto.

— Amarro. Não vou machucar ninguém. Vamos os quatro sair daqui bem, mas preciso da sua ajuda. Você sabe se tem alguma outra saída?

Orwell hesitou entre apontar a arma ou largar. Quando decidiu que não aguentaria mais, colocou a arma no chão, quando SOL amarrava Pol. Queria desabar.

Outro jeito de sair? Eu lá vou saber?

Lembrou de Cathy, lembrou do pen drive. A voz da louca ressoou em sua mente.

— Usar em emergências...

Orwell foi até um console e plugou o dispositivo. O computador raciocinou por alguns segundos antes de abrir uma pasta.

Orwell leu o nome dos primeiros arquivos.

doggystyle.mp4

missionary.mp4

As imagens de prévia eram pornografia.

— **Você tá de brincadeira, né, Cathy?!** — berrou, quase arremessando o computador.

Um sinal de carregamento apareceu na tela automaticamente após alguns segundos, antes de mostrar um avatar pixelado com o semblante da psicóloga.

Ahahaha — uma voz robótica ressoou pelo alto-falante — você caiu direitinho!

— Cathy, que merda é essa?

— Olá! Meu nome é CathIA, sua assistente virtual para emergências.

Lentamente o avatar listava opções. Mais devagar do que deveria, considerando que era para ser usada em situações excepcionais.

— Se você está em risco de vida, digite 1.

— Se está diante de cataclisma natural, digite 2.

— Invasão alienígena? Digite 3.

— Erro de controle neural? Digite 4.

— Para mais opções, digite 5.

— 5.

— Você escolheu: Mais opções. Bom saber que não é invasão alienígena. Eu voltaria para a pornografia, sem saber o que fazer.

— Aguarda um momento, **Orwell Mathew...**

Para o descontentamento de todos, o alto-falante começou a tocar uma versão em 8-BIT de Für Elise.

SOL colocou Pol amarrado no chão e encarou, incrédulo.

— Então...?

— Não sei porra. A Cathy me deu essa porcaria.

A música foi interrompida após um minuto.

— Obrigada por aguardar! Sua emergência é muito importante para nós. Aguarde só mais um instante. — E retomou a melodia.

— Assistência técnica CathIA, meu nome é Raaj. No que posso ajudar? — Perguntou uma voz indiana.

Orwell ia pegar o rifle e atirar no computador, quando o avatar de Cathy voltou à tela.

— Só estou tirando onda com vocês. Já acessei toda a infraestrutura local. Tenho acesso total ao sistema. Avaliação da situação é:

Critica — Instalação sob cerco da Fundação.

Diretrizes em ordem de prioridade: Proteger Palácio. Proteger Will. Proteger Orwell. --- Aceitável abandono de prioridades subsequentes se necessário para sucesso de objetivos primários.

— Metadados sugerem que não são meus Sentinelas. Recomendação: Sabotagem.

— Que tipo de sabotagem? — perguntou SOL, para o computador.

— ...Do tipo explosiva.

— Como?

— Você acha que já não estou trabalhando nisso? — Isso aqui não é mágica, querido. É só infraestrutura mal projetada. O sistema do colisor é robusto. Vai demorar algumas horas para aquecer.

— Rumo de ação recomendável: Fuga para órbita.

Muito útil.

— Foguete mais próximo está: 133km e 30m de distância. — Recomendação. Aguardar transporte. Redirecionamento de aeronave tática em andamento. Abandono de Sentinel corrompido recomendável.

— Não vamos deixar ele pra trás!

Os olhos do avatar transformaram-se em círculos de carregamento.

— Recalculado. Deixe de ser imbecil. Alternativa: Inserir indicador na cavidade orbicular do Sentinel e apertar botão de debug. Em seguida: Rezar.

SOL seguiu as instruções e apertou o botão. Pol parou de falar e estabilizou.

— Acessada interface neural. Sistema Holly não identificado. Canalhas. Substituição de software em andamento. Cognição instável. 22%. Alta chance de virar purê digital.

Continuar? Sentinela não instanciado no Inconsciente Coletivo Primário. Ausência de protocolo, enviando relatório para Cathy.

— Deseja ativar o Sentinela?

— Não entendi nada, Cathy. Traduz — respondeu Orwell.

— Resposta irrelevante detectada. Ativando. Porque, sinceramente, ninguém aqui tem tempo pra sua ignorância, Orwell.

O corpo de Pol retorceu em espasmos, conforme as conexões eram estabelecidas. Orbiculares giraram nos próprios eixos como antenas de rádio traçando estações. Após alguns instantes, pararam e pareceram tomar foco.

— Pol??

— Sem acesso ao Inconsciente. Holly 3.3.3 no controle, sobre diretrizes de CathIA.

Sistema instável.

Pol rompeu as amarras improvisadas que prendiam seus membros, sem dificuldade e levantou. Orwell deu um passo para trás, SOL rolou rumo seu revólver e ficou em prontidão.

O Sentinela levantou mecanicamente e foi até a sala onde Will estava hospitalizado, erguendo-o como um recém nascido. Em seguida, apenas travou no lugar, como estátua.

— Colisor ativado em sequências reversas. Favor aguardar na porta. A carona chegará em: Dez. Minutos.

— CathIA agradece seus serviços e deseja boa sorte. Eu já volto. Vou fazer upload para Vlad-2 para descobrir o que diabos está acontecendo.

As luzes de emergência se apagaram, retomando a normalidade, assim como o alarme, que foi substituído, tanto no subsolo, quanto na superfície, pela mesma versão em 8-BIT de Für Elise.

Orwell e SOL se encararam sem a menor ideia do que acabara de acontecer e andaram até a saída, seguidos mecanicamente pelo Sentinela de Pol com Will em mãos.

30.7 CATHY'S — VLAD-2

Cathy saiu da sala de reuniões virtuais em passos arrastados e olhar cabisbaixo como Mira jamais tinha visto. Segurava o rosto com as duas mãos, como se tentasse esconder algo.

— Cath...? — perguntou Mira.

Não recebeu resposta. A psicóloga só avançava lentamente rumo ao seu quarto. Mira seguiu, acompanhando a caminhada.

— O que houve?

— Sai! — comandou Cathy, empurrando a colega com as duas mãos.

Ao perceber que deixou a face exposta, virou o corpo na direção contrária, curvada. Se escondendo.

— Sai daqui, Mira! Não olha pra mim! — berrou.

— Cathy, não tem nada de errado com você... — Mas a psicóloga já tinha desatado a correr rumo aos aposentos.

Tentou chamá-la pela porta do quarto, agora trancada, sem resposta. Eventualmente desistiu de chamar, relutante.

— Eu estou aqui fora... se precisar de alguma coisa. — E sentou ao lado da porta, certa de que algo estava errado.

Horas depois ouviu uma conversa dentro do quarto. Cathy conversava... consigo mesma?

— Catherine?? — CathIA ressoou pelo alto-falante interno do quarto. Cathy continuava encolhida debaixo das cobertas do cômodo caótico.

— CathIA? Que merda é isso? — perguntou num sobressalto, removendo as cobertas.

— Eu que te pergunto, criatura. Por que caralhos você está aí choramingando? Por que meus sentinelas estão nas ilhas Anzhu sem a Holly v3?

— Sentinelas na Anzhu? Já? — O tempo de resposta surpreendeu. Talvez estivesse deitada há mais tempo do que gostaria.

— Seu firmware está desatualizado. Procure aí os logs das últimas reuniões. — A IA ficou em silêncio, processando os dados e logs recentes.

— E você tá chorando porque uma múmia decrépita te bateu... Numa simulação?? Me poupe, caceta. Levanta daí.

— Não foi você que apanhou, então cala a boca! — Cathy apontava para o teto enquanto discutia com sua duplicata.

— Cathy? Tá tudo bem...? — perguntou Mira, através da porta. A voz duplicada de Cathy berrou de volta, em uníssono:

— Mira, calada! Estou pensando!

Cathy foi contextualizada da situação, engoliu as lágrimas. Não era hora de ter emoções.

Colocou o jaleco e acendeu seu cigarro, em olhar feroz. A porta abriu num rombo agressivo conforme a psicóloga disparava para fora em passos raivosos.

Pelos monitores nos corredores, um avatar pixelado caminhava junto, em 2D.

— Quer me explicar?? — demandou Mira.

— Vou tirar a demência de uma múmia na marra — responderam as Cathys, simultaneamente.

30.8 JAQUES — ILHAS ANZHU

O cintilar avermelhado dos alarmes foi substituído pela iluminação padrão, revelando o corredor em sua clareza fria e metálica. Jaques e REX avançavam lentamente, braços entrelaçados, um apoiado ao outro como naufragos em meio a um oceano de dor. Separar-se agora seria equivalente a desistir. Cada passo, por mais trêmulo que fosse, era uma vitória silenciosa contra a morte iminente.

Jaques sentia as extremidades entorpecidas, azuladas pelo frio cortante que atravessava a pele. REX, com as costas dilaceradas, o tendão rompido e o coração martelando fora de ritmo, respirava com esforço visível. Ainda assim, compartilhavam o mesmo objetivo: seguir adiante, independentemente do que os aguardasse.

Um som abrupto interrompeu os alarmes, substituído inesperadamente pela versão distorcida em 8-BIT de Für Elise.

— O que...? — Jaques sussurrou, perplexo.

— Não importa — respondeu REX, ofegante. — Só continua andando. Sempre em frente.

O corredor se estendia diante deles, vazio e silencioso, pontuado apenas pelos ecos distantes da música digitalizada. Após alguns minutos de avanço, Jaques parou, reconhecendo o layout do ambiente. Uma ironia amarga o fez praguejar internamente; é

claro que haveria um transporte central próximo à pista de pouso. Como não percebera isso antes?

Com cuidado, ajudou REX a sentar em uma poltrona próxima. O militar desabou pesadamente, enquanto Jaques se movia até a parede para analisar o mapa do local. O ambiente lembrava muito uma estação de metrô, com painéis brilhantes e trilhos escuros que se perdiam nas sombras.

Digitou suas credenciais rapidamente no painel, os dedos tremendo levemente, e chamou o transporte. As opções brilhavam diante dele: docas, foguetes, aviões ou estação central. Uma pausa curta e angustiante o fez hesitar.

— REX... — Jaques chamou, surpreso com a própria ousadia. — Fugir ou lutar?

O militar ergueu lentamente a cabeça, gotas de suor escorrendo de sua testa para o chão frio. Seus lábios formaram um sorriso frágil, porém resoluto.

— Mas é claro que lutar.

Jaques assentiu decidido e selecionou a estação central. Sua mão tremeu com o impacto surdo que ecoava das escotilhas atrás deles. Eram golpes violentos, metal contra metal, cada pancada aumentando a urgência de sua fuga. Respirando fundo, ele ergueu REX, que já empunhava o revólver com determinação renovada. Juntos, caminharam lentamente até o ponto de embarque.

Dois ruídos distintos romperam a calma tensa ao mesmo tempo. A escotilha, atrás deles, foi brutalmente arrancada com um gemido metálico, enquanto à frente o apito agudo indicava a chegada iminente do transporte.

No fim do corredor, duas silhuetas emergiram das sombras. Um Sentinel avançava em passos lentos e pesados, firme e ameaçador. Atrás dele, uma criatura menor se agitava em movimentos rápidos e caóticos, como um animal selvagem enjaulado à espera da liberdade para atacar.

REX ergueu a arma e disparou cinco rajadas consecutivas, tentando manter as mãos firmes. Os disparos ecoaram pelo corredor estreito, reverberando até atingir o Sentinel maior, que desabou com um tiro certeiro no crânio. Mas isso não bastou; o menor, libertado do controle, investiu com velocidade sobrenatural, ziguezagueando para tornar-se um alvo difícil.

A luz do trem crescia lentamente, como uma promessa distante, um santuário inalcançável. Mais quatro tiros falharam em deter o avanço feroz da criatura. No quinto,

uma explosão de sangue e carne arrancou a mandíbula do Sentinel, deixando-a pendente por finos ligamentos.

— Merda! — REX praguejou entre dentes cerrados, agora sem munição.

A criatura acelerou ainda mais, impulsionada pela fúria, olhos fixos no militar. REX empurrou Jaques para o lado e tomou três passos adiante, o corpo inteiro tenso, calculando friamente o momento exato para agir.

O Sentinel saltou em sua direção, garras estendidas. O mundo pareceu desacelerar, os boosters cognitivos de REX acionados num instante crítico, seu coração dando um tranco doloroso como um motor falhando.

Em um movimento fluido e preciso, ele deu um passo lateral no último instante possível, agarrou o braço da criatura no ar e, aproveitando seu próprio impulso, lançou-a diretamente contra o trem que chegava, resultando numa explosão visceral de sangue e destroços.

Jaques piscou confuso, tentando assimilar os eventos que passaram diante de seus olhos em um borrão de violência e adrenalina. Sem tempo para refletir, entraram no transporte e desabaram exaustos contra os assentos. O trem fechou as portas automaticamente, partindo em seguida com um solavanco tranquilizador.

Nos visores, CathIA apareceu com seu tom irritantemente alegre.

— Queridos passageiros, bem-vindos à Cathy Express! Hoje não teremos sacrifícios desnecessários. Serão levados diretamente ao ponto de lançamento para reencontrar o restante da equipe.

REX gemeu, exasperado. O rosto claramente exibia um "ela de novo não".

— Cathy, e a estação? — perguntou Jaques, inquieto.

— Jackie, querido, a estação já era... provavelmente. — CathIA fez uma pausa teatral.

— Mas *alguém* decidiu voltar e tentar estabilizar tudo.

Jaques e REX trocaram um olhar rápido, o mesmo pensamento percorrendo suas mentes, trazendo um lampejo de esperança.

Ele não havia desistido deles.

30.9 CATHY — VLAD-2

Momentos antes.

Tariq entrou na chamada da Diretoria retraído em tensão. Não sabia se seria pior encontrar Cathy, ou Irina.

Não considerou, porém, a pior alternativa possível. Duas Cathys, bombardeando-lhe em insultos, ameaças e questionamentos.

Quando finalmente a torrente acalmou, respondeu o que era a operação nas ilhas Anzhu.

— Resgate e captura... — Irin... Dra. Sraknova pediu controle do colisor, sem sacrificar a equipe que trabalha lá. São pares de Sentinelas. Os de combate são programados para engajar somente se os de controle forem atacados.

Encarou incrédulo conforme as Cathys discutiam entre si.

— Nisso que dá agir sem pensar! Imprestável! — Disse Cathy.

— Fui programada pra tomar as decisões que VOCÊ tomaria em situações parecidas!

— Respondeu CathIA — Eu segui suas diretrizes!

— E não passou pelos seus circuitos fazer upload para me perguntar, **antes** de ligar o colisor ao contrário?!

— Passaria pelos seus?? — retrucou a IA — Se não fosse por mim, teriam todos cozinhado vivos no exame!

Cathy esfregou a têmpora. *Então é assim que Will se sentia.*

— Eu vou te transformar numa torradeira!

Tariq interveio antes que avançassem no pescoço uma da outra.

— Você consegue voltar e interromper a sequência?

— 15% de chance de sucesso, dependendo da taxa de carga do colisor e velocidade do meu upload de volta. Maiores chances com alguém no comando central. Will, Pol, Orwell e SOL estão a caminho de foguete orbital — respondeu a IA.

— Onde está a Dra. Sraknova? — Questionou Tariq.

Cathy abanou a mão.

— A Mumm-Rá só aparece quando quer. Enquanto o objetivo principal não é afetado, ela fica quieta.

— Ellian, Jaques, REX? — perguntou Cathy, para a IA.

— Ellian fugiu e deixou os outros dois pra trás. Estão indo pro centro do colisor.

Imbecis.

— Então você volte pra lá e faça o Ellian dar meia volta. Preciso do Jaques **vivo**, dentro daquele foguete. Pode ir, robô.

30.10 LANÇAMENTO

O veículo voador que CathIA direcionou para o grupo de Orwell os buscou e levou para a base da torre de controle.

— Vão rapidinho que esse lugar tem 85% de chance de explodir. Jackie e REX estão chegando já já!

SOL e Orwell se entreolharam animados ao saber que os colegas estavam bem.

Foram surpreendidos ao entrar na estação, e se deparar com dois pares de Sentinelas e toda a equipe do local sob controle.

SOL ia erguer o rifle mas foi advertido pela IA em não engajar em combate.

— **O ALVO ESTÁ AQUI. PREPARAR IGNIÇÃO DE LANÇAMENTO** — disse Pol para os demais Sentinelas. — **ESVAZIAR O PERÍMETRO. EU ASSUMO AQUI. ORDENS DA DIRETORIA.**

Os sentinelas giraram orbiculares satisfeitos e saíram. Presumidamente as diretrizes estavam completas. Assumir controle e capturar.

Sem o comando constante, o Staff retomou a normalidade, em nítida confusão sobre o que estava acontecendo.

Orwell explicou brevemente a parte sobre preparar a nave para lançamento, mas não queriam ceder.

SOL respirou fundo, puxou o rifle e apontou.

— Preparar. Lançamento — disse entredentes.

Minutos depois, Jaques e REX chegaram de escadas no subsolo, segurando um ao outro.

— C-chefe? — perguntou um dos funcionários em palavras sibilantes, ao ver Jaques.

— Vão na frente! — Ordenou SOL. — Eu tenho que servir de pastoral para esses aqui por enquanto.

— Não precisa disso tudo... — Disse Jaques calmamente. --- Esqueceu que a empresa é minha?

— Senhores, peço perdão pelo meu associado. Ele está cansado. Podem seguir o lançamento normalmente, por gentileza?

— Sim senhor! O elevador é feito para dois por vez. Recomendo o homem desacordado e seu... — tremeu ao ver os olhos negros de Pol.

— Está tudo bem. Ele não é que nem os outros — disse Jaques em tom acolhedor.

Pol entrou no elevador em anexo, que levava até a cabine de comando, vestiu Will com os trajes espaciais, e desceu de volta.

— O Pol vai junto! — berrou Orwell.

— Sim. Ele vai. Mas é melhor ter um Sentinel por aqui, caso apareçam mais.

— Senhor. Está tudo programado. Agora é só acionar a sequência no cockpit.

Jaques dispensou a equipe, mandou saírem da ilha o quanto antes, e subiu com REX em seguida.

Orwell com Pol.

Por fim SOL, sozinho. A equipe já tinha evacuado o local. Uma sombra ao lado de fora, provavelmente outro funcionário

Orwell e Jaques estavam na frente conversando, Will no meio. Pol e REX atrás.

Ao entrar na cabine de comando, SOL não estava vestido com equipamento espacial. Somente tinha o olhar vazio. Murmurou palavras sem nexo e teve um tique nos olhos. Ergueu o rifle contra Orwell.

REX, que mal aguentava levantar o revólver, foi o único a ver a cena. Não queria. Não podia. O subordinado esteve ao seu lado em todos os momentos. Era o mais próximo que tinha de um filho, ou família.

Uma explosão estrondou a cabine, ensurdecendo todos no local. Em seguida, um baque pesado contra o piso metálico.

Orwell olhou para trás em espanto. REX estava com o revólver empunhado, fumaça saía da arma. Na frente, o corpo de SOL.

REX sabia. Era o olhar de quem é controlado por Sentinelas. Disparou mesmo com todo seu âmago implorando para não o fazer.

REX encarou o corpo de SOL, as mãos tremendo pela primeira vez. Seus olhos lacrimejavam em silêncio, a arma quase escorregando dos dedos.

— Todos afivelados! Rápido! — Ordenou REX, conforme acionava o monitor em sua frente e inseria os comandos de ignição.

A cabeça latejava, as lacerações nas costas enviavam ondas de dor pelo corpo. Com mãos trêmulas e pálidas, fez a sequência de decolagem. Sistemas de pressurização, telemetria, válvulas, OK. O veículo vibrou em um solavanco conforme os sistemas de segurança eram destravados e o oxigênio líquido fluía gradualmente através da carroceria. Jaques e Orwell trocaram olhares tensos. Sequer tiveram tempo de processar o ocorrido.

Orwell se perguntou se não seria perigoso ter o corpo de SOL solto dentro da cabine, mas não verbalizou as dúvidas. REX parecia tenso o suficiente.

A porta da cabine fechou, tapando os tímpanos conforme ocorria o processo de pressurização.

Chiados ressoaram pela estrutura, conforme ativaram-se os sistemas de resfriamento.

— Merda! — REX deu um soco na lataria. — Estão enviando comandos para cancelamento do processo de decolagem.

— Vamos ter que pular o resfriamento completo. Temos que lançar agora! Rezem para não explodir. Iniciando sequência de ignição.

A voz automática veio como um soco conforme luzes de aviso acendiam na cabine.

<Erro. Erro. Protocolo de Decolagem Negado>

REX bateu no painel com ambos os punhos. — Tenho... que descer... — disse ofegante, conforme a porta abria com o ruído da pressão igualando ao lado de fora.

O Sentinel de Pol liberou as amarras de segurança e levantou.

— **Eu vou resolver.**

Orwell empalideceu e arregalou os olhos.

— POL! POL! VOCÊ NÃO VAI. Eu só estou nessa merda por você Pol! Você não vai pisar fora daqui! — Orwell tinha tirado o cinto de segurança e agarrado como carrapicho no braço do amigo.

— **Orwell, Pol já está morto há muito...** <falha de controle neural> — O rosto soltou espasmos, a cabeça dava tiques para o lado. Todos tencionaram. O Sentinel estendeu os braços na direção do repórter.

Duas mãos gigantescas seguraram as laterais da cabeça de Orwell, com ternura áspera. Os olhos negros, pela primeira vez, pareciam ter vida própria, brilhando numa profundidade inumana. A voz oscilava entre o som tradicional do Sentinel e a voz natural de Pol em meio a espasmos.

Por um momento, Orwell achou ter visto o tom verde de Pol, dentro das pérolas negras que preenchiam os olhos.

— Or. Eu fiquei. **MuTo Feliz.** Sabe? De ver **VO-VO-VOCÊ** e **WILL** no-**NO-novamente**.

Orwell soluçava, agarrando-se às mãos do amigo como se pudesse segurá-lo ali para sempre.

— Eu... que ia te salvar... Pol! Eu... Não vai...

— **V-v-vou fi-fi-ficar** bem. Te encontro depois. De-de-de um jeito ou de outro.

— Or. AmigO meu. Or.<falha de controle neural>

Incapaz de falar, Pol girou as órbitas lentamente, projetando memórias:

Um jantar improvisado após o fracasso num experimento. Gargalhadas bêbadas sobre teorias absurdas de existência. Pol chorando baixinho no escuro, enquanto Orwell fingia dormir para não constrangê-lo.

Orwell fechou os olhos com força, sentindo cada lembrança como um golpe físico. No fim, uma mensagem subliminar. Um recado tensionado no subconsciente do repórter, que só seria descoberto tempos depois.

Encostaram testas por quase um minuto. Orwell agarrava a cabeça de Pol como uma preciosidade frágil. Não queria soltar. Nunca. Só mais um segundo. Só mais um instante para guardar o cheiro do perfume.

O Sentinel se afastou lentamente, sorrindo torto entre espasmos finais, enquanto Orwell abria e fechava os punhos, inútilmente, sem poder fazer mais nada além de assistir.

E Pol saiu.

PARTE 31 — LUTO

31.1 SAN-LEHAN — PALÁCIO — HORAS DEPOIS

Fazia tempo que San não ia ao museu. Esteve tão concentrado no seu projeto atual que sequer notou o silêncio do palácio.

Mas quando até Cathy parou de aparecer para arremessar tesseratos de um lado ao outro em frenesi desenfreado, a paz do lugar começou a incomodar.

Deu uma última olhada na estrutura que estava reconstruindo. A melhor analogia seria uma espécie de motor para a estrutura — algo que usa energia física para gerar energia mecânica.

Construiu isso ao perceber que certas partes do Palácio pareciam exercer uma força de sucção, mas não tinham o que efetivamente sugar. Esses tubos, levavam para uma outra seção que parecia fragmentada. Orbes de múltiplas intersecções congeladas ao redor de um orbe central, como se fossem um mini sistema solar multidimensional.

Organizou essas peças — ao longo de um período temporal subjetivo tão estupidamente extenso, que seria incalculável — na formação que melhor fazia sentido como um sistema fechado.

Agora bastava achar o que seria usado como combustível. Por sorte, durante a colisão, o Palácio tinha transformado os planetas anões em esferas de energia condensada que emergiram na quarta dimensão. — Talvez a própria estrutura tivesse feito isso propositalmente para ter alguma forma de auto reparo, ou sustentação, após o dano que sofreria.

San conectou os tubos de sucção nas orbes e observou fascinado conforme a tapeçaria iluminava toda sua formação, numa vitalidade restaurada. Parecia pulsar, como se recebido uma transfusão de sangue e, revigorada, gradualmente recuperava seu vigor.

— Espero não ressuscitar alguma espécie de Cthulu... — pensou San.

O Palácio sugou toda a matéria condensada — seria antimateria? Matéria escura? Matéria estranha? San não sabia dizer — deixada pelos resquícios de Sedna, e interrompeu a moção de sucção, satisfeita, abastecida.

Agora era questão de descobrir a ignição dessa coisa...

Depois de ir descobrir onde estavam seus companheiros. Já sentia falta de contato humano, Mira, Orwell --- embora tenha levado uma eternidade subjetiva para perder a concentração.

— Alguém? ... Orwell? Mira? — chamou, em vão.

— Remi?

O gato se materializou a partir do ar. Sempre vinha quando chamado.

— Ei rapaz. Tudo bem? — recebeu com afagos o companheiro em seu colo.

Miau!

— Você sabe onde está todo mundo? Mira?

O gato inclinou a cabeça, desentendido.

San foi até a poltrona de Mira e indicou o núcleo dela — que apenas enxergava como um borrão desfocado, flutuante.

— Mi-ra — disse, levando o gato até o núcleo.

Como se compreendesse a mensagem, Remi soltou um miado quase performático — meio resposta, meio deboche — e desmaterializou.

Retornou com Mira algum tempo depois. Parecia consternada, expressão de concentração, postura rígida.

— O que foi Remi? É aqui que você quer me mostrar algo? — perguntou ao gato.

Miau

— Remi estava me rondando, derrubando coisas da mesa. Achei que queria atenção, mas aí pulou na minha cabeça e começou a me bater — disse Mira, olhando para San.

— Mira! Que saudade! — San direcionou um abraço, ao qual ela retraiu. Ainda não tinha passado muito tempo subjetivo para processar os sentimentos de estranhamento da última intimidade multidimensional que tiveram.

San parou. As mãos semi erguidas, suspensas no ar, no limiar entre o toque e o constrangimento absoluto.

Ela percebeu. E se arrependeu instantaneamente do reflexo.

— Não é isso, Samy! — A voz dela quase quebrou. Foi até ele e, com um gesto meio forçado, meio desesperado, puxou-o para um abraço que parecia mais um protocolo mal executado do que afeto genuíno. — Eu... eu só...

Ele não respondeu. Nem sabia como. O cérebro ainda estava processando a colisão entre a expectativa do toque e a dureza da rejeição inicial.

— Você passou... muito tempo aqui, né? — perguntou, apertando-o mais, e mais, como se quisesse compensar cada segundo que não esteve.

San assentiu, sem saber se era uma resposta ou uma tentativa de evitar o colapso de si mesmo.

— Algumas eternidades... — riu, mas o som não parecia riso. — O lugar tá... estranho. Vazio. Tá tudo bem lá fora?

Mira não respondeu de imediato.

Ela puxou-o pela mão — não soltou — e materializou um sofá, jogando-se nele, cruzando as pernas e, com um puxão no braço dele, praticamente obrigando San a se sentar ao lado.

Mira virou o corpo, ajoelhou sobre o sofá, ficando de frente, apoiando uma perna dobrada do lado dele, a outra cruzando atrás. Com a mão, começou a brincar com o cabelo de San. Pegou uma mecha, passou atrás da orelha dele, os dedos roçando a pele.

San estava paralisado, sem saber como reagir. E Mira, não fazia a menor ideia de que não é assim que se dá uma notícia ruim.

— Samy... — sussurrou. A voz dela tinha a densidade de um colapso gravitacional.

San virou. Os lábios estavam muito próximos, o hálito de Mira, frio, doce. Conseguia sentir o perfume. Queria tocar em sua pele.

Os lábios. Estavam. Ali.

Mas então ela desviou. Como se nunca tivesse sido sobre isso. Como se a mente dela tivesse dado um alt+tab emocional sem nem avisar.

O braço passou por trás do pescoço dele, puxando-o como se fosse para um beijo — mas não. Ela só apontou com o dedo, pela lateral do ombro dele, na direção do núcleo flutuante.

— Você não enxerga... mas sabe aquele núcleo?

— Sei... é um dos desconhecidos... — respondeu cautelosamente. Agora ficou confuso sobre os sinais que Mira passava.

— Você não vai gostar disso... Aquele núcleo, é Pol. E ele está dissolvendo.

San levantou não só assustado. Ele levantou desabando, tropeçando em si mesmo, como se o chão do Palácio, que nem deveria existir, se recusasse a sustentá-lo.

— O que??!

— Pol... foi transformado num Sentinel. Ele... bom... já não é a si mesmo. E o Sentinel, está numa situação complicada.

San foi até o núcleo, tentou segurar, mas quanto mais perto chegava, mais distante parecia. Sua percepção era macro demais para encostar.

— Não consigo nem tocar nele...

San deu as costas para Mira e tocou no próprio núcleo, de volta para forma de novelo multidimensional. Assim não precisava ser San-Lehan. Só uma entidade etérea.

— Samy! Espera! — Mas era tarde demais. Mira não conseguia sair do museu, e San, foi embora, para os cantos mais isolados que conseguisse encontrar no palácio.

Mira deixou os ombros caírem e olhou para Remi, que fechou um dos olhos, revelando somente um brilho roxo, no outro olho.

E soltou um miado curto.

31.2 FAY AGBY — ESTAÇÃO UMBRIEL

Uma vez na vida, Fay estava satisfeita em residir nos confins do sistema solar. Não precisaria lidar com o show de horrores que acontecia na Terra e em órbita, embora ainda tivesse seus compromissos para atender.

Anunciou no rádio.

— Ok, ok equipe! Temos rotas orbitais calculadas, combustível de sobra! O reboque está a postos?

— Reboque pronto, ajustando trajetória de interceptação. Braço de ancoragem funcional e preparado! — Veio a resposta imediata.

— Recepção e equipe médica! Estejam prontos também. Quero essa base cintilante para nossas visitas, hein! — Fay estava estática de ver alguma face nova, qualquer que fosse. Já não aguentava mais a própria equipe.

[Faced]

O interior da cápsula era um misto de silêncio opressor e o zumbido baixo da vida artificial que ainda lutava para mantê-los. Faced, exausto, monitorava os níveis de oxigênio com o canto do olho, sua principal preocupação dividida entre a respiração

superficial de San, acomodado na outra couchette, e o leve tremor de Remi, encolhido em seu colo. Lá fora, pela pequena escotilha resistente a impactos, Urano dominava.

Não era o azul vibrante de Netuno, nem os anéis majestosos de Saturno. Urano era um disco etéreo, de um azul-esverdeado pálido, quase leitoso, como um olho fantasma no negrume infinito. Seus anéis, finos e escuros, eram quase invisíveis a olho nu, uma sugestão fantasmagórica apenas para quem sabia onde procurar. As luas mais próximas eram alfinetadas de luz fria contra o gigante, enquanto Umbriel, o destino teórico de seu SOS desesperado, ainda era uma promessa distante.

A cápsula derivava em uma leve rotação descontrolada após a ejeção caótica de Éris. O "flyby"¹⁰² por Urano era mais um acaso gravitacional do que um plano, a trajetória final de um objeto arremessado ao vazio.

Foi um bipe agudo no console que o tirou de seu torpor. Um sinal de proximidade. Não um impacto, não um sistema falhando – algo externo. Seu coração, já maltratado pela adrenalina e pelo medo, deu um salto doloroso.

Pela escotilha, um novo ponto de luz surgiu, movendo-se com propósito contra o fundo estrelado e o brilho difuso de Urano. Não era uma lua. Era artificial.

Um rebocador de resgate ou uma nave patrulha de médio porte – algo funcional, robusto, com múltiplos propulsores de manobra e sensores externos visíveis – teria sido despachado. Para Faced, isso se manifestaria primeiro como aquele ponto de luz crescendo, depois resolvendo-se em uma forma angular, metálica, com janelas acesas e o brilho azulado de seus próprios motores de íons.

Os jatos dos propulsores de manobra da nave disparando pequenas nuvens de gás congelado, ajustando sua velocidade e rotação para se igualar à da cápsula. Uma dança lenta e precisa. O casco da nave de resgate, iluminado por seus próprios holofotes, revelava painéis de acesso, antenas, talvez até armamento defensivo discreto. Urano, ao fundo, pareceria girar lentamente enquanto as duas naves se alinhavam.

A nave de resgate estendeu braços mecânicos articulados, equipados com garras magnéticas de contato suave. Faced sentiu leves solavancos e ruídos metálicos enquanto esses braços envolviam a cápsula, estabilizando-a. A visão pela escotilha, preenchida pelo casco da nave maior, escondia toda a visibilidade. O único movimento perceptível era

¹⁰² **Flyby** = manobra de sobrevoo utilizada em navegação espacial, quando uma nave ou sonda aproveita a gravidade de um corpo celeste para alterar sua trajetória ou velocidade, economizando combustível.

através dos monitores e suaves solavancos de reajustes orbitais para retornar à órbita de Umbriel.

Faced quase não conseguia acreditar que alguém viera por eles. Passou tantas noites em claro imaginando-se definhado no frio, sem ar, enquanto vagava pelo infinito vazio.

O pod de escape foi estacionado num pequeno hangar, dentro da estação Umbriel, que por si só, já não era muito grande. O local, inclusive, tinha uma atmosfera ligeiramente desconfortável, como se algo estivesse fora do lugar, mas impossível de identificar exatamente o que era.

Talvez fosse efeito do próprio planeta, quase completamente negro. Olhar para baixo dava a impressão de estar em pé num vazio tão escuro quanto do próprio cosmos, exceto pelo local da estação em si, onde escavavam o único ponto luminoso da pequena lua.

Faced saiu do pod atordoado. A gravidade do corpo celeste era mínima. Muito menor até mesmo do que da própria lua terrestre, mas ainda assim, ancorava-o ao corpo celeste. Sensação que o Tenente já não sentia há quase uma década.

— Seja muito bem-vindo à estação Umbriel! — A empolgação de Fay era tamanha, que preparou uma recepção calorosa e animada, com direito a balões e bolo. Faced, por sua vez, não tinha capacidades físicas, nem mentais para isso. Foram quase vinte dias vagando no vácuo, apenas com a companhia de dois vegetativos à beira da morte, sobrevivendo com o mínimo possível de suprimentos.

Fay claramente não tinha o melhor senso social, embora suas intenções parecessem das melhores possíveis.

A geóloga foi até Faced, com enorme sorriso, o cabelo flutuava suavemente na microgravidade, dando a impressão de ser uma brasa em constante movimento, mudando de cor. Quase hipnotizante. Os outros dois membros da estação pareciam igualmente animados --- Talvez até demais.

— Venha, venha! — Fay tinha a mão nas costas de Faced, direcionando-o para a recepção.

— Espera. É melhor ajeitar o San e Remi primeiro. Eles precisam ser estabilizados — Disse Faced, cautelosamente.

— Não se preocupa! Jean da equipe médica vai cuidar deles! Vamos, me conta, quero ouvir tudo. Tudo. Sobre você — Fay afagava as costas do Tenente com a ternura de quem admira um filé bem cortado.

— Agradeço a recepção. De verdade, doutora Agby...

— Por favor! Pode me chamar de Fay — disse, conforme segurava a mão de Faced.

— Mas eu realmente prefiro acompanhar meus companheiros até a ala médica — terminou Faced, interrompendo o caminhar e voltando-se de volta a dupla desacordada.

Não fez todo esse trajeto sem motivo. San e Remi não iriam sair do seu campo de visão em momento nenhum.

Fay hesitou por um instante. Um tremor na sobrancelha antes de retomar o ritmo, sorrindo.

— Mas é claro querido. Você deve estar cansado. — Sua postura agora era ligeiramente mais rígida do que antes. Já não fazia contato físico com o Tenente. — Vou mostrar seus aposentos. Amanhã podemos conversar melhor.

Na ala médica, Jean fazia scans nos corpos desacordados de San e Remi. A expressão podia indicar tanto más notícias, ou algum profissionalismo de grande foco.

— Alguma ideia, doutor? — perguntou Faced, repousando a mão sobre a pelugem de Remi.

Jean ajustou os óculos e balançou a cabeça.

— Como isso aconteceu? Nunca vi condição parecida.

— Não tenho certeza. Acho que foi relacionado à anomalia de Éris. Uma hora estavam bem, de repente sangravam por todos os lugares — mentiu Faced, sem hesitar.

O médico não pareceu convencido, mas deixou a pergunta de lado, conforme observava os orifícios no corpo de San em fascinação. Apalpava a pele cicatrizada no diâmetro dos furos, sem saber se olhava para San, Faced, ou para os monitores.

— Você sabe o que são essas... feridas? — perguntou Jean, tentando transparecer normalidade.

Faced deu de ombros.

— San sempre disse que eram algum defeito genético. Nada além.

— Vamos deixar eles estabilizados e observar por algum tempo. O gato vai ficar bem. A gravidade da lua é irrisória para o sistema dele — disse conforme observava as pupilas de Remi. Por um momento Faced imaginou ver o brilho esverdeado etéreo que presenciou antes, mas o médico não pareceu notar. Apenas fez anotações no prontuário, enrijeceu o corpo e olhou para a porta de entrada, como se fiscalizasse se tinha alguém por perto.

— Não reaja, não levante a voz. — Cochichou o médico, encarando Faced. — A estação Haumea não sofreu um acidente. Foi armação interna. Autodestruição.

Faced sentiu uma palpitação. Ia responder, mas o médico segurou seu braço.

— Não. Reaja.

— Faça tudo que a Fay pedir, que vai ficar bem.

— Não. Contrarie. Ela. — Agora apertava seu braço com tanta força que deixou marcas.

O Tenente assentiu cautelosamente, sentindo a tensão no ar.

— E não deixe ela ver esses orifícios... — disse, direcionando o olhar para os furos no corpo de San.

— Agora, você vai levantar sem pedir explicações, apertar minha mão e me agradecer. E você vai sorrir. Sorrir como se não tivesse entendido uma palavra do que eu disse. Como se estivesse adorando esse maldito bolo. — murmurou apressado, conforme puxava as roupas de San para cobrir o corpo, após ouvir passos ao lado de fora.

Fay entrou animada.

— Hora do bolo! — Disse, puxando Faced. Sorriso estampado no rosto. Um sorriso que durou dois segundos a mais do que deveria. Artificial. Forçado.

32.1 CathIA

SOL aguardava o elevador, quando um Sentinelas perdido deu de cara consigo. Para azar do destino, a unidade estava defeituosa e agia sobre diretrizes de eliminar tudo que visse pela frente. Por sorte — ou azar — não era um Sentinelas de combate.

Um olhar e já tinha SOL sobre seu comando, em instruções de eliminar todos à bordo.

Minutos depois, Pol desceu pelo mesmo elevador e confrontou o Sentinelas num embate breve. Sua vantagem muscular foi o suficiente para, rapidamente, eliminar o adversário.

Revogou os comandos de segurança que bloqueavam o lançamento e ativou remotamente, ficando para trás.

Não era Pol no controle nessa altura, mas sim Holly 3.3.3.

Eu? Bom, precisava seguir minhas diretrizes padrão. Detectei veículos aéreos nas redondezas e me transmiti para todos, até encontrar o canalha do Ellian.

— Cathy? Que porcaria é isso? — disse, quando me manifestei no monitor da aeronave através do avatar pixelado.

— Rapaz, você é podre mesmo. Sabe que quase matou todo mundo lá né?

Ellian desviou o olhar da tela. Apenas ficou em silêncio.

— Agora, sua base vai implodir e sabe-se lá o que vai acontecer.

— Maaaaas... você pode salvar muitas vidas se der meia volta e me ajudar a parar isso tudo no centro de comando.

Ellian pareceu surpreso com a afirmação. Até mesmo com um semblante de culpa.

— Não é minha base mais — respondeu friamente.

— Caguei, Ellian. Você vai deixar o trabalho da sua vida ir por ares?

Ellian levantou com olhar intenso.

— Quer saber, Cathy? Vou. Vou sim. Fui esfaqueado pelas costas e usurpado.

— Além de que tenho muito tempo pra dedicar em outros trabalhos de vida. A GOES é minha agora. Não preciso mais da Sky.... ou Jaques — a voz tremulou na última palavra.

— E mais! Some do meu avião! Louca de pedra. — E desligou o monitor.

O canalha só esqueceu que o avião não era dele, e que não teria a fortuna da Sky ou Jaques para bancar qualquer empreitada psicótica.

Inclusive o tiro no pé foi tão grande, que ele mesmo fez a GOES abrir mão de uma série de bens para a Sky.

Garoto incompetente. A política queimou neurônios do imbecil.

Bom... vamos às prioridades. A colisão não é com clanks, então não vai afetar o palácio.

Orwell, Will e Jaques estão okay. Acho que acabou meu trabalho por aqui.

— Deixo este colisor como encontrei: à beira do colapso. Adeus, lixo corporativo.

E CathIA fez seu upload de volta para Vlad-2. Não tentaria salvar a estrutura, afinal, sua principal diretriz era a proteção do palácio e, o colisor, perigoso demais para ser deixado intacto.

[Transferência completa: CathIA → Vlad-2]

[...LOG ENCERRADO...]

[...LOG ENCERRADO...]

[...][...][...]

[...LOG ERRO...]

[...LOG ERRO...]

32.2 [EM ÓRBITA]

A nave iniciou a ignição sozinha após o Sentinel de Pol lidar com a situação em solo. Jaques teve que segurar Orwell no assento para evitar que saísse de posição durante a decolagem. No fundo, o repórter ainda tinha algum semblante de esperança que o amigo retornasse a bordo. Menti para si mesmo até o último momento possível.

O rugido dos propulsores ascendeu como um trovão ancestral, vibrações que atravessavam a estrutura metálica e se enterravam nos ossos dos passageiros. As câmaras de combustão canalizaram torrentes de plasma superaquecido através dos bocais, transformando combustível em pura violência direcionada contra a gravidade terrestre.

Orwell sentiu o peso triplicar sobre seu peito — uma mão invisível e brutal comprimindo seus pulmões até reduzi-los a bolsas vazias. A aceleração pressionava sua coluna contra o assento com força suficiente para fragmentar vértebras. O horizonte

gelado das ilhas Anzhu desapareceu numa mancha branca conforme a atmosfera rarefeita dava lugar ao vácuo absoluto.

As estruturas de metal protestavam com gemidos metálicos, cada junta testada além dos limites de engenharia. REX mantinha o controle manual, dedos crispados sobre os comandos enquanto forças G ameaçavam arrancar sua consciência. O sangue migrava dos extremos para o core, deixando a visão periférica num túnel vermelho que pulsava em sincronia com o coração sobrecarregado.

Jaques observava os monitores — pressão dos tanques, temperatura das câmaras, trajetória orbital — números que dançavam entre o sucesso e a catástrofe. A Terra diminuía abaixo, uma esfera azul-acinzentada que se transformava em ponto luminoso perdido na imensidão cósmica.

REX controlou o foguete até direcioná-lo para a estação. Ainda teriam alguns dias de trajeto pela frente. Todos estavam exaustos, fisicamente e emocionalmente.

Quando a adrenalina finalmente saiu do sistema, o silêncio da cabine se tornou opressor. Orwell flutuava preso no assento, olhando para o vazio onde deveria estar Pol. Jaques checava obsessivamente os sistemas — qualquer coisa para não pensar em tudo que deixaram para trás.

REX recostou na cadeira de piloto, finalmente permitindo que o cansaço o alcançasse. Suas costas latejavam. O coração ainda batia irregular pelos implantes forçados além do limite. Mas tinham conseguido. Estavam vivos. Will estava vivo.

Fechou os olhos só por um momento.

Horas depois, o barulho dos sistemas de ventilação era o único som na cabine. Orwell acordou primeiro, desorientado pela microgravidade. Jaques flutuava adormecido, ainda preso ao assento.

— Nossa, ele tá apagado até agora — disse Orwell, olhando para REX. — Tadinho. Deve estar acabado.

Jaques acordou e seguiu o olhar de Orwell. Algo na postura de REX o fez franzir a testa.

— REX? — chamou baixinho.

Nenhuma resposta. O peito do militar não subia nem descia.

Jaques se soltou do assento e flutuou até ele, o estômago já apertando com pressentimento. Tocou o pulso de REX. Depois o pescoço. Nada.

— Orwell... — disse, sem se virar.

— REX?? — A voz de Orwell rachou.

REX estava de olhos fechados, expressão serena. Pela primeira vez desde que se conheceram, parecia em paz. A cabeça pendia levemente para o lado, boca entreaberta. As mãos descansavam no colo.

Nas mãos, uma fotografia antiga, desbotada. Três homens em uniformes militares. REX e SOL sentados, braços nos ombros um do outro, sorrisos genuínos. MDK atrás, mais jovem, de braços cruzados, mas com um meio sorriso.

Jaques pegou a foto com cuidado. No verso, em letra miúda de REX: "Melhores anos da minha vida. Família."

— Ele morreu sozinho — sussurrou Orwell, a voz quebrada. — Salvou todo mundo e... morreu sozinho.

Jaques olhou para o corpo. REX tinha morrido segurando a única coisa que restava de sua família. SOL estava morto. MDK estava preso. E ele... ele tinha se matado literalmente para salvá-los. O coração não aguentou a sobrecarga dos implantes, o corpo não aguentou os ferimentos sem tratamento.

— Três — disse Orwell, flutuando para trás até bater na parede. — Pol, SOL, REX. Três.

Orwell cobriu o rosto com as mãos. Não aguentava mais. Cada fuga terminava em morte. Cada tentativa de salvar alguém resultava em perda.

— Eu deveria ter morrido lá — murmurou. — Eu deveria ter ficado no lugar deles.

Jaques segurou o ombro dele.

— Ele escolheu, Orwell. Todos eles escolheram. REX sabia que não ia aguentar. Olha a foto. Ele morreu em paz.

Mas Orwell não conseguia ver paz. Só via mais uma vítima da sua sobrevivência em série.

O espaço ao redor era infinito, silencioso, indiferente. E eles estavam sozinhos.

FINALE — PALÁCIO

Orwell e Jaques voltaram juntos para o Palácio. Fugir do luto através do trabalho talvez fosse a melhor alternativa.

Mas nem assim conseguiam escapar.

Chegaram no museu e pararam na entrada. Mira estava ajoelhada no centro do salão, segurando algo nas mãos. Seus olhos estavam inchados, vermelhos. Não chorava mais — parecia ter esgotado as lágrimas.

Era um núcleo. Translúcido, pulsando em tons de azul fraco. Partículas se desprendiam dele, flutuando no ar antes de desaparecer completamente. Cada pulso era mais fraco que o anterior.

— É o Pol — disse Mira, sem levantar o olhar.

Orwell sentiu o chão do Palácio vacilar. Seus joelhos cederam. Jaques segurou seu braço, mas também estava tremendo.

Ajoelharam ao lado de Mira. O núcleo era menor do que esperavam — do tamanho de uma bola de tênis. Mas pesava. Não fisicamente. Pesava no ar, na respiração, no peito. Como se a gravidade local tivesse mudado.

— Quanto tempo ele tem? — perguntou Jaques.

— Não sei. Talvez uma hora. Talvez minutos.

Orwell estendeu a mão para tocar, mas parou a centímetros. Sentia calor emanando do núcleo. Não era temperatura — era intensidade. Uma pressão que fazia seus olhos lacrimejarem.

— Eu deveria ter... — começou.

— Não — Mira interrompeu. — Você fez tudo que podia.

Orwell olhou ao redor. Cada cadeira, cada mesa, cada canto do museu estava contaminado agora. Ia ver Pol em todo lugar. Ia escutar sua voz. Ia esperar que ele entrasse pela porta, reclamando de algum experimento maluco de San.

— Ele era um brincalhão — disse, a voz saindo estrangulada.

— Um cientista brilhante — Mira complementou.

— Compasso moral inabalável. O homem mais ético que já conheci — Jaques falou baixo.

Cathy emergiu no Palácio, hesitante. Esperava gritos, acusações. Mas os três apenas a olharam. Sem raiva. Sem culpa. Só exaustão.

— Um dos meus ratos favoritos — disse Cathy, se aproximando. — Só a Mira teria passado no exame, com o caos que estava na sala. Ele que colocou ordem na casa. Depois ainda ficou em último lugar e bateu uma das melhores notas. Perdeu por muito pouco para vocês dois.

Orwell respirou fundo. O ar do Palácio estava diferente. Mais denso. Mais frio.

— E um amigo. O meu amigo. O único que...

As palavras se perderam. Trinta anos de choro contido explodiram de uma vez. Não era choro — era um rugido mudo. Suas mãos batiam no chão, mas o som era abafado, distante. A dor era física. Queimava no peito, nas costas, na garganta.

— Eu não consegui salvar ele! Eu tentei! Tudo que fiz foi inútil!

Mira se moveu para perto dele. Seus fios multidimensionais emergiram das costas, invisíveis aos outros, e tocaram gentilmente o ombro de Orwell.

— Or... eu sei que você não gosta... mas a forma de novelo é melhor para expressar sentimentos assim.

— Deixa só ele terminar de ir embora primeiro.

O núcleo de Pol pulsou mais uma vez. Mais fraco. As partículas que se desprendiam agora eram quase imperceptíveis.

— Deveríamos fazer um memorial — sugeriu Jaques. — Alguma coisa permanente. Aqui no museu.

Mira assentiu. Seus fios se estenderam até a parede, manipulando os controles sem ela precisar se mover. A poltrona de Pol desapareceu. O pedestal onde ficava sua orbe também.

No lugar, um monólito negro emergiu do chão. Simples. Sólido. Definitivo.

Mira olhou para a entrada, esperando. San deveria estar aqui. Deveria estar chorando junto com eles. Mas não veio.

Talvez fosse melhor assim. Alguns lutos precisam ser processados sozinhos.

O núcleo de Pol deu um último pulso. Depois se desfez. Não explodiu, não desapareceu. Simplesmente parou de existir.

O silêncio que se seguiu era diferente de qualquer silêncio que já tinham experimentado no Palácio. Era um silêncio com peso. Com presença. Com ausência.

Orwell ficou olhando para o espaço vazio onde o núcleo estivera. Suas mãos ainda tremiam. Sentia como se parte dele também tivesse se dissolvido.

O Palácio já não era mais refúgio. Era só mais um lugar onde Pol não estava.

ANOTAÇÕES DE UM COMITÊ ETÉREO

[DATA INCONTÁVEL]

[LOCAL NÃO COMPREENSÍVEL]

Hoje, o Comitê verte lamentos de seiva carmesim.

Aquele cuja ausência jamais conheceu presença —
não virá. Nem agora. Nem nunca.

E, contudo, se algum ser mereceu habitar entre nós,
foi ele — mais do que qualquer outro.

O cosmo, em sua engenharia perversa e imutável,
segue arrancando da tessitura da existência
o que há de íntegro, de límpido, de essencial.
Soterra o justo. Devora o virtuoso.

Hoje, curva-se a humanidade —
não apenas perante a morte,
mas perante a própria falêncio do real.

Perde-se uma mente que cintilava além dos homens.
Perde-se um amigo de rara estirpe.
Perde-se um pai — não de sangue,
mas de princípios que jamais fenecem.
Perde-se, por fim, um rato. Um homem.
O que, neste universo, talvez seja a mesma coisa. Mas ele... ele fazia isso significar algo.

Um bastião de decência, cravado
no miolo podre de um universo que não o merecia.

— Isso ficou lindo, Mira. Parabéns.

— Gostei do nome... Comitê Etéreo...

Todos juntos seguraram o núcleo, conforme desfiava suas últimas fibras, como algodão doce, puxado fio por fio, em matéria fundamental.

FIM DA TERCEIRA DANÇA
FIM DO PRIMEIRO LIVRO

EPÍLOGO

Cervantes e Sarin encaravam um ao outro conforme Sedna era distorcida em uma esfera de matéria primordial sem campo gravitacional

— Qual é nossa rota? — Perguntou Sarin.

— Tangencial ao sistema solar. Estamos à deriva rumo ao nada — respondeu Cervantes.

— Maravilhoso. Simplesmente fantástico!

Cervantes apenas se encolheu no saco de dormir.

— Vai só ficar deprimido aí? — Perguntou Sarin.

— Fazer o que?

— Quer tirar no palito? Temos suicídio e congelamento até algum alien achar a gente em milhões de anos.

— Bom, podemos assistir um pouco mais essa Nebulosa que surgiu, antes de tomar qualquer decisão drástica... — Concluiu Cervantes.

Passaram as próximas semanas em resignação plena, jogando cartas e esperando as notícias chegarem extremamente atrasadas da Terra. A estação Haumea tinha explodido, Éris colidido com a lua.

Eventualmente receberam as transmissões de rádio da Terra, onde tudo aparentava irromper em caos.

— Virou uma distopia lá em baixo... Será que vão sentir falta do nosso arsenal? — Perguntou Sarin.

— Meh. Ninguém lembra que isso aqui existe.

A estação escondia toneladas de armamentos experimentais do século anterior. Tecnologias propositalmente apagadas da história, seguras o mais longe possível do planeta. Até onde sabiam, o equipamento da Estação Sedna jamais fora criado novamente. E o par, seus bastiões, rumo ao nada.

— Suicídio então?

— Ahh, vamos assistir o circo pegar fogo mais um pouco, Cervantes.

E vagaram no vácuo por meses, ou anos? Não sabiam mais. Depois de um período desconhecido, algo aconteceu.

— Cervantes?

— Diga...

— Nossa órbita está mudando?

Sarin sentou no painel de controle e rodou a instrumentação. De fato estavam à mercê de distorções gravitacionais. Mas não conseguiam identificar a origem.

Semanas depois, começaram a receber sinais de rádio.

Estação Orbital não identificada. Transmitir chaves de identificação quasi-linear¹⁰³. Caso contrário haverá retaliação militar. Esse espaço é restrito.

— Chaves quasi-quem? — Sarin exclamou surpresa

O par questionou se estavam alucinando após tanto tempo vagando no nada. Realmente enlouqueceram de vez. Nenhum dos dois se moveu por minutos em sequência. Depois o sinal repetiu.

— A gente deveria responder? — Perguntou cervantes.

— Nessa altura do campeonato... Não temos nada a perder.

Prezada civilização alienígena. Nós viemos em paz. Não temos identificação quasi-linear. A embarcação é uma nave de finalidade científica à deriva. Favor identificar a origem do sinal.

Imediatamente, diante dos seus olhos, um planeta apareceu, como se uma capa fosse erguida. Algum sistema de camuflagem em nível planetário? Hesitaram ao receber uma chamada de vídeo.

Ao atender, um homem surgiu na tela. Um ser humano! O sujeito parecia acabado em exaustão e feridas. O rosto parecia ter queimaduras químicas antigas.

No fundo, parecia estar no meio de destroços.

A postura do homem, mesmo que cansada, era séria, praticamente militar. Ele encarou Cervantes e Sarin por quase um minuto, em expressão impassível.

— *Bom, nada me surpreende mais* — murmurou para si.

— Os senhores são a antiga Estação Orbital Sedna? — perguntou o homem.

— Sim! Explica qualquer coisa, pelo amor dos céus — implorou Sarin.

O militar endireitou a postura e suspirou.

¹⁰³ **Chaves quasi-lineares** = termo técnico ficcional, sugerindo sistemas avançados de identificação e criptografia para comunicações interestelares; “quasi-linear” remete a protocolos matemáticos não convencionais, típicos de ficção científica dura.

- Vocês chegaram num momento horrível.
- Estação Sedna, boas-vindas ao Planeta X. Uma nave será enviada para rebocá-los.
- Sarin ergueu os braços em frustração.
- Isso não explicou absolutamente nada!
- O homem abaixou a cabeça, como se estivesse envergonhado.
- Explicações são a última coisa que vocês vão achar aqui.
- Meu nome é General Faced. Quatro Estrelas. Bem-vindos de volta, estação Sedna.